| | ShreemadBhagwadGeeta | |

# atharth

O Geeta na sua Verdadeira Perspectiva



**PORTUGUESE** 

### 5200 5200 5200

# **SOBRE O AUTOR**

O autor de Yatharth Geeta, sendo um santo de parca educação mundana, é, contudo, estruturado a nível interior, atingindo a graça do título de notável Guru. Tal tornou-se possível após uma longa prática de meditação. Apesar de considerar a escrita como um obstáculo no caminho para a Beatitude Suprema, são as suas directrizes, no entanto, que constituem a base desta obra. O Ser Supremo ter-lhe-ia revelado que todas as suas atitudes psicológicas inatas seriam dispensadas, à excepção de uma menor: a redacção de "Yatharth Geeta". Inicialmente procurando cortar também com esta atitude através da meditação, a directriz prevaleceu, tornando-se assim a obra "Yatharth Geeta" uma realidade. As imprecisões que foram surgindo ao longo da obra foram sendo rectificadas pelo próprio Ser Supremo. Neste sentido, apresentamos este livro com o desejo que o mote de Swamiji sobre "A Paz Interior" se torne em "paz para todos no final".

**O** Editor

# Ciência da Religião para a Humanidade

|| Shreemad Bhagwad Geeta ||

|| Yatharth Geeta ||

O Geeta na sua Verdadeira Perspectiva

Compilado e interpretado através das bênçãos de Parampoojya Shree Paramhansji Maharaj por Parahams Swami Adgadanand

> Shree Parahams Ashram Shaktishgad, Chunar Rajgad Road, Dist. Mirzapur, (UP), INDIA Tel.: 05443 (222440)

Shri Paramhans Swami Adgadanand Ji Ashram Trust 5, New Apollo Estate, Mogra Lane, Opp. Nagardas Road, Andheri (East), Mumbai – 400069 India



Quais os sentimentos e emoções ocultos de Shri Krishn quando pregou o Geeta? Os seus sentimentos ocultos não podem ser todos expressos em palavras. Alguns podem ser referidos, outros podem ser expressos através de linguagem corporal, e os restantes devem ser percepcionados, sendo somente compreensíveis por alguém que os busque através da experiência. Apenas depois de atingir o estado no qual se encontrava Shri Krishn, é que um preceptor notável entende a mensagem do Geeta. Ele não se limita a reiterar versos do Geeta, mas dá antes, na verdade, expressão aos sentimentos ocultos do Geeta. Tal só é possível dado que este interpreta as mesmas imagens outrora presentes quando Shri Krishn pregou o Geeta. Por essa razão, ele entende o seu verdadeiro significado, podendo revelá-lo, evocar os sentimentos ocultos, conduzindo-nos pelo caminho da Luz.

"Rev. Shri Paramhansji Maharaj era também um preceptor esclarecido de grande nível e a compilação das suas palavras e bênções destinada à reunião dos sentimentos ocultos do Geeta intitula-se «Yatharth Geeta»."

#### Direitos de autor ©

Reservados todos os direitos de autor. É proibida a reprodução, o registo em dispositivos de armazenamento, ou transmissão sob qualquer forma ou meio, nomeadamente por meio electrónico, mecânico, por fotocópia, gravação ou qualquer outro, sem a autorização escrita do editor, à excepção de breves passagens citadas em recensões ou artigos de crítica.

	As Nossas Publicações
* <u>LIVROS</u>	<u>LÍNGUAS</u>

Yatharth Geeta Inglês, hindi, marati, punjabi, gujarati, bengali,

tamil, nepali, telugu, malaiala, alemão, francês,

espanhol, urdu, italiano e canadiano.

Shanka Samadhan Hindi, marati e gujarati.

Jivanadarsh Evam

Atmanubhooti Hindi, marati e gujarati.

Ang Kyon Phadakte Hai?

Kya Kahate Hai? Hindi e gujarati.

Why do body parts Vibrate?

What do they say? Inglês

Anchuye Prashna Hindi

Eklavya Ka Aughutha Hindi e marati

Bhajan Kiska Kare? Hindi

\* CASSETTES AUDIO

Yatharth Geeta Hindi, marati, gujarati, e inglês

Amrutvani Hindi

(Rev. Swamiji's Discourses Vol. 1-44 Guruvandana Aarti)

\* CDs AUDIO (MP3)

Yatharth Geeta Hindi, inglês, gujarati e marati

Amrutvani Hindi

### **DEDICADO**

com profunda reverência

à

memória sagrada

do yogi imortal, abençoado, supremo e muito exaltado

SHREE SWAMI PAMANAND JI

de

Shree Paramhans Ashram Ansuiya (Chitrakoot)

# GURU VANDANA (SAUDAÇÕES AO GURU)

|| Om Shree Sadguru Dev Bhagwan Ki Jai ||

Jai Sadgurudevam, Paramaanandam, amar shariraam avikari | Nirguna nirmulam, dhaari sthulam, katlan shulam bhavbhaari ||

> Surat nij soham, kalimal khoham, janman mohan chhavibhaari | Amraapur vaasi, sab sukh raashi, sadaa ekraas nirvikaari ||

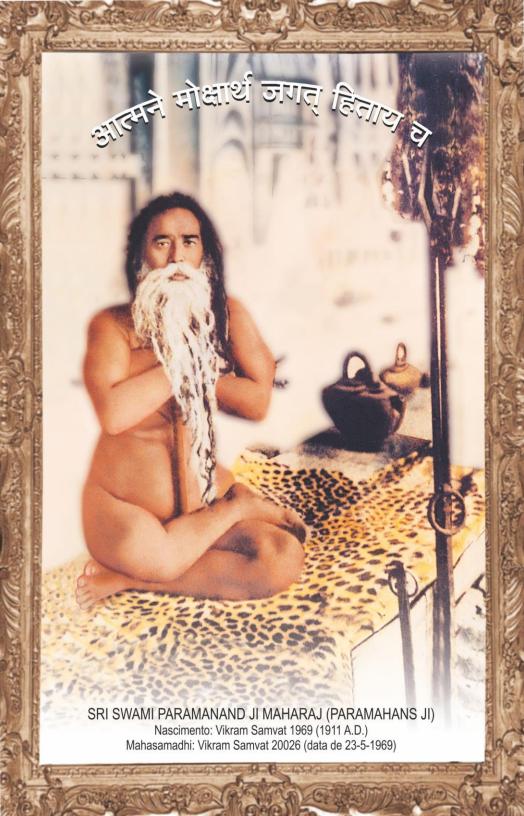
Anubhav gambhira, mati ke dhira, alakh fakira avtaari |
Yogi advaishta, trikaal drashta, keval pad anandkaari ||

Chitrakuthi aayo, advait lakhaayo, anusuia asan maari | Shree Paramhans Swami, antaryaami, hain badnaami sansaari |

Hansan hitkaari, jag pagudhaari, garva prahaari, upkaari | Sat- panth chalaayo, bharam mitaayo, rup lakhaayo kartaari |

> Yeh shishya hai tero, karat nihoro, mo par hero prandhaari | Jai Sadguru..... bhari ||

> > || OM ||







(विश्व धर्म संसद्)

C-121, KIRTI NAGAR, NEW DELHI - 110 015 (INDIA).

# विश्वगौरव सम्मानपत्र

वेदवेदांग आयुर्वेद ज्योतिषादि शास्त्रपरम्परासुरक्षाव्रती, अखिल संस्कृतवाङ्मयसंरक्षण—प्रचार— प्रसारपक्षधर आर्षसनातनमर्यादाजीवनपद्धतिसदाचारपरायण, "सर्वभूतहिते रतः—बसुधैव कुटुम्बकम्" के सद्भावना पर्यावरण से ओतप्रोत,

सम्माननीय थ्री स्वामी अङ्गङ्गन नदानी महाराज - परमहंस अण्यम निवासी शब्देन श्रागढ़ न्युनार (भिजपुर) को

अन्तर्राष्ट्रीय अधिवेशन में विश्वगौरव सम्मानपत्र से विभूषित किया जाता है।

एतद्देशप्रसूतस्य सकाशादग्रजन्मनः । स्वं स्वं चरित्रं शिक्षेरन् पृथिव्यां सर्वमानवाः ।

World Religious Parliament is pleased to confer
The Title of Vishwagaurav
In recognition of his meritorious contribution for World Development
through कुनिनद्भागवद्गीता, त्यर्पशास्त्र (भाष्ट्रप्रपादिगीता)
ि-प-38 सिनोक दम्मभेल १०-५-38 स्टिस्ट

निहा अस्त्र भी ग

Chairman (FR)
Presentation Committee

Acharya Prabhakar Mishra Chairman

World Religious Parliament

O título "Orgulho do Mundo" foi atribuído ao reverendo Swamiji pelo Parlamento Religioso Internacional por ocasião do último Mahakumbh do século em Haridwar, na presença de todos os Shankeracharyas, Mahamandaleshwaras, membros do Brahman Mahasabha e estudiosos religiosos de quarenta e quatro países.



# विश्व धर्म संसद् WORLD RELIGIOUS PARLIAMENT

C-121, KIRTI NAGAR, NEW DELHI 110 015 (INDIA)

#### सम्मान प्रमाणपत्र

"शरीरमाद्यं खलु धर्मसाधनम्" के मौलिक सिद्धान्तों पर आधारित विश्व में निरोगसमाज की स्थापना तथा शारीरिक मानसिक बौद्धिक सामाजिक स्वास्थ्य की उपलब्धि के लिए प्रयत्नशील एवं बाह्य तथा आन्तरिक पर्यावरण की स्वच्छता के लिए संकल्पित विश्व धर्मसंसद् प्राच्यअर्वाच्य ज्ञान विज्ञान की किसी भी शाखा के माध्यम से मानवता की सेवाओं में समर्पित व्यक्तियों को सम्मान करने में गौरव समझती है।

इसी धारणा-अवधारणा के दृष्टिकोण से उल्लेखनीय ज्ञान तथा सेवाओं के लिए श्री विश्वमानव को रक्क धर्मशास्त्र दाता विश्वग्रीस्त्र स्वामी अङ्ग्रहानन्द जी को — यथार्थ ग्रीता ध्यार्किक केत्र/विषय में — विश्वग्रस् सम्माननीय उपाधि से सम्मानित तथा जनसेवा के क्षेत्र में अग्रणी प्रमाणित करती है। ध्यीकद् मग्रवन्द गीता माध्य "यथार्थ ग्रीता "धर्मक्रास्त्र है।

World Religious Parliament is pleased to confer the above Title in recognition of his meritorious contribuiton for World Development through

HO a Padowler rissue Chairman Presentation Committee or Presiding Authority



Mend Fring Pa Acharya Prabhakar Mishra XUIT Chairman (Indian Region) World Religious Parliament

Swami Shri Adgadandji foi felicitado por Vishwa Dharm Sansad a 26-01-2001 durante as festividades de Mahakumbh em Prayag enquanto "Vishwagaurav" (Homem do Mundo e Profeta) pela sua obra "Yatharth Geeta" (exposição de Srimad Bhagwad Geeta). E, ao servir os interesses das massas, honrou-nos ainda como Vanguarda da sociedade..



सर्वतन्त्रस्वतन्त्र-शास्त्रार्थविद्यावतार-<mark>विश्वविभ्रुत</mark>-महामहोपाध्यायदिविरुदविभूषक पण्डितसम्राट-प्रातःस्मरणीय श्री शिवकुमारशास्त्रिमिभप्रतिष्ठापिता वाराणसेयसर्वविधविद्यत्समाज-प्रतिनिधिभृता-



पत्राचार कार्यालय डी.१७/५८, दशाश्वमेध, वाराणसी, उत्तर प्रदेश मो. नं. ९४१५ २८५८५६ टे. नं. ०५४२-२४५२११३

दिनांक १.३.०४

श्री काशीविद्धत्परिषद् समय-समय पर धर्म की समीक्षा करती आयी है । धर्म के सम्बन्ध में यह समाज को निर्देश देने का अधिकार रखती है । धार्मिक प्रकरणों में यह भारत की बहुमान्य सर्वोच्च संस्था है । किसी निर्णय को संशोधित करने का अधिकार परिषद् की कार्यकारिणी को है किन्तु धर्म और धर्मशास्त्र अपरिवर्तनशील होने से आदिकाल से धर्मशास्त्र श्रीमद्भगवद्गीता ही रही है ।

इमं विवस्वते योगं प्रोक्तवानहमव्ययम् । विवस्वान्मनवे प्राह मनुरिक्ष्वाकवेऽब्रवीत् ।। गीता, ४/१

अर्जुन! इस अविनाशी योग को कल्प के आदि में मैंने सर्वप्रथम सूर्य के प्रति कहा। सूर्य ने अपने पुत्र मनु से कहा। मनु ने इस स्मृत ज्ञान को सुरक्षित रखने के लिए स्मृति की परम्परा चलायी और अपने पुत्र इक्ष्वाकु से कहा। कालान्तर में इस स्मृति ज्ञान को महर्षि वेदव्यास ने लिपिबद्ध किया। मानव जीवन का नियमन तथा निःश्रेयस प्रदान करने वाली आदि मनुस्मृति गीता ही है।

मनु के समक्ष अवतरित वेद इसी का विस्तार हैं। अन्य शास्त्र समयानुसार विश्व की विविध भाषाओं में ईश्वरीय गायन श्रीमद्भगवद्गीता की ही प्रतिध्वनि है। गीता की अवधारणा को स्वामी अइगड़ानन्द जी ने 'यथार्थ गीता' में व्यक्त किया है जो शत-प्रतिशत सत्य है। परा विद्या की परिभाषा है।

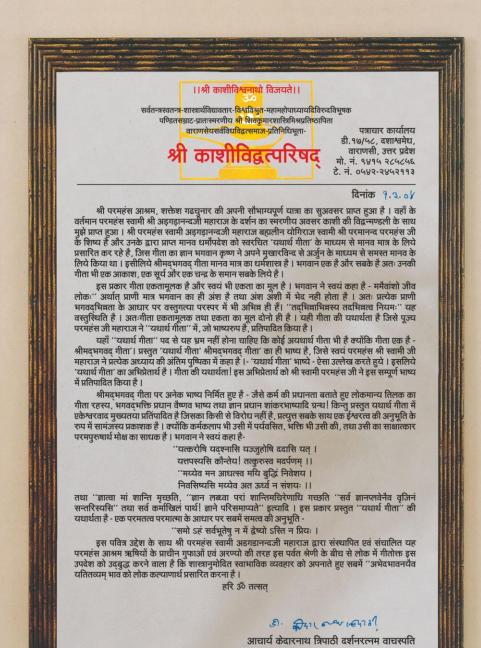
स्वामी जी ने गीता की यह व्याख्या देकर विश्व मानव को एक धर्मशास्त्र, एक परमात्मा के पथ को प्रशस्त किया है । धर्मशास्त्र की व्याख्या के रूप में हम सभी 'यथार्थ गीता' की अनुशंसा करते हैं ।

गणेशदत्त शास्त्री

मंत्री श्री काशीविद्वत्परिषद् 31. Dan an worr 31

आचार्य केदारनाथ त्रिपाठी दर्शनरत्नम वाचस्पति अध्यक्ष श्री काशीविद्वत्परिषद् भारत

O título "Orgulho da Índia" foi atribuído a Swamiji por ocasião do último Mahakumbh do século pelo seu livro "Yatharth Geeta" – uma análise fiel do Shreemad Bhagwad Geeta, a escritura de toda a Humanidad.



O título "Orgulho da Índia" foi atribuído a Swamiji por ocasião do último Mahakumbh do século pelo seu livro "Yatharth Geeta" – uma análise fiel do Shreemad Bhagwad Geeta, a escritura de toda a Humanidad.

श्री काशीविद्वत्परिषद् भारत

# O GEETA É A SAGRADA ESCRITURA DE TODA A HUMANIDADE

Shri Maharshi Ved Vyas – Era Shri Krishn

Antes do aparecimento de Maharshi Ved Vyas, não se encontrava disponível texto algum de disciplinas pedagógicas sob qualquer forma escrita. Partindo da tradição oral e buscando palavras sábias e erudição, este homem compilou conhecimentos físicos anteriores, assim como espirituais, sob a forma escrita de guatro Vedas, Brahmasutra, Mahabharat, Bhagwad e Geeta, proclamando que "Gopal Krishn havia condensado a síntese de todos os Upanishad no Geeta, de modo a possibilitar à Humanidade aliviar-se dos tormentos do pesar". O cerne de todos os Vedas e a essência de todos os Upanishad é Geeta, tendo este surgido través de Krishn e providenciando conteúdo para atormentar a Humanidade da doutrina comum, levando-a a buscar o Ser Supremo. Tal dotou a Humanidade dos meios necessários à Paz. Este erudito, de todas as suas obras, deu ênfase a Geeta como o tratado do conhecimento, fazendo notar que o Geeta deve ser seriamente aceite como filosofia predominante nas actividades da vida de cada um. Ao termos o tratado nas nossas mãos, o qual foi declamado pelo próprio Krishn, porque devemos guardar as outras escrituras?

A essência do Geeta encontra-se explicitamente esclarecida no verso:

एकं शास्त्रं देवकीपुत्र गीतम् एको देवो देवकीपुत्र एव।

एको मंत्रस्तस्य नामानि यानि कर्माप्येकं तस्य देवस्य सेवा।।

(गीता-माहात्म्य)

Tal significa que há apenas uma Sagrada Escritura, a qual foi recitada pelo Deus Krishn, filho de Devaki. Há apenas uma entidade espiritual merecedora de emulação, traduzindo-se a verdade especificada nesta exposição como alma. Nada é imortal para além da alma. Qual o cântico recomendado por este erudito no Geeta? Om! "Arjun, Om é o nome do eterno Ser Supremo. Cantai o Om e meditai sobre mim. Há apenas um dharm: servir o ser espiritual descrito no Geeta. Deixai-o entrar nos vossos corações com reverência." Por esta razão, o Geeta mantém-se como a nossa escritura.

Krishn é o mensageiro dos santos sábios que descreveram o Divino Criador como a Verdade Universal ao longo de milhares de anos. Muitos sábios afirmaram ser possível exprimir os seus desejos materiais, assim como os eternos intuitos divinos, temer a Deus e não acreditar em outras divindades – tal já foi proclamado por muitos eruditos, mas somente o Geeta demonstra explicitamente qual a forma para alcançar a espiritualidade e para calcular a distância a que se está de o atingir – vide "Yatharth Geeta". O Geeta não só proporciona paz espiritual, como também facilita ainda o acesso ao alívio eterno e duradouro. De modo a atingir tal meta, reporte-se à obra universalmente aclamada, "Yatharth Geeta".

Apesar de o Geeta ser universalmente aclamado, não se afirmou enquanto doutrina ou literatura de qualquer religião ou seita, já que as seitas religiosas se baseiam sempre por uma máxima ou ordem. O Geeta publicado na Índia é um legado da Sabedoria Universal. O Geeta é a herança etérea da Índia, o país espiritual. Enquanto tal, deveria ser considerado como literatura nacional – dirigindo um esforço para o alívio da Humanidade da tradição errónea da discriminação de classes, dos conflitos e desacatos e acordar a paz.

## PRINCÍPIOS UNIFORMES DO DHARM

#### 1. TODOS SÃO FILHOS DE DEUS: -

"A alma imortal do corpo constitui parte de mim e é ELE que retira os cinco sentidos, assim como o sexto, a mente, que se encontra na natureza."

15/7

Todos os seres humanos são filhos de Deus

#### PROPÓSITO DO CORPO HUMANO: -2.

"É quase escusado dizer que, dado que o pio Brâmane e os sábios reais (rajarshi) buscam a salvação, também vós devíeis renunciar a esse corpo miserável, efémero e mortal e dedicar-vos sempre à minha devoção."

9/33

"Apesar de desprovido de dinheiro e conforto, raramente passíveis de obter, enquanto habitardes o corpo humano, devotai-vos a mim. O direito a tal devoção é concedido a todos os que habitem o corpo humano."

#### 3. OS SERES HUMANOS **APRESENTAM APENAS DUAS CASTAS: -**

"No mundo existem, ó Parth, apenas dois tipos de seres: os pios, sobre os quais já me alonguei, e os demoníacos, sobre quem não derramarei uma palavra."

16/6

Existem apenas dois tipos de seres humanos: os "Deva" (divinos), cujo coração é dominado por características nobres, e os "Asura" (demónios), cujas características demoníacas lhes encerram o coração. Em toda a criação não há qualquer outro tipo de seres humanos.

# 4. REALIZAÇÃO DE QUALQUER DESEJO ATRAVÉS DE DEUS : -

"Homens que efectuem os actos piedosos impostos pelos três Vedas, que provaram o néctar e se libertaram do pecado, e que desejem uma existência celestial pela devoção à minha pessoa através do Yagya, irão para o céu (Indralok) e gozarão prazeres divinos como recompensa pelos seus actos virtuosos."

9/20

"Através da devoção a mim, as pessoas aspiram alcançar o céu e eu concedo-lho. Assim, tudo pode ser facilmente atingido pela graça do Ser Supremo."

# 5. ELIMINAÇÃO DE TODOS OS PECADOS PELO REFÚGIO NO SER SUPREMO : -

"Mesmo que sejais o mais atroz dos pecadores, a arca do conhecimento levar-vos-á com segurança através de todos os males."

4/36

Indubitavelmente, até o pior dos pecadores pode aceder aos Ser Supremo recorrendo à barca da Sabedoria.

#### CONHECIMENTO : -

"A luta constante, consciência denominada adhyatmya, e a percepção do espírito Supremo, o final da compreensão da verdade, são conhecimentos. Tudo o que os contradiga traduz-se em ignorância."

13/11

A dedicação à sabedoria da alma suprema, assim como a percepção directa da Sabedoria Eterna, que consiste na manifestação da Alma Suprema, constituem os componentes da verdadeira sabedoria. Tudo o resto é ignorância. Deste modo, a percepção directa de Deus é sabedoria.

# 7. TODOS POSSUEM O DIREITO À DEVOÇÃO: -

"Até um homem da mais errante conduta, se me for devoto, pode ser considerado santo, pois é um homem verdadeiramente resoluto. Assim, ele tornarse-á rapidamente pio, alcançando a paz eterna e, desta forma, ó Filho de Kunti, sabereis sem qualquer sombra de dúvida que o meu devoto nunca será destruído."

9/30-31

"Mesmo um grande pecador, se ME for devoto de forma espiritualmente dedicada e consciente, transformar-se-á numa alma nobre e alcançará a eterna paz interior." Deste modo, uma alma nobre é aquela que se entrega ao Ser Supremo.

#### 8. A ETERNA SEMENTE NO CAMINHO DIVINO:

-

"Dado que a acção altruísta nunca esgota a semente da qual brotou, nem apresenta consequências adversas, até mesmo o cumprimento parcial deste dharm proporcionará liberdade do mais temível terror (a repetição dos nascimentos e mortes)."

2/40

Até mesmo as poucas acções realizadas no sentido da auto-percepção deverão elevar aquele que a busca do terrível receio dos ciclos do nascimento e da morte.

#### 9. A MORADA DO SER SUPREMO : -

"Motivador de todos os seres vivos que habitam um corpo, o qual nada mais é senão uma criação do seu maya, ó Arjun, Deus reside no coração de todos os seres. Buscai, ó Bharat, de todo o coração refúgio em Deus, pelas graças do qual alcançareis repouso e felicidade perene e suprema."

18/61-62

Deus reside no coração de todos os seres vivos. Deste modo, todos se redimirão totalmente a este Ser Supremo em total renúncia. Através da Sua compaixão será possível alcançar a felicidade suprema.

#### 10. YAGYA: -

"Ainda assim, outros Yogis oferecerão as suas funções sensoriais e o seu sopro da vida ao fogo de

Yog (auto-domínio) encrespado pelo conhecimento. Alguns oferecerão as suas explicações para a inalação, outros oferecerão o ar inalado ao ar exalado, enquanto outros praticarão a serenidade da respiração pela regulação da inspiração e expiração."

4/27. 29

Todas as actividades dos órgãos sensoriais e os tumultos psicológicos são atribuídos como oferendas à alma esclarecida pela sabedoria no fogo do yog. Aqueles que meditam sobre si mesmos sacrificam o ar vital para apan e, de forma semelhante, de apan para pran. Indo ainda mais longe, um Yogi restringe todas as forças vitais e refugia-se na regulação da respiração (pranayam). O procedimento de tais práticas denomina-se Yagya. O desempenho deste acto intitula-se "ACÇÃO ORDENADA", ou seja, karm.

#### 11. O PRATICANTE DE YAGYA: -

"Ó melhor entre os Kurus, os yogis que provarem o néctar que brotava de Yagya alcançarão o Deus Supremo. Mas como poderá a próxima vida dos homens ser feliz sem Yagya, se a sua vida neste mundo já é tão miserável?"

4/31

Para os homens que não possuam a atitude de yagya será muito complicado obter forma humana na existência transmigratória. Por essa razão, todos que habitem um corpo humano poderão prestar Meditação Devota (Yagya).

#### 12. DEUS PODE SER VISLUMBRADO: -

"Ó Arjun, de braços poderosos, um devoto poderá aperceber-se directamente desta minha forma, adquirir a sua essência, e até mesmo tornar-se com ela numa unidade pela dedicação total e pura."

11/54

É simples vislumbrá-lo cara a cara, conhecê-Lo e até mesmo aceder à Sua Pessoa através da devoção intensa.

"Somente um vidente vislumbra a alma como uma maravilha, outro descreve-a como uma maravilha, e outro ainda ouve-a como uma maravilha, enquanto alguns a ouvem mas, contudo, não A entendem."

2/29

Um sábio esclarecido poderá vislumbrar esta ALMA como uma maravilha rara. Tal denomina-se percepção directa.

### 13. A ALMA É ETERNA E VERDADEIRA : -

"O eu, que não pode ser trespassado, nem queimado, nem molhado, nem esmorecido, é contínuo, universal, constante, imóvel e eterno."

2/24

A alma, por si só, é verdadeira. A alma, por si só, é eterna.

# 14. O CRIADOR E AS SUAS CRIAÇÕES SÃO MORTAIS:-

"Todos os mundos de Bhramlok até aos mais inferiores são, ó Arjun, de carácter recorrente mas, ó Filho de Kunti, a alma que se apercebe de mim não renascerá."

8/16

Brahma (o criador) e as suas criações, dev e os demónios, encontram-se repletos de sofrimento, são passageiros e mortais.

### 15. DEVOÇÃO DE OUTROS DEUSES: -

"Impulsionados por propriedades da sua natureza, aqueles que abandonarem a sabedoria desejarão os prazeres mundanos e, em imitação dos costumes predominantes, adorarão outros deuses no lugar do único Deus."

7/20

Aqueles cujo intelecto foi usurpado pelo prazer dos confortos mundanos, tais tolos tendem a prestar culto a outros deuses que não o Ser Supremo.

"Muito embora até mesmo os devotos cobiçosos me prestem culto ao adorar outros deuses, a sua devoção vai contra as predisposições e, nesse sentido, está envolta em ignorância."

Aqueles que se dedicam a outros deuses, acabam por ser devotos ao Ser Supremo sob a

influência da ignorância, sendo os seus esforços em vão.

"Lembrem-se que aqueles que se submetem à terrível auto-destruição sem sanção espiritual e que se encontram atormentados pela hipocrisia e arrogância, juntamente com a luxúria, os afectos e a vaidade do poder, e que esgotam não só os elementos que constituem os seus corpos, mas ainda a mim mesmo, que habito as suas almas, são ignorantes com disposições demoníacas."

17/5-6

Até mesmo as pessoas de virtude tendem a venerar outros deuses. No entanto, é necessário ter noção que estas pessoas têm também uma natureza demoníaca.

#### 16. O IGNÓBIL: -

Aqueles que, após renunciarem o caminho prescrito à realização de Yagya, adoptaram formas isentas de sanção espiritual, são, entre os seres humanos, cruéis, pecaminosos e ignóbeis.

#### 17. PROCEDIMENTOS ORDENADOS: -

"Aquele que deixar o corpo entoando OM, que se traduz em DEUS sob a forma de palavra, e me recorde, alcançará a salvação."

8/13

A entoação de OM, sinónimo de Brahma eterno, e a recordação apenas do único Ser Supremo e da

meditação devota traduz-se na orientação para o sábio esclarecido.

#### 18. ESCRITURA: -

"Instruí-vos, ó Puro, no mais subtil de todos os conhecimentos, uma vez que, ó Bharat, ao conhecerdes a sua essência, um homem adquire sabedoria e realiza todas as suas funções."

15/20

#### GEETA É A ESCRITURA : -

"Assim a escritura é a autoridade sobre o que deve ou não deve ser efectuado, e uma vez tendo sido isto interiorizado, tereis a capacidade de agir segundo as predisposições determinadas pelas escrituras."

16/24

A escritura é somente a base para a tomada de uma decisão perfeita em caso de desempenho ou fuga ao DEVER. Deste modo, deve-se agir como prescrito na função descrita no GEETA.

#### 19. DHARM: -

"Não vos lamenteis, pois libertar-vos-ei de todos os pecados, caso abandonardes todas as outras obrigações (dharm) e buscardes refúgio apenas em mim."

18/66

Após abandonar toda a confusão e as interpretações (aquele que buscar refúgio em MIM significa aquele que se entregar totalmente ao único Ser Supremo), a acção ordenada que permite alcançar a felicidade suprema é a verdadeira conduta

do DHARM (2/40), e até um homem da mais errante conduta pode ser considerado enquanto santo (9/30).

# 20. LOCAL DA REALIZAÇÃO: -

"Pois sou aquele em quem o DEUS eterno, a vida imortal, o Dharm imperecível e a felicidade suprema habitam."

14/27

Ele é o impulsionador do DEUS imortal, da vida perene, do DHARM eterno e da pura alegria imaculada no alcance do fim Supremo. Por outras palavras, um santo orientado para DEUS, um guru esclarecido é esta felicidade personificada.

# (A VERDADEIRA ESSÊNCIA DE TODAS AS RELIGIÕES NO MUNDO SÃO ECOS DO GEETA)

# MENSAGENS DIVINAS PROCLAMADAS POR SÁBIOS SANTOS DESDE OS TEMPOS PRIMORDIAIS ATÉ À DATA, ANOTADAS POR ORDEM CRONOLÓGICA

Swami Shri Adgadanandji fez erigir uma placa inscrita com as seguintes escrituras à entrada de sua casa no auspicioso dia de Ganga Dashehara (1993), em Shri Paramhans Ashram Jagatanand, Village & P.O. Bareini, Kachhava, Dist. Mirzapur (U.P.).

- Shri Santos Védicos (Tempos Primitivos Narayan Sukta)
   O Ser Supremo omnipresente nada mais é senão a verdade.
   A única forma de atingir o Nirvana é entendê-lo.
- Bhagwan Shree Ram (Treta: milhares de anos atrás Ramayan)
   Um aspirante à bênção divina sem orar ao Ser Supremo é um ignorante.
- Yogeshwar Shree Krishn (5200 atrás Geeta)
   Deus é a única verdade. Só é possível alcançar a divindade pela meditação. Orar a representações das Divindades é praticado apenas pelos tolos.
- Santo Moisés (3000 anos atrás Judaísmo)
   Ao renunciar à fé em Deus, criam-se representações Ele encontra-se insatisfeito. Início das orações a Ele.
- Santo Zaratustra (2700 anos atrás Zoroastrismo)
   A meditação sobre Ahurmazda erradica os demónios que habitam o coração e que são a causa de todas as angústias.

- Mahavir Swami (2600 anos atrás Escrituras Jainistas)
   A alma é a verdade. O cumprimento da penitência austera permite a sua percepção no próprio nascimento.
- Gautam Buddha (2500 anos atrás Mahaparinirvvan Sutta)

Atinge-se o último estado sublime, anteriormente alcançado pelos santos ancestrais. É o Nirvana.

- Jesus Cristo (2000 anos atrás Cristianismo)
   A divindade pode apenas ser atingida através de orações.
   Vinde até mim. Só assim seria possível ser-se considerado filho de Deus.
- Hajrat Mohammed Saheb (1400 anos atrás Islamismo)
   "La III Allah Muhammad ur Rasul Allah". Não existe ninguém merecedor de orações para além do Deus omnipresente. Maomé e outros são santos sagrados.
- Aadi Shankeracharya (1200 anos atrás)
   A vida terrestre é fútil. O único Ser Real é o nome do Criador.
- Santo Kabir (600 anos atrás)
   O nome de Rama é supremo, tudo o resto se traduz em futilidades. O início, o meio e o final nada mais são senão o cântico de Rama. O cântico do nome de Rama por si só é subliminar.
- Guru Nanak (500 anos atrás)
   "Ek Omkar Satguru Prasadi." Somente um Omkar é um verdadeiro ser, um favor do preceptor sagrado.

- Swami Dayanand Saraswati (200 anos atrás)
   Dirigem-se preces somente ao Deus perene e imortal. O nome principal do Todo Poderoso é Om.
- Swami Shri Parmanandji (1911 1969)
   Quando o Todo Poderoso concede benevolência, os inimigos tornam-se amigos e as adversidades em situações de sorte.
   Deus é omnipresente.

# **CONTEÚDOS**

	Título Número da pa	Número da página	
	Um Apelo Humilde	I	
	Prefácio	V	
Capítulo 1	O Yog da Irresolução e da Dor	1	
Capítulo 2	Curiosidade sobre a Acção	33	
Capítulo 3	A Urgência da Destruição do Inimigo	85	
Capítulo 4	Elucidação sobre o Acto de Yagya	119	
Capítulo 5	O Deus Supremo – Apreciador de Yagya	157	
Capítulo 6	O Yog da Meditação	175	
Capítulo 7	Conhecimento Imaculado	201	
Capítulo 8	Yog com o Deus Imperecível	219	
Capítulo 9	Ensejo pelo Esclarecimento Espiritual	241	
Capítulo 10	A Importância da Glória Divina	265	
Capítulo 11	Revelação do Omnipresente	287	
Capítulo 12	O Yog da Devoção	311	
Capítulo 13	A Esfera da Acção e o seu Conhecedor	321	
Capítulo 14	Divisão das Três Propriedades	335	
Capítulo 15	O Yog do Ser Supremo	347	
Capítulo 16	O Yog da Distinção entre o Divino		
•	e o Demoníaco	361	
Capítulo 17	O Yog da Fé Tridimensional	373	
Capítulo 18	O Yog da Renúncia	389	
-	Sumário	427	

Uma vez que um bom número de palavras em sânscrito tiveram de ser incluídas na versão inglesa dedicada a Yatharta Geeta, será conveniente esclarecer brevemente a razão porque a elas se tem recorrido e como.

(I) De modo a apresentar alguns exemplos determinantes, palavras como dharm, yog, yagya, sanskar, varn, sattwa, raias, tamas, varnsankar, karm, kshetra, kshetraqya e pranayam, que surgem no decurso de toda a obra, são efectivamente impossíveis de traduzir. Dharm, a título de exemplo, não trata de "religião"; e karm significa algo mais do que "acção". Contudo, e apesar disto, recorreu-se a equivalentes aproximados em inglês sempre que possível, mas apenas, evidentemente, se estes não reflectissem uma distorção ou deturpação ao significado original. Neste sentido. "acção", "propriedade" e "esfera" foram apresentados como soluções para karm, varn e kshetr, respectivamente. Recorreu-se ainda a outros equivalentes aproximados na língua inglesa para sattwa, rajas e tamas, tendo o cuidado de não permitir que estes impeçam o fluir ou o ritmo da linguagem. Mas não foi possível encontrar substitutos em inglês para dharm, yog, yagya, sanskar e varnsankar, sendo estas palavras, assim como muitas outras, utilizadas tal como se apresentam. Contudo, dado que o significado de todas as palavras sânscritas utilizadas na tradução (com ou sem equivalentes em inglês) se encontra totalmente esclarecido ou em notas de rodapé ou no próprio texto, os leitores que não estejam familiarizados com sânscrito ou Hindi não sentirão qualquer dificuldade em compreendê-los. O objectivo principal desta tradução tem sido o recurso às palavras sânscritas incontornáveis ou os seus substitutos ingleses, não permitindo

- que o texto se assemelhe a uma manta de retalhos e que a leitura sofra com isso.
- (II) No que se refere à transcrição inglesa das palavras em sânscrito, recorreu-se ao alfabeto inglês regular. Dispensou-se ainda a grafia fonética e as características diacríticas, uma vez que estas desmotivam os leitores e afastam-nos dos livros indológicos. Assim, [sânscrito] foi transcrito como sanskar (assim se articula a palavra) e não como sanskara; e [sânscrito] como yagya (assim a pronúncia correcta) e não como yajna. O mesmo princípio foi aplicado ao longo do livro na transcrição de palavras sânscritas para o alfabeto inglês, com rigor pela forma como estas palavras são articuladas. Acredito que, desta forma, a leitura será mais simples e fluente.
- (III) Sem pretender ofender nenhum escritor literato. deferência ao mesmo princípio adoptado na transcrição de palavras sânscritas para o alfabeto inglês regular, e tentando manter uma proximidade à verdadeira pronúncia, dispensei ainda a prática habitual de acrescentar um "a" à última consoante de termos sânscritos. Neste sentido, transcrevi [sânscrito] como Krishn e não como Krishna. [sânscrito] como Arjun e não como Arjuna, [sânscrito] como Mahabharat e não como Mahabharata, [sânscrito] como yog e não como yoga, [sânscrito] como dharm e não como dharma, [sânscrito] como karm e não como karma, e assim por diante. O argumento de que o som da última consoante ficaria incompleto sem o "a" demonstra-se insustentável pois, nesse caso, todo o sistema de escrita da língua inglesa teria de ser alterado. Se o último "m" na palavra "farm" é um som completo de uma consoante, porque razão deveria dharm ser transcrito como dharma? Tendo isto em consideração, podemos apenas concluir que aqueles que têm agido de acordo com tal premissa ilógica,

apenas têm contribuído em prejuízo do sânscrito (a sua língua materna) pela introdução de um sistema de transcrição que tem conduzido à distorção da pronúncia de uma grande número de palavras comummente utilizadas. Assim, independentemente da razão por detrás da prática de acrescentar um "a" à última consoante de termos sânscritos / indianos aquando da transcrição para inglês, a verdade é que este "apêndice é entendido como uma vogal completa de som "a", tal como nas palavras "father" ou "rather" ou "bath" e não como parte integrante da consoante propriamente dita.

(IV) O facto de palavras sânscritas ou hindi terem sido transcritas para o alfabeto inglês, não as torna parte desta língua. Deste modo, a prática habitual inglesa de recorrer a um "s" para indicar plurais é, no caso destes termos, incorrecta. O plural de karm é karm e não karms. O plural de ved é ved e não veds. Assim, nesta tradução o "s" não foi utilizado na elaboração dos plurais de substantivos sânscritos.

Um dos discípulos de Swamiji

### **PREFÁCIO**

Não parece haver mais necessidade de explanação do Geeta. Até à data, centenas de exposições, das quais mais de cinquenta se encontram em sânscrito, foram apresentadas. Contudo, apesar de haver muitas interpretações, todas elas demonstram uma base comum - o Geeta, que é único. Então qual a razão, pode colocar-se a questão, para todas estas opiniões divergentes e controvérsias, se a impreterível necessidade da mensagem de Yogeshwar Krishn era apenas uma? O orador apregoa repetidamente que a verdade é só uma, porém, se dez pessoas a escutarem, cada uma entenderá o seu significado de dez modos distintos. A nossa capacidade de compreensão daquilo que foi proferido é determinada pelo alcance do domínio de uma das três propriedades da natureza a que nos encontramos submetidos, nomeadamente o sattwa (virtude moral ou bondade), rajas (paixão e cegueira moral) e tamas (ignorância e escuridão). Não nos é possível entender para além das limitações impostas por estas propriedades. Neste sentido, torna-se evidente a existência de todas estas disputas sobre o significado do Geeta – "A Canção do Senhor".

Os homens substituem as orações pelas dúvidas, não só porque variadíssimas interpretações são apresentadas sobre determinado assunto, mas ainda devido ao facto de o mesmo princípio ser enunciado de diferentes formas e sob diferentes estilos em alturas distintas. Muitas das exposições do Geeta existentes roçam a corrente da verdade, contudo, se uma delas – ainda que seja uma interpretação justa e correcta – se encontrar entremeada com milhares de outras, torna-se praticamente impossível reconhecê-la pelo seu conteúdo. A identificação da verdade é uma tarefa onerosa, já que até mesmo a falsidade se apresenta como verdade. Todas estas diversas exposições do Geeta reclamam representar a verdade, apesar de não apresentarem nenhum indício da mesma. Como contra-reacção, estes intérpretes foram, por

variadíssimas razões, impedidos de as exprimirem publicamente, ainda que bastantes deles tenham sido bem sucedidos na explanação desta verdade.

A incapacidade excessivamente comum na interpretação do significado do Geeta na sua verdadeira perspectiva pode ser atribuída ao facto de Krishn ser um yogi, um sábio esclarecido. Somente uma outra grande e realizada alma - pessoa de conhecimentos e discernimento –, que tivesse atingido gradualmente o objectivo espiritual último proferido por Krishn, poderia aperceber-se e revelar o verdadeiro propósito de Yogeshwar, quando este pregou junto do seu amigo e discípulo Arjun. O que se encontra na mente de cada um não pode ser inteiramente expresso em meras palavras. Enquanto que uma parte pode ser transmitido por meio de expressões faciais e gestos e até mesmo pelo que se denomina de silêncio "eloquente", o restante que permanece sem expressão traduz-se em algo dinâmico. E os que o buscam só o poderão apreender pela acção e contrariando mesmo o curso da busca. Deste modo, apenas um outro sábio que já tenha seguido esse mesmo caminho e atingido o estado sublime de Krishn poderá captar a verdadeira mensagem do Geeta. Em lugar de se limitar a reproduzir excertos da escritura, este poderá conhecer e demonstrar o seu propósito e significado, já que as perspectivas e percepções de Krishn são também as suas. Uma vez que é um vidente, não deve somente apresentar a sua essência, mas ainda despertá-la nos outros, assim como até fomentar e proporcionar que tomem o rumo que conduz à mesma

O meu nobre preceptor, o tão ilustre paramhans Parmanand Ji Maharaj, era um sábio a esse nível, sendo o Yatharth Geeta nada mais do que a compliação do significado atribuído pelo autor às expressões e incitamentos interiores do seu preceptor. Nada do que encontrarem nesta exposição partiu de mim. E tal significa, tal como o leitor está prestes a verificar, a incorporação de um princípio dinâmico, orientado para a acção, a que todos aqueles que tenham optado pelo caminho da busca espiritual e da realização se devem submeter e pessoalmente percorrer. Em caso de desvio, é evidente que não se dedicaram à devoção e à meditação, e vaqueiam ainda por entre o caos de

determinados estereótipos amorfos. Assim, é necessário buscar refúgio num sábio – uma Alma de alcance superior – pois foi isso que Krishn aconselhou. Krishn admitiu ainda explicitamente que a verdade que estava prestes a esclarecer era também do conhecimento e celebrada por outros sábios. Nem por uma única vez ele professa ser o único consciente desta verdade ou que só ele a poderá revelar. Pelo contrário, persuade devotos a buscar o céu sob a orientação de um vidente e a absorver conhecimento através dele pela prestação inocente e sincera das suas necessidades. Assim, Krishna apenas enumerou as verdades descobertas e testemunhadas também por outros sábios de verdadeiro alcance.

A linguagem sânscrita patente no Geeta é muito simples e clara. Uma análise paciente e cuidadosa à sintaxe e etimologia das palavras permite compreender a maioria do Geeta por nós mesmos. Mas a dificuldade reside no facto de não estarmos propensos a aceitar o verdadeiro significado dessas palavras. A título de exemplo: Krishn declarou com termos ambíguos que a verdadeira acção é a submissão a yagya. Contudo, insistimos em afirmar que todas as actividades mundanas em que o homem se envolve se tratam de acção. Dando umas luzes sobre a natureza de yagya, Krishn explica que enquanto muitos yogi se submetem ao mesmo ao oferecer pran (ar inalado) a apan (ar exalado), e muitos sacrificam apan a pran, muitos outros regulam tanto pran como apan de modo a alcançar a verdadeira serenidade da respiração (pranayam). Muitos sábios entregam-se ao fogo sagrado do auto-domínio em detrimento da tendência dos seus sentidos. Por esta razão se diz que yagya é a contemplação da respiração de pran e apan. Foi esta a mensagem que o autor do Geeta registou. Contudo, e apesar de tudo, insistimos obstinadamente que a entoação de swaha e o arremesso de grãos de cevada, sementes oleagíneas e manteiga para o lume do altar se trata de yagya. Mas nada disto foi sugerido por Yogeshwar Krishn.

Como entender este fracasso tão comum na interpretação do verdadeiro significado do Geeta? Mesmo após muitas distinções e explicações minuciosas, tudo o que destrinçamos é nada mais do que os contornos da ordem sintáctica. Porquê recorrer à força, quando

devíamos procurar entender se nos encontramos privados da verdade? Efectivamente, através do nascimento e crescimento, um homem adquire por herança paterna casa, loja, terra e propriedade, estatuto e honra, gado e outras manadas e, hoje em dia, até máquinas e aparelhos. Exactamente do mesmo modo se herdam costumes, tradições e modos de devoção: uma herança demoníaca de trezentos e trinta milhões de deuses e deusas hindus identificados e catalogados há muito, assim como das suas inúmeras e variadas formas respectivas por todo o mundo. Durante o processo de crescimento de uma criança, esta observa o modo de devoção dos seus pais, dos seus irmãos, das suas irmãs e dos seus vizinhos. As crenças, ritos e cerimónias da sua família fcam assim gravadas permanentemente na sua memória. Se a sua herança for orientada para a veneração de uma deusa, durante toda a sua vida proferirá apenas o nome dessa mesma deusa. Se o seu património se traduzir na adoração de almas e espíritos, ira repetirá indefinidamente só os nomes dessas almas e desses espíritos. E é durante esse processo que alguns de nós aderem a Shiv, outros se inclinam para Krishn, e outros ainda se mantêm fiéis a uma outra divindade. A sua escolha ultrapassa-nos.

Se tais pessoas insensatas tivessem em seu poder um dia uma obra tão generosa e sagrada como o Geeta, sairiam derrotadas da tarefa de compreender o seu verdadeiro significado. Uma pessoa pode abdicar das suas posses materiais que herdou, mas não pode renunciar a tradições e credos herdados. Pode-se abandonar os pertences materiais legados e distanciar-se dos mesmos, mas ainda assim será persistentemente perseguido pelos seus pensamentos, crenças e hábitos que se encontram inextirpavelmente gravados na sua mente e no seu coração, pois, afinal de contas, não pode privar-se da cabeça. Por este motivo, também entendemos a verdade contida no Geeta à luz das nossas suposições, costumes e modos de devoção herdados. Se a escritura estiver em harmonia com os mesmos e não existir contradição entre eles, concedemos veracidade a esta. No entanto, ou a rejeitamos ou a adaptamos de acordo com a nossa conveniência se não for este o caso. Não é surpreendente a frequência com que falhamos miseravelmente a interpretação dos conhecimentos misteriosos do Geeta? E assim este segrego mantém-se inescrutável. Sábios e nobres preceptores que se familiarizaram com o Eu, tal como com a sua relação com o Espírito Supremo, são, por outro lado, conhecedores da verdade que o Geeta representa. Somente eles estão qualificados para dizer o que o Geeta esclarece. Para outros, contudo, tal permanece um segredo que só poderá ser revelado pela meditação devota, tal como o fazem discípulos fervorosos junto de alguns sábios da consciência. Krishn deu particular e repetidamente ênfase a este caminho para a interpretação.

O Geeta não é somente um livro sagrado que pertence a qualquer indivíduo, casta, grupo, escola, seita, nação ou tempo. É antes uma escritura para todo o mundo em qualquer era. E, sendo para todos, é para todas as nações, todas as raças e para todos os homens e todas as mulheres, independentemente do seu nível e capacidade espiritual. No entanto, e de qualquer forma, um mero rumor ou a influência de alguém não devem constituir a base de uma decisão que tem efeitos directos na existência de outra pessoa. Krishn afirma no último capítulo do Geeta que até mesmo a mera escuta do conhecimento misterioso é, na verdade, algo positivo. Mas, por isso mesmo, após aquele que busca ter sido ensinado por um mestre realizado, terá ele próprio de o praticar e interiorizar na sua conduta e experiência. Tal requer que interpretemos o Geeta após nos libertarmos de todos os preconceitos e noções prévias. E só então encontraremos, efectivamente, um pilar para a luz.

Não é suficiente encarar o Geeta como um mero livro sagrado. Um livro traduz-se, na melhor das hipóteses, numa indicação que guia os leitores ao conhecimento. Diz-se que alguém que tenha compreendido a verdade do Geeta é um conhecedor da Ved — o que, literalmente, significa conhecimento de Deus. No Upanishad Brihadaranyak, Yagnvalkya declara Ved como "a respiração do Eterno". Porém, devemos sempre lembrar-nos que todo o conhecimento e toda a sabedoria contidos no Geeta se tornam conscientes apenas no coração do devoto.

O grande sábio Vishwamitr, assim se conta, encontrava-se absorvido pela penitência meditativa. Agradado com tal acto, Brahma apareceu e disse-lhe: "A partir deste dia, sois um sábio (rishi)". Não satisfeito com isto, o eremita prosseguiu com a sua intenção contemplativa. Passado algum tempo, Brahma, acompanhado de outros deuses, reapareceu dizendo: "A partir de hoje, sois um sábio real (rajarshi)". Mas, dado que

o desejo de Vishwamitr permanecia por concretizar, este prosseguiu com a sua incessante penitência. Atendidos pelos deuses os impulsos virtuosos que constituem o tesouro da divindade. Brahma regressou de novo, dizendo a Vishwamitr que a partir desse dia ele era um sábio supremo (maharshi). Vishwamitr disse então ao mais velho dos deuses: "Não, eu desejo ser intitulado de brahmarshi (sábio Brâmane), aquele que conquistou os seus sentidos". Brahma refutou que tal não era possível pois ainda não havia dominado os seus sentidos. E assim Vishwamitr continuou com a sua penitência e, desta vez, de forma tão rigorosa que o fumo do lume da penitência começou a ascender da sua cabeca. Os deuses rogaram então junto de Brahma e o Senhor da criação, uma vez mais, apareceu ante Vishwamitr e disse: "Agora sois um brahmarshi". Consequentemente, Vishwamitr replicou: "Se sou um brahmarshi, deixai-me unir a Ved". O seu desejo foi concedido e Ved renasceu no seu coração. A essência desconhecida - todo o conhecimento e sabedoria misteriosos de Ved – foram então revelados. Esta apreensão directa da verdade, muito mais do que um livro, é Ved. pelo que, onde quer que Vishwamitr – o sábio esclarecido – se encontre, Ved estará com ele.

Krishn revelou ainda no Geeta que o mundo é como uma figueirados-pagodes indestrutível, cujas raízes superiores se traduzem em Deus e cujos ramos inferiores são a natureza. Aquele que derrubar esta árvore com o machado da renúncia e conheça a Deus, é conhecedor de Ved. Assim, a percepção de Deus que aparece após a cessação do domínio da natureza é denominado "Ved". Dado que esta visão é uma oferenda do próprio Deus, diz-se transcender o próprio Eu. Um sábio é também alguém que foi além do Eu ao imergir no Espírito Supremo, sendo Deus que fala então através dele. O sábio transforma-se num médium através do qual as indicações de Deus são transmitidas. Desta forma, a mera compreensão do significado literal das palavras e estruturas gramaticais não é suficiente para entender a verdade subjacente às indicações do sábio. Apenas aquele que busca e atingiu o estado impessoal ao percorrer realmente o caminho orientado para a acção da realização espiritual, e cujo Eu se encontra dissolvido em Deus, será capaz de compreender o seu significado oculto.

Embora essencialmente impessoais, os Ved traduzem-se em compilações de indicações de uma centena ou cento e cinquenta sábios videntes. Mas quando essas mesmas indicações são escritas por terceiros, estas fazem-se acompanhar por um código de ordem e organização social. Dado que se acredita que este código provém de homens de grande alcance e sabedoria, as pessoas tendem a aderir às suas disposições, apesar de poderem não estar associadas ao alcance do dharm da obrigação espiritual inata a cada um. No nosso tempo, assistimos como seguazes da acção inconseguente apresentam trabalho feito, fingindo-se íntimos de gente poderosa, quando, na verdade, é provável que nem seguer os conheçam. Da mesma forma, os codificadores de regras da vida e conduta em sociedade escondem-se também por detrás de grandes sábios e exploram os seus nomes vulneráveis para ganhar subsistência. O mesmo aconteceu com os Ved. Felizmente, porém, o que pode ser considerado como a essência dos Ved - as revelações divinas de santos e videntes que viveram há milhares de anos atrás - encontra-se encerrada nos Upanishad. Nem o dogma nem a teologia, estas meditações dizem respeito apenas à experiência religiosa directa e assoberbante da vida e ao registo de revelações das verdades eternas, unindo-se pela busca comum da verdadeira natureza da realidade e proporcionando vislumbres dos estados sublimes da alma. E o Geeta assume uma forma abstracta desta essência que os Upanishad contêm. Ou, pode ainda dizer-se, o Geeta é a quintessência da substância imortal que os Upanishad reuniram a partir da poesia celestial dos Ved.

Qualquer sábio que tenha alcançado a realidade é, de igual modo, uma incorporação dessa quintessência. E em qualquer parte do mundo, a compilação das suas revelações é denominada escritura. Ainda assim, os dogmáticos e os cegos seguidores de crenças insistem que somente um ou outro livro sagrado é o depositário da verdade. Deste modo, algumas pessoas afirmam que somente o Alcorão revela a verdade e que a respectiva experiência visionária não se dará novamente. Outros mantêm que ninguém atingirá o céu sem entregar a sua fé a Jesus Cristo, o único filho de Deus. Com frequência se ouve dizer: "Não é possível existirem novamente tais sábios ou videntes ou profetas". Mas

tudo isto não passa de ortodoxia cega e irracional. A essência captada pelos verdadeiros sábios é sempre a mesma.

A sua universalidade faz do Geeta único entre as eminentes obras sagradas de todo o mundo. Tal constitui ainda um critério, pelo qual a veracidade de outros livros sagrados pode ser testada e julgada. Assim, o Geeta representa o argumento que justifica a substância da verdade noutras escrituras, resolvendo ainda disputas resultantes das suas suposições por vezes incompatíveis ou até mesmo contraditórias. Como já foi referido, quase todos os livros sagrados abundam em disposições relativas à vida e subsistência mundana, dando ainda directivas para ritos e cerimónias religiosas. Adicionalmente, e de modo a torná-los mais atractivos, encontram-se recheados de referências sensacionais. e até mesmo medonhas, sobre o que se deve ou não fazer. É lamentável que as pessoas aceitem estes assuntos superficiais como a "essência" do dharm, esquecendo-se que as regras e modos de devoção estabelecidos para a conduta e subsistência da vida térrea certamente se modificam de acordo com o local, o tempo e a situação. E tal encontrase muito além da nossa desarmonia colectiva e religiosa. A singularidade do Geeta reside no facto de ser superior a qualquer questão temporal e revelar a forma dinâmica pela qual o homem pode atingir a perfeição do Eu e a absolvição final. Não há um único verso em toda a sua composição que trate da subsistência da vida térrea. Pelo contrário, cada verso do Geeta exige dos seus discípulos que se equipem e preparem para a batalha interna – a disciplina da devoção e meditação. Em vez de nos enredar por contradições impossíveis de céu e inferno, como outros livros sagrados, o Geeta reporta-se exclusivamente à demonstração da forma pela qual a Alma pode alcançar o estado imortal e após o qual não se verifica mais a prisão do nascimento e da morte.

Tal como um escritor, todos os preceptores têm o seu próprio estilo e determinadas expressões preferidas. Para além de um médium poético, Yogeshwar Krishn empregou e deu ainda repetidamente ênfase a termos como acção (karm), yagya, varn, varnsankar, war, esfera (kshetr) e conhecimento ou discriminação (gyan) no Geeta. Estas palavras são dotadas de significados únicos neste contexto e certamente não ficam despojadas de charme com a sua frequente repetição. Tanto

na versão original em hindi, como na tradução inglesa, foram rigorosamente adoptados os singulares significados destas expressões, recorrendo-se a explicações sempre que necessário. Estas palavras e os seus significados únicos – que, hoje em dia, quase se perderam – constituem a principal atracção do Geeta. Uma vez que os eleitores se depararão com os mesmos repetidamente no Yatharth Geeta, seguemse breves definições desses termos:

KRISHN?	 Era um Yogeshwar, um adepto do yog,
	um precentor realizado

**VERDADE?** ... O Eu ou a Alma são, por si só, a verdade.

SANATAN? ... O termo significa "eterno". A Alma é eterna: Deus é eterno.

SANATAN DHARM? ... É a conduta que une a Deus.

BATALHA? ... "Batalha" é o conflito entre as riquezas

da divindade e o tesouro demoníaco, que representam os dois impulsos distintos e contraditórios da mente e do coração. A consequência última traduz-se na eliminação de ambos.

KSHETR? ... O termo significa "esfera". A esfera onde a batalha acima referida é travada é o corpo humano, uma combinação da mente juntamente com

os sentidos.

GYAN? ... O termo traduz-se por "conhecimento / discernimento". A percepção directa de Deus é conhecimento.

YOG? ... Yog trata do alcance do Espírito Supremo que vai além do apego mundano e da repulsa.

GYANYOG?

... O Caminho do Conhecimento ou Discriminação. A devoção e a meditação são acção. O Caminho do conhecimento reflecte-se no deixar-se ir pela acção com confiança na própria coragem e capacidades.

NISHKAM KARMYOG? ... O Caminho da Acção Impessoal. Esta

realiza-se sobrepondo-se à acção, dependendo de um preceptor realizado

e total auto-redenção.

A VERDADE REVELADA... Krishn revelou a mesma verdade

percepcionada

POR KRISHN? ... anteriormente por sábios videntes, e que

será percepcionada posteriormente.

YAGYA? ... Yagya é o nome dado a um

determinado processo de devoção e

meditação.

KARM? ... O termo significa "acção". A prática de

yagya traduz-se em acção.

VARN? ... Os quatro estádios em que a acção -

o modo de devoção ordenado – foi dividida constituem os quatro varn. Muito mais do que meros nomes de castas, estes representam os estados

inferiores e superiores de um devoto.

VARNSANKAR? ... A confusão do devoto e consequente

desvio do caminho de Deus - a sua

percepção é varnsankar.

CATEGORIAS HUMANAS?... Regulados por duas propriedades

naturais, existem duas categorias de pessoas: as divinos e as não divinas – as de bem e as de mal. Conduzidas pelas suas inclinações inatas, estas

ascendem ou descendem.

**DEUSES?** ... Os deuses representam o corpo colectivo

dos impulsos virtuosos que residem no coração e que permitem à Alma alcançar a sublimidade do Deus supremo.

AVATAR? ... O termo significa "incarnação". Esta

incarnação resulta sempre no interior do coração humano e nunca

exteriormente.

#### **VIRAT DARSHAN?**

Esta expressão pode ser traduzida como "visão do Omnipresente". Tratase da intuição atribuída pelo divino no coração dos sábios e somente perceptível quando o Ser Supremo se revela enquanto visão ao devoto.

#### O DEUS ADORADO?

O objectivo supremo. Somente o único Deus transcendental deve ser venerado. O local onde este deve ser procurado é o coração e tal apenas pode ter lugar por meio de médiuns sábios (preceptores realizados) que tenham alcançado o estado não manifestado.

A partir disto, e de modo a compreender a forma de Krishn, há que estudar até ao capítulo 3, e no capítulo 13 será evidente que Krishn foi um sábio realizado (yogi). A verdade exposta no Geeta será revelada no capítulo 2, que demonstra como "eterno" e "verdade" são substitutos, sendo estes conceitos, contudo, ainda abordados ao longo de todo o poema. A natureza da "batalha" tornar-se-á evidente no capítulo 4, pelo que qualquer dúvida respeitante a este assunto se encontrará dissipada ao capítulo 11. Porém, até ao capítulo 16 mais luz será lançada sobre este tema. O capítulo 13 deverá ser repetidamente relido devido à sua referência elaborada da esfera – o campo de batalha – onde a "batalha" é travada.

Os capítulos 4 e 13 esclarecerão que a percepção se traduz em conhecimento (gyan). O significado de yog é abordado de forma distinta no capítulo 6, embora os contornos de diversos aspectos da questão nos levem de novo através de todo o texto. O Caminho do Conhecimento será claramente perceptível nos capítulos 3 a 6, quase não havendo necessidade de consultar os capítulos posteriores. No capítulo 2 introduzse o Caminho da Acção Impessoal, que aí é explicado e exposto até ao final. O significado de yagya proporcionará leituras bem distintas nos capítulos 3 e 4.

A acção (karm) é mencionada pela primeira vez no trigésimo nono verso do capítulo 2. Dando aqui início, e se se prosseguir a leitura até

ao capítulo 4, será claro porque "acção" trata de devoção e meditação. Os capítulos 16 e 17 apresentam argumentos convincentes sobre esta verdade. No capítulo 3 faz-se referência ao problema de varnsankar, ao passo que a incarnação (avatar) é esclarecida no capítulo 4. Apesar da classificação dos quatro varn seja referida nos capítulos 3 e 4, será abordada mais extensivamente no capítulo 18. O capítulo 16 trata da divisão dos homens em duas categorias: divina e demoníaca. Os capítulos 10 e 11 revelam a forma omnipresente e cósmica de Deus. sendo o tema novamente abordado nos capítulos 7, 9 e 15. O facto de todos os outros deuses e deusas serem um mito sem fundamento é determinado nos capítulos 7, 9 e 17. Os capítulos 3, 4, 6 e 18 demonstram indubitavelmente que, no lugar de um local externo, tal como um templo com as suas representações, a morada adequada para a veneração de Deus é o coração do devoto, no qual o exercício da contemplação pela respiração inalada e exalada tem lugar em reclusão. Caso o leitor tenha pouca disponibilidade de tempo, poderá vislumbrar o cerne do Geeta ao estudar os primeiros seis capítulos.

Tal como já foi mencionado, em vez de providenciar as ferramentas necessárias à subsistência da vida mundana e mortal, o Geeta instrui os seus devotos na arte e disciplina que lhes trará certamente a vitória na batalha da vida. Mas a batalha retratada pelo Geeta não é uma guerra no sentido físico e mundano do termo, travada com armais mortais, e na qual as conquistas nunca têm carácter permanente. A batalha do Geeta trata do confronto das propriedades inatas e inclinações e cuja representação simbólica tem merecido honras ao longo do tempo na tradição literária. O que o Geeta representa como batalha entre Dharmkshetr e Kurukshetr, entre as riquezas da piedade e a acumulação da impiedade, entre bem e mal, não é diferente das batalhas Védicas entre Indr e Vrit – entre consciência e ignorância, ou as lutas Purânicas entre deuses e demónios, ou as batalhas entre Ram e Ravan e entre os Kaurav e os Pandav nos grandes épicos indianos Ramayan e Mahabharat.

Mas onde se encontra o campo de batalha no qual se trava esta "batalha"? O Dharmkshetr e o Kurukshetr do Geeta não se tratam de localizações geográficas.

Tal como o poeta do Geeta fez Krishn revelar a Arjun, o corpo físico e humano é, ele mesmo, a esfera - a parcela de terra - no qual as sementes do bem e do mal germinam como sanskar. Os dez órgãos dos sentidos, mente, intelecto, sensibilidade, ego, as cinco substâncias primárias e as três propriedades inatas diz-se constituírem toda a extensão desta esfera. Irremediavelmente impelido pelas três propriedades - sattwa, rajas e tamas - o homem é compelido a agir. Este não sobrevive nem por um momento sem se submeter à acção. Kurukshetr é a esfera onde, desde tempos imemoráveis, nos submetemos a repetidos ciclos de nascimentos, a repetidos ciclos de mortes e a repetidos ciclos de concepção no útero materno. Quando, através da accão de um nobre preceptor, aquele que busca embarca no verdadeiro caminho da veneração e meditação e inicia gradualmente o seu caminho em direcção ao Ser Supremo - incorporação do mais sublime dharm - o Kurukshetr (esfera da acção) transforma-se em Dharmkshetr (esfera do bem).

Nesse corpo humano, na sua mente e no seu coração – as moradas mais íntimas dos pensamentos e sentimentos – sempre se debateram duas tendências distintas e primordiais: a divina e a demoníaca. Pandu, a imagem da virtude, e Kunti, a conduta respeitadora, constituem o tesouro da divindade. Antes do despertar do bem no coração humano, o homem considera os seus actos como uma obrigação à luz da sua errónea interpretação. Mas, na verdade, este é incapaz de actuar meritoriamente, dado não poder haver consciência do próprio dever sem ocorrer virtude moral e bondade. Karn, que vive todo o tempo em luta contra os Pandav, é o único rebento de Kunti antes de esta ser desposada por Pandu. E o inimigo mais terrível dos seus outros filhos os Pandav - é exactamente Karn. Karn é, deste modo, o tipo de acção hostil ao carácter essencialmente divino do Eu. Ele representa as tradições e costumes que associam e impedem os homens de se libertarem de ritos e cerimónias falsas e mal orientadas. Contudo, com o despertar da virtude, verifica-se uma ocorrência gradual de Yudhisthir, a incorporação do dharm: Arjun, a imagem da devoção afectuosa; Bheem, um tipo de sentimento profundo; Nakul, o símbolo da vida regulada; Sahdev, o aderente à verdade; Satyaki, o repositor da bondade; o Rei de Kashi, um emblema da santidade que habita o homem; e Kuntibhoj, o símbolo do mundo – a conquista pela submissão fervorosa ao dever. O número total dos Pandav é de sete akshauhini. "Aksh" é outra palavra cujo significado é visão. O que se constitui de amor e consciência da verdade traduz-se n o tesouro da divindade. Na verdade, os sete akshauhini, que são entendidos como a força completa do exército dos Pandav, não é de percepção física. Efectivamente, o número representa os sete passos – os sete estágios do yog – que aquele que busca tem de atravessar de modo a alcançar o Deus sublime, o seu objectivo supremo.

Do lado contrário ao do exército dos Pandav, incorporações dos impulsos pios para além da contagem, encontra-se o exército de Kurukshetr – dos Kaurav – com uma força de onze akshauhini. Onze é o número dos dez órgãos dos sentidos e de uma mente. O que é constituído pela mente, juntamente com os dez sentidos, é o tesouro demoníaco, uma parte do qual consiste em Dhritrashtr, que insiste na ignorância apesar da sua consciência da verdade. Gandhari, seu consorte, é o tipo de disposição sensorial. Com eles encontram-se Duryodhan, o símbolo da ênfase excessiva; o maldoso Dushashan; Karn, o responsável pelos actos alheios; o desiludido Bheeshm; Dronacharya de conduta dupla; Ashwatthama, a imagem do apego, o céptico Vikarn; Kripacharya, o tipo de conduta compassiva num estado de devoção incompleta; e Vidur, que representa o Eu que se debate com a ignorância, mas cujos olhos se dirigem constantemente aos Pandav. Vidur traduzse no Eu associado à natureza que luta pelo seu caminho virtuoso e pelo esclarecimento espiritual, uma vez que busca uma parte imaculada do Espírito Supremo. Por esta razão, o número de impulsos maldosos é, também, infinito.

Como foi possível constatar, a esfera – o campo de batalha – é um único, o corpo físico, mas os impulsos que travam uma batalha constante uns contra os outros são somente dois. Ao passo que um deles tenta o homem para ver a natureza como algo real, afectando assim a sua despromoção para o nascimento em formas mais inferiores, o outro procura persuadi-lo com a realidade e o domínio omnipresente do Ser Supremo, concedendo-lhe acesso a ele. Ao procurar refúgio num sábio que tenha apreendido a essência, dá-se, por um lado, uma ascensão

xix

gradual e sólida dos impulsos virtuosos e, por outro lado, um declínio e posterior destruição de impulsos demoníacos. Quando já não se verifica qualquer réstia de maldade e a mente se encontra perfeitamente controlada, e este domínio deixa de ter lugar, deixa de existir qualquer necessidade relativamente ao tesouro da divindade. Arjun tem a visão de seguir o exército dos Kaurav, e os guerreiros de Pandav lançam-se violentamente no fogo do Omnipresente, sendo aniquilados. Até mesmo os impulsos pios são, assim, dissolvidos com a realização final, e a consequência última prossegue a partir daí. Caso o sábio realizado se submeta a algo após a dissolução final, trata-se apenas de orientação e aperfeiçoamento para com os seus seguidores e discípulos menos afortunados.

Visando a melhoria do mundo, os sábios idealizaram metáforas concretas e tangíveis para representar abstracções subtis. Deste modo, todas as personagens do Geeta são simbólicas – meras metáforas – de inclinações e capacidades informes e sem expressão. São referidas entre trinta a quarenta personagens no primeiro capítulo, metade das quais se traduzem em forças piedosas, enquanto as outras representam forças da impiedade. A primeira metade são forças dos Pandav, ao passo que as outras se encontram do lado dos Kaurav. Cerca de meia dúzia destas personagens são novamente referidas por ocasião da visão de Arjun do Deus omnipresente. Mas, para além destes dois capítulos, não há qualquer outra alusão a estas personagens em outro ponto do Geeta. De todas elas, somente Arjun se apresenta ante Yogeshwar Krishn do princípio ao fim. E também Arjun se limita a ser, como veremos, nada mais do que um tipo de devoção. Mais do que um indivíduo tridimensional, ele representa a devoção do tipo afectivo.

No início, Arjun encontra-se profundamente agitado face à tão desejada perspectiva de perda daquilo que ele erradamente assume como sendo o dharm intemporal e eterno da sua família. Mas Yogeshwar clarifica-o que a dor e a irresolução se tratam de ramificações da ignorância, pois a Alma é, por si só, eterna e indestrutível. O corpo perece, e Arjun é levado ao combate porque assim foi ditado. Contudo, a exortação de Krishn não esclarece se Arjun deve chacinar os Kaurav sozinho. Caso tenha de destruir os seus corpos, não se tratam os Pandav

então também de seres físicos? Os familiares de Arjun não se encontram de ambos os lados? É possível matar o corpo baseado em sanskar com uma espada? E ainda mais intrigante: se o corpo perece e não possui uma existência real, quem é Arjun? E quem defende e protege Krishn? Estará ele com Arjun para salvar e preservar um corpo? Não proclama ele que aquele que visa o corpo é um homem pecaminoso e iludido que vive em vão? Se Krishn defende meramente um corpo, não será ele próprio um ser pecaminoso e iludido com uma vida fútil? Contudo, tal como já foi referido, Arjun do Geeta nada mais é do que um símbolo – a incorporação da devoção dedicada.

O preceptor realizado encontra-se em permanentes leituras de modo a auxiliar o seu discípulo. Arjun e Krishn são, respectivamente, o pupilo afectuoso e dedicado e o mentor preocupado e cuidadoso. Dado encontrar-se confuso com o sentido de dharm, Arjun roga humildemente a Krishn que o esclareça sobre esse tema, o que se traduz na felicidade mais favorável ao Eu. A meta de Arjun consiste na beatitude última e não tanto em recompensas materiais. Desta forma, implora a Krishn não só por instrução, mas ainda por auxílio e apoio, uma vez que se trata de um pupilo que encontrou abrigo num preceptor dedicado. Um pupilo fervoroso e devotado, aprendendo com um mestre esclarecido e afectuoso é um tema abordado ao longo de todo o Geeta.

Movido pelos sentimentos, se alguém insistisse em permanecer com o meu mais admirado e nobre mentor, Parmanand Ji, este diria: "Ide e vivei com o vosso corpo onde quereis, mas sede comigo na vossa mente. Recitai a cada manhã e a cada tarde o nome de um ou dois literatos como Ram, Shiv ou OM, e contemplai a minha forma no vosso coração. Se puderdes efectivamente manter essa forma, dar-vos-ei o nome daquele que recitais. Mas se essa adoração se tornar ainda mais forte, habitarei para sempre o vosso coração como um cocheiro". Quando o nosso Eu se torna numa unidade com a forma do preceptor realizado, este debate-se tão intimamente connosco como os nossos membros. Ele inicia a sua orientação ainda antes da aparição das inclinações virtuosas na mente. E uma vez ao residir no coração do devoto, permanece consciente e inseparável do Eu do seu discípulo.

Após observar as variadíssimas glórias de Yogeshwar Krishn no capítulo 11, Arjun retrai-se com medo e começa por desculpar-se pelas

xxi

suas impropriedades inferiores. Amigo afectuoso e preceptor admirável, Krishn rapidamente o perdoa, reassumindo a sua forma plácida e benigna. De seguida, esclarece Arjun que nunca ninguém antes no passado vislumbrou essa sua manifestação, nem nunca ninguém o fará no futuro. Assim sendo, a visão do Espírito Supremo foi pensada unicamente para Arjun e o Geeta não terá, aparentemente, qualquer utilidade para nós. Porém, não tem Sanjay a mesma visão juntamente com Arjun? E não assegurou Krishn anteriormente que, esclarecidos e redimidos pelo yagya do conhecimento, muitos sábios teriam sido abençoados com a percepção directa da sua pessoa? Que terá, afinal de contas, Yogeshwar Krishn tentado comunicar? Arjun representa a personificação do afecto e da dedicação, sentimentos estes partilhados por toda a humanidade. Nunca ninguém desprovido destes sentimentos vislumbrou o Deus ambicionado, e nenhum homem desprovido destes sentimentos o verá no futuro. Nas palavras de Goswami Tulsida, Ram não pode, apesar das permanentes récitas, de yog e de renúncia, ser percepcionado sem fé dedicada. Neste sentido, Arjun é uma figura simbólica. Caso assim não fosse, seria mais prudente da nossa parte manter-nos afastados do Geeta, pois somente Arjun teria o direito de vislumbrar Deus.

No final do mesmo capítulo (ou seja, o capítulo 11), Krishn garante o seguinte ao seu amigo e devoto: "Ó Arjun, mordaz contra os inimigos, um devoto pode percepcionar esta minha forma directamente, apreender a sua essência, e até mesmo formar uma unidade com ela através da devoção total e fiel." "Devoção intencional" é outra expressão para "afecto terno" e essa é a característica que distingue Arjun. Ele é ainda um símbolo da busca. Também um avatar é simbólico, tal com todas as outras personagens do Geeta, para que possamos imaginar a grande batalha de Kurukshetr, o "campo de batalha da Alma".

Independentemente da existência de verdadeiras personagens histórias como Arjun e Krishn e do facto de se ter dado efectivamente uma batalha denominada Mahabharat, o Geeta não trata de modo algum de uma guerra física. Assistindo a essa guerra histórica, não foi o seu exército mas antes Arjun que se sentiu afectado. O exército encontravase totalmente preparado para o combate. Tal não implicaria, então, que ao pregar a Arjun, Krishn apenas tinha conferido ao seu querido amigo

e discípulo a capacidade de ter mérito no campo de batalha? De facto, todos os meios de alcance espiritual não podem ser apresentados em preto e branco. Mesmo após analisar o Geeta diversas vezes, permanece a necessidade de percorrer o caminho da realização divina que o Senhor planeou. E é dessa necessidade que trata o Yatharth Geeta.

Shree Gurupurnima 24 de Julho de 1983

Swami Adgadanand

#### CAPÍTULO 1

### O YOG DA IRRESOLUÇÃO E DA DOR

 "Dhritarashtr disse: 'Reunidos em Kurukshetr¹ e Dharmakshetr e desejosos pelo combate, que fizeram, ó Sanjay, os meus e os filhos de Pandu?'"

Dhritarashtr é a própria imagem da ignorância e Sanjay incorpora o auto-domínio. A ignorância esconde-se no cerne das mentes objectivas e materialmente absortas. Com a mente envolta na escuridão, Dhritarashtr é cego de nascença, mas vê e ouve através de Sanjay, o epítome do auto-controlo. Ele sabe que apenas Deus é real, mas enquanto o seu amor excessivo por Duryodhan, nascido da ignorância, subsistir, a sua visão interior estará centrada nos Kaurav, que simbolizam as forças ímpias dos impulsos negativos e pecaminosos.

O corpo humano é um campo de batalha. Quando há abundância divina no coração, o corpo transforma-se em Dharmakshetr (campo do dharma). Mas degenera num Kurukshetr quando infestado por forças demoníacas. Kuru significa "age", o termo é imperativo. Como Krishn disse: "Levado pelas três qualidades² nascidas de prakriti (natureza), o

#### धृतराष्ट्र उवाच धर्मक्षेत्रे कुरुक्षेत्रे समवेता युयुत्सवः । मामकाः पाण्डवाश्चैव किमकुर्वत संजय।।१।।

- O campo ou esfera do dharm. O dharm não se resume somente a virtudes morais e bons actos, mas sim ao carácter essencial que permite que algo ou alguém seja ele senhor de ele mesmo.
- 2 Sattwa, tamas e rajas, as três gunas ou propriedades ou qualidades constituintes de todos os seres e objectos materiais. Sattwa traduz-se na virtude ou a qualidade da bondade; tamas é a ignorância ou a escuridão e rajas corresponde à paixão ou cegueira moral.

homem é forçado a agir, sem acção é incapaz de viver um momento que seja". Estas propriedades (virtude, ignorância e paixão) forçam-no a agir. Mesmo durante o sono, a acção não cessa, uma vez que se trata da subsistência indispensável ao corpo. Estas três propriedades reduzem os homens do nível divino ao nível das criaturas mais desprezíveis, tais como os vermes. Enquanto o mundo material e as suas propriedades perdurarem, perdurará também kuru. Por esta razão, o ciclo do nascimento e da morte, que se desenvolveu de uma origem anterior ou prakriti (natureza), traduz-se em Kurukshetr, ao passo que a esfera dos impulsos justos, que conduzem o Espírito a Deus, a uma realidade espiritual mais elevada, é Dharmakshetr.

Arqueólogos encontram-se empenhados em localizar Kurukshetr em Punjab, Kashi e Prayag. Mas o próprio poeta de Geeta sugeriu através de Krishn o local do combate deste poema sagrado. "Este corpo, ó Arjun, é ele mesmo um campo de batalha, e aquele que o conquistar irá desenvolver-se espiritualmente bem ao compreender a sua essência." É então exposta a estrutura deste "campo de batalha", esfera da acção constituída por dez sensores³, a mente objectiva e subjectiva, o ego, os cinco elementos⁴ e as três qualidades. O próprio corpo é um campo ou uma arena. As forças que colidem neste campo são duas, as pias e as ímpias, as divinas e as demoníacas, a descendência de Pandu e a de Dhritarashtr, as forças favorecedoras do carácter essencialmente divino do Espírito e aquelas que o ofendem e aviltam.

A pista do mistério do conflito da oposição destes impulsos começa a ser entendida quando se procura esclarecimento junto a um celebrizado sábio que se tenha valorizado através da veneração e meditação. Este campo é daquele que captar a sua essência, sendo o combate que ali foi travado o único combate real. A História está repleta de guerras no mundo, mas os vitoriosos dessas guerras apenas perseguiram em vão uma conquista permanente. Essas guerras nada mais foram do que actos de retribuição. A verdadeira vitória consiste na superação da matéria e na percepção do Espírito Supremo transcendental, assim como em tornarse uno com este. Esta é a única conquista em que não há lugar à derrota.

<sup>3</sup> Os dez órgãos dos sentidos: cinco perceptivos (gyanendriani) e cinco órgãos de acção (karmendriani).

<sup>4</sup> Substâncias primárias.

Trata-se da verdadeira salvação após a qual não mais se verifica a prisão do nascimento e da morte.

No abismo da ignorância, a mente compreende através daquele que tenha dominado a mente e os sentidos, entendendo assim o que ocorreu no campo de batalha, onde, entre os combatentes, se encontram também aqueles que percepcionaram a realidade. A visão é sempre proporcional ao domínio que se tem sobre a mente e os sentidos.

### "Sanjay disse: 'Nesse momento, após vislumbrar o exército dos Pandav em ordem de batalha, o Rei Duryodhan dirigiu-se ao seu preceptor e falou assim'."

A conduta dual denomina-se Dronacharya. Quando a consciência se apercebe que nos encontramos alienados de Deus, ocorre no coração uma sede voraz pelo alcance desse Espírito enaltecido. Só então nos dedicamos à procura de um preceptor esclarecido, um sábio realizado (Guru)<sup>5</sup>. Encontrando-se entre ambos estes impulsos opostos, esta consciência revela-se no primeiro passo para a sabedoria, apesar do preceptor da perfeição suprema se tratar de Yogeshwar Krishn<sup>6</sup>, ele próprio um adepto do yog<sup>7</sup>.

O Rei Duryodhan, uma incarnação do apego excessivo aos objectos mundanos, dirige-se ao seu preceptor. O apego é a causa de todos os pesares, aquela que os rege. É ele o responsável por nos mantermos afastados do tesouro espiritual e, por essa razão, recebe o nome de Duryodhan. Somente a propriedade da Alma é firme, sendo o apego que faz brotar a impureza dentro dela, arrastando-nos para o mundo material. Contudo, também proporciona o motivo primário para o esclarecimento,

### संजय उवाच दृष्ट्वा तु पाण्डवानीकं व्यूढं दुर्योधनस्तदा। आचार्यमुपसंगम्य राजा वचनमब्रवीत्।।२।।

- O equivalente sânscrito é guru: um preceptor ideal. A função de tal preceptor tal como formulado pelo pensamento hindu, é dupla. Por um lado, esclarece as escrituras, mas, mais importante, ensina ainda a partir de exemplos da sua vida.
- De modo a compreender o espírito do Geeta, é importante ter em consideração que Krishn é um mortal, tal como Deus (Vishnu, equivalente a Brahm – o Espírito Supremo na oitava incarnação).
- 7 Yog: o que une o Eu ao Espírito Supremo. Yogeshwar é um adepto de yog.

pois a curiosidade só é possível na existência de apego, caso contrário apenas sobrevive o Espírito supremo.

Deste modo, após assistir à chegada do exército dos Pandav, ou seja, após vislumbrar os impulsos do bem em harmonia com o Eu, Duryodhan, vítima do apego, dirige-se ao seu preceptor Dronacharya, dizendo:

 "Olhai, mestre, este exército gigantesco dos filhos de Pandu, disposto em formação de combate pelo teu inteligente pupilo, o filho de Drupad (Dhristdyumn)."

Dhristdyumn, filho de Drupad, é a mente firme que valoriza a fé na realidade universal e imutável. É, desta forma, o mestre representante dos impulsos do bem, que elevam da actividade impessoal num espírito de reverência e sem arrogância à divindade espiritual. "Não os meios, mas sim a determinação da mente, deve ser firme."

Vamos então analisar o exército de Pandav mais detalhadamente.

4. "Aqui no exército encontram-se muitos arqueiros valentes, Yuyudhan, Virat e o grande comandante marcial Drupad, que possuem igual valor aos seus pares Arjun e Bheem e..."

Este exército é composto por aqueles que sabem guiar as almas até ao Espírito supremo, como Bheem, a incorporação do sentimento resoluto; a imagem da devoção terna, Arjun, e muitos outros bravos guerreiros como Satyaki, dotado de bondade; Virat e o grande líder guerreiro, Drupad, símbolo da consistência e firmeza no caminho da espiritualidade, e...

 "Dhrishtketu, Chekitan e o poderoso Rei de Kashi, assim como ainda Purujeet e Kuntibhoj e Shaibya, os homens sem paralelo e..."

पश्यैतां पाण्डुपुत्राणामाचार्य महतीं चमूम्। व्यूढां द्रुपदपुत्रेण तव शिष्येण धीमता।।३।। अत्र शूरा महेष्वासा भीमार्जुनसमा युधि। युयुधानो विराटश्च द्रुपदश्च महारथ:।।४।। धृष्टकेतुश्चेकितान: काशीराजश्च वीर्यवान्। पुरुजित्कुन्तिभोजश्च शैब्यश्च नरपुङ्व:।।५।।

Dhrishtketu, firme no dever, e Chekitan, capaz de governar com o seu pensamento errante e concentrar-se no Espírito Supremo. O Rei da sagrada cidade de Kashi – um emblema do sagrado que reside no mundo do corpo. Purujeet, aquele que obtém vitória sobre a matéria sob todas as suas formas – grosseira, subtil e instrumental. Kuntibhoj, que conquista a vida mundana ao executar o que é de mérito. E ainda Shaibya, de conduta virtuosa.

### 6. "O valente Yudhmanyu, o poderoso Uttmauj, Saubhadr e os cinco filhos de Draupadi – todos eles grandes guerreiros."

O heróico Yudhmanyu de temperamento guerreiro; Uttmauj, com seu espírito de abandono que flúi com sagrada perfeição; Abhimanyu (Saubhadr), filho de Subhadra, detentor de uma mente desconhecedora de medo pois baseia-se na rectidão; e os cinco filhos de Draupadi, representando ela mesma a forma de discernimento do divino. Todos eles são grandes guerreiros de seu nome ternura, beleza, compaixão, repouso espiritual e consistência. Todos eles são reconhecidos pela sua capacidade de atravessar na perfeição o caminho da realização espiritual.

Assim, Duryodhan enumera ao seu preceptor um número de nomes pertencentes aos Pandav que representam alguns dos princípios vitais da perfeição divina. Apesar ser a ignorância que nos rege os impulsos impróprios ao carácter essencialmente espiritual do Eu, é esse sentimento (o apego) que começa por motivar-nos no desejo da percepção do tesouro da divindade.

No que se refere à fracção de Durodhyan, este refere-a apenas brevemente. Caso se tivesse verificado uma verdadeira batalha física, ter-se-ia alongado mais sobre o seu exército. Contudo, apenas algumas descrições são citadas, dado que estas devem ser ultrapassadas e são prescindíveis. São assim apenas mencionadas uma dúzia de exemplos, no âmago dos quais reside uma propensão mundana.

युधामन्युश्च विक्रान्त उत्तमौजाश्च वीर्यवान्। सौभद्रो द्रौपदेयाश्च सर्व एव महारथा:।।६।। 7. "Para que saibais, ó mais digno dos renascidos<sup>8</sup> (Brâmanes), os nomes dos mais eminentes entre nós: os chefes do nosso exército. A estes nomeá-los-ei para vossa informação."

"O mais digno dos renascidos." É assim que Duryodhan se dirige ao seu preceptor Dronacharya antes de lhe apresentar os chefes do seu exército. "O mais digno dos renascidos" não seria o termo mais apropriado para se referir a um comandante supremo, caso a guerra fosse física, externa. Na verdade, o Geeta reporta-se ao conflito entre impulsos inatos contraditórios, à conduta dual representada por Dronacharya. O mundo material existe e aí tem lugar a dualidade, mesmo que nos encontremos isolados de Deus. Contudo, também a necessidade de superar esta dualidade entre objecto e espírito provém inicialmente do preceptor Dronacharya. É o conhecimento imperfeito que provoca a sede pelo conhecimento.

É agora altura de dedicar atenção aos líderes dos impulsos, que são hostis ao carácter essencialmente sagrado do Eu.

 "Veneráveis Bheeshm e Karn, e também Kripa – vitorioso nas guerras – Ashwatthama e Vikarn, tal como Saumdutti (Bhurushrawa, filho de Somdutt)."

O comandante supremo é o próprio Dronacharya, que simboliza a conduta dual. Considere-se ainda o ancião Bheeshm, a imagem da ilusão. A ilusão é a origem do afastamento do estado ideal. Uma vez que esta sobrevive até ao derradeiro momento, é ela também o nosso passado. Após todo o exército ter caído, Bheeshm vive ainda. Ele jaz inconsciente na sua cama de setas e respira. Tal como Bheeshm, mostram-se ainda Karn, um traidor do carácter sagrado do Eu, e o guerreiro conquistador Kripacharya. Kripacharya representa o acto de compaixão por aquele

अरमाकं तु विशिष्टा ये तान्निबोध द्विजोत्तम। नायका मम सैन्यस्य संज्ञार्थं तान्त्रवीमि ते ।।७।। भवान्भीष्मश्च कर्णश्च कृपश्च समितिंजय:। अश्वत्थामा विकर्णश्च सौमदत्तिस्तथैव च।।८।।

<sup>8 &</sup>quot;Renascido" devido ao nascimento espiritual ou despertar (realização) que se alcança pelo auto-conhecimento e contemplação.

que busca antes do estado da auto-percepção. Deus é um poço de compaixão e o sábio atinge esse mesmo estádio após a realização. Mas até atingir esse estádio, no período em que o devoto é afastado a Deus e Deus é afastado dele, quando os impulsos hostis ainda se encontram vivos e fortes, ele é eliminado. Por agir misericordiosamente, Sita teve de submeter-se durante anos à penitência em Lanka<sup>8A</sup>.

Vishwamitr caiu do estado de graça por ter sentido ternura neste estádio. Maharshi Patanjali, o preceptor do yog do aforismo já tem expressado uma perspectiva semelhante: "As conquistas que resultam da meditação são, efectivamente, conquistas, mas são também óptimos obstáculos no caminho ao esforço da Alma individual pela identificação com o Espírito Supremo, tal como o desejo sensual, a raiva, a cobiça e a ilusão". Goswami Tulsidas disse: "Ó Garud, múltiplos são os obstáculos apresentados por maya<sup>9</sup> quando nos propomos a desbravar os nós das propriedades da natureza – meras distorções da verdade. A realização da santidade eleva-nos, mas a mente conjura tentações atrás de tentações".

O maya ilusório cria dificuldades de várias formas: concretiza conquistas humanas e riquezas secretas, transformando-as até em seres sagrados. E a passagem de um ser com tais capacidades reanima até um moribundo. Contudo, e apesar da recuperação do paciente, aquele que busca será destruído se considerar a cura como uma conquista sua.

<sup>88</sup> Sita era a mulher do Senhor Ram, a principal personagem do épico Ramayan. A mãe deste, Kaikayi, expulsou-o como recluso para as florestas e, obedecendolhe, o Senhor Ram permaneceu na selva. Sita rogou -lhe para lhe trazer um "Veado Dourado" e este, de modo a realizar o desejo da sua mulher, foi atrás do veado, avisando-a porém que, para sua protecção, até ele regressar não devia abandonar sozinha a segurança da cabana de meditação, independentemente da tentação. Após a partida de Ram, e ao ver Sita sozinha e desprotegida, Ravan - o rei demoníaco de Lanka que cobiçava Sita e a queria para sua mulher aproximou-se da cabana disfarçado de sábio. Aproveitando-se da situação, Ravan levou Sita, tendo esta de permanecer cativa em Lanka por muitos meses. Se Sita tivesse aguardado o regresso de Ram, tal como ele aconselhara, e não tivesse abandonado a segurança da cabana da meditação sob o erróneo pretexto (o que na literatura budista se denomina de "compaixão idiota" - ou seja, negligenciar os cuidados com o próprio bem-estar por forma a auxiliar os outros) de piedade e compaixão pelo sábio implorante, poderia ter evitado toda a tortura e os apuros a que teve de se submeter.

<sup>9</sup> Maya: a ilusão pela qual o universo irreal e físico é considerado como verdadeiramente existente e distinto do Espírito Supremo.

Assim, no lugar de uma doença, surgirão mil maleitas na sua mente, o processo de contemplação reverente será interrompido e ele será desviado do caminho certo e o mundo material dominá-lo-á. Se o objectivo for irreal e ele sentir compaixão, esse acto será, por si só, suficiente para que todo o seu exército colapse. Deste modo deve estar alerta face ao sentimento da compaixão até ao momento da realização final. Por outro lado, é verdade que a compaixão é o traço distintivo de um santo. Mas ainda antes da realização derradeira, a compaixão é o guerreiro mais poderoso entre todos os impulsos demoníacos. Por esse motivo, Ashwatthama é a imagem do apego desordenado, Vikarn da indecisão e Bhurisheawa da perplexidade e confusão. Todos eles são chefes da corrente da vida absorta.

## 9. "E (existem) ainda muitos outros guerreiros equipados com inúmeras armas, que buscaram a esperança da vida por mim."

Muitos outros bravos guerreiros estão determinados, confidencia Duryodhan a Dronacharya, a lutar por ele, pondo mesmo em risco as suas vidas. Porém, não é revelado quem eles são. Duryodhan assinala então as qualidades inatas e fortificadoras de cada um dos dois exércitos.

# 10. "O nosso exército, defendido¹º por Bheeshm, é invencível, ao passo que o exército deles, defendido por Bheem, é simples de derrotar."

O exército de Duryodhan, "defendido" por Bheeshm, é invencível, ao passo que o exército inimigo, o de Pandav, "defendido" por Bheem, é de fácil conquista. A recorrência a jogos de palavras ambíguos como paryaptam e aparyaptam<sup>11</sup> é, por si só, um sinal do duvidoso estado de

अन्ये च बहवः शूरा मदर्थे त्यक्तजीविताः। नानाशस्त्रप्रहरणाः सर्वे युद्धविशारदाः।।९।। अपर्याप्तं तदस्माकं बलं भीष्माभिरक्षितम्। पर्याप्तं त्विदमेतेषां बलं भीमाभिरक्षितम्।।१०।।

- Na anciã arte da guerrilha hindu, cada exército tinha um comandante-chefe e, paralelamente, um campeão um homem de grande valor, coragem e inteligência que agia como seu "defensor".
- São possíveis duas interpretações contraditórias, uma vez que aparyaptam tanto significa "insuficiente" como "ilimitado" e paryaptam "adequado" e "limitado".

mente de Duryodhan. Desta forma, terá de se analisar cuidadosamente a força que Bheeshm representa, e na qual repousam todas as esperanças dos Kaurav, assim como a qualidade simbolizada por Bheem, na qual os Pandav, dotados do tesouro da divindade, confiam. Duryodhan revela então a sua última análise da situação.

### 11. "Assim, enquanto mantiverdes as vossas posições nas várias divisões, todos vós devereis indubitavelmente proteger apenas Bheeshm por todos os lados."

Duryodhan ordena a todos os seus chefes para que mantenham os postos e que protejam Bheeshm de todos os lados. Os Kaurav não podem ser derrotados se Bheeshm estiver a salvo e vivo. Deste modo, torna-se imperativo para todos os chefes dos Kaurav defender Bheeshm, em lugar de combater contra os Pandav. Tal facto acaba por ser estranho pois, afinal de contas, que tipo de "defensor" é Bheeshm se não se sabe defender a si mesmo? O que intriga mais é o facto dos Kaurav dependerem inteiramente dele, razão pela qual têm de recorrer a todas as medidas possíveis para o proteger, uma vez que não se trata certamente de um guerreiro físico. Bheeshm trata-se da ilusão. Enquanto a ilusão estiver viva, os impulsos do mal não podem ser derrotados. Assim, "invencível" significa aqui antes "difícil de derrotar" e não "impossível de derrotar". Tal como Goswami Tulsidas disse: "O mais complicado de conquista é o hostil mundo da matéria, sendo aquele que o domina um verdadeiro herói".

Se a ilusão cessa, deixa de existir ignorância e as réstias dos sentimentos negativos, tal como o apego excessivo, dissipam-se rapidamente. Bheeshm tem a sorte de ter a capacidade de decidir o momento da sua morte, pelo que o desejo da morte e a morte da ilusão se traduzem no mesmo. Tal foi expresso explicitamente pelo Santo Kabir: "Dado que o desejo é o responsável pelo ciclo dos nascimentos e pela ilusão, assim como é o desejo o criador do mundo material, aquele que abandonar o desejo nunca poderá ser conquistado".

अयनेषु च सर्वेषु यथाभागमवस्थिताः। भीष्ममेवाभिरक्षन्त भवन्तः सर्व एव हि।।१९।।

Aquele que não estiver iludido é eterno e oculto. O desejo é a ilusão e progenitor do mundo. Sob o ponto de vista de Kabir, "o Eu que se liberta do desejo encontra-se unificado com a realidade insondável, eterna e livre. Aquele que se tiver libertado do desejo habita o Eu e nunca abandona esse estado, pois o seu ser está como o Espírito Supremo". De início debatemo-nos com inúmeros desejos, mas no final fica apenas a vontade da percepção de Deus. Também a realização deste ensejo simboliza o final do desejo. Caso existisse algo superior, melhor ou mais precioso que Deus, certamente que seria desejado. Mas se não há nada para além ou superior a ele, que mais pode ser ambicionado? Quando tudo, o que pode ser alcançado, já foi atingido, as raízes do desejo são destruídas e a ilusão acabam por esmorecer. E é esta a morte de Bheeshm. Porém, desta forma, defendido por Bheeshm, o exército de Duryodhan é invencível em todos os aspectos, pois a ignorância encontra-se presente enquanto a ilusão persistir. Ao morrer a ilusão, a ignorância perece igualmente.

O exército dos Pandav, pelo contrário, defendido por Bheem, é simples de conquistar. Bheem simboliza o sentimento: "Deus reside no sentimento". Krishn descreveu-o como devoção, baseia-se no próprio Deus. O sentimento de devoção é um impulso pio de perfeição imaculada, é protector do bem. Por um lado, apresenta tantos recursos que permite a percepção do Espírito Supremo, por outro lado é ainda tão delicado e frágil que, num dia a fidelidade e adesão muitas vezes se traduzem no dia seguinte em insignificância e mesmo em total privação. Hoje admiramos um sábio pelas suas virtudes, mas no dia imediatamente a seguir criticamos e censuramo-lo ao tê-lo visto deliciar-se com algo. A devoção é abalada pela suspeição da mais pequena falha no ser adorado. O impulso do bem encontra-se minado e os laços que ligam ao objecto da devoção afectuosa quebram-se. Deste modo, o exército de Pandav, defendido por Bheem, pode ser conquistado com facilidade. Maharshi Patanjali manifestou-se de forma semelhante: "Apenas a meditação praticada há já muito tempo com devoção constante e reverência pode ser firme".

Dediquemo-nos agora ao manejo das conchas bélicas.

# 12. "Então, para satisfação de Duryodhan, o poderoso ancião e mais velho dos Kaurav (Bheeshm) tocou a sua concha com um sonido semelhante ao de um rugido de leão."

As conchas são tocadas após os Kaurav analisarem cuidadosamente as suas forças. O soar das conchas simboliza a intenção do que cada um dos chefes pode oferecer após a conquista. O poderoso ancião Bheeshm, o mais velho dos Kaurav, sopra a sua concha de modo a emitir um rugido semelhante ao de um leão, agradando o coração de Duryodhan. O leão representa o lado mais terrível e agressivo da natureza. Os cabelos ficam eriçados e os corações batem violentamente ao ouvir o rugido de um leão numa floresta pacata e solitária, ainda que o animal se encontre a milhas de distância. O temor é uma propriedade da natureza, não de Deus. E Bheeshm simboliza a ilusão. Caso a ilusão prevaleça. esta cobrirá a floresta do temor do mundo material que habitamos com ainda mais medo, tornando o pavor ainda mais assustador. E só isto pode ser oferecido pela ilusão, pelo que a renúncia ao mundo material se traduz no passo correcto para aquele que busca a auto-percepção. As inclinações mundanas assemelham-se a uma miragem - uma mera sombra da ignorância – e os Kaurav nada têm contra este facto. Inúmeras conchas são tocadas simultaneamente do seu lado e, em conjunto, nada mais inspiram senão o terror. Este, ainda que em diversos graus, provém das perversões. As mensagens das conchas dos outros Kaurav revelamse semelhantes.

### 13. "Então, repentinamente soou um tumulto de conchas e timbales, tambores e chifres."

Depois de Bheeshm tocar a sua concha, muitas outras conchas, tambores e trompetas soaram simultaneamente, provocando um barulho aterrador. A mensagem dos Kaurav revela-se apenas no medo. Inebriados pela sensação de falso sucesso, os impulsos materiais, que ofendem e diminuem a Alma humana, tornam, contudo, os laços do entusiasmo assoberbado ainda mais fortes.

तस्य संजनयन्हर्षं कुरुवृद्धः पितामहः। सिंहनादं विनद्योच्चैः शङ्खं दध्मौ प्रतापवान्।।१२।। ततः शङ्खांश्च भेर्यश्च पणवानकगोमुखाः। सहसैवाभ्यहन्यन्त स शब्दस्तुमुलोऽभवत्।।१३।। Assim, os Pandav, representando os impulsos do bem em harmonia com o carácter divino do Eu, respondem ao desafio dos Kaurav com as suas próprias declarações, sendo a primeira proferida pelo próprio Yogeshwar Krishn.

14. "De seguida, também Madhav (Krishn) e o filho de Pandu (Arjun), sentados em coches magníficos emparelhados com corcéis brancos, fizeram soar as suas conchas celestiais."

Seguindo-se aos Kaurav, Krishn e Arjun, movendo-se no seu magnífico e sagrado carro de combate puxado por corcéis de um branco imaculado (o "branco" simboliza a pureza), tocam também as suas conchas "celestiais" (significando "celestial" para além do mundo material. A mensagem transcendental de Yogeshwar Krishn traduz-se na promessa de proporcionar às almas a existência mais auspiciosa e não mundana e que se encontra além tanto do mundo dos mortais dos deuses como de todo um universo (Brahmlok¹²) afectado pelo temor dos ciclos do nascimento e da morte. O carro de combate sob seu comando não é feito de ouro e prata e madeira, pois tudo nele é celestial: o carro de combate, a concha e, neste sentido, também a sua mensagem. Para além destes dois mundos existe somente um único e indescritível Deus. A mensagem de Krishn trata de estabelecer um contacto directo com o Ser Supremo. Mas como irá ele realizar este feito?

15. "Enquanto Hrishikesh (Krishn) fazia tocar a sua concha Panchjanya e Dhananjay (Arjun) a concha de nome Devutt, Vrikodar¹³ (Bheem), de façanhas grandiosas, fez soar a magnífica concha Paundr."

ततः श्वेतैहयैर्युक्ते महित स्यन्दने स्थितौ। माधवः पाण्डवश्चेव दिव्यौ शङ्क्षौप्रदध्मतुः।।१४।। पाञ्चजन्यं हृषीकेशो देवदत्तं धनञ्जयः। पौण्डुं दध्मौ महाशङखं भीमकर्मा वृकोदरः।।१५।।

- 12 Um dos três mundos do pensamento hindu: Mrityulok (a Terra o mundo dos mortais), Devlok (o céu – o mundo dos deuses) e Brahmlok (o mundo de Brahma).
- 13 Vrikodar é, literalmente interpretado, aquele que tem barriga de lobo e nunca se encontra satisfeito. Da mesma forma, o coração de um devoto que busque Deus nunca está saciado.

Desta forma, Hrishikesh (senhor dos sentidos), que conhece todos os segredos do coração humano, faz soar a concha Panchjanya. Tal tratase de uma declaração da sua intenção de reprimir os cinco órgãos da percepção que correspondem à palavra, toque, forma, paladar e odor, e de transformar as respectivas inclinações em devoção. O domínio dos sentidos primitivos e a sua disciplina para que se tornem fiéis servidores é o dote de um preceptor realizado — um dote, na verdade, do Deus admirado. Krishn é um yogi, o preceptor ideal. Tal como Arjun afirma no Geeta: "Senhor, sou teu discípulo". Somente um preceptor realizado nos pode fazer abdicar a todos os objectos do prazer sensual e proporcionar a visão, o som e o toque de nada mais do que o Deus aspirado.

Dhananjay (o detentor das riquezas) revela-se como a devoção afectuosa que alcança o estado da exaltação divina. Esta devoção tratase de um sentimento de ternura pelo objecto desejado e encerra em si mesmo todas as experiências dos devotos, incluindo os tormentos da separação e ocasionais desencantamentos e lágrimas. Para o devoto, tudo de deve resumir ao Deus desejado. Se a devoção ao mesmo for perfeita, esta abarcará as virtudes que permitem o acesso ao Espírito Supremo. Dhananjay é outro nome atribuído a esta faculdade. Um tipo de riqueza traduz-se nas posses externas necessárias à subsistência física, porém tal não está de forma alguma associado ao Eu. A riqueza humana verdadeiramente duradoura, que se pode efectivamente declararse como nossa, é a percepção do próprio Eu, do Deus interior. Em Brihadaranyak Upanishad, Yagnavalkya ensina o mesmo à sua mulher Maitreyi quando esta lhe pergunta: "Meu senhor, se toda a terra me pertencesse com todas as suas riquezas, poderia eu através da sua posse alcançar a imortalidade?" O sábio responde: "Não, a vossa vida seria como a dos ricos. Ninguém pode esperar vir a ser imortal através da riqueza".

Bheem das façanhas grandiosas faz soar a sua magnífica concha Paundr, denotando sentimento. O coração é a origem, assim como a morada do sentimento. Por esse motivo, Bheem se denomina Vrikodar, o coração magnânimo. Aquando do apego a uma criança, é sobretudo o coração o responsável por esse sentimento, manifestando-se apenas na criança. O sentimento que soa na grande concha de Bheem é imaculado

e poderoso, revelando-se apenas por meio do amor. Goswani Tulsidas admite ter percepcionado a omnipresença de Deus exclusivamente pela manifestação do amor.

# 16. "O Rei Yudhisthir, filho de Kunti, soprou a concha Anantvijay, ao passo que Nakul e Sahdev fizeram soar as suas conchas Sughosh e Manipushpak."

O Rei Yudhisthir toca a concha Anantvijay (conquista eterna). Kunti é, ela mesma, a imagem da obediência e Yudhisthir a incorporação do dharm (piedade natural). Se a adesão ao dharm for constante, Anantvijay provocará a absorção do Eu pelo Deus infinito. Aquele que é firme na batalha traduz-se em Yudhisthir: aquele que permanecer inabalado pelos conflitos entre o Eu e o mundo material – entre o corpo e a Alma transcendental – e a quem é revelada a essência da esfera de acção. A esse sim, o único Deus real, infinito e imutável possibilitará, por fim, ultrapassar todas as contradições.

Nakul, símbolo da contenção¹⁴, faz soar a concha de nome Sughosh. Conforme a contenção se vai afirmando, o mal é controlado, declarandose o domínio do bem. Sahdev, o adepto da verdade, toca a concha com o nome de Manipushpak. Sábios descreveram cada alento como um rubi. "É uma pena desperdiçarmos as jóias do nosso alento com inutilidades!" O discurso moral que ouvimos da parte de homens nobres traduz-se numa forma de satsang, mas o verdadeiro discurso espiritual revela-se a nível interno. Segundo Krishn, unicamente o Eu é verdadeiro e eterno. O verdadeiro satsang revela-se quando a mente se rege por si só sem influências externas, residindo no Eu. Esta adesão à verdade é cultivada pela reflexão, meditação e samadhi¹⁵ incessantes. Quando mais alegria se sente ao viver com a única verdade, maior o domínio exercido sobre cada alento, sobre a mente e os instrumentos através dos quais

### अनन्तविजयं राजा कुन्तीपुत्रो युधिष्ठिरः। नकुलः सहदेवश्च सुघोषमणिपुष्पकौ।।१६।।

Na filosofia yog, a contenção da mente é aceite como o segundo dos oito principais passos da meditação.

Samadhi – absorção perfeita da mente e do coração pelo objecto contemplado, ou seia. Deus.

os objectos dos sentidos são afectados pelo Eu. No momento em que se encontrarem totalmente controlados, é efectuada a absorção pela última essência. O verdadeiro satsang assegura, como qualquer bom instrumento, um acompanhamento harmonioso à melodia do Eu.

O rubi físico é duro, mas a jóia do alento é ainda mais suave do que uma flor. As flores caem e murcham rapidamente após florescerem, do mesmo modo nunca sabemos se viveremos até ao alento seguinte. Contudo, se a adesão ao Eu for verdadeira, tal conduz-nos à percepção do derradeiro objectivo através do domínio de cada alento. Nada mais há a acrescentar sobre o assunto, apesar de todos os conselhos serem prestáveis na travessia de determinados troços do caminho da perfeição espiritual<sup>16</sup>. Sanjay prossegue então com o tema:

17-18. "O Rei de Kashi, um grande arqueiro, Shikhandi, que reside no Espírito Supremo, os invictos Dhristdyumn, Virat e Satyaki, Drupad e os filhos de Draupadi e o filho de Subhadra, de braços poderosos (Abhimanyu), todos estes fizeram soar, ó Senhor da Terra, as respectivas conchas."

A sagrada cidade de Kashi é um emblema da santidade que reside no corpo físico. Quando alguém abstrai a sua mente e órgãos sensoriais de todas as coisas físicas e se concentra no Eu interior, tem o privilégio de se fundir e habitar em Deus. O corpo que for capaz de tal união é kashi. O Espírito Supremo reside e infiltra-se em todos os corpos. Neste sentido, "parmeshwasah" significa sobretudo a residência no Espírito Supremo e não tanto "guerreiro poderoso".

Shikhandi representa a rejeição de shikha-sutr<sup>17</sup> (sinais sagrados

काश्यश्च परमेष्वासः शिखण्डी च महारथः। धृष्टद्युम्नो विरादश्च सात्यिकश्चापराजितः।।१७।। द्रुपदो द्रौपदेयाश्च सर्वशः पृथिवीपते। सौभद्रश्च महाबाहः शङखान्दध्मुः पृथक् पृथक्।। १८।।

Estado de desapego do universo material e de renúncia aos desejos mundanos. Shikha traduz-se num caracol de cabelo numa coroa, e sutr é o fio sagrado ou sacrificado usado pelos hindus. Segundo o Mahabharat, por forma a evitar a calamidade do seu sogro Hiranyavarman invadir o reino do seu pai (Drupad), Shikhandi, que casara num acto de decepção, conseguiu, entre muitas austeridades trocar de sexo com um yaksh. Uma vez dada a transformação, Shikhandi pôde então na batalha de Mahabharat matar Bheeshm, que se recusara a combater contra uma mulher.

tradicionalmente usados pelos hindus). Algumas pessoas crêem terem procedido a esta renúncia somente por as suas cabeças se encontrarem totalmente rapadas, por se terem separado dos seus fios sagrados e não acenderem mais o lume sagrado. Contudo, essas pessoas estão equivocadas, uma vez que, na verdade, shikha simboliza um objectivo por atingir e sutr o mérito da acção numa existência prévia (sanskar¹8). O ciclo de sanskar permanece intacto desde que Deus tenha ainda de ser percepcionado. Como se pode dar a verdadeira renúncia até ao momento da realização? Até lá resumimo-nos a viajantes. A ilusão dilui-se apenas quando o Deus desejado é alcançado e os méritos das façanhas anteriores são reduzidos a nada. Deste modo, é Shikhandi quem prova ser a desgraça de Bheeshm, a imagem da ilusão e da auto-decepção. Shikhandi representa a única qualidade essencial ao homem que escolheu o caminho da reflexão, revelando-se um guerreiro verdadeiramente poderoso ao seu lado.

Dhristdyumn, a mente estável que valoriza a fé na divindade universal e imutável, e Virat, capaz de entender a omnipresença do grande Deus, são os principais elementos da perfeição sagrada. Satyaki revelase como a verdade. A piedade nunca perecerá desde que a verdade tenha lugar ou o desejo que a verdade prevaleça, e esta proteger-nos-á sempre do desvio na guerra entre o espírito e a matéria.

Drupad, representante do ideal da consistência e firmeza no desempenho do dever, os cinco filhos da meditação – tal como Draupadi, símbolos da compaixão, ternura, beleza e repouso espiritual, todos grandes guerreiros na assistência à busca pelo objectivo desejado – e Abhimanyu, de longos braços, todos eles fizeram tocar a sua concha respectiva. O "braço" é um símbolo para a esfera de acção: quando a mente se liberta do medo, o seu alcance aumenta imensamente.

Assim, Sanjay dirige-se a Dhritrashtr e informa-o sobre o modo como os chefes do exército dos Pandav procederam às suas proclamações com as suas conchas. Cada um deles possui um atributo necessário para a travessia de um determinado troço do caminho da emancipação espiritual, sendo o seu cumprimento necessário – razão pela qual se

encontram enumerados ao pormenor. Contudo, após estes estádios primários, existe um troço do caminho que se encontra além da capacidade de percepção da mente e do intelecto. Este troço corresponde ao que se somente se pode atravessar com a bênção do grande despertar divino pelo Eu. Este desperta no Eu sob a forma de visão, tornando-se evidente.

## 19. "O tumulto ruidoso, ressoando por céus e terra, trespassou os corações dos filhos de Dhritrashtr."

O grande tumulto, ecoando por céus e Terra, lacerou os corações dos filhos de Dhritrashtr. Ainda que o exército dos Pandav também estivesse presente, somente os corações dos filhos de Dhritrashtr foram trespassados. Ao fluir o maná de Panchjanya – constituído por verdadeiro conhecimento, percepção do infinito, destruição do mal e afirmação da piedade – aos corações -dos Kaurav, encontrando-se estes repletos de impulsos demoníacos e materialmente absortos, nada mais resta senão a sua laceração. A sua força vai decrescendo gradualmente e, se o processo for bem sucedido, a paixão excessiva extinguir-se-á também.

20-22. "De seguida, ó Rei, após vislumbrar os filhos de Dhritrashtr em fileiras, quando o lançamento dos mísseis estava prestes a ter o seu início, o filho de Kunti (Arjun), cujo estandarte mostrava a imagem de Hanuman, elevou o seu arco e declarou a Hrishikesh: 'Ó Achyut (Krishn), mantende o meu carro de combate entre ambos os exércitos de modo a poder observar aqueles formados para a batalha e saber quem devo combater na batalha que se segue'."

Sanjay, epítome do auto-domínio, esforça-se por iluminar a mente

स घोषो धार्तराष्ट्राणां हृदयानि व्यदारयत्। नभश्च पृथीवीं चैव तुमुलो व्यनुनादयन्।।१९।। अथ व्यवस्थितान्दृष्ट्वा धार्तराष्ट्रान्कपिध्वजः। प्रवृत्ते शस्त्र सम्पाते धनुरुद्यम्य पाण्डवः।।२०।। हृषीकेशं तदा वाक्यमिदमाह महीपते।

अर्जुन उवाच : सेनयोरुभयोर्मध्ये रथं स्थापय मेऽच्युत ।।२१ ।। यावदेतान्निरीक्षेऽहं योद्धुकामानवस्थितान् । कैर्मया सह योद्धव्यमस्मिन् रणसमुद्यमे ।।२२ ।। subjugada à ignorância ao referir que, para além dos outros exemplares capitães do exército dos Pandav, se deve ter ainda em consideração Hanuman - a insígnia de Arjun e símbolo da verdadeira renúncia. O desencanto com o mundo e o desejo de renunciar a este são a marca do estandarte de Arjun. Alguns analistas deram-lhe o nome de "insígnia macaco" devido à sua agitação frenética. Contudo, tal é inaceitável, pois o primata exibido no estandarte não se trata de um macaco comum, mas sim do próprio Hanuman que se elevou acima de qualquer distinção: para ele, a honra e a desonra são indiferentes. O abandono do desejo por objectos materiais ouvidos ou vistos, por objectos mundanos e prazeres sensuais, traduz-se na renúncia. Assim, após vislumbrar os filhos de Dhritrashtr em fileiras no momento em que os mísseis estão prestes a ser lançados, Arjun, cujo mote distintivo é a renúncia, eleva o seu arco e fala a Hrishikesh, senhor dos sentidos e conhecedor dos mistérios do coração, dirigindo-se-lhe como o "infalível". Este pede ao condutor do carro de combate para colocá-lo entre os dois exércitos. Porém, as suas palavras não se tratam de palavras de comando dirigidas a um condutor de carro de combate, mas antes de uma oração por um devoto ao venerado. a um preceptor realizado. Mas porque razão quer ele que Krishn pare e carro de combate?

Arjun queria certificar-se quem era o alvo dos guerreiros e quem teria de combater na batalha.

## 23. "O tumulto ruidoso, ressoando por céus e terra, trespassou os corações dos filhos de Dhritrashtr."

Arjun queria o caro de combate em frente aos Kaurav, por forma a poder vislumbrar os reis que, desejosos pelo combate, se haviam juntado ao malvado Duryodhan, para sua satisfação – já que Duryodhan representa o apego excessivo. Arjun deseja observar bem os reis que se reuniram para combater na batalha pela paixão.

योत्स्यमानानवेक्षेऽहं य एतेऽत्र समागताः। धार्तराष्ट्रस्य दुर्बुद्धेर्युद्धे प्रियचिकीर्षवः।।२३।। 24-25. "Assim abordado por Gudakesh<sup>19</sup>, ó descendente de Bharat (Dhritrashtr), Hrishikesh estacionou o único carro de combate entre os dois exércitos, em frente a Bheeshm, Dron e todos os restantes reis e afirmou: 'Olhai, ó filho de Pritha<sup>20</sup> (Arjun), os Kuru aqui reunidos'."

A pedido de Arjun, que conquistou o sono, Sanjay informa Dhritrashu como Krishn, que tudo sabe sobre mente e coração, pára o carro de combate de beleza inigualável por entre todos os reis que marcaram as suas posições na terra, representando o corpo em macrocosmo, e pede a Parth que olhe os Kaurav reunidos. O "excelente" carro de combate em questão não é feito nem de ouro nem de prata, nem de nenhuma substância material. A perfeição é definida neste mundo em termos de agrado ou desagrado para o corpo mortal. Contudo, tal perspectiva é enganadora, pois somente a perfeição, permanentemente una com o real, representa o Eu e não encerra qualquer mal ou impureza.

26-1/28. "Então, Parth vislumbrou, por entre os dois exércitos, tios, tios-avós, preceptores, tios maternos, irmãos, filhos, netos e amigos, assim como sogros e companheiros. Vendo todos estes conhecidos, reunidos e assoberbados por uma piedade intensa, falou com grande pesar:"

Parth, atirador de grande perícia que construiu um carro de combate a partir do seu corpo de terra<sup>21</sup>, observa o exército e vê pessoas das

संजय उवाच : एवमुक्तो हृषीकेशो गुडाकेशेन भारत।
सेनयोरूभयोर्मध्ये स्थापयित्वा रथोत्तमम्।।२४।।
भीष्मद्रोणप्रमुखतः सर्वेषां च महीक्षिताम्।
उवाच पार्थ पश्यैतान्समवेतान्कुरूनिति।।२५।।
तत्रापश्यित्थितान्पार्थः पितृनथ पितामहान्।
आचार्यान्मातुलान्भ्रातृन्पुत्रान्पौत्रान्सरवींस्तथा।।२६।।
श्वशुरान्सुहृदश्चैव सेनयोरूभयोरपि।
तान्समीक्ष्य स कौन्तेयः सर्वान्बन्धूनवस्थितान्।।२७।।
कृपया परयाविष्टो विषीदन्निदमब्रवीत्।। १-२८।।

<sup>19</sup> Aquele que conquistou o sono.

<sup>20 &</sup>quot;Pritha" é um outro nome de Kunti. Existe ainda uma associação a "Parth" e parthiv, que significa "feito de pó". O significado é semelhante ao de "de pó sois".

<sup>21</sup> No Upanishad Katha, o Rei da Morte declara a Nachiket: "Sabei que o corpo representa o carro de combate, o Eu o cavaleiro, o intelecto o condutor e a mente as rédeas".

suas relações. O que é notável é o facto de ver nos dois exércitos unicamente a sua família, as famílias dos seus tios maternos e dos sogros, amigos e preceptores. Segundo estudos, os dois exércitos de Mahabharat consistiam em dezoito carros de combate akshauhini, elefantes, cavalos e soldados a pé, os quais rondavam aproximadamente os 650 milhões – sem dúvida um número enorme. É quase escusado referir que o mundo hoje em dia enfrenta variadíssimos problemas graves de alimentação e habitação devido a uma população crescente. O que devemos então pensar ao saber que tão grande número é constituído somente por três ou quatro famílias das relações de Arjun? Será possível para qualquer família ser tão grande? A resposta tem de ser negativa. O que aqui se nos depara não se traduz em exércitos físicos, mas na esfera da mente e do coração. Tomado pela compaixão ao ver os seus conhecidos na batalha, Arjun fala com pesar, pois apercebe-se que terá de combater a própria família.

2/28-30. "Arjun afirma: 'Ao vislumbrar estes amigos e familiares com o intuito de combater, ó Krishn, os meus membros tornam-se fracos, a minha boca seca, o meu corpo treme, o meu cabelo eriçou-se, o Gandeev (o arco de Arjun) escorrega-me da mão, toda a minha pele arde, sinto-me incapaz de ficar de pé e a minha mente encontra-se desconcertada"."

Ao observar os seus familiares reunidos, Arjun sente-se enervado. O seu corpo fica inerte, a sua boca ressequida, os seus membros tremem e o cabelo eriçado. O Gandeev cai-lhe da mão e a sua pele fica quente. A perspectiva de enfrentar os seus próprios familiares na batalha aflige-o e ele encontra-se confuso, queixando-se que nem sequer consegue ficar de pé e olhar em frente.

अर्जुन उवाच : दृष्टवेमं स्वजनं कृष्ण युयुत्सुं समुपस्थितम्।।२-२८।। सीदन्ति मम गात्राणि मुखं च परिशुष्यति। वेपथुश्च शरीरे मे रोमहर्षश्च जायते।।२९।। गाण्डीवं संसते हस्तात्वक्चैव परिदह्यते। न च शक्नोम्यवस्थातुं भ्रमतीव च मे मन:।।३०।।

### 31. "Prevejo, ó Madhav (Krishn), maus presságios e não consigo conceber a vantagem de matar familiares na batalha."

Arjun vislumbra sinais adversos na batalha a irromper, não vendo nada de proveitoso na morte da sua própria família. Como pode algum bem resultar de tais mortes?

# 32. "Não aspiro, ó Krishn, nem à vitória nem ao domínio e aos seus prazeres. De que nos serve a soberania, ó Govind (Krishn), ou o prazer ou mesmo a própria vida?"

Toda a família de Arjun está prestes a combater, razão pela qual este não deseja nem a vitória nem o reino que essa vitória e respectivos prazeres lhe trariam. De que lhe serviria um reino ou o prazer ou mesmo a vida? De seguida, ele enumera as razões para a sua relutância em combater na batalha

#### 33. "Aqueles cujos reino, prazeres e posses ansiamos, apresentamse aqui hoje, colocando em risco tanto as suas vidas como a sua riqueza."

A família, a quem Arjun desejou a felicidade de um reino e outros prazeres, encontra-se agora presente no campo de batalha sem esperança de vida. Caso tivesse desejado um reino, seria para eles. Se tivesse ambicionado os prazeres da riqueza e indulgência, seria para os apreciar com os seus amigos e familiares. Mas agora não deseja nem um reino, nem prazeres, nem posses, pois depara-se com os seus familiares contra ele e sem esperança de vida. Tudo o que desejara e que lhe era querido era para eles. Contudo, já não necessita de nada disso se só o puder obter às custas dos seus familiares. Os desejos permanecem enquanto prevalecerem os laços de família. Até mesmo alguém pobre com apenas uma miserável cabana para viver não aceitará um império

निमित्तानि च पश्यामि विपरीतानि केशव।
न च श्रेयोनुपश्यामि हत्वा स्वजनमाहवे।।३१।।
न काङक्षे विजयं कृष्णं न च राज्यं सुखानि च।
किं नो राज्येन गोविन्द किं भोर्गेर्जीवितेन वा।।३२।।
येषामर्थे काङिक्षतं नो राज्यं भोगाः सुखानि च।
त इमेऽवस्थिता युद्धे प्राणांस्त्यक्त्वा धनानि च।।३३।।

que se estenda por todo o mundo se, para isso, tiver de matar a sua família, amigos e parentes. Arjun é da mesma opinião. Ele aprecia os prazeres e gosta da vitória, mas que proveito pode deles retirar se as mesmas pessoas para quem os ambiciona não se encontram mais com ele? Que gozo lhe trarão o desfrute dos prazeres na sua ausência? Mas, afinal de contas, quem são aqueles que terá de matar nesta batalha?

34-35. "Preceptores, tios, sobrinhos, assim como tios-avós, tios maternos, sogros, sobrinhos-netos, cunhados e outros familiares. Apesar de me poderem assassinar, não sinto desejo algum em matá-los, ó Madhusudan<sup>22</sup> (Krishn), nem mesmo pelo domínio dos três mundos, menos ainda somente pela terra."

As pessoas a assassinar têm nas veias o mesmo sangue que Arjun. Tal como explica a Krishn com pesar, não deseja matar os seus familiares nem pelos três mundos, apesar de poder perder a vida nas suas mãos caso o não faça.

Arjun vislumbra a sua própria família num exército constituído por, aproximadamente, 650 milhões de pessoas. Mas quem são estes inumeráveis familiares? Arjun representa a devoção terna. O seu dilema é o que cada devoto enfrenta ao percorrer o caminho da adoração devota (bhajan). É o desejo de qualquer um atingir uma realidade mais elevada pela reverência e devoção. Porém, Arjun encontra-se desesperado quando, sob a tutelagem de um preceptor com experiência e realizado, se apercebe da natureza fundamental do conflito entre o corpo material e o Eu divino, ao compreender contra quem tem de combater na batalha. Deseja que a família do seu pai, a família da sua mulher, a família do seu tio materno, as pessoas que o adoram, amigos e preceptores vivessem com ele, felizes, e que, paralelamente à garantia da subsistência de todos, pudesse ainda alcançar Deus. Assim, encontra-se confuso ao deparar-se com o

आचार्या: पितर: पुत्रास्तथैव च पितामहा: ।

मातुलाः श्वशुराः पौत्राः श्यालाः सम्बन्धिनस्तथा।।३४।।

एतान्न हन्तुमिच्छामि घ्नतोऽपि मधुसूदन।

अपि त्रैलोक्यराजस्य हेतोः किं नु महीकृते ।।३५ ।।

facto de ter de abandonar a sua família, de modo a prosseguir com a sua tarefa de devoção. Devido a este apego, a ideia de destruir os laços de parentesco confunde e enerva-o.

O meu nobre preceptor, o reverenciado Paramhans<sup>23</sup> Paramanand Ji costumava dizer: "Ser um sadhu (asceta) é o mesmo que morrer". Ainda que o universo seja composto por seres que se considerem como vivos, não há ninguém que o asceta considere da sua família, pois enquanto houver alguém, o sentimento de apego permanece. Assim, aquele que busca a percepção do Eu só ultrapassará esta fraqueza quando rejeitar e eliminar o apego, tal como todos os sentimentos a ele associados. O que é o mundo senão uma extensão dos laços afectivos? O que dele podemos retirar na ausência destes laços? O mundo, tal como o conhecemos, é apenas uma extensão da mente. Yogeshwar Krishn retratou a mesma extensão como o mundo. Aquele que suportou e dominou o seu poder conquistou todo o universo. Krishn esclarece Arjun no décimo nono verso do capítulo 5: "Até mesmo neste mundo, o cosmos se encontra totalmente dominado por aqueles cujas mentes repousam na igualdade". Um estado de calma a este nível, de equilíbrio mental, só é possível pela aniquilação total do ego, libertando a mente da sua subserviência egocêntrica ao mundo material. Uma vez destruído o ego, prevalece apenas o Eu num estado puro. Este é o caminho para atingir a salvação e a felicidade suprema (brahmavastha), a qual transcende a vida transitória da natureza. Deste modo, os que percepcionaram este estado não se encontram sujeitos às limitações do mundo material.

Arjun não é o único que está confuso. O apego afectuoso reside em todos os corações, e todos aqueles com tais sentimentos demonstram um estado de confusão. Os amigos e familiares encontram-se sempre em primeiro plano na consciência de cada um. De início, Arjun crê que essa adoração sagrada será prestável no seu esforço para tornar felizes os seus familiares, ansiando pelo prazer das suas posses juntamente com os restantes. Mas o que fazer com essa felicidade se os seus não se encontrarem mais com ele? É isso que pensa Arjun. A sua visão

<sup>23</sup> O mestre do autor. Paramhans é o título honorífico usado por um asceta da mais elevada ordem, um que domine totalmente os seus sentidos através da meditação abstracta.

estava limitada aos prazeres provenientes de um reino e do céu. Até então interpretara a felicidade suprema em termos de céu e dos três mundos. Existindo uma realidade mais além, Arjun não tem noção de qual seja.

### 36. "Que felicidade podemos retirar, ó Janardan<sup>24</sup> (Krishn), da morte destes filhos de Dhritrashtr? Só nos ficará o pecado se matarmos estes homens malvados."

Que felicidade pode Arjun encontrar na morte dos filhos de Dhritrashtr? Dhritrashtr representa "a insolente ou devassa nação<sup>25</sup>" e dela nasceu Duryodhan, a imagem da paixão excessiva. Mas será que a morte de tais familiares maldosos farão felizes Arjun e Krishn? Os Kaurav são demoníacos, e os Pandav serão somente culpados do pecado se os matarem. As pessoas são somente malfeitoras caso adoptem formas ímpias para o seu modo de vida. Contudo, os piores vilões são, na verdade, aqueles que criam obstáculos no caminho do Eu. Neste sentido, aqueles que mais ofendem são o desejo, a ira, a avareza e o apego desordeiro, empatando a percepção do Eu.

## 37. "Não nos compete a nós matar os filhos de Dhritrashtr, pois como podemos ser, de facto, felizes, ó Madhav (Krishn), se chacinarmos os nossos próprios familiares?"

Não é surpreendente que os Kaurav sejam vistos até ao momento como amigos e familiares? Não chegaram eles ao campo de batalha como inimigos? Na verdade, a relação física deriva da ignorância. Ele é o tio materno; é a família da minha mulher, é a comunidade da minha gente. Que é tudo isto, senão ignorância? Qualquer um tem alguém que lhe é chegado, tem família, tem o seu mundo, mas somente enquanto o apego prevalecer. Todos estes laços desvanecem quando o apego não tem lugar. Por essa razão, até inimigos parecem ser familiares a Arjun.

निहत्य धार्तराष्ट्रान्न: का प्रीति: स्याञ्जनार्दन। पापमेवाश्रयेदस्मान् हत्वैतानाततायिन: ।।३६।। तस्मान्नार्हा वयं हन्तुं धार्तराष्ट्रान्स्वबान्धवान्। स्वजनं हि कथं हत्वा सुखिन: स्याम माधव।।३७।।

<sup>24</sup> Mais um epíteto de Krishn, cujo significado se traduz em "aquele que é venerado e solicitado para a prosperidade e emancipação".

<sup>25 &</sup>quot;Dhrisht" (devassidão) + "rashtr" (nação) = Dhritrashtr.

Este questiona Krishn como podem ser felizes ao matar os seus familiares. Na ausência da ignorância e do apego, a ideia de família não existe. No entanto, paradoxalmente é a ignorância que proporciona a necessidade inicial pelo conhecimento. Alguns grandes homens como Bhartrihari e Tulsidas foram motivados a renunciar pelas suas mulheres, enquanto muitos outros percorreram o mesmo caminho devido à desilusão da conduta de uma madrasta.

38-39. "Apesar de, com as mentes viciadas pela ganância, (os Kaurav) não terem consciência do mal que fazem ao destruir famílias e ao ser traiçoeiros para com os seus amigos, porque deveremos nós, ó Janardan, que sabemos estar errado destruir famílias, não nos desviarmos desse acto pecaminoso?

Desviados do bem pela sua arrogância e avareza, os Kaurav são cegos devido ao pecado que cometeram ao destruir famílias e ao atraiçoar os seus amigos. Esse foi o seu erro. Mas qual a razão pela qual, Arjun questiona Krishn, não deverão eles próprios, conhecendo o mal que representa destruir famílias, desistir desse mesmo crime? O que aqui é notório é o facto de Arjun crer que não só ele, mas também Krishn, está prestes a cometer o mesmo erro, pelo que acusa indirectamente Krishn. Cada discípulo, ao refugiar-se num preceptor realizado, raciocina da mesma forma, sendo que Arjun acredita que o problema que o incomoda ainda não ocorreu a Krishn. No entanto, ambos são pessoas razoáveis, esperando-se deles que ponderem as consequências adversas do acto de destruir a família.

40. "No caso da destruição familiar, as suas eternas e sagradas tradições perder-se-ão, e a impiedade assolará toda a família pela perda dos seus valores."

> यद्यप्येते न पश्यन्ति लोभोपहतचेतसः। कुलक्षयकृतं दोषं मित्रद्रोहे च पातकम्।।३८।। कथं न ज्ञेयमस्माभिः पापादस्मान्निवर्तितुम्। कुलक्षयकृतं दोषं प्रपश्यद्भिर्जनार्दन।।३९।। कुलक्षयं प्रणश्यन्ति कुलधर्माः सनातनाः। धर्मे नष्टे कुलं कुत्स्नमधर्मोऽभिभवत्युत।।४०।।

Até à data, Arjun considerou as tradições familiares como o (Sanatan) Dharm eterno. Adicionalmente, acredita ainda que, com a perda das tradições, as famílias se encontrem carregadas de pecado.

41. "Caso o pecado prevaleça, ó Krishn, as mulheres de família desviar-se-ão da virtude e, se não forem castas, ó descendente dos 'Vrishnis' (Varshneya: Krishn), terá sido gerada uma mescla de classes profana (varnsankar)."

Se uma família for dominada pelos modos do mal, as suas mulheres perderão a sua castidade e surgirá toda uma mistura de classes, de culturas incompatíveis e de formas de vida. Segundo Arjun, esta mescla pecaminosa ocorre com a perda de virtude por parte das mulheres. Porém, Krishn contradiz esta opinião: "Estou perfeitamente satisfeito no Eu, não existindo nada de mais precioso que esteja para além do meu alcance. Ainda assim, continuo a praticar a meditação e a renúncia e aconselho os outros a fazer o mesmo. Contudo, tal são apenas meios e não o fim, pois, ao atingir este último, qual a importância dos meios? Se aquele que busca, tal como eu, negligenciar os meios, os seus seguidores de mérito inferior imitá-lo-ão e, também eles, abandonarão os meios necessários. Confusos e desviados do caminho da auto-percepção, definharão." Na ausência de uma verdadeira conquista, estes exibem-se futilmente como se fossem perfeitos. Esta imitação causa o caos, pois não há distinção entre os merecedores e os não merecedores. Esta confusão denominase de varnsankar, sendo o preceptor considerado responsável por essa desordem. Por este motivo, o preceptor ideal ensina sempre de acordo com a sua própria conduta.

No entanto, por um momento, este opta por permanecer em silêncio e Arjun prossegue na sua dissertação sobre os males de varnsankar.

42. "A profana mescla de classes condena o destruidor da família ao inferno, assim como a própria família, dado que os seus ascendentes, privados das oferendas obsequiosas de bolos de arroz e das libações pela água, caem (da sua morada celestial)."

अधर्माभिभवात्कृष्ण प्रदुष्यन्ति कुलस्त्रिय:। स्त्रीषु दुष्टासु वार्ष्णेय जायते वर्णसङ्कर:।।४१।। सङ्करो नरकायैव कुलघ्नानां कुलस्य च। पतन्ति पितरो होषां लुप्तपिण्डोदकक्रिया:।।४२।। É característica de varnsankar remeter as famílias e respectivos destruidores para o inferno. Despojados de oferendas obsequiosas de bolos de arroz, os seus ascendentes passados cairão e a posteridade ainda por vir descenderá, também ela, ao inferno. Não se limitando a isto, também...

# 43. "O pecado cometido pelos destruidores pelas famílias, causador da mescla de classes, põe um final tanto ao dharm eterno das castas como da família."

Segundo Arjun, os males de varnsankar destroem não só as tradições como ainda os seus destruidores, sendo que este defende a perspectiva de que as tradições familiares são imutáveis e eternas. Contudo, mais tarde, Krishn refuta esta teoria, afirmando que só o Eu se traduz no Sanatan Dharm<sup>26</sup> imutável e eterno. Antes de alguém percepcionar a essência de Sanatan Dharm, dá valor a uma ou outra tradição. Assim se revela a crença de Arjun nesse momento, porém, do ponto de vista de Krishn trata-se de mera ilusão.

### 44. "Ouvimos, ó Janardam, que o inferno é, na verdade, uma morada terrível e intemporal de homens cujas tradições familiares foram destruídas."

Homens, cujas tradições familiares hão sido destruídas residem no inferno para a eternidade. O que é determinante é, contudo, o facto de Arjun ter apenas escutado isso. Assim, acredita que, com a destruição de uma família, não só as tradições, mas também o dharm imutável e eterno são destruídos, equiparando assim as tradições a Sanatan Dharm. É do conhecimento geral, afirma ele, que alguém tem de sofrer no inferno pela perda do seu dharm. Mas tal trata-se apenas do que escutou: não do que observou, mas somente do que ouviu.

दोषेरेतै: कुलघ्नानां वर्णसङ्करकारकै:। उत्साद्यन्ते जातिधर्मा: कुलधर्माश्च शाश्वता:।।४३।। उत्सन्नकुलधर्माणां मनुष्याणां जनार्दन । नरकेऽनियतं वासो भवतीत्यनुशुश्रुम ।।४४।।

Sanatan é "o eterno". Sanatan Dharm deve, assim, ser interpretado de certo modo como o princípio imutável (shashwat), eterno e divino, que anima tudo e todos os seres e que lhes possibilita a percepção de si mesmos. Sanatan é ainda o Deus todo-poderoso, assim como as virtudes que o revelam. Esses mesmos valores que o revelam no coração traduzem-se em Sanatam Dharm.

### 45. "Tentado pelos prazeres do poder temporal, que crime hediondo havemos cometido ao matar os nossos amigos e familiares!"

É lamentável que, apesar da sua sabedoria, se encontrem determinados a cometer um grave pecado ao tencionar matar a sua própria família devido à ganância pelo poder real e respectivos prazeres. Por essa altura, Arjun considera o seu conhecimento como não sendo menor do que o de Krishn. Tal como já foi referido, todos aqueles que buscam se sentem de tal forma no início. Segundo Mahatma Buddh, enquanto alguém for detentor de apenas um conhecimento parcial, considera-se a si mesmo como um repositório de grande sabedoria, no entanto, ao começar a entender os restantes conhecimentos que ainda deve adquirir, passa a considerar-se um grande tolo. Deste modo, Arjun tem-se como um sábio, tomando a liberdade de persuadir Krishn que, simplesmente, não é possível que o seu acto pecaminoso resulte em algo bom, assim como que a sua decisão de matar as famílias seja motivada pela ganância pura de soberania e respectivos prazeres. Estes cometerão uma terrível ofensa. Convencido que o erro não será apenas seu, Arjun confronta Krishn ao fazer notar que, no fundo, o erro é dele. Por fim, dá a sua opinião final sobre o assunto:

## 46. "Prefiro, sem dúvida, a ideia de ser assassinado pelos armados filhos de Dhritrashtr, enquanto (eu sendo eu) me encontro desarmado e não resisto."

Segundo Arjun, a sua morte às mãos dos armados filhos de Dhritrashtr, enquanto ele se debate desarmado e sem oferecer resistência, será um acontecimento notável. Será então recordado na história como um homem magnânimo que evitou uma guerra ao sacrificar a própria vida. As pessoas renunciam à vida pela felicidade de crianças ternas e inocentes, de modo a que a família possa prosperar. As pessoas viajam e vivem em mansões luxuosas, mas passados um par de dias começam a ansiar pela cabana abandonada, tal a força do apego. E é este que leva Arjun a acreditar

अहो बत महत्पापं कर्तुं व्यवसिता वयम्। यद्राज्यसुखलोभेन हन्तुं स्वजनमुद्यताः।।४५।। यदि मामप्रतीकारमशस्त्रं शस्त्रपाणयः। धार्तराष्ट्रा रणे हन्युस्तन्मे क्षेमतरं भवेत्।।४६।। que, se for morto sem oferecer resistência pelos armados filhos de Dhritrashtr, tal garantirá às crianças da família uma vida próspera e feliz.

47. "Sanjay afirmou: 'Com essas palavras e dominado pela dor, Arjun pôs de lado a meio do campo de batalha o seu arco e flechas e sentou-se no carro de combate'."

Por outras palavras, Arjun retira-se do conflito entre o corpo físico – esfera da acção – e o Eu interior com a sua consciência de Deus.



O Geeta trata-se de uma investigação da batalha de kshetr-kshetragya: do conflito entre o corpo material, centrado na acção, e a alma realizada, que se encontra sempre consciente da sua unidade com o Espírito Supremo. Uma melodia de revelação empenha-se em demonstrar o que Deus deve ser em todo o seu esplendor. A esfera que essa melodia celebra é o campo de batalha: o corpo com os seus impulsos duais e opostos que compõem o "Dharmkshetr" e o "Kurukshetr".

O primeiro capítulo, tal como vimos, traça a estrutura respectiva e a base da força caracterizadoras dos adversários. O soar das conchas proclama o seu valor, assim como as suas intenções. É então feita uma análise dos exércitos prestes a combater. A sua força numérica estimase em, aproximadamente, 650 milhões, contudo, o seu verdadeiro número é, na verdade infinito. A natureza incorpora duas perspectivas relevantes para os impulsos contraditórios que colidem no campo de acção. Assim se revela inicialmente a mente espiritual que sempre se centra na percepção do Eu e idolatra o Deus venerado. Por outro lado, há ainda que ter em consideração a mente material, preocupada com o mundo material e dominada pelos impulsos do mal. A primeira possibilita ao eu ser levado ao mais sublime dharm incorporado em Deus, ao passo que o segundo proporciona a ilusão (maya) de que o mundo material existe verdadeiramente e se distingue do Espírito Supremo. O passo inicial do viajante é a busca da perfeição moral, assim como o domínio dos impulsos

संजय उवाच : एवमुक्त्वार्जुन: संख्ये रथोपस्थ उपविशत्। विसुज्य सशरं चापं शोकसंविग्नमानस:।।४७।। do mal. Consequentemente, após a percepção do Deus imutável e eterno e da união com o mesmo, a necessidade do bem foi satisfeita e o resultado final da batalha entre matéria e espírito revela-se.

Observando os exércitos no campo de batalha da vida, deparamonos com as nossas próprias famílias, as quais devem ser destruídas. O mundo nada mais é senão uma extensão de apegos. O apego da família prova ser um obstáculo no estágio primário da veneração do devoto para atingir o objectivo desejado. Este sente-se abalado ao descobrir que terá de abandonar os seus entes queridos e tratá-los como se não existissem, não encontrando nada de vantajoso no seu acto de destruição da própria família. Tal como Arjun, o devoto procura uma solução para que as tradições perdurem. Arjun declara que as tradições familiares se traduzem em Sanatan Dharm. A destruição da família e das tradições de castas pela guerra revela-se, deste modo, na destruição do dharm eterno. E se o dharm se perder, as mulheres de família perderão a sua castidade, gerando uma pecaminosa mescla de classes que conduzirá tanto a família como os respectivos destruidores ao inferno por tempo indefinido. Com o seu conhecimento e sabedoria limitados, Arjun encontra-se desesperado para proteger as tradições familiares que considera como Sanatan Dharm. Por esse motivo roga a Krishn e pede para ser iluminado relativamente à razão porque eles (Krishn e ele), homens de argúcia, devem cometer o pecado hediondo de destruir as suas famílias. Segundo o seu ponto de vista no que toca à presente questão, Krishn está prestes a tornar-se cúmplice de um crime. Por fim, este declara categoricamente que, por forma a salvar-se do pecado, não combaterá. Ao afirmá-lo corre em desespero para o carro de combate. Por outras palavras, vira as costas ao precioso conflito perene que desponta entre a matéria e o espírito, entre os impulsos divinos e não divinos, entre as forças que diminuem o homem à natureza grosseira e as forças que o elevam e, por fim, conduzem a Alma ao Deus Supremo.

Intérpretes intitularam o primeiro capítulo do Geeta como "Arjun Vishad Yog", sendo "vishad" a dor e Arjun o símbolo da devoção terna e afectuosa. A dor é o motivo, assim como o instrumento do devoto preocupado com a preservação de Sanatan Dharm. Essa era a preocupação de Manu, aquele que os hindus crêem ter sido o representante humano e pai da

raça humana. Goswami Tulsidas afirmou: "O meu coração encontra-se repleto de dor, dado que apenas conduzi a minha vida sem o amor de Deus". Um homem cai no desgosto devido à irresolução. Arjun encontra-se apreensivo perante varnsankar, a mescla de classes, pois a hibridação resulta apenas em condenação. Este angustia-se ainda devido aos seus receios pela segurança de Sanatan Dharm. Assim, o título "Sanshay Vishad Yog" é apropriado para este capítulo.

Assim se conclui o Primeiro Capítulo do Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta, sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado:

"Sanshay Vishad Yog", ou
"O Yog da Irresolução e da Dor".

"Assim conclui Swami Adgadadand a sua exposição do Primeiro
Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em
Yatharth Geeta."

HARI OM TAT SAT

#### **CAPÍTULO 2**

### CURIOSIDADE SOBRE A ACÇÃO

Com a natureza de um prefácio, o capítulo 1 apresenta as dúvidas e questões do que busca. Os participantes da guerra incluem todos os Kaurav e Pandav, mas somente Arjun sofre de inquietações. Contudo, Arjun representa a incorporação da devoção enquanto viajante no caminho da espiritualidade. É o amor a Deus que o inspira a preparar-se para a guerra entre a matéria e o espírito. O estádio inicial é, assim, o amor, a adoração. O meu venerado preceptor costumava dizer: "Acreditem que a adoração do Espírito Supremo começa apenas quando, enquanto chefe de família¹, se denotam sinais de fadiga e lágrimas, e o sentimento é tão forte que sufoca a garganta". O amor engloba diversos aspectos: do dharm, das normas, das contenções, das associações pias e do sentimento.

No primeiro estádio da busca espiritual, o apego à família apresenta-se como um obstáculo. À partida, qualquer um deseja alcançar a derradeira realidade, porém, o devoto é consumido pelo desespero ao aperceber-se que, após percorrer uma certa etapa do caminho, terá de cortar as suas relações de afecto com a família. Desta forma, aprende a contentar-se com os hábitos que seguiu anteriormente, chegando mesmo a citar tradições importantes por forma a justificar o seu ênfase, tal como Arjun ao insistir que os ritos familiares são Sanatan Dharm. A guerra provocaria a extinção de Sanatan Dharm e, paralelamente, a destruição das famílias e a perda dos modos civilizados. Longe de manifestarem um ponto de vista independente, as ideias de Arjun reflectem alguns credos herdados que adquiriu antes de procurar um preceptor realizado como Krishn.

<sup>1</sup> Garhastya: o segundo de quatro estados na vida tradicional hindu. Os outros três traduzem-se em brahmcharya, vanprasth e sanyas.

Vendo-se reflectidas nestas tradições, as pessoas criam várias religiões, seitas, assim como pequenos e grandes grupos e castas para além do atingível. Alguns perfuram o nariz, outros furam as orelhas, ao passo que outros crêem perder o seu dharm ao serem tocados por alguém ou porque a sua comida e bebida se encontra conspurcada. Dever-se-á atribuir as culpas somente aos denominados "intocáveis" ou não hindus pelo estado das coisas? De forma alguma. A culpa encontra-se principalmente entre aqueles que propagam ilusões em nome do dharm. E aqueles de nós que os escutam, são vítimas cegas dos hábitos desviantes e, assim, têm também de carregar parte da culpa.

Na era de Mahatma Buddh havia uma seita de seu nome Kesh-Kambal<sup>2</sup>, cuios membros consideravam a prática de deixar crescer o cabelo (que podia ser usado como um cobertor) como um padrão de perfeição. Alguém deve ter também pensado que seria pio viver como vacas, enquanto outros viviam e se comportavam como cães. Mas todos estes não passavam de tolos hábitos que em nada se associam à consciência de Deus. Tratavam-se apenas de cismas e hábitos ridículos do passado que se manifestam ainda hoje entre nós. Assim foi também na época de Krishn, denotando-se igualmente separações e tolos hábitos e sendo Arjun vítima de alguns deles. Tal é perceptível nos seus guatro argumentos, nomeadamente que a guerra destrói o Sanatan Dharm eterno, causando varnsankar, uma mescla profana de classes e formas de vida díspares. Ou que as oferendas obsequiosas pelos antepassados com maleitas terminariam e que nos concentraríamos na destruição da nossa raça, promovendo terríveis maldições sobre nós mesmos. Face a isto, Yogeshwar Krishn dirige-se a ele.

 "Sanjay disse: 'A ele (Arjun), cujos olhos transbordam de lágrimas de dor devido ao facto de se encontrar assoberbado pelo pesar, Madhusudan assim falou'."

Madhusudan, destruidor da arrogância, fala a Arjun, cujos olhos estavam repletos de lágrimas pela dor e profunda agitação:

संजय उवाच : तं तथा कृपयाविष्टमश्रुपूर्णाकुलेक्षणम्। विषीदन्तमिदं वाक्यमुवाच मधुसूदन:।।१।।

#### "O Senhor disse: 'Qual a causa, ó Arjun, de serdes tomado por este desespero desumano (atípico de Arjun), tão pouco celestial e vergonhoso neste arriscado local?"

Krishn recorre ao termo "visham" para o local onde Arjun e ele se encontram no momento. Para além dos significados "difícil" e "perigoso", a palavra pode ainda ser traduzida como "único" e "inigualável". Deste modo, Krishn deseja saber qual o factor que causou ignorância espiritual (agyan³) em Arjun nesse cenário invulgar e singular. O cenário não pode ser encontrado em mais lugar algum no mundo, pois trata-se da esfera da busca espiritual por um objectivo divino, celestial. Numa localização de tal forma universal e irrefutável, como terá sido Arjun dominado pela ignorância? Porque categoriza Krishn o ponto de vista de Ariun como ignorância espiritual? Não afirmou Arjun categoricamente que é seu sincero desejo defender Sanatan Dharm? Traduz-se a ignorância espiritual na determinação de proteger de alma e coração aquilo que Arjun acredita ser imutável, o dharm eterno? Segundo Krishn, assim é, pois não tem sido essa a prática daqueles que merecem verdadeiramente ser chamados de homens, para além de esta também não conceder acesso ao céu, nem conduzir à glória. Aquele que se mantém firme no seu caminho do bem intitula-se Arya. Nas escrituras hindus, ao invés de se referir a uma raça ou ascendência, "Arya" designa alguém excepcionalmente culto que adere escrupulosamente ao dharm. Se a morte pela própria família não fosse um estado de ignorância, acrescenta Krishn, os sábios tê-lo-iam praticado. Se as tradições familiares se revelassem como a realidade derradeira, recorrer-se-ia a elas como um trampolim para alcançar o céu e a salvação. Ao cantar as suas melodias em adoração divina, Meera foi considerada louca e a sua sogra condenou-a como destruidora da família. Contudo, a sogra nem por uma vez considerou derramar uma lágrima de preocupação pelo bem-estar da sua família e pela segurança da sua honra, enquanto o mundo celebrava a memória de Meera. Afinal, por

#### श्री भगवानुवाच : कुतस्त्वा कश्मलिमदं विषमे समुपस्थितम् । अनार्यजुष्टमस्वर्ग्यमकीर्तिकरमर्जुन ।।२ ।।

3 Agyan: a ignorância que leva o homem a considerar-se distinto e separado do Espírito Supremo e o mundo material como verdadeiramente existente. quanto tempo somos capazes de recordar aquele que apenas se preocupa com a sua família? Não é assim evidente que os hábitos não trazem nem glória nem felicidade suprema e que em momento algum foram aceites por um Arya (alguém do dharm), traduzindo-se nalgum tipo de ignorância? Krishn diz a Arjun:

 "Não cedais, ó Parth, à pusilanimidade, pois esta não se transformará em ti. Desta forma, ó Parantap, levantai-vos e abandonai este desgraçado estado de fraqueza do vosso coração."

Krishn esclarece Arjun para não ceder à impotência (klaybiam). Será Arjun impotente, escasso em virilidade? Seremos homens viris? Um homem impotente é aquele que é desprovido de masculinidade. Todos nós, de acordo com a nossa sabedoria, agimos segundo aquilo que cremos ser viril. Um camponês que transpire dia e noite nos seus terrenos, procura provar a sua masculinidade através do seu trabalho. Alguns demonstram essa masculinidade no comércio, enquanto outros ainda tentam provar ser verdadeiros homens pelo abuso de poder. Porém, ironicamente, após toda uma vida de provas de virilidade, partimos, no final, sem nada. Não é então óbvio que tudo isto não se trata da verdadeira masculinidade? A verdadeira masculinidade traduz-se no auto-conhecimento: a consciência da Alma e a sua origem divina. Citando um outro exemplo do Upanishad Brihadaranyak, Gargi diz a Yagnvalkya que um homem, ainda que capaz de proezas sexuais, permanece inviril caso não tenha consciência da alma que nele habita. Este Eu trata-se do homem real (Purush), radiante e sem expressão. O esforço pela descoberta do Eu revela-se como verdadeira virilidade (paurush). Por esta razão, Krishn pede a Arjun para se não render à impotência, pois não é de si merecedora. Ele é um mordaz e formidável guerreiro contra outros adversários, pelo que devia rejeitar a sua debilidade abjecta e enfrentar a batalha. Devia abandonar os seus apegos sociais que se tratam apenas de meras fraquezas. Arjun coloca então a sua terceira questão:

> क्लैब्यं मा रम गम: पार्थ नैतत्त्वय्युपपद्यते। क्षुद्रं हृदयदौर्बल्यं त्यक्त्वोत्तिष्ठ परंतप।।३।।

4. "Arjun declara: 'Como, ó Madhusudan, destruidor de inimigos, devo eu disparar flechas para o campo de batalha, contra homens como Bheeshm e Dron, que somente merecem a minha homenagem?"

Arjun dirige-se a Krishn enquanto Madhusudan, destruidor do demónio do ego, desejando que lhe explique como pode ele combater contra o seu antepassado Bheeshm e o preceptor Dron, se ambos merecem a sua reverência. A conduta dual, tal como vimos, intitula-se Dronacharya: esta tem a sua origem na sensação que Deus é algo aparte da nossa pessoa e nós aparte dele. Mas a consciência desta dualidade é também o início da realização espiritual. É este o principal feito de Dronacharya enquanto preceptor. Adicionalmente, há ainda a considerar Bheeshm, a imagem da ilusão. Enquanto nos encontrarmos desviados do caminho do bem e estivermos sob o domínio da ilusão, as crianças, a família e os conhecidos parecer-nos-ão como sendo nossos. O sentimento de pertença – de posse - reflecte o meio pelo qual a ilusão trabalha. O homem iludido consideraos dignos de devoção e dedica-se a eles, por ver num o pai, noutro o avô e noutro ainda o preceptor que o guiou. Contudo, após a realização espiritual, não existe mais preceptor ou pupilo e o Eu, então consciente da essência do Espírito Supremo, fica só.

Quando o Eu é absorvido por Deus, nem o preceptor nem o discípulo se limitam a receptáculos. Este trata-se do estado da perfeição suprema. Após assimilar a perfeição do preceptor, o pupilo partilha-a, desvanecendo a distinção entre ambos. Arjun tornar-se-á idêntico a Krishn, confirmando-se o mesmo com qualquer sábio que tenha sido capaz da percepção. Neste estado, a existência do preceptor dilui-se e a sua magnificência flúi espontaneamente como uma corrente cristalina pelo coração do discípulo. Mas Arjun encontra-se ainda longe desse estado, recorrendo ao conhecimento do preceptor, de modo a evitar a sua participação no combate.

अर्जुन उवाच कथं भीष्ममहं संख्ये द्रोणं च मधुसूदन। इषुभि: प्रति योत्स्यामि पूजार्हावरिसूदन।।४।। 5. "Até mesmo a vida neste mundo como mendigo, rogando por esmolas, é melhor do que matar preceptores, pois, se os matar, todas as minhas alegrias e riquezas e desejos neste mundo ficarão manchados pelo seu sangue."

Arjun prefere a vida de um mendigo sobrevivendo de esmolas a matar os seus preceptores. "Rogar" não significa agui "mendigar pelo sustento" (para a subsistência do corpo), mas antes a solicitação junto a grandes homens por favores propícios, em troca da prestação desmotivada de serviços. Deus é o único alimento que sacia eternamente a fome da Alma após o seu consumo4. O desejo de continuar a tomar o maná, ainda que em quantidades reduzidas, da perfeição divina ao servir e procurar um sábio, sem ter de renunciar à sua família, traduz-se na ânsia escondida no apelo choroso de Arjun. Não é isso que a maioria de nós faz? A nossa aspiração consiste em atingir, gradualmente e a determinado momento, a libertação espiritual sem abandonar os laços do amor familiar e do apego. Contudo, tal não é possível para aquele que busca a um nível mais elevado de realização e que é forte o suficiente para enfrentar um combate prestes a despontar no campo de batalha do seu coração. Solicitar e implorar tal qual um mendigo, em lugar de fazer algo por si mesmo, assemelha-se ao acto de rogar comida por parte de um vagabundo.

Em "Dhamnadayad Sutt" de Majjhim Nikaya, Mahatma Buddh declara também como inferior o alimento obtido através da mendigagem, dado que se equipara a carne recebida como esmola.

Que proveito retirará ele, questiona Arjun, ao matar os seus preceptores? Como poderá o mundo beneficiá-lo após um crime assim, e que se não traduza no regozijo doentio de ensanguentados prazeres de gratificação sensorial e prosperidade material? Tal dá a sensação que

गुरूनहत्वा हि महानुभावान् श्रेयो भोक्तुं भैक्ष्यमपीह लोके । हत्वार्थकामांस्तु गुरूनिहैव भुञ्जीय भोगान्रुधिरप्रदिग्धान्।।५।।

A ideia encontra-se expressa diversas vezes nos Upanishad. No Upanishad Taitliriya declara-se: "Aqueles que veneram o alimento como Deus (Brahm) adquirirão todos os objectos materiais, pois o alimento é a origem de todos os seres, os quais nascem, vivem e crescem com base no mesmo. Todos os seres subsistem com alimento e, quando morrem, o alimento consome-os a eles.

talvez ele acredite que a adoração afectuosa de Deus aumentará a sua felicidade mundana. Deste modo, a sua única vitória após um tão extenuante combate traduzir-se-ia somente no prazer das riquezas que sustentam o corpo e os prazeres sensoriais. De seguida, expressa mais um pensamento:

6. "Mal sei o que é melhor: que eles (Kaurav) nos conquistem a nós, ou nós os conquistemos a eles – incluindo os filhos de Dhritrashtr – que são nossos inimigos. Porém, após matá-los, podemos não desejar viver."

Até mesmo a posse dos tão ansiados prazeres não está garantida. Arjun encontra-se desorientado em relação a qual curso da acção lhe pode trazer glória, já que tudo o que afirmou até à data se revelou como ignorância. Adicionalmente, também não sabe se derrotará os Kaurav ou se estes o derrotarão a ele. Para o que deve viver, se os seus sentimentos de apego (aqui representados nas pessoas dos seus familiares), todos eles provenientes da ignorância de Dhritrashtr, forem aniquilados? Mas, simultaneamente, ocorre a Arjun que o que disse no momento poderá ser também errado. Desta forma, dirige-se novamente a Krishn:

7. "Com a minha mente dominada pela debilidade e confusão relativamente ao dever, suplico-vos para que me instruais no caminho da minha efectiva glória, pois sou vosso discípulo e refugiei-me em vós."

Com o seu coração debilitado pela dor e a sua mente perturbada pela preocupação em relação ao dharm, Arjun implora a Krishn para que este o esclareça sobre os meios definitivamente mais adequados na condução ao bem supremo. Mas porque razão o faria Krishn? Segundo Arjun, é obrigação de Krishn indicar-lhe o caminho certo, uma vez que ele (Arjun) é um discípulo que nele encontrou refúgio.

Adicionalmente, este necessita não só de instrução, mas ainda de apoio para os percalços. Arjun assemelha-se a um homem pedindo ajuda

न चैतद्विद्यः कतरन्नो गरीयो यद्वा जयेम यदि वा नो जयेयुः। यानेव हत्वा न जिजीविषामस्तेऽवस्थिताः प्रमुखे धार्तराष्ट्राः।।६।। कार्पण्यदोषोपहतस्वभावः पृच्छामि त्वां धर्मसंमूढचेताः। यच्छ्रेयः स्यान्निश्चितं ब्रूहि तन्मे शिष्यस्तेऽहं शाधि मां त्वां प्रपन्नम्।।७।।

5

para colocar a carga às costas, a prendê-la aí e também a carregá-la, dado necessitar de alguém para a recolocar caso escorregue. Assim se traduz a submissão servil de Arjun a Krishn.

A resignação de Arjun encontra-se então completa. Até à data havia-se considerado igual em mérito em relação a Krishn, se não mesmo superior a ele no que se refere a determinadas capacidades. No entanto, coloca-se agora à mercê do condutor do seu carro de combate. Um preceptor realizado habita o coração do seu discípulo e encontra-se sempre a seu lado até o objectivo ter sido atingido. Caso não se encontre a seu lado, o pupilo pode falhar na sua busca. Tal como os guardiães de uma donzela a protegem até ao casamento, um preceptor realizado actua como o condutor de um caro de combate, manobrando ágil e firmemente a alma do discípulo pelos perigosos vales da natureza. Arjun resigna-se uma vez mais:

8. "Não compreendo como a obtenção de um incontestável e proveitoso domínio sobre a toda a Terra, ou até mesmo (que seja) a suserania sobre os deuses, pode dissipar a dor que me transtorna os sentidos."

Arjun não acredita nem mesmo que um império seguro e lucrativo, que se estendesse por toda a Terra, ou uma suserania sobre os deuses do céu como a exercida por Indr, o possa ajudar a espantar a dor que lhe minam os sentidos. Se o seu pesar é constante, que deverá ele fazer com todas as suas posses? Ele roga para ser dispensado do combate, caso essas sejam as suas únicas recompensas. Por fim sente-se desanimado e sem saber o que dizer.

9. "Sanjay proferiu: 'Após falar a Hrishikesh, Arjun, o conquistador do sono e destruídor dos inimigos, disse a Govind<sup>5</sup> (Krishn) que não combateria, silenciando-se em seguida'."

न हि प्रपश्यामि ममापनुद्याद् यच्छोकमुच्छोषणमिन्द्रियाणाम्। अवाप्य भूमावसपत्नमृद्धं राज्यं सुराणामपि चाधिपत्यम्।।८।।

संजय उवाच : एवमुक्त्वा हृषीकेशं गुडाकेश: परंतप । न योत्स्य इति गोविन्दमुक्त्वा तूष्णीं बभूव ह।।९।। Até então a atitude de Arjun tem sido determinada pelo Puran<sup>6</sup>, o qual contém determinações para os actos cerimoniais e ritos de sacrifício, assim como para o regozijo das vantagens provenientes de um desempenho devido ao mesmo. Nestas obras, o céu é o objectivo último, mas Krishn esclarece Arjun posteriormente que esta linha de pensamento se encontra errada.

10. "Então Hrishikesh, ó Bharat (Dhritrashtr), falou-lhe (a Arjun) com o que se assemelhava a um sorriso, o qual se encontrava sentado pesaroso entre os dois exércitos."

Krishn, conhecedor dos mais profundos segredos do coração (Hrishikesh), fala sorridentemente ao pesaroso Arjun:

11. "O Senhor disse: 'Apesar de lamentardes por aqueles que não deveriam ser lamentados, proferis palavras sábias; mas os sagazes não lamentam nem os vivos nem os mortos'."

Krishn refere a Arjun que, enquanto chora por aqueles que tal pesar não merecem, profere igualmente palavras de sabedoria. Contudo, os homens de discernimento não lamentam por aqueles cujas almas já partiram, nem por aqueles que ainda vivem. E não choram pelos vivos porque também eles morrerão. Tal significa que Arjun somente fala como um sábio, mas não conhece a realidade, uma vez que...

12. "Não é que nem vós nem eu, nem todos estes reis, não tenhamos existido no passado, nem que iremos conhecer um fim no futuro."

De acordo com a explicação de Krishn, a questão não reside em ele, o preceptor realizado, ou Arjun, o pupilo devoto, ou todos os outros reis

तमुवाच हृषीकेश: प्रहसन्निव भारत ।

सेनयोरुभयोर्मध्ये विषीदन्तमिदं वच: ।।१०।।

श्री भगवानुवाच : अशोच्यानन्वशोचस्त्वं प्रज्ञावादांश्च भाषसे। गतासनगतासंश्च नानुशोचन्ति पण्डिता:।।१९।।

न त्वेवाहं जातु नासं न त्वं नेमे जनाधिपा: । न चैव न भविष्याम: सर्वे वयमत: परम् ।।१२ ।।

Nome de certas composições anciãs sagradas, dezoito no total, e que se acredita que tenham sido redigidas por Vyas. Estas obras exibem todo o conteúdo da mitologia hindu. com a sua vaidade característica de homens reguladores, não terem existido no passado ou que não venham a existir em qualquer era por vir. O preceptor realizado é eterno, tal como os discípulos afectuosos, ou como os governantes que simbolizam as perversões da paixão e a cegueira moral. Aí, para além de esclarecer a permanência do Yog em geral, Yogeshwar Krishn dá particular ênfase à sua existência no futuro. Explicando a razão pela qual não devem ser lamentados, afirma:

13. "Uma vez que o Espírito no corpo passa pela experiência da infância, juventude e velhice no mesmo, migrando depois para outro corpo, os homens de mentes firmes não lamentam o seu passado."

Ao passo que a alma incorporada passa da infância para a juventude e depois para a velhice, assumindo sempre um novo corpo, os homens sábios não dão valor a exuberâncias. Por outras palavras, um homem é um rapaz, crescendo até ser um jovem adulto. Mas morrerá neste processo? De seguida torna-se velho. O Eu permanece sempre o mesmo, somente a condição do corpo físico no qual habita se encontra em permanente mutação. Mas não flúi por qualquer fenda ao transmutar para outro corpo. Esta mudança de um corpo físico para outro prosseguirá até a Alma se encontrar unida ao Espírito Supremo que, por si só, é imutável.

14. "A sensações de calor e frio, de dor e prazer, ó filho de Kunti, sentimo-las quando os sentidos tocam os objectos. Suportai-as pacientemente, ó Bharat, pois elas têm um princípio e um fim, e são transitórias."

O contacto sensorial com os objectos, que gera prazer ou dor e sensações de frio e calor, é ocasional e momentâneo. Por essa razão, Arjun deveria abandoná-lo. Em vez disso, ele deixa-se levar pelo mero pensamento dos prazeres derivados da união dos sentidos e respectivos objectos. A família (pela qual anseia os prazeres) e o preceptor reverenciado, ambos representam o apego sensorial. Mas as causas

देहिनोऽस्मिन्यथा देहे कौमारं यौवनं जरा। तथा देहान्तरप्राप्तिधीरस्तत्र न मुह्यति।।१३।। मात्रास्पर्शास्तु कौन्तेय शीतोष्णसुख-दुःखदाः। आगमापयिनोऽनित्यास्तांस्तितिक्षस्य भारत।।१४।। deste apego são momentâneas, falsas e perecíveis. Os nossos sentidos nem sempre tocam objectos agradáveis, tal como nem sempre são capazes de apreciar. Desta forma, Arjun é aconselhado a renunciar aos prazeres sensoriais e aprender a resistir às exigências dos sentidos. Mas porquê esta recomendação a Arjun? Será esta uma guerra disputada nos Himalaias onde terá de enfrentar o frio? Ou terá ela lugar no deserto onde terá de suportar o calor? Tal como declarado por conhecedores, o verdadeiro "Kurukshetr" tem um clima temperado. Será possível que durante os dezoito dias da batalha de Mahabharat as estações se tenham alterado, que o Inverno e o Verão tenham ocorrido? A verdade é que suportar calor e frio, a felicidade e a dor, a honra e a desonra, depende do esforço espiritual daquele que busca. O Geeta é, como já foi referido mais de uma vez, uma exteriorização do conflito interno que se origina na mente. Este combate trata de uma batalha entre o corpo físico grosseiro e o Eu, consciente da sua identidade com Deus. É um conflito em que, no final, até as forças da divindade se tornam inertes após a submissão dos impulsos pecaminosos, possibilitando que o Eu se torne uno com Deus. Quando se já não verifica impiedade, que mais há para os impulsos pios combaterem? O Geeta é, assim, uma adaptação do conflito interno que se dá na mente. Quais as vantagens, contudo, que o recomendado sacrifício dos sentidos e respectivos prazeres trarão? O que se ganha com isso? Krishn refere o assunto:

15. "Assim, ó mais nobre dos homens (Arjun), aquele que tiver na dor e no prazer a equanimidade como característica, e seja firme e se não deixe levar pelos tormentos destes (sentimentos produzidos pelo contacto com objectos), merece (provar) o néctar da imortalidade."

Um homem firme, que enfrente a dor e a felicidade de forma equânime e que se não atormente pelos seus sentidos e respectiva associação a objectos, é merecedor do estado imortal proporcionado pela percepção do Espírito Supremo. Neste caso, Krishn refere-se a uma vitória, nomeadamente o amrit, a bebida da imortalidade. Arjun havia pensado

que, em troca da sua participação no combate, seria recompensado ou com a morada celestial ou com o poder de governar sobre a Terra. Porém, Krishn diz-lhe que a sua compensação se traduzirá no amrit e não nos prazeres do céu ou no poder na Terra. O que é o amrit?

#### 16. "O irreal é inexistente e o real não conhece uma não existência; a verdade sobre ambos foi também já percepcionada por homens que conhecem a realidade."

O irreal não existe, é inexistente, pelo que pôr-lhe um fim está fora de questão. Por outro lado, não se pode considerar a permanente ausência do real – nem no passado, presente nem no futuro. Arjun pergunta então a Krishn se se refere a uma incarnação de Deus. Krishn responde que a distinção entre o real e o irreal tem sido também revelada a sábios que percepcionaram a verdadeira natureza da Alma humana como idêntica à do espírito Supremo presente em todo o universo. Assim, pode dizer-se que Krishn do Geeta é um vidente que vislumbrou a realidade. O que é, afinal, verdadeiro e falso, real e irreal?

### 17. "Sabei que, uma vez que o espírito universal é imperecível e imutável, ninguém pode provocar a sua destruição."

Aquele que se propaga e se encontra presente em cada átomo do universo é indestrutível. Ninguém é capaz de destruir o princípio imperecível. Mas qual o nome deste amrit imortal? Quem é ele?

#### 18. "Lutai, ó Bharat (Arjun), pois enquanto os corpos que vestem a Alma devem conhecer um fim, o Espírito incarnado é eterno, indestrutível e ilimitado."

Arjun é mandado levantar e combater, já que todos os corpos físicos que albergam no seu interior o Espírito ilimitado e eterno são efémeros. Este Espírito, o Eu, é imperecível, e não pode ser nunca destruído. O Eu é real, ainda que o corpo físico seja mortal, irreal e sempre inexistente.

नासतो विद्यते भावो नाभावो विद्यते सत:। उभयोरिप दृष्टोऽन्तरत्वनयोस्तत्त्वदर्शिभि:।।१६।। अविनाशि तु तिद्वद्वि येन सर्विमदंततम्। विनाशमव्ययस्यास्य न कश्चित्कर्तुमर्हति।।१७।। अन्तवन्त इमे देहा नित्यस्योक्ता: शरीरिण:। अनाशिनोऽप्रमेयस्य तस्माद्युध्यस्व भारत।।१८।। A ordem de Krishn a Arjun traduz-se em: "Lutai, pois o corpo é imortal". Mas neste comando não se torna evidente se Arjun deve matar somente os Kaurav. Não são aqueles que se encontram do lado dos Pandav também "corpos"? Serão os Pandav imortais? Se os corpos físicos são mortais, quem deve defender Krishn? Não é Arjun também um corpo? Estará Krishn a defender um corpo irreal, inexistente e constante? Se assim é, não poderá presumir-se que também ele é ignorante, apresentando falta de discernimento, o poder que distingue entre o mundo visível e o Espírito invisível? Não foi ele mesmo que afirmou posteriormente que aquele que apenas pensa e trabalha para o corpo físico (3.13) é ignorante e parco em discernimento? Um miserável assim vive em vão. Paralelamente, levanta-se uma outra questão: quem é verdadeiramente Arjun?

Tal como foi referido no capítulo I, Arjun incorpora a devoção afectuosa. Como um condutor de um carro de combate crente, o Deus reverenciado encontra-se sempre com o seu devoto. Como um amigo, guia-o e leva-o pelo caminho certo. Não nos resumimos a um corpo físico. O corpo é uma mera vestimenta, uma morada para a Alma residir, já que quem lá vive é o Espírito afectuoso. O corpo físico foi anteriormente mencionado como "constante". As batalhas e chacinas elementares não destroem o corpo. Quando um corpo é abandonado, a alma limita-se a assumir outro corpo. Fazendo esta referência, Krishn explicou haver uma mudança de um corpo para outro ao longo do crescimento da infância para a juventude e, por fim, a velhice. Ainda que se despedace um corpo, a alma recorre a outro como vestuário.

O verdadeiro fundamento de um corpo é constituído pelo sanskar, os méritos (as influências e impressões) adquiridas numa existência prévia. E o sanskar assenta na mente. A submissão perfeita da mente, de modo a ser imutável, firme e constante, e a dissolução do derradeiro sanskar traduzem-se em diferentes etapas do mesmo processo. A desintegração da última fase do sanskar assinala o fim da existência física. Por forma a causar esta dissolução, é necessária a submissão a aradhana, devoção e adoração do Deus ansiado. Krishn intitulou-o de acção (karm) ou o Caminho da Acção Impessoal (Nishkam Karm Yog). No Geeta incitou Arjun de tempos a tempos a combater, contudo, em todo o poema nem

um único verso refere que esta é uma batalha física ou relacionada de algum modo com derramamento de sangue. É evidente que se trata da guerra entre os impulsos opostos do bem e do mal, as forças pias e ímpias, que se trava na Alma humana – a morada de todos os pensamentos e sentimentos.

19. "Ambos são ignorantes: aquele que acredita que o Eu destrói e aquele que crê ser destruído, pois nem um destrói nem o outro destruído.""

Aquele que considera o Eu como um destruidor ou que o entende como podendo ser destruído, está inconsciente da sua verdadeira natureza, uma vez que nem mata nem pode ser morto. Este mesmo aspecto é novamente referido:

20. "O Eu nem (nunca) nasce nem morre, nem nunca conhece um princípio nem nunca conhece um fim, o Eu não nasce, é perpétuo, imutável e intemporal, e não se destrói quando o corpo rui."

O Eu, o Deus da alma, nem nunca nasce nem nunca morre, pois aquilo a que se submete em nome da morte trata-se de uma mera troca de vestuário. Por esta razão, tal nada mais pode ser senão o Eu, dado não nasce, é permanente, eterno e primordial. A desintegração, a morte do corpo não aniquila o eu. O Eu é, por si só, real, intemporal, imutável e eterno. Quem é você? Um seguidor do Dharm eterno? O que significa para sempre? O Eu. Então é um seguidor, um discípulo do Eu. O Eu e Brahm (Deus) são sinónimos. E quem é você? Um devoto do Dharm eterno. O que é imutável? O Eu, naturalmente. Poderemos dizer por outras palavras, que o leitor e eu, todos somos adoradores do Eu? Mas se não estivermos familiarizados com o caminho espiritual da verdade eterna,

य एनं वेत्ति हन्तारं यश्चैनं मन्यते हतम्। उभौ तौ न विजानीतो नायं हन्ति न हन्यते।।१९।। न जायते म्रियते वा कदाचित् नायं भूत्वा भविता वा न भूयः। अजो नित्यः शाश्वतोऽयं पुराणो न हन्यते हन्यमाने शरीरे।।२०।।

7 R. W. Emerson, um poeta filósofo transcendentalista americano, expressou esta ideia no seu poema intitulado "Brahma" (1857) da seguinte forma:

Se o destruidor vermelho pensa que destrói Ou se o destruído julga estar destruído, Então não conhece os modos subtis Como permaneço e passo e retorno. com o caminho para seguir os ditames do Eu até este ser uno com o Espírito Supremo, nada teremos que valha a pena ser denominado de imutável e perene. Trata-se de um julgamento para a absolvição final e em íntima proximidade a Deus (caso o ansiemos), mas não podemos ser considerados como tendo sido admitidos enquanto formos crédulos o suficiente para aceitar cegamente uma convenção errada ou uma outra farsa como Sanatan Dharm.

Seja na Índia ou em qualquer outro país, a Alma é idêntica em todos. Assim, onde houver um homem consciente da verdadeira natureza do Eu e do seu objectivo derradeiro, e que anseie por tomar o caminho que, por fim, conduzirá o seu Eu ao Espírito Supremo, seja ele cristão, muçulmano, judeu ou professe uma outra fé, também ele fará parte da comunidade de Sanatan Dharm – imutável e eterno.

## 21. "Como pode ele, ó Parth, que se encontra consciente da Alma interior enquanto algo imperecível, permanente, sem nascimento e imutável, matar ou levar outro a fazê-lo?"

Arjun é referido como Parth, pois fez do corpo terrestre um carro de combate e prepara-se para alcançar o Espírito Supremo. Aquele que sabe que a Alma interior é indestrutível, permanente, além do nascimento e de qualquer manifestação, como pode alguém assim levar outros a destruir ou ser ele próprio um destruidor? A destruição do indestrutível é impossível. E, sendo superior ao nascimento, o Eu nunca nasce. Portanto, porquê lamentar pelo corpo? Esta noção é analisada no seguinte verso:

#### 22. "Tal como uma pessoa veste uma outra vestimenta após desfazerse das que havia usado, o Eu interior também abandona corpos andrajosos, mudando-se para outros, novos."

A Alma rejeita corpos que tenham sido arruinados pela velhice ou por uma doença, vestindo-se com novo vestuário, tal como um ser humano se desfaz de roupas velhas e rotas, recorrendo a novas. Mas se uma

> वेदाविनाशिनं नित्यं य एनमजमव्ययम्। कथं स पुरुष: पार्थ कं घातयति हन्ति कम्।।२१।। वासांसि जीर्णानि यथा विहाय नवानि गृहाति नरोऽपराणि। तथा शरीराणि विहाय जीर्णान्यन्यानि संयाति नवानि देही।।२२।।

indumentária nova é necessária apenas quando o tecido da velha está muito frágil, qual a razão pela qual morrem crianças pequenas?

Estas "vestimentas" devem crescer e evoluir. Já foi referido que o corpo assenta em sanskar, as impressões deixadas pela acção no curso de uma existência prévia. Quando o armazém do sanskar se encontra esgotado, o Eu descarta o corpo. Caso o sanskar tenha apenas dois dias de duração, o corpo estará à beira da morte ao segundo dia. Para além do sanskar não existe um único suspiro de vida, o sanskar é o corpo e o Eu assume um novo corpo de acordo com o respectivo sanskar. Segundo o Upanhishad Chandogya: "Um homem é fundamentalmente a sua vontade. Do mesmo modo que é sua vontade nesta vida, também assim é quando a deixa". É a firmeza da sua vontade durante uma vida que determina o que alguém será na vida seguinte. Desta forma, um homem nasce em corpos adequados à sua própria vontade. Assim, a morte trata-se apenas de uma mudança física: o Eu não morre. Krishn dá de novo ênfase a imortalidade da Alma

23. "Este Eu não pode ser nem trespassado por armas, nem queimado pelo fogo, nem manchado pela água, nem levado pelo vento."

As armas não podem fender o Eu. O fogo não o pode chamuscar. Também a água não o pode molhar, nem o vento mirrar.

24. "O Eu, que não pode ser trespassado, nem queimado, nem molhado, nem esmorecido, é contínuo, universal, constante, imóvel e eterno."

O Eu não pode ser atravessado ou trespassado, não pode ser queimado, não pode ser afogado. Nem mesmo todo o firmamento o poderia conter com todo o seu tamanho. O Eu é, indubitavelmente, permanentemente renovado, omnipresente, imóvel, constante e perene.

नैनं छिन्दन्ति शस्त्राणि नैनं दहित पावक:। न चैनं क्लेदग्रत्यापो न शोषयित मारुत:।।२३।। अच्छेद्योऽयमदाह्योऽयमक्लेद्योऽशोष्य एव च। नित्य: सर्वगत: स्थाणुरचलोऽयं सनातन:।।२४।। Arjun referiu as tradições familiares como sendo eternas. Assim, segundo ele, o combate destruirá o Sanatan Dharm. Contudo, Krishn entende-o como um exemplo de ignorância e explica que somente o Eu é eterno. Se não conhecermos os meios pelos quais podemos percepcionar o nosso Eu e respectivo objectivo, não fazemos noção do que representa Sanatan Dharm. A Índia tem pago um preço elevado por esta ignorância.

O número total de muçulmanos que vieram até este país na Idade Média rondou aproximadamente os doze mil. Hoje em dia multiplicaramse acima dos 280 milhões. Doze mil facilmente cresceriam até atingir entre umas poucas centenas de milhar a uns 10 milhões, no máximo. Mas não se poderiam ter multiplicado mais do que isto. Então quem é esta maioria senão hindus, pessoas da nossa religião e irmãos que se perderam devido aos absurdos tabus relativos à comida e ao contacto? Na verdade, o seu discurso prova que perdemos e muito o contacto com Sanatan Dharm. Encontramo-nos tão concentrados em hábitos tolos que perdemos a capacidade de entender que a comida e o toque não podem derrubar o Sanatan Dharm. A verdade é que nenhum objecto do mundo material pode abalar este princípio espiritual universal. O que nos fez perder milhões de irmãos não foi o dharm, mas sim convenções ridículas. E esses mesmos preceitos errados podem ser considerados responsáveis pelo deterioramento da situação comunitária, pela divisão da Índia e até mesmo pelas sérias ameaças à nossa unidade e integridade nacional que, hoje em dia, enfrentamos. Há inúmeros exemplos de como temos vindo a sofrer devido aos nossos hábitos irreflectidos que nada têm em comum com o dharm.

Costumavam viver entre cinquenta a sessenta famílias Kshatriya muito cultas numa aldeia no distrito de Hamirpur. Hoje todas elas são muçulmanas. Podemos questionar-nos se foram convertidas sob ameaças de espadas e armas. De forma alguma. O que realmente sucedeu foi o seguinte: uma noite, dois muçulmanos esconderam-se perto do único poço da vila, sabendo que o primeiro a aparecer na manhã seguinte seria karmkandi<sup>8</sup> Brahmin da aldeia. À sua chegada, os muçulmanos agarram-no

<sup>8</sup> Um perito na secção dos Ved relacionado com os actos cerimoniais e ritos de sacrifício.

e amordaçaram-no. De seguida, perante os seus olhos, retiraram água do poço, bebendo parte dela, deitando o resto de volta ao poço e deixando ir ainda um pão parcialmente comido. O Brahmin observou tudo espantado, mas nada podia fazer. Por fim, os muçulmanos retiraram-se levando o Brahmin, que fecharam na sua casa.

No dia seguinte, quando os muçulmanos lhe disseram para comer algo com as mãos presas, o Brahmin, aborrecido, disse: "Vós sois Yavan<sup>9</sup>, eu sou um Brahmin. Como poderei eu comer o vosso alimento?" Os muçulmanos ripostarem: "Caro senhor, precisamos desesperadamente de sábios como o senhor". Após esta cena. O Brahmin foi libertado.

Este regressou à aldeia e reparou que as pessoas usavam o poço tal como antes. Assim, como penitência, ele entrou em jejum. Quando lhe perguntaram a razão, ele esclareceu que uns muçulmanos haviam trepado o baixo muro e acedido ao poço e atirado para o mesmo água conspurcada e ainda um pedaço de pão parcialmente comido. Espantadas, as pessoas da aldeia perguntaram: "Que devemos agora fazer?". A tal o Brahmin ripostou: "Nada, pois perdemos o nosso dharm".

As pessoas não tinham, nesse tempo, educação. Ninguém sabe ao certo desde quando as mulheres e os alegados "intocáveis" têm sido privados do direito de aprender. Os Vaishya estavam convencidos que produzir dinheiro era o seu único dharm. Os Kshatriya encontravam-se absorvidos pelas melodias laudatórias dos menestréis. Num abrir e fechar de olhos, o trono de Deli começou a tremer. Se a honra podia ser alcançada através da força, pensaram os Kshatriya, de que lhes servia estudar e aprender? Para que queriam eles, homens de armas, saber do dharm? Assim, o Dharm tornava-se num monopólio dos Brahmin. Não só eram os autores das leis religiosas e os seus intérpretes, como se tinham ainda auto-nomeado como os árbitros finais de bem e do mal, do verdadeiro e do falso. Esta era a moral do país e a degradação espiritual na era medieval. Pelo contrário, na Índia de tempos idos, não só os Brahmin, mas todos os membros de todas as classes, incluindo as mulheres, tinham o direito de estudar os Ved. Sábios de diferentes escolas haviam

<sup>9</sup> Originalmente, o significado traduzia-se por jónio (grego), mas hoje em dia utilizase para qualquer estranho ou não hindu.

composto os versos védicos e participado em discursos espirituais e debates. Os governantes da antiga Índia eram conhecidos por terem punido severamente aqueles que publicitavam a pretensão e a exuberância em nome do dharm. E tinham ainda respeito pelas escrituras religiosas de outros que não as suas.

Contudo, na Índia medieval, os Kshatriya da aldeia desta triste história, desconhecedores do espírito de Sanatan Dharm, escapuliram-se uns atrás dos outros como ovelhas assustadas, tremendo perante a agonia insuportável de ter perdido o dharm. Alguns cometeram mesmo o suicídio. No entanto, nem todos se mataram. Homens de uma fé dedicada procuraram uma alternativa à sua errada crença. Ainda hoje, os muçulmanos da aldeia de Hamirpur celebram os seus casamentos como os hindus. Somente no final da cerimónia é que um muçulmano se apresenta para efectuar a cerimónia nikah. Um dia, todos eles foram hindus fiéis, sendo que todos eles são agora muçulmanos fiéis.

A catástrofe, tal como se viu, foi provocada apenas pela comum crença hindu que a água se encontraria conspurcada se tocada por um muculmano. Os aldeões, desencaminhados, estavam convencidos que haviam perdido o dharm ao terem utilizado essa mesma água. Era a isto que o dharm havia sido reduzido na Índia medieval. Havia-se transformado numa espécie de planta cujas folhas murcharam e caíram ao ser tocadas - a isto chamamos planta Lajwanti (a tímida). As suas folhas contraemse ao mínimo toque, mas expandem-se e tornam-se mais firmes se se retirar a mão – é uma pena que uma mera planta se revitalize mal a mão que acabou de a tocar se afasta. Mas o dharm dos aldeões de Hamirpur definhou de tal forma irreversível, que nunca mais puderam revitalizarse. O seu dharm estava morto, assim como o seu Ram, o seu Krishn e o seu Deus. As forças que haviam assumido como eternas tinham, para eles, terminado a sua existência. Foi desta forma ignorante que os aldeões analisaram a questão. A verdade, porém, é que a força esmorecida é unicamente a de certos hábitos tolos que as pessoas entendiam como dharm devido à sua ignorância espiritual. O Dharm protege e, por esse motivo, é mais forte que todos nós. Mas ao passo que um corpo mortal necessita de uma arma para ser morto, para estes crédulos hindus o "dharm" em questão foi destruído pelo mero contacto. É assim possível questionar, que tipo de dharm é esse, pois são os hábitos humanos que definham e não o que é eterno e imutável?

O que é eterno é tão forte e inexpugnável que as armas não o conseguem trespassar, o fogo não queima e a água não molha. Nada oriundo do mundo material pode tocar-lhe, muito menos a comida e a bebida.

Também algumas falsas tradições nos ficaram dos tempos de Arjun, tendo sido este, evidentemente, uma das suas vítimas. Assim, lamenta-se pesarosamente perante Krishn sobre a natureza eterna dos ritos e hábitos familiares. O combate, acrescenta ele, destruirá o Sanatan Dharm e, uma vez perdido, todos os membros da família estarão condenados a definhar no inferno. É óbvio que Arjun fala sobre crenças normais à sua época. Por essa razão, Krishn, adepto da espiritualidade, o refuta e relembra que só o Eu é perpétuo. Se não conhecemos o caminho para este Deus interior, é porque ainda não nos iniciámos no espírito de Sanatan Dharm. Sendo do nosso conhecimento que o Eu imutável e eterno prevalece, pelo que devemos procurar? É esse o tema de seguida esclarecido por Krishn:

25. "Sabendo que o Eu não se manifesta, que é um objecto inexistente para os sentidos, que é incompreensível e imutável devido à sua inexistência para a mente, não vos convinde, (ó Arjun), lamentá-lo."

A Alma não se manifesta e não se revela como um objecto para os sentidos, não podendo ser assimilada pelos mesmos. Esta está presente até mesmo aquando da associação dos sentidos aos objectos, embora não possa ser apreendida, pois encontra-se para além do pensamento. É eterna e presente, mesmo nos momentos em que a mente persiste com as suas vontades, mas está além da percepção, do prazer e do acesso. Por esse motivo a mente deve ser controlada. Krishn explicou a Arjun que o irreal não existe, tal como o real nunca cessa de existir. O Eu traduz-se na realidade. O Eu é imutável, constante, eterno e não se

manifesta. Aqueles que conhecem essa essência percepcionaram o Eu dotado com estas características. Nem analistas nem pessoas influentes conseguiram percepcionar o carácter único do Eu, somente videntes. No capítulo 18, Krishn afirmará que apenas o Espírito Supremo é real. Ao controlar a mente, o devoto vislumbra-o e torna-se uno com ele. No momento da realização, o devoto percepciona Deus, e no momento imediatamente seguinte apercebe-se da sua alma dotada de características divinas. É então que compreende que apenas o Eu é verdadeiro, eterno e perfeito. Este Eu encontra-se para além do alcance do pensamento, não é passível de qualquer desvio, é imutável. Krishn recorre à lógica simples para demonstrar as contradições patentes nos pensamentos de Arjun.

26. "Não deveis lamentar, ó Vós de braços poderosos, ainda que o considerais (o Eu) como nascendo e morrendo repetidamente."

Arjun não devia lamentar-se, ainda que entenda o Eu como nascendo e morrendo constantemente.

27. "Uma vez que tal prova igualmente a morte certa do que nasce e o nascimento certo do que morre, não lamenteis o inevitável."

Até mesmo a assumpção que o Eu nasce e morre permanentemente vem confirmar que os que nascem têm de morrer e os mortos têm de nascer. Deste modo, Arjun não deveria lamentar-se sobre o incontornável, pois chorar por algo inevitável conduz a outros pesares.

28. "Porquê lamentar o assunto, ó Bharat (Arjun), se todos os seres, desprovidos de corpo antes do nascimento e após a morte, reaparecem para se apoderarem de um corpo entre os dois eventos?"

> अथ चैनं नित्यजातं नित्यं वा मन्यसे मृतम्। तथापि त्वं महाबाहो नैवं शोचितुमर्हिस ।।२६ ।। जातस्य हि धृवो मृत्युर्धुवं जन्म मृतस्य च। तस्मादपरिहार्येऽथें न त्वं शोचितुमर्हिस ।।२७ ।। अव्यक्तादीनि भूतानि व्यक्तमध्यानि भारत। अव्यक्तनिधनान्येव तत्र का परिदेवना ।।२८ ।।

Qualquer ser não tem corpo antes do nascimento e após a morte, não podendo ser observados nem anteriormente ao primeiro nem posteriormente à segunda. Somente entre o nascimento e a morte é que estes assumem a forma de um corpo. Assim, de que serve lamentar esta alteração? Mas quem consegue vislumbrar o Eu? Krishn responde à questão do seguinte modo:

29. "Somente um vidente vislumbra a alma como uma maravilha, outro descreve-a como uma maravilha, e outro ainda ouve-a como uma maravilha, enquanto alguns a ouvem mas, contudo, não a entendem."

Krishn já referiu anteriormente que apenas sábios esclarecidos e realizados vislumbraram o Eu. Agora explicita o motivo para os raros momentos desse vislumbre. Somente um sábio raro percepciona o Eu, o vê directamente em lugar de apenas o ouvir. De forma semelhante, apenas um raro sábio pode falar da sua substância. Somente aquele que percepcionou o Eu pode descrevê-lo. Contudo, um outro sábio raro considera-o uma maravilha ao ouvi-lo, pois a voz do Eu não é algo ao alcance de todos, pois está destinada apenas a homens de elevada realização espiritual. Algumas pessoas ouvem o Eu e, no entanto, não o entendem, pois são incapazes de percorrer o caminho espiritual. Um homem pode ouvir inúmeras palavras sábias e encontrar-se desejoso para adquirir sabedoria mais elevada, mas o apego está associado a uma irresistível força e após um curto espaço de tempo ele dedica-se novamente aos assuntos mundanos.

Desta forma, Krishn profere, por fim, o seu veredicto:

30. "Dado que o Eu que nos nossos corpos reside é indomável, ó Bharat, não é conveniente lamentardes o seres vivos."

Arjun não deveria lamentar os seres vivos, já que o Eu, seja qual for o corpo em que se encontra, não pode ser assassinado nem trespassado.

आश्चर्यवत्पश्यति कश्चिदेनमाश्चर्यवद्वदित तथैव चान्य: । आश्चर्यवच्चैनमन्य: शृणोति श्रृत्वाप्येनं वेद न चैव कश्चित्।।२९।। देही नित्यमवध्योऽयं देहे सर्वस्य भारत । तस्मात्सर्वाणि भृतानि न त्वं शोचितुमर्हसि।।३०।। Devidamente exposto e analisado com autoridade, o assunto em questão, "o Eu é eterno", dá-se assim por concluído.

Porém, uma outra questão se levanta: como se percepciona e atinge o Eu? Em todo o Geeta são sugeridos somente dois modos para tal: primeiro "o Caminho da Acção Impessoal" (Nishkam Karm Yog) e, em segundo lugar, "o Caminho do Discernimento" (Gyan Yog). A acção necessária aos dois é a mesma. Dando ênfase à necessidade desta acção, Yogeshwar Krishn afirma:

## 31. "Tendo igualmente em consideração o nosso próprio dharm, não é necessário temer, pois nada há de mais benéfico para um Kshatriya do que um combate pelo bem."

Uma vez que não há bem maior para um Kshatriya do que uma batalha de piedade, não é conveniente para Arjun hesitar, ainda que seja somente tema pelo seu dharm. Tem sido repetidamente afirmado que "o Eu é imutável", que "o Eu é eterno" e que "O Eu é o único verdadeiro dharm". Mas que dharm do Eu é este (swadharm)? O Eu é o único dharm apesar da capacidade de dedicação ao mesmo variar de indivíduo para indivíduo. Esta capacidade oriunda da disposição de cada um foi denominada de swadharm ou dharm inerente.

Os sábios mais antigos dividiram os viajantes na busca eterna do Eu em quatro classes de acordo com as suas capacidades inatas: Shudr, Vaishya, Kshatriy e Brahmin. No estádio primário da realização, todo o vidente é Shudr, ou seja, alguém com poucos conhecimentos. Este passa horas em devoção e adoração a Deus, não conseguindo ainda dedicar verdadeiramente dez minutos do seu tempo à busca espiritual, pois não consegue cortar com a fachada ilusória do mundo material. Devotamente sentado aos pés de um sábio realizado, um preceptor iluminado, neste estádio é conveniente o cultivo das próprias virtudes. Com tais actos, é levado ao nível daquele que busca a classe de Vaishya. Compreendendo gradualmente que as vitórias do Eu são as únicas verdadeiras vitórias, torna-se adepto da captação e protecção dos seus sentidos. A paixão e

a cólera são fatais para os sentidos, ao passo que o discernimento e a renúncia os protegem, sendo eles, contudo, incapazes de suprimir as sementes do mundo material. A pouco e pouco, enquanto o devoto vai evoluindo, o seu coração e a sua mente progridem em conjunto, de modo a sobrepor-se às três propriedades da natureza. Esta é a característica inata de um Kshatriy. Por esta altura, o devoto adquire a capacidade de destruir o mundo da natureza e as suas perversões. Este traduz-se no ponto de partida do combate. Após uma evolução mais refinada, o devoto eleva-se progressivamente à categoria de Brahmin. Algumas das virtudes que se evidenciam naquele que busca são o controlo da mente e dos sentidos, a contemplação incessante, a simplicidade, a percepção e o conhecimento. Ao aperfeiçoar gradualmente essas qualidades, este alcança, por fim, Deus, deixando de ser nesse momento um Brahmin.

Num sacrifício levado a cabo por Janak, rei de Videh, Maharshi Yagnvalkya respondeu às perguntas de Ushast, Kahol, Aruni, Uddalak e Gargi, dizendo considerar-se um Brahmin aquele que atingiu a percepção directa do Eu. Pois é o Eu que, residindo neste mundo e num outro superior, assim como em todos os seres, que tudo governa a partir do interior. O Eu traduz-se num governador interno. O sol, a lua, a terra, a água, o éter, o fogo, as estrelas, o espaço, o céu e cada momento no tempo regem-se pela autoridade do Eu. Este Eu incorporado, conhecedor e controlando a mente e o coração no seu interior, é imortal. Trata-se da realidade imperecível (Akshar) e tudo o que não se traduza como Eu é abolido. Neste mundo, aquele que, ainda que há milhares de anos, ofereça oblações, que efectue sacrifícios e pratique a austeridade sem ter consciência desta realidade, pouco ganha, pois todas as suas oferendas e exercícios são perecíveis. Aquele que parte desta vida sem essa noção do imperecível equipara-se a um avaro miserável, no entanto, aquele que falece com conhecimento da realidade é um Brahmin. 10

Arjun é um devoto Kshatriy. Segundo Krishn, não há modo mais benéfico para aquele busca sem ser o combate. A questão prende-se antes com o significado do termo Kshatriy. Geralmente, na linguagem comum, é considerado um dos termos como Brahmin, Vaishya e Shudr,

que se traduzem em denominações de "castas" determinadas pelo nascimento. Estas quatro constituem aquilo que é conhecido como o varn quádruplo. Contudo, essa não era a intenção original. Para além disso, está patente o que o Geeta pretende afirmar sobre a disposição inerente de Kshatriy. A dificuldade, nomeadamente de que trata o varn e a forma como alguém de um varn inferior pode, pela sua conduta, elevarse gradualmente a uma classe mais elevada, é constantemente abordada e ultrapassada no final do texto sagrado.

Krishn diz ter criado os quatro varn. Ao tê-lo feito, terá dividido os homens em quatro classes? Ele afirma não ter sido desse modo: apenas separou a acção em quatro categorias de acordo com as propriedades inatas. Assim, temos de ter em consideração a acção dividida. O modo correcto de devoção pode elevar uma pessoa da mais desprezível propriedade da ignorância da paixão e cegueira moral, levando à virtude, ou à qualidade do divino. Através do cultivo gradual da propriedade inerente, qualquer indivíduo pode evoluir até ao estádio de Brahmin. Então é detentor de todas as qualidades essenciais à percepção e união com o Espírito Supremo.

Krishn esclarece que até mesmo pertencendo a capacidade inerente, pela qual um homem participa no seu dharm, ao pouco meritório e ignorante nível Shudr, esta é benéfica no sentido mais lato, dado representar o início do caminho do Auto-cultivo. Porém, esse cultivo será destruído caso imite os modos das classes mais elevadas. Arjun é um devoto da classe Kshatriy, razão pela qual Krishn o fomenta a lembrar a sua capacidade de combate, pois através do mesmo este saberá que a irresolução e a dor não lhe são benéficas. Não existe melhor tarefa do que esta para um Kshatriy. De modo a esclarecer melhor o assunto, o Yogeshwar afirma:

32. "Abençoados serão, na verdade, ó Parth, os Kshatriy que, sem buscarem, se encontram perante tal combate, traduzindo-se este numa porta aberta para o céu."

यद्दच्छया चोपपन्नं स्वर्गद्वारमपावृतम् । सुखिनः क्षत्रियाः पार्थ लभन्ते युद्धमीदृशम् ॥३२ ॥ O perfeito atirador Arjun fez um carro de combate do próprio corpo temporário. Apenas o mais afortunado entre os Kshatriy tem a oportunidade de travar uma batalha pelo bem, que dá aos combatentes acesso a uma porta aberta para o céu. O devoto da classe Kshatriy é forte o suficiente para dominar todas as três propriedades da matéria. A porta para ao céu é-lhe aberta, uma vez que armazenou grande quantidade das riquezas divinas no seu coração. O devoto encontra-se qualificado para os prazeres da existência celestial e este é o caminho directo para o céu. Apenas os mais afortunados dos Kshatriy, aqueles com capacidade para combater numa batalha, podem conhecer o significado da luta incessante que se trava entre matéria e espírito.

No mundo têm lugar algumas guerras. As pessoas comparecem num local e combatem. Mas até mesmo os vitoriosos nestas nunca detêm uma vitória por muito tempo. Estas batalhas são, de facto, apenas actos de satisfação ao ferir deliberadamente pelas feridas sofridas – tratam-se de meros actos de vingança. Quanto mais um homem reprimir outros, acaba ele próprio por se reprimir a si mesmo. Que tipo de vitória é esta na qual se verifica apenas dor que oprime os sentidos? No final, o corpo é igualmente destruído. O único combate verdadeiramente benéfico é o conflito entre matéria e espírito, já que uma simples conquista nesta batalha resulta no domínio da matéria pelo Eu. Esta é a conquista após a qual não há qualquer possibilidade de derrota.

### 33. "E se não vos empenhardes nesta batalha do bem, perdereis o dharm do vosso Eu e a glória e sereis culpado do pecado."

Caso Arjun não enfrente esta batalha da matéria e do espírito, que lhe permitirá acesso ao Espírito Supremo, ao dharm imutável e eterno, será privado da sua capacidade inerente para a acção e luta e cairá no ciclo do nascimento e morte e na desgraça. Krishn esclarece então a natureza da sua desgraça:

### 34. "Todos falarão para sempre da vossa desgraça, sendo tal pior do que a própria morte para um homem honrado."

अथ चेत्त्वमिमं धर्म्यं संग्रामं न करिष्यसि। ततः स्वधर्मं कीर्तिं च हित्वा पापमवाप्स्यसि।।३३।। अकीर्तिं चापि भूतानि कथयिष्यन्ति तेऽव्ययाम्। सम्भावितस्य चाकीर्तिर्मरणादितिरेच्यते ।।3४।। As pessoas falarão por muito tempo malevolamente da pusilanimidade de Arjun. Ainda hoje, sábios como Vishwamitr, Parasher, Nimi e Shringi são recordados sobretudo pelas suas transgressões no caminho do bem. Assim, os devotos reflectem no seu dharm, ponderando o que outros dirão sobre eles. Esta ideia é benéfica no processo da busca espiritual, pois contribui para a necessidade de preservação através da busca da derradeira realidade. Até certa medida, fornece ainda auxílio acerca do caminho espiritual. A infâmia é, deste modo, pior ainda para homens honrosos.

## 35. "Até mesmo os grandes guerreiros que vos têm em grande consideração desdenharão por terdes virado as costas à batalha face ao medo."

Os poderosos guerreiros, cuja estima Arjun perderá para cair em desonra, pensarão que ele se retirou do combate por cobardia. Mas quem são estes grandes guerreiros? Também eles buscam e têm batalhado arduamente ao longo do caminho da percepção espiritual. Já os outros guerreiros formidáveis que se opõem a eles são o desejo pelo prazer sensorial, a ira, a cobiça e o apego, tentando arrastar com igual tenacidade o devoto para a ignorância. Arjun cairá em desgraça aos olhos de todos que de momento o têm em grande estima enquanto devoto valoroso. Paralelamente,

### 36. "Nada há de mais doloroso para vós do que as palavras depreciativas e impróprias que os vossos adversários proferirão contra vós."

Os inimigos de Arjun prejudicá-lo-ão e pronunciarão palavras que não deveria ser proferidas. Uma só blasfémia é suficiente para lançar sobre alguém vergonha e abuso de todas as direcções. Até mesmo palavras, impróprias para discursos, serão ouvidas. Poderá haver dor maior do que ser objecto de tal calúnia? Assim, Krishn diz a Arjun:

भयाद्रणादुपरतं मंस्यन्ते त्वां महारथा: । येषां च त्वं बहुमतो भूत्वा यास्यसि लाघवम् ।।३५ ।। अवाच्यवादांश्च बहून् वदिष्यन्ति तवाहिता:। निन्दन्तस्तव सामर्थ्यं ततो दु:खतरं नृ किम् ।।३६ ।।

### 37. "Dirigi-vos com determinação para o combate pois se morrerdes no mesmo alcançareis o céu e, se ganhardes, atingireis a glória suprema."

Se Arjun perder a vida no combate, irá para o céu, onde ficará com Swar – o Deus indestrutível. Os impulsos que nos guiam em direcção ao mundo material e exterior ao Eu serão retardados. E o nosso coração transbordará então com as qualidades divinas que possibilitam a percepção do Espírito Supremo. Mas se Arjun ganhar, alcançará o estado de redenção, a realização mais nobre. Desta forma, Krishn fomenta Arjun a levantar-se determinadamente e a preparar-se para o combate.

Geralmente, o verso presentemente examinado é compreendido como se fosse garantido a Arjun um lugar no céu caso morresse em combate, sendo recompensado com os prazeres mundanos caso sobrevivesse. Porém, convém recordar que Arjun disse a Krishn que em nenhum dos três mundos, nem mesmo numa suserania sobre os deuses semelhante à de Indr, ele via um meio de remediar a dor que se lhe abateu sobre os sentidos. Assim, afirmou, se fosse para atingir apenas isso, de forma alguma combateria. Ainda assim, Krishn incentiva-o a lutar. Que melhor recompensa além do domínio sobre a Terra, em caso de vitória, e os prazeres celestiais, em caso de derrota, promete Krishn a Arjun de modo a levá-lo ao combate? Arjun é, efectivamente, um discípulo que procura a verdade e a perfeição para além dos prazeres mundanos e celestiais. Sabendo-o, Krishn, preceptor realizado, refere que mesmo que o seu corpo sucumbisse no decurso da batalha e não atingisse o seu objectivo, ele atingiria, repleto de riquezas divinas, uma existência em Swar, o imutável e eterno. Se, por outro lado, Arjun se saísse bem na batalha com o seu corpo temporário ainda com vida, alcancaria a sublimidade de Deus e, com isso, atingiria o estado da mais elevada glória. Seria assim um vencedor de qualquer maneira: se saísse vencedor alcançaria o estado mais sublime, se saísse derrotado encontraria morada no céu e gozaria dos prazeres divinos, pelo que retiraria vantagem na vitória e na derrota. É dado de novo ênfase à questão:

> हतो व प्राप्स्यिस स्वर्गं जित्वा वा भोक्ष्यसे महीम्। तस्मादुतिष्ठ कौन्तेय युद्धाय कृतनिश्चय: ।।३७।।

38. "Não pecareis se vos levantardes e combaterdes na batalha, considerando do mesmo modo a vitória e a derrota, os ganhos e as perdas, a felicidade e a dor."

Krishn aconselha Arjun a encarar de igual forma a felicidade e a dor, os ganhos e as perdas, a vitória e a derrota, e a preparar-se para a batalha. Se participar na batalha, não será culpado de pecado algum. Em caso de sucesso, alcançará o estado de sublimidade, a posse mais preciosa possível a um homem e, em caso de derrota, realizar-se-á divinamente. Deste modo, Arjun devia ponderar bem o que tem a ganhar e a perder e preparar-se para o combate.

39. "Este conhecimento que vos transmiti, ó Parth, está relacionado com Gyan Yog, o Caminho do Conhecimento, pelo que me deveríeis escutar agora sobre Karm Yog, o Caminho da Acção Impessoal, pelo qual podereis livrar-vos das correntes da acção, assim como das suas consequências (karm)."

Krishn diz a Arjun que o conhecimento de que falou se encontra relacionado com o Caminho do Conhecimento. Por que conhecimento se espera que Arjun lute? A essência do Caminho do Discernimento ou Conhecimento é de tal forma única que, se lutarmos de acordo com a nossa disposição após uma avaliação cuidadosa das nossas capacidades, bem como dos ganhos e das perdas, atingiremos um estado de felicidade suprema, em caso de vitória, e uma existência celestial e divina, em caso de derrota. De qualquer das formas, a vantagem prevalece. Se não agirmos, outros falarão prejudicialmente sobre a nossa pessoa e olharnos-ão como se nos houvéssemos retirado em cobardia, caindo em desgraça. Deste modo, seguir em frente pelo caminho da acção com atenção redobrada pela natureza inata é, por si só, o Caminho do Conhecimento ou Discernimento.

Geralmente cruzamo-nos com a noção errónea de que não é

सुखदु:खे समे कृत्वा लाभालाभौ जयाजयौ। ततो युद्धाय युज्यस्व नैवं पापमवाप्स्यसि।।३८।। एषा तेऽभिहिता सांख्ये बुद्धियोंगे त्विमां श्रृणु। बुद्ध्या युक्तो यया पार्थ कर्मबन्धं प्रहास्यसि।।३९।। necessário travar uma batalha no Caminho do Conhecimento. Diz-se que o conhecimento não implica acção. Pensa-se com vaidade: "Sou puro", "Sou esclarecido", "Sou parte do próprio Deus". Aceitando como um axioma que a perfeição atrai a perfeição, permanecemos indolentes. Contudo, este não é o Caminho do Conhecimento segundo Yogeshwar Krishn. A "acção" que deve ser efectuada ao seguir o Caminho do Conhecimento é semelhante àquele que deve ser percorrido no Caminho da Acção Impessoal. A única diferença entre os dois caminhos reside na atitude. Aquele que escolher o Caminho do Conhecimento age considerando a avaliação da sua situação e com auto-confiança, ao passo que aquele que seguiu o Caminho da Acção Impessoal age igualmente, mas confiando na misericórdia do Deus venerado. A acção é uma condição básica em ambos os caminhos e, em cada um deles, é a mesma, apesar de ter de ser executada de modos distintos. As atitudes para além da acção diferenciam-se em ambas os cursos.

Desta forma, Krishn pede a Arjun para escutá-lo enquanto este discursa sobre o Caminho da Acção Impessoal, com o qual lhe poderia destruir eficazmente os laços da acção e respectivas consequências. Assim se referiu Yogeshwar ao karm pela primeira vez, embora não tenha explicado no que consiste. Em lugar de expor a natureza da acção, descreve antes as suas características.

40. "Uma vez que a acção impessoal nunca esgota a semente de onde se originou, nem tem consequências adversas, até mesmo o cumprimento parcial do dharm liberta (uma pessoa) do terrível horror (do ciclo do nascimento e da morte)."

Durante o desempenho da acção, sem ambicionar os resultados da mesma, o impulso inicial, ou a semente, não é destruído. Do mesmo modo, também não origina nenhum mal. A acção impessoal, ainda que levada a cabo com pequenas medidas, liberta-nos assim do enorme receio representado pelo nascimento e a morte. Tal requer uma reflexão sobre a natureza de uma tal acção, assim como o avançar alguns passos neste

caminho. Os devotos que renunciaram à vaidade das posses mundanas percorrem esta via, podendo aqueles que seguiram uma vida mais caseira fazer o mesmo. Krishn diz a Arjun para lançar a semente, já que esta nunca é destruída. Não existe poder algum na natureza, nenhuma arma, que a possa eliminar. O mundo material pode apenas tapá-la momentaneamente e escondê-la por algum tempo, mas não pode suprimir a inspiração inicial, a semente do acto da realização espiritual.

Segundo Krishn, até mesmo o pecador mais atroz pode, indubitavelmente, atravessar o arco do conhecimento. E este é exactamente o significado das suas palavras, ao referir que a semente da acção impessoal foi plantada, é imperecível. Nem sequer produz resultados adversos, tal como não abandona a meio do caminho, após indicar como evoluir, de modo a alcançar a realização espiritual. E luta persistentemente por aqueles que desistem. Por esta razão, a acção impessoal, por menor que seja, permite ultrapassar o grande temor do nascimento e da morte. Uma vez semeada, e mesmo após o nascimento repetido, a semente de tal acção conduz-nos à percepção de Deus e à emancipação do prazer e da dor. A questão que se coloca para quem escolha o Caminho da Acção Impessoal é o que fazer.

### 41. "Neste caminho auspicioso, ó Kurunandan (Arjun), a mente determinada é una, mas as mentes dos ignorantes encontramse muito divididas."

A mente fervorosa e firmemente orientada para a acção impessoal encontra-se unificada. A acção impessoal é apenas uma e o seu resultado é, também, um único. A realização espiritual é a única e verdadeira vitória, e a realização pessoal desta mesma vitória, ao combater contra as forças do mundo material, traduz-se num esforço. Este esforço e esta acção resoluta são, também eles, um único, com um só objectivo. Porém, quem são esses que publicitam mais de um modo de acção? Na perspectiva de Krishn, não são verdadeiros devotos. As mentes de tais homens encontram-se profundamente divididas, razão pela qual conjuram inúmeros caminhos.

42-43. "Homens repletos de desejos, ó Parth, que apenas escutam as promessas védicas de recompensa pela acção, que crêem que o alcance do céu é o objectivo máximo do nascimento temporal e respectivas actividades, e que proferem palavras pretensiosas para descrever tantos ritos e cerimónias que consideram conduzi-los ao prazer mundano e ao poder, são ignorantes e parcos em discernimento."

As mentes de tais homens encontram-se repletas de discrepâncias. Invejosos e apegados às promessas tentadoras elaboradas pelos versos védicos, estes consideram o céu como o objectivo supremo, não acreditando em nada mais para além do mesmo. Tais homens, ignorantes. não só levam a cabo inúmeros ritos e cerimónias, crendo que a execução dos mesmos lhes trará, supostamente, recompensas como a reincarnação, o prazer sensorial e o domínio na Terra, mas ainda os proclamam com uma linguagem floreada e sentimental. Por outras palavras, as mentes humanas sem discernimento têm inúmeras divisões, pois encontram-se ligadas a preceitos que garantem frutos da acção e aceitam as promessas dos Ved como finais e dignas de crédito. O céu é considerado como o derradeiro objectivo. Uma vez que as suas mentes se encontram subdivididas por tantas diferenças, inventam-se também inúmeras formas de devoção. Falando de Deus, constroem uma variedade de cerimónias rituais sob o disfarce do seu nome. Mas não são estas actividades uma forma de acção? Krishn refuta que todos estes actos sejam verdadeira acção. Quando se trata, então, de verdadeira acção? A questão permanece, por ora, por responder. Até à data, Krishn afirma apenas que as mentes ignorantes se encontram divididas, razão pela qual formulam uma quantidade enorme de ritos e cerimónias que se não traduzem em verdadeira acção, não se limitando apenas a expô-los, mas ainda a enfatizá-los por meio de linguagem figurativa. Vejamos agora os efeitos de tudo isto.

> यामिमां पुष्पितां वाचं प्रवद्वत्यविपश्चित:। वेदवादरता: पार्थ नान्यदस्तीति वादिन:।।४२।। कामात्मान: स्वर्गपरा जन्मकर्मफलप्रदाम्। क्रियाविशेषबह्लां भोगौश्चर्यगतिं प्रति।।४३।।

44. "Encantados com palavras ornamentais e apegados aos prazeres mundanos e ao domínio, os homens parcos em discernimento possuem mentes irresolutas."

As mentes afectadas pelas palavras tentadoras de tais pessoas encontram-se igualmente corrompidas, falhando também no cumprimento do bem. As pessoas cujas mentes estão enamoradas de tais palavras e apegadas ao prazer sensorial e ao poder temporário estão privadas da sua capacidade para a acção – não sentem necessidade de se dedicar à verdadeira acção, que se traduz num pré-requisito da contemplação do Deus venerado.

Mas quem são estas pessoas que prestam atenção a estes homens insensatos? É evidente que, não sabendo do Eu interior e do Espírito Supremo no exterior, se encontram dependentes do prazer sensorial e do poder temporário. Às mentes de tais pessoas falta-lhes vontade pela acção necessária à união derradeira do Eu e do Espírito Supremo:

Qual o significado exacto da afirmação que, também eles, estão enganados, ao se dedicarem cegamente às declarações védicas? Sobre isto, Krishn diz:

45. "Uma vez que todos os Ved, ó Arjun, esclarecem apenas as três propriedades, devíeis elevar-vos para além dos mesmos, libertar-vos das discrepâncias da felicidade e da dor, ponderar naquilo que permanece constante, e despreocupar-vos em obter aquilo que não tendes, tal como em proteger o que tendes, de modo a dedicar-vos ao Eu interior."

Os Ved clarificam apenas as três propriedades da natureza, mas não referem nada para além das mesmas. Deste modo, Arjun deveria ir além da esfera da acção delineada pelos Ved. Como o faria ele? Krishn recomenda a Arjun para se libertar dos conflitos do prazer e da dor e concentrar-se na única realidade imutável, não desejando nem o

भोगैश्चर्यप्रसक्तानां तयापहृतचेतसाम् । व्यवसायात्मिका बुद्धिः समाधौ न विधीयते ।।४४ ।। त्रैगुण्यविषया वेदा निस्त्रैगुण्यो भवार्जुन । निर्व्दन्द्वो नित्यसत्त्वस्थो निर्योगक्षेम आत्मवान् ।।४५ ।। inatingível nem o atingível, de modo a poder dedicar-se concentradamente ao Eu interior. Só assim se poderá elevar relativamente aos Ved. Mas haverão precedentes deste objectivo? Krishn afirma que, ao transcender os Ved, se depara face a face com o Espírito Supremo, tornando-se aquele, que dele tenha consciência, um verdadeiro Vipr, um Brahmin.

46. "Após a absolvição final, os Ved não são mais necessários, tal como não há necessidade de um lago quando temos um vasto oceano à disposição."

Quando nos encontramos rodeados por um oceano por todos os lados, não há necessidade para um lago. Do mesmo modo, um Brahmin que tenha percepcionado o Espírito Supremo, não precisa dos Ved. Tal significa que aquele que conhece Deus transcende os Ved e que é um Brahmin. Assim, Krishn aconselha Arjun a sobrepor-se aos Ved e tornar-se um Brahmin.

Arjun é Kshatriy e Krishn incentiva-o a tornar-se Brahmin. Brahmin e Kshatriy são, entre outros, nomes das qualidades inerentes às disposições de diferentes varn (o que actualmente é mais comummente conhecido como castas). Mas a tradição dos varn é, como já se viu, tradicionalmente direccionada para a acção e não tanto a disposição social determinada pelo nascimento. Que utilidade tem um lago insignificante para aquele que já tirou proveito das águas cristalinas do Ganges? Alguns usam os lagos para as abluções, outros lavam aí o gado. Um sábio que tenha vislumbrado Deus pela percepção directa tem o mesmo tipo de relação com os Ved. Sem dúvida alguma que são úteis. Os Ved existem para os indivíduos que ficam para trás. Mais pormenores elucidativos sobre esta questão têm início aqui. Consequentemente, Krishn expõe as precauções quanto ao ser-se observado no desempenho da acção.

47. "Uma vez que apenas estais intitulado a desempenhar a acção mas nunca a tirar proveito dos frutos da mesma, nunca deveríeis desejar recompensas pela acção nem deixar-vos arrastar para a inacção."

> यावानर्थ उदपाने सर्वतः संप्लुतोदके । तावान्सर्वेषु वेदेषु ब्राह्मणस्य विजानतः ।।४६ ।। कर्मण्येवाधिकारस्ते मा फलेषु कदाचन । मा कर्मफलहेतुर्भूमां ते संगोऽस्त्वकर्मणि ।।४७ ।।

Krishn refere que Arjun tem o direito a agir mas não a colher os resultados da mesma. Desta forma, Arjun devia convencer-se que os frutos da acção simplesmente não existem, não devendo ambicioná-los, nem sentir-se desiludido com a acção.

Até à data, Krishn recorreu apenas ao termo "acção" (karm significa tanto acção como as suas consequências) no verso trinta e nove do capítulo, porém não indicou do que trata este karm e como o desempenhar. Contudo, ele descreveu as suas características.

- (a) Referiu a Arjun que através do desempenho da acção será libertado dos laços da acção.
- (b) De seguida declarou que a semente do impulso inicial é indestrutível. Uma vez iniciado o processo, a natureza não tem como destruí-la.
- (c) Arjun soube que não existe uma única falha na acção, pois nunca nos abandona enquanto nos encontramos a braços com as tentações dos prazeres celestiais e das influências mundanas.
- (d) O desempenho da acção, inclusive em pequenas proporções, pode elevar uma pessoa do enorme temor do ciclo do nascimento e da morte.

Mas, tal como é evidente do sumário acima, Krishn ainda não definiu a acção. Quanto ao modo de a executar, disse no quadragésimo primeiro verso:

(e) A mente determinada a agir é apenas uma e o modo de o levar a cabo é apenas um. Significa isso então que as pessoas dedicadas a inúmeras actividades não se encontram verdadeiramente empenhadas na veneração a Deus? Segundo Krishn, as actividades de tais pessoas não se traduzem em acção. Procurando explicar porque assim é, acrescenta que as mentes humanas sem discernimento estão sujeitas a inúmeras divisões devido ao que tendem a inventar e a elaborar uma enorme quantidade de ritos e cerimónias. Por essa razão não são verdadeiros devotos. Recorrem a uma linguagem pretensiosa e ornamentada para descrever esses mesmos ritos e cerimónias.

Deste modo, também a mente humana é infestada e ludibriada pelo encanto das palavras. A acção ordenada é, assim, a única, apesar de ainda não sabermos exactamente no que consiste.

No quadragésimo sétimo verso, Krishn declara a Arjun que este tem o direito à acção mas não aos seus frutos. Assim, Arjun não os deveria desejar. Simultaneamente, não deveria perder a fé no desempenho da acção. Por outras palavras, deveria dedicar-se constante e devotamente ao seu desempenho. Mas Krishn não referiu ainda no que consiste a acção. Este verso é geralmente interpretado como significando: "Agi como entenderdes, apenas não desejeis os seus frutos." Isto é, referem os que interpretam estes versos, do que trata a acção impessoal. Mas, na verdade, Krishn ainda não proferiu que acção é essa que se espera dos homens. Apenas apontou as suas características, quais as suas vantagens, quais as precauções a ter em consideração no decurso do seu desempenho. Porém a questão do que trata exactamente a acção impessoal permanece até à data por responder. De facto, a resposta encontra-se apenas nos capítulos 3 e 4.

De novo, Krishn remete para o que já havia referido:

48. "Ao equilíbrio da mente oriundo da dedicação profunda no desempenho da acção após a renúncia do apego e ao esclarecimento no que respeita ao sucesso e fracasso, ó Dhananjay (Arjun), é dado o nome de yog."

Recorrendo ao yog, renunciando aos excessos dos laços mundanos e procurando o equilíbrio do sucesso e do fracasso, Arjun devia submeterse à acção. Mas qual acção? A declaração de Krishn reporta-se ao facto de os homens deverem actuar impessoalmente. A mente que não conhece o desequilíbrio encontra-se repleta de equanimidade. A cobiça destrói o equilíbrio, os apegos desequilibram e o desejo pelos frutos da acção elimina a serenidade. Esta é a razão pela qual os frutos da acção não devem ser tidos como objectivos. Simultaneamente, porém, também se não deve verificar uma redução da fé no desempenho da acção.

योगस्थ: कुरु कर्माणि सङ्गं त्यक्त्वा धनंजय। सिद्ध्यसिद्ध्यो: समो भूत्वा समत्वं योग उच्यते।।४८।। Renunciando o apego de tudo o que pode ser observado ou não, abandonando as preocupações relativas a vitórias e fracassos, deveríamos concentrar-nos no yog, a disciplina que une a Alma individual ao Espírito Supremo, levando uma vida de acção diligente.

O yog é, desta forma, o estado de culminação. Mas é ainda o estádio inicial. À partida, devíamo-nos focar no objectivo. Por esta razão devemos agir centrando-nos no vog. A equanimidade da mente tem o mesmo nome. Quando a mente não pode ser abalada pelo fracasso nem pelo sucesso e nada destrói o seu equilíbrio, diz-se tratar-se do estado de yog. Este não pode ser movido pela paixão. Este estado psicológico permite à Alma identificar-se com Deus. Esta é uma outra razão pela qual este estado se denomina Samattwa Yog, a disciplina que preenche a mente com equanimidade. Uma vez que há neste estado total renúncia do desejo, também recebe o nome de Caminho da Acção Impessoal (Nishkam Karm Yog). Dado que tal requer o desempenho de uma acção, é igualmente intitulada de Caminho da Acção (Karm Yog). Por unir o Eu ao Espírito Supremo, chama-se de yog. É necessário ter consciente que tanto o sucesso como o fracasso devem ser entendidos com equanimidade e sem apego, não dando lugar ao desejo pelas recompensas da acção. Assim, o Caminho da Acção Impessoal e o Caminho do Conhecimento são os mesmos:

49. "Refugiai-vos no caminho da equanimidade (yog), Dhananjay, pois a acção com desejo pelos frutos da mesma é bem mais inferior ao caminho do discernimento, sendo efectivamente os indigentes que são motivados pela luxúria (pelas recompensas)."

A acção ambiciosa é distante e muito inferior ao Caminho do Discernimento. Aqueles que procuram louvores designam-se por miseráveis, vis e sem capacidade de discernimento. Arjun é, assim, aconselhado a procurar abrigo no equilíbrio do Caminho do Conhecimento. Ainda que a Alma seja recompensada com o que deseja, terá de incarnar um corpo de modo a poder gozá-los. Enquanto perdurar o processo de

दूरेण ह्यवरं कर्म बुद्धियोगाद्धनंजय। बुद्धौ शरणमन्विच्छ कृपणाः फलहेतवः।।४९।। ida e vinda, de nascimento e morte, como poderá dar-se a derradeira redenção? Aquele que busca não deveria desejar sequer a absolvição, pois esta representa a liberdade total das paixões. Tendo em consideração a aquisição das recompensas, caso se dê alguma, a veneração não sofre interrupções. Porque deveria então prosseguir com a tarefa de meditação sobre Deus, se se vai desviar? Assim o yog deve ser entendido com uma mente equilibrada.

Krishn descreve o Caminho do Conhecimento (Gyan-Karm-Sanyas Yog) também como Buddhi ou Sankhya Yog. É assim sugerido a Arjun procurar esclarecer-se sobre a natureza do "discernimento" relativamente ao Caminho do Conhecimento. Na verdade, a única diferença entre ambos reside na atitude. No primeiro, pode apenas prosseguir-se após um exame cuidadoso dos aspectos positivos e negativos da submissão, ao passo que o segundo requer a preservação da equanimidade. Deste modo, denomina-se ainda Caminho da Equanimidade e do Discernimento (Samattwa-Buddhi Yog). Por esta razão, e devido ao facto de os homens possuídos pelo desejo de recompensas estarem reduzidos a um infortúnio miserável, Arjun é aconselhado a procurar abrigo no Caminho do Conhecimento.

50. "Ao passo que a Alma dotada de uma mente equânime renuncia tantos aos actos meritórios como aos maléficos deste mundo, traduzindo-se a arte da acção equilibrada em yog, o esforço no percurso do caminho da equanimidade do discernimento denomina-se de Samattwa Yog."

As mentes estóicas renunciam tanto ao sagrado como ao pecado nesta vida, adoptando uma atitude de desapego relativamente a ambos. Deste modo, Arjun deveria lutar pela equanimidade da mente, derivada do Caminho do Conhecimento. O Yog é a capacidade de agir com equilíbrio.

No mundo prevalecem duas atitudes em relação à acção. Se as pessoas trabalham, desejam também os seus frutos. Caso não se

बुद्धियुक्तो जहातीह उभे सुकृतदुष्कृते। तस्माद्योगाय युज्यस्व योगः कर्मसु कौशलम्।।५०।। verifiquem recompensas, provavelmente nem seguer apreciarão esse trabalho. Contudo, Yogeshwar Krishn entende tal accão como uma dependência, declarando que a devoção a Deus é a única acção meritória. No presente capítulo, Krishn apenas referiu a acção. A sua definição é provida no verso nono do capítulo 3 e a sua natureza descrita ao longo do capítulo 4. No verso prestes a ser citado, a capacidade de acção livre de hábitos mundanos deveria ser o nosso modo de agir, fazendo-o com dedicação mas, simultaneamente, renunciando voluntariamente a qualquer direito sobre os seus frutos. Contudo, a curiosidade sobre o resultado desses mesmos frutos é natural. Mas, evidentemente, é indubitável que a acção impessoal é o caminho certo da acção. Toda a energia do devoto isento de desejos é direccionada para as suas acções. O corpo humano foi concebido para a devoção de Deus. No entanto, ao mesmo tempo, qualquer um gostaria de saber se terá de agir continuadamente ou se a acção desempenhada produzirá algum resultado. Krishn debate-se assim com este problema:

51. "Tendo renunciado a qualquer desejo pelos frutos da sua acção e (assim) libertos da dependência do nascimento, os homens sábios capacitados no caminho da equanimidade e discernimento alcançarão o estado puro e imortal."

Sábios conhecedores do yog do discernimento renunciam aos frutos oriundos da acção, libertando-se do ciclo do nascimento e da morte e alcançando o estado puro e imortal de união com Deus.

A aplicação intelectual é aqui categorizada em três tipos. Primeiro temos o caminho do discernimento (nos versos 31 a 39), o qual origina dois resultados: as riquezas divinas e a felicidade suprema. Em segundo lugar, o caminho da acção impessoal (nos versos 39 a 51) produz apenas uma consequência: a libertação do terrível horror do ciclo do nascimento e da morte, ao permitir atingir a união imaculada e indestrutível com deus. Apenas estes dois modos são descritos como yog. A terceira categoria da aplicação do intelecto é a recorrida pelos ignorantes empenhados no eterno modo das acções, caindo em ciclos de nascimento e morte segundo os seus actos.

A visão de Arjun é limitada à aquisição de soberania sobre os três mundos, até mesmo sobre os Deuses. Mas mesmo esse não o predispõe para a batalha. Por esta altura, Krishn revela-lhe a verdade: um homem pode alcançar o estado imortal pela acção impessoal. O Caminho da Acção Impessoal providencia ainda acesso ao estado que a morte não pode penetrar. Mas em que ponto se encontrará um homem disposto a desempenhar tal acção?

52. "No momento em que a mente for bem-sucedida no percurso dos pântanos do apego, sereis capaz de renunciar ao que é meritório de escutar e ao que já haveis escutado."

No exacto momento em que a mente de Arjun, ou a mente de qualquer devoto, tenha atravessado em segurança o pântano do apego e se encontre totalmente livre de qualquer desejo, tanto relativamente a crianças ou riquezas ou honra, os laços mundanos quebrar-se-ão. A mente estará então receptiva não só ao que é apropriado para se escutar, mas igualmente à ideia de renúncia, tornando-se parte integrante da acção, de acordo com o que aprendeu. No presente, Arjun não está preparado para escutar o que é adequado de escuta, pelo que a questão da influência da sua conduta, evidentemente, não se levanta. Mais uma vez, Krishn esclarece esse mérito:

53. "Quando a mente, abalada pelos preceitos dos Ved em conflito, atinge a existência imutável e constante no ser do Espírito Supremo, alcançareis o estado imortal pela profunda meditação."

Quando a mente de Arjun, de momento confusa pelos ensinamentos contraditórios dos Ved<sup>11</sup>, alcançar o estável estado da contemplação divina, tornar-se-á imutável e constante, sendo então perfeitamente capaz

यदा ते मोहकलिलं बुद्धिर्व्यतितिरिष्यति। तदा गन्तासि निर्वेदं श्रोतव्यस्य श्रुतस्य च।।५२।। श्रुतिविप्रतिपन्ना ते यदा स्थास्यति निश्चला। समाधावचला बुद्धिस्तदा योगमवाप्स्यसि।।५३।।

A primeira parte dos Ved, conhecidos como as "Obras" (Shruti), é conhecida pela revelação e constituída sobretudo por hinos e instruções relativamente a ritos e cerimónias sagradas. A segunda parte, conhecida como "Conhecimento" (Smriti), compõe-se pelos Upanishad, que tratam da consciência de Deus, o aspecto mais importante da verdade sagrada.

do discernimento equilibrado. Atingirá então um equilíbrio, o estado derradeiro da imortalidade. Este é o coroar do yog. Os Ved, sem dúvida, que instruem, contudo Krishn refere que as declarações contraditórias de Shruti confundem a mente. Os preceitos são inúmeros, e infelizmente as pessoas mantêm-se distantes do conhecimento de mérito.

É referido a Arjun que alcançará o estado imortal, a culminação do yog, quando a sua mente conturbada atingir a constância pela meditação. Tal estimula a curiosidade de Arjun sobre a natureza dos sábios, os quais existem num estado de perfeita felicidade espiritual e cujas mentes se encontram imóveis e em paz num estado de meditação abstracta. Assim, questiona Krishn:

### 54. "Arjun referiu: 'Qual a característica, ó Keshav, daquele que atingiu o estado da verdadeira meditação e da mente equânime, e como fala, se senta e anda esse alguém de firme discernimento?"

A Alma que tenha resolvido as suas dúvidas encontra-se no estado de samadhi ou perfeita absorção do pensamento do Espírito Supremo, o único objecto digno de meditação. Aquele que tenha alcançado o discernimento equilibrado através da identificação da essência eterna, a qual não conhece nem princípio nem fim, considera-se estar o no estado da contemplação abstracta da natureza do Espírito Supremo. Arjun questiona Krishn acerca das qualidades daquele cuja mente equânime se encontra empenhada nessa contemplação. Como fala um homem de firme sabedoria? Como se senta? Quais os seus modos? Arjun colocou quatro perguntas, às quais Krishn riposta:

# 55. "O Senhor disse: 'Considera-se um homem como detendo uma mente firma, ao renunciar a todos os desejos da sua mente e ao alcançar contentamento do Eu pelo Eu'."

Quando alguém renunciou a todos os desejos e atingiu o contentamento da Alma pela contemplação da sua Alma, diz-se ser um

अर्जुन उवाच : स्थितप्रज्ञस्य का भाषा समाधिस्थस्य केशव।

स्थितधी: किं प्रभाषेत किमासीत व्रजेत किम्।।५४।।

श्री भगवानुवाच : प्रजहाति यदा कामान्सर्वान्पार्थ मनोगतान्।

आत्मन्येवात्मना तुष्ट: स्थितप्रज्ञस्तदोच्यते ।।५५ ।।

homem de firme discernimento. O Eu é apreendido apenas através do completo abandono da paixão. O sábio que vislumbre a beleza inefável do Eu e encontre perfeita satisfação em si mesmo, é alguém de firme análise.

#### 56. "Ele é, na verdade, um sábio de firmeza, indiferente à dor e à felicidade e que ultrapassou a paixão, o temor e a ira."

Aquele cuja mente não se deixa perturbar pelas dores corporais, acidentais e mundanas e que tenha abandonado o desejo dos prazeres físicos, assim como as respectivas paixões, receios e ira, traduz-se no sábio com discernimento que atingiu a culminação da disciplina espiritual. Krishn refere então outras características do homem santo:

# 57. "Esse homem detém uma mente firme, inteiramente isenta de apego, não se regozijando nem com o sucesso, nem se deixando aterrorizar pelo fracasso."

Esse homem de firme sabedoria, totalmente imune aos excessos, não ansiando a fortuna, nem repudiando a má sorte. Apenas essa atitude é auspiciosa e conduz a Alma a Deus, ao passo que aquilo que atrai a mente para as tentações do mundo material é prejudicial. Um homem de discernimento não é excessivamente feliz em circunstâncias que lhe são favoráveis, tal como não se deixa sucumbir às adversidades, já que nenhuma das situações é a favorável à realização, tal como não existe mal algum que possa manchar a pureza da sua mente. Ou seja, não se dá mais a necessidade para prolongar o seu esforço.

### 58. "Tal como uma tartaruga encolhe os seus membros, um homem reina sobre os seus sentidos a partir de qualquer objecto, possuindo então verdadeiramente uma mente firme."

Ao controlar os seus sentidos de todas as frontes e ao retê-los na sua mente, tal como uma tartaruga que recolhe os seus membros na

> दु:खेष्वनुद्विग्नमनाः सुखेषु विगतस्पृहः। वीतरागभयक्रोधः स्थितधीर्मुनिरुच्यते।।५६।। यः सर्वत्रानभिरनेहस्तत्तत्प्राप्य शुभाशुभम्। नाभिनन्दति न द्वेष्टि तस्य प्रज्ञा प्रतिष्ठिता।।५७।। यदा संहरते चायं कूर्मोऽङ्गानीव सर्वशः। इन्द्रियाणीन्द्रियार्थभ्यस्तस्य प्रज्ञा प्रतिष्ठिता।।५८।।

carapaça, a mente deste encontra-se, assim, firme. Isto é, porém, somente uma analogia. Assim que a tartaruga reconhece que o perigo se dissipou, volta a expandir os seus membros. Irá, da mesma forma, um homem de firme sabedoria afrouxar os seus sentidos após tê-los controlado e prosseguir com o regozijo dos prazeres mundanos?

59. "Ainda que os objectos do prazer sensorial deixem de existir para aquele que desliga os seus sentidos dos mesmos, o desejo por eles, contudo, permanece. Mas os desejos do homem de discernimento serão totalmente eliminados pela sua percepção de Deus."

Os objectos dos sentidos cessam de existir para aquele que os rejeitou, uma vez que os seus sentidos não mais os percepcionam; ainda assim, o desejo sobrevive. A sensação de apego permanece. Mas as paixões do yogi, o actor da acção impessoal, são eliminadas pela percepção da essência suprema que é Deus.

Ao contrário da tartaruga, o sábio iluminado, ou esclarecido, não volta a estender os seus sentidos aos objectos que lhe são agradáveis. Uma vez recolhidos os sentidos, todas as influências e sensações (sanskar) que tem trazido consigo de uma existência previa são irrevogavelmente eliminados. Os seus sentidos não retornam à vida. Ao apreender Deus pelo cumprimento do Caminho da Acção Impessoal, até o apego aos objectos do prazer sensorial se extingue. A força é frequentemente uma característica da meditação e usando-a aqueles que buscam eliminam os objectos dos sentidos. Contudo, os pensamentos desses objectos persistem. Este apego é exterminado apenas com a percepção de Deus e nunca antes disso, dado que, antes deste estádio, persistem os resíduos da matéria.

Tendo este contexto em consideração, o meu reverenciado preceptor Shree Parmanand Ji costumava recordar algo da sua própria vida. Ele havia ouvido três vozes do céu quando estava prestes a abandonar o lar. Com respeito, perguntámos-lhe porque essas vozes celestiais falaram apenas com ele e não com nenhum de nós. Ele respondeu que, também

ele, havia levantado a mesma questão. Mas teve então o pressentimento de ter sido um asceta nos seus últimos sete nascimentos. Durante os quatro primeiros deambulara apenas envolto na indumentária de um homem santo, com uma marca de pasta de sândalo na testa, cinza pelo corpo e carregando um pote de água utilizada pelos ascetas. Até então vivia na ignorância do yog. Porém, durante os três últimos nascimentos, havia sido um verdadeiro santo, tal como uma Alma deve ser, dando-se então o despertar do caminho do yog para ele. Na última vida, a libertação derradeira havia-se quase dado, o fim estava próximo, mas alguns dos seus desejos haviam permanecido. Apesar de ter controlado o exterior do seu corpo, ainda se encontravam paixões nele, tendo sido essa a razão pela qual teve de passar por outro nascimento. E nesse nascimento de tempo limitado, Deus havia-o libertado de todas as suas paixões, como que duas bofetadas sonantes, ao permitir-lhe visualizar e escutar tudo, tornando-o num verdadeiro sadhu.

É exactamente isto que Krishn pretende dizer quando declara que, apesar da associação aos objectos dos sentidos terminar quando estes estão retidos, não sendo possível a sua interacção com os objectos, uma pessoa apenas se encontra livre do desejo destes quando conhece o próprio Eu como um Deus idêntico através da meditação. Assim, temos de agir até atingir esta percepção. Goswami Tulsidas disse ainda que, inicialmente, há paixões no coração que apenas são eliminadas através da verdadeira devoção a Deus.

Krishn fala então da dificuldade em separar os sentidos dos seus objectos:

60-61. "Ó filho de Kunti, os homens deviam dominar os seus sentidos, os quais capturam à força até mesmo as mentes mais empenhadas, e dedicar-se a mim em perfeita concentração, uma vez que somente a mente daquele que controlou os seus sentidos será firme."

यततो ह्यपि कौन्तेय पुरुषस्य विपश्चित:। इन्द्रियाणि प्रमाथीनि हरन्ति प्रसभं मन:।।६०।। तानि सर्वाणि संयम्य युक्त आसीत मत्पर:। वशे हि यस्येन्द्रियाणि तस्य प्रज्ञा प्रतिष्ठिता।।६९।। A agitação dos sentidos extasia até as mentes equilibradas e activas, perturbando a sua firmeza. Com absoluto controlo sobre os seus sentidos, munido com yog e devoção, Arjun deveria encontrar abrigo em Deus — sendo Krishn a sua incarnação —, pois detém uma mente firme e dominou os seus sentidos. Yogeshwar Krishn explica o que deveria ser impedido de acontecer no decurso da devoção, tal como os componentes da busca espiritual, que se traduz no dever de qualquer homem. A contenção e a proibição não podem, por si só, controlar os sentidos. A par com a negação dos sentidos, deve ainda dar-se a incessante contemplação do Deus venerado. Na ausência de tal reflexão, a mente preocupar-se-á com os objectos materiais, cuja consequência maléfica se pode encontrar nas próprias palavras de Krishn.

62. "Aqueles cujos pensamentos estiverem relacionados com objectos sensoriais, encontram-se apegados a eles, e o apego dá azo aos desejos, e a ira nasce quando esses desejos são obstruídos."

O sentimento de apego persiste nos homens que ainda não tenham ultrapassado a sua preocupação com os objectos dos sentidos. O desejo nasce do apego. E a ira ocorre quando se nos depara um obstáculo no caminho da satisfação do mesmo. E a que dá azo o sentimento de ira?

63. "A desilusão nasce da ira, confundindo a memória. A confusão da memória dificulta a faculdade do discernimento e, quando este nos abandona, aquele que busca desviar-se-á dos meios da absolvição."

A confusão e a ignorância derivam da ira. A distinção entre o eterno e o transitório é eliminada. A recordação é abalada pela desilusão, tal como aconteceu com Arjun. Krishn afirma de novo que, com tal estado de espírito, ninguém consegue determinar sabiamente o que fazer ou não. A memória confusa enfraquece a dedicação daquele que busca, e a

ध्यायतो विषयान्पुंसः संगस्तेषूपजायते। संगात्संजायते कामः कामात्क्रोधोऽभिजायते।।६२।। क्रोधाद् भवाति सम्मोहः सम्मोहात् स्मृतिविभ्रमः। स्मृतिभ्रंशाद्बृद्धिनाशो बृद्धिनाशात्प्रणश्यति।।६३।। perda do discernimento fá-lo desviar-se do objectivo de ser uno com Deus.

Agui, Krishn dá ênfase à importância do cultivo da despreocupação relativamente aos objectos sensoriais. A mente do devoto deveria antes centra-se nisso – na palavra, na forma, na incarnação ou morada –, sendo que tal permitirá a unificação com Deus. A mente é atraída pelos objectos sensoriais guando a disciplina da devoção é desleixada. Os pensamentos destes objectos produzem apego, o qual se torna então em desejo pelos mesmos. A ira é gerada, caso a satisfação do desejo seja obstruída de alguma forma. E a ignorância acaba por suprimir a capacidade de discernimento. O Caminho da Acção Impessoal é também o caminho do Conhecimento, pois deve ser sempre tido em consideração que o desejo não pode penetrar a mente do devoto. Afinal de contas, os verdadeiros frutos não se dão. O desejo é inimigo da sabedoria. A firme contemplação é, deste modo, uma necessidade. Uma pessoa que não pense constantemente em Deus desvia-se do caminho certo que o conduziria à felicidade e glória supremas. Contudo, existe uma consolação. Esta cadeia de devoção é quebrada, mas não totalmente destruída. Uma vez que a alegria da devoção foi vivida, ao retomá-la, esta prosseguirá a partir do mesmo momento no qual havia sido interrompida.

Este é o destino do devoto apegado aos objectos sensoriais. Mas qual o proveito para aquele que tenha superado a sua mente e o seu coração?

64. "Contudo, o homem que tenha dominado a sua mente alcançará a tranquilidade espiritual, permanecendo indiferente aos objectos dos sentidos, ainda que estes se encontrem ao seu redor, pois os seus sentidos estão perfeitamente controlados."

Munido com os meios da percepção espiritual, o sábio que experienciou a percepção intuitiva da identidade do Eu e do Espírito Supremo atinge o estado da mais sublime paz, dado que controlou os seus sentidos e, assim, permaneceu inviolado pelos seus objectos, ainda que possa vaguear pelos mesmos. Este homem não conhece proibições.

Para ele, nada há de prejudicial contra o qual deva lutar ou defender-se. Da mesma forma, não há bem por que possa ansiar.

65. "Após identificar o repouso derradeiro, todas as suas dores (daquele que busca) desaparecerão, e a mente feliz torna-se ainda mais firme."

Abençoado com a visão inefável da glória de Deus e da sua graça divina, todas as dores do devoto – o mundo temporal e os seus objectos, moradas de todas as penas – desvanecem, aumentando a sua capacidade de discernimento também em firmeza. Assim, Krishn pensa naqueles que não alcançarão esta condição santa:

66. "Um homem sem realização espiritual não detém sabedoria nem verdadeira fé, e um homem sem devoção não conhece a paz de espírito. Dado que a felicidade depende da paz, como poderá um homem assim ser feliz?"

Uma pessoa que se não tenha submetido à meditação é parca em sabedoria orientada para a acção impessoal. Um homem assim miserável pode afirmar-se como deficiente no sentido da devoção ao Espírito omnipresente. Como pode um homem assim, sem consciência do Eu interior e do Deus exterior, estar em paz? E como pode ele, sem paz, conhecer a felicidade? Não pode haver devoção sem conhecimento do objecto da devoção, e este conhecimento reside na contemplação. Sem devoção, a paz não tem lugar e alguém com uma mente perturbada não pode experienciar a felicidade, muito menos o estado da felicidade imutável e eterna.

67. "Tal como o vento captura o barco na água, também um único sentido que vagueie entre os objectos da sua gratificação e contra o qual o intelecto se debata, será forte o suficiente para suprimir o discernimento daquele que não deter a realização espiritual."

प्रसादे सर्वदुःखानां हानिरस्योपजायते।
प्रसन्नचेतसो ह्याशु बुद्धिः पर्यवतिष्ठते।।६५।।
नास्ति बुद्धिरयुक्तस्य न चायुक्तस्य भावना।
न चाभावयतः शान्तिरशान्तस्य कुतः सुखम्।।६६।।
इन्द्रियाणां हि चरतां यन्मनोऽनुविधीयते।
तदस्य हरति प्रज्ञां वायुर्नाविमवाम्भिसा।६७।।

Do mesmo modo que o vento empurra o barco para longe do seu destino, também um dos cinco sentidos vagueando por entre os objectos percepcionados pelo intelecto pode apoderar-se de uma pessoa que se não tenha dedicado à tarefa da busca espiritual e da disciplina. Deste modo, a lembrança incessante de Deus é essencial. Krishn insiste novamente na importância da conduta orientada para a acção.

68. "Deste modo, ó senhor dos poderosos braços (Arjun), aquele que mantiver os seus sentidos distantes do desvio dos objectos é possuidor de um discernimento firme."

Aquele que impeça os seus sentidos de serem atraídos para os respectivos objectos, é um homem de firme sabedoria. O "braço" é uma medida da esfera de acção. Deus denomina-se "de braços poderosos" (mahabahu), apesar de não possuir corpo e não necessitar nem de mãos nem de pés. Aquele que se tornar uno com ele, ou que se encontre inclinado para ele e no caminho do seu esplendor sublime tem, assim, "braços poderosos". Este é o significado da utilização deste epíteto, não só para Krishn, como ainda para Arjun.

69. "O verdadeiro devoto (yogi) permanece consciente naquilo que é o breu para todas as criaturas, porém, os prazeres mundanos perecíveis e temporários, a que é dada atenção por todas as criaturas vivas, serão inexistentes para o sábio que tenha percepcionado a realidade."

O Espírito transcendental é como o breu para os seres vivos, pois nem pode ser vislumbrado nem apreendido pelo pensamento. Deste modo, revela-se como a noite, mas é nessa mesma escuridão que o homem espiritualmente consciente permanece consciente, já que já conheceu o informe e o incompreensível. Aquele que busca encontra acesso a Deus através do controlo dos sentidos, da paz de espírito e da meditação. Por esta razão, os prazeres mundanos perecíveis pelos quais os seres vivos

तस्माद्यस्य महाबाहो निगृहीतानि सर्वश:। इन्द्रियाणीन्द्रियार्थेभ्यस्तस्य प्रज्ञा प्रतिष्ठिता।।६८।। या निशा सर्वभूतानां तस्यां जागर्ति संयमी। यस्यां जाग्रति भुतानि सा निशा पश्यतो मुने:।।६९।। labutam dia após dia se traduzem em breu para o verdadeiro devoto de Deus.

Apenas o sábio que contempla o Eu individual e o Eu universal, e que é indiferente ao desejo, é bem-sucedido na percepção de Deus. Assim, habita o mundo mas permanece indiferente ao mesmo. Vejamos agora o que Krishn diz sobre o próprio caminho que este sábio esclarecido leva.

70. "Tal como o leito de muitos rios corre para o oceano abundante e constante sem afectar a sua tranquilidade, um homem de discernimento firme, apesar de se deparar com os prazeres dos sentidos sem que tal cause desvio algum, alcançará o estado da mais sublime paz e não desejará o prazer sensorial."

O oceano abundante e imutável recebe a água de todos os rios que nele desaguam violentamente sem perder o equilíbrio. De forma semelhante, aquele que estiver consciente da unificação do seu Eu com o Espírito Supremo assimila todos os prazeres mundanos sem se desviar minimamente do caminho que escolheu. Muito mais do que desejar a gratificação sensorial, este dedica-se à realização da mais sublime felicidade, que se traduz na sua unificação com o Deus Supremo.

Assolando tudo o que se lhes cruza no caminho – colheitas, pessoas, animais e habitações – com um ruído devastador, as torrentes violentas de centenas de rios desaguam no oceano com tremenda força, não contribuindo minimamente, contudo, para a subida nem para a descida do seu nível. Limitam-se a fluir até ao oceano. Do mesmo modo violento, os prazeres sensoriais assaltam o sábio que alcançou o conhecimento da realidade, assolando o mesmo. Estes não o impressionam nem em bons nem em maus tempos. As acções de um devoto não são boas nem más, transcendem o bem e o mal. As mentes conscientes de Deus, domadas e dissolvidas, detêm apenas a característica da perfeição divina. Como é então possível deixar qualquer outra impressão numa mente assim? Neste verso, Krishn responde a várias questões levantadas por Arjun. Arjun estava ansioso por conhecer as características do sábio conhecedor da realidade divina: como fala, como se senta, como anda.

Apenas com uma palavra – "oceano" – Krishn, omnisciente, responde a todas estas questões. Tal como um oceano, este não tem regras, mas deve porém sentar-se de uma certa forma e andar de outra. São homens como ele que alcançam a paz suprema, pois detêm o auto-controlo. Aqueles que desejarem os prazeres, nunca atingirão a paz.

71. "Aquele que tiver renunciado a todos os desejos e que viva sem ego, arrogância e apego, será aquele que alcançará a paz."

As pessoas que tenham renunciado todos os desejos e cujas acções se encontram totalmente isentas de sentimentos egoístas e de posse, conhecem a paz suprema, não existindo após a mesma nada a desejar nem a alcançar.

72. "Assim é, ó Arjun, a firmeza daquele que percepcionou Deus. Após atingir este estado, ele domina toda a tentação e, apoiandose firmemente na sua fé, com a morte prosseguirá neste estado de arrebatamento pela união do seu Eu com Deus."

Este é o estado daquele que percepcionou Deus. Leitos de objectos temporários surgem neste oceano – tal como os sábios munidos de autocontrolo e percepção intuitiva de Deus.

Alguns afirmam que o Geeta se conclui com o segundo capítulo, mas isto poderia apenas ser aceite como uma conclusão se todas as implicações da acção (karm) fossem elucidadas pela simples referência ao processo. Neste capítulo, Krishn disse a Arjun para escutá-lo relativamente ao Caminho da Acção Impessoal, pois só através do seu conhecimento poderia libertar-se da prisão da vida material. Este poderia somente agir, mas não teria o direito aos frutos da sua acção, não devendo contudo perder a dedicação à acção e estar sempre pronto para agir. Com o desempenho de tal acção, asseguraria o conhecimento exaltado do Eu e de Deus, alcançando a paz derradeira. Tudo isto foi proferido por Krishn, mas não no que consiste a acção.

विहाय कामान्यः सर्वान् पुमांश्वरति निःस्पृहः। निर्ममो निरहङ्कारः स शान्तिमधिगच्छति ।।७९।। एषा ब्राह्मी स्थितिः पार्थ नैनां प्राप्य विमुह्यति। स्थित्वास्यामन्त-कालेऽपि ब्रह्मनिर्वाणमुच्छति।।७२।।

Na verdade, a secção popularmente conhecida como "O Yog ou Caminho do Discernimento" não se traduz num capítulo, mas sim numa sugestão dos seus analistas e não numa criação do poeta do Geeta. Tal nada apresenta de surpreendente, pois a melhor forma de interpretar uma obra é seguindo a nossa forma de compreensão. Neste "capítulo", tal como tem sido apresentado, ao expor os méritos da acção e indicar as precauções a ter em consideração no desempenho da mesma, assim como as características do sábio que tenha percepcionado o Eu e Deus directamente, Krishn desperta a curiosidade de Arjun, respondendo ainda a algumas das suas questões. O Eu é imutável e eterno. Arjun é levado a realizá-lo de modo a percepcionar a realidade. Existem duas formas de adquirir este conhecimento: o Caminho do Discernimento ou Conhecimento e o Caminho da Acção Impessoal. O desempenho da acção necessária após uma crítica cuidadosa da capacidade e da auto-determinação de cada um traduz-se no Caminho do Conhecimento, ao passo que a dedicação à mesma tarefa na dependência afectuosa do Deus venerado se trata do Caminho da Acção Impessoal, denominada ainda por Caminho da Devoção Pia (Bhakti Marg). Goswami Tulsidas referiu duas vias conducentes à libertação derradeira: "Tenho dois filhos. O mais velho é um homem de discernimento. Mas o mais novo é um mero rapaz, devoto a mim como um servente leal e desejoso de me prestar serviços e homenagens. Este último conta comigo, ao passo que o primeiro depende apenas das suas próprias façanhas. Porém, ambos têm de lutar e combater determinados inimigos, nomeadamente a paixão e a ira".

Krishn afirma que, do mesmo modo, também ele tem dois tipos de devotos. O primeiro é o seguidor do Caminho do Conhecimento (gyanmargi), o segundo é o seguidor do Caminho da Devoção (bhaktimargi). O homem da devoção, ou actor da acção impessoal, encontra refúgio em Deus e prossegue no caminho escolhido totalmente dependente da sua graça. Pelo contrário, munido de confiança na sua própria força, o homem de discernimento percorre o seu caminho após uma avaliação atenta das suas próprias capacidades, assim como dos seus ganhos e suas perdas durante o processo. Mas ambos têm um objectivo comum e os mesmos inimigos. Tanto o homem de discernimento, como também o da devoção, têm de ultrapassar os

mesmos adversários, mais concretamente a ira, o desejo e outras impiedades. Ambos devem renunciar ao desejo, sendo que a acção a ser desempenhada pelos dois é, também ela, a mesma.

Deste modo se conclui o Segundo Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo Entre Krishn e Arjun, intitulado:

"Karm-Jigyasa" ou "Curiosidade Sobre a Acção".

Assim se conclui a exposição de Swami Adgadanand do Segundo Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

#### A URGÊNCIA DA DESTRUIÇÃO DO INIMIGO

No capítulo 2, Krishn disse a Arjun que o conhecimento de que falava estava relacionado com o Caminho do Conhecimento. E de que trata esse conhecimento senão de que Arjun deve combater? Se ele sair vitorioso, será recompensado com um estado sublime, sendo que até mesmo na derrota conhecerá uma existência divina no céu. Em caso de vitória terá tudo, incluindo o sucesso; em caso de derrota encontrará a divindade. De qualquer forma, em ambos os casos fica sempre a ganhar, não se registam perdas. De seguida, Krishn esclareceu o conhecimento relativamente ao Caminho da Acção Impessoal, pela qual Arjun poderia ver-se livre dos impulsos da acção. Indicando ainda as características do caminho, deu ênfase às precauções essenciais a ter em consideração no decurso da mesma. Arjun ficaria liberto das correntes da accão, caso não desejasse os seus respectivos frutos e se empenhasse sem interesses, e, no entanto, sem mostrar fragueza na sua dedicação. Contudo, apesar de no final se dar a absolvição, este Caminho da Acção Impessoal poderá implicar que Arjun não veja a continuação do seu ser individual.

Assim, Arjun julgou o Caminho do Conhecimento mais fácil e rapidamente acessível do que o Caminho da Acção Impessoal, desejando saber a razão pela qual Krishn o incentivava a cometer tão terrível acto (como o de assassinar os seus familiares), apesar de ele próprio considerar que o Caminho do Conhecimento era superior ao da Acção Impessoal. Tratava-se de uma questão razoável. Havendo efectivamente dois caminhos aos quais nos podemos dirigir, devemos tentar perceber qual dos dois é menos perigoso. Se não nos colocarmos esta pergunta, não buscaremos verdadeiramente. Assim, Arjun recorre a Krishn.

1. "Arjun inquiriu: 'Ó Janardan, se considerais o conhecimento superior à acção, porque razão, ó Keshav, me aconselhais a empenhar-me numa acção temerária?"

"Janardan" é aquele que é misericordioso para com o seu povo. Deste modo, Arjun acredita a justificação de Krishn o pode esclarecer sobre o porquê de adoptar um caminho de tal modo temerário. Arjun entende o caminho como assustador pois apenas tem o direito de lutar, sem poder esperar nunca as recompensas pela sua acção. Também aí não se deverá registar falta de dedicação e, com constante submissão e os seus olhos postos no caminho, Arjun deverá empenhar-se constantemente na sua tarefa.

Não lhe prometeu Krishn alcançar o Espírito Supremo caso saísse vitorioso no Caminho do Conhecimento e que, mesmo na derrota, seria privilegiado com uma vida divina? Adicionalmente, deve seguir este caminho apenas após uma boa avaliação das suas características e capacidades. Assim, considerando o conhecimento mais fácil que a acção impessoal, Arjun roga a Krishn:

 "Dado que as vossas complexas palavras são tão confusas para a minha mente, peço-vos que me indiqueis o caminho pelo qual posso alcançar o estado de graça."

A intenção de Krishn era, de facto, dissipar a irresolução de Arjun, porém as suas palavras aumentaram somente as suas dúvidas. Por esta razão, este pede a Krishn que lhe indique claramente o caminho pelo qual poderá atingir a emancipação. Krishn responde-lhe.

अर्जुन उवाच ज्यायसी चेत्कर्मणस्ते मता बुद्धिर्जनार्दन। तिक्तं कर्मणि घोरे मां नियोजयिस केशव।।१।। व्यामिश्रेणेव वाक्येन बुद्धिं मोहयसीव मे। तदेकं वद निश्चित्य येन श्रेयोऽहमाप्नुयाम्।।२।। 3. "O senhor disse: 'Já vos indiquei anteriormente, ó pio (Arjun), dois caminhos de disciplina espiritual – o Caminho do Discernimento ou Conhecimento para os sábios e o Caminho da Acção Impessoal para os homens de acção'."

"Anteriormente" não significa uma era passada (yug) como a Época Áurea ou de **Treta**¹. Refere-se antes ao capítulo anterior, no qual Krishn referiu os dois caminhos, aconselhando o Caminho do Conhecimento para os homens de sabedoria e o Caminho da Acção Impessoal para aqueles activamente empenhados na tarefa que os unificará com Deus. De qualquer das formas, a acção deve ser desempenhada, pelo que é essencial.

 "Ninguém alcançará o estado final de inércia desistindo do trabalho, nem atingirá a perfeição divina por simplesmente renunciar ao mesmo."

Não há escape possível à acção. Ninguém pode alcançar o estado de inércia por se abster de trabalhar, tal como não poderá atingir o estado de perfeição divina ao desistir de uma tarefa já assumida. Assim, quer prefira o Caminho do Conhecimento, quer prefira o Caminho da Acção Impessoal, Arjun terá de empenhar-se em qualquer um deles.

Geralmente por esta altura, aqueles que buscam o caminho até Deus começam a procurar desvios e escapes. É necessário manter-nos alerta contra as ideias erróneas que afirmam tornarmo-nos em "actores impessoais" pela não execução de trabalho algum. Por esta razão, Krishn enfatiza que ninguém alcança o estado de inércia ao evitar dar início ao referido trabalho. O momento em que tanto os actos bons como os maléficos cessam e em que somente se verifica a verdadeira

#### श्री भगवानुवाच

लोकेऽस्मिन्द्विवधा निष्ठा पुरा प्रोक्ता मयानघ। ज्ञानयोगेन सांख्यानां कर्मयोगेन योगिनाम्।।३।। न कर्मणामनारम्भान्नैष्कर्म्यं पुरुषोऽश्नुते। न च संन्यसनादेव सिद्धिं समधिगच्छति।।४।।

O pensamento hindu conhece quatro eras (yug) no mundo: Satya, Treta, Dwapar e Kali (a era actual). A primeira e a última são ainda conhecidas como as épocas "Áurea" e "do Ferro", respectivamente. "inércia", pode apenas ser atingido através da acção. Por outro lado, alguns homens desviaram-se por acreditarem não necessitar de se preocupar com a acção por serem pessoas de intelecto e discernimento e por não se verificar tal acção no caminho por si escolhido. Porém, aqueles que renunciaram a acção sob tal convicção não se revelaram verdadeiros homens sábios. A simples renúncia de uma tarefa já assumida não pode conduzir ninguém à percepção e unificação com Deus.

 "Uma vez que todos os homens tiveram indubitavelmente a sua origem na natureza, ninguém poderá viver em momento algum sem acção."

Ninguém pode, nem por uma fracção de segundo, viver sem acção, dado as três propriedades da matéria naturais compelirem para a acção. Enquanto a natureza e as suas propriedades subsistirem, ninguém poderá evitar a acção.

Krishn afirma nos trigésimo terceiro e trigésimo sétimo versos do capítulo 4 que todas as acções têm um fim e se dissolvem no conhecimento mais sublime: aquele obtido através da meditação sobre as verdade sublimes, que nos ensinam a ser conscientes sobre o nosso próprio Eu e a reunirmo-nos com o Espírito Supremo. O fogo deste conhecimento aniquila qualquer acção. O que Yogeshwar pretende efectivamente dizer com isto é que acção cessa quando o yog vai além das três propriedades do mundo material e quando um claro resultado do processo meditativo progride na forma da percepção directa e da dissolução do Eu em Deus. Mas antes da conclusão desta tarefa ordenada, a acção não termina e ninguém se desobriga dela.

6. "O iludido é um dissimulador que, aparentemente, restringe os seus sentidos através da violência², mas cuja mente permanece preocupada com objectos de gratificação."

न हि कश्चित्क्षणमपि जातु तिष्ठत्यकर्मकृत्। कार्यते ह्यवशः कर्म सर्वः प्रकृतिजैर्गुणैः।।५।। कर्मेन्द्रियाणि संयम्य य आस्ते मनसा स्मरन्। इन्द्रियार्थान्विमृढात्मा मिथ्याचारः स उच्यते।।६।।

2 Hatt yog: assim denominado devido à sua prática de forma violenta para com o corpo, tal como permanecer em pé numa única perna, segurar armas, inalar fumo, entre outras. Tais ignorantes que referem os objectos sensoriais enquanto restringem aparentemente os sentidos através de **hatt** yog revelam-se pessoas falsas e de parca sabedoria. É evidente que tais práticas estavam também patentes na época de Krishn. Algumas pessoas, em lugar de praticar o que era devido, limitavam-se a restringir os sentidos por meios não naturais, declarando ser sábios e perfeitos. Mas, de acordo com Krishn, tais pessoas são mentirosos astutos. Independentemente da preferência recair sobre o Caminho do Discernimento ou do Caminho da Acção Impessoal, o trabalho deve ser assumido em qualquer um deles.

7. "E, ó Arjun, é meritório aquele que restringir os seus sentidos com a mente e empregar os seus órgãos de acção no trabalho impessoal com um espírito de total desapego."

Aquele que se esforçar por se controlar interiormente (mais do que exteriormente), de modo a que a sua mente se liberte das paixões, e que exerça o seu dever sem desejar absolutamente nada, trata-se de um homem superior. Embora tenha sido mencionado que o trabalho deve ser efectuado, a dificuldade reside na incompreensão da precisão do mesmo. Este é também o problema de Arjun e Krishn soluciona-o.

8. "Deveis executar a acção prescrita tal como estipulado nas escrituras, pois a sua execução é preferível a não fazer nada e, na ausência desta, a viagem do vosso corpo poderá não acontecer."

Arjun é aconselhado a efectuar a acção prescrita – a tarefa ordenada –, sendo esta distinta de qualquer outro tipo de trabalho. O desempenho desta acção é preferível à inacção, já que ao fazê-lo, mesmo que tal represente apenas um pequeno troço do nosso percurso, poderá salvarnos do enorme temor do ciclo do nascimento e da morte. O desempenho do dever espiritual de cada um é, assim, o melhor rumo. Ao não agir não será possível completar a viagem da Alma pelos diferentes corpos. Esta

यस्त्विन्द्रियाणि मनसा नियम्यारभतेऽर्जुन। कर्मेन्द्रियै: कर्मयोगमसक्त: स विशिष्यते।।७।। नियतं कुरू कर्म त्वं कर्म ज्यायो ह्य कर्मण:। शरीरयात्रापि च ते न प्रसिद्ध्येदकर्मण:।।८।। viagem é geralmente interpretada como o "sustento do corpo físico". Mas que tipo de sustento é este? Seremos nós um corpo físico? Esta Alma. o Eu incorporado que conhecemos pelo nome de Purush, que mais tem ela efectuado senão uma viagem física por vidas infinitas? Quando as vestimentas se esgotam, mudamo-las e vestimos novas. Do mesmo modo, todo o mundo, deste as criaturas mais ínfimas à mais altamente evoluída, de Brahma<sup>3</sup> aos seus limites mais distantes, é mutável. Através dos nascimentos inferiores e superiores, a Alma tem feito uma viagem física desde um início desconhecido. A acção é algo que completa esta viagem. Mais um nascimento significa que a viagem está ainda incompleta, aquele que busca encontra-se ainda no seu caminho, viajando pelos corpos. Uma viagem completa-se apenas quando se atinge o destino. Após a dissolução em Deus, o Eu não necessita mais viajar através dos nascimentos físicos. É então interrompida a cadeia da rejeição dos velhos corpos pelo Eu, bem como o assumir de outros novos. A acção liberta, deste modo, o Eu, o Purush, da necessidade de viajar pelos corpos. Krishn refere a Arjun no décimo sexto verso do capítulo 4: "Esta acção libertar-vos-á do mal que vos une a este mundo". Assim, a acção, tal como entendida no Geeta, é algo libertador relativamente aos laços para com o mundo.

Contudo, a questão sobre o que consiste esta acção ordenada permanece por responder. Krishn começa então por dar resposta à pergunta.

 "Uma vez que a conduta de yagya é a única acção, sendo tudo o resto em que as pessoas se empenham meras formas de apego mundano, sede desapegado e fazei bem o vosso dever por Deus."

A contemplação de Deus é a única acção real. Trata-se da conduta que possibilita à mente concentrar-se em Deus, do acto prescrito e, segundo Krishn, outras tarefas que não essa nada mais são senão meras formas de apego mundano. Tudo o mais que não o desempenho de **yagya** 

#### यज्ञार्थात्कर्मणोऽन्यत्र लोकोऽयं कर्मबंधन:। तदर्थं कर्म कौन्तेय मुक्तसङ्ग: समाचर।।९।।

3 O primeiro e mais ancião da sagrada Trindade hindu sobre quem se crê ter presidido ao acto da criação. é uma forma de escravatura e não acção. É importante recordarmo-nos uma vez mais da declaração de Krishn a Arjun, segundo a qual este seria libertado dos males deste mundo ao executar a verdadeira tarefa. A realização desse trabalho, de **yagya**, trata-se da acção e Arjun é fomentado a fazê-lo bem e num espírito de desapego, pois este não pode ser executado sem desinteresse pelo mundo e respectivos objectos.

Assim, a conduta de yagya é a acção. Mas outra questão se levanta: qual o acto de **yagya** que se revela como meritório? Antes de responder, Krishn informa brevemente sobre a origem de **yagya** e ainda sobre o que este tem para oferecer. Mas apenas no capítulo 4 será clarificado no que consiste **yagya** – cujo desempenho se reflecte na acção. Tal torna evidente que se trata do estilo de Krishn descrever as características do objecto que pretende elucidar, por forma a originar uma atitude de respeito em relação ao mesmo, e somente então as precauções a ser tidas em consideração no decurso do seu desempenho, expondo finalmente o seu objectivo principal.

Ante de continuar, é de relembrar as palavras de Krishn relativamente a outro aspecto da acção: esta é uma conduta prescrita e ordenada e o que geralmente se desempenha em seu nome não se trata da verdadeira acção.

O termo "acção" foi referido inicialmente no capítulo 2. As suas características, assim como as precauções necessárias, foram evidenciadas, mas a natureza desta acção permaneceu por esclarecer. No capítulo 3, Krishn declarou que até à data ninguém pode viver sem acção. Uma vez que o homem vive na natureza, é impelido a agir. Ainda assim, algumas pessoas restringem os ses sentidos por meio da força, porém as suas mentes encontram-se ainda centradas nos objectos dos sentidos. Tais pessoas são arrogantes e os seus esforços são vãos. Arjun é aconselhado a restringir os sentidos para desempenhar a acção ordenada. Mas a questão subsiste: que acção deve ele executar? Foilhe dito que a realização de yagya se traduz na acção, mas tal não responde verdadeiramente à questão. É verdade que yagya é acção, mas o que é yagya? No actual capítulo, Krishn apenas refere a origem e as características especiais de yagya, sendo que somente no capítulo 4 irá abordar o conceito da acção prestes a ser efectuada.

Uma compreensão adequada desta definição da acção é a chave para a compreensão do Geeta. Todos nos empenhamos em alguma tarefa, mas tal não se traduz em verdadeira acção. Algumas pessoas dedicamse à agricultura, outras ao comércio. Algumas detêm posições de poder, ao passo que outras se limitam a servir. Algumas professam ser intelectuais, outras ganham a vida com trabalhos manuais. Algumas aceitam serviço social enquanto outras servem o país. E para todas estas actividades também se formaram contextos de egoísmo e abnegação. Mas, segundo Krishn, tudo isto não consiste no que ele entende por acção. Tudo que seja executado que não yagya trata-se de uma mera forma de apego mundano, não de verdadeira acção e somente o desempenho de yagya se traduz na única verdadeira acção. Mas em lugar de explicar o que é yagya, Krishn debruça-se sobre a sua génese.

10. "No início de kalp – o decurso da auto-percepção<sup>4</sup> – Prajapati Brahma formou yagya juntamente com a humanidade, estipulando que esta ascenderia por meio do yagya, o qual lhes poderia proporcionar o que os seus corações aspirassem."

**Prajapati**<sup>5</sup> Brahma, o deus que presidiu à criação, gerou no início a humanidade juntamente com **yagya**, dizendo aos homens para prosseguirem com **yagya**. Este yagya, absolutamente benéfico, foi prescrito e ordenado enquanto acção para satisfazer a sua necessidade de percepção do Deus eterno.

Quem foi o criador da humanidade, para além de yagya? O que é Brahma e quem é ele? Será ele, tal como se crê, o Deus de quatro cabeças e oito olhos? Segundo Krishn, os deuses não existem. O sábio

#### सहयज्ञाः प्रजाः सृष्ट्वा पुरोवाच प्रजापतिः। अनेन प्रसविष्यध्वमेष वोऽस्त्विष्टकामधुक् ।। १०।।

- 4 Geralmente significa 1000 yug (eras), perfazendo um período de 432 milhões de anos mortais. Kalp significa ainda um processo de tratamento para repor a saúde (kayakalp). Neste contexto, kalp significa todo o curso da auto-percepção.
- Outro epíteto da divindade que presidiu à criação, assim como de um verdadeiro asceta. Também este é um pati, o senhor e salvador. Do mesmo modo que a divindade, este segue igualmente o rumo da meditação. Assemelhando-se a um monarca, e os seus discípulos revelam-se como os seus temas. Por este motivo, prajapati revela-se num homem de excelência que se tornou num mensageiro da essência de Deus.

que percepcionou e se tenha unificado com o Espírito Supremo, a fonte que deu origem a toda a humanidade, é "**prajapati**". A sabedoria resultante do conhecimento de Deus é, ele próprio, Brahma. No momento da percepção, a mente torna-se num mero instrumento, sendo o próprio Deus que se pronuncia pela voz do sábio.

Dá-se um crescimento constante de sabedoria após o início da adoração espiritual ou devoção. Desde o início que esta sabedoria se encontra munida com o conhecimento de Deus e denomina-se brahmvitt. Gradualmente os impulsos maléficos vão sendo dominados e o conhecimento de Deus é enriquecido, recebendo esta sabedoria o nome de **brahmvidwar**. Ao ascender a um nível mais elevado e ao tornar-se mais refinado, passa a ser conhecido como brahmvidwariyan. Neste estádio, o sábio abençoado com o conhecimento divino alcança também a capacidade de conduzir outros ao caminho do crescimento espiritual. O ponto mais alto da sabedoria é brahmvidwarisht, o estado de inundação divina no qual o espírito de deus flúi como uma corrente de cristal. Aqueles que tenham atingido este estado entram e habitam o Espírito Supremo, origem de toda a humanidade. As mentes destes sábios são meros instrumentos e são os mesmos que se intitulam "prajapati". Ao se desassociarem das contradições da natureza, criam o Eu, ainda inconsciente do processo de meditação ou devoção de Deus. Ao conferir a perfeição em concordância com o espírito de yagya, a humanidade foi criada, antes disso a sociedade humana era inconsciente e caótica. A criação não teve início. Sanskar esteve sempre presente, porém, antes dos sábios lhe terem conferido excelência, encontrava-se num estado de anarquia. Moldá-la de acordo com os requerimentos de yagya foi um acto de refinamento e adornamento.

Alguns destes sábios realizados criaram yagya, para além de criarem a humanidade no início de kalp, o curso da auto-percepção. Contudo, a palavra "kalp" significa ainda cura de uma doença. Os médicos efectuam tais curas e alguns até nos rejuvenescem. Mas os seus remédios servem apenas os corpos efémeros. A verdadeira cura é a que proporciona libertação da maleita geral no mundo. O início da devoção ou adoração traduz-se no começo deste remédio. Ao completar a meditação, encontramo-nos totalmente curados.

Por esta razão, os sábios, com os seus seres no Espírito Supremo, deram uma forma adequada à excelência espiritual e ao **yagya**, instruindo os homens para a prosperidade através do cumprimento deste último. Tal prosperidade não significa que casas argilosas se transformem em mansões de tijolos e estuque. Da mesma forma, não lhes foi prometido ganharem mais dinheiro. Muito mais do que isso, desejou-se que os homens soubessem que o **yagya** iria concretizar as suas aspirações divinas. A questão mais lógica que agora se nos depara é se **yagya** nos conduz à imediata realização de Deus ou através de pequenos passos. Brahma disse ainda à humanidade:

11. "Que celebreis os deuses através do yagya e que os deuses vos protejam, pois estes são os meios pelos quais finalmente alcançareis o estado derradeiro."

A celebração dos deuses pelo **yagya** significa a protecção dos impulsos sagrados, o mesmo modo como os deuses protegem a humanidade. Assim, pela complementação mútua, será possível alcançar a felicidade suprema, para além da qual nada mais há a ansiar. Quanto mais profundamente nos entregarmos a yagya (**yagya** será posteriormente definido como uma forma de devoção), mais repleto se encontrará o coração com divindade. O Espírito Supremo traduz-se no único Deus e os meios (os impulsos) que facilitam acesso a esse mesmo Deus denominam-se de "tesouro divino", uma vez que proporcionam o alcance do Deus supremo. Tal, muito mais do que os deuses comummente imaginados à imagem de uma pedra ou de um enorme volume de água, trata-se da verdadeira riqueza divina. Nas palavras de Krishn, tais deuses não conhecem existência. E acrescenta:

12. "Os deuses que protegeis pelo yagya aparecerão diante vós sem questionar quais as alegrias que desejais, mas aqueles que se avaliem por essas alegrias sem ter pago por elas serão verdadeiros ladrões."

देवान् भावयतानेन ते देवा भावयन्तु व:।
परस्परं भावयन्तः श्रेयः परमवाप्स्यथ।।११।।
इष्टान्भोगान् हि वो देवा दास्यन्ते यज्ञभाविताः।
तैर्दतानप्रदायैभ्यो यो भुङ्क्ते स्तेन एव स:।।१२।।

As riquezas divinas que ganhamos e guardamos através de yagya dar-nos-ão nada mais senão as alegrias relacionadas com o Deus reverenciado e este é o único poder existente. Não há outra forma de alcançar o Deus adorado. Aquele que tentar gozar este estado sem ter apresentado uma oferenda de riquezas divinas, de impulsos bondosos, trata-se, indubitavelmente, de um ladrão que nada merece. E, uma vez que nada obtém, o que lhe resta para usufruir? Contudo, este prossegue em fingir ser perfeito, um conhecedor da essência. Tal impostor é desconhecedor do caminho do bem e, assim, é um verdadeiro ladrão (não obstante um fracassado). Mas o que ganham os triunfadores?

13. "Os sábios que tomem o que sobrou do yagya encontram-se isentos de qualquer mal, mas os pecadores que apenas cozinham o sustento dos seus corpos nada compartilharão para além do pecado."

Aqueles que subsistirem com alimento derivado do yagya estarão absolvidos de qualquer pecado. O momento de realização no decurso da complementação da plenitude divina é ainda o momento do seu término. Ao completar o yagya, os restos revelam-se como o próprio Deus<sup>6</sup>. O mesmo foi proferido por Krishn de um outro modo: aquele que se alimenta do que é gerado pelo yagya emerge no Espírito Supremo. O sábio que se alimentar do maná divino oriundo do yagya será libertado de todos os seus pecados ou, por outras palavras, do ciclo do nascimento e da morte. Os sábios comem pela libertação, já um pecador o faz pelo corpo que nasce do apego, alimentando o mal. Poderá cantar hinos, conhecer o caminho da devoção e percorrer até um pouco do mesmo, mas apesar de tudo brota dele o intenso desejo de alcançar algo para o corpo e os seus objectos de apego, sendo bastante provável que obtenha o que

यज्ञशिष्टाशिनः सन्तो मुच्यन्ते सर्वकिल्बिषैः। भुञ्जते ते त्वघं पापा ये पच्चत्यात्मकारणात्।।१३।।

A comida representa a forma mais inferior pela qual o Espírito Supremo se manifesta. A ideia de que Deus enquanto alimento ocorre ao longo dos Upanishad. No Upanishad Prashn, o sábio Pippalad afirma: "O alimento é Pran (a energia primária) e Rayi (o que concede a forma). Do alimento se origina a semente, e da semente nascem todas as criaturas". Segundo o Upanishad Taittiriya: "De Brahm (Deus), que é o Eu, nasceu o éter, o ar; do ar, o fogo; do fogo, a água; da água, a terra; da terra, a vegetação; da vegetação, o alimento; do alimento, o corpo humano".

pretende. Mas após esta "alegria", encontrar-se-á estacionário no mesmo ponto no qual começara a sua busca espiritual. Que maior perda poderá existir para além desta? Quando o corpo é destrutível, por quanto tempo poderão os prazeres e alegrias permanecer connosco? Assim, independentemente da adoração divina, tais homem alimentam-se apenas do pecado.

Não sendo destruídos, eles não progridem no seu caminho. Por essa razão, Krishn dá ênfase à acção (devoção) assumida pelo espírito modesto. Até ao momento, este afirmou que a prática de **yagya** confere a mais alta glória, sendo uma criação de sábios realizados e esclarecidos. Mas porque empreendem tais sábios a tarefa de moldar e refinar a humanidade?

- 14. "Todos os seres vivem do alimento, o alimento cresce a partir da chuva, a chuva emerge do yagya e o yagya é o resultado da acção."
- 15. "Sabei que a acção surgiu dos Ved e os Ved do Espírito Supremo indestrutível, pelo que Deus, omnipresente e imperecível, está sempre presente no yagya."

Todas as criaturas se originam do alimento, sendo este o próprio Deus, cuja respiração é a vida. Uma pessoa recorre ao yagya concentrada nesse maná divino. O alimento resulta da chuva. Não da chuva que cai das nuvens, mas do jacto abençoado, constituído pelo próprio yagya empreendido e guardado anteriormente. A presente devoção é retribuída posteriormente enquanto bênção. Por essa razão se diz que o yagya gera chuva. Se todas as oblações ou oferendas aos alegados deuses, assim como o queimar de cevada e sementes oleaginosas, produzissem indiscriminadamente chuva, porque teriam os desertos permanecido áridos? Assim, a chuva é aqui entendida como um jacto agraciado resultante do yagya. Por sua vez, este yagya surge da acção, sendo, na verdade, concluído por esta.

अन्नाद्भवन्ति भूतानि पर्जन्यादन्नसम्भवः। यज्ञाद्भवति पर्जन्यो यज्ञः कर्मसमुद्भवः।।१४।। कर्म ब्रह्मोद्भवं विद्धि ब्रह्माक्षरसमुद्भवम्। तरमात्सर्वगतं ब्रह्म नित्यं यज्ञे प्रतिष्ठितम्।।१५।। Arjun é aconselhado a recordar-se que a acção surge dos Ved. Os Ved são a voz dos sábios que vivem em Deus. A nítida percepção, em lugar das explicações de determinados versos, da essência inexpressiva denomina-se de Ved. Ved resulta do Deus<sup>7</sup> imperecível. As verdades védicas foram proclamadas por grandes almas mas, uma vez que estas se unificaram com Deus, o próprio Deus imperecível fala através delas. Por este motivo se diz que os Ved são de origem divina – os Ved surgiram de Deus. E os sábios, sendo com Ele unos, traduzem-se em meros instrumentos. Estes são os porta-vozes de Deus. Deus manifesta-se a eles aquando da restrição dos desejos da mente pelo yagya. Deus, omnipresente, derradeiro e imperecível, encontra-se, deste modo, presente no yagya. Assim, o yagya revela-se na única forma de o alcançar. Krishn diz a Arjun:

16. "O homem neste mundo, ó Parth, que ama o prazer sensorial e leve uma vida ímpia, não apresenta uma conduta em concordância com o ciclo prescrito (da Auto-percepção), mas sim uma vida fútil."

O pecador que amar o prazer, apesar do seu nascimento na forma humana, não tem uma conduta de acordo com a acção ordenada ou, por outras palavras, não segue o caminho que permite o alcance do estado de imortalidade através do auxílio dos deuses e, deste modo, também de si mesmo, ao sucumbir às riquezas divinas da sua natureza e vivendo em vão.

De modo a recapitular, Krishn referiu a "acção" no capítulo 2, ao passo que neste capítulo disse a Arjun e a todos nós para executar a acção ordenada. O cumprimento de **yagya** traduz-se nesta acção. Tudo o que demais é efectuado refere-se à vida mundana. Deste modo, e num espírito de desapego, dever-se-ia executar a acção de **yagya**. Krishn indica então as características do **yagya**, dizendo que isto teve a sua origem em Brahma. A humanidade tende para **yagya** devido a este facto.

एवं प्रवर्तितं चक्रं नानुवर्तयतीह य: । अघायुरिन्द्रियारामो मोघं पार्थ स जीवति ।।१६ ।।

7 Do Brihadaranyak Upanishad: "Todo o conhecimento e toda a sabedoria que conhecemos enquanto Rig Ved, Yajur Ved e restantes, foram todos retirados do Eterno. São a respiração do Eterno". O yagya surge da acção e a acção dos Ved inspirados divinamente, ao passo que os visionários que percepcionaram os preceitos védicos se revelaram como sábios iluminados. Mas estas grandes almas haviam-se desprovido dos seus egos, ficando apenas como resultado o Deus imperecível. Assim, os Ved surgiram de Deus e Deus é perene em yagya. O amante ímpio dos prazeres sensoriais que não segue o caminho da acção prescrita vive em vão. Tal é o mesmo que dizer que o yagya se trata de uma acção na qual não se encontra conforto para os sentidos. A injunção exige a participação no acto com a completa submissão dos sentidos. Aqueles que buscam os confortos sensoriais revelam-se como pecadores. Mas, após tudo isto, ainda não foi dada a definição de yagya. Tal remete-nos para a questão se temos de praticar indefinidamente o yagya, ou se este também conhecerá um fim. Yogeshwar Krishn fala sobre o assunto:

17. "Àquele que se alegra com o seu Eu, que encontra contentamento em si mesmo, e que se sente bem no seu Eu, nada mais resta para fazer."

Àquele inteiramente devoto à sua Alma incorporada e que encontra satisfação na mesma, sentindo não ter necessidade de nada mais além dessa mesma alma, nada mais resta para fazer, pois o Eu era o objectivo. Uma vez que a essência não expressa, imortal e indestrutível da Alma foi percepcionada, nada mais há para buscar. Uma tal pessoa não necessita nem de acção nem de devoção. A Alma e Deus, o Eu e o Espírito Supremo, são sinónimos. E é isto que Krishn demonstra novamente.

18. "Um tal homem não tem nada a ganhar da acção nem nada a perder da inacção, tal como também não tem interesse algum em nenhum ser ou objecto."

Apresentando-se anteriormente de forma diferente, presentemente, um tal homem não tira proveito algum da acção, nem regista perda alguma na ausência da mesma. Assim, deixa de ter qualquer tipo de relação

यस्त्वात्मरितरेव स्यादात्मतृप्तश्च मानवः। आत्मन्येव च सन्तुष्टस्तस्य कार्यं न विद्यते।।१७।। नैव तस्य कृतेनार्थो नाकृतेनेह कश्चन। न चास्य सर्वभूतेषु कश्चिदर्थव्यपाश्रयः।।१८।। egoísta com os outros seres. O Eu é constante, eterno, sem expressão, imutável e indestrutível. Uma vez que esta Alma foi percepcionada e a pessoa está feliz, satisfeita e absorta na mesma, o que mais haverá para buscar? E o que haverá para ganhar com outras buscas? Para uma pessoa assim não haverá problemas em abandonar a acção, pois a sua mente não pode ser mais sujeita às impressões impiedosas. Este não se preocupa com os seres do mundo exterior ou com qualquer outro nível das aspirações internas. Ao ter atingido o mais alto nível, que proveito poderia retirar de tudo o mais?

### 19. "Fazei sempre o melhor para vós com o espírito da impessoalidade, pois ao executar o seu dever, o homem impessoal alcança Deus."

De modo a alcançar este estado, Arjun devia desinteressar-se, fazendo o que é bom para si, pois o homem impessoal percepciona Deus pela acção impessoal. A acção meritória é a mesma da acção ordenada. Por forma a inspirar Arjun para a acção ordenada, Krishn acrescenta:

# 20. "Dado que os sábios como Janak atingiram igualmente a percepção derradeira pela acção, mantendo em mente a preservação da ordem (divina), é imperativo que agis."

Neste contexto, Janak não significa o Rei de Mithilia. "Janak" é um epíteto do pai – aquele que concede a vida. Yog, o caminho pelo qual a Alma individual se poderá unir ao Espírito Supremo e assegurar a absolvição, é janak, já que revela e manifesta a Alma incorporada. Aqueles munidos com yog são sábios como Janak. Muitos grandes homens de verdadeira sabedoria alcançaram também a felicidade suprema pela acção pretendida pela realização derradeira. "Derradeira" significa percepção da essência que o Espírito Supremo representa. Todos os grandes santos, como Janak, alcançaram o estado de percepção derradeira pelo desempenho da acção, yagya. Mas após a realização, agem tendo em vista o bem do mundo. Trabalham para o aperfeiçoamento da humanidade.

तरमादसक्तः सततं कार्यं कर्म समाचर। असक्तो ह्याचरन् कर्म परमाप्नोति पूरुषः।।१९।। कर्मणैव हि संसिद्धिमास्थिता जनकादयः। लोकसंग्रहमेवापि संपश्यन्कर्तुमर्हसि।।२०।। Assim, também Arjun merece ser um verdadeiro líder daqueles que buscam a realização.

Krishn disse anteriormente que não se dariam nem ganhos nem perdas na inacção para uma grande Alma, após esta ter alcançado o estado da percepção. Contudo, mantendo-se consciente quanto aos interesses do mundo e a preservação da sua ordem, uma pessoa continuará a ser bem-sucedida relativamente ao dever prescrito. A razão para tal encontrase no seguinte verso.

### 21. "Outros procurarão igualar as acções de um grande homem, seguindo de perto o exemplo dado pelo mesmo."

Aquele que tenha percepcionado o seu Eu e que encontre alegria e contentamento na sua alma incorporada nada tem a ganhar da acção, tal como nada tem a perder da inacção. Mas, por outro lado, também se verificam casos de alguns homens de verdadeira realização, como Janak e outros, que se dedicam assiduamente à acção. No verso que se segue, Krishn compara-se subtilmente com esses grandes homens e sugere: "Também eu sou uma grande Alma, como eles".

### 22. "Apesar de não se verificar nenhuma tarefa nos três mundos para cumprir, ó Parth, nem existir nenhum objecto meritório que ainda não tenha alcançado, ainda assim empenho-me na acção."

Tal como outros sábios realizados, a Krishn também nada lhe resta para executar, tendo já esclarecido anteriormente que os sábios não têm o dever face aos outros seres de agir. De modo semelhante, em todos os três mundos não lhe resta o que executar, não se registando sequer um objecto desejável que não possua já. Não obstante, entrega-se à acção.

### 23. "Caso não seja diligente no desempenho da minha tarefa, ó Parth, outros seguir-me-ão no meu exemplo."

यद्यदाचरित श्रेष्ठस्तत्तदेवेतरो जनः। स यत्प्रमाणं कुरुते लोकस्तदनुवर्तते।।२१॥ न मे पार्थस्ति कर्तव्यं त्रिषु लोकेषु किंचन। नानवाप्तमवाप्तव्यं वर्त एव च कर्मणि ।।२२॥ यदि ह्यहं न वर्तेयं जातु कर्मण्यतन्द्रितः। मम वर्त्मानुवर्तन्ते मनुष्याः पार्थ सर्वशः।।२३॥ Caso não seja cuidadoso quanto ao seu desempenho relativamente à tarefa atribuída, outros seguirão a mesma conduta. Significará tal facto que a imitação de Krishn (Deus) pode ser um erro? Segundo as suas próprias afirmações, dará um mau exemplo se não agir.

## 24, "Caso não desempenhe bem a minha acção, todo o mundo perecerá e serei eu a causa do varnsankar e, assim, um destruidor da humanidade."

Caso não tente realizar bem e cautelosamente a sua tarefa, não só o mundo cairá, como provocará varnsankar e a consequente destruição de toda a humanidade. Se um sábio esclarecido e realizado não se empenhar cuidadosamente na meditação, a sociedade será corrompida ao reproduzir o seu exemplo. Em caso de inacção, não se registarão perdas para o sábio, pois já terá atingido o objectivo último através da bem-sucedida conclusão do seu acto de devoção. Porém, tal não se aplica a outros que ainda não se tenham firmado no caminho do seu exercício espiritual. Assim, as grandes Almas trabalham pela edificação e orientação daqueles que ficaram para trás. Krishn pratica o mesmo. Torna-se assim evidente que também Krishn foi um sábio, um verdadeiro yogi. Tal como os outros sábios, age para o bem do mundo. A mente é muito instável, desejando tudo excepto a meditação. Se os sábios que tenham percepcionado Deus não agirem, as pessoas seguirão o seu exemplo e desistirão igualmente da acção. As pessoas comuns terão então um pretexto, caso descubram que o sábio não medita, que se satisfaz com pequenos vícios e corrobora em conversa fiada. Desiludidos, abandonarão a devoção, sucumbindo à impiedade. Tal explica porque Krishn afirma que, se não exercer o seu dever prescrito, toda a humanidade cairá das graças divinas, sendo ele a causa do varnsankar.

Segundo Arjun, dar-se-á uma destrutiva mescla de classes se as mulheres se tornarem não castas. No capítulo 1, este mostrava-se receoso que se verificasse **varnsankar** se as mulheres perdessem a sua virtude. Mas Krishn refutou, afirmando que só se daria **varnsankar** caso se não empenhasse assiduamente na sua tarefa prescrita. De facto,

उत्सीदेयुरिमे लोका न कुर्यां कर्म चेदहम्। संकरस्य च कर्ता स्यामुपहन्यामिमा: प्रजा: ।।२४।। Deus é o verdadeiro varn (qualidade) do Eu. O desvio do caminho que conduz ao Deus eterno é, assim uma aberração denominada **varnsankar**. Se o santo que percepcionou Deus desiste do desempenho da tarefa meritória, ao seguir o seu exemplo, os outros perderão de vista os seus deveres, originando **varnsankar**, pois as propriedades conflituosas da natureza combinar-se-ão neles.

A castidade feminina e a pureza da raca são características da ordem social, uma questão de direitos. Não que tenham utilidade para a sociedade, mas é uma verdade que a transgressões morais dos progenitores não afectam a rectidão e contemplação de Deus por parte dos filhos. Um indivíduo obtém a salvação através dos seus próprios actos, Hanuman, Vvas, Vashisht, Narad, Shukdev, Kabir e Jesus Cristo foram todos eles santos no verdadeiro sentido do termo, mas a respeitabilidade social de todos eles está aberta para debate. Uma Alma é recebida num novo corpo com todos os méritos que acumulou numa existência prévia. Segundo Krishn, a Alma descarta um corpo velho. assumindo um novo com o sanskar de todos os méritos e desméritos que havia reunido numa vida anterior através dos actos da mente e dos sentidos. Este **sanskar** da Alma nada tem em comum com os progenitores físicos do novo corpo. Não há diferença na evolução das Almas e, assim, não se regista uma relação entre a castidade das mulheres e o aparecimento de varnsankar. A desintegração e dispersão por entre os objectos da natureza, em lugar de progredir firmemente na direcção do Espírito Supremo, traduzem-se em varnsankar.

Neste sentido, um sábio revela-se na causa da destruição da humanidade se não fomentar os outros a agir, enquanto ele se empenha dedicadamente à sua tarefa prescrita. A percepção do Deus indestrutível, a raiz de onde todos nascem, consiste na vida, ao passo que estar envolto nos inúmeros objectos da natureza e desviar-se do caminho divino representa a morte. Deste modo, o sábio que não incentive os homens a percorrer o caminho da acção é um destruidor, um assassino da humanidade. Trata-se de um destruidor da humanidade caso não verifique o dissipar das mentes e dos sentidos e não incentivar outros a manteremse no caminho certo. É então uma incorporação da violência. A verdadeira não-violência trata do cultivo do próprio e, simultaneamente, no alerta

dos outros para com a disciplina e o crescimento espiritual. Segundo o Geeta, a morte física é apenas uma mudança dos corpos perecíveis, não havendo nisso qualquer violência. Assim, Krishn esclarece Arjun:

#### 25. "Tal como os ignorantes agem pela sensação de apego às suas acções, ó Bharat, os sábios deveriam agir pela apresentação da ordem térrea (divinamente) estabelecida."

Um sábio, munido de um espírito conhecedor e impessoal, age de modo a inspirar os corações dos homens a actuar para seu próprio bem, como o faz qualquer pessoa egoísta e ignorante. Podemos ser ignorantes ainda que conhecendo o caminho e praticando o yagya. O conhecimento trata-se da percepção directa. Enquanto nos encontrarmos distantes de Deus e ele, o desejado, distante de nós, a ignorância persistirá. Enquanto a escuridão prevalecer, dar-se-á o apego à acção e às suas consequências. Aquele que age de modo impessoal medita com uma devoção em muito semelhante ao apego a que o ignorante recorre ao executar o seu trabalho. Não se pode verificar apego nos homens despreocupados com o agir. Porém, até mesmo estes sábios deveriam agir pelo bem do mundo e pelo fortalecimento das forças pias, para que outros homens sigam o caminho certo.

### 26. "Muito mais do que confundir e minar a fé dos ignorantes apegados à acção, os sábios deveriam prontificar-se a esclarecêlos sobre Deus e agir tal como ele age."

Em lugar de gerar confusão nas mentes dos ignorantes empenhados na execução da triste acção, os videntes que percepcionaram directamente Deus deveriam ser cautelosos para que nenhum dos seus actos cause o enfraquecimento da dedicação dos outros. É dever do sábio, abençoado que é abençoado com o conhecimento divino, inspirar outros para o desempenho da acção prescrita, a qual o próprio tão firmemente efectua.

सक्ताः कर्मण्यविद्वांसो यथा कुर्वन्ति भारत। कुर्याद्विद्वांस्तथासक्तश्चिकीर्षुर्लोकसंग्रहम् ।।२५।। न बुद्धिभेदं जनयेदज्ञानां कर्मसंगिनाम्। जोषयेत्सर्वकर्माणि विद्वान्युक्तः समाचरन्।।२६।।

Este é o motivo pelo qual o meu preceptor tinha o hábito de despertar às duas da manhã, mesmo já com uma idade avançada, tossindo para avisar os outros que estava acordado. De seguida dizia bem alto: "Levantem-se. homens da Terra". Quando todos nos encontrávamos a pé e nos sentávamos para meditar, ele deitava-se um pouco. Então levantava-se novamente e questionava: "Pensáveis que dormia? Na verdade, concentrava-me na minha respiração. Deito-me pois o meu corpo é velho e sentar-me custa-me. Mas vós, jovens, devem sentar-se firmemente e direitos e contemplar, até a vossa respiração fluir contínua e vagarosamente como uma corrente de óleo, sem pausas, nem pensamentos externos para perturbar a vossa concentração. É dever do devoto estar incessantemente ocupado com a tarefa da meditação. Quando à minha respiração, é firme e uniforme como o rebento de um bambu". Por esta razão, o sábio deve agir bem, pois de outra forma não poderá incentivar os seus discípulos a praticar o mesmo. "Um preceptor deve ensinar pelo exemplo e não pelo preceito."8

Assim, é o dever de um sábio manter os outros devotos igualmente empenhados na meditação, enquanto ele mesmo se dedica à acção. Um devoto deve dedicar-se também à devoção com sincera adoração mas, independentemente de ser um seguidor do Caminho do Conhecimento ou um dedicado actor da acção impessoal, não deve permitir a arrogância com base na meditação. Krishn trata então do actor da acção e com os motivos da mesma acção.

#### 27. "Apesar de toda a acção ser causada pelas propriedades da natureza, aquele que tiver uma mente egoísta e iludida presume que será um actor."

Desde o início até ao momento da realização, toda a acção é executada devido às propriedades da natureza, mas o homem cuja mente se encontra enevoada pela vaidade acredita, de forma arrogante, ser um actor e ter tudo como garantido. Mas como pode crer que também a

प्रकृते: क्रियमाणानि गुणै: कर्माणि सर्वश:। अहंकारविमृढात्मा कर्ताहमिति मन्यते।।२७।।

<sup>8</sup> O guru (nobre preceptor) ensina não só pelo preceito, mas dando exemplos da sua própria vida.

devoção a Deus é efectuada através das propriedades da natureza? A justificação necessária é fornecida por Krishn.

28. "Mas o sábio, consciente das diferentes esferas das propriedades da natureza em forma da mente e dos sentidos, tal como da sua acção sobre os objectos, não está sujeito ao apego, ó Vós dos braços poderosos, pois saberá que a mente e os sentidos (gun) se focam nos objectos da percepção (gun)."

Os videntes que tenham percepcionado a essência última estão conscientes da distinção entre as propriedades da natureza e da acção, bem como do facto dessas propriedades se cingirem a si mesmas, não se interessando pela acção.

"Essência" significa neste contexto o Espírito Supremo e não os cinco (ou vinte e cinco) elementos ou substâncias primárias contáveis. Nas palavras de Krishn, Deus é o único elemento, para além dele não existe qualquer outra realidade. Conhecedores das propriedades da natureza, os sábios que residem em Deus (a única realidade) podem percepcionar divisões da acção de acordo com as propriedades naturais. Se a qualidade predominante for a ignorância (tamas), esta demonstrase enquanto letargia, sono e irreflexão, ou seja, uma parca tendência para a acção. Caso a propriedade básica seja a paixão (rajas), a acção resultante é caracterizada pela relutância em proceder à devoção, assim como pelo autoritarismo. Mas se a propriedade dominante é a virtude ou a qualidade da bondade (sattwa), as acções assim originadas detêm características como a concentração da mente, o carácter meditativo, a atitude positiva relativamente à experiência, o pensamento contínuo e a simplicidade. As propriedades da natureza são mutáveis. Assim, somente o sábio arguto é capaz de vislumbrar que a perfeição ou a acção é determinada pelas suas propriedades constituintes. Estas propriedades afectam o seu trabalho pelos seus instrumentos, sentimentos e respectivos objectos. Porém, aqueles que ainda não ultrapassaram estas propriedades e ainda se encontram a meio-caminho estão dependentes do que quer que façam.

> तत्त्ववित्तु महाबाहो गुणकर्म विभागयो:। गुणा गुणेषु वर्तन्त इति मत्वा न सञ्जते।।२८।।

29. "Não deveriam minar a fé dos iludidos, os quais se encontram inconscientes relativamente à verdade, pois estão enamorados dos constituintes da matéria e apegados aos sentidos e às suas funções."

Aqueles que enfatizem a natureza entregam-se às suas acções ao verem-nas evoluir gradualmente para o nível das propriedades superiores. Os sábios, conhecedores da verdade não deveriam inquietar estes homens iludidos, parcos tanto em conhecimento como em esforço enérgico. Em lugar de desanimá-los, os sábios deveriam encorajá-los, pois poderão atingir o estádio derradeiro em que a acção se transforma no desempenho da acção. Após uma avaliação cuidadosa das suas capacidade e situação inatas, aquele que busca e que tenha optado pelo Caminho do Conhecimento deve considerar a acção como tendo sido presenteada pelas propriedades da natureza. Se, caso contrário, presumir que ele mesmo é o actor, tal torná-lo-á vão e pretensioso. Mesmo após ascender a propriedades superiores, não se deveria depender das mesmas. Aquele que busca e tenha, por outro lado, escolhido o Caminho da Acção Impessoal, não necessita analisar a natureza da acção nem as propriedades da natureza. Tem somente de agir sob total auto-rendição a Deus. Neste caso, cabe ao Deus interior (guru) vislumbrar quais as propriedades que se evidenciam e quais desvanecem. Aquele que busca no Caminho da Acção Impessoal acredita que tudo é uma bênção de Deus – incluindo a mudança nas propriedades, bem como a sua elevação gradual de um nível inferior a outros mais elevado. Assim, apesar de se encontrar constantemente entregue à acção, não sente nem vaidade em ser actor, nem cria apego ao que faz. Reportando-se a isto, assim como à natureza da guerra prestes a ter lugar, Krishn afirma:

30. "Deste modo, ó Arjun, contemplai o Eu, entregai-me toda a vossa acção, abandonai o desejo, a piedade e a dor, e preparai-vos para combater."

प्रकृतेर्गुणसंमूढाः सञ्जन्ते गुणकर्मसु। तानकृत्स्नविदो मन्दान्कृत्स्नविन्न विचालयेत्।।२९।। मिय सर्वाणि कर्माणि संन्यस्याध्यात्मचेतसा। निराशीर्निर्ममो भूत्वा युध्यस्व विगतज्वर :।।३०।।

A Arjun é referido que deve lutar, restringir os seus pensamentos no seu mais profundo interior, entregar num estado meditativo todos os seus actos a Deus na pessoa de Krishn, livre de aspirações, piedade e dor. Quando o pensamento de alguém é absorvido em contemplação, quando não se regista um único desejo de esperança, quando não se dão sentimentos de interesses próprios para além dos actos e quando não se verificam arrependimentos face à perspectiva da derrota, que tipo de guerra se pode combater? Quando o pensamento se tiver sumido no interior mais profundo do espírito, contra quem se deve lutar? E onde? E contra quem? Contudo, a verdade é que somente quando se entra no processo meditativo é que a verdade da guerra emerge. Só então se percepciona a aglomeração dos impulsos do mal, do desejo, da ira, da atracção e da repulsa, do desejo e da fome, dos desvios da piedade (designadas por kuru), os grandes inimigos originadores de apego ao mundo. Estes obstruem o caminho daquele que busca a verdade, lançando-o em viciosos assaltos. É necessário combater uma guerra real de modo a ultrapassá-los, por forma a dominá-los, de modo a controlar a mente e a alcançar o estado de firme contemplação. Krishn dá ênfase a este aspecto.

### 31. "Aqueles que não levantarem questões e forem dedicados, agindo sempre de acordo com este meu preceito, estarão isentos da acção."

Livres da ilusão e munidos de sentimentos de adoração e autorendição, aqueles que sempre agirem em conformidade com o preceito de Krishn, segundo o qual "se deve combater", ficam assim isentos de qualquer acção. Esta garantia por parte de **Yogeshwar** Krishn não se dirige a hindus, muçulmanos ou cristãos, mas a toda a humanidade. A sua doutrina defende a guerra. Poderá ficar-se com a sensação que os seus ensinamentos se destinam a belicistas mas, felizmente, a guerra universal já era anterior a Arjun. Mas porque procuramos a sua resolução no Geeta, ao sermos confrontados com tais perspectivas, ou porque

insistimos tão persistentemente que os meios de libertação da acção só se encontram acessíveis para os combatentes de uma guerra? A verdade é outra muito distinta. A batalha do Geeta trava-se no coração – no mais íntimo do Eu. Trata-se da batalha entre a matéria e o espírito, o conhecimento e a ignorância, **Dharmkshetr** e **Kurukshetr**. Quanto mais se tentar direccionar o pensamento pela meditação, mais impulsos maléficos surgirão como inimigos, lançando um terrível ataque. A conquista dos seus poderes demoníacos e a restrição do pensamento são o cerne deste combate da canção divina. Aquele que se encontrar isento de ilusões e se empenhar na batalha com fé, estará livre dos laços da acção, do ciclo do nascimento e da morte. Porém, o que sucede àquele que se retira de combate?

32. "Sabei que o céptico que não age de forma a cumprir este meu preceito, pois é parco de conhecimento e discernimento, estará condenado à miséria."

Os homens iludidos, embriagados pelo apego e com falta de discernimento, que não seguem os ensinamentos de Krishn ou que, por outras palavras, não combatem num estado de meditação que implique total auto-rendição, bem como a ausência do desejo, do auto-interesse e da dor, serão privados da felicidade suprema. Sendo tal verdadeiro, porque é tal tão comum? Krishn refere-se a esse facto.

33. "Uma vez que todos os seres são impelidos a agir em conformidade com a sua disposição natural e que o sábio se dedica de forma semelhante, que proveito poderá ter a violência (para com a natureza)?"

Todos os seres são dominados pelas suas propriedades governantes, agindo sob o seu comando. O sábio abençoado com a percepção empenha-se igualmente em concordância com a sua natureza. Os homens comuns habitam nas suas acções, ao passo que os sábios no Eu. Todos agimos de acordo as exigências inevitáveis da nossa natureza.

ये त्वेतदभ्यसूयन्तो नानुतिष्ठन्ति मे मतम्। सर्वज्ञानविमूढांस्तान्विद्धि नष्टानचेतस :।।३२।। सद्दशं चेष्टते स्वस्या: प्रकृतेर्ज्ञानवानिष। प्रकृतिं यान्ति भूतानि निग्रह: किं करिष्यति।।३३।। Esta é uma verdade evidente e incontornável. Por esta razão, segundo Krishn, as pessoas não seguem os seus ensinamentos, apesar de os conhecerem. Incapazes de ultrapassar o desejo, o auto-interesse e a dor, ou seja, o apego e a aversão, falham no agir do caminho prescrito. Krishn refere ainda uma outra razão

### 34. "Não vos guieis pelo apego e a aversão, dado que ambos são grandes inimigos que obstruem o caminho do bem."

A atracção e a repulsa residem nos sentidos e respectivos prazeres. Não nos deveríamos deixar dominar por eles, uma vez que são inimigos temíveis no caminho conducente ao bem e à liberdade da acção. Estes arrebatem a atitude devota do que busca. Mas quando o inimigo é interno, porquê travar uma batalha externa? O inimigo está ao nível dos sentidos e dos seus objectos – na mente. Desta forma, o combate do Geeta tratase de uma batalha interna. O coração humano representa o campo no qual se reúnem os impulsos divinos e demoníacos (as forças do conhecimento e da ignorância, as duas facetas da ilusão). A superação destas forças negativas, a destruição do mal pelo acalentar dos impulsos divinos, traduz-se no combate. Mas se as forças maldosas forem aniquiladas, a utilidade dos impulsos do bem perde-se. Após o Eu se unificar com Deus, os impulsos pios dissolvem-se e são assimilados por ele. O combate trata assim de superar a natureza, o que apenas se pode alcançar num estado de contemplação.

A destruição dos sentimentos de apego e aversão requer tempo. Assim, muitos daqueles que buscam abandonam a meditação, recorrendo subitamente à imitação de um sábio realizado. Krishn previne sobre tal facto.

35. "Apesar de inferior (em mérito), o dharm é o que cada um possui de melhor, e até mesmo a morte que este implica produz algum bem, ao passo que o dharm que não o próprio, ainda que bem analisado, gera apenas o temor."

इन्द्रियस्येन्द्रियस्यार्थे रागद्वेषौ व्यवस्थितौ। तयोर्न वशमागच्छेतौ ह्यस्य परिपन्थिनौ।।३४।। श्रेयान्स्वधर्मो विगुण: परधर्मात्स्वनुष्ठितात्। स्वधर्मे निधनं श्रेय: परधर्मो भयावह: ।।३५।। Considere-se aquele que busca empenhado na devoção há dez anos e outro que tenha sido presentemente iniciado neste processo. É natural que ambos se distingam. O noviço será destruído se imitar as vivências do devoto mais experiente. Por esta razão Krishn afirma que, apesar da qualidade mais inferior, o próprio dharm é mais aconselhável do que o dharm bem estudado de outra pessoa. A capacidade de empenho na acção emergente da própria natureza revela-se na verdadeira sorte. Após a Alma assumir o novo corpo, esta prosseguirá viagem a partir do mesmo ponto de realização espiritual em que havia interrompido na sua vida física prévia. A Alma não morre. Uma mudança de indumentária não altera a mente e respectivos pensamentos. Disfarçar-se de alguém mais elevado causará àquele que busca apenas mais temor. O receio é uma qualidade da natureza, não divina, e o manto da natureza torna-se mais espesso aquando da imitação.

O caminho "espiritual" é abundante em imitações baratas. O meu reverenciado preceptor ouviu outrora uma voz celestial dizendo que deveria viver em Ansuiya9. Assim, percorreu todo o caminho de Jammu a Chitrakoot, passando a morar nas densas florestas de Ansuiya. Muitos santos tinham por hábito passar por ali. Um deles reparou que, apesar de Paramhans Paramanand Ji viver todo nu, era detentor de uma enorme auto-estima. Tal levou-o a abandonar a pouca roupa que vestia como tanga, oferecendo a outro santo o seu cajado asceta e o pote de água e passando a caminhar despido. Ao regressar passado algum tempo, viu que Paramanand Ji falava com pessoas, abusando mesmo delas (tinha o comando divino de repreender e até condenar os seus discípulos, se necessário, em nome do seu próprio bem, olhando pelos viajantes no seu caminho espiritual). Imitando este grande homem, o outro santo começou também ele a falar abusivamente. Mas as pessoas retaliaram com palavras zangadas e desagradáveis, e o pobre impostor ficou a ponderar porque as pessoas lhe haviam ripostado, ao passo que ninguém protestara contra Paramhans Ji.

<sup>9</sup> Local sagrado no estado indiano de seu nome Madhya Pradesh, o lar do professor de Swami Adgadanand, o mais exaltado santo Shree Parmanand Ji. Este assim se designa devido à sua associação a Ansuiya, mulher do sábio Atri, a qual representa o mais nobre tipo de castidade e devoção matrimonial.

Ao regressar passados dois anos, encontrou Paramanand Ji sentado num colchão alto e macio e pessoas a admirá-lo. Então este homem levou uma superfície de madeira para a floresta, colocou um colchão por cima e recrutou algumas pessoas para o admirar. Multidões lá se dirigiram às segundas-feiras, quando este praticava os seus "milagres": cobrava 50 rupias a quem desejasse um filho e 25 a quem quisesse uma filha. Mas ao passar-se um mês fugia pois tinha-se revelado um impostor. Neste sentido, a imitação não compensa quando nos encontramos no caminho espiritual. Aquele que busca deve praticar o seu próprio dharm.

No que consiste o próprio dharm (swadharm)? No capítulo 2, Krishn fez-lhe referência, dizendo a Arjun que, tendo em consideração o seu próprio dharm, este deveria combater, não se registando caminho mais sagrado para um Kshatriya. Do ponto de vista desta propriedade inata, o dharm inerente, Arjun foi declarado Kshatriya. Krishn contou a Arjun que para um Brahmin, um homem verdadeiramente devoto conhecedor do Espírito Supremo, as instruções védicas se assemelhavam a um banho numa poça lamacenta. Porém, Arjun tinha urgência em aprender os Ved e tornar-se Brahmin. Por outras palavras, o dharm inerente encontra-se sujeito a mudanças. Contudo, o que é, de facto, determinante é que é o dharm inerente que conduz ao bem-estar pessoal. Não obstante, tal não significa que Arjun deva imitar um Brahmin, vestindo-se e assemelhando-se a ele.

O mesmo caminho da acção foi dividido pelo sábio em quatro segmentos: o mais inferior, o médio, o bom e o excelente. Krishn nomeou aqueles que buscam e que se encontram nestes caminho como Shudr, Vaishya, Kshatriya e Brahmin, respectivamente. A acção tem o seu início no nível mais inferior mas, no decurso da busca espiritual, aquele que busca evolui até à condição de Brahmin. Adicionalmente, após a unificação com Deus não têm mais lugar as condições de Brahmin, nem de Kshatriya, nem de Vaishya, nem de Shudr, verificando-se apenas a inteligência, o eterno e imutável Espírito Supremo, transcendendo-as então. Krishn afirma ter criado estas quatro classes. Como já foi referido, a classificação tinha como base a acção e não o nascimento. Mas que acção base é essa? Refere-se àquilo que é feito no mundo e para o mundo? Krishn contradiz este pressuposto e esclarece a tarefa ou acção ordenada.

Tal como foi apontado, a acção ordenada é o processo designado por yagya, pelo qual a respiração é oferecida enquanto sacrifício a outro, sendo todos os sentidos retraídos, traduzindo-se no verdadeiro sentido da prática do yog e da meditação. O especial exercício que conduz ao Deus adorado trata-se da meditação. Os Varn são uma divisão deste acto de medição em quatro categorias. A busca de uma pessoa deveria ter início ao nível da sua capacidade natural. Tal é o **dharm** inerente. Caso aquele que busca imite os que lhe são superiores e mais elevados, será consumido pelo temor. Não será totalmente destruído, pois a semente do seu desempenho espiritual é indestrutível. Mas ficará assoberbado pelo terror e enfraquecido pelo peso do mundo material. Se um estudante de nível primário frequentar as aulas dos finalistas, não se formará, pois não sabe sequer o alfabeto. Porque razão, questiona Arjun, não assumem os homens uma conduta de acordo com o seu **dharm** inerente?

### 36. "Arjun inquiriuu: 'O que leva os homens, ó Varshneya (Krishn) a, contra a sua vontade e com relutância, agir impiamente?

Porque razão age uma pessoa de forma pecaminosa, como se fosse obrigado a fazer algo que despreza? Porque não age de acordo com os preceitos dispostos por Krishn? A resposta de Krishn a esta questão encontra-se no verso seguinte.

37. "O Senhor disse: 'Sabei que o desejo emergente da propriedade emocional da natureza (rajas) é insaciável como o fogo, é o mesmo que a ira; e aprendei a reconhecê-lo como o vosso inimigo mais controverso deste mundo'."

O desejo e a ira que brotam da propriedade natural da paixão demonstram um apetite natural pelo prazer sensorial, sendo os mais pecaminosos. O desejo e a ira complementam o apego e a repugnância.

अर्जुन उवाच
अथ केन प्रयुक्तोऽयं पापं चरित पूरुषः।
अनिच्छन्नपि वार्ष्णेय बलादिव नियोजितः।।३६।।
श्रीभगवानुवाच
काम एष क्रोध एष रजोगुणसमुद्भवः।
महाशनो महापाप्मा विद्धयेनमिह वैरिणम्।।३७।।

Deste modo, Arjun é avisado para ser cauteloso quanto aos mesmos, considerando-os os seus inimigos mais perigosos. De seguida, discutemse os seus efeitos perniciosos.

# 38. "Tal como o fogo é envolvido pelo fumo, um espelho envolto em pó e um feto escondido no ventre, também o conhecimento se rodeia pelo desejo."

O discernimento encontra-se sob a sombra do manto do desejo e da ira. Se se queimar um toco de madeira húmido, verificar-se-á apenas fumo. Dar-se-á o fogo, mas este não pegará. Um espelho coberto de pó não reflectirá uma imagem nítida. Do mesmo modo, em havendo perversões como o desejo e a ira, a mente não estará disponível para percepcionar claramente Deus.

### 39. "E, ó filho de Kunti, até o discernimento dos sábios é envolta pelo desejo, insaciável como o fogo, o seu perpétuo inimigo."

Até à data, Krishn referiu dois inimigos: o desejo e a ira. Mas no verso 39 reporta-se a apenas um, mais especificamente o desejo. Na verdade, o sentimento de cólera reside no desejo. Quando uma tarefa é bem-sucedida, a cólera abranda, mas caso o desejo seja obstruído, esta última volta a surgir. Assim, a ira encontra-se no cerne do desejo. É importante saber onde se escondem os inimigos, pois tal informação facilitará a destruição total dos mesmos. Krishn expressa a sua perspectiva relativamente ao problema.

## 40. "Uma vez que os sentidos, a mente e o intelecto são a origem do desejo, é através destes que um ser se ilude pelo enublar da sua faculdade de discernimento."

Aqui está a resposta. O nosso pior inimigo reside no interior dos nossos próprios sentidos, mente e intelecto. E é através destes que o desejo embriaga o conhecimento, iludindo a Alma incorporada.

धूमेनाव्रियते विह्नर्यथादशों मलेन च।
यथोल्बेनावृतो गर्भस्तथा तेनेदमावृतम्।।३८।।
आवृतं ज्ञानमेतेन ज्ञानिनो नित्यवैरिणा।
कामरूपेण कौन्तेय दुष्पूरेणानलेन च।।३९।।
इंद्रियाणि मनो बुद्धिरस्याधिष्ठानमुच्यते।
एतैर्विमोहयत्येष ज्ञानमावृत्य देहिनम्।।४०।।

41. "Assim, ó melhor de Bharat (Arjun), dominai primeiro os sentidos e aniquilai determinadamente o desejo, o destruidor hediondo do conhecimento tanto espiritual como físico."

Acima de tudo, Arjun deve controlar os sentidos, pois o seu inimigo encontra-se em si. O inimigo está em nós e seria fútil procurá-lo no exterior. O combate a travar é interno, deve ser combatido no interior da mente e do coração. Deste modo, Arjun terá de dominar os sentidos, suprimindo o desejo pecaminoso que aniquila o conhecimento do Espírito sem expressão, bem como o conhecimento do mundo físico. Contudo, estes não podem ser erradicados directamente, primeiro terá de definir os limites das perversões morais, conquistando os sentidos.

Mas a restrição dos sentidos e da mente é extremamente difícil. O sucesso desta acção demonstra-se sempre como algo duvidoso. Krishn dissipa esta atitude pessimista ao referir as muitas armas à disposição a que cada um pode recorrer contra o inimigo

42. "Acima dos sentidos encontra-se a mente, e acima da mente está o intelecto, e acima de tudo está a Alma interna, de poder supremo e, ainda assim, subtil."

Assim, o homem não é assim tão indefeso. É possuidor de um rico arsenal de armas que poderá empunhar com força e confiança. Poderá recorrer à sua mente contra os sentidos, ao seu intelecto contra a mente, encontrando-se acima de tudo isto a Alma, toda-poderosa e, ainda assim, imanifesta. É essa alma que se traduz no real em "nós" e, deste modo, devemos ser fortes o suficiente para dominar não só os nossos sentidos, mas também a nossa mente e o intelecto.

तरमात्त्वमिन्द्रियाण्यादौ नियम्य भरतर्षभ । पाप्मानं प्रजिह ह्येनं ज्ञानविज्ञाननाशनम् ॥४९॥ इन्द्रियाणि पराण्याहुरिन्द्रियेभ्यः परं मनः। मनसस्तु परा बुद्धियां बुद्धेः परतस्तु सः॥४२॥ 43. "Assim, ó Vós de braços poderosos, conhecendo a Alma (subtil e poderosa e meritória em todos os sentidos), restringi a mente com o vosso intelecto, suprimindo o desejo, o vosso inimigo mais temível."

Possuído pelo conhecimento da Alma sem expressão, poderosa e de alcance superior ao do intelecto, e após a devida análise da sua força inata, restringindo a mente através do intelecto, Arjun deve derrotar o desejo, o seu pior inimigo. Arjun deve eliminar o seu inimigo após o escrutínio rigoroso da sua capacidade inerente. O desejo é um opositor terrível, pois ilude a Alma pelos sentidos. Conhecendo a sua força e com confiança na sua Alma, Arjun deveria eliminar esse desejo, o seu inimigo. É, no entanto, evidente que se trata de um inimigo interno e que o combate a ser travado é igualmente interno — na esfera da mente e do coração.



Muitos analistas do Geeta deram a este capítulo o título de "Karm Yog" ("O Caminho da Acção"), porém este não é adequado. Yogeshwar Krishn mencionou a acção no capítulo 2 e a sua exposição quanto à sua importância geraram uma atitude reverente face ao sujeito. No presente capítulo, Krishn definiu a acção como a conduta do yagya. Certo é que o yagya se trata do modo ordenado, tudo o resto originado pelo homem representa outra forma ou servidão mundana. No capítulo 4, será afirmado que a prática do yagya se trata da acção que afecta a liberdade do mundo material.

O capítulo descreve a origem do yagya, assim como a conduta que a sua disciplina tem para oferecer, retratando de seguida as características do yagya. A esta conduta do yagya é dada repetidamente ênfase, pois esta é a acção ordenada. Os que a não praticarem são não somente amantes do prazer pecaminosos, como vivem também em vão. Os sábios de antigamente atingiram o estado de realização e inércia pelo yagya. Eram homens satisfeitos e que se sentiam em sintonia com o Eu. Por

essa razão, nada lhes ficava para fazer. Ainda assim, dedicaram-se assiduamente à sua tarefa orientadora dos seus seguidores menos afortunados que haviam ficado para trás. Krishn compara-se a estas grandes Almas. Também a ele nada lhe testa para fazer ou alcançar, mas dedica-se à accão pelo bem da humanidade. Assim, revela-se como um yogi, um asceta ou santo, empenhado na meditação constante. Na verdade, como já foi anunciado, ele é um Yogeshwar, um adepto do yog. Paralelamente, neste capítulo Krishn previne repetidamente os sábios como ele para não confundirem e minarem a fé dos iniciados na busca e que se encontram ainda centrados em buscas materiais, uma vez que podem atingir o estado ideal através apenas da acção. Se abandonarem a acção, serão destruídos. A acção correcta requer o combate numa batalha, concentrando-se no Eu e no Espírito Supremo. Mas qual a necessidade desta batalha se os olhos estão fechados e o pensamento humano está concentrado na contemplação e os sentidos estão confinados ao intelecto? Segundo Krishn, quando aquele que busca se decide pelo caminho da devoção, o desejo e a ira, a atracção e a repulsa surgem como obstáculos temerosos no seu caminho. Para combater e superar estes impulsos negativos é necessária a batalha. A concentração progressivamente mais profunda no estado de meditação pela eliminação gradual dos impulsos demoníacos e estranhos de Kurukshetr trata-se do combate. Assim, esta é uma batalha que se processa em meditação. Em resumo, este é o capítulo 3 e, como se pode concluir deste sumário, ainda não foi esclarecido do que trata exactamente a acção ou yagya. Quando for mais clara a natureza do yagya, compreender-se-á também a natureza da acção.

Este capítulo dá ênfase sobretudo ao papel pedagógico dos sábios, das grandes Almas que percepcionaram a realidade. O capítulo é, assim, uma directiva para os reverenciados preceptores. Estes nada perderão se não executarem qualquer acção, tal como não ganharão nada se o fizerem. E, contudo, devem permanecer activos pelo bem da humanidade. No entanto, nada de importância efectiva foi referido àqueles que buscam e desejam percepcionar Deus. A eles não lhes foi apontado o que fazer.

Deste modo, este capítulo não retrata o Caminho da Acção. Esta acção a ser efectuada ainda não foi esclarecida. Até à data, apenas foi anunciado que a conduta do yagya é a acção prescrita. Mas somos mantidos na ignorância sobre o yagya. Deve admitir-se, contudo, que o retrato mais detalhado do combate em todo o Geeta se encontra apenas no capítulo 3.

Considerando o Geeta como um todo, é no capítulo 2 que Krishn refere a Arjun que deve combater devido ao facto do corpo ser destrutível. efémero. Esta é a única razão concreta que o Geeta apresenta. Posteriormente, ao esclarecer o Caminho do Conhecimento, diz-se do combate ser o único meio para alcançar o mais auspicioso fim. Krishn diz a Arjun que os conhecimentos que com ele compartilhou estão relacionados com o Caminho do Conhecimento, sendo este o facto de Arjun dever combater pois tal lhe é proveitoso tanto na vitória como na derrota. De seguida, no capítulo 4, Krishn dirá a Arjun que, apoiando-se firmemente no yog, este deverá abandonar a irresolução no seu coração com a muleta do discernimento. Esta muleta trata-se da muleta do yog. Não se fazem quaisquer referências à batalha do capítulo 5 ao capítulo 10. No capítulo 11, Krishn declara apenas que os inimigos foram já chacinados por ele, pelo que Arjun apenas terá de se aproximar, assumindo a glória. Os inimigos foram derrotados sem que este os tivesse de assassinar, sendo que o poder que motiva todos os seres e objectos usá-lo-á também a ele como um instrumento para obter o que deseja. Assim, Arjun deveria impor-se com coragem e matar os seus inimigos que nada mais são senão corpos vivos.

No capítulo 15, o mundo será comparado a uma figueira-dos-pagodes, e Arjun será aconselhado a buscar a perfeição espiritual ao abater a árvore com o machado da renúncia. Não se menciona qualquer guerra nos últimos capítulos, apesar do capítulo 16 verificar uma quantidade considerável de demónios condenados ao inferno. O retrato mais pormenorizado da batalha encontra-se no capítulo 3. Os versos 30 a 43 dizem respeito à preparação para a mesma, à sua inevitabilidade, à destruição certa daqueles que se recusam a travá-la, os nomes dos

inimigos a ser chacinados, a avaliação das forças e a determinação no extermínio dos inimigos. Assim, o capítulo identifica os referidos inimigos e, no final, encoraja aquele que busca a destruí-los.

Assim se conclui o Terceiro Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência de Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado: "Shatru Vinash-Prerna" ou "A Urgência da destruição do inimigo".

Deste modo, se conclui a exposição de Swami Adgadanand sobre o Terceiro Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

### ELUCIDAÇÃO SOBRE O ACTO DO YAGYA

No capítulo 3, Yogeshwar Krishn assegurara que aquele que seguisse as suas directivas, sem ilusões e com uma devoção sincera, se veria livre do apego à acção. O yog (tanto o conhecimento como a acção) tem o poder de libertar dessa servidão. A ideia de combater uma batalha constitui o yog. No actual capítulo será referenciado o autor do yog, bem como os estádios nas quais a disciplina evolui.

 "O Senhor disse: 'Fui eu quem ensinou o yog eterno ao Sol (Vivaswat), que de seguida o ensinou a Manu, que por sua vez ensinou a Ikshwaku'."

Segundo Krishn, foi ele quem, no início da devoção (kalp), transmitiu o conhecimento do yog eterno ao Sol (símbolo dos impulsos do bem), que por sua vez o passou a Manu (símbolo da mente), seu filho, que, de seguida, o comunicou a Ikshwaku (símbolo da aspiração). Krishn, como já foi referido, foi um yogi. E é exactamente o yogi quem, habitando o Espírito Supremo, começa inicialmente o yog perene ou, por outras palavras, dá início à devoção, transmitindo a força vital. O Sol representa o caminho da percepção divina¹: Deus é "a luz que todos ilumina".

O yog é perene. Krishn afirmou anteriormente que a semente deste processo é indestrutível. Uma vez iniciado, não cessa até ter atingido a perfeição. O corpo cura-se com os medicamentos, mas a devoção revela-

### श्रीभगवानुवाच इमं विवस्वते योगं प्रोक्तवानहमव्ययम्। विवस्वान्मनवे प्राह मनुरिक्ष्वाकवेऽब्रवीत्।।१।।

No Upanishad Prashn é possível encontrar o seguinte: "O sábio conhece aquele que assume todas as formas, que é radiante, que é omnisciente e que é a luz que todos ilumina. Ele levanta-se como um sol com milhares de raios e reside em locais infinitos". se como o remédio da Alma. O início da devoção é o início da cura dou. Este acto de devoção e meditação é também criação de um sábio realizado. O homem primitivo que jazia na noite da ignorância, que não dedicava nem um pensamento ao yog, é conduzido à perfeição do mesmo ao encontrar-se com um sábio — ao vislumbrar meramente um grande homem, ao escutar a sua voz, ao prestar-lhe um serviço (ainda que inadequado) e ao associar-se a ele. Goswami Tulsidas disse ainda o seguinte: "A felicidade suprema é garantida àquele que percepcione Deus, bem como àquele em que Deus tenha reparado".

Krishn afirma ter no início ensinado o yog ao Sol. Se um sábio esclarecido apenas lança um olhar a um devoto, o aperfeiçoamento do yog é transmitido à força vital da Alma afortunada. Todos os seres vivos são animados pelo sol – pelo Deus que está sujeito somente a si mesmo. Uma vez que a luz é vida ou respiração, é imperativo que se possa alcançar o Espírito Supremo através apenas da regulação da força vital. A transmissão dos instintos pios a um jovem trata-se da difusão do conhecimento do vog ao Sol, sendo que, no devido tempo, a semente desta perfeição desponta na mente. E foi assim que os deuses comunicaram o conhecimento a Manu. Após o desabrochar na mente, dá-se o desejo da percepção das sábias directivas. Se a mente se dedica a algo, regista-se também o desejo de atingi-lo. E, deste modo, assim pregou Manu o vog a Ikshwaku. Verifica-se o ensejo ou aspiração para efectuar o acto ordenado, eterno e libertador do apego à acção. E, nesse caso, dá-se ainda o desejo de actuar, sendo a devoção acelerada. Krishn fala então do momento em que o yog nos conduz e do seu início.

2. "Derivado da tradição, este yog era conhecido entre os sábios do estádio real (rajarshi²), mas neste momento, ó destruidor dos inimigos, caiu ao abandono e quase se extinguiu."

> एवं परम्पराप्राप्तिममं राजर्षयो विदु:। स कालेनेह महता योगो नष्ट: परंतप।।२।।

Os leitores devem ser alertados para a falsa e comum interpretação da palavra rajarshi. Diz-se que um Kshatriya é elevado ao estatuto de rajarshi à custa da sua vida pia e devoção austera. Já o Brahmin é elevado à posição de brahmarshi. Mas a verdade é que Deus não atribuiu as categorias de Brahmin nem de Kshatriya, nem de Judeu nem de Cristão. Tal não passam de ordens sociais baseadas no nascimento ou na profissão. Assim, rajarshi é aqui empregue para denotar um dos quatros estádios espirituais distinguidos apenas pelos méritos interiores do devoto, independentemente da sua casta ou credo. Esta interpretação é correcta, pois, de outra forma, o yog do Geeta teria de ser entendido como dirigido apenas a membros de uma casta, o que seria insustentável.

Transmitido por um santo realizado ao alento do homem primitivo e bárbaro, seguindo posteriormente do alento até à mente, daí para o desejo (ou aspiração) e deste para a prática activa e evoluindo gradualmente nos diversos estádios, este yog alcança o estádio real, sendo então revelado àquele que busca. Poderes extraordinários são gerados nos devotos que atingem este nível. Neste estádio crítico, o yog quase cessa de ser neste mundo (corpo). Assim, o problema resume-se a como leválo além dessa linha divisória. Aparentemente, todos aqueles que buscam são destruídos após atingirem este estádio, mas segundo Krishn tal não se verifica. Aquele que tiver encontrado refúgio nele enquanto devoto dedicado e amigo querido será poupado.

#### "O que agora vos esclareço trata-se do yog eterno, pois sois meu devoto e querido amigo e ainda porque este yog encerra um mistério supremo."

Arjun é um devoto Kshatriya do nível rajarshi, no qual, agitado pelas ondas da realização, os devotos se encontram em perigo de ser destruídos. Não que a natureza benéfica do yog conheça um fim neste estádio, porém os devotos geralmente hesitam ao atingir este nível. O yog eterno, extremamente misterioso, é agora transmitido por Krishn a Arjun pois o seu discípulo está no caminho à beira da destruição. E fá-lo porque Arjun lhe é devoto, resoluto, porque confia nele e é um amigo querido.

Quando o Deus venerado, o sábio realizado, reside na Alma, iniciando a sua instrução, só então tem início a verdadeira devoção. Neste contexto, Deus e o preceptor realizado são sinónimos. Ao descender ao coração, ao nosso nível, Deus começa a orientar, apoiando caso o devoto hesite, e só então a mente se encontra totalmente dominada. Se Deus não assumir o papel de condutor junto à Alma a instigar, não se verificará a iniciação adequada no seu caminho. Mas antes o adorador é julgado, não tendo ainda atingido o estado da verdadeira devoção.

O meu reverenciado preceptor, o meu Deus, costumava afirmar: "Ah! Muitas vezes escapei por pouco, mas Deus salvou-me. Deus ensinou-

स एवायं मया तेऽद्य योगः प्रोक्तः पुरातनः। भक्तोऽसि मे सखा चेति रहस्यं ह्येतदुत्तमम्।।३।। me o seguinte... disse-me que...". Por vezes questionava-o: "Maharaj Ji, Deus também diz e fala?". Ao que ele respondia: "Oh, Deus fala exactamente como vós e eu, durante horas e sem interrupções". Tal entristeceu-me e ponderei como falaria Deus. Esta era uma tremenda revelação para mim. Passado algum tempo, Maharaj Ji disse: ""Porque vos preocupeis? Deus também vos falará". Agora me apercebo que cada palavra do que disse é verdade. Este é o sentimento da amizade que liga a Alma individual ao Espírito Cósmico. Somente quando Deus começa a solucionar as dúvidas enquanto amigo é que o devoto pode atravessar o estádio destrutivo em segurança.

Até à data, Yogeshwar Krishn lidou com a introdução do sábio ao yog, com os obstáculos no seu caminho e os meios para os ultrapassar. Mas Arjun agora questiona-o:

4. "Arjun disse: 'Uma vez que Vivaswat (suplicando por Deus) nasceu na antiguidade distante e o vosso nascimento é ainda recente, como poderei crer que lhe haveis ensinado o yog a ele?"

Krishn teve um nascimento recente, em tempos ainda possíveis de recordar, ao passo que o alento do conhecimento que reclama ter transmitido ao Sol é do "escuro jardim e do abismo do tempo". Desta forma, como pode Arjun acreditar que foi Krishn que enunciou o yog no início? Krishn esclarece a dúvida da seguinte forma:

5."O Senhor afirmou: 'Ó Arjun, vós e eu passámos por inumeráveis nascimentos, mas, ó conquistador dos inimigos, ao passo que vós não tendes memórias dos vossos nascimentos prévios, eu tenho'."

Krishn e Arjun passaram por diversos nascimentos, mas este último não se recorda dos mesmos. O devoto não sabe, mas aquele que já contemplou o seu Eu já tem conhecimento, assim como aquele que percepcionou o imanifesto. Segundo Krishn, o seu nascimento foi diferente do dos outros.

अर्जुन उवाच: अपरं भवतो जन्म परं जन्म विवस्वत:।

कथमेतद्विजानीयां त्वमादौ प्रोक्तवानिति ॥४॥

श्री भगवानुवाच : बह्नि मे व्यतीतानि जन्मानि तव चार्जुन।

तान्यहं वेद सर्वाणि न त्वं वेत्थ परंतप।।५।।

O alcance do Eu é distinto do alcance de um corpo. A manifestação de Krishn não pode ser vislumbrada com olhos físicos. Ele não nasce, encontra-se oculto, é eterno e, ainda assim, nasce com um corpo humano. Por esta razão, os que pregam que a morte conduz à libertação, oferecem somente uma falsa consolação.

A Alma percepciona a essência derradeira enquanto ainda se encontra no corpo humano que assumiu. Caso se dê a mínima falha, terá de se submeter a novo nascimento. Até à data, Arjun pensava que Krishn era um mortal como ele, razão pela qual falava do seu recente nascimento. Será Krishn como os outros corpos?

### 6. "Apesar de imperecível, de não nascer e de ser Deus de todos os seres, manifesto-me dominando o mundo material da natureza com o misterioso poder de atm-maya."

Krishn é imperecível, não nasce e concede o alento a todos os seres, mas manifesta-se ao restringir os apegos materiais através de atm-maya³. Um tipo de maya é a ignorância moral que leva as pessoas a aceitar a realidade do mundo material e que se traduz na causa do renascimento sob formas inferiores. O outro maya é aquele que Krishn denomina de yog-maya e que desconhecemos. Trata-se do maya do Eu que possibilita acesso à Alma e conduz à consciência do Espírito Supremo. É pela operação deste yog-maya que Krishn domina as três propriedades da natureza, manifestando-se

### अजोऽपि सन्नव्ययात्मा भूतानामीश्वरोऽपि सन्। प्रकृतिं स्वामधिष्ठाय संभवाम्यात्ममायया।।६।।

Em Ram Charit Manas, a história devota e a tradução de outros trinta épicos indianos, o Ramayan, pelo grande poeta Tulsidas, Goswami Tulsidas, maya encontra-se definido da seguinte forma: "Ao passo que eu e estes são meus, vós e esses são vossos". Esta noção traduz-se em maya, e todas as criaturas são vítimas deste. Este é duplo, constituído pela ignorância e pelo esclarecimento. A primeira é um vigarista notório pois ludibria todas as criaturas nas ciladas do nascimento e da morte. Pelo contrário, apesar do outro ter reputação de ser a única origem das virtudes, é somente animado pelo Deus interior, não detendo qualquer poder por si só. O processo de esclarecimento denomina-se de vidyamaya. Dado que unifica a Alma individual com o infinito, intitula-se ainda yogmaya. E ainda porque possibilita à Alma atingir a glória mais elevada, chama-se também atm-maya. Após a realização, um yogi é abençoado com o poder que lhe permite cuidar de milhares de discípulos simultaneamente. É deste poder, atm-maya, que se trata aqui.

Diz-se comummente que as pessoas só vislumbrarão Deus quando este se manifestar pela incarnação. Contudo, segundo Krishn, esta incarnação não se dá pois poderia ser vislumbrada por outros. Deus não nasce sob uma forma corporal. É apenas através de estádios graduais que controla as três propriedades da natureza, através do exercício do yog-maya, manifestando-se assim. Mas quais as circunstâncias de tal manifestação?

### 7. "Sempre que, ó Bharat, o bem (dharm) cair e o mal prevalecer, manifestar-me-ei."

Krishn diz ao devoto Arjun que quando o coração cair na inércia no que respeita ao Espírito Supremo, o dharm mais sublime, e os pios forem incapazes de entender como percorrer o caminho em segurança, ele assumirá uma forma para se manifestar. Um tal cansaço foi sentido por Manu. Goswami Tulsidas escreveu sobre a sua dor, pois tinha passado a sua vida sem contemplar a Deus. Ao limpar as lágrimas dos olhos dos seus adorados devotos devido à sensação de impotência face à incapacidade de superar o mal, Deus começou a demonstrar-se sob uma forma manifesta. Porém, tal implica ainda que Deus se manifesta somente aos devotos adorados e apenas para o seu bem-estar.

A incarnação divina dá-se só no nosso coração de devotos abençoados. Mas o que faz o Deus manifesto?

### 8. "Manifesto-me de era em era para defender o pio, destruir o corrompido e fortalecer o dharm."

Deus manifesta-se enquanto salvador dos homens santos. Ele, o adorado, é aquele Deus, após o qual nada mais há a contemplar. Krishn assume uma forma manifesta de tempos a tempos para destruir os obstáculos que obstruem o suave fluir dos impulsos do bem, como a sabedoria, a renúncia e a contenção, bem como aniquilar as forças demoníacas da paixão, a ira, o apego e a repugnância e reforçar o dharm.

यदा यदा हि धर्मस्य ग्लानिर्भवति भारत।
अभ्युत्थानमधर्मस्य तदात्मानं सृजाम्यहम्।।७।।
परित्राणाय साधूनां विनाशाय च दुष्कृताम्।
धर्मसंस्थापनार्थाय संभवामि युगे युगे।।८।।

"Era", tal como é empregue aqui por Krishn, não se refere a épocas históricas como a Era Áurea (Satyug) ou a Era do Ferro (Kaliyug). Este termo alude aos estádios que permitem a ascensão e a queda, os altos e baixos sofridos pelo dharm a que a natureza humana está sujeita. Estes são os estádios do dharm e o coração humano tem de evoluir ao longo dos mesmos. Goswami Tulsidas escreveu sobre o assunto em Ram Charit Manas (7-10) – o recontar e a tradução de sânscrito para a linguagem humana do épico indiano Ramayan pelo poeta Tulsidas. Os estádios do dharm submetem-se às variações de cada coração em todas as épocas, não devido à ignorância, mas sim à operação do divino poder de maya. A isto se denominou atm-maya no sexto verso deste capítulo. Inspirado em Deus, este conhecimento é aquele que faz do coração a verdadeira morada de Deus. Mas como se pode saber qual a fase que se atravessa a dado momento? Quando somente a virtude e a bondade moral (sattwa) se encontrarem activas no coração, quando a paixão e a ignorância forem dominadas, quando todos os temores forem controlados, quando não se der sentimento algum de repulsa, quando se registar a forca suficiente para a concentração firme nos sinais recebidos pelo objecto desejado, quando a mente transbordar de felicidade, só então é possível entrar na Época Áurea. Por outro lado, quando as forças da escuridão (tamas), combinadas com a paixão e a cegueira moral (rajas), despontam, quando estas animosidades e conflitos se registam em todo o lado, o devoto encontra-se na Era do Ferro (Kaliyug). Quando se dá o predomínio da ignorância e a abundância da letargia e da protelação, trata-se do estádio de Kaliyug do dharm. Aquele que se encontrar neste estádio não cumpre o seu dever apesar de o conhecer. Sabendo o que não deve fazer, fá-lo. Estes estados do dharm de ascensão e queda são determinados pelas propriedades inatas. Segundo alguns, estes estádios correspondem às quatro eras (yug), segundo outros às quatro classes (varn) e, segundo outros ainda, aos quatro níveis de busca espiritual: excelente, bom, médio e inferior. Em todos os estádios, Deus fica junto ao devoto. Não obstante, existe muito de favor divino no estádio mais elevado, ao passo que a assistência parece ser parca nos estádios mais baixos.

Assim, Krishn esclarece Arjun que o devoto seriamente dedicado ao seu objectivo último é um sábio, mas só poderá ser salvo se o fluir dos

impulsos divinos, como a sabedoria, a renúncia e a auto-contenção, que providenciam acesso ao objecto, não se encontrar obstruída. De modo semelhante, os executores de actos malévolos não deixam de o ser com a simples destruição dos seus corpos mortais não existentes, pois renascerão com as mesmas maléficas expressões (sanskar) que acumularam numa vida prévia, efectuando o mesmo mal executado anteriormente. Desta forma, Krishn manifesta-se em todas as eras para destruir as perversões morais e fortalecer o dharm. A instalação de um único Deus imutável é a destruição final do mal.

Resumindo, Krishn disse que se manifesta repetidamente em todas as circunstâncias e categorias para destruir o mal, promover o bem e fortalecer a fé no Espírito Supremo, porém só o faz se se registar arrependimento profundo no coração do devoto. Se a graça do Deus venerado não estiver connosco, não poderemos sequer reconhecer se o mal foi destruído ou quanto ainda subsiste. Desde o início até ao momento da percepção final, Deus permanece junto ao devoto em todos os estádios, manifestando-se apenas no coração do devoto. Serão todos capazes de o sentir quando este se manifesta? Segundo Krishn, não é assim.

#### "Aquele que já percepcionou a essência das minha radiantes incarnações e obras, ó Arjun, nunca renascerá novamente após descartar o seu corpo, pois residirá em mim."

A incarnação de Deus, a sua manifestação gradual pelo remorso profundo e as suas obras – a erradicação dos obstáculos que geram o mal, a provisão das características essenciais à auto-percepção e o reestabelecimento do dharm –, tudo isto não se traduz no nascimento e nos actos dos mortais. Entendidas apenas como abstracções, a incarnação de Deus e as suas operações não podem ser vislumbradas com olhos físicos. Ele não pode ser medido através da mente e sabedoria. Deus, tão inescrutável e misterioso, é apenas perceptível para aquele que conhece a realidade. Apenas este consegue percepcionar a incarnação de Deus e da sua obra, e uma vez que tenha tido lugar essa percepção directa, não volta a nascer, residindo em Krishn.

जन्म कर्म च मे दिव्यमेवं यो वेत्ति तत्त्वत:। त्यक्त्वा देहं पुनर्जन्म नैति मामेति सोऽर्जुन।।९।। Se só os videntes conseguem vislumbrar a incarnação de Deus e respectivas obras, porque se reúnem centenas de milhares de pessoas para esperar o nascimento de Deus, de modo a poderem vê-lo? Seremos todos videntes? Muitos disfarçam-se de sábios, sobretudo vestindo-se como santos e aclamando-se como incarnações, recorrendo os seus agentes a publicidade para o provar. Os crédulos apressam-se a vislumbrar estes "homens de Deus", contudo, Krishn afirma que somente os homens da perfeição conseguem visualizar Deus. Mas quem é esse homem a quem podemos chamar vidente?

Dando o seu veredicto sobre o real e o falso no capítulo 2, Krishn declarou a Arjun que o irreal não existe e que o real nunca foi inexistente nem no passado, nem no presente nem no futuro. Esta tem sido a experiência dos videntes, não dos linguistas nem de homens de posses. Agora Krishn reitera que, apesar de Deus se manifestar, somente os videntes da essência o podem vislumbrar. Ele unificou-se com a derradeira realidade, tornando-se vidente. Não nos tornamos videntes ao aprender a contar os cinco (ou vinte e cinco) elementos. Krishn diz ainda que somente a Alma é a realidade suprema. Quando a Alma se unifica com o Espírito Universal, também ela se torna em Deus. Assim, só alguém que tenha percepcionado o Eu pode vislumbrar e compreender a manifestação divina. É, deste modo, evidente que Deus se manifesta no coração do devoto. De início, o devoto não é capaz de reconhecer o poder que lhe transmite sinais. Quem lhe mostra o caminho? Mas após percepcionar a verdade sobre o Espírito Supremo, começa a ver e a entender e assim, quando descarta o corpo, não torna a nascer.

Krishn disse que a sua manifestação é interna, obscura e luminosa e que aquele que percepciona a sua radiação se torna uno com ele. Mas, em seu lugar, as pessoas criaram figuras para adorar, imaginando que ele reside algures no céu. Mas tal está longe de ser verdade. Krishn refere apenas com isto que, se as pessoas seguirem a tarefa ordenada, descobrirão que também elas são radiantes. O potencial que os outros detêm, trata-se do que Krishn já representa. Ele representa as possibilidades da humanidade, o seu futuro. No momento em que se alcançar a própria perfeição interior, atinge-se também o que Krishn é. Ser-se-á idêntico a ele. A incarnação nunca é externa. Se um coração

transborda de amor e adoração, dá-se a possibilidade da experiência da incarnação divina. Simultaneamente, Krishn providencia consolação aos comuns ao comunicar-lhes que muitos o percepcionaram percorrendo o caminho ordenado.

10. "Livre da paixão e da ira, totalmente dedicados a mim, encontrando abrigo em mim, e purificados pelo conhecimento e pela penitência, muitos percepcionaram o meu ser."

Muitos que se refugiaram em Krishn atingiram o seu estádio com resolução e total desapego, isentos de paixão, mas igualmente desapaixonados, com e sem receio, com e sem ira e purificados pelo conhecimento e pela penitência. Mas tal não se verifica apenas agora. Este cânone sempre esteve em progresso, muitos atingiram o seu estádio antes. Mas qual o seu caminho? Krishn molda-se, aparecendo no coração repleto de profundo arrependimento quando predomina o mal. São pessoas com corações assim que o percepcionam. Aquilo que Yogeshwar Krishn denominou anteriormente de percepção da realidade, intitula agora conhecimento (gyan). Deus trata-se da realidade última, pelo que percepcioná-lo implica sabedoria. As pessoas com tal conhecimento, vislumbram-no. O problema é assim solucionado e Krishn avança com a distinção dos devotos de acordo com as suas qualidades.

11. "Ó Parth, tal como os homens me veneram, também eu os aceito e, tendo conhecimento disto, os sábios seguem-me qualquer que seja o rumo."

Krishn recompensa os seus devotos segundo a natureza da sua devoção. Assiste-os ao mesmo nível. É a dedicação do devoto que lhe é devolvida sob a forma de bênção. Tendo em consideração este segredo, os de bem seguem uma conduta resoluta de acordo com o caminho estabelecido. Aqueles que lhe são queridos agem de acordo com esse caminho, efectuando o que ele lhes ordena.

वीतरागभयक्रोधा मन्मया मामुपाश्रिता:। बहवो ज्ञानतपसा पूता मद्भावमागता:।।१०।। ये यथा मां प्रपद्यन्ते तांस्तथैव भजाम्यहम्। मम वर्त्मानुवर्तन्ते मनुष्या: पार्थ सर्वश:।।१९।।

Deus demonstra os seus favores mantendo-se iunto ao devoto como um condutor de um carro de combate. Percorre o caminho com o devoto. manifestando a sua glória. Assim demonstra a sua atenção afectuosa, defendendo a destruição das forças maléficas e protegendo os impulsos do bem que proporcionam o acesso à realidade. Se o Deus venerado não agir como um firme condutor em alerta a cada passo, o devoto não será capaz de enfrentar todas as adversidades do mundo material, apesar da sua dedicação e de fechar os olhos ao meditar e de todos os seus outros esforços. Como poderá ele saber qual a distância que já percorreu e quando lhe falta ainda percorrer? O Deus adorado mantém-se inseparável do Eu e orienta-o, indicando em que ponto está, o que fazer, como andar. Apesar do abismo da natureza ir diminuindo, e de a Alma ser guiada com pequenos passos, Deus por fim permite que o devoto emirja nele. A devoção e a adoração devem ser desempenhadas pelo devoto, mas a distância percorrida no caminho só se verifica pela graça divina. Sabendo isto, aqueles que prevaleceram pelo sentimento divino seguem o preceito de Krishn. Mas nem sempre o fazem do modo correcto.

#### 12. "Desejando os frutos da sua acção, os homens veneram muitos deuses, pois as recompensas da acção são assim alcançadas mais rapidamente."

Desejando a conclusão da acção no corpo humano, as pessoas veneram muitos deuses. Ou seja, cultivam os diversos impulsos do bem. Krishn referiu a Arjun para executar a acção ordenada, o desempenho do yagya, uma forma de devoção, em que as forças vitais são oferecidas a Deus enquanto oblações e os sentidos materialmente absortos se desvanecem no fogo da auto-contenção, sendo o resultado final a percepção de Deus. O verdadeiro significado da acção é a devoção, a qual será posteriormente especificada neste capítulo. O resultado desta acção trata-se da unificação com o Deus eterno, o objectivo supremo: o estado de inactividade total. Krishn diz que aqueles que seguem o seu caminho, que se dedicam a deuses pelo alcance da inactividade, fortalecem os impulsos divinos internos.

काङ्क्षन्तः कर्मणां सिद्धिं यजन्त इह देवताः। क्षिप्रं हि मानुषे लोके सिद्धिर्भवति कर्मजा।।१२।।

Krishn afirmou no capítulo 3 que Arjun devia praticar o yagya para agradar os deuses e fortalecer os impulsos do bem. Evoluirá cada vez mais quando esses impulsos se encontrarem gradualmente mais fortes e desenvolvidos. Assim, passo a passo, atingirá por fim a felicidade suprema. Esse trata-se do estádio final do processo de avanço espiritual que deve ser percorrido do início ao fim. Dando ênfase a este aspecto, Krishn aponta que aqueles que o seguem, apesar de procurarem a realização da acção nos seus corpos humanos, tendem para os impulsos do bem, o que acelera o processo do estádio de inactividade. Sem falhas, este é sempre bem-sucedido. Qual o significado de "rapidamente" ou "breve" neste contexto? Será que assim que dermos início à acção, somos recompensados com a realização final? Segundo Krishn, este nível não se alcança gradualmente passo a passo. Ninguém alcança o cume de repente, efectuando um milagre como o das revelações que os preceptores da divindade hoje em dia reclamam da meditação abstracta. Debrucemo-nos sobre o assunto.

# 13. "Apesar de ter criado as quatro classes (varn), Brahmin, Kshatriya, Vaishya e Shudr, de acordo com as propriedades inatas e acções, conhecei-me, o imutável, como um inerte."

Krishn apresenta-se como o criador das quatro classes. Significará tal que dividiu os homens em quatro categorias rígidas determinadas pelo nascimento? A verdade é que dividiu as acções em quatro classes com base nas propriedades inerentes. Simultaneamente, como refere a Arjun, ele, Deus imperecível, é um agente inerte e deveria ser assim apreendido. A propriedade inata (*gun*) de um ser ou de uma coisa é uma medida, um critério. Se a propriedade dominante for a ignorância ou a escuridão (*tamas*), resultará numa irresistível inclinação para a preguiça, o sono excessivo, a irreflexão, a aversão ao trabalho e o vício compulsivo do mal, apesar da percepção do mesmo. Como pode a devoção ter início num estádio assim? Sentando-se a adorar por duas horas, uma pessoa tenta fazê-lo com muita firmeza, e ainda assim nem dez minutos proveitosos consegue alcançar. O corpo encontra-se calmo e sereno,

mas a mente, que deveria estar verdadeiramente serena, fantasia. Vagas e vagas de especulações assolam-na. Mas então porque nos sentamos ociosamente em nome da meditação, perdendo tempo? Neste estádio, o único remédio traduz-se em dedicarmo-nos ao serviço dos sábios que residem no imanifesto e daqueles que se encontram à nossa frente no caminho. Assim, as impressões negativas serão dominadas e os pensamentos condutores da devoção fortalecidos.

Gradualmente, com a redução das forças da escuridão e da ignorância, a influência da qualidade de rajas fortalece-se e a propriedade do bem e da virtude moral (sattwa) desperta também parcialmente, devendo-se a esta a elevação da capacidade do devoto ao nível de Vaishya. De seguida, o mesmo devoto começa espontaneamente a assimilar qualidades como o controlo dos sentidos, assim como a acumular outros impulsos virtuosos. Continuando no caminho da acção, este é dotado da riqueza do bem. A propriedade de rajas começa então a desvanecer, tornando-se sattwa dominante. Neste estádio de evolução, o devoto eleva-se ao nível de Kshatriya. A coragem, a capacidade de imersão na acção, a indisposição para o retiro, o domínio dos sentidos, a capacidade de abrir caminho através das três propriedades da natureza são características inerentes da disposição do devoto. Com ainda mais refinamento da acção, chega-se ao estado de sattwa em que se dá a evolução das virtudes como o controlo da mente e dos sentidos, a concentração, a inocência, a contemplação e a meditação abstracta e a fé, bem como a capacidade de ouvir a voz de Deus - todas as qualidades do devoto que proporcionam acesso a Ele. Com o surgimento destas qualidades, o devoto chega à classe de Brahmin. Contudo, esta é o estádio mais inferior da devoção deste nível. Quando o devoto, por fim, se unifica com Deus, o nível mais elevado, não é nem Brahmin, nem Kshatriya, nem Vaishya nem Shudr. Assim, a devoção a Deus traduz-se na única acção: a acção ordenada. E é esta acção que se divide em quatro estádios segundo as propriedades motivadores. A divisão foi estabelecida, como referido, por um santo por um Yogeshwar. Um sábio que reside no imanifesto foi o criador desta classificação. Ainda assim, Krishn diz a Arjun para o entender como um agente passivo. Como pode ser assim?

#### 14. "Sou imaculado pela acção pois não me encontro apegado a ela; aqueles que tiverem consciência disto não serão também afectados pela acção."

Krishn não tem apego pelos frutos da acção. Tendo dito anteriormente que o acto pelo qual o yagya se realiza é a acção, aquele que provar o néctar da sabedoria gerado pelo yagya emergirá no Deus imutável e eterno. Assim, a consequência final da acção é a realização do próprio Espírito Supremo. Krishn superou até mesmo o desejo por Deus, já que se tornou idêntico a Ele. Deste modo, não tem expressão, tal como Deus. Não há então poder algum que pudesse ambicionar. Assim, não é afectado pela acção, e aqueles que o conhecem do mesmo nível, do nível da percepção de Deus, também não se encontram apegados à acção. Assim são os sábios realizados que atingem o nível da realização de Krishn.

#### 15. "Uma vez que foi com esta sabedoria que aqueles que visavam a salvação da existência mundana também executaram a acção, também vós devíeis seguir o exemplo dos vossos antecessores."

Também no passado os homens desejaram a salvação, agindo com a mesma intenção: que os caminhos da acção se separassem quando, no final, o actor se torna uno com Deus através da acção, libertando-se então até mesmo do seu desejo por ele. Krishn encontra-se neste estádio. Desta forma, encontra-se imaculado pela acção e, no seu caso, será libertado dos laços da acção. Aquele que conhecer o que Krishn conhece da sua elevada posição ver-se-á livre da acção. Assim, tudo o que Krishn possa ter sido, Deus sem expressão ou um sábio esclarecido, a sua realização está ao alcance de todos. Foi com esta sabedoria que os antigos, aspirando a salvação, percorreram o caminho da acção. Por esta razão, Arjun é ordenado a fazer o que os seus antecessores também fizeram, pois é o único caminho que conduz ao bem sublime.

Até à data, Krishn enfatizou o desempenho da acção, mas ainda não explicou que acção é esta. Apenas a mencionou no capítulo

न मां कर्माणि लिम्पन्ति न मे कर्मफले स्पृहा। इति मां योऽभिजानाति कर्मभिर्न स बध्यते।।१४।। एवं ज्ञात्वा कृतं कर्म पूर्वैरिप मुमुक्षुभि:। कुरु कर्मैव तस्मात्त्वं पूर्वै: पूर्वतरं कृतम्।।१५।। 2, aconselhando Arjun a escutá-lo sobre a acção impessoal e descrevendo as suas características principais, sendo que uma das quais garante a protecção contra o terrível temor do ciclo do nascimento e da morte. De seguida, Krishn debruçou-se sobre as precauções a ter em consideração durante o seu desempenho. Mas, apesar de tudo isto, não foi ainda apontado o que é a acção. Posteriormente, no capítulo 3, Krishn acrescenta que, independentemente de se dar preferência ao Caminho do Conhecimento ou ao Caminho da Acção Impessoal, a acção apresentase como uma necessidade em ambos. Ninguém se torna sábio com a renúncia da acção, nem se emancipa da acção pelo simples facto de a não executar. Aqueles que suprimem os órgãos da acção através da violência revelam-se apenas como hipócritas arrogantes. Arjun deveria agir deste modo: conter os sentidos com a mente. Krishn diz-lhe para seguir a acção ordenada, o desempenho do yagya, de modo a clarificar o significado da acção. E no presente capítulo, comunica ainda a Arjun que até mesmo os eruditos se confundem com as dificuldades do que é a acção e a inacção. Assim, é importante que a acção e a inacção sejam bem entendidas.

16. "Inclusive os sábios se confundem acerca da natureza da acção e da inacção, pelo que passarei a explicar-vos bem o significado da acção, de modo a que, conhecendo-o, vos possais emancipar do mal."

O que são a acção e o estado em que não se dá acção? Até mesmo homens de educação se encontram baralhados com estas questões. Neste sentido, Krishn diz a Arjun que irá expor claramente o significado da acção, de forma a poder libertar-se do apego mundano. Tendo já afirmado que a acção liberta das correntes da vida temporal, agora dá ênfase à importância de saber no que consiste.

किं कर्म किमकर्मेति कवयोऽप्यत्र मोहिता:। तत्ते कर्म प्रवक्ष्यामि यज्ज्ञात्वा मोक्ष्यसेऽशुभात्।।१६।। 17. "É essencial conhecer a natureza da acção, assim como da inacção, e ainda da acção meritória, uma vez que os caminhos da acção são (tão) indecifráveis."

É da maior urgência saber no que consiste a acção e a inacção, bem como a acção livre de qualquer dúvida e ignorância e executada pelos homens de sabedoria que renunciaram aos desejos mundanos e ao apego. Tal é imperativo pois o problema da acção traduz-se num complicado quebra-cabeças. Alguns analistas interpretaram a palavra "vikarm" (que tem sido traduzida como "acção meritória") como sendo a "acção ilegal ou proibida" ou "acção diligente", entre outras possibilidades. Contudo, o prefixo viª denota mérito ou excelência. A acção daqueles que alcançaram a felicidade última está isenta de qualquer incerteza e erro. Para os sábios que habitam e se satisfazem no Eu, adorando-o e ao Espírito Supremo, não se regista qualquer proveito na acção realizada, nem qualquer perda na sua busca. No entanto, agem pelo bem daqueles que ficaram par atrás. Esta acção é pura e livre de qualquer dúvida e ignorância.

E assim se reviu a "acção meritória", ficando com a acção e a inacção. Estas são clarificadas no verso seguinte. Caso não tenha ficado clara a distinção entre ambos, é provável que nunca se venha a compreender.

18. "Aquele que consegue percepcionar a inacção na acção e a acção na inacção revela-se como um sábio e um actor realizado da acção perfeita."

A acção significa devoção e o actor realizado trata-se de alguém que vê inacção na acção, ou seja, aquele que contempla Deus e, ainda assim, acredita simultaneamente que, em vez de ser actor, tem sido levado à acção pelas suas propriedades inerentes. Só quando esta capacidade para vislumbrar a inacção tiver sido aperfeiçoada e a continuidade da acção for interrompida, é que uma pessoa acredita que a acção se processa

कर्मणो ह्यपि बोद्धव्यं बोद्धव्यं च विकर्मण:। अकर्मणश्च बोद्धव्यं गहना कर्मणो गति:।।१७।। कर्मण्यकर्म य: पश्येदकर्मणि च कर्म य:। स बुद्धिमान्मनुष्येषु स युक्त: कृत्स्नकर्मकृत्।।१८।।

4 Não só aqui como em todo o Geeta, sempre que se encontra o prefixo "vi", este denota Excelência. na direcção certa. Aquele que tiver esta perspectiva é um homem sábio, um actor da acção perfeita, um yogi, dotado de meios pelos quais a Alma individual se une ao Espírito Supremo, não se registando nem a mais pequena falha no seu desempenho da acção.

Em resumo, a devoção é acção. Uma pessoa devia praticá-la e, ainda assim, ver na mesma inacção, ou seja, compreender que é apenas um instrumento, enquanto o verdadeiro actor se trata da propriedade subjacente. Ao saber que somos agentes passivos e que se regista acção constante e sem interrupções, só então é possível o desempenho da acção, a qual resulta no bem derradeiro. O meu venerado preceptor, o reverenciado Maharaj Ji, costumava dizer-nos: "Até Deus ser meu condutor para me conter e orientar, a verdadeira devoção não tem início". Tudo o que se fizer antes deste estádio nada mais é senão uma tentativa preliminar para se ser admitido no caminho da acção. Todo o peso da junta repousa no gado e, contudo, é o agricultor que os guia e o cultivo dos campos é sempre obra sua. Do mesmo modo, apesar da dificuldade da devoção ser suportada pelo devoto, o verdadeiro devoto é Deus, pois este encontra-se sempre junto ao devoto, falando-lhe e orientando-o. Antes de Deus fazer a sua avaliação, não há sequer maneira de saber o que foi feito através de nós. Encontrar-nos-emos já no Espírito Supremo ou deambularemos na loucura da natureza? O devoto mais adiantado no caminho espiritual sob a orientação de Deus e que age com a constante crença de ser um actor passivo é verdadeiramente sábio. Conhece a realidade, sendo, efectivamente, um yogi. Porém, deverá o devoto agir para todo o sempre ou haverá um momento de pausa? Yogeshwar Krishn aborda de seguida o assunto.

Contudo, antes de passarmos ao próximo verso, recordemo-nos, para uma melhor compreensão, o que disse Krishn até à data sobre acção e yagya. A acção trata-se de uma tarefa prescrita — o desempenho de yagya. Tudo o mais que seja executado não se traduz em acção. Segundo Krishn, tudo o resto se revela como apego mundano e não como acção. Do que Krishn afirmou sobre a natureza do yagya, torna-se evidente que somente um determinado modo de devoção poderá guiar o devoto ao Deus adorado, culminando na sua dissolução nele.

De modo a executar o yagya, é necessário dominar os sentidos, controlar a mente e reforçar os impulsos pios. Concluindo esta argumentação, Krishn declara que muitos yogis dependem da serenidade da respiração durante a recitação silenciosa do nome da divindade, ao conter a força vital, sendo que neste estado não se verifica nem volição interna, nem a ocorrência de qualquer desejo oriundo do meio envolvente externo. Num estado de absoluta contenção da mente, em que até mesmo a mente restringida se encontra dissolvida, o devoto emerge no Deus imutável e eterno. Tal é yagya, o desempenho traduzido em acção. Assim, o verdadeiro significado da acção é "devoção": adoração divina e a prática do yog. Será isto que será abordado posteriormente no actual capítulo. Até à data, referiu-se apenas uma distinção entre acção e inacção, sendo que a consciência da mesma orientará o devoto no caminho certo e possibilitar-lhe-á um percurso correcto.

#### 19. "Até mesmo os eruditos o intitulam de sábio, cujas acções se encontram isentas de desejo e volição, pois (ambos) arderam até às cinzas no fogo do conhecimento."

No verso anterior disse-se que, com a aquisição da capacidade perceptiva da inacção na acção, aquele empenhado na acção se eleva a actor da acção perfeita, na qual não se dá a menor falha. Agora acrescenta-se que a contenção do desejo e da vontade se traduz na vitória da mente. Deste modo, a acção é algo que eleva a mente acima do desejo e da vontade. Krishn diz a Arjun que uma acção bem iniciada se torna gradualmente tão refinada e purificada que leva a mente além da vontade e da irresolução, sendo então o devoto abençoado com a percepção directa de Deus — após todos os seus desejos terem ardido, incluindo aqueles que desconhecia mas que quis outrora conhecer. O conhecimento directo de Deus através do caminho da acção denomina-se conhecimento (gyan): o conhecimento sagrado que permite à Alma unificar-se com o Espírito Supremo. O fogo desta percepção directa de Deus aniquila a acção para todo o sempre. O que se ansiava foi alcançado, nada mais havendo para buscar. Que mais haverá para buscar com tanto

यस्य सर्वे समारम्भाः कामसंङ्कल्पवर्जिताः। ज्ञानाग्निदग्धकर्माणं तमाहः पण्डितं बुधाः।।१९।। esforço para além de Deus? Ao atingir a sua sabedoria, a necessidade pela acção termina. Acertadamente, os sábios intitularam os homens de tal sabedoria pandit, homens de profunda erudição., pois este conhecimento é perfeito. Mas o que faz um santo? Como vive? Krishn ilumina a sua forma de vida.

20. "Independente do mundo, para sempre satisfeito e renunciando a qualquer apego à acção, assim como aos seus frutos, um homem assim encontra-se isento da acção, até mesmo quando está empenhado na mesma."

Recusando repousar nos objectos do mundo, eternamente satisfeito com a sua morada no Deus eterno e negando não só o desejo pelos frutos da acção como o apego a Deus (pois não se remove do mesmo) este sábio trata-se de um agente passivo, mesmo quando diligentemente empenhado na execução da acção.

21. "Aquele que conquistou a sua mente e os seus sentidos e tenha abdicado de todos os objectos dos prazeres sensoriais, não se deixa consumir pelo pecado quando o seu corpo parece estar empenhado na acção."

É somente no corpo físico que tenha superado a mente e os sentidos, renunciado a todos os objectos do prazer mundano e alcançado a libertação total do desejo, que a acção tem lugar. Pelo contrário, este nada faz, pelo que tal não ocorre no mesmo. Este é perfeito, emancipando-se do ciclo do nascimento e da morte.

22. "Satisfeito com o que se lhe depara, aquele que é indiferente à felicidade e à dor, isento de invejas e equilibrado no sucesso e na derrota, este é um homem de equanimidade, independente da acção, mesmo durante o seu desempenho."

त्यक्त्वा कर्मफलासङ्गं नित्यतृप्तो निराश्रयः। कर्मण्यभिप्रवृत्तोऽपि नैव किंचित् करोति सः।।२०।। निराशीर्यतचित्तात्मा त्यक्तसर्वपरिग्रहः। शारीरं केवलं कर्म कुर्वन्नाप्नोति किल्बिषम्।।२१।। यद्यच्छालाभसंतुष्टो द्वन्द्वातीतो विमत्सरः। समः सिद्धावसिद्धौ च कृत्वापि न निबध्यते।।२२।। Quando alguém se contenta com o que se lhe depara sem o desejar ou pedir, sendo indiferente à felicidade e à dor, ao amor e à animosidade, isento de qualquer sentimento negativo, habitando com equanimidade no alcance e na derrota, esse alguém não se encontra preso pela acção, apesar de aparecer empenhado na mesma. Uma vez que o objectivo ambicionado foi alcançado e nunca o abandonará, este fica livre do terror da derrota. Com a mesma aparência no sucesso e na derrota, este age sem ênfase. E o que faz traduz-se em yagya, o acto do sacrifício supremo. Reiterando este princípio, Krishn acrescenta:

23. "Quando um homem está isento do apego, a sua mente repousa firmemente no conhecimento de Deus, e quando as suas acções são como o yagya para Deus, este encontra-se verdadeiramente emancipado, terminando todas as suas acções."

O desempenho do yagya reflecte-se na acção e a percepção directa de Deus no conhecimento. Agindo com espírito de sacrifício e residindo no conhecimento alcançado com a percepção directa de Deus, todas as acções deste homem liberto do apego e do desejo são submetidas a um processo de dissolução. As suas acções não têm então quaisquer consequências para o devoto, pois Deus, o objectivo que ambicionava, não mais se encontra longe dele. Que fruto se originará de outro fruto? A acção conhece assim um fim para um homem que nela não mais tem necessidade. Porém, actua como um Messias, embora continue imune ao que faz. Krishn explica-o no seguinte verso:

24. "Uma vez que a dedicação e a oblação são Deus e o preceptor divino, igualmente Deus, oferece a oblação ao fogo, também a realização daquele cuja mente se encontra concentrada na acção divina se traduz em Deus."

Aquele que for emancipado é Deus, o que oferece enquanto oblação é Deus, e o fogo sagrado no qual sacrifica trata-se igualmente Deus. Por

गतसंङ्गस्य मुक्तस्य ज्ञानावस्थितचेतसः। यज्ञायाचरतः कर्म समग्रं प्रविलीयते।।२३।। ब्रह्मार्पणं ब्रह्म हविर्ब्रह्माग्नौ ब्रह्मणा हुतम्। बह्मैव तेन गन्तव्यं ब्रह्मकर्मसमाधिना।।२४।। outras palavras, o que o devoto divino oferta ao fogo sagrado enquanto incorporação de Deus é o próprio Deus.

O que é digno de ser assegurado por aquele cujas acções se dissolveram e foram acalmadas pelo toque afectuoso de Deus, traduzse igualmente em Deus. Assim, este homem nada faz, agindo apenas pelo bem dos outros.

São estes os atributos do sábio realizado que atingiu o estádio da realização final. Mas qual a natureza do yagya desempenhado pelos devotos que iniciaram a busca? Krishn incentiva Arjun no último capítulo a executar a acção ordenada. Declarando do que trata a acção ordenada, este afirmou ser o desempenho do yagya (3.9). Tudo o mais que seja efectuado pelos mortais revela-se apenas como apego. Mas a acção, no seu verdadeiro sentido, proporciona a libertação das correntes mundanas. Assim, Arjun foi aconselhado a livrar-se do apego, agindo com renúncia pela realização do yagya. Contudo, com tal conduta, Krishn levanta outra questão: o que é o yagya e como se desempenha de forma devida? De seguida, elucida as características do yagya, a sua origem e o proveito que possa originar do mesmo. Desta forma, as características do yagya foram abordadas. Mas somente agora é esclarecido o significado do yagya.

## 25. "Alguns yogis desempenham o yagya, que nutre os impulsos divinos, ao passo que outros yogis oferecem o sacrifício do yagya ao (vidente que é o) fogo de Deus."

No último verso, Krishn retratou o sacrifício feito pelos sábios que procuraram morada no Espírito Supremo. Assim, apresenta o yagya desempenhado pelos devotos que desejam ser iniciados no yog. Estes noviços levam a cabo o desempenho do yagya aos deuses que adoram, ou seja, fortalecem e fortificam os impulsos divinos nos seus corações. É conveniente recordar que Brahma ordenou que a humanidade venerasse os deuses pelo yagya. Quanto mais virtudes, se cultivarem no coração, mais o devoto avança em direcção à perfeição última, até que, finalmente, a atinge. O yagya do devoto principiante dirige-se, assim, ao fortalecimento das forças do bem no seu coração.

दैवमेवापरे यज्ञं योगिनः पर्युपासते। ब्रह्माग्रावपरे यज्ञं यज्ञेनैवोपजुहृति।।२५।। É dada uma descrição detalhada do tesouro divino do bem nos primeiros três versos do capítulo 16. Os impulsos do bem encontram-se adormecidos em todos nós, sendo um dever importante agraciá-los e despertá-los. Dando ênfase a isso mesmo, Yogeshwar Krishn diz a Arjun para não ceder ao pesar, pois este é dotado com méritos divinos. E será com estes que residirá em Krishn e alcançará o seu eterno ser, pois o bem atrai o bem derradeiro. Pelo contrário, as forças demoníacas e maléficas conduzem a alma ao renascimento em formas mais inferiores. São estes impulsos negativos que são oferecidos enquanto oblação ao fogo. Tal é o yagya e também o seu início.

Outros yogi desempenham o yagya oferecendo sacrifícios ao preceptor realizado no seu coração — o fogo sagrado que se traduz numa incorporação de Deus. Krishn acrescenta ainda que, no corpo humano, ele é adhiyagya ou aquele onde a oblação é consumida. Também Krishn foi um yogi e um preceptor realizado. Os outros yogi oferecem oblações ao preceptor divino que aniquila igualmente o mal como o fogo. Estes executam sacrifícios ao preceptor realizado, que é ainda uma incorporação do mesmo sacrifício. Em resumo, estes concentram as suas mentes na forma do preceptor realizado, o sábio esclarecido.

#### 26. "Ao passo que outros oferecem enquanto sacrifício a audição e outros sentidos ao fogo da auto-contenção, outros fazem-no com discursos e outros objectos sensoriais ao fogo dos sentidos."

Alguns yogi oferecem os seus sentidos da acção (ouvidos, olhos, pele, língua e nariz) ao fogo do auto-controlo, ou seja, dominam os seus sentidos ao retirá-los dos respectivos objectos. Neste caso, não existe um verdadeiro fogo. Tal como tudo atirado ao fogo é reduzido a cinzas, este destrói os sentidos dedicados ao material. Há ainda outros yogi que oferecem os seus sentidos da percepção (audição, toque, forma, paladar e olfacto) ao fogo dos sentidos. Estes sublimam os seus desejos, transformando-os em meios efectivos no alcance do objectivo supremo.

Afinal de contas, o devoto tem de executar a sua tarefa neste mundo, assaltado constantemente pelo bem, mas também pelo mal daqueles

em seu redor. Contudo, assim que escuta as palavras que resultam da paixão, sublima-as no sentimento de renúncia, queimando-os no fogo dos sentidos. Tal aconteceu também a Arjun. Este dedicava-se à contemplação quando, subitamente, os seus ouvidos escutaram uma melodia. Ao olhar vislumbrou ante si Urvashi<sup>5</sup>, a cortesã celestial. Todos os outros homens se deslumbraram com o seu charme sensual, mas Arjun viu-a como mãe, com um sentimento filial. Deste modo, a música voluptuosa desvanece na sua mente, desaparecendo nos sentidos.

Temos então o fogo dos sentidos. Quando os objectos colocados no fogo ardem, as formas sensoriais (visão, paladar, olfacto, tacto e audição) são privadas da sua força de distracção do devoto ao serem transformadas e formadas de acordo com os requisitos do seu objectivo. Sem mais interesse nas percepções sensoriais, o devoto não as assimila.

Palavras como "outro" (apare e anye) nos versos referidos representam deferentes estádios do mesmo devoto. Estes são os estádios variantes da mente, superior e inferior, do mesmo devoto, e não tanto diferentes formas de yagya.

## 27. "Ainda assim, outros yogi ofertam ao fogo do yog (auto-controlo) funções dos seus sentidos e operações da força vital, ateado pelo conhecimento."

No yagya, Krishn referiu o fomento gradual de impulsos pios, a contenção do funcionamento dos sentidos e a defesa das percepções sensoriais pela modificação da sua intenção. Num estádio mais elevado, o yogi oferece como oblação ao fogo do yog, ateado pelo conhecimento de Deus, as funções de todos os sentidos e operações da força vital. Quando a contenção está integrada no Eu e as operações da respiração e dos sentidos se acalmaram, a corrente estimuladora das paixões e que nos impulsiona na direcção de Deus emerge no Eu. O resultado do yagya surge então como Deus: a realização, a culminação deste exercício

#### सर्वाणीन्द्रियकर्माणि प्राणकर्माणि चापरे। आत्मसंयमयोगाग्नौ जुह्नति ज्ञानदीपिते।।२७।।

5 Uma das donzelas celestiais, descrita pelo Rei da Morte no Kathophanishad como a mais bonita de se contemplar, de tal forma que não era para os olhos dos mortais. espiritual. Quando se reside em Deus percepcionado, nada mais há para atingir. Yogeshwar Krishn explica o yagya de novo:

28. "Tal como muitos executam o yagya ofertando em serviço do mundo, outras pessoas executam o yagya pela mortificação física, e algumas recorrem ao sacrifício do yog, ao passo que outros que praticam austeridades severas desempenham o yagya pelo estudo das escrituras."

Muitos fazem sacrifícios com as suas posses, contribuindo com riquezas para os favores dos santos. Krishn aceita tudo o que lhe for oferecido com devoção, beneficiando aqueles que fazem tais oferendas. Este é o yagya dos bens ou riquezas. O sacrifício das posses, servindo cada um, levando para o caminho certo aqueles que ficaram para trás, contribuindo com as riquezas para a causa. Estes sacrifícios têm a capacidade de anular os sankars naturais. Algumas pessoas mortificam os sentidos através das penitências pelo cumprimento do seu dharm. Por outras palavras, o seu sacrifício, de acordo com as suas propriedades inerentes, é a penitência (a humilhação do corpo), encontrando-se esta no estádio entre os níveis mais inferiores e superiores do yagya. Ignorando o conhecimento adequado do caminho conducente a Deus, o devoto Shudr, acabado de iniciar-se no caminho da devoção, submete-se à penitência ao servir. Já os Vaishya fazem-no pela aquisição das riquezas divinas, os Kshatriya pela destruição da paixão e da ira e os Brahmin com a sua capacidade de se unirem a Deus. Todos eles têm de se empenhar de forma semelhante. Na verdade, o yagya é único, existindo apenas os estádios mais inferiores e superiores regidos pelas propriedades inatas.

O meu nobre preceptor, o reverenciado Maharaj Ji, dizia: "A penitência faz-se com o nivelamento da mente com o corpo e a concentração dos sentidos no objectivo. Estes tendem a desviar-se do mesmo, mas devem ser domados para aí encontrarem uso".

Muitos praticam o yagya do yog. O yog trata da unificação da Alma, ue vagueia pela natureza, com Deus, que está para além do que é natu

द्रव्ययज्ञास्तपोयज्ञा योगयज्ञास्तथापरे। स्वाध्यायज्ञानयज्ञाश्च यतयः संशितव्रताः।।२८।। ral. Uma definição precisa do yog encontra-se no vigésimo terceiro verso do capítulo 6, em que a reunião de dois objectos se traduz em yog. Mas será também yog se uma caneta tocar um papel ou um prato roçar uma mesa? Claro que não, pois ambos são constituídos pelos mesmos cinco elementos: são uma unidade, não duas. A natureza e o Eu são duas entidades distintas uma da outra. Dá-se yog quando a Alma natural se reúne com o Deus idêntico e quando a natureza se dissolve na Alma. Trata-se então do verdadeiro yog. Assim, muitos recorrem à prática da contenção, pois esta conduz a essa união. Os praticantes do yog do sacrifício (yagya), assim como aqueles que se dedicam a austeridades severas têm em consideração o seu próprio Eu, executando o yagya do conhecimento. Este compreende as oito características do yog: austeridades severas mas não violentas como a contenção, o cumprimento religioso, a postura correcta ao sentar, a serenidade da respiração, o controlo da mente juntamente com os órgãos físicos, a retenção, a meditação e a absorção perfeita do pensamento pelo Espírito Supremo. Muitos se dedicam ao estudo do Eu, pois o seu objectivo passa pelo conhecimento do mesmo. A leitura de livros é apenas o primeiro passo para o auto-conhecimento, pois, no seu verdadeiro sentido, este deriva somente da contemplação do Eu, que conduz a Deus, e do qual resulta o conhecimento ou a percepção intuitiva. Krishn indica então o que fazer para este yagya do conhecimento ou contemplação do Eu.

# 29. "Alguns oferecerão a exalação à inalação, outros oferecerão o ar inalado ao ar exalado, enquanto outros praticarão a serenidade da respiração pela regulação da inspiração e expiração."

Os meditadores do Eu sacrificam o ar vital a apan e, de forma semelhante, apan a pran. Indo mais além, outros yogi contêm toda a força vital, refugiando-se na regulação da respiração (pranayam).

Krishn denomina de pran-apan o que Mahatma Buddh intitulou de anapan. Também descreveu o mesmo como shwas-prashwas (inalação e exalação). Pran trata-se da respiração inalada, ao passo que apan se traduz na respiração expelida. Sábios descobriram através da experiência

que, juntamente com a respiração, assimilamos ainda desejos do meio envolvente e, de modo idêntico, transmitimos ondas de pensamentos pios e ímpios através as nossas exalações. A não assimilação de qualquer desejo provindo de uma fonte exterior traduz-se na oferta de pran enquanto oblação, enquanto que a supressão de todos os desejos se trata do sacrifício de apan, de modo a que não se gere nem desejo interno, nem dor devido aos pensamentos do mundo externo. Assim, quando tanto pran como apan estiverem regulados, a respiração estará controlada. A isto se chama pranayam, a serenidade da respiração. Este é o estádio no qual a mente é suprema, pois a contenção da respiração revela-se como a mesma contenção da mente.

Todo o sábio realizado já se debruçou sobre este assunto, sendo este referido nos Ved (Rig, 1.164.45 e Atharv, 9.10.27). Tal era também referido pelo reverenciado Maharaj Ji. Segundo este, o único nome de deus é recitado a quatro níveis: baikhari, madhyama, pahyanti e para. Baikhari é manifesto e audível. O nome é pronunciado de forma a que todos o possam escutar. Madhyama revela-se na sua nomeação num timbre médio de modo a que somente o devoto e mais ninguém sentado em seu redor o ouça. A articulação dá-se ao nível da garganta. Deste modo, gera-se gradualmente uma corrente constante de harmonia. Quando a devoção é ainda mais refinada, é alcançado o estádio em que o devoto desenvolve a capacidade de visualizar o nome. Uma vez a este nível, o nome não é mais pronunciado, pois tornou-se já parte integrante da força vital. A mente assume-se como espectadora daquilo que a respiração forma. Mas quando entra? E quando sai? E o que diz? Os sábios da percepção afirmam que nada mais articula senão o nome. O devoto nem pronuncia sequer o nome, limita-se a escutar a melodia do mesmo que emerge da sua respiração. Observa a sua respiração e, por essa razão, este estádio de controlo da respiração se denomina pashyanti.

Neste estádio, a mente assume-se como uma testemunha, um espectador. Mas mesmo tal não é necessário caso se verifique mais refinamento. Se o nome ansiado estiver gravado na memória, a sua melodia será escutada espontaneamente. Não há então necessidade de recitá-lo, pois o nome ecoa por si só. O devoto não o pronuncia mais, tal

como não precisa de obrigar a sua mente a ouvir o nome. Ainda assim, a recitação prossegue. Este é o estádio de ajapa, o não recitado. Seria um erro pensar que este estádio se alcança sem se dar início ao processo de recitação. Se este ainda não tiver sido iniciado, ajapa não se verificará, pois este significa que a recitação não nos abandona apesar de já não se dar a pronúncia. Se a memória do nome é firme o suficiente na mente, a recitação começa a fluir na mesma como uma corrente perene. A esta recitação espontânea dá-se o nome de ajapa e consiste na recitação através da articulação transcendental (parvani). Não se registam variações no discurso após a mesma, uma vez que, após o vislumbre de Deus, este se dissolve nele. Por esse motivo se denomina para.

No verso citado, Krishn declarou apenas a Arjun para vigiar a sua respiração, porém, mais tarde, dá ênfase à importância da entoação de OM. Também Gautam Buddh se debruçou sobre as inalações e exalações em Anapan Sad. O que quis afinal dizer o Yogeshwar? Na verdade, dando início a baikhari, prosseguindo com madhyama e continuando no nível de pashyanti, é possível controlar a respiração. E o que se pode recitar quando ao devoto só lhe resta observar a respiração? Assim, Krishn reporta-se apenas a pran-apan, preferindo não ordenar a Arjun para "recitar o nome", pois não se dá a necessidade de lhe falar no assunto. Caso o fizesse, o devoto desviar-se-ia, acabando por deambular pelos becos escuros dos mais diversos níveis. Mahatma Buddh, meu nobre e divino preceptor, assim como todos aqueles que percorreram este caminho, afirmam o mesmo. Baikhari e madhyama são os portais que nos permitem a entrada na esfera da recitação. Mas é pashyanti que dá acesso ao nome. O nome começa a fluir numa corrente constante para para, não abandonando a entoação do nome interno e espontâneo nunca mais o devoto.

A mente encontra-se associada à respiração. Esse é o estádio da vitória da mente, quando a visão se centra na respiração, o nome está incorporado na respiração e nenhum desejo do mundo externo pode penetrar o devoto. Ao verificar-se tal situação, o resultado final de yagya emerge.

30. "Contudo, aqueles que subsistirem pela respiração rigidamente controlada, oferecendo os seus alentos ao alento e a vida à vida, serão conhecedores do yagya, sendo que os pecados de todos os que conheceram yagya serão eliminados."

Aqueles que consomem pouco alimento oferecem como oblação o seu alento ao alento, a vida à vida. O meu nobre preceptor, o reverenciado Maharaj Ji, dizia que o alimento, a postura ao sentar e o sono de um yogi deveriam ser constantes. A regulação do alimento e do prazer trata-se de uma necessidade. Muitos yogi, ao observar esta disciplina, renunciam ao seu alento pelo alento, concentrando-se nas inalações e ignorando as exalações. E com cada inalação escutam o OM. Assim, homens cujos pecados tenham sido destruídos pelo yagya, são homens de verdadeiro conhecimento. Krishn fala do resultado do yagya.

31. "Ó melhor entre os Kurus, os yogi que provarem o néctar que brotava de Yagya alcançarão o Deus Supremo. Mas como poderá a próxima vida dos homens ser feliz sem yagya, se a sua vida neste mundo já é tão miserável?"

O que o yagya gera, o que resulta deste, trata-se do néctar da substância da imortalidade. A experiência directa do mesmo revela-se na sabedoria. Aquele que o provar unifica-se com o Deus eterno. Deste modo, o yagya é algo que, ao ser concluído, une o devoto a Deus. Krishn, questiona-se como poderá o próximo mundo trazer felicidade aos homens sem yagya, se até mesmo o mortal nascimento humano está além das suas possibilidades? É o seu destino inevitável nascer em formas inferiores, não tendo acesso a nada melhor. Assim, o cumprimento do yagya revela-se numa necessidade.

32. "Muitos dos yagya são prescritos pelos Ved, contudo todos germinam e evoluem da acção ordenada, pelo que o desempenho dos diversos passos libertar-vos-á do apego mundano."

अपरे नियताहाराः प्राणान्प्राणेषु जुह्नति । सर्वेऽप्येते यज्ञविदो यज्ञक्षपितकल्मषाः ।।३० ।। यज्ञशिष्टामृतभुजो यान्ति ब्रह्म सनातनम् । नायं लोकोऽस्त्ययज्ञस्य कुतोऽन्यः कुरुसत्तम ।।३९ ।। एवं बहुविधा यज्ञा वितता ब्रह्मणो मुखे । कर्मजान्विद्धि तान्सर्वानेवं ज्ञात्वा विमोक्ष्यसे ।।३२ ।। Existem diversos passos do yagya elaborados pelos Ved – as palavras de Deus. Após a percepção, Deus assume o corpo dos sábios realizados, pois as mentes daqueles que se uniram a Deus são meros instrumentos, sendo Deus quem fala por eles. Assim, tem sido com a sua voz que o yagya tem sido anunciado.

Krishn declara a Arjun que este deveria saber que todos estes yagya tiveram a sua origem na acção. Foi isto que referiu anteriormente (3.14), tendo-se limitado a afirmar que todos aqueles cujos pecados se tenham desvanecido pelo yagya se revelam em verdadeiros conhecedores do mesmo. De seguida, diz a Arjun que este será libertado dos laços mundanos se souber que o yagya se origina na acção, tendo o Yogeshwar explicado muito claramente neste caso qual o significado da acção: a conduta é a acção pela qual o yagya é concluído.

Não há mal algum em dedicarmo-nos ao comércio, aos serviços e à política se, ao fazê-lo, pudermos alcançar riquezas divinas, contemplar um preceptor realizado, conter os sentidos, ofertar a oblação da exalação à inalação, sacrificar inalações às exalações e regular as forças vitais. Mas sabemos que assim não é. O yagya é o único exercício que conduz a Deus no exacto momento em que é concluído. Executai qualquer outra tarefa se vos levar igualmente até Deus.

Na verdade, todas estas formas de yagya se tratam de meros processos internos de contemplação: formas de devoção que tornam Deus manifesto e apreensível. Yagya é o modo ordenado especial que ajuda o devoto a atravessar o caminho que conduz a Deus. Aquilo através do qual o yagya é executado (regulação e serenidade de respiração) é a acção. O verdadeiro significado de "acção" é, deste modo, "devoções".

É comum dizer-se que tudo o que é feito no mundo é acção. A execução de uma tarefa sem desejo ou interesses egoístas traduz-se no Caminho da Acção Impessoal. Alguns entendem que se trata de acção se venderem tecidos a preços mais dispendiosos de modo a aumentarem o lucro, acreditando ser assim homens de acção. Para outros, o comércio de bens indígenas por forma a servirem o país trata-se do Caminho da Acção Impessoal. Se se agir com dedicação ou se se comercializar sem pensar no lucro e na perda, esse é então o Caminho da Acção Impessoal.

Combater numa batalha ou participar de uma eleição sem considerar a vitória e a derrota torna uma pessoa em actor da acção impessoal. Mas estes actos não levam à salvação. Krishn afirmou categoricamente que a acção ordenada é uma única, e disse a Arjun para a seguir. O desempenho do yagya é a acção, e este reflecte-se no sacrifício da respiração, na contenção dos sentidos, na contemplação do Espírito Supremo (o preceptor realizado), que simboliza o vagya e, por fim, a regulação e a serenidade da respiração. É este o estádio da conquista da mente. O mundo nada mais é do que uma extensão da mente. Nas palavras de Krishn, o mundo transitório é conquistado exactamente aí, "neste período de tempo", pelos homens que atingiram o equilíbrio da mente. Mas qual a relação entre a equanimidade e a subjugação do mundo? Se o próprio mundo é conquistado, onde se deve parar? De acordo com Krishn, Deus é perfeito, imparcial e não é afectado pela paixão, tal como a mente daquele que garantiu o conhecimento. E assim ambos se tornam um.

Resumindo, o mundo é uma extensão da mente. O mundo mutável é o objecto que deve ser oferecido enquanto sacrifício. Quando a mente se encontra perfeitamente controlada, o controlo sobre o mundo é igualmente perfeito. O resultado do yagya parece claro quando a mente está inteiramente controlada. O néctar do conhecimento gerado pelo yagya conduz aquele que o degustou a Deus imortal. Tal é testemunhado por todos os sábios que percepcionaram Deus. Não se dá o caso de devotos de diferentes escolas desempenharem o yagya de modo distinto. As diversas formas citadas no Geeta traduzem-se apenas em estádios superiores e inferiores da mesma adoração. Aquilo que leva ao início do yagya é a acção. Não existe um único verso em todo o Geeta que defenda ou aprove o desempenho mundano como forma de percepção de Deus.

Geralmente, para a execução do yagya constrói-se um altar, ateia-se um fogo no mesmo e, entoando o swaha, lançam-se grãos de sementes oleaginosas para o fogo. Não será isto, poderemos questionar, o yagya? Krishn opina sobre o assunto:

33. "O sacrifício pela sabedoria é, ó Parantap, a todos os níveis, superior aos sacrifícios efectuados com objectos materiais, pois (ó Parth) todas as acções terminam em conhecimento, a sua culminação."

O yagya da sabedoria, constituído pelos meios da austeridade, da continência, da fé, do conhecimento, e que conduz à percepção directa de Deus, revela-se como o mais benemérito. Todas as acções se dissolvem inteiramente no conhecimento. Este é assim a coroação do yagya, momento a partir do qual não se regista qualquer proveito na acção nem qualquer perda face à sua abstenção.

Da mesma forma, alguns yagya são executados com objectos materiais, porém estes são insignificantes comparativamente ao yagya do conhecimento que possibilita um homem percepcionar Deus<sup>6</sup> directamente. Mesmo que se sacrifiquem milhões, se construam centenas de altares para o fogo sagrado, se contribua monetariamente para as causas do bem e invista dinheiro nos serviços dos sábios e santos, este yagya é bem mais inferior do que o sacrifício do conhecimento. Krishn afirmou que o verdadeiro yagya consiste na contenção da força vital, no domínio dos sentidos e no controlo da mente. E onde se pode aprender o seu modo? Nos templos, nas mesquitas, nas igrejas? Conseguiremos apreendê-lo indo em peregrinações a locais sagrados ou por nos banharmos em rios sagrados? Krishn pronuncia-se declarando que a sua origem é só uma, nomeadamente, o sábio que conheceu a realidade.

34. "Obtende o conhecimento (dos sábios) pela reverência, pela busca e pela solicitação inocente e os sábios conscientes da realidade iniciar-vos-ão na mesma."

श्रेयान्द्रव्यमयाद्यज्ञाज्ज्ञानयज्ञः परंतप। सर्वं कर्माखिलं पार्थ ज्ञाने परिसमाप्यते।।३३।। तिद्धिद्धि प्रणिपातेन परिप्रश्नेन सेवया। उपदेक्ष्यन्ति ते ज्ञानं ज्ञानिनस्तत्त्वदर्शिनः।।३४।।

O sábio de Pippalad disse no Upanishad Prashn que aqueles que desejassem filhos e se dedicassem a ritos, considerando-os a realização mais elevada, alcançariam o mundo da Lua (Rayi), nascendo de novo na Terra. Mas aqueles que fossem devotos à adoração do Eu através da austeridade, da continência, da fé e do conhecimento, seguiriam o caminho norte e atingiriam o mundo do Sol (Pran).

Arjun é aconselhado a dirigir-se aos videntes com reverência, autorendição e humanidade para ser instruído no verdadeiro conhecimento através do serviço devoto e da curiosidade sincera. Estes videntes iluminá-lo-ão. A capacidade de adquirir este conhecimento surge somente de um serviço totalmente dedicado. Estes são videntes que possibilitam a percepção directa de Deus, pois conhecem o modo do yagya e ensiná-lo-ão a Arjun. Caso a batalha tivesse sido externa, qual seria a necessidade de um vidente?

Não se encontra Arjun directamente perante Deus? Nesse caso, porque razão lhe pede Krishn para consultar um vidente? Na verdade, o que Krishn (que também foi um yogi, nomeadamente um Yogeshwar) pretende é que o devoto esteja com ele, porém este poderá confundir-se no futuro quando não mais estiver presente para o guiar. "Ah, eu!", dirá Arjun, "Krishn foi-se e não sei a quem me dirigir para me orientar". Por esta razão, Krishn diz categoricamente a Arjun que deveria dirigir-se a um vidente para que o instruam no verdadeiro conhecimento.

# 35. "Sabei que, ó filho de Pandu, nunca mais sereis vítima do apego e que, munido deste conhecimento, vereis todos os seres dentro de vós e, de seguida, dentro de mim."

Após adquirir o conhecimento dos sábios, Arjun eliminará todo o apego. Dotado deste conhecimento, percepcionará todos os seres no seu Eu, ou seja, vislumbrará a extensão do Eu em tudo, e só então se tornará uno com Deus. Assim, os meios para alcançar deus passam pelo sábio que percepcionou a realidade.

### 36. "Mesmo que sejais o mais hediondo pecador, o arco do conhecimento levar-vos-á em segurança por todos os males."

Não devíamos precipitarmo-nos a concluir que conheceremos a salvação ainda que cometamos pecado após pecado. Krishn pretende antes dizer que não nos devemos deixar levar pela ideia errada que somos tão terríveis pecadores que não podemos ter salvação possível. Esta é a

यज्ज्ञात्वा न पुनर्मोहमेवं यास्यिस पाण्डव। येन भूतान्यशेषेण द्रक्ष्यस्यात्मन्यथो मयि।।३५॥ अपि चेदिस पापेभ्यः सर्वेभ्यः पापकृत्तमः। सर्वं ज्ञानप्लवेनैव वृजिनं संतरिष्यसि।।३६॥ mensagem de esperança e coragem de Krishn a Arjun e a toda a gente: apesar de autor dos piores pecados, este atravessará os mesmos com sucesso através do arco do conhecimento adquirido dos videntes. Assim,

#### 37. "Tal como o fogo ardente transforma o combustível em cinzas, ó Arjun, também o fogo do conhecimento reduzirá a acção a cinzas."

Aqui temos a representação não de uma introdução ao conhecimento pelo o qual nos aproximamos do yagya, mas da culminação do conhecimento ou percepção de Deus, quando se dá a primeira destruição de todas as inclinações do mal, dando-se a dissolução até mesmo do acto da meditação. Aquilo que havia para ser alcançado terá sido por fim atingido. Agora, a quem resta socorrer em outras meditações? O sábio que origina a percepção de Deus termina as suas acções. Mas onde ocorre a percepção de Deus? Será um fenómeno externo ou interno?

38. "Sem dúvida, nada neste mundo é mais purificador do que o conhecimento e o vosso coração irá percepcioná-lo espontaneamente quando alcançar a perfeição no Caminho da Acção."

Nada neste mundo purifica como o conhecimento. E este conhecimento manifestar-se-á apenas ao actor e a mais ninguém quando a sua prática do yog tiver alcançado maturidade. Não quando se encontrar no início, nem a meio, nem acontecerá no exterior mas no interior do seu coração, no seu Eu. Qual a capacidade requerida para este conhecimento? Nas palavras do Yogeshwar:

39. "O devoto da verdadeira fé que tenha controlado os seus sentidos alcança este conhecimento e, nesse preciso momento (de realização), é recompensado com a bênção da paz suprema."

> यथैधांसि समिद्धोऽग्निर्भरमसात्कुरुतेऽर्जुन। ज्ञानाग्निः सर्वकर्माणि भरमसात्कुरुते तथा।।३७।। न हि ज्ञानेन सदृशं पवित्रमिह विद्यते। तत्स्वयं योगसंसिद्धः कालेनात्मिन विन्दति।।३८।। श्रद्धावाँल्लभते ज्ञानं तत्परः संयतेन्द्रियः। ज्ञानं लब्ध्वा परां शान्तिमचिरेणाधिगच्छति।।3९।।

De modo a percepcionar Deus é necessária fé, determinação e contenção dos sentidos. Se não se registar curiosidade intensa pelo conhecimento de Deus, nem mesmo o refúgio num sábio irá permitir o seu alcance.

Assim, a mera fé não é suficiente. O esforço do devoto poderá ser débil. Por esta razão, a determinação para prosseguir resolutamente pelo caminho prescrito revela-se como uma necessidade. Paralelamente, é ainda necessária a contenção dos sentidos. A percepção do deus Supremo não será fácil para aquele que não se veja livre do desejo. Apenas aquele que tenha fé, entusiasmo pela acção e contenha os seus sentidos poderá atingir o conhecimento. E no exacto momento que este conhecimento desça sobre ele, nada mais restará para este buscar. Após este evento, este só conhecerá a paz. Mas,

40. "O céptico, isento de fé e conhecimento, que se desvie do caminho do bem, não encontrará a felicidade nem neste mundo nem no próximo e perderá ambos os mundos."

Para o homem ignorante do caminho do yagya, para o homem de dúvidas que não tem fé e que se desvia do caminho do bem, não haverá felicidade, nem na próxima vida humana, nem em Deus. Assim, caso restem dúvidas no devoto, este deveria dirigir-se a um vidente para as esclarecer, pois de outro modo nunca conhecerá a realidade. Assim, quem é abençoado pelo conhecimento?

41. "Ó Dhananjay, a acção não pode criar laços àquele que confia em Deus e que submeteu todas as suas acções à prática do karm-yog, tendo eliminado todas as suas dúvidas através do seu conhecimento."

A acção não pode escravizar aquele cujos actos se dissolvem em Deus pela prática do yog e cujas dúvidas desvaneceram pela percepção, unificando-o com Deus. A acção encontrará um fim apenas pelo yog. Somente este dissipará as dúvidas. Assim, Krishn diz por fim:

अज्ञश्चाश्रद्दधानश्च संशयात्मा विनश्यति। नायं लोकोऽस्ति न परो न सुखं संशयात्मन:।।४०।। योगसंन्यस्त कर्माणं ज्ञानसंछिन्नसंशयम्। आत्मवंतं: न कर्माणि निबध्नन्ति धनंजय।।४९।।

### 42. "Ó Bharat, habitai o yog e elevai-vos para cortar com a irresolução que penetrou o vosso coração, devido à ignorância com a força do conhecimento."

Arjun deve lutar. Contudo, o inimigo (a irresolução) encontra-se no seu coração, não no exterior. Ao prosseguir no caminho da devoção e contemplação, é natural que os sentimentos de dúvida e paixão nos assaltem, criando obstáculos perante nós. Estes inimigos originam medo. O seu combate e superação através da destruição das incertezas pela prática do yagya ordenado tratam-se da batalha que Arjun deve travar. O resultado deste combate será a paz absoluta e a vitória, após a qual não se verifica qualquer derrota.



No princípio do capítulo, Krishn diz ter transmitido inicialmente o conhecimento do yog a Vivaswat. Vivaswat ensinou-o a Manu, Manu a Ikshwaku e assim o conhecimento evoluiu até hoje ao estádio de rajas. O preceptor que comunicou este conhecimento foi Krishn ou, por outras palavras, alguém que não nasceu nem tem expressão. Também um sábio realizado detém estas características. O seu corpo limita-se a ser uma morada onde reside. Mas é o próprio Deus que fala pela sua voz e é através de alguns destes sábios que o yog é partilhado. Até um mero vislumbre destes sábios irradiam a força vital com o esplendor da autopercepção. Munido da luz prossegue, o sol simboliza o Deus para sempre cintilante que reside e se expressa na e pela respiração. "A transmissão do conhecimento do yagya do Sol" é o símbolo do despertar da vida divina até então dormente e despercebida em todos os corações humanos. Transmitida ao alento, esta luz é consagrada numa disciplina sagrada, entrando, no curso devido, resoluta na mente. A percepção da importância da declaração de Krishn a Vivaswat dá origem à ânsia do seu alcance, transformando-se o yog então na acção.

Esta questão necessita um esclarecimento mais elaborado. Vivaswat, Manu e Ikshwaku são os primogenitores simbólicos da humanidade.

> तस्मादज्ञानसंभूतं हृत्स्थं ज्ञानासिनात्मन:। छित्त्वैनं संशयं योगमातिष्ठोत्तिष्ठ भारत।।४२।।

Vivaswat representa o homem primitivo não esclarecido antes do despertar espiritual. É um sábio quem planta as sementes da devoção neste homem. Surge então o desejo de Deus com origem na mente, que se traduz em Manu em microcosmos. A mente transforma a aspiração numa ânsia premente incorporada por Ikshwaku, acelerando o processo de mudança. Após ter passado pelos primeiros dois estádios, o devoto é dotado de impulsos divinos, o desejo divino inicia o terceiro estádio e o yog começa a ser conhecido e a manifestar a sua glória. Este é, efectivamente, um estádio que comporta algum risco, pois o yog encontrase agora à beira da destruição. Porém, os devotos dedicados e amigos queridos são auxiliados por sábios como Krishn.

Quando Arjun refere o nascimento recente de Krishn, este elucida que, apesar de imanifesto, imperecível, de não ter nascido e de prevalecer a todos os seres, ainda assim se expressa através do atm-maya, dominando pela execução do seu yog a natureza das três propriedades. Mas o que faz então após manifestar-se? Desde o início que se submeteu a uma incarnação após a outra para proteger o que é digno de atingir, bem como para destruir as forças que originam o mal e fortalecer o dharm divino. O seu nascimento e os seus actos tratam-se da natureza metafísica e somente um vidente as pode vislumbrar. O estado Kaliyug (predominância das forças da escuridão) provoca a chegada de Deus, mas unicamente se se verificar uma devoção firme. Porem, os devotos principiantes não têm ainda como saber se Deus lhes fala ou se os sinais que recebem não têm propósito algum. De quem é a voz que se ouve do céu? O meu nobre preceptor dizia que quando deus nos concede a sua graça e se torna no nosso condutor interior, fala e auxilia a partir de cada coluna, de cada folha, de cada vazio e de cada esquina. Quando se der um refinamento constante, dar-se-á a consciência da essência, de Deus, e somente então, ao sentir a sua presença como que pelo toque, o devoto conhecerá a realidade. Assim, Krishn declara a Arjun que a sua forma manifesta pode apenas ser vislumbrada pelos videntes, sendo que após o mesmo estes se encontram livres do ciclo do nascimento e da morte.

Krishn explica ainda como Deus se manifesta: que os eventos ocorrem no coração do yogi devoto e nunca exteriormente. Krishn afirmou que a acção não o obriga a nada, motivo pelo qual aqueles que alcançaram esse estádio não se encontram presos à acção. Foi a percepção desta verdade que aqueles que desejaram anteriormente a salvação definiram para o caminho da acção, de modo a alcançar esse mesmo estádio. E aquele que conheça o que Krishn conhece da sua posição elevada, incluindo Arjun, que deseja a salvação, será o que Krishn é. Esta realização será assegurada se o yagya for executado. Krishn disse então que a natureza deste yagya e do resultado final deste exercício se trata da percepção da realidade superior – a tranquilidade derradeira. Mas onde nos devemos dirigir para conhecermos o caminho do conhecimento? Krishn aconselhou Arjun a dirigir-se aos sábios e a conquistá-los com reverência, busca humilde e solicitação sincera. Também não deixou qualquer margem para dúvidas que este conhecimento obtém-se somente através da própria acção e não pela conduta de outros. Esta deparar-se-lhe-á quando o seu vog se revelar como um estádio concluído e não mais no início. A percepção do conhecimento encontrar-se-á na esfera do coração, não no seu exterior. E apresenta-se apenas àqueles que são dedicados, determinados, que controlam os sentidos e que não apresentam qualquer dúvida. Por fim, Arjun é aconselhado a separar-se da irresolução patente no seu coração com a espada da renúncia. Assim, o combate tem lugar no coração. A batalha do Geeta não se assemelha em nada com um conflito externo.

Neste capítulo, Krishn esclareceu e explicou sobretudo a natureza e a forma do yagya, acrescentando que o acto da realização é a acção.

Assim se conclui o Quarto Capítulo no Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado: "Yagya Karma-Spashtikaran" ou "Elucidação sobre o Acto de Yagya".

Assim se conclui a exposição de Swami Adgadanand do Quarto Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TATSAT

#### CAPÍTULO 5

#### O DEUS SUPREMO - APRECIADOR DO YAGYA

No capítulo 3, Arjun disse: "Senhor! Porque razão me conduzis a actos tão temerários se considerais o Caminho do Conhecimento superior?" Arjun considerava o Caminho da Acção mais simples, pois este assegura a vida divina em caso de derrota e os estado da glória suprema no caso da vitória. Deste modo, há vantagens tanto no sucesso como no fracasso. Porém, no momento entende que a acção é um pré-requisito de ambos os caminhos. Yogeshwar Krishn também o aconselhou a dissipar as suas dúvidas e a buscar refúgio num vidente, pois só ele é a

 "Arjun disse: 'Até à data recomendastes, ó Krishn, tanto o Caminho do Conhecimento pela renúncia, como o Caminho da Acção Impessoal. Agora dizei-me qual dos dois é, decididamente, mais propício'."

fonte da consciência que procura. Contudo, antes de optar por uma de

dois caminhos, Arjun submete-se humildemente.

Krishn enalteceu a acção pelo Caminho do Conhecimento através da renúncia, tendo referido de seguida os aspectos positivos da acção efectuada com uma atitude impessoal. Assim, Arjun anseia ser esclarecido sobre o modo específico que, sob o ponto de vista de Krishn, é o mais adequado ao seu bem-estar. Quando se apontam dois caminhos que conduzem a determinado lugar, é conveniente perguntar qual é o mais apropriado. Caso a questão não seja colocada, pressupõe-se que caminho algum seja tomado. Yogeshwar Krishn responde assim a Ajun:

 "O senhor disse: 'Tanto a renúncia como a acção impessoal conduzem à salvação, mas das duas, o Caminho da Acção Impessoal revela-se melhor pois é mais simples de levar a cabo'."

Se ambos os caminhos são igualmente eficazes na condução à absolvição final, porque se considera o Caminho da Acção Impessoal superior? Assim se expressa Krishn.

3. "Aquele que não inveja ninguém e nada deseja, ó de braços poderosos (Arjun), é digno de ser considerado um verdadeiro sanyasi e, isento de conflitos de paixão e repugnância, elimina o apego mundano."

Aquele que estiver livre do amor e da animosidade revela-se como um sanyasi, um homem de renúncia, independentemente de ter escolhido o Caminho do Conhecimento ou o Caminho da Acção Impessoal. Emancipado do apego e da repugnância, este será libertado do terrível temor do ciclo dos nascimentos.

4. "Será antes o ignorante, e não o sábio, quem faz a distinção entre o Caminho do Conhecimento e o Caminho da Acção Impessoal, pois aquele que percorrer um dos dois alcançará Deus."

Somente aqueles que conhecerem erroneamente a vida espiritual irão julgar os dois caminhos divergentes, uma vez que o resultado final de ambos é o mesmo, nomeadamente a realização de Deus.

5. "Aquele que percepciona a realidade considera o Caminho do Conhecimento idêntico ao Caminho da Acção Impessoal, pois a libertação concedida pelo conhecimento é-o também pela acção impessoal."

O objectivo alcançado pelo devoto do conhecimento e do discernimento é igualmente atingido pelo actor da acção impessoal. Desta forma, conhece a verdade aquele que considerar ambos os caminhos como idênticos do ponto de vista das consequências. Mas se os dois caminhos convergem no mesmo ponto, porque declara Krishn um preferível ao outro? Krishn explica:

 "Mas, ó de braços poderosos, a renúncia é absolutamente impossível de alcançar sem a acção impessoal, porém aquele cuja mente estiver concentrada em Deus, unificar-se-á brevemente com Deus."

A desistência de todas as nossas posses é mais dolorosa sem a acção impessoal. Na verdade, é impossível caso a acção impessoal não tenha sido ainda iniciada. Por este motivo, o sábio que reflicta sobre o Deus idêntico e cuja mente e sentidos se encontrem em paz, alcançará em breve Deus através do desempenho da acção impessoal.

É evidente que a acção impessoal deve ser praticada no Caminho do Conhecimento, pois a acção necessária para ambos os caminhos é a mesma. Tal traduz-se no acto do yagya, o qual significa exactamente "devoção". A diferença entre ambos os caminhos é somente uma questão de atitude por parte do devoto. Ao passo que um se dedica ao acto após uma avaliação cuidada da sua própria capacidade e com auto-dependência, o outro (o actor da acção impessoal) empenha-se na tarefa com total confiança no Deus adorado. Assim, enquanto o primeiro se assemelha a um estudante que se prepara para um exame a nível privado, o outro lembra alguém que se encontra numa escola ou colégio. Ambos têm um preceptor realizado para leccionar a mesma disciplina, para levar a cabo o mesmo evento e até o certificado atribuído aos dois é o mesmo. Apenas as atitudes perante a tarefa diverge.

Anteriormente, ao referir que a paixão e a ira eram inimigos terríveis, Krishn aconselhou Arjun a bani-los, o que Arjun considerou muito doloroso. Consequentemente, Krishn afirmou que, para além do corpo existem ainda os sentidos, para além destes há a mente, e para além da mente encontra-se o intelecto, para além do intelecto temos o Eu, a força pela qual se motivam todas as suas acções. O Caminho do Conhecimento trata da compreensão da própria força de acordo com a capacidade de cada um. Krishn incentivou Arjun a concentrar-se mentalmente e a lutar, dedicando-lhe todas as suas acções livre do apego e da dor. O Caminho da Acção Impessoal revela-se no desempenho do acto com total rendição ao Deus adorado. Deste modo, a acção em ambos os caminhos é a mesma, tal como o resultado final.

Dando ênfase ao isso mesmo, Krishn afirma agora que o alcance da renúncia, da cessação derradeira das acções do bem e do mal, é impossível sem acção impessoal. Não há maneira pela qual nos possamos sentar, dizendo para nós mesmos: "Sou Deus, puro e sábio. Para mim, não há acção nem apego. Ainda que possa parecer participar no mal, são somente os meus sentidos que agem de acordo com a sua natureza". Não existe hipocrisia alguma nas palavras de Krishn. Nem ele, o Yogeshwar, pode conceder o estádio último a um amigo querido como Arjun sem a acção requerida. Caso o pudesse fazer, não haveria qualquer necessidade do Geeta. A acção deve ser realizada. O estádio da renúncia pode ser atingido apenas pela acção, e aquele que a efectuar percepciona Deus. Krishn fala então sobre as características daquele que é abençoado com a acção impessoal.

7. "O actor, em perfeito controlo do seu corpo pela conquista do sentidos, puro de coração e verdadeiramente dedicado ao Deus de todos os seres, será indiferente à acção, apesar de se empenhar na mesma."

Aquele que estiver dotado do yog, da acção impessoal, terá conquistado o corpo, cujos sentidos estão dominados, cujos pensamentos e sentimentos são imaculadamente puros e que terá percepcionado a sua identidade em Deus, o Espírito de todos os seres. Este permanece sem máculas ainda que envolvido na acção, pois os seus actos centramse no cultivo das sementes do bem supremo para aqueles que ficaram

para trás. E é imaculado porque reside na essência de Deus, a fonte da vitalidade de todos os seres. Nada mais há para ele conquistar. Simultaneamente, não se dá apego a nada que tenha deixado para trás, pois todos eles se reduziram à insignificância. Assim, não se envolve pelos seus actos. Deste modo, temos aqui um caso do estádio derradeiro do devoto que alcançou a acção impessoal. Krishn explica novamente porque uma pessoa assim, abençoada pelo yog, permanece impune pela acção.

8-9. "Aquele que percepcionar no que faz, independentemente de escutar, tocar, cheirar, comer, andar, dormir, respirar, desistir ou aproveitar, de abrir ou fechar os olhos, de modo a que os seus sentidos ajam de acordo com as suas propriedades de não actor, é, efectivamente, aquele com conhecimento verdadeiro."

Aquele para quem Deus estiver visivelmente presente crê, não através da experiência, não fazer nada. Muito mais do que imaginação sua, este crê veementemente tê-lo concluído pelo desempenho da acção. Após realizá-lo, resta-lhe acreditar que tudo aquilo que fizer é de facto uma operação dos seus sentidos de acordo com as propriedades naturais. E quando nada de mais elevado há para além do Deus apreendido, que maior alegria se pode aspirar ao tocar outro objecto ou ser? Caso existisse algo melhor, dar-se-ia o apego. Porém, após a realização de Deus não existe outro objectivo a ansiar, tal como nada mais há para renunciar. Assim, aquele abençoado com a percepção não se dilui na acção. Esta ideia é ilustrada pelo seguinte exemplo.

10. "Aquele que agir, dedicando todas as suas acções a Deus e suprimindo todo o apego, permanecerá imune ao pecado, tal como uma folha de lótus não é tocada pela água."

> नैव किंचित्करोमीति युक्तो मन्येत तत्त्ववित्। पश्यञ्शृण्वन्स्पृशञ्जिघ्नन्नश्ननन्गच्छन्स्वपञ्श्वसन्।।८।। प्रलपन्विसृजन्गृह्मनुन्मिषन्निमिषन्नपि। इन्द्रियाणीन्द्रियार्थेषु वर्तन्त इति धारयन्।।९।। ब्रह्मण्याधाय कर्माणि सङ्गं त्यक्त्वा करोति य:। लिप्यते न स पापेन पद्मपत्रमिवाम्भसा।।१०।।

A flor de lótus cresce na lama, porém as suas folhas crescem sobre a água. A ondulação cobre-as de noite e de dia, mas um olhar mais atento verifica que as folhas estão sempre secas, sem sequer uma gotícula de água. Assim, ainda que crescendo na lama e na água, a flor de lótus permanece imaculada. Do mesmo modo, aquele cujas acções se diluem em Deus (esta dissolução ocorre somente com a percepção, nunca antes) e que age com total desprendimento por nada mais se registar a ambicionar, não é afectado pela acção. Contudo, ele mantém-se ocupado com o desempenho da acção devido à orientação e ao bem daqueles que ficaram para trás. É este o aspecto a que é dado ênfase no verso seguinte.

### 11. "Os sábios abdicam do apego dos sentidos, da mente, do intelecto e do corpo, agindo pela purificação interior."

Um sábio abandona todos os desejos sensoriais, mentais, intelectuais e corporais, praticando a acção impessoal pela santidade interior. Significará tal acto que o Eu será manchado com impurezas após a sua dissolução em Deus? Tal não é possível pois, após a dissolução, o Eu torna-se uno com todos os seres, vislumbra a sua extensão em todos os seres. Assim, age, não por si, mas pela purificação e orientação dos outros. Agindo com a mente, intelecto e órgãos físicos, o seu Eu encontrase num estádio de inércia e paz constante. Exteriormente, ele parece ser muito activo, mas no interior regista-se apenas uma tranquilidade infinita. As amarras não podem criar mais elos pois são queimadas, verificandose apenas as marcas dos seus nós.

# 12. "O sábio que sacrifica os frutos da sua acção a Deus alcança o estádio de repouso sublime, contudo aquele que desejar recompensas pela acção permanecerá acorrentado pelo desejo."

Aquele que for abençoado pelo resultado final da acção impessoal e que habite em Deus – a origem de todos os seres –, tendo abandonado o desejo pelos frutos da mesma pois o Deus, objectivo da sua acção, não

कायेन मनसा बुद्धया केवलैरिन्द्रियैरिप। योगिन: कर्म कुर्वन्ति सङ्गं त्यक्त्वात्मशुद्धये।।११।। युक्त: कर्मफलं त्यक्त्वा शान्तिमाप्नोति नैष्ठिकीम्। अयुक्त: कामकारेण फले सक्तो निबध्यते।।१२।। se encontra mais distante dele, alcançará o estádio da paz sublime, para além do qual não há paz superior nem desassossego. Porém, o caminhante que se encontre ainda no seu caminho e apegado às consequências da acção (tem de sentir apego, pois o "fruto" da sua acção, Deus, não foi ainda alcançado) ainda está acorrentado. Desta forma, o desejo manifesta-se até ao momento da realização, tendo o devoto de estar atento até essa ocasião. O meu preceptor reverenciado, Maharaj Ji, dizia: "Reparem, maya prevalece até mesmo no mais distante de Deus e caso Deus não esteja em nós". Ainda que a realização se dê somente no futuro, no presente o devoto é, na melhor das hipóteses, um homem ignorante, pelo que deveria estar atento. Vejamos o que mais se refere sobre este assunto.

# 13. "Aquele que detenha perfeito controlo do seu coração e da sua mente e aja de acordo, reside feliz no seu corpo de nove orifícios¹, pois não age nem actua."

Aquele que se encontrar em perfeito controlo de si mesmo e que resida, para além do seu corpo, mente, intelecto e natureza material, no Eu, sendo dotado de uma contenção inquestionável, não age nem causa acção. Inclusive, a preparação daqueles que ficaram para trás não afecta a sua serenidade. Este homem, tendo percepcionado o seu Eu e habitando o mesmo, tendo controlado todos os seus órgãos que lhe proporcionavam prazer físico, reside na felicidade suprema: Deus. Na verdade, não actua nem afecta o desempenho de qualquer acção.

O mesmo é afirmado de outro modo quando Krishn declara que Deus também não age nem realiza qualquer acção. O preceptor realizado, Deus, o adorado, o sábio esclarecido, o guru iluminado e o dotado – todos eles são sinónimos. Deus algum desce dos céus para realizar algo. Ao agir, opera através do Eu, alma reverente e afectuosa. O corpo revela-se como uma mera morada para estas Almas. Assim, a acção do Eu Supremo é a mesma do Eu individual, pois o primeiro age através do segundo. Deste

#### सर्वकर्माणि मनसा संन्यस्यास्ते सुखं वशी। नवद्वारे पुरे देही नैव कुर्वन्न कारयन्।।१३।।

O corpo humano é descrito como a cidade das nove portas, entre as quais a boca, as orelhas, os olhos, etc. modo, o Eu, ao unificar-se com Deus, nada mais faz enquanto se empenha na acção. O verso seguinte relata novamente a mesma questão.

14. "Deus não gera nem a acção nem a disposição para a acção, nem mesmo a associação da acção aos seus frutos. Mas, simultaneamente, revitalizada pelo seu espírito, a natureza age."

Deus não causa nem a força que leva os seres a agir nem as acções, tal como não decide acerca dos frutos das mesmas. Todos os objectos e seres agem sob pressão das três propriedades naturais inatas: tamas, rajas e sattwa. A natureza é vasta, mas afecta uma pessoa até ao ponto de tornar a sua disposição natural virtuosa (divina) ou de viciá-la (maléfica).

Geralmente diz-se que Deus faz ou manda fazer, sendo as pessoas meros instrumentos. É ele o responsável por nos deixar bem ou por adoecermos. Contudo, Krishn afirma que Deus não age nem gera a acção, tal como também não proporciona circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis. As pessoas agem por si mesmas de acordo com os impulsos da sua natureza inata. São impelidas a agir pela inevitabilidade das suas características inerentes. Mas não é Deus quem age. Mas, nesse caso, porque se diz que tudo é obra de Deus? Krishn debruça-se sobre este problema.

15. "O Deus omnipresente, o Glorioso, não aceita os actos pecaminosos dos homens nem o apego, pois o seu conhecimento encontra-se envolto pela ignorância (maya)²."

Aquele que foi nomeado Deus é agora descrito como o Glorioso. Por um lado por estar embelezado pela glória sublime. Esse Deus, todopoderoso e radiante, rejeita tanto os nossos pecados como as nossas acções de bem. Porém, as pessoas declaram ainda que ele é responsável

> न कर्तृत्वं न कर्माणि लोकस्य सृजित प्रभुः। न कर्मफलसंयोगं स्वभावस्तु प्रवर्तते।।१४।। नादत्ते कस्यचित्पापं न चैव सुकृतं विभुः। अज्ञानेनावृतं ज्ञानं तेन मृह्यन्ति जन्तवः।।१५।।

2 Ishwar trata-se de Deus associado ao poder denominado de maya – o poder que engloba o universo empírico ou o universo da ignorância. O indivíduo revela-se em Deus, associado à ignorância individual. A distinção entre Deus e o homem reside no facto de Deus dominar maya, ao passo que o homem controla-o (cf. Upanishad Mandukya).

por tudo, pois o seu conhecimento está deturpado pela ignorância. Tal como aquele que fala, também os mortais estão limitados aos seus corpos e, sujeitos à ilusão, podem dizer tudo o que lhe convir. Krishn elucida então sobre a função do conhecimento.

16. "Mas o conhecimento daquele, cuja ignorância se dispersou através da auto-percepção, brilhará como o sol e render-se-á ao visivelmente radioso Deus."

A mente, cuja escuridão foi trespassada pelo conhecimento do Eu e que adquiriu assim a verdadeira sabedoria, é elevada como se pela luz do sol, procedendo-se claramente à manifestação de Deus. Tal não significa de modo algum que Deus é escuridão, já que ele se revela como a fonte de luz. Ele é a origem de toda a luz, mas a sua luz aparentemente não se nos destina, já que a não vislumbramos. Quando a escuridão se dissipa pela percepção do Eu, como o Sol, o conhecimento daí resultante absorve a sua luminosidade interior. Então, não mais se regista a escuridão. Eis o que Krishn profere sobre a natureza deste conhecimento:

17. "Alcançarão a salvação, após a qual não se dá mais nascimentos, aqueles cujas mentes e intelectos se encontrarem isentos de ilusão e que, habitando a mente única de Deus e dispondo-se à sua mercê, estão isentos de todo pecado através do conhecimento.

Este estádio trata-se do conhecimento e no qual uma pessoa se dedica inteiramente a Deus, dependendo dele, encontrando-se a sua mente e o seu intelecto formados correspondentemente e pairando sobre a sua essência. O conhecimento não se trata de verbosidade e de argumentação. Aquele que for dotado deste conhecimento alcançará a salvação e será libertado dos apegos físicos. Tais pessoas são denominados de pandit, homens de profunda aprendizagem e sabedoria.

ज्ञानेन तु तदज्ञानं येषां नाशितमात्मनः। तेषामादित्यवज्ज्ञानं प्रकाशयति तत्परम्।।१६।। तद्बुद्धयस्तदात्मानस्तन्निष्ठास्तत्परायणाः। गच्छत्यपुनरावृत्तिं ज्ञाननिर्धूतकल्मषाः।।१७।। Somente aquele que tenha atingido este estádio derradeiro merece o nome de pandit.

18. "Sábios que considerem um Brahmin idêntico a uma vaca, a um elefante, a um cão ou até ao mais desprezível dos homens serão abençoados com o mais alto grau de conhecimento."

Estes são sábios esclarecidos cujos pecados foram sido eliminados pelo conhecimento e que atingiram o estádio no qual não se dá mais nascimentos. Tais pessoas consideram todas as criaturas de forma imparcial, não distinguindo entre um Brahmin pleno de discernimento e um pária, ou entre um cão e um elefante. Aos seus olhos, um Brahmin não é detentor de particular mérito, tal como um homem ostracizado não implica especial desmérito. Para ele, nem a vaca é sagrada, nem o cão profano e também não encontra particular magnitude num elefante enorme. Tais homens de conhecimento possuem uma visão imparcial e equânime. Os seus olhos não se fixam na pele, na forma externa, mas sim na Alma - a essência interior. A diferença reside apenas no facto de aqueles que conhecem e são reverentes ao Eu se encontrarem perto de Deus, ao passo que os outros ficam para trás. Alguns passaram ao estádio seguinte, enquanto outros se encontram ainda mais atrás. Os homens de conhecimento estão conscientes que o corpo se trata de um mero vestuário, pelo que avaliam apenas a Alma incorporada, não atribuindo importância à forma externa. Assim, não discriminam.

Krishn era um vaqueiro e vigiava rebanhos, pelo que seria de esperar que falasse destas criaturas com reverência. Porém, não agiu assim, não concedendo lugar à vaca no dharm. Apenas admitiu que, tal como outros seres, este animal também tem Alma. Independentemente da importância económica das vacas, a sua elevação religiosa trata-se apenas de uma invenção de mentes ignorantes e escravizadas. Krishn afirmou anteriormente que as mentes ignorantes se encontram divididas em dimensões, razão pela qual têm de efectuar una inúmera variedade de tarefas.

विद्याविनयसंपन्ने ब्राह्मणे गवि हस्तिनि। शुनि चैव श्रपाके च पण्डिताः समदर्शिनः।।१८।।

O décimo oitavo verso sugere a existência de dois tipos de sábios. Primeiro, existem sábios cujo conhecimento é perfeito. Segundo, há sábios que possuem um conhecimento reverente. Debrucemo-nos sobre o assunto para ver como se distinguem. É um axioma que tudo tem, pelo menos, dois estádios: o mais elevado (o último estádio) e o inicial (o estádio inferior). O estádio de devoção inferior é aquele pelo qual se começa, quando nele trabalhamos com discernimento, desapego e dedicação. Já o estádio mais elevado é aquele em que o resultado final do acto de devoção está prestes a emergir. O mesmo se aplica à classe dos Brahmin: no estádio de sattwa dá-se o evento das propriedades que proporcionam acesso ao Espírito Supremo, registando-se a presença do conhecimento e uma atitude reverencial. Neste estádio, todas as faculdades que nos elevam a Deus se encontram espontânea e interiormente activas – tratam-se da percepção directa, da contemplação constante, da concentração e da meditação abstracta. Este é o estado inferior do estádio de um Brahmin. O estado mais elevado é alcançado quando, com a perfeição gradual, o Eu por fim se encontra frente a frente com Deus e se dissolve nele. Então, o que deveria ser conhecido já o é na perfeição. O sábio que o tenha alcançado é possuidor do conhecimento perfeito e, não nascendo mais, considera todas as criaturas iguais, pois os seus olhos vislumbram apenas o precioso Eu. Deste modo, Krishn descreve a situação final deste sábio:

#### 19. "Aqueles que atingirem o estado de igualdade, conquistarão todo o mundo, incluindo a própria vida mortal, pois repousarão em Deus, também ele imaculado e imparcial."

Sábios com mentes perfeitamente equilibradas estão livres da natureza material durante a sua vida mundana. Mas qual a relação entre uma mente equilibrada e a conquista da natureza? Quando o mundo é destruído, qual a posição do Eu? Na perspectiva de Krishn, dado que Deus é imaculado e imparcial, as mentes sábias que o conhecem encontram-se livres de todos os pecados e irregularidades. O sábio tornase uno com Deus. Este trata-se do último estádio, sem mais nascimentos,

इहैव तैर्जित: सर्गो येषां साम्ये स्थितं मन:। निर्दोषं हि समं ब्रह्म तस्माद् ब्रह्मणि ते स्थिता:।।१९।। e é adquirido quando a capacidade de ultrapassar o inimigo, o mundo das aparências, se encontra totalmente desenvolvida. Esta capacidade registase quando a mente está controlada e quando se atinge o estado de igualdade, já que o mundo das aparências apenas se resume a uma extensão da mente. Krishn fala então das características marcantes do sábio que conheceu Deus, dissolvendo-se nele:

20. "Aquele que tiver uma mente equânime, que não se deleita com o que os outros adoram nem se ofende com o que os outros desprezam, que não apresenta dúvidas e O percepcionou, residirá em Deus."

Uma tal pessoa transcende sentimentos como o amor e o ódio. Não se regozija com a alegria quando obtém algo querido e admirado pelos outros. Da mesma forma, também não sente repulsa pelo que os outros consideram repugnante. Possuidor de uma mente constante, livre de dúvidas e munido do conhecimento do Eu divino, este sábio reside sempre em Deus. Por outras palavras, é um homem realizado e...

21. "Aquele que se dedicar equilibradamente a ele e cujo coração estiver isento de desejo pelas alegrias mundanas, tornar-se-á uno com Deus gozará a felicidade eterna."

Aquele que renunciar ao desejo do prazer dos objectos do mundo exterior atingirá a felicidade divina. O seu Eu unir-se-á a Deus e a felicidade resultante será, assim, eterna. Contudo, esta felicidade revelar-se-á somente àquele desprovido de prazeres.

22. "Uma vez que os prazeres que surgem da associação dos sentidos aos objectos são a causa da dor, sendo somente transitórios, os homens de sabedoria, ó filho de Kunti, não os desejam."

> न प्रहृष्येत्प्रियं प्राप्य नोद्विजेत् प्राप्य चाप्रियम्। स्थिरबुद्धिरसंमूढो ब्रह्मविद् ब्रह्मणि स्थित:।।२०।। बाह्यस्पर्शेष्वसक्तात्मा विन्दत्यात्मनि यत्सुखम्। स ब्रह्मयोगयुक्तात्मा सुखमक्षयमश्नुते।।२१।। ये हि संस्पशर्जा भोगा दु:खयोनय एव ते। आद्यन्तवन्त: कौन्तेय न तेषु रमते बुध:।।२२।।

Não só a pele, mas todos os sentidos percepcionam o toque. A visão é o contacto dos olhos, tal como a audição se trata do toque dos ouvidos. Apesar de parecer uma experiência agradável, todo o prazer resultante destes contactos sensoriais com os objectos conduzem apenas a terríveis nascimentos. Paralelamente, estas gratificações sensoriais são ainda temporárias e destrutíveis. Assim, Arjun aprende que os homens de discernimento não se prendem a eles. Krishn fala então do mal sob a forma de apego a estes prazeres.

23. "Esse homem será, neste mundo, um verdadeiro yogi abençoado e, até mesmo antes da morte do seu corpo mortal, adquirirá a capacidade de resistir as investidas da paixão e da ira, conquistando-as para sempre."

Este trata-se do verdadeiro homem (nara = na + raman): aquele que não cede ao encantamento físico. Até mesmo enquanto vive no seu corpo mortal, este é já capaz de enfrentar as terríveis arremetidas da paixão e da ira e de as destruir. Tendo alcançado a acção impessoal no mundo, ele é feliz, atingiu a felicidade pela identificação com Deus, onde não se dá a dor. De acordo com a ordem divina, esta felicidade é adquirida durante a vida mortal e mundana e não após a morte de corpo físico. É isto que Sant Kabir pretende transmitir ao aconselhar os seus discípulos a depositar as suas esperanças nesta vida. A noção de que se encontra a salvação após a morte é errada e é divulgada por preceptores indignos e egoístas. Krishn declara ainda que aquele que conseguir ultrapassar a paixão e a ira na sua vida é um actor da acção impessoal neste mundo, pelo que será abençoado com a felicidade perene. A paixão e a ira, a atracção e a repulsa, o desejo pelo toque dos objectos sensoriais são os inimigos mortais a ser conquistados e destruídos. Krishn debruça-se novamente sobre a natureza do actor da acção impessoal.

24. "Aquele que conhecer o seu Eu e cuja felicidade e paz habitar no seu interior, dissolver-se-á em Deus e atingirá a beatitude final que nele reside."

शक्नोतीहैव यः सोढुं प्राक्शरीरविमोक्षणात्। कामक्रोधोद्भवं वेगं स युक्तः स सुखी नरः।।२३।। योऽन्तःसुखोऽन्तरारामस्तथान्तज्योंतिरेव यः। स योगी ब्रह्मनिर्वाणं ब्रह्मभूतोऽधिगच्छति।।२४।। Aquele que sentir alegria e paz interior e for iluminado devido à percepção do Eu e do Espírito Universal idêntico, será um sábio esclarecido unificado com Deus e alcançará o seu estado inefável. Por outras palavras, primeiro dá-se a destruição das perversões (dos impulsos estranhos, como o apego e a aversão), emergindo só então a percepção e, por fim, a submersão no eterno oceano da beatitude final.

## 25. "Aqueles, cujos pecados tenham sido destruídos pela percepção e cujas dúvidas se dissiparam e que se dedicam meramente ao bem de todos os seres, alcançarão a eterna paz divina."

Aquele cujos pecados foram eliminados pela visão de Deus e cujas dúvidas desapareceram, dedicando-se inteiramente ao serviço de toda a humanidade, revela-se como um homem realizado. Somente alguém de um nível elevado pode auxiliar os outros, pois aquele que se encontrar caído num fosso, não poderá ajudar os outros a abandonarem o mesmo. Assim, a compaixão trata-se de um atributo natural dos sábios realizados, sendo que aqueles de percepção espiritual e conquista sensorial vislumbram a paz associada à dissolução final em Deus.

# 26. "Os homens isentos de paixão e ira, que tenham conquistado a mente e tenham percepcionado directamente Deus, vislumbrarão o absolutamente tranquilo Eu Supremo, independentemente de para onde dirijam o olhar."

Krishn dá repetidamente ênfase às características do carácter e vida dos actores da acção impessoal, de modo a motivar e encorajar Arjun e, através deste, todos os seus outros discípulos. A questão está quase ultrapassada. Contudo, por forma a concluir este argumento Krishn aponta a necessidade de contemplar as inalações e exalações para se atingir o estádio do sábio. No capítulo 4, este referiu a oferta de pran a apan, o sacrifício de apan a pran e a regulação das forças vitais ao descrever o processo do yagya. O mesmo tema é retomado no final do presente capítulo.

लभन्ते ब्रह्मनिर्वाणमृषयः क्षीणकल्मषाः। छिन्नद्वैधा यतात्मानः सर्वभूतहिते रताः।।२५।। कामक्रोधवियुक्तानां यतीनां यतचेतसाम्। अभितो ब्रह्मनिर्वाणं वर्तते विदितात्मनाम्।।२६।। 27-28. "Aquele sábio que eliminar da sua mente todos os objectos do prazer sensorial, que olhar em frente, que regular o pran e o apan, que conquistar os seus sentidos e cuja mente se concentrar na salvação, será libertado para sempre."

Krishn recorda a Arjun a necessidade vital de excluir da mente todos os pensamentos do exterior, assim como de olhar firmemente em frente. Tal não significa simplesmente fixar os olhos em algo. Muito mais do que isso, enquanto o devoto se senta erecto, os seus olhos devem olhar em frente desde o ponto médio entre ambas as sobrancelhas. Estes não devem olhar noutras direcções, nem para a esquerda nem para a direita. Mantendo os olhos alinhados com a cana do nariz (deve ter-se o cuidado de não se centrar no nariz), e equilibrando pran e apan, mantendo os olhos fixos, deve direccionar-se a visão da mente, a Alma, para a respiração, observando. Quando se dá a inalação, por quanto tempo dura esta? Mesmo que seja só meio segundo, não se deve forçar para prolongar. E por quanto tempo se expele? Quase não é necessário referir que o nome na respiração soará de forma audível. Assim, quando a visão mental aprende a concentrar-se nas inalações e exalações, a respiração tornarse-á constante, firme e equilibrada. Então não se gerarão os desejos internos nem as investidas à mente e ao coração pelos desejos das fontes externas. Os pensamentos do prazer externo já terão sido eliminados, pelo que não surgirão sequer desejos internos. Uma corrente de óleo não flúi como a água, gota a gota, mas sim seguindo uma linha constante e ininterrupta. De modo semelhante acontece com o movimento da respiração de um sábio realizado. Assim, aquele que tenha equilibrado o pran e o apan, que tenha conquistado os sentidos, a mente e o intelecto, que se tenha libertado do desejo, do medo e da ira, se tenha aperfeiçoado na disciplina contemplativa e se tenha refugiado na salvação, ficará liberto para sempre. Por fim, Krishn discursa sobre a orientação que este sábio toma após a libertação, assim como sobre o que conquistou.

> स्पर्शान्कृत्वा बहिर्बाह्यांश्वक्षुश्चैवान्तरे भ्रुवो:। प्राणापानौ समौ कृत्वा नासाभ्यन्तर चारिणौ।।२७।। यतेन्द्रिय मनोबुद्धिर्मुनिर्मोक्षपरायण:। विगतेच्छाभयक्रोधो य: सदा मुक्त एव स:।।२८।।

29. "Conhecendo a verdade, que sou eu quem goza as oferendas do yagya, bem como as penitências, que sou Deus de todos os mundos e que sou o benfeitor impessoal de todos os seres, ele alcançará a tranquilidade final."

Este homem libertado, sabe que Krishn (o Deus dos deuses de todos os mundos) é o receptor e apreciador das ofertas de todos os yagya e de todas as penitências e que é ele o benfeitor de todos os seres. Sabendo tudo isto, o sábio alcança o repouso último. Krishn diz ser o apreciador do yagya do devoto, das inalações e exalações, bem como das austeridades. É nele que o yagya e as penitências se dissolvem, pelo que o seu actor vai até Ele, a serenidade derradeira que resulta da conclusão do yagya. O devoto, livre do desejo da acção impessoal, vislumbra Krishn e percepciona-o assim que é abençoado com o seu conhecimento. Tal denomina-se de paz, e aquele que a alcança torna-se Deus dos deuses, tal como Krishn.



No início do capítulo, Arjun coloca a questão do enaltecimento por parte de Krishn do Caminho da Acção Impessoal e do Caminho do Conhecimento através da Renúncia. Este desejava saber qual seria inquestionavelmente superior, segundo a opinião ajuizada de Krishn, tendo este respondido que ambos compreendem o bem supremo. Em ambos, o devoto deve desempenhar a acção ordenada do yagya, porém o Caminho da Acção Impessoal é superior. Sem a acção não se verifica o fim do desejo e dos actos do bem e do mal. A renúncia é o nome não dos meios, mas do próprio fim. O homem de renúncia revela-se como actor da acção impessoal, é um yogi. A divindade é a sua característica. Este não age nem leva os outros a agir, desempenhando todos os seres a acção apenas sob a pressão da natureza. Ele é o vidente, o pandit, pois percepcionou Deus. Deus (Krishn) é conhecido como um resultado do yagya. É nele que a respiração, recitação, o yagya e os ritos de purificação emergem. Ele traduz-se na tranquilidade que o devoto experiencia

enquanto resultado do yagya, ou seja, com a realização do mesmo transforma-se num sábio como Krishn e, como Krishn e outros sábios, também ele se torna Deus dos deuses, pois unificou-se com Deus. Esta realização pode implicar muitos nascimentos, mas esse já é outro tema. O capítulo 5 elucidou assim a perspectiva única e maravilhosa que defende que a força que reside no interior do sábio após a percepção de Deus nada mais é senão o espírito do Senhor Supremo: o Deus que goza as oferendas dos yagya e das penitências.

Assim se conclui o Quinto Capítulo nos Upanishd de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado:

"Yagya Bhokta Mahapurushasth Maheshwarah" ou "O Deus Supremo – Apreciador de Yagya".

Assim se conclui a exposição de Swami Adgadanand do Quinto Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

#### **CAPÍTULO 6**

### O YOG DA MEDITAÇÃO

Sempre que, em nome da meditação, se der um aumento dos costumes e práticas, das formas de devoção e oração e das escolas e seitas, uma grande Alma aparecerá para tudo destruir e instalar e fortalecer o único Deus, bem como para desbravar o caminho da acção que conduz até ele. A prática de renunciar à acção e de se ser assim conhecido pela sabedoria era muito comum na era de Krishn. Tal explica a razão pela qual este afirma pela quarta vez no início deste capítulo que a acção é um requisito essencial e inevitável, tanto no Caminho do Conhecimento como no da Acção Impessoal.

Krishn disse a Arjun no capítulo 2 que não existia caminho mais benemérito para um Kshatriy do que o combate. Caso saia derrotado da batalha, será recompensado com a existência divina; em caso de vitória, esta trar-lhe-á a felicidade suprema. Tendo conhecimento disto, Arjun deve lutar. Krishn enfatiza ainda ter transmitido este preceito no que respeita ao Caminhos do Conhecimento: o preceito de que se deve combater. O Caminho do Conhecimento não implica inactividade. Embora seja verdade que a necessidade inicial tem origem no preceptor realizado, o seguidor do conhecimento deve empenhar-se na acção após uma autoavaliação e análise devida dos prós e contras da sua força. O combate é assim inevitável no Caminho do Conhecimento.

No capítulo 3, Arjun pergunta a Krishn qual a razão para o levar a cometer actos pecaminosos, se pensa que o Caminho do Conhecimento é superior ao da Acção Impessoal. Nas circunstâncias actuais, Arjun considera o Caminho da Acção mais perigoso. Krishn diz-lhe que falou dos dois caminhos, porém, de acordo com as provisões de ambos, é

possível continuar no desempenho da acção. O estado de inércia não se alcança pelo não cumprimento do trabalho, tal como não se atinge a libertação final ao abandonar uma tarefa iniciada. O processo ordenado do yagya deve ser realizado em ambos os caminhos.

Assim, Arjun sabe bem que, se der preferência ao Caminho do Conhecimento ou ao Caminho da Acção Impessoal, deve agir. Contudo, ele pergunta a Krishn no capítulo 5 qual dos dois é melhor e mais conveniente do ponto de vista do resultado. Ambos os caminhos conduzem ao mesmo objectivo mas, ainda assim, o Caminho da Acção Impessoal é superior ao do Conhecimento, pois ninguém pode atingir o yog sem efectuar a tarefa prescrita. A única diferença reside nas atitudes dos caminhantes que percorrem ambos os caminhos.

 "O Senhor disse: 'Aquele que desempenhar a tarefa ordenada sem desejar os seus frutos, mais do que aquele que apenas desiste de (acender) o fogo sagrado ou da acção, será um sanyasi e um yogi'."

Krishn insiste que um yogi é somente aquele que tenha verdadeiramente renunciado ou atingido o yog e que se empenhe na acção digna de efectuar, sem absolutamente desejo algum por recompensas. Ninguém se torna sanyasi ou um yogi por desistir da acção ordenada. Existem muitos tipos de trabalho, mas para além destes a acção digna a ser concretizada e ordenada é apenas uma. E essa acção denomina-se de yagya, que significa "devoção", o único meio para a percepção de Deus. A prática da mesma é a acção, e aquele que a efectua trata-se de um sanyasi e de um yogi. Se alguém interromper o fogo aceso ou afirmar complacentemente que a acção não lhe é benéfica pois detém auto-conhecimento, esse alguém não é nem sanyasi nem um actor da acção impessoal. Krishn debruça-se sobre o assunto:

श्री भगवानुवाच : अनाश्रित: कर्मफलं कार्यं कर्म करोति य:। स संन्यासी च योगी च न निरग्निर्न चाक्रिय:।।१।।  "Lembrai-vos, ó Arjun, que o yog (acção impessoal) se trata da renúncia (conhecimento), pois ninguém pode ser um yogi sem a total rejeição do desejo."

Aquilo que conhecemos como renúncia é igualmente o yog, pois ninguém pode ser yogi sem abandonar todos os seus desejos. Por outras palavras, o sacrifício do desejo é essencial para os aqueles que optaram por um dos dois caminhos. Aparentemente parece ser simples, já que tudo o que necessitamos para nos tornarmos um yogi / sanyasi se resume a afirmar que estamos livres do desejo. Mas, segundo Krishn, não é de forma alguma assim.

 "Ao passo que a acção impessoal se trata do meio para o homem contemplativo que deseja alcançar o yog, a total ausência de vontade revela-se no meio para o alcançar."

O desempenho da acção para atingir o yog revela-se no caminho para o homem de reflexão que aspira à acção impessoal. Porém, a repetição da prática do acto conduz gradualmente ao estádio no qual o resultado final da acção impessoal se evidencia e a ausência do desejo traduz-se nesse meio. Ninguém se vê livre do desejo antes deste estádio e...

4. "Diz-se que alguém atingiu o yog quando se encontra desapegado tanto do prazer sensorial como da acção."

Este é o estádio em que as pessoas não mais se entregam ao prazer sensorial nem à acção. Aquando da conclusão da acção, quem mais se ambiciona buscar? Não se regista mais nenhuma necessidade da tarefa prescrita da devoção e, assim, do apego à acção. É nesse momento que o apego é totalmente interrompido. Trata-se da renúncia (sanyas), também

यं संन्यासमिति प्राहुर्योगं तं विद्धि पाण्डव। न ह्यसंन्यस्तसंकल्पो योगी भवति कश्चन।।२।। आरूरुक्षोर्मुनेर्योगं कर्म कारणमुच्यते। योगारुढस्य तस्यैव शमः कारणमुच्यते।।३।। यदा हि नेन्द्रियार्थेषु न कर्मस्वनुषञ्जते। सर्वसंकल्पसंन्यासी योगारुढस्तदोच्यते।।४।। ela a realização do yog. Enquanto o devoto se encontrar ainda no seu caminho e não tenha alcançado esta meta, a renúncia não se dá. Krishn fala então da vantagem que provém da realização do yog:

 "Uma vez que a Alma preciosa de um homem é sua amiga bem como inimiga, este deve elevar-se através do seu próprio esforço e não degradar-se."

Trata-se do dever das pessoas trabalharem pela salvação da sua Alma. Não se deve tentar a maldição, pois a Alma incorporada revela-se tanto como amiga como inimiga. Vejamos então, nas palavras de Krishn, quando o Eu se mostra amigo e quando é adversário.

 "O Eu é amigo daquele que superou a sua mente e os seus sentidos, mas é inimigo daquele que tenha fracassado nesse dever."

A Alma demonstra-se amiga daquele que tenha conquistado a mente e os sentidos, mas aquele que não tenha dominado os mesmos tem-na como inimiga.

No quinto e sexto versos, Krishn insiste repetidamente que um homem deve sempre redimir o seu Eu através do seu próprio esforço. Nas deve degradá-lo, já que o Eu é amigo. Paralelamente ao Eu, não se verificam nem mais amigos nem inimigos. E é assim pois, se alguém tiver restringido a sua mente e os seus sentidos, a Alma age enquanto amiga, conduzindo-o ao mais alto bem. Mas se a mente de uma pessoa e respectivos sentidos não se encontrarem dominados, a Alma transforma-se em inimiga, arrastando-o para o nascimento repetido sob formas de vida inferiores e para a miséria infinita. As pessoas gostam de dizer: "Eu sou a Alma", pelo que não têm nada a temer.«, citando até excertos do Geeta. Não é aí afirmado que as armas não podem perfurar e o fogo não pode queimar e o vento não pode abalar o Eu? Ele, o imortal, o imutável e universal,

उद्धरेदात्मनाऽत्मानं नात्मानमवसादयेत्। आत्मैव ह्यात्मनो बन्धुरात्मैव रिपुरात्मन:।।५।। बन्धुरात्मात्मनस्तरय येनात्मैवात्मना जित:। अनात्मनस्तु शत्रुत्वे वर्तेतात्मैव शत्रुवत्।।६।। é,assim, a minha pessoa. Acreditando nisto, não se dá atenção ao aviso do Geeta sobre o facto de a Alma interna poder descer a um nível inferior e mais degradado. Contudo, e felizmente, esta também pode ser salva e elevada, e Krishn disse a Arjun que a acção digna de se efectuar conduz a Alma à absolvição. O verso que se segue indica as qualidades do benigno, o Eu amigo.

7. "Deus está sempre e inseparavelmente presente no coração sereno do Eu pertencente ao homem isento de contradições como o calor e o frio, a felicidade e a dor, a fama e a infâmia."

Deus habita inextricavelmente o coração daquele que repousa no seu Eu e reage equilibradamente às dualidades da natureza, como o calor e o frio, a dor e o prazer, a honra e a humilhação. A resposta perfeita flúi daquele que tenha conquistado a mente juntamente com os sentidos. Este é o estádio em que a Alma é libertada.

8. "O yogi cuja mente mergulha no conhecimento – tanto divino como intuitivo –, cuja devoção é dedicada e constante, que tenha conquistado os sentidos e não faça uma distinção ostensiva entre objectos distintos como a terra, a pedra e o ouro, percepcionará Deus."

Diz-se que o yogi que tenha alcançado este estádio se encontra dotado do yog. Este atingiu o ponto mais alto do yog, que Yogeshwar Krishn retratou nos versos 7 a 12 no capítulo 5. A percepção de Deus e o consequente esclarecimento tratam-se do conhecimento. Mas o devoto rasteja na mira da ignorância caso ainda se registe a mínima distância entre ele e o Deus adorado e o desejo para o atingir ainda esteja por concretizar. Aquilo que se denomina de conhecimento "intuitivo" (vigyan¹) trata-se do conhecimento de Deus manifestando-se nas coisas, nos actos

जितात्मनः प्रशान्तस्य परमात्मा समाहितः। शीतोष्णसुखदुःखेषु तथा मानापमानयोः।।७।। ज्ञानविज्ञानतृप्तात्मा कूटस्थो विजितेन्द्रियः। युक्त इत्युच्यते योगी समलोष्टाश्मकांचनः।।८।। e nas relações (o universo manifesto), que demonstra como é omnipresente, como age, como orienta inúmeras Almas simultaneamente e como é um conhecedor de todas as eras: passada, presente e futura. Este começa a orientar desde o momento em que surge no coração do devoto enquanto reverenciado, porém o devoto ainda se encontra incapaz de o saber no estádio inicial. Somente quando alcançou a conclusão do exercício contemplativo é que se consciencializa totalmente dos modos divinos. Tal traduz-se em vigyan. O coração de tal pessoa realizada no yog fica então saciado com a sua vitória, juntamente com o seu conhecimento de Deus e perspectiva aguçada. Prosseguindo com o seu ponto de vista de adepto do yog, Krishn acrescenta:

9. "É verdadeiramente superior, aquele que tudo observar com equanimidade: os amigos e os inimigos, os antagonistas, os indiferentes, os neutrais ou os invejosos, os familiares, as pessoas de bem e ainda os pecadores."

Após a percepção divina, um sábio é tanto equânime como equilibrado. Krishn afirmou no último capítulo que os sábios abençoados com conhecimento e discernimento são imparciais relativamente a um Brahmin, um pária e a animais tão diversos com uma vaca, um cão ou um elefante. O presente verso complementa o que foi dito. Aquele que considerar semelhantes todos os tipos de pessoas, do mais elevado ao mais inferior, do mais virtuoso ao mais fraco, e do mais bondoso ao mais malicioso, independentemente dos sentimentos nutridos pelos mesmos, é, indubitavelmente, um homem de excelência. Este avalia o curso das Almas no seu interior e não nos actos externas das mesmas. A única diferença que observa entre diversos seres reside no facto de algumas ascenderem a níveis mais elevados, atingindo maior grau de pureza, ao passo que outros permanecem para trás, deambulando ainda em níveis mais inferiores. Simultaneamente, vislumbra a capacidade de salvação para todos.

Nos próximos cinco versos, Krishn descreve como um homem se apodera do yog, como pratica o yagya, a natureza do local onde o acto é

desempenhado, o lugar e a postura do devoto, as leis que regulam o seu alimento e recriação, o sono e o acordar e a qualidade do esforço necessário para a realização do yog. O Yogeshwar fê-lo para, também nós, podermos concretizar o acto prescrito do yagya, seguindo os seus preceitos.

Torna-se necessário um breve resumo dos aspectos mais relevantes. O yagya foi referido no capítulo 3 e Krishn afirmou que o yagya se traduz na acção ordenada. No capítulo 4, dissertou sore a natureza do yagya (no qual a respiração expelida é sacrificada à respiração inalada e a inalação é oferecida como oblação à exalação) e sobre as mentes contidas através da serenidade da força vital. O significado exacto do yagya é, assim, "devoção", o acto que possibilita ao devoto a travessia do caminho até ao adorado Deus. Krishn debruçou-se ainda sobre este assunto no capítulo 5. Mas temas como o assento do devoto, o local da devoção, a postura do devoto e a forma de devoção ainda não foram abordados. Sêlo-ão apenas agora.

10. "O yogi, empenhado na auto-conquista, deverá dedicar-se à prática solitária do yog em local isolado, controlando a mente, o corpo e os sentidos e isentando-se do desejo e da aquisitividade."

Encontrar-se sozinho num local sem distracções, contendo a mente e os sentidos e rejeitando totalmente os apegos, são características essenciais para aquele empenhado na tarefa da percepção do Eu. O verso seguinte contém informação sobre a localização e o lugar apropriados a este exercício.

11. "Num local limpo ele deverá construir um assento de erva kush² ou de pele de veado, que não seja nem demasiado elevado nem demasiado rebaixado, e cobri-lo com uma peça de roupa.".

योगी युञ्जीत सततमात्मानं रहिस स्थित:। एकाकी यतचित्तात्मा निराशीरपरिग्रह:।।१०।। शुचौ देशे प्रतिष्ठाप्य स्थिरमासनमात्मन:। नात्युच्छ्रितं नातिनीचं चैलाजिनकुशोत्तरम्।।११।।

2 Kush: uma espécie de erva considerada sagrada e que consiste numa condição essencial das cerimónias religiosas hindus.

A questão da limpeza do lugar resume-se a varrê-lo para mantê-lo limpo. Num local assim asseado, o devoto deve construir um assento de erva ou pelo de veado, sobre o qual deve colocar uma coberta de seda ou lã. Contudo, o assento pode consistir numa simples tábua de madeira. De uma forma ou de outra, deverá ser firme e nem muito alto nem muito baixo. O propósito é colocar algo no chão para cobri-lo: pele, um tapete, uma peça de roupa ou até mesmo uma prancha de madeira. É importante que o assento não vacile, não se devendo encontrar nem muito elevado nem muito baixo. O assento do meu reverenciado preceptor, Maharaj Ji, tinha aproximadamente 13 centímetros. Certa vez aconteceu que alguns devotos lhe trouxeram um assento de mármore com cerca de 30 centímetros. Maharaj Ji sentou-se uma única vez no mesmo e disse: "Não, é excessivamente alto. Um sadhu não deve sentar-se alto, pois só o envaidece. Porém, tal não significa que deva sentar-se baixo, uma vez que tal leva a um sentimento de inferioridade – de contentamento consigo mesmo". Deste modo, retiraram-lhe o assento na floresta. Maharaj Ji nunca lá se sentou, tal como ninguém o faz. Este foi um verdadeiro exercício de uma lição prática por um grande homem. O assento do devoto não deve ser muito elevado. Caso o seja, a vaidade apoderar-seá dele ainda antes do início da tarefa da adoração divina. Após limpar o local e torná-lo firme e razoavelmente elevado...

12. "Este deverá sentar-se e praticar o yog, concentrando a sua mente e contendo os sentidos, de modo a auto-purificar-se."

De seguida, este assume a postura sentada (segundo a provisão, a meditação é efectuada em posição sentada): a posição do devoto enquanto se dedica à contemplação.

13. "Mantendo o seu corpo, a cabeça e o pescoço firmes e erectos, os seus olhos devem concentrar-se na ponta do nariz, não olhando nem para a direita nem para a esquerda."

तत्रैकाग्रं मनः कृत्वा यतिचत्तेन्द्रियक्रियः। उपविश्यासने युञ्ज्याद्योगमात्मविशुद्धये।।१२।। समं कायशिरोग्रीवं धारयन्नचलं स्थिरः। संप्रेक्ष्य नासिकाग्रं स्वं दिशश्चानवलोकयन्।।१३।। Durante a meditação, o devoto deve manter o corpo, o pescoço e a cabeça erguidos, firmes e imóveis como uma coluna de madeira. Sentado assim de forma erecta e firme, os seus olhos devem fixar-se na ponta do nariz. A directiva, contudo, não prescreve que deve observar a mesma, os seus olhos é que devem olhar em frente, seguindo uma linha paralela ao nariz. A tendência dos olhos revirarem deve ser dominada. Olhando em frente numa linha paralela ao nariz, o devoto deve permanecer sentado e...

### 14. "Em continência, sem receio, de coração sereno, alerta e de mente contida, este deverá render-se firmemente a mim."

Qual o verdadeiro significado de continência (brahmcharya vrat), o celibato? Geralmente diz-se que consiste na contenção do impulso sexual. Mas a experiência dos sábios demonstra que tal contenção é impossível se a mente estiver associada a objectos, à visão, ao toque e a sons que inflamem estes impulsos. O verdadeiro celibatário (brahmchari) é alguém que se empenha na tarefa de percepcionar Deus (Brahm). Brahmchari é alguém com uma conduta semelhante a Brahm: um actor da tarefa prescrita do yagya que conduz as pessoas à realização e dissolução derradeira no Deus eterno e imutável. Durante o processo, as sensações externas do toque e todos os outros contactos da mente e dos outros sentidos devem ser eliminados de modo a que a mente se concentre na contemplação divina, na respiração inalada e exalada e na meditação. Não se registam memórias externas quando a mente repousa em Deus. Enquanto essas memórias perdurarem, a unificação com Deus será incompleta. As correntes desviantes flúem na mente, não no corpo. Se a mente se encontrar ocupada com a adoração a Deus, não só cessa o impulso sexual como todos os outros impulsos fisiológicos. Assim, agindo de acordo com a conduta que o conduzirá a Deus, sem medo, em estado de repouso, de mente contida, o devoto adorador render-se-á totalmente ao preceptor realizado. Mas qual o resultado disto?

> प्रशान्तात्मा विगतभीर्ब्रह्मचारिव्रते स्थित:। मन: संयम्य मच्चितो युक्त आसीत मत्पर:।।१४।।

15. "O yogi com uma mente contida que medite sobre mim incessantemente alcançará por fim a paz sublime que reside em mim."

O yogi que reflectir permanentemente sobre Krishn, um preceptor ideal e realizado e que reside em Deus, atingirá, com a mente controlada, a paz sublime. Desta forma, Arjun é aconselhado a dedicar-se constantemente a esta tarefa. A abordagem deste tema está quase completa. Nos próximos dois versos, Krishn refere a importância da disciplina física, do alimento regulado e do entretenimento do devoto que pretende a conquista da felicidade suprema.

16. "Este yog, ó Arjun, não será alcançado por aquele que comer demasiado nem muito pouco, nem por aquele que dormir em excesso ou muito pouco."

A moderação de alimento e do sono é necessária para o homem que ambicione ser um yogi. Mas se aquele que comer e dormir sem moderação não atingir o yog, quem atingirá?

17. "O yog, o destruidor de toda a dor, será alcançado apenas por aqueles que regulem o alimento e o entretenimento, que se esforcem de acordo com as suas capacidades e que durmam com moderação."

Se um homem comer em excesso será assolado pela letargia, pelo sono e pela negligência e o acto da meditação, nessas condições, pura e simplesmente não será possível. Pelo contrário, o jejum enfraquecerá o corpo e não se registarão as forças suficientes para uma firme posição sentada. Segundo o meu reverenciado preceptor, deve ingerir-se um pouco menos do que necessitamos. O entretenimento, tal como é entendido aqui, resume-se a caminhar de acordo com o espaço disponível.

युञ्जन्नेवं सदात्मानं योगी नियतमानसः। शान्तिं निर्वाणपरमां मत्संस्थामधिगच्छति।।१५॥ नात्यश्नतस्तु योगोऽस्ति न चैकान्तमनश्नतः। न चाति स्वप्नशीलस्य जाग्रतो नैव चार्जुन।।१६॥ युक्ताहारविहारस्य युक्तचेष्टस्य कर्मसु। युक्तस्वप्नावबोधस्य योगो भवति दुःखहा।।१७॥ O exercício físico trata-se de uma necessidade, pois a circulação é reduzida na ausência de exercitação e o resultado é a doença. A quantidade de sono é determinada pela idade, pelo alimento e pelos hábitos. Maharaj Ji, muito exaltado, dizia-nos que um yogi deve dormir quatro horas e empenhar-se constantemente na meditação. Contudo, aqueles que recusam o sono à força rapidamente perdem a sanidade. Adicionalmente, dever-se-á registar ainda um esforço pelo cumprimento da tarefa ordenada, já que esta não poderá ser efectuada correctamente sem este acto de adoração. O devoto alcançará o yog se excluir da sua mente todos os pensamentos relativos a objectos externos e se se dedicar constantemente à meditação. E é isto a que Krishn dá nova ênfase:

18. "Considera-se uma pessoa munida de yog quando, dominado pela prática da acção impessoal e satisfeito com o Eu, a sua mente se encontra livre de todos os desejos."

Assim, disciplinado pela prática da acção impessoal, quando a mente de um homem estiver claramente concentrada em Deus e verdadeiramente dissolvida nele, quando não se der mais desejo, considera-se que o devoto atingiu o yog. Vejamos então no que consiste uma mente contida.

19. "Geralmente é estabelecida uma analogia entre a lâmpada cuja chama não estremece devido à ausência de vento e a mente absolutamente contida do yogi empenhado na contemplação de Deus."

Se se mantiver uma lâmpada num local sem correntes de ar, o pavio arderá imperturbável e a chama manter-se-á erguida sem estremecer. Tal é usado como analogia com a mente dominada de um yogi que se rendeu totalmente a Deus. Porém, a lâmpada trata-se apenas de uma ilustração. O tipo de lâmpada relatada está a cair em desuso, pelo que seria melhor recorrer a um outro exemplo. Ao arder um pau de incenso, o

यदा विनियतं चित्तमात्मन्येवावतिष्ठते। नि:स्पृहः सर्वकामेभ्यो युक्त इत्युच्यते तदा।।१८।। यथा दीपो निवातस्थो नेंगते सोपमा स्मृता। योगिनो यतचित्तस्य युञ्जतो योगमात्मनः।।१९।। fumo sobe se não for perturbado pelo vento. Contudo, tal não passa de uma analogia entre o fumo e a mente de um yogi. É verdade que a mente é conquistada e dominada, mas continua a existir. Que esplendor espiritual é apreendido quando também a mente dominada se dissolve?

20. "No estado em que até a mente dominada se encontra dissolvida pela percepção directa de Deus, ele (o devoto) repousará satisfeito no seu Eu."

Este estado é alcançado apenas através da constante e longa prática do yog. Na ausência de tal exercício, não se dará a contenção da mente. Assim, quando o intelecto, a mente refinada controlada pelo yog, deixar de existir por ter sido absorvida em Deus, o devoto percepciona-o através do seu Eu, residindo satisfeito no seu próprio Eu. Este apreende Deus, mas habita satisfeito na sua Alma. No instante da realização, ele vislumbra Deus, face a face, encontrando-se imediatamente de seguida a pairar juntamente com as eternas glórias desse Deus. Deus é imortal, constante, imanifesto e vital, sendo que a alma do devoto detém, também ela, estes atributos divinos. A verdade é que agora também se encontra para além do pensamento. Desde que o desejo e os impulsos se verifiquem, não é possível dominar o Eu. Mas, encontrando-se a mente dominada e dissolvida pela percepção directa, imediatamente após à experiência visionária a Alma incorporada torna-se dotada de todas as características transcendentais de Deus. E, por esta razão, o devoto vive então feliz e contente no seu próprio Eu, sendo que o Eu reflecte o que ele verdadeiramente é. Este é o seu momento de glória. Esta ideia é mais desenvolvida no seguinte verso:

21. "Após percepcionar Deus, ele (o yogi) passará a residir eterna e determinantemente no estado abençoado pela alegria eterna e transcendental que só pode ser apreendida por um intelecto refinado e subtil e..."

Assim é o estado após a realização, no qual o devoto habitará

यत्रोपरमते चित्तं निरुद्धं योगसेवया।
यत्र चैवात्मनात्मानं पश्यन्नात्मिनि तुष्यित ।।२०।।
सुखमात्यन्तिकं यत्तद्बुद्धिग्राह्यमतीन्द्रियम्।
वेति यत्र न चैवायं स्थितश्वलति तत्त्वतः।।२९।।

eternamente, nunca o abandonando. Adicionalmente...

22. "Neste estado, no qual não crê poder existir bem maior do que a paz suprema que encontrou em Deus, não será sequer abalado pela dor mais profunda."

Uma vez após ter sido abençoado pela paz transcendental de Deus, firme no estado de percepção, o yogi estará livre de toda a dor, sendo que até a pena mais profunda não o afectará. É assim, pois a mente, detentora dos sentidos, encontra-se então dissolvida. Deste modo...

23. "Indiferente às misérias do mundo, com vigor e determinação e sem demonstração de tédio, a prática deste yog é um dever."

O acto que se encontrar isento tanto da atracção mundana como da repulsa denomina-se de yog. O yog consiste na experiência da beatitude derradeira. O alcance da essência derradeira trata-se de Deus, de yog. A dedicação a este yog sem a sensação de monotonia ou aborrecimento (tédio) e de forma resoluta é uma obrigação sagrada. Aquele que se empenhar pacientemente na acção impessoal será bem-sucedido na execução do yog.

24. "Abandonando todo o desejo, a volúpia e o apego, recorrendo através de um exercício da mente aos inúmeros sentidos..."

É o dever de uma pessoa sacrificar todos os desejos que se originam da vontade associada ao apego e ao prazer mundano e dominar bem a mente, para que os sentidos não controlem tudo. Uma vez assim feito...

25. "O seu intelecto deverá reinar firmemente sobre a mente, fazendoa contemplar nada mais do que Deus e, passo a passo, o devoto deverá proceder no sentido de alcançar a libertação final."

यं लब्ध्वा चापरं लाभं मन्यते नाधिकं ततः।
यस्मिन्स्थितो न दुःखेन गुरुणापि विचाल्यते।।२२।।
तं विद्याद् दुःखसंयोगवियोगं योगसंज्ञितम्।
स निश्चयेन योक्तव्यो योगोऽनिर्विण्णचेतसा।।२३।।
संकल्प्रभवान्कामांस्त्यक्त्वा सर्वानशेषतः।
मनसैवेन्द्रियग्रामं विनियम्य समन्ततः।।२४।।
शनैः शनैरुपरमेद्बुद्ध्या धृतिगृहीतया।
आत्मसंस्थंमनःकृत्वा न किंचिदपि चिन्तयेत्।।२५।।

A dissolução final em Deus sucede gradualmente com a prática do yog. Quando a mente se encontrar inteiramente sob controlo, o Eu unirse-á com o Espírito Supremo. Contudo, no início, quando o devoto começou a sua caminhada, deve concentrar-se pacientemente e pensar unicamente em Deus. O caminho desta experiência espiritual reflecte que o alcance apenas se dá com a dedicação constante. Mas, de início, a mente encontra-se irrequieta e recusa-se a concentrar-se num único assunto. É este aspecto que Yogeshwar Krishn refere.

#### 26. "Suprimindo as causas que tornam a caminhada inconstante e instável por entre os objectos mundanos, o devoto deverá dedicar a sua mente apenas a Deus."

Excluindo todas as tentações que levem a mente mutável e irrequieta a fazer associações aos objectos mundanos, o devoto deve repetidamente tentar confinar-se ao Eu. Diz-se com frequência que a mente deve ser livre de ir onde quiser, afinal para aonde mais se dirigirá senão para a natureza, também ela uma criação divina? Desta forma, se deambular pela natureza, não transgredirá a ligação a Deus. Mas, de acordo com Krishn, esta trata-se uma ideia errada. Não há lugar para tais crenças no Geeta. Krishn defende que os mesmos órgãos que levam a mente a vaguear por aqui e ali devem ser eliminados de modo a que nos dediquemos somente a Deus. A contenção da mente é possível. Mas qual a consequência dessa contenção?

27. "A felicidade mais sublime é aquela que nasce no yogi e cuja mente se encontra em paz, que se encontra isenta do mal, cuja paixão e cegueira moral foram eliminadas e que se tornou una com Deus."

Nada é superior à felicidade que brota deste yogi, pois esta é a felicidade que resulta da identificação com Deus e essa felicidade suprema apresenta-se somente àquele que esteja em plena paz no seu coração e

यतो यतो निश्चरित मनश्चंचलमस्थिरम् । ततस्ततो नियम्यैतदात्मन्येव वशं नयेत् ॥२६॥ प्रशान्तमनसं ह्येनं योगिनं सुखमुत्तमम्। उपैति शान्तरजसं ब्रह्मभूतमकल्मषम्॥२७॥ mente, isento de pecado e cujas propriedades da paixão e da cegueira moral hajam sido dominadas. Esta mesma ideia é novamente realçada.

### 28. "Assim, dedicando-se constantemente a Deus, o yogi imaculado experiencia a felicidade suprema da percepção."

A ênfase é dada aqui à inocência e à devoção contínua. O yogi necessita possuir estas qualidades antes de experienciar a bênção do toque divino e se diluir nele. Assim, a devoção é uma necessidade.

## 29. "O devoto, cujo Eu atingiu o estado de yog e observa tudo com equanimidade, vislumbra-se a si mesmo em todos os seres e a todos os seres no seu Eu."

O yog revela o estado no qual o devoto equânime apreende a extensão do seu Eu em todos os seres, bem como a existência de todos os seres na sua própria Alma. A vantagem da percepção desta unidade de todos os seres é o tema do próximo verso.

## 30. "Não me escondo daquele que vislumbra a Alma em todos os seres e todos os seres em mim (Vasudev³), tal como este não se esconde de mim."

Deus manifesta-se àquele que O vir em todos os seres (pois o seu Espírito incorpora todos os seres) e todos os seres residem n'Ele. Também Deus conhece o devoto da mesma forma. Este trata-se de um encontro directo entre o yogi e o seu guia, do sentimento de familiaridade entre Deus e o homem, sendo que, neste caso, a salvação surge do sentimento de unidade que torna o devoto mais íntimo do seu adorado Deus.

युञ्जन्नेवं सदात्मानं योगी विगतकल्मषः। सुखेन ब्रह्मसंस्पर्शमत्यन्तं सुखमश्नुते।।२८।। सर्वभूतस्थमात्मानं सर्वभूतानि चात्मनि। ईक्षते योगयुक्तात्मा सर्वत्र समदर्शनः।।२९।। यो मां पश्यति सर्वत्र सर्वं च मयि पश्यति। तस्याहं न प्रणश्यामि स च मे न प्रणश्यति।।३०।। 31. "O yogi equânime (que tenha percepcionado a unidade entre a Alma individual e o Espírito Supremo) que me adore (Vasudev), a Alma em todos os seres, residirá em mim independentemente do que faça."

O yogi que percepcionar a unificação da Alma individual e do Espírito Supremo elevar-se-á acima da pluralidade, conhecendo a unidade que liga todo o universo. Com esta visão unificada, contemplará Deus e mais ninguém, pois, para além de Deus, nada mais existe. Independentemente da ignorância que o assolou, essa foi dissolvida, pelo que, faça o que fizer, fá-lo-á com o pensamento em Deus.

32. "O devoto, ó Arjun, que percepcionar tudo como idêntico e considerar a felicidade e a dor como idênticas, será visto como o yogi mais bem realizado."

Aquele que compreender que o seu Eu é também o Eu de todas as outras criaturas, que não distinga entre ele e os outros, e para quem a alegria e a tristeza sejam semelhantes, será aquele para quem não se dão mais diferenças ou discriminações. Deste modo, será correctamente considerado como um yogi que tenha alcançado a excelência mais elevada na sua disciplina.

Porém, mal Krishn termina o seu discurso sobre as consequências da perfeita contenção moral, Arjun expressa um novo receio.

33. "Arjun disse: 'Já que a mente é tão irrequieta, não entendo, ó Madhusudan, que possa permanecer firme e indeterminadamente no Caminho do Conhecimento que me apresentastes como a equanimidade."

> सर्वभूतस्थितं यो मां भजत्येकत्वमास्थित:। सर्वथा वर्तमानोऽपि स योगी मिय वर्तते।।३१।। आत्मौपम्येन सर्वत्र समं पश्यित योऽर्जुन। सुखं वा यदि वा दु:खं स योगी परमो मत:।।३२।।

अर्जुन उवाच : योऽयं योगस्त्वया प्रोक्त: साम्येन मधुसूदन। एतस्याहं न पश्यामि चञ्जलत्वात्स्थितिं स्थिराम्।।३३।। Arjun sente-se indefeso. Com uma mente irrequieta e inconstante, este não prevê uma aderência firme e constante ao caminho do Conhecimento, apresentada por Krishn como a capacidade de tudo igualmente observar.

34. "Considero o controlo da mente tão difícil como o controlo do vento, pois ambos são irrequietos, turbulentos e poderosos."

A mente é muito inconstante, irrequieta (por natureza trata-se de algo que acalma e agita), obstinada e poderosa. Deste modo, Arjun encontra-se apreensivo no que toca ao controlo da mente, considerando-o tão fútil como o controlo do vento. A mente é tão difícil de dominar como uma tempestade. Face a isto, Krishn declara...

35. "O Senhor disse: 'A mente é, ó dos braços poderosos, sem dúvida inconstante e difícil de controlar, mas é disciplinada, ó filho de Kunti, pela perseverança do esforço e pela renúncia'."

Arjun é referido como "de braços poderosos" pois é capaz de grandes feitos. É verdade que a mente é irrequieta, mas Krishn assegura-lhe que é possível contê-la pelo esforço constante e pela renúncia de todo o desejo. O esforço permanente para manter a mente constantemente concentrada no objecto a que se deveria dedicar traduz-se na meditação (abhyas), ao passo que a renúncia é o sacrifício do desejo ou do apego a todos os objectos apreendidos pela visão ou audição, incluindo os prazeres mundanos e, bem como as prometidas alegrias celestiais. Assim, apesar da dificuldade em dominar a mente, esta pode ser controlada através da meditação constante e renúncia. Desta forma...

36. "É minha forte convicção que, enquanto a realização do yog é mais complicada para aquele que falha no controlo da mente, esta é mais simples para aquele que seja o seu próprio mestre e que se encontre activo no desempenho da acção prescrita."

चञ्चलं हि मनः कृष्ण प्रमाथि बलवद् दृढम् । तस्याहं निग्रहं मन्ये वायोरिव सुदुष्करम् ॥३४॥ श्री भगवानुवाच : असंशयं महाबाहो मनो दुर्निग्रहं चलम् । अभ्यासेन तु कौन्तेय वैराग्येण च गृह्यते ॥३५॥ असंयतात्मना योगो दुष्प्राप इति मे मति:। वश्यात्मना तु यतता शक्योऽवाप्तुमुपायत:॥३६॥ A realização do yog não é tão difícil como Arjun assume. É difícil e, efectivamente, impossível para aquele com uma mente incontrolada. Mas está ao alcance daquele que disciplinou os seus pensamentos e sentimentos e se esforça. Neste sentido, Arjun não deve deixar de se esforçar no que se refere ao yog apenas por recear ser algo impossível de atingir. Ainda assim, este responde desesperado às palavras de encorajamento, tal como se pode depreender da sua próxima questão.

37. "Arjun perguntou: 'Qual o fim, ó Krishn, do devoto aquiescente, cuja mente inconstante se desviou da acção impessoal e que, deste modo, foi privado da percepção, o resultado final do yog?"

Nem todos os devotos são recompensados com o sucesso ao tentarem alcançar o yog. Contudo, tal não significa que não tenham fé no mesmo. A prática do yog é frequentemente quebrada pela mente irrequieta. Mas o que acontece então àqueles que desejam ser yogis mas que não o conseguiram devido às suas mentes inconstantes?

38. "Será, ó de braços poderosos, este homem iludido e sem porto de abrigo destruído como as nuvens dispersas, privado tanto da auto-realização como dos prazeres mundanos?

Assemelhar-se-á realmente este homem às nuvens dispersas por a sua mente se encontrar dividida e confusa? Se uma pequena porção de uma nuvem aparece no céu, não causa chuva nem se junta a outras nuvens, sendo que, passados uns instantes, o vento a dissipa. Esta nuvem insignificante e isolada assemelha-se de forma muito próxima ao homem passivo e sem perseverança que dá início a um esforço mas rapidamente o descontinua. Arjun deseja ser esclarecido sobre o que acontece a tais pessoas. Serão destruídas? Em caso afirmativo, não conhecerão nem a Auto-realização nem o prazer mundano. Mas qual o final?

अर्जुन उवाच : अयति: श्रद्धयोपेतो योगाच्चिलतमानस:। अप्राप्य योग संसिद्धिं कां गितं कृष्ण गच्छति।।३७॥ कच्चिन्नोभयविभ्रष्टश्छिन्नाभ्रमिव नश्यति। अप्रतिष्ठो महाबाहो विमुढो ब्रह्मण: पथि।।३८॥ 39. "Vós, ó Krishn, sois o mais capaz de solucionar totalmente esta minha dúvida, pois não consigo pensar em mais ninguém que a resolva."

A fé de Arjun é notável. Este está convencido que somente Krishn pode dissipar as suas dúvidas, mais ninguém. Assim, Krishn, o preceptor realizado, dá início à resolução dos problemas do seu devoto pupilo.

40. "O Senhor disse: 'Este homem, ó Parth, não será destruído nem neste mundo nem no próximo, pois, meu irmão<sup>4</sup>, aquele que efectuar actos bondosos nunca conhecerá a dor."

Arjun é denominado "Parth" pois, como já foi referido, o seu corpo mortal transformou-se num carro de combate de modo a atingir o seu objectivo. Por ora, Krishn diz-lhe que aquele que se desviar do yog devido à inconstância da sua mente não será destruído neste mundo nem no próximo. Tal não sucede pois o actor do bem, dos actos divinos nunca será condenado. Contudo, qual o seu destino?

41. "O homem de bem que se desvia do caminho do yog alcança os méritos celestiais e prazeres por incontáveis anos, sendo que de seguida renascerá na casa de alguém virtuoso e nobre (ou de alguém afortunado e próspero)."

Que paradoxo: aquele que falhou no yog goza os prazeres da satisfação virtuosa dos mesmos desejos do prazer sensorial, que haviam desencaminhado a sua mente irrequieta do caminho indicado no mundo mortal! Mas esta é forma sinóptica de Deus lhe proporcionar um vislumbre do que deseja, nascendo de seguida na casa de um homem nobre, um homem de boa conduta (ou um homem de posses).

एतन्मे संशयं कृष्ण छेतुमर्हस्यशेषत:।
त्वदन्य: संशयस्यास्य छेत्ता न ह्युपपद्यते।।३९।।
श्री भगवानुवाच: पार्थ नैवेह नामुत्र विनाशस्तस्य विद्यते।
न हि कल्याणकृत्कश्चिद्दुर्गतिं तात गच्छति।।४०।।
प्राप्य पुण्यकृतां लोकानुषित्वा शाश्वती: समा:।
श्चीनां श्रीमतां गेहे योगभ्रष्टोऽभिजायते।।४९।।

4 O equivalente em sânscrito a recorrer aqui é "tatah", um termo de amor e estima.

### 42. "Ou é admitido na família (kul) de um yogi com discernimento, sendo esse nascimento o mais raro do mundo."

Se a Alma desviante não renascer na casa de alguém virtuoso e influente, é-lhe concedido um nascimento que lhe garante a admissão numa família de um yogi. Na casa de um homem nobre, as influências do bem serão assimiladas desde a infância. Mas, caso não renasça numa casa assim, a este é-lhe garantida a admissão não na casa de um yogi mas na do seu kul enquanto um dos seus pupilos. Tais homem foram, por exemplo, Kabir, Tulsidas, Raidas, Valmiki, entre outros que, embora não tenham nascido nas casas de homens nobres e influentes, foram admitidos como pupilos nas famílias de um yogi. O nascimento no qual os atributos herdados da vida prévia se encontram mais refinados em associação ao preceptor realizado, o sábio esclarecido, são, de facto, muito raros. Ser filho de um yogi não significa nascer como seu filho biológico. Antes de renunciar à família, os filhos podem considerá-lo, sem apego, como pai, porém, a verdade, é que um sábio não tem ninguém a quem possa chamar família. A mesma preocupação que demonstra pelos seus filhos, é aquela que tem para com os seus pupilos fiéis e obedientes. Esses, os pupilos, são os seus verdadeiros Filhos.

Os preceptores realizados não admitem pupilos que não possuam o sanskar requerido. Se o meu reverenciado preceptor, Maharaj Ji, quisesse converter as pessoas em sadhus, poderia ter tido milhares de homens desiludidos como seus pupilos. Contudo, enviou todos os suplicantes para casa, pagando os bilhetes de regresso a alguns deles, noutros casos intimando e escrevendo cartas às famílias e, por vezes, persuadindo. Ele tinha presságios menos bons quando alguns requerentes eram mais intransigíveis quanto ao ser admitidos como pupilos. Uma voz interior avisava-o que desejavam os atributos de um sadhu e, assim, rejeitava-os. Tomados por uma desilusão insuportável, alguns dos suplicantes recorreram mesmo ao suicídio. Apesar de tudo isto, Maharaj Ji não admitia pupilos que não considerasse espiritualmente dotados para receber e beneficiar dos seus ensinamentos. Após saber do suicídio de um dos rejeitados, disse: "Sabia que se encontrava aterrorizado, mas não sabia

अथवा योगिनामेव कुले भवति धीमताम्। एतद्धि दुर्लभतरं लोके जन्म यदीदृशम्।।४२।। que se mataria. Se o soubesse tê-lo-ia aceite, pois que outro mal persistiria para além do facto de ele permanecer um pecador?" O reverenciado Maharaj Ji foi um homem de uma grande compaixão e, ainda assim, não aceitava pupilos indignos. Admitia somente uma dúzia de pupilos, sobre os quais a voz interior lhe dissera algo como: "Hoje conhecerás alguém que falhou no yog. Tem vindo a apalpar terreno ao longo de vários nascimentos. Este é o seu nome e esta a sua aparência. Aceita-o quando aparecer, transmite-lhe o conhecimento de Deus e orienta-o na viagem ao longo do caminho". Assim, só aceitou apenas uns poucos. A correcção das suas intuições pode ser justificada pelo facto de, entre alguns dos seus antigos discípulos, se contarem actualmente um sábio a viver em Dharkundi, outro em Ansulya e mais dois ou três encontram-se empenhados em servir a humanidade noutros locais. Todos eles foram admitidos como pupilos na família de um preceptor realizado. Ser abençoado com um nascimento que proporciona tais oportunidades é, na verdade, um evento muito raro.

43. "Ele carrega evidentemente consigo para o seu novo nascimento as características nobres (sanskar) do yog da sua existência prévia e através do poder das mesmas, este atingirá a perfeição (que resulta da percepção de Deus)."

Os atributos que adquiriu com o seu corpo anterior são-lhe espontaneamente restituídos no seu novo nascimento, com os quais lhe será possível atingir a perfeição derradeira: Deus.

44. "Apesar de se fascinar pelos objectos sensoriais, os atributos da sua vida anterior levam-no a Deus e a sua aspiração de yog proporciona-lhe ir além das recompensas materiais prometidas pelos Ved."

Caso nasça num lar nobre ou próspero e se encontre sujeito à influência dos objectos sensoriais, os traços dos actos virtuosos herdados da sua

तत्र तं बुद्धिसंयोगं लभते पौर्वदेहिकम्। यतते च ततो भूयः संसिद्धौ कुरुनन्दन।।४३।। पूर्वाभ्यासेन तेनैव ह्रियते ह्यवशोऽपि सः। जिज्ञासुरपि योगस्य शब्दब्रह्मातिवर्तते।।४४।। vida prévia levam-no pelo caminho que conduz a Deus e até mesmo com um esforço inadequado, este deverá ser capaz de se elevar acima dos frutos mencionados pelas composições védicas e atinja o estado da salvação. Este é o caminho para alcançar a libertação derradeira. Mas tal não sucede numa única vida.

45. "O yogi que tenha purificado o seu coração e a sua mente ao longo de vários nascimentos pela intensa meditação e, assim, se encontrar livre de todos os seus pecados, alcançará o estado da realização divina."

Somente um esforço efectuado ao longo de diversas vidas afecta a realização final. O yogi que pratica a meditação diligente encontra-se totalmente isento de todos os tipos de impiedades, atingindo a beatitude final. É este o caminho da realização. Debilmente no caminho do yog e com a mente ainda irrequieta, o devoto é admitido na família do preceptor realizado e, executando a meditação vida após vida, é chegado finalmente o momento designado por salvação: o estado no qual a Alma emerge em Deus. Krishn afirmou anteriormente que a semente deste yog nunca é destruída. Se dermos uns passos, as características ganhas desta experiência mantêm-se. Um homem de verdadeira fé pode embarcar na acção ordenada em cada circunstância da vida mundana. Independentemente de se ser mulher ou homem, independentemente de raca ou cultura, ou de se ser apenas um ser humano, o Geeta é para todos. O Geeta destina-se a toda a humanidade: ao devoto à sua família e ao sanyasi, ao educado e ao iletrado, a todos. Não é somente para as criaturas chamadas eremitas (sadhu). Esta é, verdadeiramente, a mensagem do Senhor Krishn.

46. "Uma vez que os yogi são superiores aos penitentes, ou aos que seguem o caminho do discernimento, ou àqueles que desejam os frutos da acção, ó Kurunandan, devíeis ser um actor da acção impessoal."

प्रयत्नाद्यतमानस्तु योगी संशुद्धिकिल्बिषः। अनेक-जन्मसंसिद्धस्ततो याति परां गतिम्।।४५।। तपस्विभ्योऽधिको योगी ज्ञानिभ्योऽपि मतोऽधिकः। कर्मिभ्यश्चाधिको योगी तस्माद्योगी भवार्जुन ।।४६।। Um yogi, actor da acção impessoal, ultrapassa todos os ascetas, homens de conhecimento, bem como os da acção. Assim, o ultimo conselho de Krishn a Arjun é o de que este último se deve tornar num yogi. Para tal é necessária uma análise dos diversos tipos:

O ASCETA é aquele que pratica austeridades severas e a mortificação do corpo, da mente e dos sentidos de modo a formar o yog que ainda não flúi nele como um corrente sem obstáculos...

O ACTOR é aquele que se empenha na tarefa ordenada após o seu conhecimento, mas que se aplica na mesma sem fazer uma análise das suas capacidades nem do sentido de dedicação. Dedica-se apenas à execução do seu acto.

O HOMEM DE CONHECIMENTO, seguidor do Caminho do Conhecimento, empenha-se na realização do acto do yagya apenas depois de compreender plenamente o processo de um mentor nobre, um preceptor realizado, analisando ainda claramente e avaliando as suas capacidades. Considera-se responsável tanto pelos benefícios como pelas perdas da sua obra.

O YOGI, actor da acção impessoal, desempenha a mesma tarefa da meditação sob total rendição ao adorado. A responsabilidade do sucesso do seu yog é suportada por Deus e Yogeshwar. Este não teme nem mesmo perante as perspectivas de fracasso, pois Deus, pelo qual anseia, assumiu a tarefa de o auxiliar e apoiar.

Todos os quatro tipos de acção são nobres enquanto tais. Porém, os ascetas, o homem de penitência, encontra-se ainda empenhado em munirse para o yog. O actor, o homem da acção, dedica-se ao acto apenas por saber que este deve ser executado. Ambos podem fracassar, dado não terem noção de dedicação nem o discernimento necessário das suas características e capacidades. Mas o seguidor do Caminho do Conhecimento está consciente dos meios do yog e da sua própria força. Toma-se como responsável por tudo o que faz. E o yogi, o actor da acção impessoal, rende-se à mercê do seu Deus adorado, sendo Deus quem o protege e guia. Ambos percorrem correctamente o caminho da salvação espiritual. Contudo, o caminho no qual Deus cuida do devoto é o mais superior dos dois e tal é reconhecido por Krishn. Assim, o yogi é o mais

superior dos homens e Arjun deveria ser um yogi. Deveria empenhar-se na tarefa da execução do yog com um sentido de completa resignação.

O yogi é superior, porém, melhor ainda, é o yogi que habita em Deus através do Eu. As últimas palavras de Krishn neste capítulo abordam este assunto.

## 47. "Entre todos os yogi, considero o melhor aquele que mais se dedica a mim e que, residindo no Eu, me adora constantemente."

Krishn considera que, entre todos os yogi, os actores da acção impessoal, o melhor será aquele que, imerso no seu sentimento de devoção, o adorar permanentemente. A devoção não é uma questão de demonstração ou exibição. A sociedade poderá aprovar tal demonstração, mas Deus sente-se ofendido. A devoção é secreta, uma actividade privada e deve ser efectuada no interior do coração. O início e o final da devoção são eventos que ocorrem no íntimo dos pensamentos e dos sentimentos.



Yogeshwar Krishn afirmou no início do capítulo que aquele que executar a tarefa ordenada e digna é um sayasi. O yogi é igualmente um actor da mesma acção. Ninguém se torna num yogi ou sanyasi através apenas da renúncia do acto de acender o fogo ou realizar a acção. Ninguém pode ser um sanyasi ou yogi sem sacrificar os desejos. Não nos encontramos isentos de desejos apenas por declarar que não os possuímos. Aquele que desejar o yog deve efectuar o que se espera, pois a liberdade dos desejos resulta somente com a execução recorrente e constante desta acção e nunca antes. A renúncia está completa quando se dá a ausência de desejo.

O Yogeshwar referiu que a Alma poderá ser condenada, assim como salva. Aquele que tiver conquistado a sua mente e os seus sentidos, o Eu revela-se como amigo que conduz ao supremo bem. Mas aquele que tenha falhado no domínio da mente e os sentidos terá o Eu como inimigo e a sua conduta maligna causará dor. Será, assim, uma obrigação, um empreendimento sagrado, que terá de ser levada a cabo para elevar a Alma e não degradá-la.

योगिनामपि सर्वेषां मद्गतेनान्तरात्मना। श्रद्धावान् भजते यो मां स मे युक्ततमो मतः।।४७।।

Krishn descreveu então o modo de vida de um yogi. Sobre o local onde o vagva deve ser executado e o assento e a postura do devoto afirmou que deveriam ser limpos, isolados e feitos de tecidos, pele de veado ou um tapete de erva kush. Deu ainda ênfase à importância da moderação segundo a natureza da tarefa realizada relativamente ao esforço, alimento, entretenimento, sono e despertar. Krishn comparou a mente controlada de um vogi à chama constante de uma lâmpada num local sem vento. Indo mais além, o clímax, o estádio da felicidade suprema, é alcançada quando a mente perfeitamente dominada se encontra dissolvida. A alegria eterna isenta de todo o apego mundano e repulsa trata-se da salvação. O yog revela-se naquilo que une uma pessoa ao seu estado. O yogi que alcançar este estádio atinge uma visão equânime, considerando igualmente todos os seres e olhando a Alma nos outros do mesmo modo que observa a sua. E assim atinge a paz suprema. Neste sentido, o yog é fundamental. Independentemente do que a mente pense, é nosso dever dominá-la e controlá-la. Krishn admite que este domínio da mente é uma tarefa árdua, mas assegura ainda que é possível. O controlo da mente é alcancado através da prática e do sacrifício dos desejos. Até mesmo aquele, cujo esforço é inadequado, alcança, através da meditação constante efectuada ao longo de diversas vidas, o momento conhecido como o estado derradeiro: o estádio de união com Deus. O yogi perfeito é superior a qualquer um: aos ascetas, homens de conhecimento e àqueles que se empenham apenas num negócio. Deste modo, Arjun devia ser um yogi. Dedicando-se profundamente a Krishn, este realizaria o yog no seu coração e na mente. Por este motivo, nesse capítulo Krishn deu particular ênfase à importância da meditação na realização do yog.

> Assim se conclui o Sexto Capítulo dos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado: "Abhyas Yog" ou "O Yog da Meditação".

> Assim se conclui a exposição de Swami Adgadanand do Sexto Capítulo do Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

#### **CAPÍTULO 7**

### CONHECIMENTO IMACULADO

O capítulo anterior refere praticamente todos os temas abordados pelo Geeta. Foi feita uma apresentação cuidadosa do Caminho da Acção Impessoal e do Caminho do Conhecimento, da natureza da acção e do yagya, bem como da sua execução e consequências, do significado do yog e respectivos resultados, e da manifestação divina e varnasankar. Foi dada longa ênfase à importância de combater uma batalha (da acção) pelo bem da humanidade, inclusive por parte de homens que residem em Deus. Nos próximos capítulos, Krishn abordará outras questões suplementares, tais como assuntos já referidos anteriormente e cuja resolução será benéfica no para o acto da devoção.

No último verso do capítulo 6, o próprio Yogeshwar lançou uma questão ao afirmar que o melhor yogi é aquele cujo Eu habita em Deus. Mas o que significa habitar em Deus? Muitos yogi alcançam Deus, porém, sentem que lhes falta algo. Quando se atinge esse estado em que não se verifica a mínima imperfeição? Quando se revela o perfeito conhecimento de Deus? Krishn fala sobre o estado em que é possível atingir tal conhecimento.

 "O Senhor disse: 'Ouvi, ó Parth, como me indubitavelmente percepcionareis como a Alma perfeita em todos os seres, ao encontrar refúgio em mim e ao praticar o yog com devoção'."

O pré-requisito essencial desta consciência de Deus deve ser

श्रीभगवानुवाच

मय्यासक्तमनाः पार्थ योग युञ्जन्मदाश्रयः। असंशयं समग्रं मां यथा ज्ञास्यसि तच्छृणु।।१।। cuidadosamente apontada. Caso Arjun ambicione tal conhecimento, deve praticar o yog com devoção e apoiar-se na misericórdia divina. Mas há outros aspectos da questão que Krishn abordará, razão pela qual diz a Arjun para o ouvir atentamente, de modo a que todas as suas dúvidas se dissipem. É dada nova ênfase à importância do conhecimento perfeito das muitas glórias de Deus.

 "Possibilitar-vos-ei todo o conhecimento, bem como a acção perene que resulta da percepção de Deus (vigyan), e após a qual nada melhor no mundo existe para se conhecer."

Krishn oferece-se para esclarecer Arjun plenamente sobre o conhecimento de Deus paralelamente ao conhecimento aqui designado de "vigyan". O conhecimento trata-se da realização, no momento da percepção, da substância da imortalidade (amrit-tattwa) gerada pelo yagya. A percepção directa da essência de Deus é o conhecimento. Contudo, o outro conhecimento designado de vigyan consiste na percepção pelo sábio realizado da capacidade de agir simultaneamente em qualquer local. Trata-se do conhecimento do modo como Deus opera ao mesmo tempo em todos os seres. É o conhecimento do modo como ele nos leva a executar a acção e de que como possibilita que o Eu viaje até ao Espírito Supremo idêntico. Os modos de Deus designam-se de vigyan. Krishn diz a Arjun que lhe explicará este conhecimento, após o qual nada mais se regista no mundo para conhecer. Porém, são muito poucos os verdadeiros conhecedores.

3. "É tão raro que um homem entre milhares se esforce por me conhecer e é tão raro que um homem entre milhares dos que se esforçam conheça a minha essência."

Só muito raramente um homem se aventura a percepcionar Deus e, entre aqueles que se empenham nessa tarefa, raramente se encontra

> ज्ञानं तेऽहं सविज्ञानिमदं वक्ष्याम्येशेषत:। यज्ज्ञात्वा नेह भूयोऽन्यज्ज्ञातव्यमवशिष्यते।।२।। मनुष्याणां सहस्रेषु काश्चिद्यतिति सिद्धये। यततामपि सिद्धानां काश्चिन्मां वेति तत्त्वत: ।।३।।

1 Vide a interpretação do mundo no capítulo 6 na exposição do oitavo verso.

alguém que seja bem sucedido nesse conhecimento da realidade através da percepção directa. Mas onde se encontra esta realidade total, a plena essência? Estará estacionária num único local como um corpo físico, a matéria, ou será omnipresente? Krishn aborda o assunto.

4. "Eu sou o criador da natureza e das suas oito divisões: terra, água, fogo, vento, éter, mente, intelecto e ego."

A partir de Krishn, Deus formou a natureza com todos os seus componentes. Esta, dividida em oito elementos, consiste na natureza inferior.

 "Esta natureza, ó de braços poderosos, é a mais inferior e insensata que se opõe à minha natureza conscienciosa e viva que anima todo o mundo."

A natureza dos oito elementos trata-se da natureza inferior de Deus, grosseira e insensível. No entanto, paralelamente a esta, verifica-se ainda uma outra natureza conscienciosa que impregna e dá vida a todo o mundo. Porém, a Alma individual também é natureza, pois está associada à natureza inferior.

6. "Sabei que todos os seres se originam destas duas naturezas e que eu sou tanto o criador como o final de todo o mundo."

Todos os seres têm origem nestas naturezas animadas e inanimadas. São estas as duas fontes de vida. Deus (Krishn) é a origem de todo o universo, sendo simultaneamente criador e destruidor. É dele que resultamos e que nos dissolvemos. Ele será a fonte da natureza enquanto esta existir, mas também é a força que a dissolve quando um sábio supera as suas limitações. Contudo, esta é uma questão de intuição.

As pessoas sempre se sentiram intrigadas por estas questões universais referentes à criação e à destruição, por vezes designada de

भूमिरापोऽनलो वायुः खं मनो बुद्धिरेव च।
अहंकार इतीयं मे भिन्ना प्रकृतिरष्टधा।।४।।
अपरेयमितस्त्वन्यां प्रकृतिं विद्धि मे पराम्।
जीवभूतां महाबाहो ययेदं धार्यते जगत्।।५।।
एतद्योनीनि भूतानि सर्वाणीत्युपधारय।
अहं कृत्स्नस्य जगतः प्रभवः प्रलयस्तथा।।६।।

"fatalidade". Quase todas as escrituras sagradas no mundo tentaram explicar este fenómeno de alguma forma. Algumas delas insistem que o fim do mundo se processa com a submersão na água, ao passo que outros asseguram que a Terra será aniquilada porque o sol se aproxima demasiado, queimando-a. Alguns referem-se a tal como o Dia do Juízo Final, o dia em que Deus julga todos os seres, enquanto outros expõem a ideia de fatalidade como algo recorrente ou dependente de uma causa específica. Segundo Krishn, porém, a natureza não tem princípio nem fim. Podem verificar-se mudanças, mas esta nunca é inteiramente destruída.

De acordo com a mitologia indiana, Manu assistiu à fatalidade de onze sábios que subiram ao pico dos Himalaia encontrando aí abrigo², ao atarem o seu barco à barbatana de um peixe. No sagrado texto de seu nome Shreemad Bhagwat³, do tempo de Krishn, Deus baixou à terra por prazer e, vivendo a sua vida de acordo com os seus preceitos, Markandeya Ji, filho do sábio Mrikandu, relatou esta atrocidade que afirmou ter observado com os seus próprios "olhos", pois vivia a norte dos Himalaia, na margem do rio Pushpbhadr.

Segundo os capítulos 8 e 9 da décima segunda secção de Shreemad Bhagwat, o grande sábio Shaunak e alguns outros contaram a Sut Ji (um pupilo de Vyas) que Markandeya Ji tinha tido uma visão de Batmukund (Vishnu em criança) numa folha de Banyan. Mas a dificuldade residia no facto de pertencer à sua linhagem, tendo nascido pouco tempo antes deles. E era ainda um facto que a Terra nunca tinha submergido nem tinha sido destruída após o seu nascimento. Deste modo, como era possível que ele tivesse observado a destruição da Terra? Que tipo de dilúvio havia sido aquele?

Sut Ji contou-lhes que, satisfeito com as suas preces, Deus se manifestara a Markandeya Ji, que expressara a sua vontade de ver o

<sup>2</sup> A referência trata-se de Matsya-Avtar, a primeira de dez incarnações de Vishnu. Durante o reinado do sétimo Manu, toda a Terra, que se tinha tornado corrupta, foi inundada por uma cheia, e todos os seres vivos pereceram à excepção do pio Manu e de onze sábios que foram salvos por Vishnu sob a forma de um enorme peixe. Todo o episódio é, evidentemente, simbólico.

Nome de um dos dezoito Pluran (repositórios da mitologia hindu). Já foi referido anteriormente que, tal como o Mahabharat, estas escrituras também são atribuídas a Maharshi Vyas.

maya de Deus, o qual leva a Alma a suportar intermináveis nascimentos. Deus concedeu-lhe o seu desejo e, um dia, quando o sábio se encontrava sentado absorto em contemplação, este reparou nas ondas do mar, crescentes e furiosas, que o rodeavam por todo o lado. Peixes terríveis pulavam nas ondas. Este fugiu apressadamente para tentar salvar-se. O firmamento, o sol, a lua, o próprio céu e todas as constelações submergiram na cheia. Entretanto, viu uma figueira-da-Índia e uma criança numa das suas folhas. Ao respirar, a criança inspirou Markandeya Ji, que foi conduzido para dentro dele pelo ar inalado. Aí descobriu o seu ermitério, juntamente com o sistema solar e todo o universo, vivo e intacto. Pouco depois foi expulso por uma exalação. Quando por fim abriu os olhos, Markandeya Ji encontrava-se a são e salvo no seu assento do seu ermitério. Assim, o que quer que tenha visto resumiu-se apenas a um sonho, a uma visão.

É evidente que este sábio teve uma visão divina e transcendental (uma experiência intuitiva) após uma devoção de longos anos. Tratou-se de uma percepção por parte da sua Alma, tudo o que o circundava permaneceu idêntico ao que era. Assim, a fatalidade é, também ela, um evento revelado por Deus no coração do yogi. A fatalidade revela-se aquando da realização do processo de devoção, quando as influências mundanas terminam e Deus permanece na mente do yogi. Esta dissolução não se trata de um fenómeno externo. O juízo final é o estado inexpressivo da identidade total da Alma com Deus enquanto o corpo ainda persiste. Tal é algo que pode ser sentido apenas através da acção. Independentemente de quem somos, somos vítimas da ilusão se formos julgados apenas pela mente. É isso que nos é agora esclarecido.

 "Não existe, ó Dhananjay, um único objecto para além de mim, encontrando-se todo o mundo associado a mim como as pérolas de um colar."

Nada mais existe para além de Deus e todo o mundo está ligado a ele. Mas só é possível apreender esta verdade quando, tal como foi

> मत्तः परतरं नान्यत्किञ्चिदस्ति धनंजय। मयि सर्वमिदं प्रोतं सूत्रे मणिगण इव।।७।।

referido no primeiro verso deste capítulo, uma pessoa se entregar ao yog, resignando-se totalmente a Deus, nunca antes disso. A participação no yog é uma necessidade básica.

8. "Ó Arjun, eu sou aquele que torna a água líquida, que possibilita o brilho do sol e da lua, a sagrada sílaba OM<sup>4</sup>, o eco da palavra (Shabd<sup>5</sup>) no éter e sou ainda a masculinidade nos homens.

Deus é tudo isto e todo o conhecimento. Toda a sabedoria dos Ved foi exalada por si<sup>6</sup>. Ele é ainda muito mais.

9. "Sou a fragrância da terra, a chama do fogo, a Alma que anima todos os seres e a penitência dos ascetas."

Deus está presente em todo o universo, na terra, no fogo, em todas as criaturas e até mesmo nas austeridades espirituais praticadas pelos ascetas. Deus habita em cada átomo.

10. "Uma vez que sou também o intelecto dos sábios e a magnificência dos homens de glória, sabei, ó Arjun, que sou a eterna origem de todos os seres."

Deus é a semente da qual todos os seres nascem. Adicionalmente...

11. "Eu sou, ó melhor dos Bharat, a força impessoal dos fortes e, também eu, sou a ambição pela percepção, nunca hostil a Deus, patente em todos os seres."

रसोऽहमप्सु कौन्तेय प्रभास्मि शशिसूर्ययोः। प्रणवः सर्ववेदेषु शब्दः खे पौरुषं नृषु ।।८ ।। पुण्यो गन्ध पृथिव्यां च तेजश्चामि विभावसौ। जीवनं सर्वभूतेषु तपश्चमि तपस्विषु ।।९ ।। बीजं मां सर्वभूतानां विद्धि पार्थ सनातनम्। बुद्धिर्बुद्धिमतामस्मि तेजस्तेजस्विनामहम् ।।१० ।। बलं बलवतां चाहं कामरागविवर्जितम्। धर्माविरुद्धो भूतेषु कामोऽस्मि भरतर्षभ ।।१९ ।।

- 4 A sílaba OM, símbolo de Deus, é divina para os hindus.
- 5 O conhecimento do Eu e do Espírito Supremo que está além do alcance ou poder das palavras.
- 6 O Brihadaranyak Upanishad: "Estes (os Ved) são a respiração do Eterno".

Alguns esforçam-se por alcançá-lo através do exercício físico, outros pela posse de armas nucleares. Porém, Krishn afirma ser a força para além de todo o desejo e apego e essa é a verdadeira força. Ele é a ambição propícia ao dharm em todos os seres, apenas Deus é o dharm. Ao dharm é a Alma imortal que tudo em si comporta. E Deus é ainda aquele elo que não se opõe ao dharm. Krishn encorajara Arjun a aspirar a percepção de Deus. Todos os desejos são proibidos, mas a ânsia pela realização de Deus é essencial pois não é possível adorar na sua ausência. Este desejo por Deus é um favor de Krishn.

12. "Sabei que todas as propriedades da natureza (tamas, rajas e sattwa) se originam em mim. Não se encontram em mim nem eu nelas."

Todas as propriedades da natureza (a ignorância, a paixão e a virtude) tiveram a sua origem em Deus. Contudo, este não se encontra nelas nem elas nele. Ele não está diluído nelas e elas não habitam nele, pois este não tem qualquer apego por elas nem se deixa afectar por elas. Nada tem a ganhar da natureza ou das suas propriedades e assim, elas não podem alterá-lo.

13. "Dado que todo o mundo se encontra iludido por sentimentos resultantes das três propriedades, os homens não têm consciência da minha essência imperecível, que os ultrapassa."

Cegados pelos sentimentos associados a tamas, rajas e sattwa, os homens não conseguem aperceber-se da única e indestrutível realidade que é Deus, muito além das propriedades da natureza. Assim, este não pode ser apreendido se se registar a mínima presença destas propriedades. Enquanto estas envolverem a mente do devoto, a viagem deste estará incompleta, pelo que terá de prosseguir caminho.

ये चैव सात्त्विका भावा राजसास्तामसाश्च ये।
मत्त एवेति तान्विद्धि न त्वहं तेषु ते मिय।।१२।।
त्रिभिर्गुणमयैर्भावैरेभि: सर्विमिदं जगत्।
मोहितं नाभिजानाति मामेभ्य: परमव्ययम्।।१३।।

14. "Este meu yog-maya divino de três propriedades trata-se do mais complicado de ultrapassar, contudo, aqueles que buscarem refúgio em mim superarão a ilusão e alcançarão a salvação."

O maya celestial de Deus, a força a partir da qual todo o universo empírico evoluiu, revela-se como o mais complicado de compreender. Porém, aqueles que se empenharem constantemente na devoção divina irão percorrê-lo em segurança. Este maya é considerado divino, mas tal não significa que se deva queimar incenso em ofertas de reverência. Não se deve esquecer que se trata de algo que se deve conquistar e percorrer.

15. "Os ignorantes e tolos são as pessoas desprezíveis e actores fracos pois, iludidos pelo maya e possuídos por características demoníacas, não se dedicam a mim."

Aqueles que contemplam e adoram Deus entendem-no. No entanto, existem muitos outros que não se dedicam à devoção. Os homens com tendências demoníacas, cujo discernimento foi arrebatado pelo maya, os mais maldosos da humanidade imersos na luxúria e desejo, não adoram Deus. No verso seguinte, Krishn dirige-se aos devotos.

16. "Existem quatro tipos de devotos que se me dedicam, ó melhor dos Bharat: aqueles que desejam recompensas materiais, os que sofrem e os homens de sabedoria que ambicionam apreenderme."

As quatro categorias abrangem todos os devotos. Primeiro registamse aqueles que executam a tarefa ordenada, pois a sua realização trarlhes-á riqueza. São os actores da acção egoísta. Há ainda aqueles que se dedicam a Deus pois desejam ser libertados da dor. Ainda assim, outros devotos anseiam a percepção directa de Deus. Por fim, verificam-se

> देवी ह्येषा गुणमयी मम माया दुरत्यया। मामेव ये प्रपद्यन्ते मायामेतां तरन्ति ते ।।१४।। न मां दुष्कृतिनो मूढाः प्रपद्यन्ते नराधमाः। माययापहृतज्ञाना आसुरं भावमाश्रिताः ।।१५।। चतुर्विधा भजन्ते मां जनाः सुकृतिनोऽर्जुन। आर्तो जिज्ञासुरर्थार्थी ज्ञानी च भरतर्षभ।।१६।।

os homens de sabedoria, os sábios realizados, que alcançaram o estádio da realização do objectivo supremo.

A riqueza material trata-se dos meios que sustentam o corpo, assim como de todas as suas relações. As riquezas e a satisfação dos desejos são possibilitadas apenas por Deus. Krishn afirma que é ele que proporciona estes meios, mas as suas palavras sugerem mais do que isso. A riqueza verdadeiramente duradoura é de aquisição espiritual, esse é o verdadeiro tesouro.

Enquanto um devoto se esforça pelas riquezas materiais, Deus dirigeo para riquezas espirituais, pois sabe que os atributos espirituais são a verdadeira riqueza humana e que o devoto não ficará satisfeito somente com as aquisições materiais. Assim, dá início à busca das riquezas espirituais nele. A garantia de lucros materiais no mundo mortal e de assistência no próximo fazem parte da responsabilidade de Deus, pois, em nenhuma circunstância, abandona o devoto sem recompensa.

Há ainda devotos com corações carregados de dor. Entre os devotos de Deus, registam-se também homens que desejam apreendê-lo plenamente. Aqueles que já atingiram o conhecimento de Deus pela percepção também o veneram. Deste modo, as quatro categorias de pessoas incluem, segundo Krishn, todos os adoradores devotos. Porém, entre todos, o mais superior é aquele que detém sabedoria originada na percepção. Contudo, a questão é que também este homem sagaz se trata de um devoto. Entre estas categorias...

17. "Para o sábio com conhecimento que se me dedica, o único Deus, com constante amor e devoção, eu sou o mais querido, e assim é ele para mim."

De todos os devotos, aqueles que foram iluminados pela percepção e que, consequentemente, habitam nele com total devoção, são os que mais o adoram. Este sentimento é recíproco, pois Deus adora igualmente o devoto mais do que qualquer outro. Este sábio retribui a Deus e...

तेषां ज्ञानी नित्युक्त एकभक्तिर्विशिष्यते। प्रियो हि ज्ञानिनोऽत्यर्थमहं स च मम प्रिय:।।१७।।

# 18. "Apesar de todos serem generosos ao me adorarem devotamente, o sábio realizado é, creio, idêntico a mim, o seu objectivo supremo."

Os quatro tipos de devotos são retratados como sendo generosos. Mas que caridade têm eles demonstrado? Beneficiará Deus com a adoração de um devoto? Dar-lhe-ão estes algo que ele não possua já? Evidentemente, a resposta a todas estas perguntas é um redondo "não". Somente Deus é magnânime e encontra-se sempre pronto para salvar as Almas da degradação. Assim, a generosidade é também uma característica daqueles que não querem ver as suas Almas adulteradas. Temos assim uma situação de caridade mútua. Todos são, Deus e os seus devotos, generosos. Mas, segundo Krishn, o devoto dotado de conhecimento é idêntico a ele, já que o detentor de discernimento habita nele, crendo que ele é o objectivo supremo. Por outras palavras, ele é Deus, encontra-se nele, não se dá uma distinção entre ambos. A esta ideia é dada nova ênfase no verso seguinte:

# 19. "Essa grande Alma que me adora com o conhecimento adquirido após vários nascimentos de que eu (Vasudev) sou a única realidade, é, na verdade, muito rara."

O sábio esclarecido, abençoado pela percepção após a meditação entre muitos nascimentos, recorre à adoração divina com a convicção que Krishn é tudo. Um tal sábio é muito raro. Ele não venera uma entidade externa denominada Vasudev, sente antes a presença de Deus no seu íntimo. Este trata-se de um homem de discernimento, descrito por Krishn também como vidente. Somente os sábios realizados podem instruir a sociedade humana sobre o que se encontra ao seu redor. Estes videntes, tendo percepcionado a realidade directamente, são, segundo Krishn, raríssimos. Deste modo, todos deveriam adorar Deus, uma vez que é este quem concede a glória espiritual, bem como o prazer. Ainda assim, as pessoas não se lhe dedicam. Este paradoxo é relatado no próximo verso.

उदाराः सर्व एवैते ज्ञानी त्वात्मैव मे मतम्। आस्थितः स हि युक्तात्मा मामेवानुत्तमां गतिम्।।१८।। बहूनां जन्मनामन्ते ज्ञानवान्मां प्रपद्यते। वासुदेवः सर्वमिति स महात्मा सुदुर्लभः।।१९।। 20. "Motivados pelas propriedades da sua natureza, aqueles que abandonam o conhecimento desejarão os prazeres mundanos e, imitando os hábitos comuns, adorarão outros deuses e não o único Deus."

Desprovidos de discernimento devido à cobiça dos prazeres sensoriais, os ignorantes são incapazes de se aperceber que somente o sábio iluminado, o preceptor realizado e Deus têm verdadeiro valor. Desta forma, impulsionados pela sua natureza ou pelos respectivos atributos (sanskar), adquiridos e armazenados ao longo de muitas vidas, recorrem a credos e práticas comuns, devotando-se à adoração de outros deuses. Pela primeira vez, o Geeta faz menção a outros deuses.

## 21. "Sou eu quem concede constância à fé dos devotos invejosos, de acordo com a natureza dos deuses que adoram."

É Deus que transmite a qualidade da constância à adoração dos devotos que adoram outros deuses ao desejarem recompensas materiais. É Deus que estabelece a sua fé em outros deuses. Se esses deuses existissem efectivamente, esta tarefa seria efectuada por essas mesmas entidades. Mas, uma vez que não passam de um mito, Deus tem de alimentar a fé dos devotos para que esta permaneça constante e forte.

22. "Dotados de fé fortalecida, o devoto dedica-se à sua divindade de eleição com devoção e, através desta, alcança a alegria dos prazeres desejados, igualmente referidos pelas minhas leis."

Munidos de uma fé mantida por Deus, o devoto, pleno de desejos, dedica-se revigorado à adoração de deuses indignos mas, surpreendentemente, é recompensado com a satisfação pretendida. Porém, esta satisfação é, também ela, um obséquio de Deus. Assim, Deus concede também a alegria dos prazeres mundanos. O mero prazer,

कामैस्तैस्तैर्हृतज्ञानाः प्रपद्यन्तेऽन्यदेवताः। तं तं नियममास्थाय प्रकृत्या नियताः स्वया।।२०।। ये यो यां यां तनुं भक्तः श्रद्धयार्चितुमिच्छति। तस्य तस्याचलां श्रद्धां तामेव विदधाम्यहम्।।२९।। स तया श्रद्धया युक्तस्तस्याराधनमीहते। लभते च ततः कामान्मयैव विहितान्हि तान्।।२२।।

7

a contrário da felicidade divina, é a recompensa para aqueles de prestam devoção a outros deuses para satisfazer os seus próprios desejos. Mas, de certo modo, são recompensados. Deste modo, parece não se verificar mal algum nessa forma de devoção. Contudo, Krishn tem a dizer o seguinte sobre esta questão:

23. "Mas as recompensas destes homens iludidos são finitas, já que apenas recorrem aos deuses que adoram, ao passo que aquele que se me dedica, independentemente do modo como o faz, percepciona-me."

As recompensas adquiridas por estes homens ignorantes são destrutíveis. Não são permanentes uma vez que se tratam de prazeres mundanos com um princípio e um fim.

Os prazeres que conhecemos hoje abandonar-nos-ão amanhã. Aqueles que adoram outros deuses adquirem poderes que são, eles mesmos, perecíveis. Todo o mundo, desde as divindades à criatura mais inferior, é mutável e encontra-se sujeita à morte. Pelo contrário, aquele que venera Deus alcança-o e, consequentemente, à paz inefável que descende à Alma após a sua união com Deus.

Yogeshwar Krishn incentivou anteriormente Arjun a buscar os deuses, os impulsos pios, através do cumprimento do yagya. A sorte surge do aumento e fortalecimento deste tipo de riqueza. Por fim, ao longo de um processo gradual, dá-se a percepção e a paz suprema. Neste contexto, os "deuses" representam as forças piedosas que asseguram a divindade de Deus. Estes impulsos divinos que devem ser alimentados traduzemse nos meios destinados à salvação e aos seus vinte e quatro atributos enumerados no capítulo 16.

O bem que recolhe a santidade de Deus no coração do devoto designase por "deus". De início terá sido algo interno, mas, com o passar do tempo, as pessoas começaram a vislumbrar estas qualidades em formas palpáveis. Por este motivo, as representações foram construídas, o

> अन्तवत्तु फलं तेषा तद्मवत्यल्पमेधसाम्। देवान्देवयजोयान्ति मद्भक्ता यान्ति मामपि।।२३।।

karmkand<sup>7</sup>surgiu e perdeu-se a verdade. Krishn tentou refutar esta ideia errada sobre os deuses e deusas nos versos 20 a 23 do presente capítulo. Denominando-os de "outros deuses" pela primeira vez no Geeta, ele deu particular ênfase ao facto de estes não existirem. Sempre que a fé sofre um abalo ou se torna mais frágil, ele presta assistência tornando-a firme, recompensando por esta fé. Mas estas recompensas são finitas e perecíveis. Os frutos e os deuses são destruídos, bem como os devotos destes deuses. Apenas os ignorantes com falta de discernimento se dedicam a outros deuses. Posteriormente, Krishn chegará a afirmar que tal devoção se traduz numa impiedade (9.23).

24. "Carecendo de sabedoria e inconscientes do facto de eu ser imaculado e me encontrar para além da mente e dos sentidos, os homens consideram a minha manifestação uma incarnação física."

Os deuses e respectivas recompensas não existem dado que a sua devoção é efémera. De facto, nem todos os homens se dedicam a Deus. E tal é assim pois os homens desprovidos de discernimento encontramse, tal como referido no verso anterior, praticamente inconscientes relativamente à perfeição e magnificência divina. Por esta razão, consideram o Deus imanifesto como assumindo a forma humana. Por outras palavras, Krishn foi um yogi no corpo de um homem, efectivamente um Yogeshwar, um preceptor realizado. Ao adoptar a forma correcta de devoção, com um aperfeiçoamento gradual, os sábios encontram morada em Deus nesse estádio. Ainda que indumentados com vestes humanas, habitam no Deus imaterial e imanifesto. Porém, os ignorantes consideramnos comuns seres humanos. Como podem ser Deus, ponderam estes homens, se nasceram como todos os outros? Não se lhes pode atribuir verdadeiramente a responsabilidade por tais pensamentos, pois as suas mentes iludidas apenas apreendem a forma externa, independentemente de para onde lancem o olhar. Yogeshwar Krishn explica então por que motivo estes não conseguem vislumbrar o Espírito no íntimo do corpo físico.

25. "Para além do meu yog-maya, não sou apreendido por todos e o homem ignorante não me percepciona, o Deus sem nascimento e imaculado."

Para o homem comum, o maya (o poder pelo qual Deus fez evoluir o universo físico) revela-se como uma tela densa atrás da qual Deus se esconde totalmente. Para além deste yog-maya, ou a prática do yog, nada mais existe. Só através da prática constante e duradoura do yog é que o devoto alcança o ponto culminante do yog, o momento da percepção de Deus. Yogeshwar Krishn afirma estar escondido pelo yog-maya e que somente aqueles que cumprirem o yog poderão vislumbrá-lo. Uma vez que não se manifesta a todos, o homem ignorante e insensato não apreende o Deus sem nascimento (e que não nascerá novamente), eterno (não pode ser destruído) e imanifesto (que não se manifestará novamente). Inicialmente, Arjun considerava Krishn apenas mais um mortal. Mas uma vez esclarecido, a sua visão tornou-se mais abrangente e começou a pregar e rogar. Na verdade, não somos melhores que homens cegos no que toca a percepcionar a Alma imanifesta dos sábios e dos grandes homens.

26. "Eu conheço, ó Arjun, todos os seres passados, presentes e futuros, contudo, nenhum me conhece a mim (sem verdadeira devoção)."

A razão é explicada no verso seguinte:

27. "Todos os seres deste mundo caem na ignorância, ó Bharat, devido às contradições do apego e da repugnância e da felicidade e da dor."

Todos os homens são vítimas da ilusão devido às intermináveis dualidades da natureza material e, assim, não são bem sucedidos no

नाहं प्रकाशः सर्वस्य योगमायासमावृतः।
मूढोऽयं नाभिजानाति लोको मामजमव्ययम्।।२५।।
वेदाहं समतोनानि वर्तमानानि चार्जुन।
भविष्याणि च भूतानि मां तु वेद न कश्चन।।२६।।
इच्छाद्वेषसमुत्थेन द्वंद्वमोहेन भारत।
सर्वभूतानि संमोहं सर्गे यान्ति परंतप।।२७।।

conhecimento divino (de Krishn). Implicará isso que ninguém o apreenderá? Nas palavras de Krishn:

28. "Aqueles que me adorarem de qualquer forma encontrar-se-ão desinteressadamente empenhados nos actos do bem, livres do pecado e da ilusão, sobrepondo-se aos conflitos do apego e da repulsa, com convicções firmes."

Isentos do mal e dos conflitos da paixão, os agentes da acção virtuosa que dá um fim à vida mundana (ao ciclo do nascimento e da morte) e que tem sido descrita como a acção digna, a acção ordenada e o acto do yagya, dedicam-se e adoram-no de modo a atingir a redenção.

Evidente e indubitavelmente, o caminho para Deus, para a percepção, é, segundo Krishn, somente possível por um preceptor realizado. Aquele que desempenhar a tarefa ordenada sob a orientação de um mentor adquire a mestria da capacidade espiritual, bem como da acção perfeita. Tal é evidenciado nos versos seguintes.

29. "Apenas aqueles que buscam a libertação do ciclo do nascimento e da morte ao recorrer ao abrigo sob a minha alçada, apreenderão Deus, a sabedoria espiritual e toda a acção."

O conhecimento de Deus, a familiaridade com a Alma individual e Universal, assim como toda a acção, preparam uma pessoa espiritualmente para se refugiar em Deus e buscar a libertação derradeira. Paralelamente...

30. "Aqueles que me crêem como o Espírito presente em todos os seres (adhibhut) e deuses (adhidaiv), assim como no yagya (adhiyagya) e nas mentes fixadas em mim, percepcionar-me-ão no final."

येषां त्वन्तगतं पापं जनानां पुण्यकर्मणाम्।
ते द्वन्दवमोहनिर्मुक्ता भजन्ते मां दृढव्रताः ।।२८ ।।
जरामरणमोक्षाय मामाश्रित्य यतन्ति ये।
ते ब्रह्म तद्विदुः कृत्रनमध्यात्मं कर्म चाखिलम् ।।२९ ।।
साधिभूताधिदैवं मां साधियज्ञं च ये विदुः।
प्रयाणकालेऽपि च मां ते विदुर्युक्तचेतसः ।।३०।।

Aqueles que conhecem Krishn conhecem também o Espírito Supremo que anima todos os seres, todos os deuses e o yagya. Aqueles, cujas mentes se encontram absortas nele, conhecem o Deus em Krishn, residem nele e atingem-no para toda a eternidade. Nos versos 26 e 27, Krishn afirmou que os homens não o apreendem por serem ignorantes. Porém, aqueles que aspiram libertar-se da ilusão, conhecem-no juntamente com Deus, a incorporação da perfeição, a identidade entre ele, a Alma individual e o universo material, a acção perfeita. Resumindo, a natureza imaculada do Espírito que reside em todos os seres, deuses e no yagya. A origem de tudo isto está no vidente, o que compreendeu a verdade. Deste modo, a consciência não é impossível de alcançar. Contudo, há um caminho indicado que somente um homem que espera possuir o conhecimento perfeito pode seguir.



Yogeshwar Krishn disse neste capítulo que aqueles que se renderem a ele e praticarem a acção impessoal o vislumbrarão em pleno. Mas são raros aqueles que, entre milhares, se esforçam para o apreender, sendo mais raros ainda aqueles que procuram realmente conhecê-lo. O devoto que tenha percepcionado directamente não o conhece enquanto corpo físico, material, mas sim enquanto Espírito omnipresente. A natureza das oito características trata-se da sua natureza inferior e insensata. Todos os seres nascem da associação destas duas naturezas. Krishn é a origem de toda a criação. Foi ele quem criou tanto o brilho da luz como a bravura nos homens. Ele é a firmeza desinteressada dos fortes e ainda a ambição sagrada dos devotos. Todos os desejos são proibidos, mas Arjun foi aconselhado a alimentar o desejo de o percepcionar. A ocorrência deste durante a busca é igualmente uma bênção por parte dele. O desejo de união com Deus é o único desejo aceite pela essência do dharm.

Krishn acrescentou ainda que os homens ignorantes e insensatos não o adoram pois, escondido atrás do yog-maya, o entendem somente como um comum mortal. Só através da meditação contínua é que os videntes podem percepcionar o véu de maya e apreender a essência imanifesta da sua incarnação física. De outra forma, não pode ser percepcionado.

Existem quatro categorias de devotos: os que ambicionam recompensas, os que sofrem, o que o desejam percepcionar e homens de sabedoria. Os sábios, no final abençoados com a percepção após a prática da medição ao longo de muitos nascimentos, tornam-se unos com Krishn. Por outras palavras, somente a contemplação durante inúmeras vidas permite o alcance de Deus. Porém, os homens afectados pelo apego e pela aversão nunca o poderão apreender. Por outro lado, aqueles que desempenham a acção ordenada (a devoção) num estado isento de ilusões resultantes da atracção mundana e da repulsa e que se encontram empenhados na contemplação para se libertarem da mortalidade, percepcioná-lo-ão plenamente. Conhecem-no juntamente com o Deus omnipresente, a acção perfeita, o adhyatm, adhidaiv e o yagya.

Residindo nele, recordam-no no final, pelo que nunca perdem a sua lembrança. O capítulo pode assim ser resumido como um discurso sobre o conhecimento perfeito de Deus ou o que podemos designar de "conhecimento imaculado".

Assim se conclui o Sétimo Capítulo dos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Disciplina do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado:

"Samagr Gyan" ou "Conhecimento Imaculado".

Assim se conclui a exposição de Swami Adgadanand do Sétimo Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

### YOG COM O DEUS IMPERECÍVEL

No final do capítulo 7, Krishn disse que os yogi que executam actos pios são libertados de todo o pecado e percepcionam o Deus omnipresente. Deste modo, a acção é algo que acarreta conhecimento sobre o Espírito Supremo. Aqueles que o desempenham apreendem-no (a Krishn) juntamente com o Deus omnipresente (o adhidaiv, adhibhoot, adhiyagya, a acção perfeita e Adhyatma¹). A acção trata-se do que nos eleva a eles. Aqueles que os conhecem estão, no final, conscientes de Krishn apenas e este conhecimento nunca se desvanece.

Repetindo as palavras de Krishn, Arjun coloca a seguinte questão:

1. "Arjun pediu: 'Esclarecei-me, ó Ser Supremo, sobre a natureza de Brahm, adhyatm, da acção, de adhibhoot e adhidaiv'."

Os termos adhyatm, acção, adhibhoot e adhidaiv representam um mistério para Arjun que deseja vê-lo esclarecido.

 "Quem é adhiyagya, ó Madhusudan, e como se mantém ele no corpo? E como vos percepciona no final o homem de mente dominada?"

#### अर्जुन उवाच :

किं तद्ब्रह्म किमध्यात्मं किं कर्म पुरुषोत्तम।
अधिभूतं च किं प्रोक्तमधिदैवं किमुच्यते।।१।।
अधियज्ञ: कथं कोऽत्र देहेऽस्मिन्मधुसूदन।
प्रयाणकाले च कथं ज्ञेयोऽसि नियतात्मभि:।।२।।

Quem é adhiyagya e como se encontra ele no corpo? É evidente que o actor do yagya se trata de uma Alma alojada num corpo humano. Ecomo faz o homem com uma mente totalmente controlada para vislumbrar Krishn no final? São ao todo sete perguntas e Krishn dá início às respostas por essa ordem.

 "O Senhor disse: 'Aquele que for imperecível é o Espírito Supremo (Brahm); ao habitar um corpo é adhyatm; e a cessação das propriedades nos seres que produzem algo trata-se da acção'."

Aquele que for indestrutível, que nunca morra, revela-se como o Espírito Supremo. A devoção constante ao auto-domínio da Alma é adhyatm. Antes deste estádio, somos todos comandados pelo maya, mas quando alguém habita convictamente em Deus e no seu próprio Eu, é-lhe incutido o sentimento de supremacia do seu Eu. Tal representa o culminar do adhyatm. A cessação, o término da vontade dos seres que resulta na criação tanto do bem como do mal é, por outro lado, o coroar da acção. Esta trata-se da acção perfeita de que Krishn referiu ser conhecida dos yogi. A acção fica então completa e, assim, deixa de haver necessidade para tal. A acção é aperfeiçoada quando os desejos dos seres que originam o sanskar favorável e desfavorável são eliminados. Para além disto, não se dá mais a necessidade da acção. Assim, a verdadeira acção é aquela que propicia um fim aos desejos. Uma acção assim implica devoção e contemplação inerentes ao yagya.

4. "Adhibhoot trata-se de tudo que se encontra sujeito aos nascimentos e às mortes. O Espírito Supremo é adhidaiv e, ó incomparável entre os homens (Arjun), eu (Vasudev) sou o adhiyagya no corpo."

Até ser atingido o estado de imortalidade, todos os desejos transitórios e destrutíveis se traduzem em adhibhoot ou, por outras palavras, esferas

#### श्रीभगवानुवाच:

अक्षरं ब्रह्म परमं स्वभावोऽध्यात्ममुच्यते। भूतभावोद्भवकरो विसर्गः कर्मसंज्ञितः।।३।। अधिभूतं क्षरो भावः पुरुषश्चाधिदैवतम्। अधियज्ञोऽहमेवात्र देहे देहभृतां वर।।४।। de seres. Estes são a origem dos seres. E o Espírito Supremo que se encontra para além da natureza trata-se de adhidaiv, o criador de todos os deuses, ou seja, dos impulsos do bem (do tesouro divino que se encontra dissolvido nele). Vasudev (Krishn) é adhiyagya no corpo humano, aquele que desempenha o yagya. Desta forma, Deus, residindo como a Alma imanifesta no corpo, revela-se como adhiyagya. Krishn foi um yogi, o apreciador de todas as oblações. E todos os yagya são, por fim, absorvidos por ele. Esse trata-se do momento de percepção da Alma Suprema. Seis das perguntas de Arjun foram respondidas. Finalmente, Krishn aborda a questão de como é apreendido e nunca esquecido.

### 5. "Aquele que partir do corpo recordando-me, atingir-me-á indubitavelmente."

Tal dá ênfase à explicação de Krishn que aquele que corta relações com o corpo, abandonando-o com a sua recordação, atinge certamente a unidade absoluta com ele, ou seja, com total domínio sobre a mente, dando-se a dissolução desta.

A morte do corpo não se trata do final derradeiro, pois a sucessão dos corpos continua depois da morte. Somente quando o último resquício dos méritos ou desméritos adquiridos se tiver dissipado juntamente com a mente controlada se dará o derradeiro fim, após o que a Alma não tem de assumir um novo corpo. Mas este é processo de acção e não pode ser tornado perceptível através das palavras. Enquanto a transferência de um corpo para o outro persistir como uma mudança de roupa, não se dará um verdadeiro fim da pessoa física. Porém, enquanto o corpo estiver vivo, com controlo sobre a mente e a dissolução da mente dominada, as relações físicas encontram-se divididas. Se este estado fosse possível após a morte, nem mesmo Krishn poderia ser perfeito. Este afirmou que apenas a devoção levada a cabo através de inúmeros nascimentos permite a um sábio identificar-se com ele. O devoto passa então a habitar nele e ele no devoto, não se registando a mínima distância entre eles. Contudo, este facto sucede durante a vida física. Quando a Alma não tem mais de

assumir um novo corpo, então sim esse é o verdadeiro fim do corpo físico.

Este é um retrato da morte efectiva após a qual não se verificam mais nascimentos. Após um outro fim, dá-se a morte física que o mundo aceita enquanto morte, mas após a qual a Alma tem de renascer. Krishn aborda o tema:

 "Um homem alcança, ó filho de Kunti, esse estado com o pensamento com que partiu do corpo devido à sua constante preocupação com esse mesmo estado."

Um homem atinge o que ocupa a sua mente no momento da sua morte. Quão simples, poderá ele presumir. Tudo o que é necessário fazer é apenas lembrarmo-nos de Deus antes de morrer após uma vida inteira de indulgência face aos prazeres. Contudo, segundo Krishn, tal não se processa deste modo. No momento da morte, um homem apenas se recorda daquilo que o ocupou toda a sua vida. Assim, aquilo que é necessário é uma vida plena de contemplação. Na sua ausência, não se dá a lembrança no momento da morte do estado ideal, o qual se pretende atingir.

7. "Desta forma ireis, indubitavelmente, percepcionar-me, se, com a vossa mente e o vosso intelecto dedicados a mim, travardes constantemente uma batalha."

Como podem ter lugar a meditação constante e o combate a travar em simultâneo? Esta parece ser a prática dos guerreiros: enquanto disparam setas, entoam e gritam nomes de divindades ao mesmo tempo. Mas o verdadeiro significado da recordação (a recitação interior do nome) trata-se de algo mais, esclarecido pelo Yogeshwar no verso seguinte:

यं यं वापि रमरन्भावं त्यजत्यन्ते कलेवरम्। तं तमेवैति कौन्तेय सदा तद्भावभावित: ।।६ ।। तरमात्सर्वेषु कालेषु मामनुरमर युध्य च। मय्यर्पितमनो बुद्धिर्मामे वैष्यस्यसंशयम् ।।७ ।। 8. "Possuído pelo yog da meditação e pela mente dominada, ó Parth, aquele que se encontrar constantemente absorvido com o meu pensamento, alcançará a radiância sublime de Deus."

A contemplação de Deus e a prática do vog têm um significado idêntico. A recordação referida por Krishn requer do devoto encontrar-se munido do yog e dominar absolutamente a mente de modo a nunca se desviar de Deus. Se estas condições se verificarem e o devoto se recordar sempre delas, este atingirá a magnificência de Deus. Se o pensamento relativamente a outros objectos ocorrer, a memória será ainda imperfeita. Porém, quando esta for subtil de modo a não se verificar mais lugar para outro pensamento que não aquele dedicado exclusivamente a Deus e que não se dedique a outros desejos, como poderá esta ser possível paralelamente ao acto do combate? Que tipo de combate é esse? Quando a mente se retira de tudo e se concentra no objecto de adoração, os sentimentos de apego e ira, de amor e ódio, motivados pelas propriedades naturais, surgem como obstáculos. Tentamos lembrar-nos e concentrarnos, porém estas sensações agitam a mente, desviando-a da memória pretendida. A superação destes impulsos externos trata-se do combate, podendo estes ser eliminados apenas através da meditação contínua. É esta a batalha que o Geeta retrata. A dificuldade então abordada refere o objecto da meditação, falando Krishn sobre o assunto.

9. "Aquele que se recordar do Deus omnisciente, sem principio nem fim, que reside na Alma que regula todos os seres, o mais subtil entre os subtis, imanifesto, o provedor de tudo, para além do pensamento, munido de luz da consciência e muito além da ignorância,..."

Deus encontra-se além do pensamento e é inconcebível. Enquanto a mente persistir, os desejos subsistirão igualmente e este não será percepcionado. Este só se dá a conhecer após a mente perfeitamente controlada se dissolver. No sétimo verso, Krishn fala da contemplação

अभ्यासयोगयुक्तेन चेतसा नान्यगामिना।
परमं पुरुषं दिव्यं याति पार्थानुचिन्तयन।।८।।
कविं पुराणमनुशासितारमणोरणीयांसमनुरमरेद्य:।
सर्वस्य धातारमचिन्त्यरूपमादित्यवर्ण तमस: परस्तात्।।९।।

da sua pessoa pelo devoto, abordando agora a contemplação de Deus. Deste modo, o instrumento da meditação assume-se como a Alma realizada munida com a consciência da realidade.

10. "Tal homem alcançará o esplendoroso Ser Supremo com uma concentração constante, com a força vital centrada firmemente entre as sobrancelhas pela força do yog."

O devoto que meditar constantemente em Deus com uma mente resoluta percepcionará a sua magnificência quando a sua mente se dissolver pela força do seu yog, pela força adquirida através da execução da acção ordenada, permitindo-lhe centrar a sua força vital entre as sobrancelhas, de modo a se não registar agitação interior nem nenhuma manifestação de desejos de origem externa. Resumindo, a percepção realiza-se num estado em que todas as propriedades (sattwa, rajas e tamas) se encontram perfeitamente tranquilas. A visão da mente permanece preparada no eu e alcança pelo devoto que mantém sempre em mente que o yog se trata do caminho ordenado para a percepção. Este caminho revela-se como yog que Krishn delineou longamente nos capítulos 5 e 6. Este disse a Arjun: "Lembrai-vos sempre de mim". Como foi referido, tal é efectuado através do repouso constante de acordo com os preceitos do yog. Aquele que o atingir conhecerá a magnificência de Deus e tornar-se-á uno com ele, pelo que a sua memória nunca será eliminada da sua mente. Assim, a questão sobre o modo como Deus é percepcionado no momento do abandono do corpo fica respondida. Abordemos agora a condição suprema que se deveria traduzir no objectivo do devoto e à qual o discurso do Geeta se refere repetidamente.

11. "Falar-vos-ei brevemente sobre o estado derradeiro que os conhecedores dos Ved designam de imperecível (o acto sem desejo) e que é percepcionado pelos homens que o aspiram e praticam a abstenção."

प्रयाणकाले मनसाचलेन भक्त्या युक्तो योगबलेन चैव।
भुवोर्मध्ये प्राणमावेश्य सम्यक् स तं परं पुरुषमुपैति दिव्यम्।।१०।।
यदक्षरं वेदविदो वदन्ति विशन्ति यद्यतयो वीतरागाः।
यदिच्छन्तो ब्रह्मचर्यं चरन्ति तत्ते पदं संग्रहेण प्रवक्ष्ये।।११।।

Tal como indicado na exposição do décimo quarto verso do capítulo 6, a abstenção trata-se da concentração contínua em Deus pela rejeição de todas as associações externas da mente e não tanto pelo controlo dos instintos sexuais. A meditação constante é a verdadeira abstenção, pois só esta origina a percepção de Deus e a absolvição final. Um exercício desta natureza traduz-se no domínio não de um, mas de todos os sentidos. Aqueles que o conseguem executar são verdadeiros celibatários. O que Krishn dirá a Arjun sobre esta disciplina é algo a ser devidamente considerado por todos os corações.

### 12. "Fechando as portas a todos os sentidos, ou seja, dominandoos face ao desejo dos seus objectos, confinando o intelecto ao Eu, restringindo a sua força vital à sua mente e absorto no yog..."

À necessidade de renúncia do desejo através do controlo perfeito dos sentidos é dada repetidamente ênfase. A mente deve estar confinada ao Eu, pois a contemplação e devoção têm lugar no Eu, não no exterior. Controlando a mente a força vital centrada entre ambas as sobrancelhas e, evidentemente, empenhado na prática do yog, para o devoto este é um pré-requisito essencial.

## 13. "Aquele que, recordando-me, partir do corpo entoando o OM, Deus em palavra, alcançará a salvação."

O sábio que perece sabendo que o Deus imperecível é a realidade, alcança o estado de felicidade sublime. Krishn é um yogi, um vidente que alcançou a consciência da derradeira verdade. Enquanto sábio esclarecido, um preceptor realizado, este incita Arjun a recitar o OM, símbolo de Deus e a contemplá-lo. Todas as grandes almas são conhecidas pelo nome da entidade que pretendem alcançar e na qual foram assimiladas. Por esta razão, Krishn prepara Arjun para proferir o nome de Deus mas a lembrar-se da sua forma (de Krishn). É de notar que não aconselha Arjun a recitar o seu nome. Contudo, com o passar do

सर्वद्वाराणि संयम्य मनो हृदि निरुध्य च। मूध्न्याधायात्मनः प्राणमास्थितो योगधारणाम्।।१२।। ओमित्येकाक्षरं ब्रह्म व्याहरन् मामनुरमरन्। यः प्रयाति त्यजन्देहं स याति परमां गतिम्।।१३।। tempo, Krishn foi divinizado e os homens deram início à récita do seu nome, sendo recompensados, mas somente de acordo com a natureza da sua dedicação. Krishn declarou a Arjun que é ele quem tanto fortalece a devoção de tais devotos como determina sobre as suas recompensas. Porém, essas recompensas são destruídas juntamente com os seus receptores.

É útil recordar como o Senhor Shiv, o iniciador do yog, insistiu na récita da sílaba "Ram", que significa a omnipresença de Deus e que só pode ser experienciada enquanto voz interior. O santo Kabir afirmou ainda ter praticado constantemente a récita constante de dois sons traduzidos em "ra" e "m". Neste caso, Krishn defende a utilidade de OM. Deus é conhecido por muitos nomes, mas somente aquele que proporciona e confirma a fé no único Deus é digno de lembrança constante e récita. Os devotos são devidamente advertidos por Krishn que o nome que recitam de tempos a tempos não deve ser aquele que pode tendê-los ou encorajálos a crer numa multiplicidade de deuses e deusas que nada mais são do que mitos. OM é único no sentido em que denota que a autoridade suprema de Deus é inerente a todos os "eus". Assim, os videntes devem desistir de deambular por aí na tentativa de o encontrar no seu interior.

O reverenciado Maharaj Ji aconselhava frequentemente os seus devotos a recordarem a sua forma enquanto entoavam um nome como OM, Ram ou Shiv, de modo a visualizá-lo e, com ele ante eles, a lembrar o deus idêntico, o objecto da sua devoção. Independentemente de nos dirigirmos a Ram, Krishn ou a um eremita isento de qualquer desejo e prazeres sensoriais ou a qualquer outro ser, de acordo com a sua inclinação, só os podemos conhecer através da verdadeira experiência, após a qual nos indicam o caminho para um preceptor realizado cuja orientação nos deve permitir a conquista lenta mas segura do mundo material. De início, também eu costumava contemplar uma enorme imagem de Krishn, no entanto, essa imagem foi gradualmente eliminada da minha mente através da percepção do meu preceptor iluminado.

Os noviços entoam o nome da divindade, porém, hesitam em fazê-lo enquanto chamam um sábio sob a forma humana. São incapazes de descartar o preconceito das suas crenças. Deste modo, recordam-se de algum outro deus. Mas esta prática é, como vimos, proibida por

Yogeshwar Krishn enquanto acto ímpio. O caminho adequado passa por encontrar refúgio num sábio realizado, um preceptor esclarecido ou iluminado que já tenha passado por essa experiência. Os dogmas erróneos são então destruídos e o devoto sente-se capaz de executar uma verdadeira acção, pois os seus impulsos pios e a capacidade de agir de acordo com os mesmos são suficientemente fortes. Assim, segundo Krishn, a mente é dominada e, por fim, dissolvida através da récita simultânea do OM bem como da lembrança da sua forma. Esta é a altura em que os diferentes níveis de sanskar acumulados (os méritos da acção) são dissolvidos e todas as relações corporais se desvanecem para todo o sempre. Ninguém se liberta do corpo apenas através da morte física.

14. "O yogi que me for firmemente devoto e que se recordar constantemente de mim e estiver absorto em mim, percepcionarme-á facilmente."

Krishn pode ser facilmente apreendido pelo devoto que somente o retenha a ele na sua mente e que se lhe dedique resolutamente e o recorde constantemente. A vantagem desta percepção é relatada no verso seguinte.

15. "Os sábios que alcançarem o estado derradeiro não se encontrarão mais sujeitos ao nascimento transitório que se traduz numa casa de penas."

Só após atingir o Espírito Supremo é que não se nasce novamente. Krishn fala então da esfera do nascimento repetido.

16. "Todos os mundos, de Brahmlok até aos mais inferiores, são, ó Arjun, de natureza recorrente, porém, ó filho de Kunti, a alma que me percepciona não renascerá."

> अनन्यचेताः सततं यो मां स्मरित नित्यशः। तस्याहं सुलभः पार्थ नित्ययुक्तस्य योगिनः।।१४।। मामुपेत्य पुनर्जन्म दुःखालयमशाश्वतम्। नाप्नुवन्ति महात्मानः संसिद्धिं परमां गताः।।१५।। आब्रह्मभुवनाल्लोकाः पुनरावर्तिनोऽर्जुन। मामुपेत्य तु कौन्तेय पुनर्जन्म न विद्यते।।१६।।

O conceito de diferentes mundos (lok) em escrituras sagradas tratase de um exercício na criação da metáfora. Não se verifica um fosso sombrio num mundo inferior designado por inferno, no qual sejamos ferrados e torturados por criaturas venenosas, tal como não existe um local no céu chamado paraíso. O próprio homem é um deus ao ser envolto em instintos pios. Do mesmo modo é um demónio ao ser assolado por impulsos ímpios. Os próprios familiares de Krishn como Kans, Shishupal e Banasur foram amaldiçoados com naturezas demoníacas. Os deuses, os homens e os sub-humanos constituem os três mundos metafóricos. Krishn insiste que o Eu, com a mente e os cinco sentidos, assume novos corpos segundo o sanskar adquirido ao longo de inumeráveis vidas.

Os deuses, incorporações de virtude, que podemos considerar imortais, também se encontram sujeitos à morte. E não se pode registar maior perda do que a destruição da piedade neste mundo mortal. Qual a utilidade de um corpo divino se contribui para a destruição do bem adquirido? Todos os mundos, desde o mais superior ao mais inferior, são mundos de sofrimento. Apenas o homem pode dar forma à acção através da qual atingirá o objectivo supremo e após o qual não se dá mais ciclo de nascimento e morte. Através da acção ordenada o homem pode tornarse Deus e alcançar a posição de Brahma, a primeira divindade da sagrada Trindade Hindu, a guem é atribuída a tarefa da criação. Ainda assim, este não será poupado do nascimento repetido até que, com a mente controlada e diluída, percepcione Deus e se dissolva nele. Os Upanishad revelam a mesma verdade. De acordo com o Kathopanishad, o humano mortal pode ser imortal e, com o corpo físico e neste mundo, alcançar a percepção directa do espírito Supremo pela destruição de todos os apegos do coração.

Será Brahma, criador do mundo, também ele um mortal? Krishn afirmou no capítulo 3 que a mente de Prajapati Brahma se trata de uma mera ferramenta e que Deus se manifesta através dele. São estas grandes almas que recomendam o yagya. Contudo, agora é revelado que até mesmo aquele que alcança o status de Brahma tem de nascer novamente. Afinal, o que pretende Krishn dizer verdadeiramente?

Na verdade, os sábios esclarecidos através dos quais Deus se manifesta, não são possuidores de uma mente idêntica a Brahma, mas dirigem-se a ele, pois ensinam e praticam o bem. Estes não são Brahma no seu eu, dado que a mente dissolver-se-á, mas as suas mentes existem no decurso da devoção antes de atingirem o estádio de Brahma. Essa mente, constituída pelo ego, intelecto, pensamento e sentimento, é extremamente vasta e idêntica a Brahma.

Mas a mente de um homem comum não é Brahma. Brahma começa a ganhar forma a partir do momento em que a mente se aproxima do Deus adorado. Os analistas de grande erudição descreveram quatro estádios deste processo, que foi assinalado no capítulo 32. Se os recordarmos, estes são brahmvit, brahmvidwar, brahmvidwariyan e brahmvidwarisht. Brahmvit reflecte-se na mente envolvida pelo conhecimento do Espírito Supremo (brahmvidya). Brahmvidwar é o estado em que se alcançou a excelência de tal conhecimento. Muito mais do que atingir a distinção no conhecimento de Deus, brahmvidwariyan tratase da mente que se transformou num médium da disseminação do conhecimento e da orientação para aqueles que desejam percorrer este caminho. Brahmvidwarisht representa o último estádio em que se é inundado pela consciência do Deus adorado. A mente tem a sua existência até este estádio, pois Deus, que a irradia, é dela retirado. O devoto ainda se encontra nos limites da natureza e, apesar do elevado estádio, ainda está sujeito a repetidos nascimentos e mortes.

Quando a mente (Brahma) existe em esplendor celestial, todo o ser e a sua corrente de pensamento se encontram conscientes e alerta. Mas são inconscientes e inertes quando são domados pela ignorância espiritual. Tal foi descrito como a claridade e a escuridão ou o dia e a noite. Estas são as rendições figurativas dos diferentes estados da mente.

Até mesmo num estado superior idêntico a Brahma, abençoado pelo conhecimento de Deus e sobrevoando a sua radiância, a sucessão constante do dia do conhecimento espiritual (que unifica o Eu com o Espírito Supremo) e a noite da ignorância, da luz e da escuridão, persistem. Até mesmo neste estádio, o maya prosseguirá a comandar. Quando se dá a resplandecência do conhecimento, os seres insensatos tornam-se conscientes e começam a vislumbrar o objectivo supremo.

2

Por outro lado, quando a mente submerge na escuridão, os seres encontram-se num estado de ignorância (ausência de conhecimento). A mente não pode ascender à posição respectiva e a progressão em direcção a Deus é interrompida. Estes estádios de conhecimento e ignorância traduzem-se no dia e na noite de Brahma. À luz do dia, os inúmeros impulsos da mente são iluminados pelo esplendor divino, ao passo que na noite da ignorância, os mesmos impulsos são envoltos pela penumbra impenetrável da insensibilidade.

A percepção do Deus imutável e imanifesto, indestrutível e muito além da mente imanifesta, é afectada quando as inclinações tanto do bem como do mal, do conhecimento e da ignorância, são totalmente subjugadas e quando todas as formas de desejo (as sensíveis, assim como as insensíveis) desaparecem de vista na escuridão da noite, tendo sido eliminadas à luz do dia.

Uma Alma realizada é aquela que foi além destes quatro estádios da mente. Nele não se encontra qualquer mente pois transformou-se num mero instrumento de Deus. Ainda assim, este parece ter mente pois instrui outros, incitando-os resolutamente. Mas, na verdade, este encontrase além das operações mentais, já que percepcionou o seu lugar na derradeira realidade imanifesta e conquistou a libertação do ciclo de nascimentos e mortes. Porém, ainda antes disso, enquanto ainda possuir mente, será Brahma e sujeito a repetidos nascimentos. Lançando luz sobre estes assuntos, Krishn afirma:

17. "O yogi que conhece a realidade de um dia de Brahma, que corresponde à duração de mil eras (yug), e de uma noite, igualmente com a duração de mil eras, conhecerá a essência do tempo."

No décimo sétimo verso, o dia e a noite são utilizados como símbolos de conhecimento e ignorância. Brahma assume-se como ser quando a mente é envolvida pelo conhecimento de Deus (brahmvit), ao passo que a mente que tenha alcançado o estado de brahmvidwarisht se traduz no

ponto culminante de Brahma. A mente munida de conhecimento corresponde a um dia de Brahma. Quando o conhecimento age sobre a mente, o yogi faz progressos no seu caminho em direcção a Deus, sendo que as inúmeras predilecções da sua mente são ofuscadas pela sua radiância. Por outro lado, quando a noite da ignorância prevalece, a mente e o coração são inundados pelas contradições do maya entre múltiplos impulsos. Trata-se do limite máximo da luz e da escuridão. Para além de ambas não se verifica nem ignorância nem conhecimento, pois a essência final de Deus será então directamente apreendida. Os yogis que percepcionaram essa essência conhecem a realidade do tempo. Sabem quando a noite da ignorância se põe e quando o dia do conhecimento amanhece, bem como os limites do domínio do tempo – o momento em que este nos pode seguir.

Os sábios do yore descreveram o domínio interior enquanto pensamento ou, por vezes, intelecto. No decurso do tempo, as funções da mente foram divididas em quatro categorias que se tornaram conhecidas como mente, intelecto, pensamento e ego. No entanto, os impulsos são intermináveis. É no interior da mente que se regista a noite da ignorância e também o dia do conhecimento. São estes os dias e as noites de Brahma. No mundo mortal, que se traduz numa forma de escuridão, todos os seres se encontram num estado de insensibilidade. Deambulando no meio da natureza, as suas mentes não conseguem apreender o deus radiante. Porém, aqueles que praticam o yog despertaram da apatia da insensibilidade e derem início à sua busca de Deus.

Segundo Goswami Tulsidas no Ram Charit Manas, a sua versão do Ramayana, até a mente munida de conhecimento se degrada ao estado de ignorância pela associação demoníaca. No entanto, é recuperada pela luz de uma companhia virtuosa. Esta alteração de ascensão e declínio espiritual prossegue até ao momento de percepção. Contudo, após a apreensão do objectivo derradeiro, não se verifica mais Brahma, nem mente, nem noite, nem dia. O dia e a noite de Brahma tratam-se apenas de metáforas. Não existem nem uma noite nem um dia que dure mil anos, nem mesmo um Brahma com quatro caras. O brahmvit, brahmvidwar, brahmvidwariyan e brahmvidwarisht, os quatros estádios

consecutivos da mente, são as suas quatro faces, e as quatro principais divisões da mente são as suas quatro eras (yug). O dia e a noite encontramse nas tendências e operações da mente. Aqueles que sabem deste segredo compreendem o mistério do tempo – até onde este nos persegue e quem o pode transcender. Krishn explica então as necessidades caracterizadoras do dia e da noite: o que há fazer no estádio do conhecimento e na escuridão da ignorância.

18. "Todos os seres manifestos nascem do corpo subtil de Brahma ao nascer do seu dia, sendo igualmente dissolvidos no mesmo corpo imanifesto ao cair da sua noite."

Com o amanhecer do dia de Brahma, ou seja, com o início do conhecimento, todos os seres despertam na sua mente imanifesta e, nessa mesma mente subtil e imanifesta, caíram na inconsciência. Os homens são incapazes de vislumbrar o Espírito Supremo pois não têm existência. A mente, imanifesta e invisível, trata-se do médium tanto da consciência com da inconsciência, tanto do conhecimento como da ausência dele.

19. "Assim, os seres que despertarem para a consciência serão compelidos pela natureza a recair na inconsciência ao cair da noite, renascendo então, ó Parth, com o nascer do dia."

Enquanto a mente persistir, a sucessão de conhecimento e ignorância prosseguirá. E enquanto assim for, aquele que busca será apenas um devoto e não um sábio realizado.

20. "Mas, para além de Brahma imanifesto, há ainda o Deus eterno e imanifesto que não é destruído nem mesmo após a destruição de todos os seres."

> अव्यक्ताद्व्यक्तय्ः सर्वाः प्रभवन्त्यहरागमे । रात्र्यागमे प्रलीयन्ते तत्रैवाव्यक्तसंज्ञके ।।१८ ।। भूतग्रामः स एवायं भूत्वा भूत्वा प्रलीयते । रात्र्यागमेऽवशः पार्थ प्रभवत्यहरागमे ।।१९ ।। परस्तरमात्तु भावोऽन्योऽव्यक्तोऽव्यक्तात्सनातनः । यः स सर्वेषु भूतेषु नश्यत्सु न विनश्यति ।।२० ।।

Por um lado, a mente que é Brahma é imperceptível. Não pode ser apreendida pelos sentidos. Por outro lado, regista-se o Espírito Supremo eterno e imanifesto que nunca é destruído, nem mesmo com a destruição dos seres físicos ou do Brahma invisível (mente) que ganha consciência com o surgimento do conhecimento e se perde na inconsciência quando o conhecimento se dilui na escuridão da ignorância. Deus existe até mesmo após a destruição das inclinações da mente que despertam com a luz do dia e regressam à insensibilidade na escuridão da noite. Estas variações de ascensão e declínio da mente terminam só com a percepção de Deus, a ultima morada. Com a percepção do Espírito Supremo, a mente ganha cor, tornando-se no que ele é. Este trata-se do momento em que a mente é eliminada, permanecendo apenas o Deus eterno e imanifesto.

21. "O Deus imanifesto e imperecível que se diz ser a salvação e após cuja percepção não se regressa ao mundo, será a minha ultima morada."

O eterno estado imanifesto é imortal, sendo designado de esclarecimento (ou percepção) do objectivo supremo! Krishn declarou: "Esta é a minha última morada. Após alcançá-la, não se regressa à vida mortal nem se volta a nascer". Assim, explica a Arjun a forma de atingir o estado eterno e imanifesto.

22. "E, ó Parth, que Deus, em todos os seres existente e que se encontra em todo o mundo, seja percepcionado através da devoção constante."

A devoção constante e permanente significa o acto de recordar apenas Deus, de modo a se tornar uno com ele. Krishn revela então quando os homens de devoção se encontram nos limites do nascimento contínuo e quando já os ultrapassaram.

अव्यक्तोऽक्षर इत्युक्तस्तमाहुः परमां गतिम्। यं प्राप्य न निवर्तन्ते तद्धाम परमं मम।।२१।। पुरुषः स परः पार्थ भक्त्या लभ्यरत्वनन्यया। यस्यान्तःस्थानि भूतानि येन सर्वमिदं ततत्।।२२।। 23. "E, ó melhor dos Bharat, esclarecer-vos-ei sobre as formas como, após a renúncia ao corpo, um yogi atinge o estado de cessação de nascimentos e renascimentos."

A libertação do renascimento, como se verá, é alcançada por aqueles que vivem à luz do conhecimento.

24. "Aqueles que abandonarem o corpo na presença das chamas luminosas, a luz do dia, o sol, a lua crescente na metade luminosa do mês e o céu limpo na altura em que o sol se move para norte, alcançarão Deus."

O fogo é um símbolo da radiância de Deus, assim como o dia é do conhecimento. A claridade da metade de um mês lunar representa a pureza. As seis características do discernimento, da renúncia, da contenção, da tranquilidade, da coragem e do intelecto traduzem-se nos seis meses do movimento ascendente do sol. O estado de ascensão representa o progresso do sol em direcção ao norte do equador. Esclarecido pelo conhecimento da realidade, muito para além da natureza, os sábios atingem Deus não voltando a renascer. Porém, o que sucedo aos devotos que não apreendem este estado de magnificência divina apesar da sua devoção?

25. "Perecendo durante a ocorrência da ignorância de uma noite de penumbra, a metade sombria de um mês lunar, e os seis meses de declínio do sol, o yogi que desejar os frutos da sua acção alcançará a fraca luz da lua<sup>3</sup> e renascerá após gozar as suas recompensas no céu."

यत्र काले त्वनावृत्तिमावृत्तिं चैव योगिन:।
प्रयाता यान्ति तं कालं वक्ष्यामि भरतवर्ष।।२३।।
अग्निज्योंतिरहः शुक्लः षण्मासा उत्तरायणम्।
तत्र प्रयाता गच्छन्ति ब्रह्म ब्रह्मविदो जनाः।।२४।।
धूमो रात्रिस्तथा कृष्णः षण्मासा दक्षिणायनम्।
तत्र चान्दमसं ज्योतिर्योगी प्राप्य निवर्तते।।२५।।

O sábio Pippalad afirma no Upanishd Prashn: "Deus, o Senhor dos seres, efectuou pran, a energia primordial (principio masculino) e rayi (principio feminino), a forma. Pran, a energia primordial, trata-se do sol; e rayi, a substância formadora, é a Lua.

A Alma encontra-se ainda muito distante de Deus, partindo do corpo quando o fogo sagrado do seu yagya se desvanece com o fumo, quando a noite da ignorância prevalece, quando a lua mingua na metade sombria do mês, quando a penumbra persiste e a mente absorta é assolada pelos seis vícios da paixão, da ira, da ganância, da ilusão, da vaidade e da malícia. Então nasce-se novamente. Significará isto que juntamente com o seu corpo, também a devoção deste devoto é aniquilada?

26. "O caminho da claridade (que conduz a Deus) e o caminho da escuridão que leva ao submundo (o mundo dos manes para onde foram antecedentes que há muito partiram) revelam-se como dois caminhos eternos no mundo. Aquele que percorrer o primeiro alcançará o estado de cessação de nascimentos, ao passo que aquele que percorrer o segundo estará sujeito ao ciclo do nascimento e da morte."

Ambos os caminhos, o da luz e o da escuridão, do conhecimento e da ignorância, são eternos. Porém, os méritos da devoção nunca são destruídos. Aquele que perecer no estádio do conhecimento e claridade, atingirá a salvação derradeira, porém aquele que abandonar o corpo no estádio da ignorância e escuridão terá de regressar e submeter-se a novo nascimento. Esta sucessão de nascimentos prosseguirá até a luz ser perfeita, até lá o devoto terá de prosseguir com a sua devoção. A dificuldade será então ultrapassada e Krishn debruça-se sobre os meios essenciais para atingir a libertação derradeira.

27. "Deveríeis sempre meditar sobre o yog, ó Parth, pois o yogi que conhece a realidade de ambos os caminhos nunca se desilude."

Conhecendo bem os dois caminhos, o yogi está consciente que o seu acto de devoção não será destruído, caso volte a nascer devido à ignorância. Ambos os caminhos são eternos. Assim, Arjun deveria praticar constantemente o yog e dedicar-se à devoção, pois...

शुक्ल कृष्णे गती ह्येते जगतः शाश्वते मते। एकया यात्यनावृत्तिमन्ययावर्ततते पुनः।।२६।। नैते सृती पार्थ जानन्योगी मुह्यति कश्चन। तस्मात्सर्वेषु कालेषु योगयुक्तो भवार्जुन।।२७।। 28. "Conhecendo este segredo, o yogi transcende as recompensas dos estudos védicos, dos ritos de sacrifício, da penitência e da caridade, alcançando a salvação."

Através da contemplação divina, o fruto do vagya, o vogi que apreender o Espírito Supremo pela percepção directa e não apenas pela mera crença ou assumpção, atingirá mais do que as simples recompensas, libertandose para sempre. Esta percepção directa do Espírito Supremo designa-se de Ved - o que tem vindo a ser revelado pelo próprio Deus. Assim, quando se conhece a essência imanifesta, nada mais fica para apreender, pelo que a necessidade dos Ved deixa de existir. O conhecedor é agora idêntico àqueles que revelaram esse conhecimento. O yagya ou a tarefa ordenada foi, anteriormente, uma necessidade, mas uma vez percepcionada a realidade, nada mais se verifica por ansiar. A renúncia aos sentidos e à mente traduziu-se na penitência, porém, até mesmo isso é então desnecessário. A total auto-rendição em pensamento, discurso e acção trata-se da caridade. E o fruto auspicioso de tudo isto revela-se na percepção de Deus. Tudo se torna desnecessário pois o objectivo derradeiro não se encontra mais distante daquele que o busca. O yogi que tenha percepcionado Deus transcende as recompensas dos actos virtuosos o yagya, da penitência, da caridade e de outros ainda, atingindo a absolvição.



Foram expostos cinco pontos principais neste capítulo. De início, curioso com alguns problemas referidos por Krishn no final do capítulo 7, Arjun coloca sete questões. Este deseja conhecer a natureza do Espírito Supremo, de adhyatm, da acção perfeita, de adhidaiv, adhibhoot, e de adhiyagya e como ele (Krishn) pode ser percepcionado de modo a nunca ser esquecido. Respondendo a estas perguntas, Krishn riposta que é Deus quem é imperecível. A devoção que assegura a percepção de Deus trata-se de adhyatm, sendo este o conhecimento que conduz o homem ao domínio do Eu ao libertá-lo da supremacia do maya. A acção perfeita traduz-se na eliminação das propriedades inatas da natureza que

वेदेषु यज्ञेषु तप:सु चैव दानेषु यत्पुण्यफलं प्रदिष्टम्। अत्येति तत्सर्वमिदं विदित्वा योगी परं स्थानमुपैति चाद्यम्।।२८।। produzem tanto as sensações do bem como do mal (sanskar), a abolição ou destruição destas propriedades. Não há assim mais necessidade de mais acção após isto. A verdadeira acção é algo que destrói a origem dos atributos designados por sanskar.

Transitórios, os desejos perecíveis revelam-se como adhibhoot. Por outras palavras, o eu destruído é o médium que gera todos os seres. Adhidaiv trata-se do Espírito Supremo e nele se encontra dissolvido o tesouro divino. Krishn revela-se como adhiyagya no corpo, pois todos os sacrifícios do yagya são executados em sua honra. É ele o agente que desempenha os sacrifícios. E é ainda nele que todos os sacrifícios se diluem. Adhiyagya é alguém que vive num corpo, não fora dele. A última questão de Arjun prende-se com o modo como Krishn é apreendido no final. Krishn esclarece que os homens que o contemplam apenas a ele e nada mais e que abandonam o seu corpo com o pensamento nele, apreendem-no pela percepção directa, tornando-se unos com aquilo que percepcionaram. Uma vez que o contemplaram sempre a ele, alcançarão no final aquilo que sempre tiveram presente nas suas mentes. Este conhecimento não se dá após a morte física. Se a perfeição se processasse após a morte física, Krishn não seria imaculado. Se assim fosse, este não seria detentor do conhecimento adquirido da prática da disciplina espiritual através de inúmeras vidas. O verdadeiro fim sucede quando até a mente dominada cessa, processo após o qual o assumir de novos corpos é descontinuado para todo o sempre. O devoto dilui-se então no Espírito Supremo, não voltando a nascer mais.

Segundo Krishn, a memória trata-se do modo para atingir a percepção. ssim, Arjun deveria lembrá-lo constantemente e travar a batalha. Mas como será possível fazer ambos simultaneamente? Será que Krishn se refere à prática comum de combater e, ao mesmo tempo, de proclamar o nome de uma divindade? A lembrança, tal como definida por ele, trata-se da sua contemplação incessante sem dedicar um pensamento a mais ninguém. Quando a memória se encontra tão refinada, contra quem pode ele lutar? Que batalha será possível com uma absorção tão intensa na mente por um simples objecto. Na verdade, o verdadeiro modo de "guerrear" exposto no Geeta emerge apenas quando o devoto se entrega em devoção total e constante. É também neste estado que as propriedades

obstrutivas do maya se tornam claramente visíveis. A paixão, a ira, o apego e a aversão tratam-se dos piores inimigos, pois obstruem a memória do devoto, pelo que a sua superação se traduz no combate. O objectivo supremo é alcançado apenas após a destruição de tais inimigos.

Assim, Arjun é aconselhado a recitar a sagrada sílaba OM, contemplando a forma de Krishn, um adepto do yog. Recitar o nome da divindade, visualizando simultaneamente a forma conhecida de um mentor nobre, um preceptor esclarecido ou realizado, é a chave para o sucesso da devoção.

Neste capítulo, Krishn referiu ainda o problema de renascer, afirmando que todo o mundo, de Brahma à criatura mais inferior, volta a nascer. Porém, mesmo após a destruição de todas essas vidas, o ser sublime e imanifesto (de Krishn), bem como a devoção constante a ele dedicada, nunca cessam.

Aquele que tenha dado início ao yog depara-se com dois caminhos que pode seguir. No primeiro destes caminhos, abençoado com a radiância do conhecimento perfeito, munido de uma hexa-perfeição (verso 24), em estado de ascensão e absolutamente isento de qualquer blasfémia, é assegurada a perfeição ao devoto. Mas se se registar a mínima imperfeição nele ou qualquer resquício de penumbra prevalente na noite escura do mês, abandonando ele o corpo nesse estado, terá de se submeter a mais outro nascimento. Contudo, uma vez que foi devoto, em lugar de ser condenado ao ciclo vicioso do nascimento e da morte, empenhar-se-á novamente após o novo nascimento à tarefa de concretizar a devoção incompleta.

Deste modo, seguindo o caminho da acção no nascimento seguinte, o devoto imperfeito pode, também ele, atingir o objectivo supremo. Krishn afirmou ainda que até mesmo a realização parcial da devoção não termina até ter resultado em toda a libertação do grande temor da vida e da morte. Ambos os caminhos são eternos e indestrutíveis. Aquele que compreender este ensinamento será para sempre resoluto e estará tranquilo. Assim, Arjun é aconselhado a tornar-se um yogi, pois estes transcendem até as recompensas mais sagradas dos estudos védicos

(a penitência, o yagya e a caridade), alcançando, desta forma, a libertação derradeira

Em vários momentos deste capítulo se fez referência ao objectivo supremo como sendo a percepção de Deus, sendo este representado como imanifesto, imperecível e eterno

Assim se conclui o Oitavo Capítulo dos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Disciplina do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado "Akshar Brahm Yog" ou "Yog com o Deus Imperecível".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Oitavo Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta"

HARI OM TAT SAT

### ENSEJO PELO ESCLARECIMENTO SPIRITUAL

Até ao capítulo 6, Krishn fez uma análise sistemática do yog. O seu significado exacto, tal como foi referido, revela-se na conduta do yagya. O yagya representa a especial forma de devoção que proporciona acesso a Deus, na qual todo o mundo animado e inanimado é ofertado enquanto sacrifício. A essência imortal é percepcionada pela mente dominada, dando-se, por fim, a derradeira dissolução da mesma. Aquele que tomar conhecimento do que é gerado pelo yagya à sua conclusão, é alguém verdadeiramente iluminado, um sábio esclarecido e um preceptor realizado unido ao Deus eterno. Esta união, a junção da Alma individual e da Alma Cósmica, denomina-se yog. A conduta do yagya intitula-se acção. Krishn referiu então no capítulo 7 que os agentes desta acção o vislumbram juntamente com Deus omnipresente, a acção perfeita, adhyatm e adhidaiv, bem como adhibhoot e adhiyagya. No capítulo 8 acrescentou ainda que tal se traduz na salvação, no objectivo supremo.

No presente capítulo, será colocada a questão da grandeza da Alma munida do yog. Mas, sobretudo, Krishn não se deixa afectar. Apesar de agir, ele é um não-agente. Para além de esclarecer a natureza e a influência da Alma iluminada, este capítulo contém também um aviso acerca dos obstáculos, tais como outros deuses, no caminho da prática do yog, dando ênfase à importância de procurar abrigo num sábio realizado, um preceptor esclarecido, possuidor de uma Alma assim.

 "O Senhor disse: 'Eu instruir-vos-ei com analogias neste conhecimento misterioso, ó puro, após o que sereis libertado deste mundo penoso'."

> श्री भगवानुवाच : इदं तु ते गुह्यतमं प्रवक्ष्याम्यनसूयवे। ज्ञान विज्ञानसहितं यज्ज्ञात्वा मोक्ष्यसेऽशुभात्।।१।।

Ao oferecer-se para ministrar este conhecimento com "vigyan", Krishn quer dizer que o ilustrará através das proezas da grande Alma do conhecimento: como tem lugar simultaneamente em todo o lado, como se ilumina e como permanece, enquanto condutor de um carro de combate, sempre junto ao Eu. Sabendo disto, Arjun emancipar-se-á deste mundo de miséria em que a felicidade nunca é permanente.

#### "Este (conhecimento) é o rei de toda a aprendizagem, bem como de todos os mistérios, o mais sagrado, indubitavelmente benéfico, de prática simples e indestrutível."

Substanciado pela ilustração, este conhecimento é o soberano de toda a aprendizagem. Mas esta "aprendizagem" não implica o domínio de um idioma ou uma bolsa de estudos, como habitualmente interpretado. O verdadeiro significado revela-se na possibilidade para aquele que adquiriu esse conhecimento para seguir o caminho de Deus até atingir a salvação. Caso se deixe envolver pela vaidade das suas proezas ou pelo mundo material enquanto percorre o caminho, será evidente que a sua aprendizagem fracassou, revelando-se não como conhecimento, mas apenas um véu de ignorância. Somente o conhecimento real (rajvidya), o esclarecimento espiritual, é indubitavelmente benéfico. Este é o rei de todos os "ensinamentos secretos", pois só é possível alcançá-lo após a prática do vog ser perfeita com o deslindar dos elos do conhecimento e da razão. Sendo o mais sagrado entre os sagrados e abençoado pela experiência, produz ainda frutos, sendo absolutamente transparente. Assim que alcançado, é-se recompensado. Aquele que foi virtuoso durante a vida, não será recompensado com fé cega na vida seguinte. Reforçado pela consciência desta operação, o conhecimento revela-se como indestrutível e de fácil aplicação.

Yogeshwar Krishn referiu a Arjun no capítulo 2 que a semente do yog nunca perece. A sua prática, mesmo que em pequenas atitudes,

### राजविद्या राजगुह्यं पवित्रमिदमुत्तमम्। प्रत्यक्षावगमं धर्म्यं सुसुखं कर्तुमव्ययम्।।२।।

1 Um dos diferentes significados da palavra "Upanishad". O conhecimento contido nos Upanishads é, efectivamente, secreto pois, por tradição, é transmitido apenas àqueles que se encontram espiritualmente capazes para essa revelação e beneficiem da mesma. proporciona a libertação do grande temor da repetição dos nascimentose das mortes. No capítulo 6, Arjun pediu ao Senhor que lhe explicasse a sorte do devoto débil que se desvia do yog e que, deste modo, se encontra privado da percepção, o objectivo final. Krishn afirma então que a necessidade primária se trata de conhecer o caminho desta acção (yog), após o qual, depois de apenas uns passos, os atributos adquiridos através dos mesmos nunca são destruídos. O devoto transporta o sanskar juntamente com ele para a próxima vida e, por virtude do mesmo, desempenha a mesma acção em cada nascimento. Assim, praticando o yog ao longo de várias vidas, alcança-se o estado da salvação, o objectivo supremo. O mesmo é ressaltado no presente capítulo quando Krishn diz que, apesar da prática do yog ser simples e indestrutível, a fé se trata de uma condição indispensável.

 "Aqueles que não têm fé neste conhecimento, ó Parantap, não me alcançarão e estarão condenados a deambular no mundo mortal."

Até o mais pequeno gesto de prática deste dharm nunca se destrói, porém, aquele cuja mente não se encontrar totalmente centrada no objecto da devoção, submeter-se-á a repetidos nascimentos e mortes, em lugar de alcançar Krishn. De momento, o Yogeshwar fala da omnipresença de Deus:

4. "Todo o mundo conhece a minha presença, o Ser Supremo imanifesto, e todos os seres residem na minha vontade, mas eu não me encontro neles."

A forma imanifesta na qual Krishn existe difunde-se em cada átomo do universo e todos os seres vivem nele. Mas este não se encontra neles, pois existe de forma imanifesta. Uma vez que os sábios realizados são unos com o Deus imanifesto, estes descartam os seus corpos e agem do mesmo estado divino.

अश्रद्दधानाः पुरुषा धर्मस्यास्य परंतप।
अप्राप्य मां निवर्तन्ते मृत्युसंसारवर्त्मनि।।३।।
मया ततमिदं सर्वं जगदव्यक्तमूर्तिना।
मत्स्थानि सर्वभृतानि न चाहं तेष्ववस्थितः।।४।।

5. "E nem mesmo todos os seres se encontram em mim, tal é o poder do meu yog-maya que o meu Espírito, o criador e o preservador de todos os seres, não está neles.

Nem sequer todos os seres se encontram em Krishn, pois são mortais e dependentes da natureza. Contudo, tal é a grandeza do seu yog pois, apesar de criar e sustentar todos os seres, o seu Espírito não se encontra neles. Eu assumo a forma do Eu não nesses seres. É este a proeza do yog. Krishn cita um exemplo de modo a elucidar esta questão:

6. "Sabei que todos os seres residem em mim tal como o vento que vagueia por todo o lado reside no céu."

O vento encontra-se sempre no céu, não podendo manchar nem afectar a sua luminosidade. De modo semelhante, todos os seres existem em Krishn, mas este mantém-se imaculado como o céu. A questão do poder do yog fica assim resolvida. Krishn lança a questão sobre o que faz o yogi.

7. "Todos os seres, ó filho de Kunti, alcançam a minha natureza e dissolvem-se nela no final de um ciclo (kalp), sendo que eu os recrio no início de outro ciclo."

Com um cuidado especial, este dá nova forma no início de uma fase. Já tendo existido antes, a sua forma não era a correcta, pelo que lhes atribui então uma forma mais definida, mais perfeita. Aqueles que se encontravam num estado de insensibilidade, tornam-se agora conscientes. Deus prepara ainda os seres para o kalp, assumindo o termo um outro significado. Para além de "ciclo de tempo", kalp significa também uma mudança para o melhor. É o início de kalp quando, ao escapar dos impulsos demoníacos e negativos, um homem se depara com o tesouro divino, terminando com a união do devoto a Deus. O kalp cessa quando

न च मत्स्थानि भूतानि पश्य मे योगमैश्वरम्।
भूतभृन्न च भूतस्थो ममात्मा भूतभावनः।।५।।
यथाकाशस्थितो नित्यं वायुः सर्वत्रगो महान्।
तथा सर्वाणि भूतानि मत्स्थानीत्युपधारय।।६।।
सर्वभूतानि कौन्तेय प्रकृतिं यान्ति मामिकाम्।
कल्पक्षये पुनस्तानि कल्पादौ विसुजाम्यहम्।।७।।

o seu objectivo foi alcançado. O princípio da devoção trata-se do início, ao passo que o término no qual o objectivo é atingido se trata do final, o momento em que a Alma, liberta de tais sentimentos como o apego e a repulsa que afectam a criação de todos os seres que têm de se submeter aos nascimentos, reside com a sua forma idêntica e eterna. É isto que Krishn refere ao falar no seres que se dissolvem na sua natureza.

Mas que tipo de "natureza" poderá pertencer a um sábio que aniquilou toda a natureza e se unificou com Deus? Sobreviverá ainda a sua natureza? Tal como Krishn afirmou no trigésimo terceiro verso do capítulo 3, todos os seres atingem a sua própria natureza. Estes agem segundo a sua propriedade predominante, sendo que até mesmo o sábio que tenha alcançado o conhecimento pela percepção directa actua de acordo com a sua disposição. Este trabalha para o bem daqueles que se perderam. A conduta, o estilo de vida, do sábio que habita a última essência trata-se da sua natureza. Ele age segundo o estado do seu ser. No final do kalp, os homens atingem a conduta, o estilo de vida, do preceptor realizado, dos sábios iluminados. Krishn esclarece então a realização destas grandes Almas.

# 8. "Repetidamente moldo todos estes seres que se encontram irremediavelmente dependentes das suas propriedades inatas de acordo com as suas acções."

Aceitando o estilo de vida que lhe foi atribuído, Krishn forma e reforma continuadamente e com particular atenção todos os seres que residem na sua natureza e que são dominados pelas três propriedades. Este prepara-os para prosseguirem no sentido do estado do seu próprio Eu. Significará isso, contudo, que também ele está associado à acção?

### 9. "Dissociado e desinteressado desses actos, ó Dhananjay, não me encontro limitado pela acção."

Segundo o nono verso do capítulo 4, o caminho da acção de um sábio não é mundano. O quarto verso do presente capítulo diz que este

प्रकृतिं स्वामवष्टभ्य विसृजामि पुन: पुन: । भूतग्राममिमं कृत्स्नमवशं प्रकृतेर्वशात् ।।८ ।। न च मां तानि कर्माणि निबध्नन्ति धनंजय। उदासीनवदासीनमसक्तं तेषु कर्मसु ।।९ ।। trabalha de um modo imanifesto. Krishn afirma o mesmo novamente: não se encontra associado às acções que desempenha imperceptivelmente. Uma vez que a união da sua Alma com o Espírito Supremo lhe concedeu um estado de desapego, não se deixa mais limitar pela acção. Agora que ele mesmo é o objectivo alcançado através da acções, não é mais forçado a executá-la.

Até à data, a questão prendia-se com a relação entre os actos da natureza e a propriedade inata relativamente ao estilo de vida e à acção do sábio. Mas que cria o maya ao assumir a propriedade que pertence a Krishn? Também tal se traduz em kalp.

10. "Em associação comigo, ó filho de Kunti, o meu maya forma este mundo de seres animados e inanimados, e o mundo gira como uma roda repetidamente pela razão referida."

Por virtude deste espírito que permuta todo o mundo, este maya (a natureza das três propriedades, tanto na sua forma octodimensional e insensata, como na sua forma consciente) forma o mundo animado e inanimado. Trata-se do kalp inferior, sendo este o motivo pelo qual o mundo gira no seu ciclo de nascimento e morte, de ida e vinda. Este kalp inferior gerado pela natureza, mutável e destrutível, é atingido pelo maya através da propriedade inata de Krishn. Este não é produzido por ele, porém, o kalp do sétimo verso que denota o início do objectivo Supremo, trata da criação do sábio. Nesse kalp, ele é o agente que gera com especial cuidado, mas no outro kalp, a natureza é o agente que cria através do mero reflexo do seu poder o estado de transição em que se dá a permutação de corpos, de tempos, de eras. Contudo, apesar de Krishn ser omnipresente, os iludidos não o percepcionam.

11. "Os iludidos que não conhecem o meu ser derradeiro, consideram-me na minha forma humana como um mortal inferior."

> मयाध्यक्षेण प्रकृति: सूयते सचराचरम्। हेतुनानेन कौन्तेय जगद्विपरिवर्तते।।१०।। अवजानन्ति मां मूढा मानुषीं तनुमाश्रितम्। परं भावमजानन्तो मम भूतमहेश्वरम्।।१९।।

Os ignorantes que não conhecem a sua identidade com o Espírito Supremo, o Deus de todos os seres, consideram Krishn como um ser humano e, consequentemente, insignificante. Este existe no estádio elevado do Espírito Supremo que é o Deus de todo os seres, porém os ignorantes desconhecem esse facto, já que ele assume uma forma mortal. Deste modo, dirigem-se-lhe enquanto homem, sendo que não podem ser censurados por tal facto. Ao olharem Krishn, vêem apenas o corpo de uma grande Alma. Como poderão eles saber que este existe no ser de um grande Deus? Será agora explicado porque não são eles capazes de percepcionar a verdade.

### 12. "Os ignorantes são, como os espíritos malignos, influenciados pela propriedade da escuridão, pelo que as suas esperanças e acções e conhecimento se revelam como fúteis."

Os inconscientes encontram-se possuídos pela esperança fútil (que nunca poderá ser concretizada), pela acção fútil (que limita) e pelo conhecimento fútil (a verdadeira ignorância). Perante o abismo da inconsciência e caracterizados pela sua natureza crédula de diabos e demónios, pela natureza demoníaca, estes acreditam que Krishn é um mero homem. Os diabos e os demónios representam apenas a propriedade da mente que em nada se relaciona com castas ou classes. Aqueles com tal inclinação são incapazes de percepcionar a realidade de Krishn, porém, os sábios conhecem-no e adoram-no.

# 13. Mas, ó Parth, aqueles que tiverem encontrado abrigo na natureza divina e que me conheçam como a origem eterna e imperecível de todos os seres, adorar-me-ão com perfeita devoção."

Os sábios que se refugiam nos impulsos ímpios, o tesouro da divindade, e consideram Krishn como a fonte primordial de todos os seres, imanifesta e eterna, meditarão sempre unicamente sobre ele com devoção e não permitindo mais pensamento algum nas suas mentes. O verso seguinte debruça-se sobre o modo de devoção.

मोघाशा मोघकर्माणो मोघज्ञाना विचेतस:। राक्षसीमासुरीं चैव प्रकृतिं मोहिनीं श्रिता:।।१२।। महात्मानस्तु मां पार्थ दैवीं प्रकृतिमाश्रिता:। भज्जत्यनन्यमनसो ज्ञात्वा भूतादिमव्ययम्।।१३।। 14. "Sempre empenhados na récita do meu nome e das minhas virtudes, sempre dedicados a percepcionar-me e prestando-me constantemente homenagem, os devotos dedicar-se-me-ão com determinação resoluta e fé total."

Cumprindo resolutamente o acto da devoção, inclinando-se perante Krishn em sua homenagem e residindo nele, aqueles que conhecem a verdade esforçam-se por vislumbrá-lo e veneram-no com dedicada devoção. Estes encontram-se continuamente empenhados no acto da recordação e récita, que nada mais é do que o yagya iluminado. O mesmo rito é reafirmado brevemente.

15. "Ao passo que alguns me veneram através do gyan-yagya enquanto Espírito Supremo que tudo abrange, com a sensação que sou tudo, outros adoram-me com um sentimento de identidade, outros com a sensação de se encontrarem separados de mim (considerando-me como mestre e a si mesmos como servos), enquanto outros me adoram de muitas outras formas."

Aqueles que estiverem conscientes da realidade dedicam-se a Krishn praticando o Caminho do Discernimento ou do Conhecimento indicado após uma análise das suas vantagens e capacidades, bem como da sua força. Outros veneram-no com a sensação de serem idênticos a ele — o sentimento que nutrem de estarem unificados com ele pela sua dissociação de tudo o que não seja ele. Outros ainda dedicam-se-lhe com total devoção no Caminho da Acção Impessoal. Do mesmo modo, há muitas outras formas de devoção. Contudo, na verdade existem apenas as fases superior e inferior do mesmo cumprimento espiritual, designadas por yagya. O yagya tem o seu início com o serviço dedicado, mas como é ele executado? Tal como o próprio Krishn afirmou, ele mesmo é um executor do yagya. Se um sábio não agir enquanto condutor de um carro de combate, a execução bem-sucedida do yagya será impossível. Apenas com orientação será possível ao devoto atingir o estado de realização

सततं कीर्तयन्तो मां यतन्तश्च दृढव्रता : । नमस्यन्तश्च मां भक्त्या नित्ययुक्ता उपासते ।।१४ ।। ज्ञानयज्ञेन चाप्यन्ये यजन्तो मामुपासते । एकत्वेन पृथक्त्वेन बहुधा विश्वतोमुखम् ।।१५ ।। espiritual em que se encontra no momento no caminho por que optou. Krishn reporta-se então ao executor do yagya.

16. "Eu sou a acção não efectuada, o yagya, o cumprimento de resoluções anteriores, o salvador, o orador sagrado, a oblação, bem como o fogo sagrado, e sou ainda o acto de oblação do sacrifício."

Krishn é o executor, o agente. Na verdade, a força por detrás do devoto e que sempre o impulsiona é a do Deus venerado. Assim, a realização do devoto trata-se de uma oferta dele. Ele é ainda o yagya, o modo indicado de devoção. Aquele que tomar do néctar gerado aquando do cumprimento do yagya unificar-se-á com o Deus eterno. Krishn é também a oblação, razão pela qual é nele que o sanskar eterno do passado é dissolvido. A resolução derradeira é providenciada por ele. É ainda o remédio que cura da maleita, da miséria mundana, e os homens libertam-se desta doença ao alcançá-lo. É também o encantamento oferecido à divindade, pois é ele que proporciona a força que permite à mente concentrar-se na respiração. Sendo ele que acrescenta fervor a este acto, é igualmente a matéria oferecida enquanto oblação. Ele é o fogo sagrado, já que todos os desejos da mente são esgotados na sua chama radiante. E é por fim o acto de sacrifício do yagya.

Krishn fala repetidamente na primeira pessoa: "Eu sou... Eu sou...". As implicações disto resultam no facto de ser ele que representa inseparavelmente o Eu individual enquanto inspiração, conduzindo ao cumprimento do yagya a um final bem-sucedido através da sua constante execução. Tal designa-se por vigyan. Maharaj Ji, muito reverenciado, dizia repetidamente que o acto da adoração devota não tem início até o Deus reverenciado aparecer enquanto condutor do carro de combate para dominar a respiração. Podemos fechar os olhos e empenharmo-nos no acto da adoração pia, mortificando os sentidos com austeridades severas, mas só se o Deus ansiado descer ao nível em que nos encontramos e se mantiver junto ao Eu, será possível atingir a essência da devoção. Por este motivo, Maharaj Ji afirmava: "Se me contemplardes apenas a mim,

अहं क्रतुरहं यज्ञ: स्वधाहमहमौषधम्। मन्त्रोऽहमहमेवाज्यमहमग्निरहं हुतम्।।१६।। dar-vos-ei tudo". O mesmo é proferido por Krishn enquanto agente de tudo.

17. "Também eu mantenho e preservo todo o mundo, bem como o que oferta as recompensas da acção. Pai, mãe e ainda avô. O OM sagrado e imperecível merecedor de ser conhecido, e todo o Ved-Rig, Sam e Yajur."

É Krishn quem mantém todo o mundo. Ele é o "pai" que sustenta, a "mãe" que concebe e dá à luz e o "avô" que é a origem anciã e na qual todos os seres acabam por se dissolver. Ele é merecedor de ser conhecido, bem como o OM sagrado, que pode ainda ser interpretado como a semelhança do Eu com Deus (aham + akarah = Omkarah).

OM (Deus) é idêntico a ele e o seu Eu encontra-se capaz de o conhecer. É ainda o agente das três partes do cumprimento do yog: Rig, o orador adequado, Sam, o equilíbrio da mente, e Yajur, o yagya ordenado para a união do Espírito Supremo.

18. "Eu sou o objectivo supremo, o provedor e o Senhor de tudo, o criador do bem e do mal, a morada e o abrigo de todos, o benfeitor que deseja nada mais em troca, o início e o fim, a origem, bem como aquele em quem todos os seres se dissolvem, e ainda a energia indestrutível e primordial."

Krishn é a salvação, a qual se traduz no objectivo derradeiro que todos desejam alcançar. Tal como a testemunha que representa aquele que viu e sabe tudo, também ele é o mestre de todos os seres. Ele é a causa imperecível e primordial, bem como o final (destruição) onde serão dissolvidos todo o bem e todo o mal. Ele detém todas estas glórias. Adicionalmente...

पिताहमस्य जगतो माता धाता पितामहः। वेद्यं पवित्रमोंकार ऋक्साम यजुरेव च।।१७।। गतिर्भर्ता प्रभुः साक्षी निवासः शरणं सुहृत्। प्रभवः प्रलयः स्थानं निधानं बीजमव्ययम्।।१८।। 19. "Eu sou o sol que se encadeia, concebo as nuvens e faço-as chover e, ó Arjun, sou a seca da imortalidade, bem como a morte, e ainda sou tanto a substância como a sombra.

Ele é o sol, o provedor da luz, e ainda assim muito o consideram irreal. Tais pessoas são vítimas da mortalidade, razão pela qual Krishn é também o castigo que lhes é atribuído.

20. "Os homens que executarem os actos pios prescritos nos três Ved, que tiverem provado o néctar e se tiverem libertado do pecado e desejem a existência celestial através da adoração da minha pessoa pelo yagya, atingirão o céu (Indrlok) e gozarão dos prazeres divinos como recompensa pelos seus actos virtuosos."

Apesar de praticarem as três partes da devoção – oração (Rig), a conduta equânime (Sam) e a união (Yajur) – de compartilharem a débil luz da lua (Rayi, a substância que atribui a forma), de se libertarem do pecado, e de adorarem a Krishn através do modo prescrito pelo yagya, tais homens oram pelo alcance do céu, sendo que, por isso mesmo, serão recompensados com a mortalidade e terão de renascer. Estes adoram-no, adoptando ainda a forma requerida, porém, anseiam também os prazeres celestiais em troca. Assim, recompensados pela sua piedade, estes habitarão o Indr² e gozarão os prazeres celestiais dos deuses. Krishn é, desta forma, também quem proporciona estes prazeres.

21. "Com o desgaste gradual dos méritos da piedade, estes regressam ao mundo mortal após gozarem os prazeres do céu. E assim são aqueles que buscam refúgio na acção orientada para o desejo prescrita pelos três Ved e ambicionam o prazer que são condenados ao ciclo repetitivo do nascimento e da morte."

तपाम्यहमहं वर्षं निगृह्वाम्युत्सृजामि च।
अमृतं चैव मृत्युश्च सदसच्चाहमर्जुन।।१९।।
त्रैविद्या मां सोमपाः पूतपापा यज्ञैरिष्ट्वा स्वर्गतिं प्रार्थयन्ते।
ते पुण्यमासाद्य सुरेन्द्रलोक-मश्निन्ति दिव्यान्दिवि देवभोगान्।।२०।।
ते तं भुक्त्वा स्वर्गलोकं विशालं क्षीणे पुण्ये मर्त्यलोकं विशन्ति।
एवं त्रयीधर्ममनुप्रपन्ना गतागतं कामकामा लभन्ते।।२१।।

O yagya por eles praticado, tal como indica o factor tridimensional, a oração, a mente equânime e a dedicação que unifica, reflectem-se no mesmo, sendo que estes buscam também refúgio em Krishn. Contudo, têm de se submeter a novo nascimento devido aos seus desejos. Desta forma, é de importância extrema que o desejo seja cuidadosamente dominado. Mas qual o destino daqueles que se libertam dos desejos?

22. "Eu mesmo protejo o yog daqueles que residem em mim com fé resoluta e firme e que me veneram desinteressada e constantemente, recordando-me como Deus."

O próprio Krishn suporta o fardo do progresso do devoto fervoroso ao longo do caminho do yog. Este assume a responsabilidade de proteger o seu yog. Apesar disso, os homens prosseguem com a devoção de outros deuses.

23. "Ainda que, na verdade, os devotos ambiciosos me adorem ao venerar outros deuses, a sua devoção vai de encontro à provisão ordenada e, assim, se encontram envoltos na ignorância."

Yogeshwar Krishn refere aqui pela segunda vez o tema referente a outros deuses. Foi nos versos 20 a 23 do capítulo 7 que declarou pela primeira vez a Arjun que os homens iludidos, cuja sabedoria foi eliminada pelos desejos, veneram outros deuses, sendo que, na verdade, não existem sub-divindades. É Krishn quem reafirma e fortalece a fé de tais devotos no que quer que estes façam, seja o objecto uma figueira-dospagodes, seja um pedaço de pedra, um Espírito ido ou uma divindade. Também é ele quem proporciona as recompensas. Os frutos da devoção são indubitavelmente alcançados por estes devotos, porém as recompensas que obtêm são momentâneas e efémeras. Encontrar-seão aqui no presente, mas serão consumidas no futuro após terem sido desfrutadas. Estas esgotar-se-ão, ao passo que as recompensas dos verdadeiros devotos de Krishn nunca são destruídas. Assim, tal sucede

अनन्याश्चिन्तयन्तो मां ये जनाः पर्युपासते। तेषां नित्याभियुक्तानां योगक्षेमं वहाम्यहम्।।२२।। येऽप्यन्यदेवता भक्ता यजन्ते श्रद्धयान्विताः। तेऽपि मामेव कौन्तेय यजत्यविधिपूर्वकम्।।२३।। somente aos ignorantes que foram privados da sua sabedoria pelo desejo da devoção a outros deuses.

Nos versos 23 a 25 do actual capítulo, Yogeshwar Krishn reitera que aqueles que adoram outros deuses também o veneram a ele, mas a sua devoção é imprópria pois esta forma de veneração não é a ordenada. Não há força como a dos deuses e o esforço para os percepcionar traduzse, deste modo, numa ambição pelo irreal. Mas o que se encontra exactamente de errado na devoção a outros deuses, se esta é, na realidade, também a adoração de Krishn e geradora de recompensas? Krishn responde do seguinte modo à questão:

24. "Estes terão de submeter-se a novo nascimento pois ignoram a realidade: que sou o apreciador, bem como o mestre de todo o yagya."

Krishn é o apreciador do yagya pois, independentemente do que seja oferecido enquanto sacrifício, será dissolvido nele. Ele é a bênção que resulta do yagya, assim como o mestre do rito sagrado. Porém, aqueles que o desconhecem cairão em desgraça. Serão destruídos, por vezes apanhados na armadilha da devoção a outros deuses e, outras vezes, na rede dos seus próprios desejos. Até entenderem a essência, estarão privados do cumprimento perene dos seus desejos. O que lhes sucede por fim é revelado no verso seguinte:

25. "Aqueles que se dedicarem a deuses, alcançarão os deuses; os devotos dos seus antepassados, alcançarão os antepassados; os devotos dos seres, alcançarão o estádio dos seres e os meus devotos, alcançar-me-ão a mim."

Em lugar de atingir efectivamente os deuses, já que estes não existem, estes devotos deixam iludir-se com fantasias. Aqueles que praticam a devoção aos anciãos ver-se-ão encurralados no abismo do passado. Os devotos dos seres acabam com corpos mortais. Contudo,

अहं हि सर्वयज्ञानां भोक्ता च प्रभुरेव च। न तु मामभिजानन्ति तत्त्वेनातश्च्यवन्ति ते।।२४।। यान्ति देवव्रता देवान् पितृन्यान्ति पितृव्रता:। भूतानि यान्ति भूतेज्या यान्ति मद्याजिनोऽपि माम्।।२५।। aqueles que se dedicarem apenas a Krishn, alcançá-lo-ão. Apesar de se encontrarem ainda nos seus corpos mortais, estes tornar-se-ão nele. É esta a identidade do devoto com o Deus venerado. E tais devotos nunca sofrem. Adicionalmente, o modo de adoração a Krishn é muito simples:

### 26. "Aceitarei com gosto as ofertas de folhas, flores, fruta e água que o devoto desinteressado me fizer com verdadeira devoção."

Esta aceitação com prazer por parte de Krishn de qualquer oferta que lhe seja proporcionada pelo devoto mais sincero e dedicado trata-se do início da reverência piedosa. Assim...

## 27. "Devíeis, ó filho de Kunti, dedicar-vos a mim, independentemente do que comeis, ofertais em sacrifício, dais enquanto esmola, bem como da vossa penitência."

Krishn irá assumir a responsabilidade de guardar a esfera do yog de Arjun, caso este execute todas as suas acções, desde o humilde acto de comer a mortificação da sua mente e sentidos, ao acto de moldá-los de acordo com a natureza da sua busca, com um sentimento de total resignação.

## 28. "Possuindo o yog da renúncia pelo sacrifício de todos os vossos actos, sereis libertado dos frutos do bem e do mal, que se traduzem nos elos da acção, e alcançar-me-eis."

Nos últimos três versos, Krishn lidou sistematicamente com os meios de realização e respectivo resultado. Os três modos sugeridos são: primeiro, a oferta de oferendas humildes como folhas e flores, fruta e água, com total devoção; segundo, o desempenho da acção com dedicação; e, por fim, a renúncia total com espírito de auto-rendição. Ao praticá-los, Arjun será indubitavelmente libertado do apego da acção e, com essa libertação, atingirá o estado sublime de Krishn. Os termos

पत्रं पुष्पं फलं तोयं यो मे भक्त्या प्रयच्छति। तदहं भक्त्युपहृतमश्नामि प्रयतात्मनः ।।२६ ।। यत्करोषि यदश्नासि यज्जुहोषि ददासि यत्। यत्तपस्यसि कौन्तेय तत्कुरुष्व मदर्पणम् ।।२७ ।। शुभाशुभफलैरेवं मोक्ष्यसे कर्मबंधनैः। संन्यासयोगयुक्तात्मा विमुक्तो मामुपैष्यसि ।।२८ ।। "libertação" e "alcance", tal como são aqui empregues, complementamse mutuamente. Krishn fala então sobre o proveito que ocorrerá do alcance do devoto ao seu estado.

29. "Apesar de residir igualmente em todos os seres, não existindo um único que me seja preferido ou detestável, os devotos que me contemplarem com devoção afectuosa, existirão em mim e eu neles."

Krishn encontra-se em todos os seres de igual modo, mas tem uma relação especial com os devotos que lhe são totalmente dedicados, pois estes residem nele e ele neles. Esta é a única relação que conhece. A mente e o coração do devoto serão conquistados pela presença de Krishn, não se registando diferença entre um e outro. Significará isto, contudo, que apenas os mais afortunados terão o privilégio de executar este acto de adoração divina? Nas palavras de Yogeshwar Krishn:

30. "Até mesmo aquele com a conduta mais retorcida que me for devoto incessantemente é merecedor de ser considerado um santo, pois é um homem de verdadeira resolução."

Se um homem de actos maliciosos se recordar de Krishn e o adorar com uma devoção dedicada apenas a ele, crendo que mais nenhum objecto ou deus para além de Krishn é merecedor de adoração, este poderá ser considerado enquanto sábio. Não sendo ainda um santo, não existe a mínima dúvida de que se tornará uno, pois dedicou-se à tarefa com verdadeira determinação. Desta forma, todos temos direito ao acto da devoção, independentemente das circunstâncias do nosso nascimento. A única condição traduz-se no facto do devoto ter de ser humano, pois apenas o homem é capaz da verdadeira resolução. O Geeta destina-se à elevação dos pecadores, tal como Krishn afirma...

समोऽहं सर्वभूतेषु न मे द्वेष्योऽस्ति न प्रिय:। ये भजन्ति तु मां भक्त्या मिय ते तेषु चाप्यहम्।।२९।। अपि चेत्सुदुराचारो भजते मामनन्यभाक्। साधुरेव स मन्तव्य: सम्यग्व्यवसितो हि स:।।३०।। 31. "Assim, crescerá de forma pia e alcançará a paz eterna e, ó filho de Kunti, deveríeis saber sem qualquer dúvida que o meu devoto nunca será destruído."

Se se encontrar empenhado na contemplação devota, até mesmo um homem fraco se fortalecerá para o bem, tornando-se uno com Deus todo-poderoso e conhecendo o repouso derradeiro e imperecível. Arjun é aconselhado a manter em mente que o devoto mais fiel a Krishn nunca é destruído. Ainda que o esforço enfraqueça, na vida seguinte o mesmo será continuado no ponto em que foi interrompido e, dando reinício ao que havia sido efectuado anteriormente, o devoto alcança então a paz mais sublime. Por essa razão, todos os homens de virtude, bem como os de conduta errónea e todos os outros, têm o direito de contemplar e adorar. Adicionalmente...

32. "Uma vez que até as mulheres, Vaishya e Shudr, cujos nascimentos são considerados inferiores, alcançam o objectivo supremo ao se refugiarem em mim, ó Parth..."

Esclarecendo a natureza demoníaca, Krishn salienta nos versos 7 a 21 do capítulo 16 que aqueles que desistem dos preceitos sagrados e apenas recitam o nome fora de contexto se tratam dos homens mais desprezíveis. Aqueles que oram em vão, nomeadamente o yagya, nada mais são do que cruéis e pecadores. "Vaishya" e "Shudr" representam, como já foi referido, apenas estádios diferentes do caminho conducente a Deus. As mulheres são ocasionalmente honradas e por vezes denegridas, mas também elas, como Vaishya e Shudr, têm o direito de executar o yog. Deste modo, o ensinamento do Geeta destina-se a toda a humanidade, a todos os homens, independentemente da sua conduta e circunstâncias de nascimento. A obra instrui todos sem discriminação relativamente ao que é propício. O Geeta incorpora assim uma mensagem universal.

क्षिप्रं भवति धर्मात्मा शश्चच्छान्तिं निगच्छति । कौन्तेय प्रतिजानीहि न मे भक्तः प्रणश्यति ।।३१।। मां हि पार्थ व्यपाश्रित्य येऽपि स्युः पापयोनयः। स्त्रियो वैश्यास्तथा शूद्रास्तेऽपि यान्ति परां गतिम् ।।३२।। 33. "Será quase escusado dizer que uma vez que o Brahmin pio e os sábios reais (rajarshi) tenham alcançado a salvação, também vós deveríeis renunciar a este corpo miserável, efémero e mortal e empenhar-vos na minha adoração."

Excluindo os homens e mulheres nos estados de Brahmin e Kshatriya rajarshi, a derradeira absolvição está ao alcance dos devotos do estádio Vaishya e Shudr. Brahmin é somente um estádio de crescimento espiritual abençoado com todas as virtudes que conduzem a Alma individual ao Espírito Supremo. O que incorpora os méritos da paz, da aspiração humilde, da percepção, da contemplação e da preparação para seguir os sinais do Deus venerado trata-se do estado de Brahmin. Um Kshatriya que tenha sido elevado a sábio através da sua vida pia e devoção austera encontra-se munido com um espírito de realização, de proeza, de sentido de autoridade e de uma relutância natural para desistir do esforço realizado. O yogi que tenha atingido este estádio do yog, será certamente bemsucedido no cumprimento da sua viagem. Assim, também Arjun deveria renunciar ao seu corpo humano, desprovido de prazeres e transitório, para se dedicar à devoção de Krishn.

Pela quarta vez, Krishn refere os quatro varn: Brahmin, Kshatriya, Vaishya e Shudr. No capítulo 2 afirmou não existir caminho mais benemérito para um Kshatriya do que o combate e, consequentemente, acrescentou no capítulo 3 que até mesmo a morte pelo dharm inerente de cada um é mais desejável. No capítulo 4, afirmou ser o criador dos quatro varn. Tal significa, como já foi mencionado várias vezes anteriormente, que dividiu a acção em quatro fases com base nas suas propriedades inatas. O desempenho do yagya trata-se da tarefa ordenada e aqueles que a executarem pertencem às quatro categorias. Por esta altura, o devoto é iniciado no caminho, sendo um Shudr devido ao seu parco conhecimento. Após ter desenvolvido uma capacidade parcial para o alcance e tenha acumulado alguma riqueza espiritual, o mesmo devoto torna-se num Vaishya. Com a ascensão a um nível mais elevado e a aquisição da força para prosseguir o caminho pelas três propriedades da

किं पुनर्ब्राह्मणाः पुण्या भक्ता राजर्षयस्तथा। अनित्यमसुखं लोकमिमं प्राप्य भजरव माम्।।३३।। natureza, este atinge a classe dos devotos Kshatriya. E o mesmo devoto é elevado ao nível de Brahmin quando se funde com as qualidades que unificam a Alma a Deus. Os devotos Kshatriya e Brahmin encontram-se mais perto da percepção do que os de Vaishya e Shudr. Uma vez que até aos mais lentos é assegurada a felicidade final, quase não há necessidade de referir nada sobre os devotos que atingiram uma estatuto mais elevado.

Deste modo, os Upanishad, dos quais o Geeta é um resumo, é rico em ilusões destinadas às mulheres munidas com o sublime conhecimento de Deus. Até mesmo as tentativas tenazes mas fúteis de codificar os direitos e proibições derivadas do estudo espiritualmente tímido e convencional da parte dos Ved conhecida com a Obra não farão ignorar a afirmação explícita de Krishn de que as mulheres, bem como os homens, podem participar da acção ordenada do desempenho da devoção, intitulada yagya. Assim, é adequado que as últimas palavras de Arjun neste capítulo sejam palavras de encorajamento para que o desempenho da tarefa da adoração seja efectuado com devoção resoluta.

34. "Se, buscando refúgio em mim e com total devoção do Eu a mim, me contemplardes, recordeis com reverência humilde e me fordes devoto apenas a mim (Vasudev), alcançar-me-eis."

Não recordar ninguém à excepção de Krishn e conter a mente para evitar qualquer pensamento que não lhe seja dedicado, devoção resoluta, a meditação constante e a récita com reverência humilde, bem como a dedicação total da Alma nele, são os pré-requisitos para Arjun e qualquer outro devoto percepcionar o Espírito Supremo imutável e eterno nele.



Dirigindo-se a Arjun como um devoto sem pecados, Krishn diz-lhe no início do capítulo que lhe iria explicar e demonstrar o misterioso conhecimento divino, com a bênção do qual abandonaria este mundo de miséria e após a obtenção do qual nada mais se regista para conhecer. Com este conhecimento ficará liberto do apego ao mundo. Assim, este

conhecimento trata-se do rei da aprendizagem. O verdadeiro conhecimento é aquele que proporciona acesso ao Espírito Supremo, sendo certamente benemérito. É ainda um "ensinamento secreto" pois revela a magnificência indiscutível de Deus.

Sendo transparente, produzindo frutos, de prática simples e imperecível, levará à libertação do grande temor dos repetidos nascimentos e mortes, caso sejamos bem sucedidos no seu exercício, ainda que diminuto. Ainda que executado em pequena medida, o mérito adquirido do mesmo nunca é destruído, e, por virtude deste, o agente consegue por fim alcançar o objectivo supremo. Há, contudo, uma condição para este acontecimento. Em lugar de alcançar a felicidade final, aquele que estiver desprovido de fé avançará às escuras na confusão viciosa da vida mundana.

Yogeshwar Krishn discursou ainda neste capítulo sobre a grandeza do yog. Este trata-se da separação da familiaridade do sofrimento. O mundo do yog é totalmente livre do apego e da aversão. Yog é o nome da união com a essência sublime que é Deus. A percepção desse Deus é a conclusão do yog. Arjun foi aconselhado a recordar-se da autoridade do sábio que foi iniciado no yog. Já que Krishn é um yogi, apesar de ser o criador e quem sustenta todos os seres, o seu Espírito não se encontra em todos eles. Este reside no Espírito Supremo idêntico e assim se tornou nele. Tal como o vento que sopra no céu não pode desvanecer o seu brilho, apesar de todos os seres se encontrarem em Krishn, este não se apega a eles.

Krishn molda e redefine os seres com especial cuidado no início do kalp e, no final, todos os seres alcançam a sua natureza interior ou, por outras palavras, o yog – o estilo de vida do sábio e a sua existência imanifesta. Tal sábio vai além do domínio da natureza após o momento da percepção e, ainda que existindo constantemente no Eu, trabalha para o bem da humanidade. Este é o estilo de vida do sábio e a conduta do seu estilo de vida trata-se da sua natureza.

Ao passo que Krishn é o criador que impulsiona os seres para o aperfeiçoamento do Eu, o outro criador trata-se na natureza de três propriedades que, em associação com ele, prosseguem com o mundo

dos seres animados e inanimados. Também tal é kalp, caracterizado por uma constante troca de corpos, de propriedades e de tempo. Goswami Tulsidas representou o mesmo enquanto um pedaço insondável e sombrio de vida mundana em que todos os seres se encontram numa miséria enfraquecedora e terrível. A natureza divide-se em conhecimento e ignorância. A ignorância é má e penosa e, incitado por esta, um ser torna-se prisioneiro. Arrebatado pela ignorância, este fica limitado pelo tempo, pela acção e pelas propriedades naturais. Por oposição temos o yog-maya, o maya do conhecimento criado pelo próprio Krishn. É o yog-maya que modela o mundo e as propriedades da natureza estão dependentes do seu poder. A qualidade de fazer o bem é apenas de Deus. Não há excelência alguma na natureza que não seja perecível, sendo a consciência de Deus no conhecimento que conduz os seres a ambicionar em direcção ao estado da perfeição.

Assim, existem duas espécies de kalp. Uma delas trata-se do ciclo de mudança do objecto, do corpo e do tempo, rendido à natureza em conjunção com Krishn. Porém o outro kalp mais elevado que concede o aperfeiçoamento da Alma, é moldado pelos sábios realizados. São estes que incutem a consciência à natureza inerte dos seres. O início da devoção é o princípio do kalp, ao passo que a conclusão bem-sucedida da devoção denota o seu fim, com o qual a maleita da miséria mundana se cura e é substituída pela plena dissolução em Deus. Por esta altura, o yogi atinge o estilo de vida de Krishn bem como o respectivo estádio. O estilo de vida do sábio após a percepção traduz-se na sua natureza.

As escrituras sagradas dizem-nos que um kalp se conclui apenas com a passagem das quatro eras (yug), após as quais se dá o fenómeno da completa dissolução conhecida por Dia do Juízo Final. Contudo, tal é uma interpretação errónea da verdade. Yug significa ainda "dois". O yug-dharm³ persiste enquanto nos encontrarmos distantes do Deus venerado e ele distante de nós. Goswami Tulsidas referiu-se a isto no "Uttar Kand" do seu Ram Charit Manas. Enquanto a propriedade da ignorância e da escuridão (tamas) for predominante e se der somente uma presença insignificante de rajas, a malícia e as contradições persistirão. Alguém que viva neste estado pode ser considerado como pertencendo a Kaliyug. Este é incapaz de contemplar Deus e venerá-lo. Mas com o início da

devoção dá-se uma mudança de era, de yug. A propriedade de rajas começa a crescer, tamas vai enfraquecendo e vai surgindo cada vez mais vestígios de sattwa na disposição do devoto. Este é o estádio em que oscila entre a felicidade e o medo, entrando assim na segunda era de Dwapar. Gradualmente, enquanto a propriedade de sattwa vai florescendo, permanecendo apenas uma réstia de rajas, a inclinação para o acto de devoção fortalece-se progressivamente. Esta é a terceira era, Treta, na qual o devoto pratica a renúncia através da execução do yagya. Por esta altura, a capacidade de recitar ao nível do yagya está incutida nele, sendo que a força e as fraquezas vão e vêm dependendo do controlo da respiração. Quando apenas sattwa persiste e todos os conflitos foram superados, registando-se ainda equilíbrio na mente, verifica-se então a era da realização – o domínio de Satyug. Neste estádio, o conhecimento do yogi encontra-se prestes a transformar-se numa experiência prática, pois está perto de atingir a perfeição. Agora detém a capacidade de se manter espontaneamente no estado da meditação.

Os homens de discernimento entendem as mudanças, a ascensão e a queda do yog-dharm. Estes abandonam o mal para dominar a mente e se empenharem na piedade. Quando também a mente dominada se dissolve, o kalp, juntamente com as outras eras, cessa. Após conduzir à união com a perfeição, o kalp termina. Este é o "destino" em que a natureza se dilui na Alma. Depois disto, o estilo de vida do sábio resume-se à sua qualidade inata – à sua natureza.

Yogeshwar Krishn disse então a Arjun que os homens ignorantes não o conhecem. Consideram-se iguais a ele, o Deus dos deuses, insignificante e como um mero mortal. Esta situação irónica de ser ignorado pelos seus contemporâneos foi enfrentada por todos os grandes sábios. Estes foram castigados e Krishn não é excepção. Apesar de residir no Ser Supremo, tem um corpo humano, razão pela qual os ignorantes se dirigem constantemente a ele como um mero mortal. A esperança e as acções e o conhecimento de tais homens são fúteis. São eles que erroneamente crêem serem agentes da acção impessoal apenas por dizerem que o são, independentemente do que façam. Estes homens de inclinação demoníaca são incapazes de reconhecer a realidade de Krishn. Porém, aqueles que adquiriram o tesouro divino sabem-no e adoram-no, pensando sempre nele e recordando a sua excelência.

Há dois caminhos de devoção intensa, de acção verdadeira. O primeiro é o yagya do conhecimento, o caminho que o devoto percorre com base na sua força, após uma avaliação cuidada das suas capacidades. O outro caminho é aquele em que o devoto entende a sua relação com Deus como uma entre mestre e servo e no qual a acção prescrita é assumida com sentido de rendição ao preceptor indicado. Estes são os dois pontos de vista pelos quais as pessoas adoram Krishn. Porém, o yagya que efectuam, os sacrifícios que fazem, o executor e a fé (o remédio que cura a maleita da existência mundana), tudo isso se revela como Krishn. Ele é ainda o objectivo supremo que o devoto ambiciona atingir por fim.

Este yagya é desempenhado por meio de orações, rituais e procedimentos designados para causar equanimidade no praticante. Alguns devotos, contudo, adoptam esses meios desejando o céu como recompensa, sendo isso que Krishn lhes concede. Devido aos seus actos pios, estes residem no mundo celestial de Indr e gozam-no por muito tempo. Porém, conforme o mérito obtido se esgota gradualmente, têm de regressar ao mundo mortal e submeter-se a novo nascimento. Apesar das suas boas acções, estão condenados a repetidos nascimentos devido ao desejo. Assim, a libertação total do desejo trata-se de uma necessidade primária. O yog daqueles que se recordarem e contemplarem Krishn com perfeita concentração, com o sentimento de nada mais existe para desejar para além dele, e cujos actos de devoção não apresentem a mínima falha, estará protegido pelo próprio Krishn.

Apesar de tudo isto, os homens veneram outros deuses. Na verdade, ao adorar outros deuses, eles adoram Krishn, mas este modo de devoção não se trata do ordenado. Inconscientes de que é ele o apreciador do seu yagya, dos sacrifícios e afins, de que é ele a quem se dedicam, estes fracassam em percepcioná-lo, falhando na sua busca. São apenas bemsucedidos a atingir as formas desejadas dos deuses, dos seres e dos antepassados, ao passo que os homens que veneram verdadeiramente Krishn existem directamente nele e assumem o seu ser.

Krishn representou o acto do yagya como sendo de fácil prática. Independentemente daquilo que os devotos lhe ofertam, ele aceita. Assim, Arjun é aconselhado a dedicar todos os seus actos devotos a Krishn.

Quando estiver totalmente desprovido de apego, munido com o yog e liberto dos laços da acção, este conhecerá a salvação, também ela o próprio Krishn.

Todos os seres são dele, mas nenhum é adorado ou odiado por ele. Contudo, ele existe no seu devoto mais dedicado e o devoto nele. Até o homem mais perturbado e pecaminoso que o adore com total dedicação será considerado como um santo, pois a sua resolução firme uni-lo-á brevemente com o Espírito Supremo, abençoando-o com a paz eterna. O verdadeiro devoto de Krishn nunca é destruído. Seja ele um Shudr, um homem depravado, um aborígene, negligenciado pela cultura convencional, ou com um nome pelo qual é conhecido, ou um homem ou uma mulher, ou alguém que teve uma natureza demoníaca e um nascimento inferior, todos eles atingem a glória suprema, caso procurem refúgio em Krishn e o adorem com intenção firme. Não há assim qualquer dúvida que a salvação derradeira daqueles que atingiram o estado de Brahmin e os sábios reais (rajarshi) se encontram bem dotados das virtudes que unem a Alma a Deus. A sua absolvição final é indubitavelmente assegurada, pelo que Arjun se deveria também recordar de Krishn e ser-lhe reverente. Caso procure abrigo nele, alcançá-lo-á, garantindo assim o estado para além do qual não há retorno.

No presente capítulo Krishn debruçou-se sobre o conhecimento espiritual que conduz ao estado de consciência. Este é o conhecimento soberano que, uma vez despertado, é indubitavelmente benemérito.

Assim se conclui o Nono Capítulo do Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado:

"Rajvidya Jagriti" ou "Ensejo pelo Esclarecimento Espiritual".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Nono Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

### A IMPORTÂNCIA DA GLÓRIA DIVINA

No último capitulo, Krishn revelou o conhecimento misterioso e definitivamente benéfico, monarca de todo o conhecimento. No capítulo 10 retoma o assunto, pedindo a Arjun para o ouvir com atenção. Mas qual a necessidade de repetir algo que já foi elucidado? Aquele que busca é imperfeito até ao exacto momento da percepção. Os atributos da natureza vão-se desvanecendo cada vez mais à medida que se vai deixando envolver pela contemplação divina, tendo visões umas atrás das outras. Tal é possível através de um sábio - com a orientação de um preceptor realizado. Não é possível chegar lá sozinho. Na ausência de um guia que indique a direcção, o devoto ficará privado de alcançar Deus. E a partir do momento que se tenha desviado minimamente do seu objectivo derradeiro, torna-se evidente que a natureza persiste, registando-se uma apreensão face ao seu caminho. Arjun é um discípulo que encontrou abrigo sob Krishn. Rogou ao Yogeshwar que o apoiasse enquanto seu pupilo dependente dele. Assim, pelo bem do seu discípulo mais dedicado e submisso. Krishn aborda novamente o assunto já referido no capítulo 9.

 "O Senhor disse: 'Ouvi novamente, ó dos braços poderosos, as palavras místicas e motivadoras que estou prestes a proferir devido à minha dedicação pelo bem de um pupilo querido'."

श्री भगवानुवाच : भूय एव महाबाहो श्रृणु मे परमं वच:।

यत्तेऽहं प्रीयमाणाय वक्ष्यामि हितकाम्यया।।१।।

"Nem os deuses nem os grandes sábios conhecem a minha origem, pois eu sou a origem primordial da qual tudo se originou."

Krishn também já declarou anteriormente que, dado que a sua origem e acção são ambas celestiais, não podem ser entendidas através dos olhos físicos. Assim, esta manifestação passa despercebida até mesmo para aqueles que tenham atingido o nível espiritual de deuses e sábios. Por outro lado, contudo...

 "Os sábios entre os mortais que conhecerem a minha realidade e que não sofro nascimentos, que sou o Deus eterno e supremo do mundo inteiro, estarão libertos de todos o pecado."

Aquele que tiver noção disto é alguém de verdadeira sabedoria. Por outras palavras, a plena consciência do Deus omnipresente e eterno trata-se do conhecimento que liberta do pecado e do ciclo de nascimentos. Também esta proeza se traduz num obséquio de Krishn:

4-5. "Todas as qualidades múltiplas com as quais os seres se encontram dotados (vontade, conhecimento, libertação da ilusão, perdão, verdade, contenção dos sentidos e da mente, felicidade, tristeza, criação e destruição, medo e ousadia, bem como a abstenção do desejo de prejudicar, a equanimidade da mente, o contentamento, a penitência, a caridade, a fama e o opróbrio) foram proporcionadas apenas por mim."

A firmeza do intuito, o conhecimento, a dedicação ao objectivo, a restrição da mente e dos sentidos, a felicidade interior, as dores do caminho espiritual, o despertar divino no Eu, a dissolução total no

न मे विदुः सुरगणाः प्रभवं न महर्षयः। अहमादिर्हि देवानां महर्षीणां च सर्वशः।।२।। यो मामजमनादिं च वेति लोकमहेश्वरम्। असंमूढः स मर्त्येषु सर्वपापैः प्रमुच्यते।।३।। बुद्धिर्ज्ञानमसम्मोहः क्षमा सत्यं दमः शमः। सुखं दुःखं भवोऽभावो भयं चाभयमेव च।।४।। अहिंसा समता तुष्टिस्तपो दानं यशोऽयशः। भवन्ति भावा भूतानां मत्त एव पृथग्विधाः।।५।। momento da percepção, o medo do poder disciplinador de Deus, a ousadia da natureza, a conduta não degradante, a equanimidade que não gera conflitos, o contentamento, a penitência que centra as necessidades no objectivo, a auto-abnegação e a dedicação equânime à honra e humilhação no caminho de Deus; todas estas propensões são obra de Krishn. Estes são atributos que caracterizam o caminho da contemplação divina. Na sua ausência, persiste apenas o rebanho malintencionado com instintos maléficos.

6. "Os sete grandes sábios¹ foram moldados por minha vontade, sendo que quatro dos quais o foram mais cedo, tal como Manu e outros, a partir dos quais toda a humanidade teve origem."

Os sete grandes sábios, ou os setes estádios sucessivos do yog (aspiração virtuosa, discernimento, perfeição do espírito, inclinação para a verdade, desinteresse, progresso do caminho espiritual em direcção à união com Deus e moldagem das quatro faculdades da mente, do intelecto, do pensamento e do ego de acordo com os requisitos do yog) são criação da vontade de Krishn. Ou seja, todos eles surgem da vontade de o percepcionar. Cada um dele complementa os outros. Todos estes componentes do tesouro divino são obra de Krishn. Este tesouro depende da evolução dos sete passos do yog, sendo que, sem os mesmos, este não tem lugar.

7. "Aquele que conhecer a realidade da minha elevada magnificência e o poder do meu yog, partilhará, indubitavelmente, da minha natureza ao tornar-se uno comigo através da meditação."

Aquele que aprender com a excelência do yog e as glórias de Krishn através da percepção directa, unificar-se-á com ele e existirá nele. Sobre tal não persiste a mínima dúvida. A chama constante e firme de um

महर्षयः सप्त पूर्वे चत्वारो मनवस्तथा।
मद्भावा मानसा जाता येषां लोक इमाः प्रजाः।।६।।
एतां विभूतिं योगं च मम यो वेत्ति तत्वतः।
सोऽविकम्पेन योगेन युज्यते नात्र संशयः।।७।।

<sup>1</sup> Os santos que se acredita serem as sete estrelas da constelação Ursa Maior indicam os sete passos do yog.

lampião que não conheça vento é propícia para ilustrar a mente dominada de um yogi. "Avikampen", o termo utilizado no verso, refere-se a esta analogia.

8. "Conscientes da realidade de que represento a origem de toda a criação, bem como o motivo que conduz ao esforço, e munidos de fé e devoção, os sábios recordar-se-ão de mim e venerarme-ão."

É por ordem de Krishn que todo o mundo tem tendência para a acção. Tal implica que ele é igualmente o agente de qualquer yogi que tente acompanhar a sua natureza. Todos os esforços do yogi tratamse, assim, apenas de bênções dele. Tal já foi referido anteriormente. De momento, Krishn debruça-se sobre o modo como um yogi o adora constantemente.

 "Aqueles que centrarem as suas mentes em mim, sacrificando a respiração a mim, e que se mostrarem contentes ao falarem apenas da minha grandeza entre eles, residirão sempre em mim."

Aqueles que dedicarem as suas mentes apenas a Krishn, sem dirigir pensamentos a nada mais que não ele e que lhe prestem devoção de alma e coração, estarão sempre conscientes do seu caminho. Serão felizes, cantando hinos de glória e residirão sempre nele.

10. "Aos devotos que sempre me recordam e me adoram com amor, eu concederei que, através da disciplina do yog que aprendem, me alcancem apenas a mim."

Deste modo, o despertar dos devotos é, também, uma oferta de Deus, pois depende de que ele assuma o papel de condutor do carro de

> अहं सर्वस्य प्रभवो मत्तः सर्वं प्रवर्तते। इति मत्वा भजन्ते मां बुधा भावसमन्विताः।।८।। मच्चित्ता मद्गतप्राणा बोधयन्तः परस्परम्। कथयन्तश्च मां नित्यं तुष्यन्ति च रमन्ति च।।९।। तेषां सततयुक्तानां भजतां प्रीतिपूर्वकम्। ददामि बृद्धियोगं तं येन मामुपयान्ति ते।।१०।।

combate. O verso que se segue indica o caminho no qual um sábio e nobre preceptor como Krishn abençoa o seu devoto com o conhecimento que o inicia no yog.

#### 11. "De modo a propagar a minha graça até eles, residirei no mais íntimo do seu ser, dispersando o véu da ignorância com o brilho do meu conhecimento."

Krishn permanece imóvel junto do Eu do devoto enquanto condutor do carro de combate, de modo a destruir a ignorância. Por intermédio de um sábio que tenha vislumbrado Deus, a devoção não tem início até o Espírito Supremo não ter sido despertado na Alma do devoto e assumido a tarefa de o orientar de um instante para o outro, bem como de dominá-lo e discipliná-lo e de o acompanhar em segurança pelas contradições da natureza. Neste estádio, Deus principia a comandar em todo o lado. Porém, de início, é através de um sábio que se pronuncia. Caso aquele que busca não tem a sorte de ter um tal sábio enquanto preceptor, a voz de Deus será pouco perceptível para ele.

O condutor do carro de combate, seja ele uma divindade venerada ou um preceptor ou Deus, é sempre o mesmo. Quando o condutor tiver despertado na Alma do devoto, as suas ordens serão recebidas de quatro formas. Primeiro dá-se a experiência associada à respiração grosseira: a infusão de um pensamento na mesma que anteriormente aí se não encontrava. Quando o devoto se senta em meditação, este é confrontado com um número de questões. Quando será a mente efectivamente dissolvida? Até que ponto será dissolvida? Quando desejará a sua mente escapar à natureza e quando se desvia do caminho? As respostas a estas questões são assinaladas a cada momento pelo Deus adorado através de reflexos físicos. A contracção dos membros trata-se de uma experiência relacionada com a respiração grosseira, dando-se simultaneamente em mais do que uma altura no espaço de um momento. Se a mente se desviou, estes sinais serão transmitidos minuto após minuto. Mas estes sinais são percepcionados apenas se o devoto se mantiver fiel à forma do preceptor divino com uma firmeza constante.

> तेषामेवानुकम्पार्थमहमज्ञानजं तम :। नाशयाम्यात्मभावस्थो ज्ञानदीपेन भास्वता ।।११ ।।

As acções reflexas, como a contracção dos membros, é uma experiência muito frequente em seres comuns devido ao confronto dos seus impulsos contraditórios, porém, estes em nada se relacionam com os sinais transmitidos aos devotos unicamente dedicados ao objecto sublime da sua devoção.

A outra experiência está associada ao despertar da respiração nos sonhos. Os homens vulgares sonham de acordo com os seus desejos, porém, para um devoto dedicado a Deus, até os sonhos se tornam em instruções divinas. Mais do que sonhar, um yogi percepciona o acto de transformação.

Estas duas experiências são preliminares. A associação a um sábio que tenham vislumbrado a realidade, em quem se tenha fé nele e a quem se renda um serviço, por menor que seja, são suficientes para provocar estas experiências. Contudo, as duas experiências posteriores do devoto são mais subtis e dinâmicas e só podem ter lugar pela prática activa, apenas através da caminhada ao longo do percurso.

A terceira experiência trata-se do despertar de um sono profundo. Todos nós nos encontramos como se o mundo estivesse mergulhado na escuridão. Estamos num estado de insensibilidade na noite escura da ignorância. E independentemente do que façamos, de dia ou de noite, não passa de um sonho. O sono profundo refere-se à condição que se dá após o estádio em que a memória de Deus flúi pelo devoto como uma corrente perene, de modo a que a visão de Deus está permanentemente gravada na sua mente. Trata-se de uma disposição serene e abençoada em que o devoto é conduzido gentilmente pelas suas emoções e em que, enquanto a respiração física é suspendida e ele jaz a dormir no seu corpo, se torna um "Alma Viva". Este é o estádio da harmonia e da profunda alegria em que o devoto é abençoado com o vislumbre da vida das coisas. Numa tal situação, o Deus venerado transmite um outro sinal que se manifesta sob a forma de uma imagem em consonância com a disposição principal do yogi e que indica a direcção correcta, dando-lhe assim a conhecer o passado e o presente. O meu reverenciado preceptor dizia muito frequentemente que, tal como um cirurgião que põe o paciente primeiro inconsciente e de seguida o cura com a aplicação de um medicamento adequado, Deus, quando a chama da adoração é forte e constante, imbui o devoto de consciência do seu estado de fé e adoração para o curar do seu mal espiritual.

A quarta e última experiência revela-se no despertar que conduz ao equilíbrio da respiração. Este é o estádio em que o devoto se assemelha a Deus, cuja imagem gravou na sua mente enquanto objecto tangível. Esta percepção surge do interior do Eu. Assim que este despertar tenha ocorrido, sempre que se sentar despreocupadamente ou se encontrar activo, o devoto prevê situações que terão lugar no futuro, adquirindo assim omnisciência. Este é ainda o estádio em que surge um sentimento de unidade com o Eu incorporado. Esta experiência final é gerada quando a escuridão da ignorância é dissipada pela luz do conhecimento, através da intervenção de um sábio intemporal e imortal que desperta na sua Alma.

Arjun dirige-se então a Krishn.

12-13. "Arjun disse: 'Foi referido por sábios divinos² como Narad, Asit, o sábio Deval e o grande santo Vyas³, que sois o Ser radioso, o objectivo supremo e totalmente imaculado, pois todos eles acreditam que sois o Espírito Supremo, que sois o Deus dos deuses, primordial, sem nascimentos e omnipresente, e agora vós dizeis-me o mesmo'."

"Ser radioso" e "sem nascimento" são sinónimos de Deus e do estádio final da felicidade perfeita. Arjun refere-se primeiramente a sábios do passado que mencionaram o mesmo. E, no presente, sábios como Narad, Asit, Deval, Vyas e Krishn dizem o mesmo. Estes últimos são todos contemporâneos de Arjun, tendo ele a vantagem de se associar com estes sábios. E todos eles, tal como Krishn, afirmam o que foi declarado pelos sábios de yore. Assim...

14. "Acredito, ó Keshav, que tudo o que heis dito, ó Senhor, não seja nem do conhecimento de demónios nem dos deuses."

अर्जुन उवाच : परं ब्रह्म परं धाम पवित्रं परमं भवान्।

पुरुषं शाश्चतं दिव्यमादिदेवमजं विभुम्।।१२।।

आहुस्त्वामृषयः सर्वे देवर्षिनारदस्तथा।

असितो देवलो व्यास: स्वयं चैव ब्रवीषि मे ।।१३ ।।

सर्वमेतदृतं मन्ये यन्मां वदिस केशव।

न हि ते भगव्रव्यक्तिं विदुर्देवा न दानवा: ।।१४।।

- 2 Santos divinizados como Atri, Bhrigu, Pulastya e Angiras.
- 3 Um dos chiranjivis ou sábios imortais. Crê-se que seja o compilador dos Ved na sua presente forma, bem como o autor de Mahabharat, o oitavo Puran, o Brahm Sutr e várias outras obras.

E...

15. "O que, ó Senhor Supremo, ó Criador e Deus de todos os seres, ó Deus dos deuses e mestre do mundo, é apenas do vosso conhecimento."

Esta verdade, que é conhecida por Krishn, o criador de todos os seres e o seu Deus, é também referida por aquelas Almas que despertaram e que ganharam consciência dele. Desta forma, o conhecimento dos devotos é, na verdade, o seu conhecimento.

16. "Apenas vós sóis capaz de esclarecer-me bem sobre as vossas glórias, pelas quais estais presente e residis em todos os mundos."

Deste modo...

17. "Como deverei eu, ó Yogeshwar, percepcionar-vos pela contemplação incessante e sob que formas, ó Senhor, deverei adorar-vos?"

Estas questões inquietam a mente de Arjun. Como deverá ele vislumbrar Krishn, um yogi, como deverá meditar sobre ele e como o deverá recordar?

18. "E, ó Janardan, falai-me novamente do poder do vosso yog e da vossa elevada magnificência, pois não me encontro ainda satisfeito com o mel das vossas palavras."

Krishn afirmou brevemente no início deste capítulo o que Arjun deseja de novo saber. Arjun roga-lhe novamente para expor mais longamente o mesmo tópico, já que a sua curiosidade ainda não se encontra

स्वयमेवात्मनात्मानं वेत्थ त्वं पुरुषोत्तम।
भूतभावन भूतेश देवदेव जगत्पते।।१५।।
वक्तुमर्हस्यशेषेण दिव्या ह्यात्मविभूतयः।
याभिर्विभूतिभिर्लोकानिमांस्त्वं व्याप्य तिष्ठिस।।१६।।
कथं विद्यामहं योगिंस्त्वां सदा परिचिन्तयन्।
केषु केषु च भावेषु च्वित्योऽसि भगवन्मया।।१७।।
विस्तरेणात्मनो योगं विभूतिं च जनार्दन।
भूयः कथय तृप्तिर्हि श्रृण्वतो नास्ति मेऽमृतम्।।१८।।

satisfeita. Adicionalmente, este deseja ainda escutar as palavras de Krishn apenas pelo prazer de as ouvir. Tal é o encanto do discurso de Deus e dos sábios. Não admira que, segundo Goswami Tulsidas, aquele que se encontrar saciado com o escutar das crónicas do Ram esteja isento de sentimento.

Até o devoto ter acesso ao Deus venerado, a sua sede pela substância da imortalidade permanece. Se alguém se senta no caminho antes de alcançar o momento de realização com o sentimento que conhece tudo quando, na verdade, nada conhece, é evidente que este percurso está prestes a ser destruído. É o dever daquele que busca seguir as direcções do Deus adorado e pô-las em prática.

19. "O Senhor disse (então): 'Falar-vos-ei agora do poder das minhas glórias, uma vez que as minhas diversas manifestações não conhecem fim."

Após isto, este dá início à enumeração de alguns acontecimentos notáveis dos seus atributos divinos inumeráveis.

- 20. "Eu sou, ó Gudakesh, o Eu que reside em todos os seres, bem como o seu início primordial, o meio e o fim."
- 21. "Eu sou Vishnu entre os doze filhos de Aditi<sup>4</sup>, o sol entre as luzes, o deus Mareechi entre os ventos e a lua soberana entre os planetas."

Aditya e outros seres celestiais referido no verso eram entendidos como símbolos de certas atitudes interiores no tempo de Krishn. Todos eles residem na esfera do coração.

22. ""Eu sou ainda Sam entre os Ved, Indr entre os deuses, a mente entre os sentidos e a consciência nos seres"

श्री भगवानुवाच : हन्त ते कथयिष्यामि दिव्या ह्यात्मविभूतय:।
प्राधान्यत: कुरू श्रेष्ठ नास्त्यन्तो विस्तरस्य मे ।।१९ ।।
अहमात्मा गुडाकेश सर्वभूताशयस्थित:।
अहमादिश्च मध्यं च भूतानामन्त एव च ।।२० ।।
आदित्यानामहं विष्णुज्योंतिषां रविरंशुमान्।
मरीचिर्मरुतामस्मि नक्षत्राणामहं शशी ।।२१ ।।
वेदानां सामवेदोऽस्मि देवानामस्मि वासव:।
इंद्रियाणां मनश्चास्मि भूतानामस्मि चेतना ।।२२ ।।

4 A divindade no geral. Nome das doze divindades (sóis) que se crêem brilhar apenas aquando da destruição do universo. Entre os Ved, Krishn é Sam Ved, pois é a sua canção que gera o estado de equanimidade. Ele é o Senhor Indr entre os deuses e a mente entre os sentidos, pois é conhecido apenas pela contenção da mente. Ele é ainda o poder que dá aos seres a sensação de consciência.

### 23. "Eu sou Shankar entre Rudr<sup>5</sup>, Kuber<sup>6</sup> entre os demónios e yaksh<sup>7</sup>, fogo entre Vasu<sup>8</sup> e Sumeru entre as montanhas altas."

Krishn é Shankar entre Rudr. Shankar – "shanka-ar" – pode ser entendido como a condição em que não existem mais dúvidas e irresoluções. Efectivamente, "Kuber", "fogo" e "Sumeru" traduzem-se em metáforas para a disciplina do yog. Todos eles são termos do yog.

### 24. "Sabei, Parth, que, entre os padres, sou o padre-mor Brihaspati, Skand<sup>9</sup> entre os chefes marciais e o oceano entre os mares."

Entre os padres que vigiam o intelecto que funciona como uma espécie de portão do corpo humano, Krishn é Brihaspati, preceptor divino dos próprios deuses, sendo ele quem gera o tesouro divino. Entre os comandantes marciais, ele é Kartikeya, a renúncia da acção, pela qual a destruição dos mundos animados e inanimados, a dissolução total e a percepção final de Deus sã afectadas.

## 25. "Eu sou Bhrigu entre os grandes santos (maharshi), OM entre as palavras, o yagya das orações entoadas (jap-yagya) entre os yagya e o Himalaia entre os objectos imóveis."

Krishn é Bhrigu<sup>10</sup> entre os grandes sábios. É ainda OM, símbolo do Espírito Supremo, entre as palavras. Ele é jap-yagya entre os yagya.

रुद्राणां शंकरश्चास्मि वित्तेशो यक्षरक्षसाम् । वसूनां पावकश्चामि मेरुः शिखरिणामहम् ।।२३ ।। पुरोधसां च मुख्यं मां विद्धि पार्थ बृहस्पतिम् । सेनानीनामहं स्कन्दः सरसामस्मि सागरः ।।२४ ।। महर्षीणां भृगुरहं गिरामस्म्येकमक्षरम् । यज्ञानां जपयज्ञोऽस्मि स्थावराणां हिमालयः ।।२५ ।।

- O nome de um grupo de deuses, onze ao todo, que residem nos dez sentidos e um na mente e que, supostamente, são manifestações inferiores de Shiv ou Shankar, a cabeça do grupo.
- 6 Deus da riqueza.
- 7 Semi-deuses, escritos como ajudantes de Kuber
- 8 Uma classe de oito divindades que constituem o corpo humano.
- 9 Outro nome para Kartikeya.
- 10 Um dos patriarcas criados pelo primeiro Manu.

Yagya trata-se da imagem da forma especial de devoção que permite a um devoto unificar-se com Deus. Em resumo, trata-se da lembrança do Espírito Supremo e a récita do seu nome. Após percorrer os estádios de dois tipos de discurso, os audíveis e os sussurrados, o nome atinge o estádio do yagya, sendo então recitado, mas não através de um discurso proferido, nem com a garganta, nem pelo pensamento, preenchendo cada alento. A partir de então apenas se regista a visão da mente em Deus gravada em cada alento. A ascensão e a queda do yagya e dos seus diferentes estádios dependem da respiração. Trata-se de algo dinâmico, é uma questão de acção. Entre os objectos imóveis, Krishn revela-se como o Himalaia, calmo, sereno e imóvel, tal como o próprio Deus. No momento do Juízo Final, diz-se que Manu se uniu ao cume dessa montanha. O deus imutável, sereno e tranquilo nunca é destruído.

# 26. "Eu sou Ashwath (a Figueira-dos-Pagodes) entre as árvores, Narad entre os sábios divinos, Chitrarath¹¹ entre os Gandharv¹² e o sábio Kapil¹³ entre os homens realizados."

Krishn é Ashwath, a sagrada figueira-dos-pagodes entre as árvores. O mundo, que não é certo de sobreviver até à manhã simbólica, é descrito como uma figueira-dos-pagodes invertida cujas raízes (Deus) se encontram no topo e os ramos (a natureza) se estendem mais abaixo. Esta não é a figueira-dos-pagodes tradicional e comummente adorada. E é neste sentido que Krishn se intitula figueira-dos-pagodes entre as árvores. Por outro lado, Narad (nade randhrah é Narad) tem uma consciência tão aguçada que consegue concentrar-se no ritmo divino oriundo da respiração. Entre os Gandharv, Krishn é Chitrarath, aquele estado único em que o objecto de contemplação começa a ser directamente perceptível para o devoto. Kapil é uma manifestação corporal. Krishn assume-se nessa forma, tanto no estado como na imersão nessa forma e ainda na mensagem divina que dela provém.

अश्वत्थः सर्ववृक्षाणां देवर्षीणां च नारदः। गन्धर्वाणां चित्ररथः सिद्धानां कपिलो मुनिः।।२६।।

- 11 O nome de um rei de Gandharv: um dos dezasseis filhos de Kashyap com a sua mulher Muni.
- 12 Semi-deuses considerados os músicos dos deuses.
- 13 Nome do grande sábio que se crê ter fundado a escola filosófica de Sankhya.

## 27. "Sabei (ainda) que sou Uchchaishrav nascido do néctar entre os cavalos, Airawat<sup>14</sup> entre os paquidermes e rei entre os homens."

Todos os objectos do mundo são perecíveis, sendo que somente o Eu é indestrutível. Assim, Krishn é Uchchaishrav; o cavalo de Indr que se diz ter sido criado do néctar do oceano. O cavalo é um símbolo do movimento regulado. Krishn é o movimento da mente na busca pela realidade do Eu. Ele é ainda rei entre os homens. Uma grande alma é, efectivamente, rei, pois não tem necessidade de coisa alguma.

### 28. "Eu sou Vajr¹⁵ entre as armas, Kamdhenu¹⁶ entre as vacas, Kamdev¹⊓ para a procriação e Vasuki¹՞, o rei das cobras."

Krishn é a mais formidável entre as armas. Entre as vacas, ele é Kamdhenu. Kamdhenu não se trata de uma vaca que produza petiscos deliciosos em vez de leite. Entre os sábios, foi Vashisth o dono de Kamdhenu. Simbolicamente, o termo "vaca" representa os sentidos. A contenção dos sentidos é um atributo daquele que busca que tenha aprendido a entender o objecto da devoção. Ao ser bem-sucedido a dar forma aos seus sentidos em conformidade com deus, estes tornam-se "Kamdhenu" para ele. Deste modo, ele atinge o estádio em que a percepção de Deus já não mais se encontra fora de alcance.

A este nível, aquele que busca não considera nada fora do seu alcance. Krishn é igualmente Kamdev no que toca à reprodução. Contudo, o nascimento que ele influencia não se trata do nascimento físico de um menino ou de uma menina. A procriação, tanto dos seres animados como inanimados, tem lugar dia e noite. Até mesmo os ratos

उच्चै: श्रवसमश्चानां विद्धि माममृतोद्भवम् । ऐरावतं गजेन्द्राणां नराणां च नराधिपम् ।।२७ ।। आयुधानामहं वज्रं धेनूनामस्मि कामधुक्। प्रजनश्चास्मि कन्दर्प: सर्पाणामस्मि वासुिक: ।।२८ ।।

- 14 O elefante de Indr.
- 15 O relâmpago, a arma de Indr, que se diz ter sido feita dos ossos do sábio Dadhichi.
- 16 Uma vaca celestial que concede todos os desejos.
- 17 O Cupido da mitologia hindu, o filho de Krishn e Rukmini.
- 18 Nome da serpente celebrada, rei das serpentes, que se diz ser o filho de Kashyap.

as formigas se reproduzem. Porém, a nova geração de Krishn revela-se como uma geração de novas situações, de mudança de uma circunstância para outra, sendo que as próprias tendências internas se modificam. Entre as serpentes, Krishn é Vasuki, o rei exaltado das serpentes, que se diz ser o filho de Kashyap<sup>19</sup>.

# 29. "Eu sou Sheshnag<sup>20</sup> entre os nag (serpentes), o deus Varun<sup>21</sup> entre os seres aquáticos, Aryama<sup>22</sup> entre os antepassados e Yamraj<sup>23</sup> entre os reinantes."

Krishn é o infinito ou "shesh nag". Sheshnag não é, na verdade, uma serpente. Há uma descrição da sua forma na composição denominada Shreemad Bhagwat, contemporânea do Geeta. Segundo esta, Sheshnag trata-se de uma incorporação do vaishnavi de Deus (Vishnu), uma força que se encontra a uma distância de três mil yojan<sup>24</sup> da Terra e em cuja cabeça a Terra repousa suavemente como um grão de mostarda. Esta é, efectivamente, a imagem da força da gravidade entre os objectos que mantém as estrelas e os planetas nas suas respectivas órbitas. Tal força sobrevoa-os, prendendo-os como uma serpente. É o infinito que prende também a Terra. Krishn diz ser ele esse o princípio divino. Ele é igualmente Varun, o rei dos seres anfíbios e Aryama entre os antepassados. A não-violência, a verdade, o desapego, a contenção e a ausência de dúvidas são os cinco yam, as contenções morais e os cumprimentos. "Arah" representa o abandono das aberrações que aparecem pelo caminho da prática. A eliminação desses demónios conduz ao alcance dos méritos da acção efectuada numa vida prévia, a qual concede então libertação do apego mundano. Entre os reinantes, Krishn é Yamraj, o guardião das restrições denominadas yam.

### अनन्तश्चास्मि नागानां वरुणो यादसामहम्। पितृणामर्यमा चास्मि यमः संयमतामहम्॥२९॥

- 19 Na mitologia indiana, este é responsável por uma parte muito importante na obra da criação e, por esse motivo, é designado frequentemente como Prajapati.
- 20 Nome de uma famosa serpente, que se diz ter mil cabeças e é representada como o cadeirão de Vishnu e servindo de base a todo o mundo.
- 21 Deus do oceano.
- 22 Rei de Manes (os antepassados idos).
- 23 O Deus da morte, considerado com o filho do deus Sol.
- 24 Uma medida de distância igual a quatro kosas ou oito a nove milhas.

30. "Eu sou Prahlad<sup>25</sup> entre os daitya (demónios), a unidade de tempo para os calculadores, o leão (mrigendr) entre as bestas e Garud<sup>26</sup> entre os pássaros."

Krishn é Prahlad entre os demónios. Prahlad (par + ahlad) é, para outros, alegria. O próprio amor é Prahlad. A atracção por Deus e a impaciência para se tornar uno com ele são, enquanto ainda nos debatemos com os instintos demoníacos, parte de um processo que conduz à percepção. Krishn é o amor prazenteiro dessa união. É também o tempo entre aqueles que se dedicam à contagem das suas unidades. Este procedimento não se prende com números e divisões de tempo. Krishn é antes a extensão progressiva do tempo que é dedicado à contemplação de Deus. Ele é o tempo da recordação incessante de Deus não só nas horas de consciência mas também durante o sono. Entre as bestas ele é mrigendra, o leão ou rei das bestas, um símbolo de um yogi que também ruge e reina na floresta do yog. Krishn é igualmente Garud entre as criaturas aladas. Garud trata-se do conhecimento. Quando a consciência de Deus começa a aumentar, a mente do devoto transforma-se num veículo do Deus adorado. Por outro lado, a mesma mente é como uma "serpente" (sarp: um epíteto de Garud) se se encontrar infestada por desejos mundanos, apressando as Almas para o inferno dos nascimentos mortais. Garud é o veículo de Vishnu. Ao ser abencoado com conhecimento, a mente transforma-se num veículo que transporta o Espírito imanifesto presente em cada átomo do universo. Assim, Krishn é a mente que mantém e leva o Deus venerado dentro de si.

31. "Eu sou o vento entre os poderes que refinam, Ram entre os guerreiros armados, o crocodilo entre os peixes e o sagrado Bhagirathi Ganga<sup>27</sup> entre os rios."

प्रह्लादश्वास्मि दैत्यानां कालः कलयतामहम्। मृगाणां च मृगेन्द्रोहं वैनतेयश्च पक्षिणाम्।।३०।। पवनः पवतामस्मि रामः शस्त्रभृतामहम्। झषाणां मकरश्चास्मि स्रोतसामस्मि जाह्नवी।।३९।।

- 25 Segundo o Padm-Puran, filho do demónio Hiranya-kashipu que manteve uma devoção ardente a Vishnu que lhe havia ficado de uma existência prévia enquanto Brahmin.
- 26 Chefe dos seres alados, representado como veículo de Vishnu, com uma face branca, um nariz aquilino, asas encarnadas e um corpo dourado
- 27 Um nome do rio Ganges.

Krishn é o invencível Ram entre os que bramem armas. Ram representa alguém que regozija. A alegria de um yogi é o conhecimento. Os sinais percepcionados do Deus adorado são o seu único prazer. Ram simboliza a percepção directa e Krishn é a respectiva consciência. É ainda o poderoso crocodilo entre os seres anfíbios e o sagrado Ganges entre os rios.

32. "Eu sou, ó Arjun, o início e o fim bem como o meio dos seres sagrados, o conhecimento místico do Eu entre as ciências e o árbitro final entre os disputantes."

Entre os diferentes ramos de aprendizagem, Krishn é o conhecimento do Espírito Supremo (assim como a relação entre a Alma Suprema e individual). Ele é o conhecimento que conduz à soberania do Eu. Dominada pelo maya, a maioria é motivada pela paixão, pela malícia, pelo tempo, pela acção, pela disposição e pelas três propriedades da natureza. Krishn revela-se como o conhecimento que liberta da escravatura do mundo material, conduzindo ao estado em que o Eu é o comandante supremo. Este é o conhecimento denominado de adhyatm. É ainda o veredicto que resolve todas as disputas sobre o Espírito Supremo. Tudo o que se encontre para além disto, será escusado dizer, está para além do julgamento.

33. "Eu sou a vogal akar<sup>28</sup> entre as letras do alfabeto, dwandwa<sup>29</sup> entre as palavras compostas, o eterno Mahakal entre o tempo mutável e ainda ao Deus que tudo segura e tudo mantém."

Para além de ser o primeiro som do OM sagrado, Krishn é ainda o tempo imperecível e imutável. O tempo está sempre a mudar, mas ele trata-se daquele estado, daquele tempo, que conduz ao Deus eterno.

सर्गाणामादिरन्तश्च मध्यं चैवाहमर्जुन । अध्यात्मविद्या विद्यानां वाद: प्रवदतामहम् ।।३२ ।। अक्षराणामकारोऽस्मि द्वन्द्व: सामासिकस्य च । अहमेवाक्षय: कालो धाताहं विश्वतोमुख: ।।३३ ।।

<sup>28</sup> O primeiro de três sons que constituem a sílaba sagrada OM.

<sup>29</sup> A primeira das quatro principais palavras compostas em que duas ou mais palavras justapostas, quando não aglutinadas, têm o mesmo caso e podem ser associadas por uma conjunção.

Ele é igualmente o Espírito Omnipresente (Virat Swarup) que prevalece e tudo sustenta.

34. "Eu sou a morte que tudo aniquila, a raiz das criações vindouras, Keerti<sup>30</sup> entre as mulheres – a incorporação das qualidades femininas da acção efectuada (keerti): vitalidade, discurso, memória, consciência, paciência e perdão."

Tal como Yogeshwar Krishn afirmará no décimo sexto verso do capítulo 15, todo os seres (Purush) representam apenas dois tipos: os perecíveis e os imperecíveis. Todos os corpos que geram outros seres e perecem são mortais. Independentemente de homem ou mulher, todo são Purush, segundo Krishn. O outro Purush trata-se do Espírito Cósmico Imperecível que é percepcionado no estado em que a mente deixa de existir. Esta é a razão pela qual tanto os homens como as mulheres podem alcançar o objectivo supremo. As características da vitalidade, da memória, da consciência, entre outras, indicadas no verso trinta e quatro são, por princípio, todas femininas. Significa tal que os homens não necessitam dessas características? Na verdade, o princípio animador da esfera do coração trata-se de um princípio feminino. Os atributos enumerados no verso devem ser incutidos em todos os corações, tanto dos homens, como das mulheres.

35. "Eu sou Sam Ved entre os hinos escriturais, o Gayatri<sup>31</sup> entre as composições métricas, o Agrahayan<sup>32</sup> em ascensão entre os meses e a primavera entre as estações do ano."

Entre as escrituras védicas sagradas (Shruti<sup>33</sup>) adequadas a serem entoadas, Krishn é Sam Ved (Vrihatsam), a canção que provoca o

मृत्युः सर्वहरश्चाहमुद्भवश्च भविष्यताम। कीर्तिः श्रीर्वाक्च नारीणां स्मृतिर्मेधा धृतिः क्षमा ।।३४ ।। बृहत्साम तथा साम्नां गायत्री छन्दसामहम् । मासानां मार्गशीर्षोऽहमृतुनां कसुमाकरः ।।३५ ।।

- 30 Tanto a mulher de um dos setes deuses como um símbolo das qualidades femininas; manifestação do esplendor divino.
- 31 Um metro védico de vinte e quatro sílabas, bem como o nome de um dos versos mais sagrados recitado por hindus pios durante a oração pela manhã e à noite.
- 32 O mês lunar de Agrahayan corresponde aproximadamente a Novembro Dezembro do calendário Gregoriano.

equilíbrio da mente. Ele é o despertar nestes hinos. Adicionalmente, ele é Gayatri<sup>34</sup> entre os versos. É importante perceber que o Gayatri se trata de uma composição métrica de auto-negação da oração e não tanto um feitiço ou encanto cuja récita causa salvação imediata. Após desviar-se três vezes e de se entregar à mercê do Deus venerado, o sábio Vishwamitr dirigiu-se-lhe como a essência que se encontra na Terra, em todos os mundos e no Eu, e suplicou-lhe que lhe conferisse sabedoria e o inspirasse para que pudesse conhecer a sua realidade. Deste modo, tal como pode ser entendido, Gayatri trata-se de uma oração. O devoto não poderá esclarecer as suas dúvidas apenas com a sua inteligência, desconhece quando tem razão ou não. Assim, Krishn é Gayatri que permite a rendição do devoto desafortunado a Deus. Esta oração é, indubitavelmente, benéfica, pois através da mesma o devoto procura refúgio em Krishn. Krishn é ainda Agrahayan entre os meses a estação em ascensão da alegria. Ele é o estado de felicidade que este mês representa.

# 36. "Eu sou o ludíbrio dos jogadores enganadores, a glória dos homens de renome, a vitória dos conquistadores, a determinação dos homens de resolução e a virtude dos pios."

A ideia de jogo nos versos refere-se ao carácter fundamental da natureza. A própria natureza é jogadora e fraudulenta. O acto de abandonar a ostentação e empenhar-se no caminho da adoração privada, escapando assim às contradições da natureza, é um acto de "decepção". Mas intitulá-lo de "decepção" não é apropriado, pois tal segredo é essencial para a segurança do devoto. É necessário que o devoto, ainda que na posse de um coração pleno de conhecimento, se apresente aparentemente ignorante como um Bharat entorpecido, como um louco, cego, surdo e idiota. Apesar de ver, deve aparentar como se nada conhecesse; apesar de ouvir, deve aparentar não escutar nada. O cânone da adoração deve ser privado e secreto. Só então poderá

### द्यूतं छलयतामस्मि तेजस्तेजस्विनामहम्। जयोऽस्मि व्यवसायोऽस्मि सत्त्वं सत्त्ववतामहम्।।३६।।

<sup>33</sup> A parte dos Ved conhecida como Shruti, como a revelação.

<sup>34</sup> O texto da oração é aqui apresentado para os leitores que possam estar interessados em aprendê-lo : ॐ भूभुवं: स्वः तत्सवितृर्वरेण्यम् भगों देवस्य धीमहि धियो यो नः प्रचोदयात् ।

ganhar o jogo da natureza. Krishn representa a vitória dos campeões e a resolução dos homens determinados. Tal foi também referido no quadragésimo primeiro verso do capítulo 2. A determinação requerida para o yog, a sua sabedoria e direcção resumem-se a uma única. Krishn é a mente dinâmica e ainda a magnificência e o esclarecimento dos homens virtuosos.

37. "Eu sou Vasudev entre os descendentes de Vrishni, Dhananjay entre os Pandav, Vedvyas entre os sábios e Shukracharya<sup>35</sup> entre os poetas."

Krishn é Vasudev, ou aquele que se encontra em todo o lado, entre a raça Vrishni. Ele é Dhananjay entre os Pandav. Pandu (pai dos Pandav) trata-se de um símbolo de piedade. É nele que a virtude é despertada. A percepção do Eu é o único verdadeiro bem perene. Krishn é Dhananjay – aquele que ganha e guarda o tesouro do Eu, o conhecimento. Ele é Vyas entre os sábios. Ele é o sábio que tem a capacidade de expressar a ideia de perfeição. Entre os poetas, ele é Ushn (Shukr), a quem, nos Ved, foi atribuído o epíteto kavya e que detém a sabedoria para conduzir a Alma a Deus.

38. "E sou a opressão dos tiranos, a conduta sábia daqueles que aspiram ao sucesso, o silêncio entre os segredos e ainda o conhecimento dos homens iluminados."

Krishn é todos eles.

39. "E, ó Arjun, sou igualmente a semente na qual todos os seres tiveram origem, pois nada existe, animado ou inanimado, que não tenha o meu maya."

वृष्णीनां वासुदेवोऽस्मि पाण्डवानां धनंजय: ।
मुनीनामप्यहं व्यास: कवीनामुशना कवि: ।।३७ ।।
दण्डो दमयतामस्मि नीतिरस्मि जिगीषताम् ।
मौनं चैवास्मि गुह्यानां ज्ञानं ज्ञानवतामहम् ।।३८ ।।
यच्चापि सर्वभूतानां बीजं तदहमर्जुन ।
न तदस्ति विना यत्स्यान्मया भूतं चराचरम् ।।३९ ।।

<sup>35</sup> Nome do preceptor dos asur (demónios), aos quais é devolvida a vida se mortos em batalha pelo encanto mágico das suas palavras.

Em todo o mundo, não há nada, nenhum ser, que seja devoto a Krishn devido à sua omnipresença. Todos os seres se assemelham a ele e se encontram próximos dele. Este acrescenta ainda:

40. "Tudo o que vos disse, ó Parantap, é apenas um breve resumo das minha inumeráveis glórias."

Assim, Arjun considera que, o que quer que seja magnificente, radioso e poderoso, teve a sua origem em Krishn. É isso que lhe é assegurado agora.

41. "Sabei que, independentemente do que é dotado de glória, beleza e força, tudo teve origem no meu próprio esplendor."

Krishn conclui a sua revelação da omnipresença da seguinte forma:

42. "Ou, em lugar de conhecer algo mais, ó Arjun, lembrai-vos apenas que aqui estou e que sustento todo o mundo com apenas uma fracção do meu poder."

A enumeração de Krishn das suas glórias múltiplas por analogia não implica que Arjun ou qualquer outra pessoa deva começar a adorar os seres e objectos citados para ilustração. O exercício dirige-se antes aos homens esclarecidos inclinados para a devoção a outros deuses e deusas, bem como a objectos e criaturas, como sejam as árvores, os rios, os planetas e as serpentes, e que se devem conhecer, bem como aos seus deveres relativamente a todas estas divindades, objectos e seres através da simples adoração de Krishn apenas.



No início do capítulo, Krishn declarou a Arjun que o iria instruir novamente sobre o que já lhe havia dito por ser muito especial. la repetir as indicações, pois a orientação constante de um nobre preceptor é

नान्तोऽस्ति मम दिव्यानां विभूतीनां परंतप।
एष तूद्देशतः प्रोक्तो विभूतेर्विस्तरो मया।।४०।।
यद्यद्विभूतिमत्सत्त्वं श्रीमदूर्जितमेव वा।
तत्तदेवावगच्छ त्वं मम तेजोंऽशसम्भवम्।।४९।।
अथवा बहुनैतेन किं ज्ञातेन तवार्जुन।
विष्टभ्याहमिदं कृत्स्नमेकांशेन स्थितो जगत्।।४२।।

necessária até ao momento da percepção. A sua origem, afirmou Krishn, não é do conhecimento nem dos deuses nem dos santos, já que ele é a origem primordial de onde tudo surgiu. Estes não o conhecem dado que o estado universal resultante do alcance do Deus imanifesto só pode ser experimentado por aqueles que tenham atingido o objectivo supremo. Ele é um homem de sabedoria que conhece Krishn, o Deus do mundo, sem nascimento, eterno e supremo, pela percepção directa.

Todas as qualidades que constituem o tesouro divino, como o discernimento, o conhecimento a libertação da ilusão, a contenção da mente e dos sentidos, o contentamento, as austeridades espirituais, a caridade e a glória, todas elas são criações de Krishn. Os sete sábios imortais ou os setes passos do yog e, anteriores a estes, as quatro faculdades internas e, em concordância com estas, a mente autosuficiente, criadora de si mesma. Todos estes atributos de dedicação e devoção a Krishn e dos quais todo o mundo provém, são criações de Krishn. Por outras palavras, todas as inclinações veneráveis foram formadas por ele. São geradas pela graça do preceptor realizado e não pelos devotos. Aquele que tiver uma percepção directa das glórias de Krishn é, indubitavelmente, digno de se diluir nele com um sentimento de plena identidade.

Aqueles que sabem que Krishn é a raiz de toda a criação contemplam-no com dedicação, veneram-no com a mente, o intelecto e a alma, trocam pensamentos entre eles sobre a sua excelência e alegram-se nele. Este concede aos devotos que o pensam e o adoram a disciplina do yog que lhes permite alcançá-lo. E fá-lo habitando o seu interior, desbravando a escuridão da ignorância espiritual com a luz do conhecimento.

Arjun crê que, na verdade, Krishn é imaculado, eterno e radioso, sem nascimentos, e que se encontra presente em cada átomo do universo. Tal foi testemunhado pelos grandes sábios de tempos ido e, até mesmo na era de Arjun, sábios divinos como Narad, Deval, Vyas e o próprio Krishn afirmam o mesmo. É ainda verdade que a essência de Krishn não é conhecida nem por deuses nem por demónios. Apenas o conhece aquele devoto a quem ele se deixe conhecer. Apenas ele é

capaz de instruir o devoto sobre as suas glórias múltiplas e pelas quais permanece e existe em tudo. Assim, Arjun pede-lhe para o esclarecer extensivamente sobre os sinais da sua grandeza. Tal é correcto, pois a curiosidade impaciente do devoto ao seu adorado Deus deve permanecer até ao momento de percepção. Não é possível ir além disto, pois desconhece-se o que se encontra no coração de Deus.

Deste modo, Krishn resumiu a Arjun oitenta e uma manifestações da sua grandeza. Ao passo que algumas delas ilustram as qualidades internas desenvolvidas com a iniciação no yog, outras esclarecem as glórias adquiridas através das proezas e dos sucessos sociais. No final, Krishn diz a Arjun que, em vez de o conhecer detalhadamente, ele deveria antes recordar que, independentemente do que, neste mundo, se caracterize pela magnificência e beleza, tal resultou do seu poder radioso.

Neste capítulo, Krishn falou a Arjun das suas múltiplas glórias a um nível intelectual em que a sua fé se abstrai de quaisquer distracções, centrando-se firmemente no seu objectivo. Mas, mesmo após escutar tudo e compreender sem grande dificuldade, a essência de Krishn continua sem ser conhecida, já que o caminho conducente a ele é dinâmico e só pode ser percorrido ao embarcar na acção.

Assim se conclui o Décimo Capítulo no Upanishad de Shrimad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Disciplina do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado "Vibhooti Varnan" ou "A Importância da Glória Divina".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Décimo Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TATSAT

## REVELAÇÃO DO OMNIPRESENTE

No último capítulo, Krishn fez um breve resumo das suas grandiosas glórias, apesar de Arjun pensar que já sabia o suficiente. Deste modo, assegurou que, após ouvir as palavras de Krishn, se livraria de todas as suas ilusões. Contudo, tal como admitirá no presente capítulo, encontrase simultaneamente curioso por conhecer aquilo de que Krishn lhe falou anteriormente numa forma mais tangível. Escutar é tão diferente do observar como o Este é do Oeste. Quando aquele que busca parte rumo ao seu destino para ver com os seus próprios olhos, o que apreende pode ser distinto daquilo que havia visualizado. Assim, quando Arjun percepcionar Deus directamente, começará a tremer de medo e rogará por misericórdia. Terá um sábio medo? Terá algum resquício de curiosidade? O cerne da questão é que aquilo que é apreendido a um nível meramente intelectual é vago e indefinido. Simultaneamente, predispõe para o desejo do verdadeiro conhecimento. Neste sentido, Arjun dirige-se a Krishn.

1. "Arjun disse: 'As palavras apaixonadas com que me haveis instruído nesse conhecimento secreto e enaltecido dissiparam a minha ignorância'."

O que Krishn referiu sobre a relação entre o Espírito Supremo e a Alma individual, reprimiu as suas ilusões, preenchendo-o com a luz do conhecimento.

अर्जुन उवाच मदनुग्रहाय परमं गुह्यमध्यात्मसंज्ञितम् । यत्त्वयोक्तं वचस्तेन मोहोऽयं विगतो मम ।।९ ।।  "Pois aprendi convosco, ó dos olhos de lótus, não só o relato detalhado da origem e da dissolução dos seres, mas ainda a vossa glória imperecível."

Este acredita plenamente na verdade do que Krishn declarou, mas, ainda assim...

 "Vós sois, ó Senhor, o que me haveis referido, mas eu desejo, ó Ser Supremo, uma visão directa da vossa forma em toda a vossa magnificência divina."

Não satisfeito com o que aprendeu apenas ao escutar, deseja vê-lo numa forma palpável.

4. "Mostrai-me, ó Senhor, a vossa forma eterna se considerardes, ó Yogeshwar, que isso é possível de vislumbrar."

Krishn não objecta o pedido, pois Arjun é um discípulo devotado e amigo querido. Assim, concede-lhe rapidamente o seu desejo, revelando-lhe a sua forma cósmica.

- "O Senhor disse: 'Contemplai, ó Parth, as minhas centenas e milhares de várias manifestações celestiais de diferentes matizes e formas'."
- 6. "Vide em mim, ó Bharat, os filhos de Aditi¹, os Rudr, os Vasu², os irmãos Ashwin³ e os Marut⁴, bem como um infindável número de outras maravilhosas formas que nunca foram observadas antes."

भवाप्ययौ हि भूतानां श्रुतौ विस्तरशो मया। त्वतः कमलपत्राक्ष माहात्म्यमि चाव्ययम्।।२।। एवमेतद्यथात्थ त्वमात्मानं परमेश्वर। द्रष्टुमिच्छामि ते रूपमेश्वरं पुरुषोत्तम।।३।। मन्यसे यदि तच्छक्यं मया द्रष्टुमिति प्रभो। योगेश्वर ततो मे त्वं दर्शयात्मानम् अव्ययम्।।४।। पश्य मे पार्थ रूपाणि शतशोऽथ सहस्रशः।

श्री भगवानुवाच :

पर्य में पार्थ रूपाणि शतशाज्य सहस्रशः। नानाविधानि दिव्यानि नानावर्णाकृतीनि च।।५।। पश्यादित्यान्वसून्रुद्रानिश्वनौ मरुतस्तथा। बहुन्यदृष्टपूर्वाणि पश्याश्चर्याणि भारत।।६।।

- 1 Representada na mitologia como a mãe dos deuses conhecidos como Aditya, designados com o nome dela, ao todo doze.
- 2 O nome da classe das divindades, oito no total.
- 3 Os dois médicos divinos representados pelos filhos gémeos do deus Sol.
- 4 Marut trata-se do deus do vento, mas o plural do termo pode ser entendido com o significado de "a maioria dos deuses".

7. "Agora, ó Gudakesh, vide no meu corpo, neste local, todo o mundo animado e inanimado e tudo o mais que desejardes conhecer."

Assim, o Senhor prossegue com a manifestação da sua forma ao longo de três versos consecutivos, contudo, o pobre Arjun não consegue observar absolutamente nada. Apenas esfrega os olhos, sentindo-se desorientado. Krishn repara na dificuldade de Arjun, pelo que interrompe abruptamente, dizendo:

 "Porém, uma vez que não podeis vislumbrar-me com os vossos olhos físicos, conceder-vos-ei a visão divina com a qual podereis contemplar a minha magnificência e o poder do meu yog."

Arjun é abençoado com a visão espiritual da graça de Krishn. E, de um modo semelhante, Sanjay, o condutor do carro de combate de Dhritrashtr, é igualmente abençoado com a visão divina com a compaixão do Yogeshwar Vyas<sup>5</sup>. Assim, o que é visível para Arjun, é também apreendido sob a mesma forma por Sanjay e, devido à partilha da visão, partilham também o bem que dela advém.

 "Sanjay disse (a Dhritrashtr): 'Após um discurso assim, ó Rei, o Senhor, o grande mestre do yog, revelou a sua forma suprema e omnipresente a Arjun'."

O mestre do yog, ele mesmo um yogi e capaz de conceder o yog aos outros, denomina-se de Yogeshwar. Este é, de certo modo, Deus

इहैकस्थं जगत्कृत्स्नं पश्याद्य सचराचरम्। मम देहे गुडाकेश यच्चान्यद् द्रष्टुमिच्छसि।।७।। न तु मां शक्यसे द्रष्टुमनेनैव स्वचक्षुषा। दिव्यं ददामि ते चक्षुः पश्य मे योगमैश्वरम्।।८।। एवमुक्त्वा ततो राजन्महायोगेश्वरो हरिः। दर्शयामास पार्थाय परमं रूपमैश्वरम्।।९।।

संजय उवाच :

5 Ref. ao capítulo 1, no qual Sanjay, o epítome do auto-controlo, é representado como um médium através do qual o cego Dhritrashtr vê e ouve. A mente envolta no véu da ignorância esmorece naquele que tenha superado a mente e os sentidos.

(Hari<sup>6</sup>) que tudo apreende e leva. Mas se leva somente a dor poupandoa alegria, a dor retornará. Deste modo, "Hari" trata-se daquele que destrói os pecados e tem o poder de conferir a sua própria forma aos outros. Assim, tendo estado o tempo todo perante Arjun, este revela agora o seu ser omnipresente e radiante.

10-11. "E (Arjun contemplou perante si) o Deus infinito e omnipresente com várias bocas e olhos, muitas manifestações grandiosas, coberto de ornamentos, dispondo de várias armas nas mãos, vestindo grinaldas e vestimentas celestiais, emanando perfumes celestes e munido de todo o tipo de maravilhas."

A visão maravilhosa é também perceptível para Dhritrashtr, o rei cego, a analogia da ignorância, através de Sanjay – a incorporação da contenção.

- 12. "Até a luz de mil sóis no céu não poderiam comparar-se à radiância da omnipresença de Deus."
- 13. "O filho de Pandu (Arjun) viu então o corpo de Krishn, o Deus dos deuses, a junção dos vários mundos separados."

A visão de Arjun de todos os mundos no interior de Krishn trata-se de um sinal da sua devoção afectuosa oriunda da virtude.

14. "Então, assombrado pela reverência e com os pêlos eriçados, Arjun prestou homenagem ao grande Deus e falou com as mãos juntas."

अनेकवक्त्रनयनमनेकाद्भुत-दर्शनम् ।
अनेकदिव्याभरणं दिव्यानेकोद्यतायुधम् ।।१० ।।
दिव्यमाल्याम्बरधरं दिव्यगन्धानुलेपनम् ।
सर्वाश्चर्यमयं देवमनन्तं विश्वतोमुखम् ।।११ ।।
दिवि सूर्यसहस्रस्य भवेद्युगपदुत्थिता ।
यदि भाः सदृशी सा स्याद्रासस्तस्य महात्मनः ।।१२ ।।
तत्रैकस्थं जगत्कृत्सनं प्रविभक्तमनेकधा ।
अपश्यद् देवदेवस्य शरीरे पाण्डवस्तदा ।।१३ ।।
ततः स विस्मयाविष्टो हृष्टरोमा धनंजयः ।
प्रणम्य शिरसा देवं कृताञ्जलिरभाषत ।।१४ ।।

6 Um epíteto do Espírito Supremo, de Vishnu e muitas outras divindades. A interpretação refere-se à associação do som do termo com "har", significando "levando" ou "destituindo". Arjun já havia prestado homenagem a Krishn anteriormente, porém, após vislumbrar a sua majestade divina, faz uma vénia mais reclinada. A reverência que sente por Krishn é um sentimento bem mais profundo do que aquele que nutria antes.

15. "Arjun disse: 'Vejo em vós, ó Senhor, todos os deuses, a maioria dos seres. Brahma no seu assento de lótus, todos os grandes sábios e serpentes milagrosas'."

Esta é uma percepção directa e não tanto uma vaidade, contudo uma visão tão nítida só é possível quando um Yogeshwar concede um olhar que pode vislumbrar. A apreensão concreta desta realidade é acessível apenas com os meios adequados.

- 16. "Ó senhor de todos os mundos, contemplo as vossas muitas barrigas, bocas e olhos, assim como as vossas infinitas formas mas, ó Omnipresente, não consigo alcançar-vos, nem o fim nem o meio, nem o vosso início."
- 17. "Vejo-vos coroado e armado com uma maça e um chakr<sup>7</sup>, luminoso como o fogo ardente e o sol resplandecente e imensurável.

Temos aqui uma enumeração exaustiva das glórias de Krishn. Tal é a sua radiância celestial que os olhos cegam caso tentem olhá-lo. Ele está além da compreensão da mente. Contudo, Arjun consegue apreendê-lo, pois dominou totalmente os seus sentidos por ele. E encontra-se tão maravilhado com o que vê que começa a proferir panegíricos ao elogiar algumas das qualidades de Krishn.

पश्यामि देवांस्तव देव देहे सर्वांस्तथा भूतविशेषसंघान् । ब्रह्माणमीशं कमलासनस्थम् ।ऋषींश्वसर्वानुरगांश्व दिव्यान् ।।१५ ।। अनेक बाहूदरवक्त्रनेत्रं पश्यामि त्वां सर्वतोऽनन्तरूपम् । नान्तं न मध्यं न पुनस्तवादिं पश्यामि विश्वेश्वर विश्वरूप ।।१६ ।। किरीटिनं गदिनं चक्रिणं च तेजोराशिं सर्वतो दीप्तिमन्तम् । पश्यामि त्वां दुर्निरीक्ष्यं समन्ताद्वीप्तानलार्कद्युतिप्रमेयम् ।।१७ ।।

<sup>7</sup> Uma arma afiada, serrada, com a forma de um disco, que se crê ser a arma principal de Vishnu.

18. "Creio que sois Akshar, o Deus imperecível digno de ser apreendido. O objectivo supremo do Eu, o grande porto do mundo, o guardador do Dharm eterno e o Espírito Supremo universal."

Estas são ainda as qualidades do Eu. Também ele é universal, eterno, imanifesto e imperecível. O sábio alcança o mesmo nível após a sua devoção ter sido concluída com sucesso. Por este motivo se diz que a Alma individual e o Espírito Supremo são idênticos.

19. "Vejo-vos sem princípio, meio ou fim, detentor de um poder sem medida, de inumeráveis mãos, de olhos como o sol e a lua e uma face tão luminosa como o fogo, iluminando o mundo com a vossa radiância."

De início, Krishn revela as suas inúmeras formas, mas de momento limita-se a aparecer numa única forma infinita. Contudo, quem somos nós para julgar a declaração de Arjun segundo a qual um olho de Deus é como o sol e o outro com o a lua? O que é necessário é que estas palavras não sejam entendidas literalmente. Não se dá o caso de um olho divino ser luminoso como o sol, ao passo que o outro é sombrio como a lua. O significado desta declaração é antes que tanto a luminosidade comparável ao sol, como a serenidade da lua emanam dele: tanto a radiância do conhecimento como a calma da tranquilidade. O sol e a lua são símbolos. Deus ilumina o mundo como o sol e a lua e é agora vislumbrado por Arjun como englobando todo o mundo com a sua radiância ofuscante.

20. "E, ó Ser Supremo, todo o espaço entre o céu e a terra se encontra preenchido por vós, tremendo os três mundos com o temor da visão da vossa divina, mas terrível forma.

> त्वमक्षरं परमं वेदितव्यं त्वमस्य विश्वस्य परं निधानम् । त्वमव्ययः शाश्चतधर्मगोप्ता सनातनस्त्वं पुरुषो मतो मे ।।१८ ।। अनादिमध्यान्तमनन्तवीर्य-मनन्तबाहुं शशिसूर्यनेत्रम् । पश्यामि त्वां दीप्तहुताशवक्त्रं स्वतेजसा विश्वमिदं पन्तम् ।।१९ ।। द्यावा पृथिव्योरिदमन्तरं हि व्याप्तं ।त्वयैकेन दिशश्च सर्वाः । दृष्ट्वाद्भृतं रूपमुग्रं तवेदं ।लोकत्रयं प्रव्यथितं महात्मन् ।।२० ।।

- 21. "Os múltiplos deuses dissolvem-se em vós, enquanto a maioria deles exalta receosamente o vosso nome e as vossas glórias com as mãos juntas e a maior parte de grandes sábios e de homens esclarecidos cantam, pedindo continuadamente a bênção, hinos sublimes em vossa homenagem."
- 22. "Os Rudr, os filhos de Aditi, Vasu, Sadhya<sup>8</sup>, os filhos de Vishwa<sup>9</sup>, os Ashwin, Marut, Agni e hordas de gandharv, yaksh, demónios e homens esclarecidos, todos eles vos vislumbram maravilhados."

Os deuses, Agni e uma multidão de gandharv, yaksh e demónios olham, maravilhados, a forma omnipresente de Krishn. Estes encontram-se fascinados pois são incapazes de o compreender. Na verdade, eles não têm a visão que lhes permite captar a sua essência. Krishn disse anteriormente que os homens de natureza demoníaca e perspectiva comum se lhe dirigem como um mero mortal, apesar de ele, ainda que munido de um corpo humano, resida no deus supremo. É por esta razão que os deuses, Agni e a maioria dos gandharv, yaksh e dos demónios o observam com espanto. São incapazes de percepcionar e entender a realidade.

23. "Observando a vossa forma colossal com as vossas muitas bocas e olhos, mãos, coxas e pés, barrigas e dentes temerosos, ó dos muitos braços, todos os seres são assolados pelo terror, tal como eu."

Tanto Krishn como Arjun têm braços poderosos. Aquele cuja esfera de acção se estende para além da natureza é o "de braços poderosos". Ao passo que Krishn já alcançou a perfeição no campo e alcançou os

> अमी हि त्वां सुरसंघा विशन्तिकेचिद्भीताः प्राञ्जलयो गृणन्ति । स्वस्तीत्युक्त्वा महर्षिसिद्धसंघा : स्तुवन्ति त्वां स्तुतिभिःपुष्कलाभिः ।।२१।। रुद्रादित्या वसवो ये च साध्याविश्वेऽश्विनौ मरुतश्चोष्मपाश्च। गन्धर्वयक्षासुर सिद्धसंघावीक्षन्ते त्वां विस्मिताश्चैव सर्वे।।२२।। रूपं महत्ते बहुवक्त्रनेत्रं महाबाहो बहुबाहूरुपादम्। बहुदरं बहुदंष्ट्राकरालं दृष्ट्वालोकाः प्रव्यथितास्तथाहम्।।२३।।

<sup>8</sup> Uma classe específica de seres celestiais ou deuses no geral.

<sup>9</sup> A designação de um grupo específico de divindades.

seus limites mais longínquos, Arjun acabou de ser iniciado e ainda se encontra a caminho. O seu destino ainda está longe. Ao olhar a forma universal de Krishn, fica, tal como os outros, fascinado pela grandeza incompreensível de Deus.

- 24. "Ao olhar a vossa enorme e ofuscante forma que chega até ao céu com as vossas muitas manifestações, boca bem aberta e olhos esbugalhados, ó Vishnu, a minha alma interior treme de medo, fico sem coragem e paz de espírito."
- 25. "Dado que perdi o meu sentido de direcção e a alegria ao contemplar a vossa face com dentes assustadores e flamejantes como a grande conflagração que se crê ter consumido o mundo no dia do Juízo Final, rogo-vos, ó Deus dos deuses, que sejais misericordioso e pacífico."
- 26. "E vejo os filhos de Dhritrashtr, juntamente com muitos outros reis, Bheeshm, Dronacharya, Karn e até os comandantes do nosso lado e todos..."
- 27. "Os seres que se precipitam para a vossa boca com os seus terríveis dentes, sendo que alguns deles jazem entre as vossas presas com as cabeças esmagadas."
- 28. "Os guerreiros do mundo humano arremessam-se para as vossas bocas flamejantes, tal como os rios se precipitam para o oceano."

As correntes dos rios são fortes e, ainda assim, precipitam-se para o oceano. Do mesmo modo, multidões de guerreiros correm para as bocas

नभः स्पृशं दीप्तमनेक वर्णं व्यात्ताननं दीप्तविशाल नेत्रम्। दृष्ट्वा हि त्वां प्रव्यथितान्तरात्मा धृतिं न विन्दामि शमं च विष्णो ।।२४ ।। दंष्ट्राकरालानि च ते मुखानि दृष्ट्वैव कालानलसन्निभानि । दिशो न जाने न लभे च शर्म प्रसीद देवेश जगन्निवास ।।२५ ।। अमी च त्वां धृतराष्ट्रस्य पुत्राःसर्वे सहैवावनिपालसङ्गैः । भीष्मो द्रोणः सूतपुत्रस्तथासौसहारमदीयैरपि योधमुख्यैः ।।२६ ।। वक्त्राणि ते त्वरमाणा विशन्तिदंष्ट्राकरालानि भयानकानि । केचिद्विलग्ना दशनान्तरेषुसंदृश्यन्ते चूर्णितैरुत्तमाङ्गै : ।।२७ ।। यथा नदीनां बहवोऽम्बुवेगाःसमुद्रमेवाभिमुखा द्रवन्ति । तथा तवामी नरलोकवीराविशन्ति वक्त्राण्यभिविज्वलन्ति ।।२८ ।।

em chamas de Deus. São homens de coragem e valor, mas Deus é como um oceano. A força humana nada é quando comparada com o seu poder. O verso seguinte ilustra a razão e o modo como se precipitam para ele.

- 29. "Estes atiram-se para as vossas bocas para se destruírem, do mesmo modo que os insectos voadores se dirigem às chamas."
- 30. "Devorando todos os mundos com as vossas bocas flamejantes e os vossos lábios húmidos, o vosso brilho consome todo o mundo ao inundá-lo de radiância."

Esta é claramente uma descrição da dissolução das propriedades do mal em Deus, após a qual até mesmo a utilidade do tesouro divino é dispensado. As propriedades do bem surgem ainda no mesmo Eu. Arjun vê os guerreiros Kaurav e, de seguida, os guerreiros do seu próprio exército a desaparecer na boca de Krishn. E, deste modo, dirige-se-lhe.

31. "Uma vez que sou ignorante quanto à vossa natureza, ó Ser Primordial, e desejo conhecer a vossa realidade, prestar-vosei homenagem e orarei a vós, ó Ser Supremo, para me dizerdes quem sois nesta terrível forma."

Arjun deseja saber quem Krishn é na sua imensa forma e o que pretende fazer. Ainda não entende totalmente os modos como Deus se realiza. Neste sentido, Krishn fala-lhe.

32. "O Senhor disse: 'Eu sou o tempo todo-poderoso (kal), agora inclinado e empenhado na destruição dos mundos, sendo que os guerreiros dos exércitos opostos morrerão mesmo sem os matardes'."

E acrescenta ainda:

यथा प्रदीप्तं ज्वलनं पतङ्गाविशन्ति नाशाय समृद्धवेगाः। तथैव नाशाय विशन्ति लोकास्तवापि वक्त्राणि समृद्धवेगाः।।२९।। लेलिह्यसे ग्रसमानः समन्ता ल्लोकान्समग्रान्वदनैर्ज्वलद्भिः। तेजोभिरापूर्य जगत्समग्रंभासस्तवोग्राः प्रतपन्ति विष्णो।।३०।। आख्याहि मे को भवानुग्ररूपो नमोऽस्तु ते देववर प्रसीद । विज्ञातुमिच्छामि भवन्तमाद्यं न हि प्रजानामि तव प्रवृत्तिम्।।३९।। कालोऽस्मि लोकक्षयकृत्प्रवृद्धोलोकान्समाहर्तुमिह प्रवृत्तः। ऋतेऽपि त्वां न भविष्यन्ति सर्वेयेऽवस्थिताः प्रत्यनीकेषु योधाः।।३२।। 33. "Deste modo, devíeis levantar-vos, ganhar reputação e gozar o vosso reino próspero e influente, conquistando os vossos inimigos, pois estes guerreiros já foram mortos por mim e por vós, ó Savyasachin<sup>10</sup> (Arjun), pelo que deveis ser o agente nominal da sua destruição."

Krishn afirmou repetidamente que Deus não age nem leva os outros agir, não provocando sequer coincidências. É só devido às suas mentes iludidas que as pessoas crêem que todas as acções se devem a Deus. Mas, neste caso, é o próprio Krishn que se ergue, declarando que já aniquilou os seus inimigos. Arjun tem apenas de aceitar os louros, limitando-se a executar o acto de matá-los. Tal remete-nos novamente para a sua natureza essencial. Esta é a imagem da devoção afectuosa e Deus está sempre disposto a auxiliar e orientar os seus devotos mais dedicados. Ele é o seu agente, o condutor do carro de combate.

Esta é a terceira ocasião que surge a ideia de "reino" no Geeta. Inicialmente, Arjun não gueria combater, dizendo a Krishn que não podia entender como o facto de se tornar um regente incontestável de um reino próspero e poderoso ou até mesmo no deus dos deuses semelhante a Indr poderia eliminar a dor que assolara os seus sentidos. Este não desejava nada disso, caso esta dor persistisse após o alcance das respectivas recompensas. Yogeshwar Krishn disse-lhe então que, em caso de derrota, seria recompensado com uma existência celestial e que, em caso de vitória, alcançaria o Espírito Supremo. Agora diz que os inimigos já foram aniquilados por ele e que Arjun apenas tem de agir como um mandatário para ficar tanto com a reputação como ganhar um reino próspero. Será que Krishn quer com isto dizer que irá conceder a Arjun as recompensas mundanas com as quais está tão evidentemente desiludido, as recompensas nas quais não consegue prever o fim da sua miséria? Contudo, este não é o caso. A recompensa prometida será a união derradeira com Deus, que resultará da destruição de todas as contradições do mundo material. Este é a única recompensa

> तस्मात्त्वमुत्तिष्ठ यशो लभस्व जित्वा शत्रून् भुङ्क्ष्व राज्यं समृद्धम् । मयैवैते निहताः पूर्वमेव निमित्तमात्रं भव सव्यसाचिन् ।।३३।।

10 Arjun é assim designado uma vez que também lançava flechas com a sua mão esquerda.

permanente, que nunca é destruída e que é o resultado do raj-yog (a forma mais elevada de todos os yog). Deste modo, Krishn incita Arjun mais uma vez.

34. "Destruí, sem temor, Dronacharya, Bheeshm, Jayadrath, Karn e muitos outros guerreiros que já hão sido mortos por mim e lutai, pois ireis conquistar, sem dúvida alguma, os vossos inimigos."

Mais uma vez, Krishn incita Arjun a liquidar os seus inimigos, que já foram destruídos por ele. Não sugerirá isto que ele é um agente, sendo que afirmou explicitamente nos versos 13 a 15 do capítulo 5 que Deus é um não-agente? Adicionalmente, dirá posteriormente que existem apenas cinco meios pelos quais as boas e as más acções podem ser executadas: a base (o poder regulador sob os auspícios de que algo é efectuado), o agente (mente), os instrumentos ou meios (sentidos, bem como a disposição) esforços ou exercícios (desejos) e a providência (determinada pelas acções numa existência prévia). Aqueles que dizem que Deus é o único agente são ignorantes e encontram-se iludidos. Qual é, então, a explicação para esta contradição?

A verdade é que existe uma linha divisória entre a natureza e o Espírito Supremo. Enquanto a influência dos objectos da natureza é dominante, a ignorância universal (maya) será a força motivadora. Mas, após o devoto ter superado a natureza, será bem sucedido a alcançar a esfera da acção do Deus adorado ou, por outras palavras, do Guru iluminado. Não se deve esquecer, tendo em conta o termo "motivador", um preceptor realizado, a Alma individual, a Alma Suprema, o objecto de devoção e Deus são todos sinónimos. As direcções recebidas pelos devotos provêm todas de Deus. Após este estádio, Deus ou o Guru realizado (ascendendo da Alma do próprio devoto) encontra-se presente no coração do devoto, tal como o condutor do carro de combate que o conduz pelo percurso correcto.

द्रोणं च भीष्मं च जयद्रथं चकर्णं तथान्यानिप योधवीरान्। मया हतांस्त्वं जिह मा व्यथिष्ठा युध्यस्व जेतासि रणे सपत्नान्।।३४।। O reverenciado Maharaj Ji dizia: "Notem que o acto de devoção não tem o início adequado até o devoto se encontrar consciente do seu Eu e Deus ter descido ao seu nível. Assim, independentemente do que faça, tal é sempre uma oferenda de Deus. O devoto prossegue então o seu caminho de acordo com os sinais e as direcções de Deus. O sucesso do devoto trata-se da graça de Deus. É Deus quem vê pelos olhos do devoto, que lhe indica o caminho e que lhe permite, por fim, unificar-se consigo mesmo". É isto que Krishn refere ao declarar a Arjun que deve matar os seus inimigos. Arjun ganhará certamente, pois Deus encontra-se junto a ele.

35. "Sanjay disse (ainda a Dhritrashtr): 'Tremendo de medo ao escutar as palavras de Keshav<sup>11</sup> e maravilhado por esse sentimento, Arjun dirigir-se-á a Krishn, de mãos juntas e com humildade reverente'."

Sanjay viu exactamente o mesmo que Arjun. Dhritrashtr é cego, mas até mesmo ele consegue ver e compreender claramente através da contenção.

- 36. "Arjun disse: 'É somente correcto, ó Hrishikesh, que os homens se alegrem a cantar homenagens ao vosso nome e glória, e que os demónios fujam apressadamente e em desordem por temor da vossa glória, e que os sábios realizados vos façam vénias em reverência'."
- 37. "O que mais podem eles fazer, ó Grande Alma, para além de vos prestar homenagem se sois, ó Deus dos deuses e energia primordial do universo, o Espírito Supremo imperecível que se encontra além de todos os seres e dos não-seres?"

संजय उवाच: एतच्छुत्वा वचनं केशवस्यकृताञ्जलिर्वेपमान: किरीटी।

नमस्कृत्वा भूय एवाह कृष्णंसगद्गदं भीतभीत: प्रणम्य ।।३५ ।।

अर्जुन उवाच : स्थाने हृषीकेश तव प्रकीर्त्याजगत्प्रहृष्यत्यनुरज्यते च।

रक्षांसि भीतानि दिशो द्रवन्तिसर्वे नमस्यन्ति च सिद्धसंघा: ।।३६ ।। कस्माच्च ते न नमेरन्महात्मन्गरीयसे ब्रह्मणोऽप्यादिकर्त्रे ।

अनन्त देवेश जगन्निवासत्वमक्षरं सदसत्तत्परं यत्।।३७।।

Arjun pode falar assim, pois teve uma visão directa do Deus imperecível. Mas somente a visão ou assumpção a um nível intelectual não é suficiente para conduzir à percepção do Espírito Supremo indestrutível. A visão de Deus de Arjun trata-se de uma percepção interior.

- 38. "Vós, ó infinito, sois o Deus primordial, o Espírito eterno, o céu derradeiro do mundo, o vidente digno de percepção, o objectivo supremo e o omnipresente."
- 39. "Uma vez que sois o vento, o deus da morte (Yamraj), o fogo, o deus da chuva (Varun), a lua, o Senhor de toda a criação e até mesmo a raiz primordial de Brahma, vergo-me perante vós mil vezes e até mais."

Arjun encontra-se de tal modo maravilhado com a sua fé e dedicação que até mesmo após prestar homenagem repetidamente não se encontra satisfeito. Assim, prossegue com os seus elogios:

40. "Dado que estais munido, ó imperecível e todo-poderoso, da proeza infinita e sois o Deus omnipresente, sois honrado em todo o lado (por todos)."

Deste modo, fazendo repetidamente vénias em homenagem, Arjun roga por perdão pelos seus erros:

41-42. "Procuro o vosso perdão, ó infinito, por todas as palavras indiscretas referentes a vós que possa ter proferido, por ter tomado a liberdade indevida de vos dirigir enquanto 'Krishn' e 'Yadav', por qualquer desrespeito que possa, inadvertidamente, ter-vos demonstrado no decurso de um comportamento ou repouso frívolo ou durante as refeições, ó Achyut (infalível), ou enquanto estivemos juntos, sozinhos ou com outros, ao julgar que éreis meu amigo íntimo devido ao surgimento descuidado da minha ignorância da vossa verdadeira magnificência."

वेत्तासि वेद्यं च परं च धामत्वया ततं विश्वमनन्तरूप ।।३८ ।। वायुर्यमोऽग्निर्वरूणः शशाङ्कःप्रजापतिस्त्वं प्रपितामहश्च । नमो नमस्तेऽस्तु सहस्रकृत्वःपुनश्च भूयोऽपि नमो नमस्ते ।।३९ ।। नमः पुरस्तादथ पृष्ठतस्तेनमोऽस्तु ते सर्वत एव सर्व । अनन्तवीर्यामितविक्रमस्त्वंसर्वं समाप्नोषि ततोऽसि सर्वः ।।४०।। सखेति मत्वा प्रसभं यदुक्तं हे कृष्ण हे यादव हे सखेति । अजानता महिमानं तवेदं मया प्रमादात्प्रणयेन वापि ।।४९ ।। यच्चावहासार्थमसत्कृतोऽसिविहारशय्यासनभोजनेषु । एकोऽथवाप्यच्युत तत्समक्षंतत्क्षामये त्वामहमप्रमेयम् ।।४२ ।। Arjun tem a coragem de rogar perdão a Krishn pelos seus erros, pois está convicto que é diferente de todos os outros: que este o perdoará, dado que é pai da humanidade, o preceptor mais nobre e verdadeiramente digno da devoção mais reverente.

- 43. "Uma vez que ninguém nos três mundos vos pode igualar, quem é o pai dos mundos animados e inanimados, o maior de todos os preceptores, a mais venerável e maior magnificência e como pode alguém ser-vos superior?"
- 44. "Atirando-me a vossos pés e vergando-me em humilde homenagem, anseio-vos, ó deus mais adorável, para que me perdoais os meus erros, tal como um pai perdoa o seu filho, um amigo perdoa um amigo e um marido afectuoso perdoa a sua querida mulher."

Arjun está convencido que Krishn tem um coração grande o suficiente para ser indulgente com as suas falhas. Mas qual foi, afinal, o seu erro? Com que outro nome que não "Krishn" poderia ele ter-se dirigido ao seu amigo de pele morena? Deveríamos chamar branco a um negro? Será pecado chamar as coisas pelo seu nome? Chamar "Yadav" a Krishn não pode ser incorrecto, já que Krishn é descendente de uma família Yadav. Do mesmo modo, não se trata de uma ofensa, dado que Krishn considera Arjun como um amigo íntimo. Contudo, é evidente que Arjun se desculpa abjectamente, pois acredita que dirigir-se a Krishn enquanto "Krishn" é uma ofensa.

A forma como se medita é essencialmente aquela que Krishn expôs. Este aconselhou Arjun no trigésimo verso do capítulo 8 a recitar OM e a contemplá-lo. OM, é possível recordar, é o símbolo do Deus imperecível. A Arjun foi recomendado recitar esta sílaba sagrada e visualizar a imagem de Krishn, já que OM representa o Ser Supremo imanifesto e é também símbolo do sábio após ter alcançado o objectivo supremo da percepção divina. Quando Arjun tem uma visão nítida da magnificência

पितासि लोकस्य चराचरस्यत्वमस्य पूज्यश्च गुरूर्गरीयान्।। न त्वत्समोऽस्त्यभ्यधिकः कुतोऽन्योलोकत्रयेऽप्यप्रतिमप्रभाव ।।४३।। तस्मात्प्रणम्य प्रणिधाय कायं प्रसादये त्वामहमीशमीड्यम्। पितेव पुत्रस्य सखेव सख्युः प्रियः प्रियायार्हसि देव सोढुम्।।४४।। de Krishn, apercebe-se que este não é branco nem preto, nem mesmo um amigo ou Yadav. Ele é somente uma grande Alma que se tornou una e idêntica com o Espírito Supremo imperecível.

Em todo o Geeta, Krishn deu ênfase em cinco ocasiões distintas à importância de recitar OM. Se temos de orar, é melhor recitar OM do que proferir o nome de Krishn. Os devotos sentimentais costumam adoptar uma maneira ou outra. Enquanto uns ficam horrorizados com a controvérsia sobre a conveniência ou não de recitar OM, outros apelam aos sábios, e outros, ansiosos por se agraciar com Krishn, lhes acrescentam Radha<sup>12</sup> ao nome. É verdade que fazem tudo isto por devoção, contudo as suas orações são marcadas pelo sentimento excessivo. Se tivermos sentimentos verdadeiros por Krishn, devemos obedecer às suas instruções. Apesar de residir no imanifesto, ele está sempre presente perante nós, ainda que sejamos incapazes de o vislumbrar devido a visão inadequada. A sua voz está connosco, porém não a podemos ouvir. Pouco proveito se terá em estudar o Geeta se não lhe obedecermos, apesar de se retirar sempre vantagens de um tal estudo. Aquele que escutar e aprender com o Geeta, ganhará consciência do conhecimento e yagya, atingindo corpos mais elevados. Assim, o estudo é imperativo.

A sequência contínua do nome "Krishn" não se materializa durante a meditação num estado de controlo da respiração. A pura emoção leva alguns homens a recitar apenas o nome de Radha. Mas não se tratará de uma prática comum elogiar as mulheres de funcionários inatingíveis? Não surpreende que muitos de nós acreditem que podemos agradar Deus do mesmo modo. Deste modo, deixamos de nos manifestar a Krishn para nos limitarmos a recitar apenas "Radha", na esperança que ela facilite o acesso a ele. Mas como poderá a pobre Radha fazê-lo sem nem ela se pode unir a Krishn? Desta forma, em vez de prestar atenção ao que os outros dizem, limitemo-nos a recitar OM. Simultaneamente, é de admitir que Radha deve ser o nosso ideal. Devemos dedicar-nos a Deus com a intensidade da sua devoção ao seu amado. É essencial ser como ela, atendendo à separação de Krishn.

<sup>12</sup> O nome de um *gopi* ou guardador de manadas de vacas afamado adorado por Krishn. Esta adoração é símbolo da união da Alma individual com o Espírito Supremo.

Arjun dirige-se ao seu amigo como "Krishn" pois este era o seu nome. De modo semelhante, um grande número de devotos recita o nome dos seus preceptores por puro sentimento. Mas, tal como já foi demonstrado, após a percepção o sábio torna-se uno com o Deus imanifesto em que habita. Assim, muitos discípulos questionam: "Quando vos contemplarmos, porque não podemos, ó preceptor, recitar o nome de Krishn, no lugar do tradicional OM?" Mas Yogeshwar Krishn disse explicitamente que, após a realização, um sábio se encontra munido do mesmo nome que o Espírito Supremo, em quem imergiu. "Krishn" é mais um apelo do que um nome para récita no yagya.

Quando Arjun roga por indulgência pelas suas ofensas e roga por retornar à sua forma habitual e benigna, Krishn não só o perdoa como lhe concede o seu pedido. O pedido de misericórdia de Arjun é referido no seguinte verso:

45. "Apaziguai-vos, ó infinito e Deus dos deuses, e mostrai-me a vossa forma misericordiosa, pois, apesar de me alegar por contemplar a vossa forma maravilhosa (e omnipresente) que nunca houvera visto, a minha mente encontra-se aflita pelo terror."

Até à data, Yogeshwar Krishn revelou-se perante Arjun na sua forma omnipresente, dado que Arjun nunca o viu antes, e é bastante natural que sinta simultaneamente alegria e horror. A sua mente encontra-se profundamente agitada. Anteriormente, talvez Arjun se tenha orgulhado pela excelência das suas capacidades de arqueiro e considerado superior a Krishn no que a isso tocava. Porém, a visão da imensidão do Senhor omnipresente encheu-o de respeito. Após escutar no último capítulo as glórias de Krishn, começou a considerá-lo um homem de conhecimento e sabedoria. Mas aquele que se encontra munido de conhecimento e sabedoria no verdadeiro sentido da expressão não sente temor. A experiência da percepção directa de Deus tem, na verdade, um efeito único. Até mesmo após o devoto ter ouvido e prendido tudo teoricamente, tem ainda de ganhar consciência da realidade através da

अदृष्टपूर्वं हृषितोऽस्मि दृष्ट्वा भयेन च प्रव्यथितं मनो मे । तदेव मे दर्शय देव रूपं प्रसीद देवेश जगन्निवास ॥४५॥ prática e da experiência pessoal. Quando Arjun tiver tal visão, é assolado simultaneamente pela alegria e o terror e a sua mente é abalada. Assim, roga a Krishn que reassuma com a sua forma plácida e compassiva.

46. "Uma vez que anseio vislumbra-vos, ó Deus dos mil braços e omnipresente, tal como vos contemplei anteriormente, com uma coroa e armado de uma maça e do vosso chakr, orarei para que assumis a vossa forma de quatro braços."

Vejamos do que trata a forma de quatro braços de Krishn.

- 47. "O Senhor disse: 'Revelei-vos com compaixão, ó Arjun, através de um exercício do meu poder de yog, a minha forma resplandecente, primordial, infinita e omnipresente, que mais ninguém contemplou antes'."
- 48. "Ó mais distinguido entre os Kuru, mais ninguém para além de vós é capaz neste mundo mortal de vislumbrar a minha forma infinita e universal, a qual não pode ser apreendida nem pelo estudo dos Ved, nem pelo desempenho do yagya, nem sequer pela caridade ou pelos actos virtuosos, nem pelas austeridades espirituais rigorosas."

Caso todas as reivindicações de Krishn no verso acima, bem como a certeza que deu a Arjun de que mais ninguém para além dele o pode vislumbrar a sua forma imensa e omnipresente, forem verdade, o Geeta deixa de ter utilidade. E nesse caso, a capacidade de percepcionar Deus é detida apenas por Arjun. Por outro lado, Krishn referiu ainda anteriormente que muito sábios que se concentraram nele em tempos já idos com uma mente isenta de paixão, medo ou ira e que se purificaram pela penitência do conhecimento, foram bem sucedidos ao alcançar a sua forma. Mas agora, surpreendentemente, ele afirma que mais

श्री भगवानुवाच :

किरीटिनं गदिनं चक्रहस्तमिच्छामि त्वां द्रष्टुमहं तथैव। तेनैव रूपेण चतुर्भुजेनसहस्रबाहो भव विश्वमूर्ते ।।४६ ।। मया प्रसन्नेन तवार्जुनेदं रूपं परं दर्शितमात्मयोगात्। तेजोमयं विश्वमनन्तमाद्यं यन्मे त्वदन्येन न दृष्टपूर्वम् ।।४७ ।। न वेदयज्ञाध्ययनैर्न दानैर्न च क्रियाभिर्न तपोभिरुग्रै:। एवंरूप: शक्य अहं नृलोके द्रष्ट्रं त्वदन्येन कुरुप्रवीर ।।४८ ।। ninguém vislumbrará a sua manifestação cósmica, nem no passado nem no futuro. Quem é, afinal, Arjun? Não é ele um corpo como todos nós? Tal como se encontra representado no Geeta, ele é a incorporação dos sentimentos afectuosos. Ninguém desprovido deste sentimento pode ter vislumbrado no passado e ninguém sem essa característica poderá percepcionar no futuro. Esta característica do amor requer do devoto que abstraia a sua mente de todos os factores externos e que se dedique inteiramente ao Deus ansiado. Apenas através do caminho ordenado é possível aproximarmo-nos de Deus com amor. Acedendo ao pedido de Arjun, Krishn revela-se na sua forma de quatro braços.

- 49. "Contemplai novamente a minha forma de quatro braços (segurando uma flor-de-lótus, uma concha, uma maça e o meu chakr), de modo a serdes liberto das confusões e dos medos motivados pela minha terrível manifestação, pensando em mim com afecto (somente)."
- 50. "Sanjay acrescentou ainda (a Dhritrashtr): 'Após falar assim a Arjun, o Senhor Vasdudev revelou de novo a sua forma prévia e o sábio semelhante a Krishn reconfortou, assim, o assustado Arjun, ao manifestar-se a ele na sua forma plácida'."
- 51. "(De seguida) Arjun disse: 'Ó Janardan, recuperei a minha compostura e tranquilidade (mental) ao vislumbrar esta vossa forma mais benevolente e humana'."

Arjun pediu ao Senhor para se lhe revelar na sua forma de quatro braços. Mas o que verá se Krishn conceder o seu pedido e aparecer na forma desejada? Que mais para além da forma humana? Na verdade os termos "de quatro braços" e "de múltiplos braços" são utilizados por sábios após terem atingido o objectivo supremo. O preceptor de dois braços encontra-se junto ao seu pupilo, mas alguém de outro sítio

मा ते व्यथा मा च विमूढभावो दृष्ट्वा रूपं घोरमीदृङ्म मेदम्।

व्यपेतभी: प्रीतमना: पुनस्त्वं तदेव मे रूपमिदं प्रपश्य ।।४९ ।।

संजय उवाच : इत्यर्जुनं वासुदेवस्तथोक्त्वा स्वकं रूपं दर्शयामास भूय:।

आश्वासयामास च भीतमेनं भूत्वा पुन: सौम्यवपुर्महात्मा ।।५०।।

अर्जुन उवाच : दृष्ट्वेदं मानुषं रूपं तव सौम्यं जनार्दन।

इदानीमस्मि संवृत्तः सचेताः प्रकृतिं गतः।।५१।।

recorda, também ele, e o mesmo sábio, despertado pelo Espírito desse poder, é transformado no condutor do carro de combate que orienta aquele que busca no caminho correcto. O "braço" é um símbolo da acção. Assim, os nossos braços funcionam não só externamente, mas também interiormente. É esta a forma de quatros braços. A "concha", o "chakr", a "maça" e o "lótus" nos quatro braços de Krishn são simbólicos, representando respectivamente a afirmação do verdadeiro objectivo (concha), do início do ciclo da realização (chakr), o domínio dos sentidos (maça) e a competência da acção imaculada e pura (lótus). Esta é a razão pela qual Arjun entende a forma de quatro braços como humana. Não assumindo o significado da existência de um Krishn com quatro braços, a expressão "de quatro braços" é somente uma metáfora para o modo de acção especial de como os sábios percepcionam com os seus corpos, bem como com as suas Almas.

## 52. "O Senhor disse: 'Esta minha forma que vislumbrastes é a mais rara, pois até mesmo os deuses anseiam vê-la'."

Esta manifestação plácida e benevolente de Krishn é a menos comum, sendo que até mesmo os deuses a desejam vislumbrar. Ou seja, não é possível a todos reconhecer um sábio pelo que é. O muito reverenciado satsangi Maharajji, o preceptor realizado do meu reverenciado preceptor Maharajji, era um santo com uma Alma verdadeiramente consciente, porém, a maioria das pessoas consideravam-no um louco. Apenas uns poucos homens virtuosos entenderam pelos sinais celestiais que era uma sábio de grande alcance. E somente esses homens conseguiram compreender com todo o seu coração e alcançar o objectivo desejado. É isto que Krishn sugere ao declarar a Arjun que os deuses, que guardaram conscientemente nos seus corações o tesouro da divindade, anseiam após a visão da sua forma de quatro braços. Quanto a poder ser percepcionado pelo yagya, pela caridade ou pelo estudo dos Ved, Krishn afirma:

श्री भगवानुवाच : सुदुर्दर्शमिदं रूपं दृष्टवानसि यन्मम।

देवा अप्यस्य रूपस्य नित्यं दर्शनकांक्षिण: ।।५२ ।।

53. "A minha forma de quatro braços que haveis vislumbrado está para além do conhecimento proveniente de qualquer outro estudo dos Ved ou da penitência ou da caridade ou até da generosidade ou desempenho do yagya."

O único caminho pelo qual pode ser apreendido encontra-se descrito no seguinte verso:

54. "Ó Arjun, um homem de grande penitência, um devoto poderá vislumbrar esta minha forma directamente, adquirir a sua essência e até mesmo tornar-se uno comigo através da dedicação total e inquestionável."

O único caminho para alcançar o Espírito Supremo é a concentração de espírito perfeita, o estado em que o devoto se recorda apenas do objectivo adorado. Tal como se viu no capítulo 7, até mesmo o conhecimento é transformado na devoção total. Krishn disse anteriormente que mais ninguém para além de Arjun o havia alguma vez vislumbrado e que nunca ninguém o percepcionaria no futuro. Porém, agora revela, através da devoção concentrada, que os devotos não só o podem visionar, mas também percepcioná-lo e tornarem-se unos com ele. Deste modo, Arjun representa o nome de um tal devoto dedicado: o nome do estado de espírito e não tanto o de uma pessoa. Arjun é o amor poderoso. Assim, Yogeshwar Krishn afirma por fim:

55. "Este homem, ó Arjun, que age apenas pelo meu bem (matkarmah), em completo desapego (sangvarjitah) e desprovido de qualquer malícia em relação a todos os seres (nirvairah sarvbhooteshu), conhecer-me-á e alcançar-me-á."

As quatro condições essenciais da disciplina evolucionária que permite o alcance da perfeição espiritual ou transcendência (da qual a

नाहं वेदैर्न तपसा न दानेन न चेज्यया। शक्य एवंविधो द्रष्टुं दृष्टवानिस मां यथा।।५३।। भक्त्या त्वनन्यया शक्य अहमेवंविधोऽर्जुन। ज्ञातुं द्रष्टुं च तत्त्वेन प्रवेष्टुं च परंतप।।५४।। मत्कर्मकृन्मत्परमो मद्भक्त: सङ्गवर्जित:। निर्वेर: सर्वभूतेषु य: स मामेति पांडव।।५५।। vida humana é o meio) encontram-se indicadas pelo seguintes termos: "matkarmah", matparmah", "sangvarjitah" e "nirvairah sarvbhooteshu". "Matkarmah" significa desempenho da acção ordenada, a acção do yagya. "Matparmah" trata-se da necessidade do devoto se refugiar em Krishn e se dedicar completamente a ele. A accão requerida é impossível de atingir sem um total desinteresse nos objectos mundanos e nos frutos da acção (sangvarjitah). Por fim, mas não por último, encontra-se a condição "nirvairah sarvbhooteshu": a ausência da malícia ou de maldade em relação aos seres. Somente o devoto que preencha estes quatro requisitos pode alcançar Krishn. É quase escusado referir que, se os quatro caminhos indicados no último verso do capítulo forem tidos em consideração, o resultado será um estádio em que a batalha externa e o derramamento de sangue físico estão fora de questão. Esta é mais uma prova de que o Geeta não lida com um combate externo. Não existe um único verso no poema que acalente a ideia da violência física ou do homicídio. Se nos sacrificarmos pelo yagya, nos recordarmos apenas de Deus e mais ninguém, nos encontrarmos totalmente desapegados da natureza e das recompensas da acção e se não possuirmos maldade em nós em relação a nenhum ser, quem e devido ao quê haveríamos de combater? As quatro condições conduzem o devoto ao estádio em que se encontra totalmente sozinho. Não havendo ninguém com ele, quem combaterá? Segundo Krishn, Arjun já o vislumbrou. Tal não seria possível se houvesse o mais ínfimo resquício de malícia nele. Assim, é evidente que a batalha combatida por Arjun no Geeta é contra inimigos temerosos (como o apego e a repulsa, a paixão e a malícia, o desejo e a ira) que surgem no caminho do devoto ao empenhar-se na tarefa da contemplação concentrada, após ter assumido uma atitude de desapego face aos objectos mundanos, bem como às recompensas.



No início do capítulo, Arjun admitiu a Krishn que as suas ilusões se dissiparam com as amáveis palavras com que lhe havia revelado as suas múltiplas glórias. Ainda assim, dado que Krishn havia dito que era omnipresente, Arjun desejou também visionar directamente a sua magnificência. Este pediu ao Yogeshwar para se lhe revelar na sua

forma universal imperecível, caso fosse possível para os seus olhos mortais contemplar um tal manifestação. Uma vez que Arjun é seu amigo e o mais dedicado dos seus devotos, Krishn concedeu de boa vontade o seu pedido.

Após ter assumido a sua forma universal, Krishn declarou a Arjun para vislumbrar em si os seres celestiais como os sete sábios imortais 13 e sábios que o foram em tempos já idos e Brahma e Vishnu. O pedido de Arjun alargou-se assim à majestade presente de Deus. Resumindo as suas explicações, Krishn disse a Arjun como e onde poderia residir nele em todo o mundo animado e inanimado, bem como tudo o resto que este tinha curiosidade em saber.

Esta enumeração por parte de Krishn prosseguiu ao longo de três versos, do 5º ao 7º. Porém, os olhos físicos de Arjun não conseguiam vislumbrar nenhuma das glórias referidas pelo Senhor. Toda a majestade celestial de Deus se encontrava perante si, contudo este só conseguia ver Krishn como um comum mortal. Ao aperceber-se da dificuldade de Arjun, Krishn fez uma pausa e abençoou-o com a visão divina, com a qual conseguiu vislumbrar a usa verdadeira grandeza. Então Arjun viu Deus ante si, tendo uma percepção directa e real de Deus. Assolado pelo terror do que havia visto, começou a rogar humildemente a Krishn que o perdoasse pelos seus erros, que não foram verdadeiramente erros. Arjun pensava tê-lo ofendido ao dirigir-se-lhe enquanto "Krishn", "Yadav" ou "amigo". Dado que tal não é incorrecto, Krishn prontificou-se a mostrar-se misericordioso, reassumindo a sua forma agradável e benevolente em atenção ao pedido de Arjun e proferindo palavras de conforto e coragem.

O facto de Arjun chamar o seu amigo pelo nome de "Krishn não se tratou de uma ofensa, pois Krishn tem uma aparência morena. Do mesmo modo, denominá-lo de "Yadav" também não se tratou de uma indiscrição, já que este pertencia à linha dos Yaduvanshis. Se Arjun chamasse "amigo" a Krishn, tal também não seria errado, pois Krishn também o considera um amigo íntimo. Na verdade, todas estas são características

Mareechi, Angiras, Pulgatya, Pulah, Kratu e Vasishtha. Os sete sábios representam ainda os sete exercícios ou passos ou atributos do yog, os quais, após respectiva superação, o vidente alcança o estádio da percepção derradeira.

da atitude inicial daqueles que buscam em relação às grandes almas às quais se atribuiu o termo "sábio". Alguns deles dirigem-se a esses sábios de acordo com a sua aparência e forma. Alguns denominam-nos segundo uma característica determinante, ao passo que outros os consideram como iguais. Estes não conseguem compreender a essência dos sábios. Mas quando Arjun vislumbra finalmente a forma de Krishn, entende que este não é branco nem preto, tal como não pertence a família alguma nem é amigo de ninguém. Se não existe ninguém como Krishn, como poderá alguém ser seu amigo? Ou seu companheiro? Este está para além da compreensão racional. Um homem pode conhecer Krishn apenas se o Yogeshwar decidir revelar-se-lhe. Esta é a razão por detrás do pedido de desculpas de Arjun.

O problema que se colocou neste capítulo trata, tal como vimos, de como recitar o seu nome, se proferir "Krishn" é ofensivo. O problema foi solucionado no capítulo 8, quando Krishn declarou que os devotos deviam recitar OM, o termo primordial ou som que representa o Deus omnipresente, proeminente e imutável. OM é a essência que prevalece em todo o universo e que se esconde no interior de Krishn. Os devotos foram aconselhados a recitar esta sílaba sagrada e a concentrarem-se na forma de Krishn. A imagem de Krishn e OM são as chaves do sucesso das orações e meditação do devoto

Arjun pediu então a Krishn que lhe mostrasse a sua forma de quatro braços, aparecendo Krishn na sua forma gentil e misericordiosa. Arjun queria ver a forma de quatro braços, mas o que Krishn lhe revela é a forma humana. Na verdade, o yogi que tenha atingido o Deus omnipresente e eterno vive no seu corpo neste mundo e age com as suas duas mãos. Mas encontra-se consciente na sua Alma, bem como, simultaneamente, na Alma dos devotos que recordam a sua forma em todo o lado para os conduzir enquanto seu guia, seu condutor do carro de combate. Os braços são um símbolo da acção e tal é o significado da forma de quatro braços.

Krishn disse a Arjun que mais ninguém o havia vislumbrado nessa forma e que ninguém o faria no futuro. Se o entendêssemos literalmente, o Geeta seria fútil. Mas Krishn solucionou o problema ao declarar a Arjun que é mais simples para o devoto que se lhe dedique com fé concentrada e que se lembre apenas dele, conhecendo-o e à sua essência através da percepção directa e ao tornar-se uno com ele. O afecto pelo Deus adorado é uma forma filtrada de devoção. Tal como Goswami Tulsidas afirmou, não se pode chegar a Deus sem amor. Deus nunca foi percepcionado e nunca poderá ser vislumbrado por um devoto desprovido desse sentimento. Sem amor, não há yog ou oração ou caridade ou penitência que possibilite a realização final no caminho da evolução espiritual.

No último verso do capítulo, Krishn referiu o caminho quádruplo: o cumprimento do yagya, a acção ordenada, a dependência total e devoção a ele, o desapego dos objectos e das recompensas mundanas e, por último, a ausência de maldade em relação a tudo. Assim, é evidente que não pode haver uma guerra física ou carnificina no estado de espírito alcançado ao seguir o caminho quádruplo. Quando um devoto dedicou tudo o que tem a Deus, o recorda apenas a ele e mais ninguém, encontra-se de tal forma em controlo da sua mente e dos seus sentidos que a natureza e os respectivos objectos deixam de existir para ele e, uma vez liberto de todos os sentimentos malignos, a ideia de combater uma batalha externa se torna simplesmente impossível. O alcance do objectivo supremo eliminando um inimigo temeroso, representado pelo mundo, com a espada da renúncia perfeita, trata-se da única vitória após a qual nada mais há para derrotar.

Assim se conclui o Décimo Primeiro Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, da Disciplina do Yog e do Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado "Vishwroop Darshan Yog" ou "Revelação do Omnipresente".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Décimo Primeiro Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yathartha Geeta".

HARI OM TAT SAT

## O YOG DA DEVOÇÃO

Krishn declarou repetidamente a Arjun no final do capítulo 11 que a forma cósmica com que se lhe havia revelado nunca tinha sido vislumbrada por ninguém antes e também não o seria no futuro. Krishn não pode ser apreendido através da penitência ou do yagya ou da caridade, mas sim, tal com aconteceu com Arjun, pela devoção e contemplação resolutas, constantes e contínuas como uma corrente de óleo. Deste modo, Arjun foi incitado a dedicar-se a Krishn e a recordálo. Este deveria desempenhar o acto ordenado e, melhor ainda, entregar-se a ele. A devoção resoluta e concentrada trata-se do meio para alcançar o objectivo supremo. Tal aguçou, evidentemente, a curiosidade de Arjun para saber qual dos dois tipos de devotos é superior: se aqueles que adoram o Deus imanifesto como Krishn, ou aqueles que contemplam o Espírito imanifesto.

Na verdade, Arjun levantou esta questão pela terceira vez. Já havia perguntado a Krishn no capítulo 3 porque o incentivava a cometer uma acção tão temerária, se considerava o Caminho do Conhecimento superior ao Caminho da Acção Impessoal. Segundo Krishn, a acção era algo necessário em ambos os percursos.

Contudo, e apesar disto, se uma pessoa contiver o seus sentidos com uma violência não natural, não conseguindo esquecer os seus objectos, será um impostor arrogante e não um homem de conhecimento. Assim, Arjun foi aconselhado a executar a tarefa ordenada, o acto do yagya. O modo do yagya, uma especial forma de devoção que concede acesso ao objectivo supremo, foi então elucidado. Qual a diferença entre o Caminho do Conhecimento e o Caminho da Acção Impessoal se a

mesma acção (o acto do yagya) deve ser executada em ambos? Ao passo que um devoto afectuoso se empenha na acção do yagya após se ter entregado ao Deus ansiado e à respectiva acção, o yogi do conhecimento submete-se à mesma acção com a devida compreensão da sua própria capacidade e com confiança na mesma.

Arjun desejou ainda saber de Krishn no capítulo 5 a razão porque por vezes aconselhava a acção efectuada no Caminho do Conhecimento e, de outras vezes, a levada a cabo no Caminho da Acção Impessoal com espírito de auto-rendição. Na verdade, desejava saber qual delas era melhor. Por essa altura, já era do seu conhecimento que a acção era um factor comum em ambos os caminhos. Ainda assim, colocou a questão a Krishn, pois deparou-se com o problema de escolher o caminho superior. Havia sido informado que, apesar de aqueles que buscam alcançarem o objectivo desejado ao seguirem sós um dos dois caminhos, o Caminho da Acção Impessoal seria melhor do que o Caminho do Conhecimento. Sem a acção impessoal, ninguém pode ser um yogi nem verdadeiramente esclarecido. O Caminho do Conhecimento é, assim, impossível de percorrer sem a acção, detendo muitos mais obstáculos.

Agora, pela terceira vez, Arjun questiona o Senhor sobre qual dos dois tipos de devotos é superior: se aqueles que se lhe dedicam com concentração perfeita ou aquele que seguem o Caminho do Conhecimento, contemplando o princípio imanifesto e imperecível.

 "Arjun disse: 'Qual dos dois tipos de devotos resolutos é superior no exercício do yog: aqueles que sempre vos adoram na vossa forma corpórea, ou os outros que meditam sobre o vosso Espírito imperecível e imanifesto?'"

Independentemente de adorarem Krishn com auto-rendição, uma sensação de identidade para com ele e com uma concentração resoluta, ou o prestarem culto ao Deus imanifesto e imperecível em que reside

अर्जुन उवाच एवं सततयुक्ता ये भक्तास्त्वां पर्युपासते। ये चाप्यक्षरमव्यक्तं तेषां के योगवित्तमा:।।१।। com auto-confiança e não tanto com auto-rendição, ambos seguem o caminho ordenado por ele. Mas qual dos dois é superior? Krishn responde à questão.

- "O Senhor disse: 'Creio serem os mais superiores de todos os yogi aqueles que meditam constantemente sobre mim com total concentração e que me adoram (ao Deus corpóreo e manifesto) com verdadeira fé'."
- 3-4. "E aqueles que dominam bem os seus sentidos, que adoram ininterruptamente o Espírito Supremo que se encontra para além de todo o pensamento, que é omnipresente e indefinível, equânime, imutável e imóvel, sem forma e indestrutível, aqueles que, com total concentração, servem todos os seres considerando-os iguais, alcançar-me-ão."

Estes atributos de Deus não são diferentes dos de Krishn, mas...

5. "O alcance da perfeição pelo homens devotos ao Deus sem forma é mais árduo, pois para aqueles que são pretensiosos devido os seus corpos físicos será mais difícil percepcionar o imanifesto"

A realização é mais complicada para os devotos dedicados ao Deus desprovido de todas as suas qualidades (nirgun) devido ao apego da sua existência física. O alcance do Deus imanifesto é mais difícil quanto mais orgulho o devoto tiver no seu nascimento e proezas.

Yogeshwar Krishn foi um preceptor realizado semelhante a Deus e o Deus imanifesto manifestava-se nele. Segundo ele, aquele que busca,

श्री भगवानुवाच:

मय्यावेश्य मनो ये मां नित्ययुक्ता उपासते। श्रद्धया परयोपेतास्ते मे युक्ततमा मता: ।।२ ।। ये त्वक्षरमनिर्देश्यमव्यक्तं पर्युपासते। सर्वत्रगमित्रत्यं च कूटस्थमचलं ध्रुवम् ।।३ ।। संनियम्येन्द्रियग्रामं सर्वत्र समबुद्धय:। ते प्राप्नुवन्ति मामेव सर्वभूतिहते रता: ।।४ ।। क्लेशोऽधिकतरस्तेषामव्यक्तासक्तचेतसाम्। अव्यक्ता हि गतिर्दःखं देहवद्विरवाप्यते ।।५ ।।

em lugar de procurar refúgio num sábio, avança confiante nas suas próprias forças, com base na sua situação presente e futura e acreditando que, por fim, irá percepcionar o Eu imanifesto e idêntico, começa a pensar que o Espírito Supremo não é diferente dele e que ele é "ele". Alimentando tais pensamentos e sem esperar pela realização, começa a sentir que o seu corpo é o verdadeiro "ele". Assim, deambula pelo mundo mortal, a morada das penas, acabando por morrer. Tal não sucede com o devoto que procura refúgio junto a Krishn.

6-7. "E, ó Parth, isentarei os meus devotos dedicados que se concentraram em mim e que, ao buscar refúgio em mim e ao dedicar-me todas as suas acções, sempre me contemplaram e me veneraram (ao Deus manifesto) com concentração inabalável, do abismo do mundo mundano."

Krishn fomenta Arjun para essa devoção, esclarecendo o caminho com o qual tal pode ser alcançado.

8. "Não há dúvida que existireis em mim, se vos dedicardes e aplicardes a vossa mente e intelecto a mim."

Krishn está consciente da fraqueza do seu discípulo, já que Arjun confessou que considera o domínio da mente tão difícil como o domínio do vento. Deste modo, apressa-se a acrescentar:

9. "Caso não consigais concentrar-vos em mim, ó Dhananjay, buscai-me através da prática incessante do yog (abhyas-yog)"

"Prática" significa neste contexto o abandono pela mente do que quer que a ocupe, fixando-se apenas no objectivo desejado. Mas se Arjun for incapaz de o fazer, deveria desejar Krishn, dedicar-se apenas à sua adoração. Caso todos os seus pensamentos e acções forem somente para Krishn, cumprirá a realização do mesmo.

ये तु सर्वाणि कर्माणि मयि संन्यस्य मत्पराः।
अनन्येनैव योगेन मां ध्यायन्त उपासते।।६।।
तेषामहं समुद्धर्ता मृत्युसंसारसागरात्।
भवामि निवरात्पार्थ मय्यावेशितचेतसाम्।।७।।
मय्येव मन आधत्स्व मयि बुद्धि निवेशय।
निवसिष्यसि मय्येव अत ऊर्ध्वं न संशयः।।८।।
अथ चित्तं समाधातुं न शक्नोषि मयि स्थिरम्।
अभ्यासयोगेन ततो मामिच्छाप्तुं धनंजय।।९।।

- 10. "Caso sejais incapaz de seguir o caminho da prática, podereis assegurar a realização através do desempenho das acções que são somente dedicadas a mim."
- 11. "Caso não sejais sequer bem sucedido a realizar tal tarefa, abandonai todos os frutos da acção e buscai refúgio no meu yog com a mente absolutamente dominada."

Se Arjun não for capaz de o fazer, deverá abandonar todos os seus desejos de recompensa pela acção, assim como as considerações de perda e lucro e, com um sentimento de auto-rendição, buscar refúgio junto de um sábio com uma Alma realizada. A acção ordenada terá então início espontaneamente sob a orientação do preceptor realizado.

12. "Uma vez que o conhecimento é superior à prática, a meditação melhor do que o conhecimento e o abandono dos frutos da acção superior à meditação, a renúncia será recompensada rapidamente com a paz."

O empenho na acção do Caminho do Conhecimento é melhor do que o exercício do domínio da mente. A meditação é melhor do que o cumprimento da acção pelo conhecimento, uma vez que o objectivo desejado se encontra sempre presente na contemplação. Melhor até do que a contemplação é, contudo, o abandono dos frutos da acção, pois quando Arjun tiver desistido das recompensas da acção e se tiver submetido ao objectivo ansiado com o propósito de o alcançar, a dificuldade deste exercício do yog será suportada pelo Deus desejado. Assim, este tipo de renúncia será brevemente seguida pela realização da paz absoluta.

अभ्यासेऽप्यसमर्थोसि मत्कर्मपरमो भव । मदर्थमपि कर्माणि कुर्विन्सिद्धिमवाप्स्यिस ।।१० ।। अथैतदप्यशक्तोऽसि कर्तुं मद्योगमाश्रितः । सर्वकर्मफलत्यागं ततः कुरू यतात्मवान् ।।१९ ।। श्रेयो हि ज्ञानमभ्यासाज्ज्ञानाद्ध्यानं विशिष्यते । ध्यानात्कर्मफलत्यागस्त्यागाच्छान्तिरनन्तरम् ।।१२ ।। Até à data, Krishn afirmou que o yogi que desempenha a acção impessoal com auto-rendição se encontra em vantagem relativamente àquele do Caminho do Conhecimento e que venera o imanifesto. Ambos executam a mesma acção, porém, existem mais obstáculos no caminho do segundo. Este acarreta com a responsabilidade dos seus lucros e perdas, ao passo que o fardo do devoto dedicado é suportado por Deus. Desta forma, atinge a paz como resultado da sua renúncia aos frutos da acção. Krishn enumera então os atributos daquele que alcança tal tranquilidade.

- 13-14. "O devoto que não tenha malícia em relação a ninguém e que amar todos, que tenha compaixão e se encontre livre do apego e da vaidade, que considere a dor e a alegria de igual forma e que perdoe, munido de um yog constante, satisfeito tanto com a perda como com os ganhos, que domine a mente e se dedique a mim com convicção resoluta, ser-me-á querido."
- 15. "O devoto que não perturbar ninguém, nem se deixe perturbar por ninguém, e que se tenha libertado das contradições da alegria, da inveja e do medo, ser-me-á querido."

Independentemente destas características, o devoto é também aquele que nunca enerva nenhum ser e que não sente alegria, medo nem se distrai com nada. Um devoto assim é guerido para Krishn.

O verso dirige-se especialmente aos devotos, pois estes devem comportar-se de modo a não magoar os sentimentos de ninguém. Estes devem agir assim, ainda que os outros não actuem do mesmo modo. Concentrados no mundo mundano, estes apenas se satisfazem com actos rancorosos. Contudo, independentemente do que façam para denunciar e magoar, tal não perturbará nem interromperá a meditação

अद्रेष्टा सर्वभूतानां मैत्र: करुण एव च।
निर्ममो निरहंकार: समुदु:खसुख: क्षमी।।१३।।
संतुष्ट: सततं योगी यतात्मा दृढनिश्चय:।
मय्यर्पितमनोबुद्धियों मद्रक्त: स मे प्रिय:।।१४।।
यरमान्नोद्विजते लोको लोकान्नोद्विजते च य:।
हर्षामर्षभयोद्वेगैमुंक्तो य: स च मे प्रिय:।।१५।।

do devoto. Façam o que fizerem, os seus pensamentos devem centrarse firmes e constantes no Deus ansiado. É seu dever proteger-se dos ataques dos homens que agem como que intoxicados e fora de si.

16. "O devoto que se emancipar do desejo, que seja puro, que execute habilmente a sua tarefa, que esteja livre da dor e que tenha alcançado o estado da inacção, ser-me-á querido."

É puro aquele que se libertar do desejo. "Habilmente" significa que é um adepto da devoção e da meditação, da tarefa ordenada. Não se deixa afectar pela sorte nem pela falta dela, não sente dor e abandonou todas as outras acções, pois nada mais existe de digno para executar na viagem em que embarcou.

17. "O devoto que não sinta nem alegria nem inveja, que não se apoquente nem perturbe e que abandone todas as acções do bem e do mal, ser-me-á querido."

Este é o auge da devoção, quando o devoto nada mais deseja do que não seja digno nem queira possuir mais nada que seja ímpio. O devoto que tenha alcançado este estádio, é querido para Krishn.

18-19. "O devoto constante que considerar como semelhantes tanto os amigos como os inimigos, a honra e a desonra, o calor e o frio, a felicidade e a desgraça, e que esteja livre do apego ao mundo, indiferente à carnificina e que ore, meditando, satisfeito com qualquer forma de subsistência física e que se mostre isento do entusiasmo pelo local onde mora, ser-me-á querido."

अनपेक्षः शुचिर्दक्ष उदासीनो गतव्यथः। सर्वारम्भपरित्यागी यो मद्भक्तः स मे प्रियः।।१६।। यो न हृष्यति न द्वेष्टि न शोचित न काङ्क्षति। शुभाशुभपरित्यागी भक्तिमान्यः स मे प्रियः।।१७।। समः शत्रौ च मित्रे च तथा मानापमानयोः। शीतोष्णसुखदुःखेषु समः सङ्गविवर्जितः।।१८।। तुल्यनिन्दास्तुतिमौंनी संतुष्टो येन केनचित्। अनिकेतः स्थिरमतिभीक्तिमान्मे प्रियो नरः।।१९।।

## 20. "E os devotos que repousarem em mim e saborearem o néctar do dharm com espírito abnegado, ser-me-ão os mais queridos."

No último verso do capítulo, Krishn acrescenta que ama especialmente os devotos que se refugiam nele e que partilham a supramencionada substância imperecível do dharm.



No final do último capítulo, Krishn referiu a Arjun que nunca ninguém o havia vislumbrado antes nem nunca ninguém o veria depois, do mesmo modo como ele o tinha contemplado. Porém, aquele que o adorar com devoção e afecto constantes será capaz de vê-lo, de conhecer a sua essência e tornar-se uno com ele. Por outras palavras, o Espírito Supremo é uma entidade que pode ser percepcionada. Assim, Arjun deveria ser um devoto dedicado.

No início do presente capítulo, Arjun desejou saber de Krishn qual dos dois tipos de devotos são superiores: se aqueles que o veneram com uma dedicação concentrada, ou aqueles que contemplam o Deus imperecível e imanifesto. Segundo Krishn, ele é percepcionado por ambos os devotos, pois também ele é imanifesto. Contudo, registam-se obstáculos mais dolorosos no caminho daqueles dedicados ao Deus imanifesto com uma mente bem contida. Enquanto a concha do corpo físico prevalecer, o alcance do Deus sem expressão é doloroso, pois a sua forma imanifesta é alcançada apenas quando a mente se encontra estritamente dominada e dissolvida. Antes deste estádio, o próprio corpo representa um obstáculo no caminho do devoto. Repetindo vezes sem conta "Eu sou, eu sou, eu tenho de alcançar", acaba por se virar para o seu próprio corpo. Há assim grandes probabilidades de que este lhe barre o caminho. Deste modo, Arjun devia dedicar todas as suas acções a Krishn e recordá-lo com uma devoção resoluta, já que este último libertará da penumbra mundana aqueles que meditarem sobre ele com

> ये तु धर्म्यामृतमिदं यथोक्तं पर्युपासते। श्रद्धधाना मत्परमा भक्तास्तेऽतीव मे प्रिया:।।२०।।

a constância ininterrupta da corrente de óleo, com total confiança nele e que lhe dediquem as suas acções. Neste sentido, o caminho da devoção afectuosa é o mais superior.

Arjun devia centrar a sua mente em Krishn. Se não conseguir controlar a sua mente, deverá optar pelo caminho da prática constante. Deve eliminar repetidamente da sua mente aquilo que a retém e dominála. Caso seja incapaz de o fazer, deve empenhar-se apenas na acção. A acção é o único meio, o acto do yagya. Arjun deve executar continuamente o que é digno e nada mais. Independentemente de ser bem sucedido ou não, deve manter-se fiel à acção ordenada. Caso se dê o infortúnio de ser incapaz de fazer até mesmo isto, deverá renunciar aos frutos de qualquer acção e procurar refúgio junto a um sábio que tenha apreendido a realidade, que conheça o seu Eu e que resida no Espírito Supremo. Esta renúncia conduzi-lo-á à paz derradeira.

Desta forma, Krishn enumerou características do devoto que alcança tal paz. Livre de qualquer maldade relativamente a qualquer ser, este encontra-se dotado de compaixão e piedade. Igualmente isento do apego e da vaidade, este devoto é querido por Krishn. O devoto constantemente absorto na contemplação, com auto-domínio e que resida na sua Alma é-lhe querido. Aquele que nunca magoa ninguém nem nunca é magoado, é-lhe querido. O devoto puro, hábil na sua tarefa, que não sinta dor, que tenha percorrido o seu caminho renunciando a todos os desejos, bem como às acções boas e más, é-lhe querido. O devoto resoluto, esclarecido e afectuoso, equânime e que não apresenta queixa nem na glória nem na ignomínia, cuja mente e sentidos se encontram serenos e está satisfeito com qualquer forma de vida e isento do apego do corpo em que existe, é-lhe querido.

Esta enumeração do modo de vida dos devotos que tenham alcançado a paz derradeira tem lugar do décimo primeiro ao décimo nono capítulo, pelo que são de grande valor para os que a buscam. Dando, por fim, o último veredicto, Krishn declara a Arjun que os devotos de fé constante que se colocam à sua mercê e adequam a sua conduta com um espírito de abnegação de acordo com o néctar eterno e indestrutível do dharm supraanunciado lhe são os mais queridos. Assim, o empenho na tarefa ordenada com um espírito de auto-rendição trata-se

da melhor opção, pois nesse caminho a responsabilidade dos ganhos e perdas do devoto é suportada pelo nobre preceptor. Por esta altura, Krishn refere os atributos dos sábios que residem no Espírito Supremo e aconselha Arjun a procurar refúgio junto a eles. No final, incentivando Arjun a buscar refúgio nele, declara-se à altura desses sábios.

Uma vez que se considera a "devoção" o caminho superior neste capítulo, é apropriado intitulá-lo "O Yog da Devoção".

Assim se conclui o Décimo Segundo Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Disciplina do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun intitulado:

"Bhakti Yog" ou "O Yog da Devoção".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do
Décimo Segundo Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em
"Yatharth Geeta".

HARLOM TAT SAT

#### CAPÍTUI 013

### A ESFERA DA AÇÇÃO E O SEU CONHECEDOR

No início do Geeta, Dhritrashtr perguntou a Sanjay o que os seus filhos e os de Pandu haviam feito reunidos em Dharmkshetr e em Kurukshetr para o combate. Porém, ainda não foi esclarecido onde se encontra esse campo ou esfera. Só no presente capítulo é que Krishn faz uma declaração precisa da localização dessa esfera.

 "O Senhor disse: 'Este corpo é, ó filho de Kunti, um campo de batalha (kshetr) e aqueles que o souberem (kshetragya) serão considerados sábios, pois cresceram espiritualmente bem ao apreender a sua essência'."

Em vez de se envolverem nesta esfera, os kshetragya dominamna. Assim o afirmam os sábios que conheceram e compreenderam a sua realidade.

Quando só há um único corpo, como podem existir duas esferas, Dharmkshetr e Kurukshetr, no mesmo? Na verdade, num corpo existem dois instintos distintos e primários. O primeiro trata-se do tesouro pio da divindade que proporciona acesso ao Espírito Supremo que representa o dharm mais sublime. Por outro lado, existem os impulsos demoníacos caracterizados pela impiedade que leva o homem a aceitar o mundo mortal como real. Quando se regista abundância de divindade no domínio do coração, o corpo é transformado em Dharmkshetr (campo do dharm), mas degenera em Kurukshetr quando dominado pelas forças maldosas.

श्री भगवानुवाच : इदं शरीरं कौन्तेय क्षेत्रमित्यभिधीयते।

एतद्यो वेत्ति तं प्राहु: क्षेत्रज्ञ इति तद्विद: ।। १।।

Este processo de elevação e queda em alternância, de subida e descida, tem constantemente lugar, mas a guerra tem início entre os dois impulsos opostos quando o devoto dedicado se empenha na tarefa de adoração em associação com um sábio que tenha percepcionado a realidade. Então, gradualmente, enquanto o tesouro da divindade cresce, os impulsos ímpios são enfraquecidos e destruídos. O estádio da realização divina é alcançado apenas depois da eliminação total de toda a maldade. E até mesmo a utilidade do tesouro divino é dispensada após o estádio da percepção, pois até este é diluído no Deus venerado. No capítulo 11, Arjun viu ainda, após os Kaurav, os guerreiros do seu próprio exército a saltar e a desaparecer na boca do Deus omnipresente. Kshetragya trata-se da característica do Eu após esta dissolução final.

 "E sabei, ó Bharat, que eu sou o Eu que tudo conhece (kshetragya) em todas as esferas e que, para mim, a consciência da realidade do kshetr e kshetragya, da natureza mutável e do Eu, é o conhecimento.

Aquele que conhecer a realidade da espera corporal é um kshetragya. Tal é assegurado pelos sábios que tenham percepcionado a essência desta esfera pela experiência directa. Agora, Krishn proclama que também ele é kshetragya. Por outras palavras, também ele foi um yogi, na verdade, um Yogeshwar. A percepção da realidade do kshetr e kshetragya, da natureza com as suas contradições e da Alma, trata-se do conhecimento. O conhecimento não se resume a uma mera disputa.

 "Escutai-me brevemente sobre a proveniência e conteúdo dessa esfera, bem como sobre as suas variações e características e o kshetragya e as suas qualidades."

A esfera da acção, da vida e da morte, é mutável, já que evoluiu de uma causa, ao passo que o kshetragya é caracterizado pela autoridade. Não é unicamente Krishn que o afirma, outros sábios afirmaram o mesmo.

> क्षेत्रज्ञं चापि मां विद्धि सर्वक्षेत्रेषु भारत। क्षेत्रक्षेत्रज्ञयोर्ज्ञानं यत्तज्ज्ञानं मतं मम।।२।। तत्क्षेत्रं यच्च यादृक्च यद्विकारि यतश्च यत्। स च यो यत्प्रभावश्च तत्समासेन मे शृणु।।३।।

4. "Isto foi também referido de várias formas distintas e bem interpretado por sábios em diversos versos nas Escrituras, aforismos inegáveis sobre o conhecimento do Espírito Supremo (Brahmsutr)."

Ou seja, Vedant, outros sábios, Brahmsutr e Krishn, todos afirmam o mesmo. Krishn declara, assim, apenas o que outros já disseram. Será o corpo apenas aquilo que é visível? A questão é abordada no seguinte verso.

5-6. "Resumindo, o corpo físico e mutável trata-se do conjunto dos cinco elementos, do ego, do intelecto, até mesmo do imanifesto, dos dez órgãos dos sentidos, da mente e dos cinco objectos dos sentidos, assim como do desejo, da malícia, do prazer e da dor e da inteligência e da força de espírito."

Resumindo a constituição do corpo, kshetr, com todas as suas variantes, Krishn diz a Arjun que é constituído pelos cinco grandes elementos (terra, água, fogo, éter e ar), pelo ego, intelecto e pensamento (o qual, em vez de ser referido, foi denominado de imanifesto, de natureza metafísica), lançando assim luz sobre a natureza primária e as suas oito partes constituintes. Adicionalmente, os outros componentes traduzem-se nos dez sentidos (olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, órgão do paladar, mãos, pés, órgão genital e ânus), na mente, nos cinco objectos dos sentidos (forma, paladar, odor, som e toque), no desejo, na malícia, no prazer, na dor, consciência e coragem. O corpo, a moldura corporal, é a combinação de tudo isto. Num breve resumo, tudo isto se trata do kshetr e as sementes boas e más aí semeadas são sanskar. Constituído por componentes que vêm evoluindo de uma origem ou natureza prévia (prakriti), o corpo deve existir enquanto estes componente subsistirem.

Consideremos agora as características do kshetragya, que não se encontra envolvido nem preso a este kshetr:

ऋषिभिर्बहुधा गीतं छन्दोभिर्विविधै: पृथक् । ब्रह्मसूत्रपदेश्चैव हेतुमद्भिर्विनिश्वितै: ।।४।। महाभूतान्यहंकारो बुद्धिरव्यक्तमेव च। इन्द्रियाणि दशेकं च पञ्च चेन्द्रियगोचरा:।।५।। इच्छाद्वेष: सुखं दु:खं संघातश्चेतना धृति:। एतत्क्षेत्रं समासेन सविकारमुदाहृतम्।।६।। 7. "A ausência de orgulho e de uma conduta arrogante, o acto de não magoar ninguém, o perdão, a integridade de pensamento e de discurso, a prática devota ao preceptor, a pureza exterior bem como a interior, a firmeza moral, o domínio do corpo juntamente com a da mente e dos sentidos..."

Estes são apenas alguns dos atributos do kshetragya: a indiferença à honra e à desonra, a ausência de vaidade e a relutância em magoar alguém (ahinsa). Ahinsa não significa somente abandonar actos de violência física. Krishn referiu anteriormente a Arjun que este não devia degradar a sua Alma. A degradação da Alma passa pela violência (hinsa), ao passo que elevá-la se traduz em não-violência (ahinsa). Aquele que tender para o aperfeiçoamento da sua própria Alma, também se dedica activamente ao bem-estar de outras Almas. No entanto, é verdade que esta virtude tem o seu início no princípio de não magoar os outros, um não é possível sem o outro. Assim, ahinsa, a misericórdia, o pensamento e o discurso honestos, o serviço de fé e a devoção ao preceptor, a pureza, a firmeza de espírito e coração e o domínio do corpo, junatmente com a mente e os sentidos, e...

- 8. "O desinteresse nos prazeres tanto mundanos como celestiais, a ausência do ego, a reflexão constante sobre as maleitas do nascimento, da morte, da idade avançada, da doença e da dor..."
- 9. "O desapego dos filhos, da mulher, da casa e das preferências, a ausência de entusiasmo, suportando tanto o agradável como o desagradável e forma equânime..."
- 10. "A devoção inabalável à minha pessoa com uma preocupação centrada no yog, uma preferência pela vida em locais isolados e o desinteresse pela sociedade humana..."

अमानित्वमदम्भित्वमिहंसा क्षान्तिरार्जवम् । आचार्योपासनं शौचं स्थैर्यमात्मविनिग्रहः ।।७ ।। इन्द्रियार्थेषु वैराग्यमनहंकार एव च । जन्ममृत्युजराव्याधि–दुःखदोषानुदर्शनम् ।।८ ।। असक्तिरनभिष्वङ्गः पुत्रदारगृहादिषु । नित्यं च समचित्तत्वमिष्टानिष्टोपपत्तिषु ।।९ ।। मयि चानन्ययोगेन भक्तिरव्यभिचारिणी । विविक्तदेशसेवित्वमरतिर्जनसंसदि ।।१० ।। Centrando a mente firmemente em Krishn, um Yogeshwar, ou num sábio como ele, de modo a registar-se a lembrança de nada mais a não ser o yog, e a contemplação devota de apenas o objecto desejado, a morada em locais isolados, o desinteresse na companhia de outros e...

11. "Repousando constantemente na consciência designada de adhyatm e na percepção do Espírito Supremo, o fim da percepção da verdade, tudo isto se trata do conhecimento, sendo que tudo o que lhe for contrário se resume a ignorância."

Adhyatm trata-se do conhecimento da predominância divina. A consciência de que é derivada de uma percepção directa do Espírito Supremo, da essência derradeira, é conhecimento. Krishn disse no Capítulo 4 que aquele que saborear o maná do conhecimento gerado pela realização do yagya, se torna uno com o Deus eterno, voltando a afirmar que a apreensão da realidade do Espírito Supremo se trata de conhecimento. Tudo o que se opuser a isto, é ignorância. Os atributos referidos como a atitude equânime da honra e da desonra complementam este conhecimento. A discussão do problema é assim concluída.

12. "Esclarecerei (a vós) sobre Deus sem início nem fim, aquele que é digno de ser apreendido e que, após ser conhecido, se ganha a matéria da imortalidade e que se diz ser nem um ser nem um não-ser."

Krishn promete esclarecer Arjun sobre o que deve ser apreendido e que, após ser conhecido, permite aos mortais atingirem a qualidade da imortalidade. O Deus derradeiro sem princípio nem fim diz-se não ser nem um ser nem um não-ser, pois assim que é eliminado é uma entidade. Porém, quem poderá dizer o que é se um devoto, um sábio, se encontra diluído nele. Existe somente uma entidade, sendo que a consciência do outro é obliterada. Num estádio assim, Deus não se trata nem de uma entidade nem de uma não-entidade. É apenas aquilo que é apreendido espontaneamente.

अध्यात्मज्ञाननित्यत्वं तत्त्वज्ञानार्थदर्शनम्। एतज्ज्ञानमिति प्रोक्तमज्ञानं यदतोऽन्यथा।।११॥ ज्ञेयं यत्तत्प्रवक्ष्यामि यज्ज्ञात्वामृतमश्नुते। अनादिमत्परं ब्रह्म न सत्तन्नासदुच्यते।।१२॥ Krishn reporta-se então às formas da sua grande Alma:

- 13. Ele tem mãos e pés, olhos, cabeças, bocas e orelhas em todos os lados, pois a sua presença encontra-se em todo o mundo."
- 14. "Conhecendo os objectos de todos os sentidos, ele, porém, não os tem. Livre do desapego e além das propriedades da natureza, ele é quem suporta tudo, e é também nele que todas as propriedades se dissolvem."

Desprovido dos sentidos, isento de apego e além dos atributos da matéria, ele é o provedor de tudo e o apreciador de todas as propriedades. Tal como Krishn referiu antes, ele é o apreciador de todo o yagya e respectivas penitências. As três propriedades são assim, por fim, dissolvidas nele.

15. "Existindo em todos os seres animados e inanimados, ele é tanto animado como inanimado; ele é também imanifesto porque é tão subtil, distante e próximo."

Ele é omnipresente, tanto animado como inanimado, imperceptível devido à sua delicadeza, para além do conhecimento pela mente e pelos sentidos e, simultaneamente, fechado e distante.

16. "O Espírito Supremo digno de ser conhecido e que parece ser distinto em cada ser apesar de ser um único e indivisível, é gerador, pilar e destruidor de todos os seres."

Tanto os fenómenos externos como internos foram referidos: a título de exemplo, o nascimento externo e o despertar interior, a subsistência externa e a aderência interior ao yog benéfico, a mudança externa do corpo e a dissolução interior de tudo, ou seja, a desintegração das causas

सर्वतः पाणिपादं तत्सर्वतोऽक्षिशिरोमुखम् । सर्वतः श्रुतिमल्लोके सर्वमावृत्य तिष्ठति ।।१३ ।। सर्वेन्द्रियगुणाभासं सर्वेन्द्रियविवर्जितम् । असक्तं सर्वभृच्चैव निर्गुणं गुणभोक्तृ च ।।१४ ।। बहिरन्तश्च भूतानामचरं चरमेव च । सूक्ष्मत्वात्तदविज्ञेयं दूरस्थ चान्तिके च तत् ।।१५ ।। अविभक्तं च भूतेषु विभक्तमिव च स्थितम् । भूतभर्त् च तज्ज्ञेयं ग्रसिष्ण् प्रभविष्ण् च ।।१६ ।। que conduzem à geração dos seres, juntamente com a sua dissolução – o acesso ao Deus idêntico. Todos estes são atributos do Ser Supremo.

17. "A luz entre as luzes que se diz estar além da escuridão, e Deus, a incorporação do conhecimento, digno de ser conhecido e alcançável apenas pelo conhecimento, residem nos corações de todos."

A consciência proveniente da percepção intuitiva trata-se do conhecimento. E somente através deste conhecimento se pode dar a percepção de Deus. Este reside no coração de todos, o coração é a sua morada e não o podemos encontrar se o procurarmos noutro sítio. Deste modo, encontra-se estipulado nas normas que Deus apenas pode ser alcançado pela contemplação interior e pelo acto do yog.

18. "Conhecendo a verdade do que foi proferido brevemente sobre kshetr, o conhecimento e o Deus a apreender, o meu devoto atingirá o meu estádio."

Krishn recorre aos termos "natureza (prakriti) e "Alma" (purush) para o que anteriormente descreveu como kshetr e kshetragya.

- 19. "Sabei que tanto a natureza como a Alma não têm princípio nem fim, e que as maleitas como o apego, a repulsa e todos os objectos que estão possuídos pelas três propriedades têm origem na natureza."
- 20. "Ao passo que se diz que a natureza é geradora do acto e do agente, a Alma diz-se ser geradora da experiência do prazer e da dor."

ज्योतिषामि तज्योतिस्तमसः परमुच्यते। ज्ञानं ज्ञेयं ज्ञानगम्यं हृदि सर्वस्य विष्ठितम्।।१७॥ इति क्षेत्रं तथा ज्ञानं ज्ञेयं चोक्तं समासतः। मद्भक्त एतद्विज्ञाय मद्भावायोपपद्यते।।१८॥ प्रकृतिं पुरुषं चैव विद्धयनादी उभाविष। विकारांश्च गुणांश्चैव विद्धि प्रकृति सम्भवान्।।१९॥ कार्यकरणकर्तृत्वे हेतुः प्रकृतिरुच्यते। पुरुषः सुखदुःखानां भोक्तृत्वे हेतुरुच्यते।।२०॥ Diz-se que a natureza gera actos e que o agente os executa. O discernimento e a renúncia são os actores do bem, ao passo que a paixão e a ira são os actores dos actos do mal. Pelo contrário, a Alma gera sentimentos de prazer e dor. Continuarão os homens a sofrer, poder-nos-emos questionar, ou livrar-nos-emos disso? Como nos podemos libertar da natureza e da Alma se ambas são eternas? Krishn aborda o assunto.

21. "A Alma baseada na natureza experimenta os objectos naturais caracterizados pelas três propriedades e cuja associação é a causa do nascimento em formas superiores ou inferiores."

Tal significa que a libertação do nascimento e da morte só se dá após a cessão das características motivadoras da natureza. Krishn declara então a Arjun como a Alma se concilia com a natureza.

22. "Apesar de residir no corpo, a Alma é transcendental e diz-se ser a testemunha, a seguradora, a apreciadora e o grande Deus e Espírito Supremo."

A Alma, residindo na esfera do coração, encontra-se mais próxima do que as mãos, os pés e a mente. Independentemente de efectuarmos o bem ou o mal, ele preocupa-se, mantendo-se como uma testemunha, um terceiro partido (updrashta). Quando se assume o percurso correcto da devoção e o caminhante se eleva um pouco, a atitude da Alma que testemunha transforma-se, tornando-se assim num segurador (anumanta). Começam assim a conceder-se e conferir-se intuições. Quando aquele que busca se encontra ainda mais perto do objectivo pela continuação da disciplina espiritual, a Alma dá início ao auxílio e ao apoio (bharta), providenciando ainda o yog propício. De seguida transforma-se no apreciador (bhokta) quando a devoção se aperfeiçoa mais ainda. Ele aceita qualquer yagya ou penitência efectuada e, neste estádio de aceitação, torna-se no grande Deus (Maheshwar). É então o

पुरुषः प्रकृतिस्थो हि भुङ्क्ते प्रकृतिजान्गुणान्। कारणं गुणसङ्गोऽस्य सदसद्योनिजन्मसु।।२१।। उपद्रष्टानुमन्ता च भर्ता भोक्ता महेश्वरः। परमात्मेति चाप्युक्तो देहेऽस्मिन्पुरुषः परः।।२२।। mestre da natureza, mas uma vez que o é, esta continua a existir algures nele. Num estádio ainda mais elevado, após a sua Alma estar munida com os atributos derradeiros, torna-se conhecido como Espírito Supremo. Assim, apesar de residir num corpo, esta Alma ou Purush é transcendental, encontra-se muito além da natureza. A única diferença é que, ao passo que é testemunha do início pela ascensão gradual após tocar o derradeiro, transforma-se ele mesmo no Espírito Supremo.

23. "Independentemente da sua conduta, aquele que conhecer a verdade da Alma com as suas três propriedades nunca nascerá novamente."

Isto é a salvação. Até à data, Yogeshwar Krishn falou a Arjun da libertação dos nascimentos, do resultado final do conhecimento intuitivo de Deus e da natureza. Mas agora dá ênfase ao yog cujo modo de devoção é impossível de alcançar sem a realização desta acção.

24. "Ao passo que alguns buscam o Espírito Supremo nos seus corações através da contemplação com a sua mente aperfeiçoada, outros percepcionam-no pelo yog do conhecimento, e outros ainda pelo yog da acção."

Alguns homens percepcionam o Espírito Supremo no domínio do seu coração através da recordação e da meditação interior. Outros empenham-se na tarefa de Sankhya Yog ou do Caminho do Discernimento e do Conhecimento após uma avaliação cuidada das suas capacidades. Outros ainda chegam até ele pelo Caminho da Acção Impessoal. O meio principal referido no verso acima trata-se da meditação. O Caminho do Conhecimento e o Caminho da Acção Impessoal são dois modos de embarcar no acto da meditação e devoção.

25. "Existem contudo outros que veneram e, desconhecendo esses caminhos, apenas conhecem a verdade através dos sábios realizados, confiando no que ouvem, e atravessando o golfo do mundo mortal."

य एवं वेति पुरुषं प्रकृतिं च गुणैः सह।
सर्वथा वर्तमानोऽपि न स भूयोऽभिजायते।।२३।।
ध्यानेनात्मनि पश्यन्ति केचिदात्मानमात्मना।
अन्ये सांख्येन योगेन कर्मयोगेन चापरे।।२४।।
अन्ये त्वेवमजानन्तः श्रुत्वान्येभ्य उपासते।
तेऽपि चातितरन्त्येव मृत्युं श्रुतिपरायणाः।।२५।।

Assim, caso não possamos executar mais nada, deveríamos, pelo menos, buscar a companhia de um sábio realizado.

26. "Lembrai-vos, ó melhor dos Bharat, que qualquer ser, independentemente de animado ou inanimado, teve a sua origem na união do kshetr insensível e do kshetragya sensível."

No estádio em que a realização final tem lugar, Krishn tem a dizer:

27. "Apenas ele, que vislumbra constantemente o Deus imperecível em todos os seres animados e inanimados indestrutíveis, conhece a verdade."

Apenas a Alma que apreende a realidade tem a nítida percepção do Deus imortal nos seres animados e inanimados que são aniquilados de formas especiais. Por outras palavras, é pertence ao estado do Espírito Supremo apenas após a destruição dessa natureza, nunca antes. A mesma ideia foi expressa no terceiro verso do Capítulo 8, quando Krishn referiu que a destruição dessa condição de seres que geram as impressões do bem ou do mal (sanskar) se trata do término da acção. A acção está então completa. O mesmo foi referido quando se declara que apenas poderá conhecer a verdade aquele que estiver efectivamente consciente da presença do Deus eterno nos seres animados e inanimados perecíveis.

28. "Ele alcançará o objectivo supremo, apreendendo igualmente a existência do Deus idêntico em todos os seres, não degradando o seu Eu."

Ele não se destrói pois vislumbra Deus constantemente como semelhante ao seu Eu. Assim, alcança a felicidade da salvação. São então referidas as características da Alma realizada.

यावत्संजायते किंचित्सत्त्वंस्थावरजङ्गमम् । क्षेत्रक्षेत्रज्ञसंयोगात्तद्धिद्धं भरतर्षभ ।।२६ ।। समं सर्वेषु भूतेषु तिष्ठन्तं परमेश्वरम् । विनश्यत्स्वविनश्यन्तं यः पश्यति स पश्यति ।।२७ ।। समं पश्यन्हि सर्वत्र समवस्थितमीश्वरम् । न हिनस्त्यात्मनात्मानं ततो याति परां गतिम् ।।२८ ।। 29. "Aquele que conhecer a verdade e considerar a acção como executada pela natureza e a sua própria alma, trata-se de um não-agente.

Considerando a acção como que sendo realizada pela natureza, implica vislumbrar a ocorrência da acção enquanto a natureza subsistir. A Alma é igualmente vislumbrada como um não-agente e, deste modo, torna-se consciente da realidade.

30. "Ele percepcionará Deus quando vislumbrar toda uma variedade de seres repousando e como uma extensão da vontade do Espírito Supremo."

Quando um homem percepciona a difusão de Deus pelos vários estádios dos seres e os considera como uma extensão do mesmo Deus, alcança-o. Assim que atingir este estádio, percepciona Deus. Também este é um atributo de um sábio, de uma grande Alma, com uma sabedoria constante.

31. "Apesar de incorporado, o Espírito Supremo imperecível não é actor nem se deixa afectar, pois, ó filho de Kunti, ele não tem princípio nem fim e transcende todas as propriedades."

Tal é ilustrado no seguinte verso:

32. "Tal como o extenso céu é imaculado devido à sua subtileza, também a Alma no corpo não é nem agente nem se deixa afectar. Pois encontra-se além de todas as propriedades."

É-lhe ainda dito:

प्रकृत्यैव च कर्माणि क्रियमाणानि सर्वशः। यः पश्यित तथात्मानमकर्तारं स पश्यित ।।२९।। यदा भूतपृथग्भावमेकस्थमनुपश्यित। तत एव च विस्तारं ब्रह्म सम्पद्यते तदा।।३०।। अनादित्वान्निर्गुणत्वात् परमात्माऽयमव्ययः। शरीरस्थोऽपि कौन्तेय न करोति न लिप्यते।।३९।। यथा सर्वगतं सौक्ष्म्यादाकाशं नोपलिप्यते। सर्वत्रावस्थितो देहे तथात्मा नोपलिप्यते।। 33. "A Alma ilumina todo o kshetr, tal como o sol ilumina todo o mundo."

E segue-se o veredicto final:

34. "Terão, assim, percepcionado a distinção entre kshetr e kshetragya e entre o caminho da libertação das maleitas da natureza e, de olho na sabedoria, alcançarão o Espírito Supremo."

Os sábios que conhecem a diferença entre a natureza e a Alma, bem como o caminho da libertação e da natureza mutável, percepcionam Deus. Por outras palavras, o conhecimento é o olho pelo qual se vislumbra a realidade do kshetr e kshetragya, sendo que esse conhecimento é sinónimo de percepção intuitiva.



Dharmkshetr e Kurukshetr foram referidos mesmo no início do Geeta, mas não localizados, sendo somente no presente capítulo que Krishn indica a Arjun que o próprio corpo humano é kshetr. E aquele que disto em conhecimento é kshetragya. Contudo, em lugar de ficar preso nela, é libertado, indicando uma direcção.

Será o corpo, o kshetr, somente aquilo que vemos? Referindo novamente os seus componentes principais, Krishn disse que é a combinação da natureza primária com as suas oito partes, a natureza imanifesta, os dez órgãos dos sentidos, os cinco objectos dos sentidos, o desejo, a ganância e a paixão. Enquanto estes componentes subsistirem, o corpo tem também de existir de uma forma ou de outra. Este é o campo em que as sementes semeadas, boas ou más, crescem como sanskar. Aquele que viajar com sucesso por esta esfera é um kshetragya. Munido de uma virtude moral divina, é ele quem determina as operações do kshetr.

यथा प्रकाशयत्येकः कृत्सनं लोकिममं रिवः। क्षेत्रं क्षेत्री तथा कृत्सनं प्रकाशयित भारत ।।३३।। क्षेत्रक्षेत्रज्ञयोरेवमन्तरं ज्ञानचक्षुषा। भूतप्रकृतिमोक्षं च ये विदुर्यान्ति ते परम्।।३४।। O presente capítulo é assim especialmente dedicado à explanação detalhada do kshetragya. A esfera do kshetr é, na verdade, vasta e extensa. Falar do termo "corpo" é simples, mas que vastidão está contida nesta simples expressão? Esta é tão extensa como a natureza primária do todo o universo, com o espaço infinito. É assim o princípio animado da vida, sendo que nada pode existir sem ele. Todo o universo, este mundo, os países e províncias e o corpo humano aparente, não são sequer uma fracção dessa natureza. Desta forma, para além de kshetragya, o capítulo trata ainda extensivamente do kshetr.

Assim se conclui o Décimo Terceiro Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun intitulado: "Kshetr-Kshetragya Vibhag Yog" ou "A Esfera da Acção e o seu Conhecedor".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Décimo Terceiro Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

## DIVISÃO DAS TRÊS PROPRIEDADES

Yogeshwar Krishn elucidou a natureza do conhecimento em vários capítulos anteriores. No décimo nono verso do capítulo 4, referiu que a acção ordenada, bem iniciada por um devoto, cresce em passos graduais, tornando-se tão subtil que todos os desejos e vontades são destruídos, sendo que tudo aquilo de que se apercebe através da percepção intuitiva se trata de conhecimento. No capítulo 13, o conhecimento foi definido como a apreensão do Espírito Supremo, que representa o final da busca pela verdade. O conhecimento torna-se, assim, evidente somente após a distinção entre o kshetr e o kshetragya, entre a matéria e o espírito, ser compreendida. O conhecimento não se trata de argumentos lógicos nem da memorização das escrituras sagradas. O estado da prática é o conhecimento em que se dá a consciência da verdade. A experiência que se dá com a percepção directa de Deus trata-se do conhecimento e o que se lhe opuser é ignorância.

Contudo, mesmo depois de se debruçar sobre o assunto, Krishn diz a Arjun no presente capítulo que lhe explicará novamente esse conhecimento sublime. Repetirá o que já disse. Assim é, uma vez que, como já foi referido, se devem consultar, de vez em quando, as escrituras já estudadas. Adicionalmente, quanto mais um devoto avança no caminho da busca espiritual, mais se aproxima do objectivo desejado, tendo novas experiências divinas. Esta consciência só é possível com um preceptor realizado, ou seja, um sábio esclarecido que tenha alcançado o Espírito Supremo e se mantenha inseparavelmente junto ao Eu do devoto. Por esta razão, Krishn decidiu esclarecer Arjun novamente sobre a natureza do verdadeiro conhecimento.

A memória é um filme no qual as impressões e influências são constantemente recordadas. Se a consciência necessária para o objectivo supremo for turvada, a natureza, a causa da dor, começa a deixar a sua marca na memória. Deste modo, o devoto deve rever constantemente o conhecimento referente à percepção do objectivo final até ao momento da sua realização. A memória está viva e forte num dia, mas o mesmo pode não se verificar com o avanço para estádios mais avançados. Por este motivo, o reverenciado Maharaj Ji dizia: ""Dizei às vossas contas todos os dias para refrescar a vossa consciência de Deus. Porém, dizei tal em pensamento e não com voz audível".

Tal é o conselho para aquele que busca, mas aqueles que são preceptores realizados encontram-se permanentemente junto ao devoto para o fazer ver novas situações ao elevar-se da sua Alma, bem como com o exemplo da sua própria conduta. Yogeshwar Krishn era um preceptor assim. Arjun, que era o seu pupilo, ansiava o seu apoio. Assim, Yogeshwar Krishn afirma que irá explanar novamente sobre o conhecimento, o mais sublime de todo o conhecimento.

 "O Senhor disse a Arjun: 'Dir-vos-ei novamente que o conhecimento supremo se trata do mais nobre dos conhecimentos e quais os sábios que, munidos do mesmo, escaparam ao apego mundano, alcançando a perfeição derradeira'."

Este é o conhecimento, após o qual nada mais há a adquirir.

 "Aqueles que atingirem o meu estádio procurando abrigo neste conhecimento, não nascerão no início da criação, nem serão alarmados no dia do Juízo Final."

Aqueles que se encontrarem próximos deste conhecimento e se tiverem refugiado nele ao atingirem o estádio de Krishn percorrendo o caminho da acção, não nascerão nem se sentirão receosos pela perspectiva da morte, pois a entidade física do sábio cessa no momento

श्री भगवानुवाच : परं भूय: प्रवक्ष्यामि ज्ञानानां ज्ञानमुत्तमम् । यज्ज्ञात्वा मुनयः सर्वे परां सिद्धिमितो गता: ।।१ ।। इदं ज्ञानमुपाश्रित्य मम साधर्म्यमागता: । सर्गेऽपि नोपजायन्ते प्रलये न व्यथन्ति च ।।२ ।। em que se alcança o estado do Espírito Supremo. O seu corpo é, assim, uma mera morada. Mas em que momento é que os homens nascem? É esta questão que Krishn aborda de seguida.

 "Tal como o grande criador, cuja matriz fertilizo com a semente da consciência que dá forma a todos os seres, ó Bharat, também assim é a minha natureza primária de oito propriedades."

A natureza de oito características de Krishn trata-se da matriz na qual planta a semente da consciência, nascendo todos os seres desta união entre o insensato e o consciente.

4. "A natureza óctupla, ó filho de Kunti, é a mãe que faz nascer todos os seres de diferentes nascimentos, e eu sou o pai que espalha a semente."

Não há outra mãe excepto a natureza primordial e não existe outro pai excepto Krishn. Independentemente de qual a origem, dar-se-ão nascimentos enquanto se registar a união do insensato com o consciente. Mas porque se encontra o Eu consciente associado à natureza insensata?

5. "As três propriedade da natureza (sattwa, rajas e tamas), ó de vários braços, une o Eu imperecível ao corpo."

O verso seguinte esclarece sobre como tal sucede.

6. "Das três propriedades, ó imaculado, o sattwa purificador e esclarecedor une ao desejo pela alegria e pelo conhecimento."

A propriedade virtuosa une o Eu ao corpo com apego à alegria e ao conhecimento. Assim, também sattwa é apego. Tal como já foi referido,

मम योनिर्महद्ब्रह्म तस्मिन्गर्भं दधाम्यहम्। संभवः सर्वभूतानां ततो भवति भारत।।३।। सर्वयोनिषु कौन्तेय मूर्तयः सम्भवन्ति याः। तासां ब्रह्म महद्योनिरहं बीजप्रदः पिता।।४।। सत्त्वं रजस्तम इति गुणाः प्रकृतिसंभवाः। निबध्नन्ति महाबाहो देहे देहिनमव्ययम्।।५।। तत्र सत्त्वं निर्मलत्वात्प्रकाशकमनामयम्। सखसङ्गेन बध्नाति ज्ञानसङ्गेन चानघ।।६।। a felicidade encontra-se em Deus. E a percepção intuitiva do Espírito Supremo trata-se do conhecimento. Aquele que estiver munido com a propriedade do sattwa está ligado enquanto não tiver apreendido Deus.

- "Sabei, ó filho de Kunti, que a propriedade de rajas, nascida do desejo e do entusiasmo, une o Eu com apego à acção e aos seus frutos. Rajas, a incorporação da paixão, tende para a acção."
- 8. "E, ó Bharat, sabei que a propriedade de tamas, que ilude todos os seres, se eleva da ignorância, unindo a Alma ao descuido, ao ócio e à inércia."

O tamas une o Eu à preguiça, à tendência para adiar uma tarefa para o dia seguinte, à sonolência. Neste contexto, "sonolência" não significa que uma pessoa possuída pelo tamas durma em excesso, não é uma questão do corpo descansar em demasia. Tal como Krishn declarou no sexagésimo nono verso do capítulo 2, o próprio mundo com os seus prazeres efémeros é como a noite em que um homem, dotado da propriedade do tamas, deambula num estado de inconsciência do Deus esplendente. Esta trata-se da inércia do tamas e aquele que aí se encontrar preso, estará num estado de sonolência. Krishn discursa então sobre a forma colectiva das três propriedades.

 "Ao passo que a propriedade do sattwa motiva à alegria, o rajas prepara para a acção e o tamas encobre o conhecimento, conduzindo ao descuido."

Enquanto que o sattwa conduz à felicidade derradeira e o rajas à acção, o tamas tenta a mente e o coração para tarefas fúteis. Contudo, quando as propriedades estão confinadas a um local e a um coração, como se separam umas das outras? Segundo Krishn...

रजो रागात्मकं विद्धि तृष्णासङ्गसमुद्भवम्। तन्निबध्नाति कौन्तेय कर्मसङ्गेन देहिनम्।।७।। तमस्त्वज्ञानजं विद्धि मोहनं सर्वदेहिनाम्। प्रमादालस्यनिद्राभिस्तन्निबध्नाति भारत।।८।। सत्त्वं सुखे संजयति रजः कर्मणि भारत। ज्ञानमावृत्य तु तमः प्रमादे संजयत्युत।।९।। 10. "E, ó Bharat, (tal como) sattwa aumenta ao superar as propriedades do rajas e tamas, o tamas aumenta ao superar o rajas e sattwa e a propriedade de rajas aumenta ao reprimir o tamas e sattwa."

Mas como saber qual a propriedade que domina em determinado momento?

11. "Quando a mente e os sentidos se encontram dominados pela luz do conhecimento e da consciência, tal deverá ser entendido como um sinal da força crescente do sattwa."

F

12. "Quando a propriedade do rajas ascende, ó melhor dos Bharat, aumentam a ganância, a inclinação mundana, a tendência para a acção, a inquietação e o desejo pelos prazeres sensoriais."

O que sucede, porém, quando tamas domina?

13. "Quando se dá o domínio do tamas, ó Kurunandan, aumentam a escuridão, o afastamento do dever que deveria ser executado, o descuido e as tendências geradoras do entusiasmo."

Enquanto o tamas cresce, vai aumentando a ignorância (a luz tratase de um símbolo de Deus), a relutância natural para avançar em direcção ao brilho divino, o afastamento relativamente à acção especialmente ordenada, os esforços fúteis da mente e do coração e as tendências tentadoras do mundano.

Contudo, qual o proveito de conhecer estas propriedade?

रजस्तमश्चाभिभूय सत्त्वं भवति भारत।
रजः सत्त्वं तमश्चैव तमः सत्त्वं रजस्तथा।।१०।।
सर्वद्वारेषु देहेऽस्मिन्प्रकाश उपजायते।
ज्ञानं यदा तदा विद्याद्विवृद्धं सत्त्वमित्युत।।११।।
लोभः प्रवृत्तिरारम्भः कर्मणामशमः स्पृहा।
रजस्येतानि जायन्ते विवृद्धे भरतर्षभ।।१२।।
अप्रकाशोऽप्रवृत्तिश्च प्रमादो मोह एव च।
तमस्येतानि जायन्ते विवृद्धे कुरुनन्दन।।१३।।

14. "Se a Alma parte quando a propriedade do sattwa é dominante, alcança os mundos puros dos virtuosos."

E...

15. "Se se deparar com a morte quando o rajas predomina, nascerá como (um dos) humanos apegados à acção; e nascerá sob a forma de seres sem inteligência se abandonar o corpo enquanto o tamas prevalece."

De todas as propriedades, o homem deve estar munido com o sattwa. A natureza esconde os méritos alcançados até mesmo depois da morte. Vejamos agora a respectiva consequência.

16. "Ao passo que se diz que o bem se trata do resultado puro da acção dominada pelo sattwa, o resultado do rajas é a pena, e o resultado do tamas resume-se à ignorância."

A felicidade absoluta, o conhecimento, a renúncia e muitas outras qualidades se dizem serem o resultado da acção inspirada no sattwa. Por outro lado, a dor trata-se do resultado da acção caracterizada pelo rajas e a ignorância da acção é dominada pelo tamas.

17. "O conhecimento nasce da propriedade do sattwa, a ganância e a dúvida do rajas e o descuido, a ilusão e a ignorância do tamas."

Em que tipo de existência resulta a geração destas propriedades?

यदा सत्त्वे प्रवृद्धे तु प्रलयं याति देहभृत्। तदोत्तमविदां लोकानमलान्प्रतिपद्यते।।१४।। रजिस प्रलयं गत्वा कर्मसङ्गिषु जायते। तथा प्रलीनस्तमिस मूढयोनिषु जायते।।१५।। कर्मणः सुकृतस्याहुः सात्त्विकं निर्मलं फलम्। रजसस्तु फलं दुःखमज्ञानं तमसः फलम्।।१६।। सत्त्वात्संजायते ज्ञानं रजसो लोभ एव च। प्रमादमोहौ तमसो भवतोऽज्ञानमेव च।।१७।। 18. "Enquanto que aqueles que residem no sattwa ascenderão a mundos superiores, aqueles que permanecem em rajas manterse-ão no meio (do mundo dos homens) e aqueles que habitam na pior das propriedades, tamas, estarão condenados ao estádio mais inferior."

A corrente da vida fundada em sattwa flúi em direcção ao Deus transcendental e primordial e o homem com um tal modo de vida atingirá a mundos mais puros. As almas dominadas pelo rajas terminam como comuns mortais. A falta de discernimento e renúncia, apesar de não migrarem para formas de vida inferiores, têm de submeter-se a novos nascimentos. Os homens ignorantes e imorais que se regeram pelo tamas maligno nascerão em formas inferiores. Assim, a consequência das três propriedades trata-se, de certa forma, de uma espécie de nascimento. Apenas aqueles que superam as propriedades se libertam do tormento do nascimento e somente eles percepcionam o estado sublime de Krishn.

19. "Quando a Alma (que é mera testemunha) nada mais vê para além das três propriedades do agente, e quando este conhece a essência do Espírito Supremo para além destas propriedades, este alcançará o meu estádio."

O princípio de que as três propriedades apenas se duplicam, não se baseia no verdadeiro conhecimento. O processo de realização conduz ao estádio em que, após a percepção de Deus, mais nenhum agente à excepção das três propriedades é visível e, em tal estado, é possível superá-las. O que Krishn tem a dizer sobre o assunto é a prova de que tal não se trata apenas de uma crença.

20. "Transcendendo as propriedades que são a origem do corpo básico e físico e isento das misérias do nascimento, da morte e da velhice, a Alma alcançará a felicidade derradeira."

उन्धर्वं गच्छन्ति सत्त्वस्था मध्ये तिष्ठन्ति राजसाः। जघन्यगुणवृत्तिस्था अधो गच्छन्ति तामसाः।।१८।। नान्यं गुणेभ्यः कर्तारं यदा द्रष्टानुपश्यति। गुणेभ्यश्च परं वेति मद्भावं सोऽधिगच्छति।।१९।। गुणानेतानतीत्य त्रीन्देही देहसमुद्भवान्। जन्ममृत्युजरादुःखैर्विमुक्तोऽमृतमश्नुते।।२०।।

Depois de um homem se libertar das três propriedades, a sua Alma assume o sabor do néctar da imortalidade. Arjun coloca então nova questão a Krishn.

21. "Arjun declarou: '(Dizei-me), ó Senhor, quais os atributos daquele que se elevou das três propriedades, qual o seu estilo de vida e o modo como transcendeu as três propriedades'."

Os versos seguintes contêm a resposta de Krishn às três questões levantadas por Arjun.

- 22. "O Senhor disse: 'Aquele, ó Pandav, que não abominar o brilho, a inclinação para a acção e o apego gerados respectivamente pelas operações do sattwa, rajas e tamas quando nelas se está envolvido, nem aspirar a estes quando for libertado..."
- 23. "(E) que, tal como uma testemunha desapaixonada, não se deixar afectar pelas propriedades e for resoluto e inabalável devido à sua percepção destas propriedades da natureza, mas existir nelas..."
- 24. "(E) que, sempre presente no seu Eu, vislumbrar a alegria, a dor, a terra, a pedra e o ouro como semelhantes, será paciente e considerará de forma idêntica o agradável e o desagradável, a calúnia e o elogio…"
- 25. "(E) que considerar a honra e a desonra, bem (como) os amigos e inimigos, com equanimidade e que abandonar o desempenho da acção, terá superado todas as propriedades."

अर्जुन उवाच: कैर्लिङ्गैस्त्रीन्गुणानेतानतीतो भवति प्रभो।

किमाचारः कथं चैतांस्त्रीन्गुणानतिवर्तते ।।२१।।

श्री भगवानुवाच : प्रकाशं च प्रवृतिं च मोहमेव च पाण्डव।

न द्वेष्टि संप्रवृत्तानि न निवृत्तानि काङ्क्षति ।।२२ ।।

उदासीनवदासीनो गुणैर्यो न विचाल्यते। गृणा वर्तन्त इत्येव योऽवतिष्ठति नेङ्गते।।२३।।

समदु:खसुख: स्वस्थ: समलोष्टाश्मकाञ्चन:।

तुल्यप्रियाप्रियो धीरस्तुल्यनिन्दात्मसंस्तुति ।।२४ ।। मानापमानयोस्तुल्यस्तुल्यो मित्रारिपक्षयो:।

सर्वारम्भपरित्यागी गुणातीतः स उच्यते ॥२५॥

Os versos vigésimo segundo a vigésimo quinto revelam os atributos daquele que se elevou acima das três propriedades, de modo a manterse calmo, imune às propriedades e resoluto. O que se segue trata-se de uma explicação dos meios pelos quais se dá a libertação das propriedades.

# 26. "E aquele que me servir com o yog da devoção inabalável, superará as três propriedades e assegurará o estado de união com Deus."

Aquele que venerar Krishn com uma dedicação inabalável, ou seja, somente com o objectivo adorado em mente e esquecendo-se de todas as memórias mundanas, servindo-o constantemente através da execução da acção ordenada, superará as três propriedades e será digno de unir-se ao Espírito Supremo. Esta união com Deus trata-se do verdadeiro kalp ou cura. Ninguém consegue elevar-se às propriedades sem se submeter à tarefa prescrita com um propósito perfeito. Assim, Yogeshwar dá, por fim, a sua sentença.

## 27. "Pois eu sou aquele em que o Deus eterno, a vida imortal, o dharm imperecível e a felicidade derradeira (residem)."

Krishn é a morada do Deus imortal (ao qual o devoto tem acesso com uma mente concentrada e fica curado de todas as maleitas mundanas), da vida perene, do Dharm eterno e da alegria pura e imaculada por atingir o objectivo Supremo. Por outras palavras, o santo dedicado a Deus é a morada de toda esta felicidade. Krishn foi um sábio assim, um yogi. Desta forma, quem procurar o Deus inefável e indestrutível, o dharm eterno e a felicidade derradeira e pura, tem de refugiar-se numa grande Alma que habite na essência incomunicável. Somente um tal sábio poderá proporcionar ao devoto o alcance daquilo que busca.



मां च योऽव्यभिचारेण भक्तियोगेन सेवते। स गुणान्समतीत्यैतान्ब्रह्मभूयाय कल्पते।।२६।। ब्रह्मणो हि प्रतिष्ठाहममृतस्याव्ययस्य च। शाश्वतस्य च धर्मस्य सुखस्यैकान्तिकस्य च।।२७।। Yogeshwar Krishn disse a Arjun no início deste capítulo que iria explicar-lhe novamente do que trata o conhecimento, o mais sublime de todos os conhecimentos e, após o qual, os sábios atingem a identidade com ele, não tendo mais de se submeter ao nascimento do início da criação. Estes também não sentem dor pelo inevitável abandono do corpo. Na verdade, abandonam-no no mesmo dia da auto-percepção. A realização efectua-se no decurso da vida física, mas nem a perspectiva da morte os afecta.

Elevando-se acima da natureza da qual os homens se libertaram, Krishn referiu que a natureza óctupla primária representa a mãe que concebe, sendo ele o pai que dá a vida. Para além deles, não existem nem outra mãe nem outro pai. Apesar de poderem parecer mãe e pai enquanto prevalecer a relação da natureza (prakriti) e da Alma (purush), da matéria passiva e do princípio masculino activo, na verdade a natureza é mãe e Krishn é pai.

As propriedades naturais do sattwa, rajas e tamas unem a Alma ao corpo. Uma dessas propriedades cresce, suprimindo as outras duas. Estas propriedades são mutáveis. A natureza não tem fim e não pode ser destruída, mas as consequências das suas propriedades podem ser evitadas. Estas propriedades influenciam a mente. Quando o sattwa é pleno, a consequência traduz-se no esplendor divino e na força da percepção. O rajas, caracterizado pela paixão, resulta na tentação da acção e no entusiasmo. Se o tamas estiver activo, o ócio e o descuido predominarão. Se um homem se deparar com a morte quando o sattwa for dominante, voltará a nascer em mundos mais elevados e puros. Aquele que partir desta vida quando o rajas é pleno, regressará sob a forma humana. Aquele que morrer sob a maldição do tamas será condenado a nascimentos inferiores. Assim, é vital que procuremos mover-nos gradualmente sempre em direcção à propriedade do sattwa. As três propriedades tratam-se, de certo modo, da verdadeira causa do nascimento. Uma vez que as propriedades podem prender a Alma ao corpo, devemos esforçar-nos constantemente por superá-las.

Relativamente a isto, Arjun coloca três questões. Quais as características daquele que se elevou das propriedades da natureza? Qual a sua conduta? E qual o caminho para transcender as três

propriedades? Respondendo às questões após referir os atributos e o modo de acção daquele que se libertou das propriedades, Yogeshwar Krishn refere, por fim, o caminho pelo qual é possível a libertação das propriedades. Revelando-se como o refúgio de todos, Yogeshwar Krishn conclui o capítulo 14 com um relato detalhado sobre as três propriedades da natureza.

Assim se conclui o Décimo Quarto Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Disciplina do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun intitulado:

"Guntraya Vibhag Yog" ou "Divisão das Três Propriedades".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Décimo Quarto Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

### O YOG DO SER SUPREMO

Os sábios realizados esforçam-se por explicar a natureza do mundo recorrendo a diversas analogias. Ao passo que alguns a descreveram como uma floresta da vida mundana, outros representam-na como o oceano da existência mortal. Num contexto distinto, o mesmo tem sido denominado de rio ou abismo da vida mundana. Por vezes é também comparada ao casco de uma vaca. Aparentemente, todos implicam que a extensão do mundo se assemelha à dos sentidos. E esse estádio surge apenas quando esse temeroso "oceano" se evapora. Segundo Goswami Tulsidas, o mero acto de nomear Deus seca o oceano. Também Yogeshwar Krishn recorreu aos termos "oceano" e "árvore" como epítetos para o mundo. No sexto e sétimo versos do capítulo 12 disse esclarecer em breve os seus adorados devotos que o contemplam, ao Deus manifesto, com concentração resoluta do abismo do mundo mortal. No actual capítulo, Krishn declara que o mundo é uma árvore que os yogi procuram, pois deve ser abatida pelo objectivo supremo.

 "O Senhor disse: 'Aquele que conhecer a figueira-dos-pagodes (figueira) com as suas raízes no topo e os ramos mais abaixo, considerada imperecível e cuja folhagem se diz serem os versos védicos, será um conhecedor dos Ved'."

A raiz do mundo perene semelhante a uma figueira-dos-pagodes representa o Deus no topo e, abaixo, os ramos definem a natureza. Uma árvore não subsiste num futuro simbólico, porém, a árvore do

श्री भगवानुवाच : ऊर्ध्वमूलमध: शाखमश्वत्थं प्राहुरव्ययम्।

छन्दांसि यस्य पर्णानि यस्तं वेद स वेदवित्।।१।।

mundo é indestrutível. Segundo Krishn, há duas coisas imortais. A primeira trata-se do mundo perene e, para além dele, há ainda o Espírito Supremo. Diz-se que os Ved são as folhas da árvore do mundo. Aquele que observa a árvore, juntamente com as suas raízes, está consciente da sua realidade, sendo um adepto do conhecimento dos Ved.

Aquele que apreende a verdade da árvore do mundo, e não aquele que apenas lê atentamente as escrituras sagradas, é um verdadeiro conhecedor dos Ved. O estudo dos livros fornece meramente um motivo para prosseguir numa direcção. Podemos questionar-nos porque são os Ved necessários sob a forma de folhas. Os versos védicos, geradores de bem-estar, são úteis pois motivam desde o momento em que, após uma grande caminhada, a Alma supera o último nascimento, que se equipara ao rebento derradeiro de uma árvore. Este é o ponto de viragem e que o a confusão cessa e aquele que busca prossegue confiantemente em direcção a Deus.

 "Os ramos, nutridos pelas três propriedades, estendem-se para cima e para baixo; os objectos dos sentidos são os seus rebentos e as raízes que geram a acção prolongam-se para baixo ao mundo dos homens."

Os ramos dos objectos dos sentidos e o respectivo prazer do mundo arbóreo, alimentados e cultivados pelas três propriedades, espalhamse acima e abaixo, regressando à terra e despontando novos rebentos. Estes distanciam-se dos vermes e insectos até ao estádio divino e ao criador, podendo unir-se apenas àqueles que nascem como humanos e segundo as suas acções passadas. Todos os outros nascimentos se tratam apenas de prazeres dos objectos sensoriais. Apenas o nascimento humano se associa à acção. E...

3. "Dado que a sua forma não é entendida como tal e não apresenta nem fim nem início, nem uma base sólida, esta enorme árvore deve ser abatida com o machado da renúncia."

> अधश्चोर्ध्वं प्रसृतास्तस्यशाखा गुणप्रवृद्धा विषयप्रवाला:। अधश्च मूलान्यनुसंततानि कर्मानुबन्धीनि मनुष्यलोके।। २।। न रूपमस्येह तथोपलभ्यते नान्तो न चादिर्न च संप्रतिष्ठा। अश्वत्थमेनं सुविरूढमूलमसङ्गशस्त्रेण दृढेन छित्त्वा।।३।।

A árvore do mundo não tem uma existência constante, pois é mutável. Deste modo, tem de ser abatida com o machado do abandono total. Deve ser cortada sem ser venerada como o é geralmente devido ao princípio supersticioso de que Deus habita as raízes da mesma e que as folhas representam os Ved.

Contudo, poderá esta árvore ser cortada, já que teve a sua origem na semente de Deus? Na verdade, o significado deste abate trata-se da fuga à natureza, alcançando-se esta última com a renúncia. Mas o que se deve fazer depois da árvore ter sido abatida?

4. "Este objectivo deve ser buscado com total submissão ao Deus primordial, a origem de toda a vida mundana, pois, uma vez alcançado, não é preciso regressar."

Mas como proceder à busca de Deus? Yogeshwar delineia a autorendição como uma condição essencial. Deve registar-se a sensação de "se estar à mercê de Deus", o Ser Infinito, do qual a árvore do mundo primordial despontou e cresceu. Não é possível abater esta árvore sem se ter procurado antes refúgio em Krishn. Este fala então sobre os sinais, a partir dos quais se pode entender que a árvore foi abatida.

5. "Os homens de conhecimento isentos de vaidade e ilusão, que tenham saído vitoriosos contra o mal do entusiasmo, que habitem constantemente o Espírito Supremo, complemente livres de desejo e das contradições da alegria e da dor, alcançarão o objectivo supremo."

A destruição da vaidade, da ilusão, do entusiasmo, do desejo e das contradições do prazer e da dor só é possível através da total autorendição e da existência constante em Deus. Apenas por este meio é possível aos homens de verdadeira sabedoria alcançar o estado eterno. A árvore do mundo não pode ser abatida sem este feito, sendo a renúncia

ततः पदं तत्पिरमार्गितव्यं यस्मिन्गता न निवर्तन्ति भूयः। तमेव चाद्यं पुरुषं प्रपद्ये यतः प्रवृत्तिः प्रसृता पुराणी।।४।। निर्मानमोहा जितसङ्गदोषा अध्यात्मनित्या विनिवृत्तकामाः। द्वन्द्वैर्विमुक्ताः सुखदुःखसंज्ञैर्गच्छत्यमूदाः पदमव्ययं तत्।।५।। necessária até este momento. Mas qual a forma desse estado derradeiro alcançado através da renúncia?

 "O momento em que não há mais retorno, que não é iluminado nem pelo sol, nem pela lua, nem pelo fogo, trata-se da minha morada suprema.

"Após esta morada derradeira ter sido alcançada, não se dão ais nascimentos. E todos têm igual direito à mesma.

- "A Alma imortal do corpo faz parte de mim e é ela que atrai os cinco sentidos e o sexto, a mente, que residem na natureza."
   Krishn aborda o assunto.
- 8. "Tal como o vento transporta o perfume da sua origem, a Alma, que é o senhor do corpo, também sustém, juntamente com ele, os sentidos e a mente do corpo anterior, assumindo um novo."

A Alma transporta consigo as tendências e o modo de acção da mente e os cinco sentidos corporal que abandona, levando-os para o novo corpo. O corpo seguinte é imediatamente assegurado, razão pela qual Krishn perguntou a Arjun como havia partido do erróneo pressuposto de que as Almas daqueles já idos cairiam em desgraça na ausência de bolos de arroz obsequiais e de oferendas de água. Contudo, a questão imediata trata-se de saber o que faz a Alma após chegar a um novo corpo e o que são verdadeiramente os cinco sentidos, juntamente com a mente.

 "Dominando os sentidos da audição, visão, tacto, paladar, olfacto e ainda a mente, ela (a Alma) experiencia objectos através destes."

न तद्भासयते सूर्यो न शशाङ्को न पावक:।
यद्गत्वा न निवर्तन्ते तद्धाम परमं मम।।६।।
ममैवांशो जीवलोके जीवभूत: सनातन:।
मन:षष्ठानीन्द्रियाणि प्रकृतिस्थानि कर्षति।।७।।
शरीरं यदवाप्नोति यच्चाप्युत्क्रामतीश्वर:।
गृहीत्वैतानि संयाति वायुर्गन्धानिवाशयात्।।८।।
श्रोत्रं चक्षु: स्पर्शनं च रसनं घ्राणमेव च।
अधिष्ठाय मनश्चायं विषयानुपसेवते।।९।।

Porém, nem sempre assim se entende e nem todos são capazes de a percepcionar.

10. "Munidos com as três propriedades e abandonando o corpo ou residindo nele, apreciando os objectos, os ignorantes não têm consciência da Alma; apenas aqueles com os olhos da sabedoria o conseguem discernir."

Deste modo, o verso seguinte é sobre a forma como assegurar esta visão.

11. "Os yogi conhecem a essência da Alma existente no seu coração, mas aqueles que desconhecem e não se purificaram (do mal) não a poderão vislumbrar, nem mesmo após muito esforço."

Ao conter as suas mentes de tudo o mais e através de uma grande esforço, os yogi apreenderão as suas Almas. Porém, aqueles com uma Alma incompleta, ou seja, com uma mente e um coração impuros, não a conseguirão vislumbrar apesar de a ansiarem. Tal deve-se ao facto das suas mentes e órgãos dos sentidos serem impuros. Apenas com um esforço imenso para dominar a mente será possível aos sábios percepcionarem o próprio Eu. Neste sentido, a contemplação é uma necessidade. Krishn explana então sobre as glórias do Eu dos sábios esclarecidos, os quais foram igualmente referidos anteriormente.

12. "Sabei que o brilho do sol que ilumina o mundo, bem como a lua e o fogo, se tratam do meu próprio esplendor."

De seguida refere a tarefa do sábio:

उत्क्रामन्तं स्थितं वापि भुञ्जानं वा गुणान्वितम्। विमूढा नानुपश्यन्ति पश्यन्ति ज्ञानचक्षुषः।।१०।। यतन्तो योगिनश्चैनं पश्यत्यात्मन्यवस्थितम्। यतन्तोऽप्यकृतात्मानो नैनं पश्यत्यचेतसः।।११।। यदादित्यगतं तेजो जगद्भासयतेऽखिलम्। यच्चन्द्रमसि यच्चाग्नौ तत्तेजो विद्धि मामकम्।।१२।। 13. "Penetrando a terra, sustenho todos os seres com a minha energia radical e, como uma lua ambrosíaca, proporciono a seiva que nutre todas as plantas."

E...

14. "Possuído pelo pran e apan, eu sou o fogo no interior do corpo de todos os seres vivos e que consome os quatro tipos de alimento<sup>1</sup>."

No capítulo 4, Krishn referiu-se a vários tipos de fogo: o do conhecimento (versos 19 e 37), de Deus (verso 25), da contenção (verso 26), dos sentidos (verso 26), do yog (verso 27) e do pran-apan (versos 29 a 30), sendo que o resultado de todos seria o conhecimento. O próprio conhecimento é fogo. Assumindo a forma de um tal fogo, é Krishn quem aceita e assimila o alimento gerado pelos quatro modos de récita, nomeadamente baikhari, madhyama, pashyanti e para, munidos de pran e apan (relembre-se que a récita se trata sempre da respiração inalada e exalada²).

Segundo Krishn, Deus é o único alimento, maná, capaz de satisfazer de tal forma a Alma, que esta não volta a sentir fome. Atribuímos o nome alimento a determinados nutrientes aceites pelo corpo. Mas apenas Deus se trata do verdadeiro alimento, sendo que este amadurece somente se passar pelos quatro estádios de baikhari, madhyama, pashyanti e para. Alguns sábios denominaram-nos ainda de nome (nam), forma (rup), revelação (leela) e morada (dham). De início, o nome é pronunciado de forma audível. De seguida, gradualmente, a forma do Deus adorado começa a ganhar contorno no coração. Consequentemente, o devoto começa a pressentir a presença de Deus

गामाविश्य च भूतानि धारयाम्यहमोजसा। पुष्णामि चौषधी: सर्वा: सोमो भूत्वा रसात्मक: ।।१३ ।। अहं वैश्वानरो भूत्वा प्राणिनां देहमाश्रित:। प्राणापानसमायुक्त: पचाम्यन्नं चतुर्विधम्।।१४ ।।

Os quatro tipos de alimento são bhakshya, bhojya, lehya e chosya. Aquele que é mastigado enquanto alimentação trata-se de bhakshya; o que se engole sem mastigar é bhojya; aquele que é lambido é lehya e o que se chupa é chosya.
 Vide a exposição do vigésimo nono verso no capítulo 4.

na sua respiração – como está presente em cada átomo do universo e como opera em todo o lado. A percepção da obra de Deus na esfera do coração designa-se de leela. Mais do que a representação de peças populares baseadas em lendas de Ram e Krishn, é a percepção das operações divinas no domínio do coração que é o verdadeiro leela. A morada suprema é alcançada quando o toque de Deus começa a ser sentido após a percepção das suas operações. Assim, conhecendo-o o devoto passa a existir nele. A existência na sua morada e a existência no Espírito Supremo, após sentir o seu toque no estádio perfeito da récita transcendental (paravani), têm lugar simultaneamente.

Munido de pran e apan, ou shwas e prashwas, e prosseguindo gradualmente através de baikhari e madhyama até ao estádio último de para, o alimento de Deus encontra-se pronto e disponível, bem como assimilado. Aquele que o consome, evidentemente, está igualmente preparado para ingerir este alimento sublime.

15. "Sentado no coração de todos os seres, sou a sua memória e o conhecimento, bem como a força que supera todos os obstáculos; eu sou aquele que é digno de ser apreendido pelos Ved; e eu sou o verdadeiro autor do Vedant, assim como o seu conhecedor."

Krishn existe de forma omnipresente no coração de todos os seres, sendo devido a ele que o Espírito Supremo é recordado. O termo memória significa neste contexto a recordação da essência esquecida de Deus. Há, claramente, uma representação do momento da percepção. O conhecimento que surge com a memória e a capacidade de superar as dificuldades são, também eles, obséquios de Krishn. Este é também digno de ser conhecido nos Ved. Ele é não só o autor, bem como o fim dos Ved. O conhecimento surge quando este se separa, mas quem conhecerá quem quando o devoto o percepcionar e se tornar uno com ele? Krishn é ainda um conhecedor dos Ved. Este referiu no início do capítulo que o mundo é uma árvore, da qual a raiz superior representa Deus e todos os ramos inferiores se traduzem na natureza. Aquele que

souber distinguir a raiz dos ramos, da natureza, conhecerá a sua essência e será um perito nos Ved (no conhecimento sagrado). Aqui Krishn afirma ser um desses conhecedores dos Ved. Deste modo, coloca-se à altura de outros estudiosos dos Ved. Dá-se então nova ênfase ao facto de Krishn ter sido um sábio que apreendeu a verdade – um verdadeiro Yogeshwar entre os yogi. O assunto é assim encerrado, prosseguindo Krishn com a afirmação de que existem dois tipos de seres (Purush).

16. "Existem dois tipos de seres no mundo, os mortais e os imortais: ao passo que os corpos de todos os seres são destrutíveis, as suas Almas são imperecíveis."

É imperecível aquele que, homem ou mulher, tenha dominado os seus sentidos, juntamente com a mente, ou seja, cujo corpo dos sentidos seja firme. A pessoa "imperecível" está presente hoje, mas pode não existir amanhã. Mas também isso é a Alma numa situação particular. Contudo, verifica-se um outro Eu para além destes dois.

17. "Porém, superior a ambos é aquele presente nos três mundos que apoia e sustém todos e que se designa de Deus eterno e Espírito Supremo (Ishwar)."

O Deus imanifesto, o imperecível e o Ser Supremo são alguns dos outros nomes que lhe são atribuídos. Mas, na verdade, ele é diferente e sem expressão, representando o estádio derradeiro para além do mutável e do imutável (o perecível e o imperecível). Este é comandado pelo Espírito Supremo, mas é diferente e encontra-se para além das palavras. Krishn apresenta-se com a Alma nesse estádio.

18. "Uma vez que sou supremo por virtude de estar além do perecível (o corpo) e do imperecível (a Alma), sou entendido como o Ser Supremo (Purushottam) no mundo, bem como nos Ved."

> द्वाविमौ पुरुषौ लोके क्षरश्चाक्षर एव च। क्षरः सर्वाणि भूतानि कूटस्थोऽक्षर उच्यते।।१६।। उत्तमः पुरुषस्त्वन्यः परमात्मेत्युदाहृतः। यो लोकत्रयमाविश्य बिभर्त्यव्यय ईश्वरः।।१७।। यरमात्क्षरमतीतोऽहमक्षरादिष चोत्तमः। अतोऽस्मि लोके वेदे च प्रथितः पुरुषोत्तमः।।१८।।

Este tem reputação enquanto Ser Supremo tanto no mundo como nos Ved, pois transcendeu o kshetr destrutível e mutável, tendo-se elevado ainda mais alto do que a Alma imutável, imperecível e resoluta.

19. "Aquele que tudo conhece e que, deste modo, está consciente da minha essência enquanto Ser Supremo, ó Bharat, venerarme-á constantemente com perfeita devoção."

Um devoto assim não se distancia de Krishn.

20. "Assim, instruí-vos, ó imaculado, neste conhecimento tão subtil, pois, ó Bharat, ao apreender a sua essência, se ganha a sabedoria e realizam todas as suas tarefas."

Krishn esclarece assim Arjun sobre o mais secreto dos conhecimentos, sendo que, munido com a essência deste, um homem se torna conhecedor de tudo, alcançando o seu objecto. Deste modo, as instruções de Krishn são, eles mesmos, preceitos absolutamente sagrados.

Este conhecimento misterioso de Krishn era extremamente secreto, tendo-o revelado apenas a devotos. Não sendo algo para todos, este conhecimento é destinado àqueles que são dignos e se encontram espiritualmente preparados para o receber dele tirar proveito. Porém, quando o mesmo ensinamento secreto é esclarecido preto no branco, aparecendo sob a forma de livro, pode parecer que Krishn o partilhou com todos. Mas, na verdade, dirige-se apenas àqueles que estão preparados para o apreender. Nem mesmo a forma manifesta de Krishn se destinava a tal, contudo, nada escondeu do digno Arjun. Arjun não poderia ter sido salvo se o condutor do seu carro de combate tivesse mantido segredos.

Esta exclusividade encontra-se em todos os sábios realizados de Ramkrishn Paramhansdev. Os seus discípulos questionaram-se sobre a razão de tal. Reportando-se a uma grande alma contemporânea, um

> यो मामेवमसंमूढो जानाति पुरुषोत्तमम्। स सर्वविद्भजति मां सर्वभावेन भारत।।१९।। इति गुह्यतमं शास्त्रमिदमुक्तं मयानघ। एतद्बुद्ध्वा बुद्धिमास्यात्कृतकृत्यश्च भारत।।२०।।

sábio realizado (que tenha controlado e dominado todos os seus sentidos através da meditação abstracta), Ramkrishn disse nesse dia que também ele se tinha tornado num Paramhans. Passado algum tempo declarou aos seus discípulos que o haviam seguido, aspirando à libertação da paixão e do apego mundano com a mente a acção e o discurso: "Nunca tenhais dúvidas. Eu sou Ram, nascido em Treta. Sou ainda Krishn de Dwapar. Sou as suas Almas sagradas. Sou as suas formas. Se as quiserem alcançar, contemplem-me."

Exactamente do mesmo modo, o meu reverenciado preceptor costumava dizer: "Lembrai-vos que sou apenas um mensageiro de Deus. Os verdadeiros sábios são mensageiros do Espírito Supremo omnipresente, preeminente e imutável, sendo através deles que a sua mensagem é recebida". Jesus Cristo aconselhou os homens a juntaremse a ele, e proporcionaria repouso a todos aqueles que trabalhassem e se encontrassem em situações difíceis ao revelar-lhes que Deus era seu pai (Mateus, 11:28). Neste sentido, todos podem ser filhos de Deus<sup>3</sup>. Embora se trate de um assunto distinto, o recurso a sábios é apenas possível pela busca sincera da realização da devoção e meditação. No sura II do Alcorão, Alá revela: "Enviámo-vos (ó Maomé) com a verdade, um portador de boas notícias e um mensageiro". O reverenciado Maharaj Ji dizia o mesmo sobre si mesmo a todos. Este nem apoiava nem contradizia qualquer perspectiva ou doutrina, mas declarava àqueles que buscavam sinceramente a libertação das paixões e do apego mundano: "Observai a minha forma. Se aspiram o Espírito derradeiro, contemplai-me e não tenhais dúvidas". Muitos ficavam cépticos, mas, ao demonstrar pela experiência e conduta pessoal e, inclusive, através de conselhos, fazia-os abandonar as sua ideias erróneas, entre as quais se encontravam os muitos rituais e cerimónias que Krishn referiu nos versos 40 a 43 do capítulo 2. Tal levava-os a terem fé nele. Este existe intemporalmente enquanto sábio realizado. Da mesma forma, apesar da glória de Krishn ser um mistério, este revelou-a ao seu devoto mais dedicado, digno e afectuoso, Arjun. Tal sucedeu com cada devoto e, assim, sábios conduziram já milhões pelo caminho espiritual.



<sup>3</sup> O Alcorão, sura II, 116: "E disseram: Alá levou até si um Filho. Que seja glorificado! Mas o que se encontrar no céu e na terra, será dele".

Krishn disse no início do capítulo que o mundo se assemelha a uma árvore como a figueira-dos-pagodes. Mas a figueira-dos-pagodes tratase apenas de uma analogia. As suas raízes representam Deus no topo e a natureza traduz-se nos ramos espalhados mais abaixo. Aquele que ganha consciência desta árvore, juntamente com a sua origem, é um conhecedor dos Ved. Os ramos desta árvore do mundo, bem como das suas raízes, encontram-se por todo o lado, a níveis mais superiores e inferiores, pois tiveram a sua origem em Deus, cuja semente, a Alma, reside no coração de cada ser.

Existe um mito, segundo o qual, Brahma, sentado numa flor-delótus especulou sobre a sua origem. Para tal penetrou o pedúnculo da flor-de-lótus, de onde houvera nascido e entrou cada vez mais fundo, mas não conseguia ver a origem do seu nascimento. Desesperado, continuou sentado na flor-de-lótus. De seguida, dominando a mente e meditando, descobriu a sua origem no Espírito Supremo e venerou-o. Então, Deus revelou-lhe que, apesar de existir em todo o lado, só pode ser encontrado no coração. Aqueles que o contemplarem na esfera do seu coração, poderão percepcioná-lo.

Brahma é um símbolo. Este representa o surgimento do estado ideal para amadurecer a prática do yog. A meta direccionada para Deus e munida do conhecimento do Espírito Supremo trata-se de Brahma. Ainda que crescendo na água, a flor-de-lótus é imaculada e pura. Quando a mente vagueia na busca não percepciona o que procura, mas sentada num local imaculado com total auto-domínio, a mesma mente vislumbrará Deus no seu coração se alcançar o estádio de dissolução do próprio domínio.

Também a árvore, com as suas raízes e galhos, se encontra em todo o lado. Esta representa as correntes mundanas que aprisionam apenas os seres humanos de acordo com as suas acções. As outras formas apenas sofrem as consequências dessas acções. Assim, Krishn implora a Arjun que abata a figueira-dos-pagodes com o machado firme da renúncia e que busque o objectivo supremo, sendo que, após alcançar o mesmo, os sábios não mais voltam a nascer.

Quanto ao modo como a árvore deve ser abatida, Yogeshwar afirma que aquele que se vir livre do orgulho e da ignorância e tiver superado a maldade do apego, cujos desejos tenham conhecido um fim e não se atormentar mais com conflitos, atingirá a felicidade derradeira. Iluminado, não pelo sol nem pela lua, nem pelo fogo, Deus, o estado último, é autoradiante. O que é essencial para esta realização espiritual é a convicção firme de nos aproximarmos da morada suprema, ponto após o qual não há mais retorno, sendo que todos têm igual direito a essa realização, pois a Alma corporal trata-se de uma parte imaculada de Krishn.

Quando a Alma abandona o corpo, este leva consigo as tendências da mente e os cinco sentidos para o novo corpo que assume. Se o sanskar for iluminado e moralmente bom, a Alma alcançará o nível de esclarecimento e a virtude moral. Se detiver rajas, o sanskar dominado, passará para um nível intermédio. E se o sanskar for caracterizado pelo tamas, a Alma submeter-se-á ao nascimento sob formas inferiores, satisfazendo-se com prazeres sensoriais através da mente que controla os sentidos. Geralmente, tal não é vislumbrado, pois a visão necessária à sua apreensão é a do conhecimento. A memorização de algo não se trata de conhecimento. Os yogi apenas o conseguem vislumbrar ao concentrar a mente no Eu. Assim, o conhecimento é atingido através da prática e da realização, ainda que seja verdade que o estudo de obras sagradas contribua para tal. Aquele que são cépticos e desprovidos de realização, não alcançam o objecto ansiado por muito que se esforcem.

Esta é uma descrição do estádio da percepção. Deste modo, é natural que as características deste estádio sejam analisadas. Esclarecendo-as, Krishn afirma-se como a luz do sol e da lua, sendo ainda a radiância do fogo. É o seu fogo que aceita e assimila o alimento que permite atingir o estádio de preparação em quatro etapas. Segundo Krishn, Deus é o único alimento (tal é o veredicto dos Upanishad onde surge esta ideia) que, após ingerido, satisfaz plenamente a Alma. O alimento gerado nos estádios de baikhari a para é preparado e consumido, sendo que, até mesmo o devoto, o receptor do alimento, deixa de existir. Contudo, esta realização não é possível até que um preceptor, um condutor do carro de combate, domine, guie e instrua.

Dando ênfase ao mesmo assunto, Krishn afirma que é ele quem reside no coração de todos os seres, gerando a memória. É ele quem os leva a recordar-se do Deus esquecido. Ele é ainda o conhecimento que surge com a memória. E é ainda através dele que os obstáculos do caminho são ultrapassados. Apenas ele é digno de ser conhecido e é

ele quem representa o final do conhecimento após este ser apreendido. E, uma vez que após isto o conhecedor e o conhecido são unos, o conhecimento é irrelevante, pois mais ninguém existe para conhecer e para ser conhecido. Krishn é um conhecedor dos Ved, a verdade divina. Diz-se que aquele que conhece a árvore do mundo, juntamente com a sua raiz, é versado no conhecimento dos Ved, mas este conhecimento só é apreendido por aquele que abate a árvore. Krishn afirma ser um conhecedor dos Ved, considera-se como um dos iniciados na sabedoria dos Ved. Assim, também Krishn é um sábio, conhecedor dos Ved, o conhecimento a que toda a humanidade tem acesso.

No final refere-se que o mundo tem três tipos de seres. Todos os corpos dos seres são transitórios, mas o mesmo ser é imperecível no estádio em que a mente é resoluta, ainda que se encontre sujeita a contradições. Mais elevado ainda encontra-se o Deus transcendental, o qual se considera imanifesto e eterno e que é, na verdade, único. Este é o ser para além da transição e da permanência, este é o ser derradeiro. Uno com o seu ser, Krishn encontra-se assim também para além do destrutível e do indestrutível, razão pela qual é conhecido como o Ser Supremo. Os esclarecidos que conhecem o Espírito Supremo veneram Krishn com todo o coração. Tal não se trata de uma anomalia no seu conhecimento.

Foi este conhecimento (tão secreto) que Krishn partilhou com Arjun. Os sábios realizados não o revelam a qualquer um, mas também não o escondem dos que o merecem conhecer. Se lhes for ocultado, como alcançariam o seu objecto?

Assim se conclui o Décimo Quinto Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Disciplina do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado:

"Purushottam Yog" ou "O Yog do Ser Supremo".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Décimo Quinto Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta em "Yatharth Geeta".

HARLOM TAT SAT

# O YOG DA DISTINÇÃO ENTRE O DIVINO E O DEMONÍACO

Yogeshwar Krishn tem um estilo único de expor um problema. Primeiro indica as particularidades do tema, de modo a chamar a atenção sobre o mesmo, desenvolvendo-o e explicando-o de seguida. O modo como trata a acção pode ser apontado como um exemplo disto. No capítulo 2 incentivou Arjun a agir. De seguida, sugeriu-lhe no capítulo 3 que devia executar a tarefa ordenada. Elucidando sobre a sua natureza, esclareceu que o desempenho do yagya se trata da acção. Consequentemente, antes de descrever a natureza do yagya, debruçouse sobre a sua origem, bem como sobre o que tem para nos oferecer. No capítulo 4, abordou mais de uma dúzia de formas de deslindar a natureza do yagya, cuja execução é a acção. E agora explana o significado da acção: no seu verdadeiro sentido, esta implica contemplação e devoção pelo yog, ambas realizáveis através do domínio da mente e dos sentidos.

De forma semelhante, Krishn referiu no capítulo 9 o tesouro divino e o conjunto acumulado de impulsos demoníacos. Após dar ênfase às suas características principais, declarou a Arjun que os detentores de uma natureza demoníaca o consideram como um mero mortal porter um corpo humano, tendo sido sob essa forma que alcançou o estado supremo. Porém, aqueles que são maldosos e ignorantes, recusam-se a adorá-lo. Por outro lado, os seus devotos, abençoados pelo tesouro da divindade, meditam sobre ele com concentração resoluta. Contudo, a natureza dos impulsos divinos e demoníacos ainda não foi esclarecida. Esta tarefa será somente abordada no presente capítulo, sendo que o que será primeiramente exposto serão os atributos do tesouro da divindade.

 "O Senhor disse: 'A intrepidez, a pureza interior, a perseverança do yog do conhecimento, a caridade, a contenção, o yagya, o estudo das escrituras, a penitência e a integridade..."

Alguns dos atributos que caracterizam os homens pios são a total ausência do medo, a santidade interior, o esforço constante e a meditação no alcance da verdade, a total auto-rendição, o domínio da mente e dos sentidos, o desempenho do yagya (tal como exposto por Krishn no capítulo 4), a oferta de sacrifícios ao fogo da auto-contenção, assim como ao fogo dos sentidos, a oferta de pran e apan enquanto oblação mútua e, por fim, o processo de devoção que implica o sacrifício de si mesmo ao fogo do conhecimento, atingido através do trabalho interno da mente e dos sentidos e não pelo yagya, sendo este efectuado com sementes oleaginosas, grãos de cevada e um altar (Krishn não aceita um acto cerimonial ou um rito de sacrifício como yagya), a meditação sobre o Eu, que se traduz na disciplina que direcciona para o Espírito Supremo idêntico, a penitência que molda a mente, juntamente com os sentidos, de acordo com o objectivo desejado e a integridade da mente e do coração, e ainda do corpo e dos seus sentidos.

 "A não-violência, a verdade, a abstenção da ira, a renúncia, a tranquilidade, a ausência do mal, a compaixão por todos os seres, o desinteresse, a ternura, a modéstia, a abstenção dos esforços fúteis..."

A verdadeira não-violência trata-se do salvamento da Alma, pois a degradação da mesma traduz-se em violência. Tal como Krishn reconheceu, ele será o destruidor de toda a humanidade e o causador de varnsankar, caso não desempenhe a sua tarefa de forma conscienciosa. Uma vez que a personalidade (varn) do Eu é a de Deus, o desvio pela natureza trata-se de varnsankar. Tal fere a Alma, sendo o seu salvamento não-violência no seu verdadeiro sentido. A verdade implica não referir o que é aparentemente real ou agradável. Será

श्री भगवानुवाच : अभयं सत्त्वसंशुद्धिर्ज्ञानयोगव्यवस्थिति:।

दानं दमश्च यज्ञश्च स्वाध्यायस्तप आर्जवम्।।१।। अहिंसा सत्यमक्रोधस्त्यागः शान्तिरपैशुनम्। दया भृतेष्वलोलुप्त्वं मार्दवं ह्रीरचापलम्।।२।। erdade ao dizermos que as roupas nos pertencem? Na verdade, não há maior mentira do que esta. Se não nos dominamos a nós próprios, sendo nós mutáveis, ou modificáveis, como nos poderão pertencer as vestimentas que apenas nos cobrem? O Yogeshwar abordou a natureza da verdade com Arjun ao referir que o que é verdadeiro não conhece a morte nas três divisões temporais – passado, presente e futuro. Apenas o Eu é verdadeiro, ele é a verdade suprema. E é nesta verdade que nos devemos centrar. Outros atributos dos homens de bem traduzem-se na abstenção da ira, na renúncia ao que quer que tenha sido, na renúncia do desejo pelas recompensas da acção do bem e do mal, na ausência de volubilidade, no evitar de actos indesejáveis que sejam contrários ao objectivo ansiado, no sentimento de misericórdia por todos os seres, no desapego dos objectos, ainda que os sentidos estejam associados aos mesmos, no sentimento da ternura, na vergonha pelo desvio do objecto e no manter-se distante dos esforços fúteis.

3. "A magnificência, o perdão, a paciência, a pureza do pensamento e da conduta e a ausência de animosidade e vaidade, (tudo) isto são atributos do homem munido de riquezas divinas'."

A glória é apenas propriedade de Deus e aquele que agir por virtude desta magnificência divina toma-se parte nela. Assim que Angulimal olhou Mahatma Buddh, os seus pensamentos foram transmutados. Tal deveuse à grandeza inerente de Buddh – a grandeza que gera o estado de bênção. Krishn conclui finalmente a sua enumeração ao dizer a Arjun que algumas outras características do tesouro divino se traduzem no perdão, no temperamento resoluto, na inocência, na ausência de hostilidade e na rejeição total da presunção. Todos os vinte e seis atributos se encontram catalogados e, ao passo que alguns subsistem apenas naquele cuja meditação atingiu a maturidade, estes existem parcialmente em todos nós. Encontram-se num estado dormente até naqueles que são dominados por impulsos do mal, sendo esta a razão pela qual até o pior dos pecadores tem direito à redenção.

तेजः क्षमा धृतिः शौचमद्रोहो नातिमानिता। भवन्ति संपदं दैवीमभिजातस्य भारत।।३।। 4. "A ostentação, a arrogância e a presunção, bem como a ira, a linguagem áspera e a ignorância, tudo isso, ó Parth, são características do homem com um carácter demoníaco."

De seguida, as respectivas operações dos dois tipos de personalidade são esclarecidas.

 "Uma vez que está determinado, ó Pandav, que o tesouro da divindade liberta e o estado demoníaco actua tal como uma corrente, não tendes necessidade de chorar pois sois abençoado com as riquezas divinas."

Possuído como está pela disposição sagrada, Arjun alcançará certamente a salvação e, consequentemente, o estádio do próprio Krishn. Mas em quem reside a riqueza da divindade e os impulsos demoníacos?

6. "No mundo há, ó Parth, dois tipos de seres, os pios, sobre os quais já me debrucei longamente, e os demoníacos, dos quais nunca me ouvireis proferir palavra."

No mundo existem dois tipos de homens, os semelhantes a Deus e os semelhantes ao demónio. Quando os impulsos sagrados se encontram activos no coração, é-se semelhante a deus, mas podem tornar-se maldosos se se encontrar repleto de inclinações demoníacas. Independentemente de se ter nascido na Arábia ou na Austrália ou em qualquer outro lado, todas as pessoas do mundo se encontram divididas nestas duas classes. Após explanar longamente sobre a disposição divina, Krishn prossegue para esclarecer Arjun sobre as características do temperamento demoníaco.

दम्भो दर्पोऽभिमानश्च क्रोधः पारुष्यमेव च। अज्ञानं चाभिजातस्य पार्थ सम्पदमासुरीम्।।४।। दैवी संपद्विमोक्षाय निबन्धायासुरी मता। मा शुचः संपदं दैवीमभिजातोऽसि पांडव।।५।। द्वौ भूतसर्गौ लोकेऽस्मिन् दैव आसुर एव च। दैवो विस्तरशः प्रोक्त आसुरं पार्थ मे श्रृणु।।६।। 7. "Desejando a tendência tanto de se empenharem na acção adequada como de evitarem actos impróprios, os demoníacos não têm uma conduta nem pura nem correcta, nem a verdade."

Os homens com predilecções demoníacas são ignorantes relativamente ao que é digno de ser efectuado e aquilo que devia ser evitado por ser ímpio. Neste sentido, estão desprovidos de inocência, de uma conduta justa e das verdades eternas. O modo como as suas mentes funcionam é representado no seguinte verso:

8. "Dado que o mundo, dizem, é irreal, sem refúgio nem Deus e foi criado por si mesmo através de relações mútuas (entre homem e mulher), o que mais resta além da satisfação física?

Partindo de tal pressuposto, o único objectivo da vida mundana é o gozo dos prazeres sensoriais. O que mais haverá para além destes?

 "Depravados e imbecis devido a esta perspectiva, estas pessoas maliciosas e cruéis nascem apenas para arruinar o mundo."

De natureza corrompida pela sua dependência de uma perspectiva errada, o único propósito da sua existência é a destruição de outras.

10. "Possuídos pela ignorância, a presunção e a irreflexão e imersos em vontades insaciáveis, subscrevem falsas doutrinas devido à ignorância, agindo como fracos."

Enlouquecidos pelo ego e fomentando desejos que não podem ser satisfeitos, estas pessoas ignorantes sustentam crenças erróneas e incentivam práticas religiosas que, na verdade, são ímpias e corrompem.

प्रवृत्तिं च निवृत्तिं च जना न विदुरासुराः।
न शौचं नापि चाचारो न सत्यं तेषु विद्यते।।७।।
असत्यमप्रतिष्ठं ते जगदाहुरनीश्वरम्।
अपरस्परसंभूतं किमन्यत्कामहैतुकम्।।८।।
एतां दृष्टिमवष्टभ्य नष्टात्मानोऽल्पबुद्धयः।
प्रभव्नत्युग्रकर्माणः क्षयाय जगतोऽहिताः।।९।।
काममाश्रित्य दुष्पूरं दम्भमानमदान्विताः।
मोहाद्गृहीत्वासद्ग्राहान्प्रवर्तन्तेऽशुचिव्रताः।।१०।।

Até mesmo as cerimónias sagradas e os ritos de sacrifícios executados por estes nada mais são senão perversões.

11. "Assaltados por inúmeras ansiedades que se estendem até à morte e absortos nos prazeres dos objectos sensoriais, estes encontram-se firmemente convictos de que a satisfação dos desejos carnais é o objectivo último."

A gratificação dos desejos sensoriais é a única felicidade para eles, motivo pelo qual se enamoram por esta ideia, que perseguem apenas para terem tanto prazer quanto conseguirem, pois, para eles, nada mais existe.

12. "Acorrentados por centenas de elos de esperanças ilusórias e à mercê do desejo e da ira, esforçam-se incorrectamente por acumular riquezas de modo a satisfazer as suas próprias vontades."

Apesar de uma simples corda ser suficiente para enforcar uma pessoa, estas pessoas enredam-se em inúmeras aspirações.

Dependentes das vontades e da ira, empenham-se erradamente dia e noite no acumular de riquezas pela gratificação de desejos sensoriais.

- 13. "O seu pensamento permanente traduz-se em: 'Hoje ganhei isto e terei o que desejo; tenho estas riquezas e no futuro terei mais."
- 14. "Derrotei o inimigo e derrotarei outros inimigos; sou Deus e o senhor da soberania'."

चिन्तामपरिमेयां च प्रलयान्तामुपाश्रिताः। कामोपभोगपरमा एतावदिति निश्चिताः।।११।। आशापाशशतैर्बद्धाः कामक्रोधपरायणाः। ईहन्ते कामभोगार्थमन्यायेनार्थसंचयान्।।१२।। इदमद्य मया लब्धमिमं प्राप्स्ये मनोरथम्। इदमस्तीदमपि मे भविष्यति पुनर्धनम्।।१३।। असौ मया हतः शत्रुर्हनिष्ये चापरानि। ईश्वरोऽहमहं भोगी सिद्धोऽहं बलवान्सुखी।।१४।। Além de se encontrarem iludidos de que são perfeitos, fortes e felizes, estas pessoas também dão ênfase com vaidade à sua grande riqueza, ao nascimento nobre, acreditando erradamente que são inigualáveis.

15. "Assim iludidos pela ignorância, pensam: 'Sou rico e nasci nobre. Quem me poderá igualar? Executarei o yagya, darei esmolas e levarei uma vida feliz'."

São vítimas de ainda mais ilusões. Contudo, há um problema. Todos estes homens são o resultado da ignorância. Podemos questionar-nos se será a ignorância praticar o yagya e a caridade? Antes de se debruçar sobre este problema no décimo sétimo verso, Krishn regressa à questão do fim derradeiro destes homens ignorantes e iludidos.

16. "Desviados de muitas maneiras, emaranhados nas malhas do apego e desmesuradamente entusiastas do prazer sensorial, eles caem no pior dos infernos."

Krishn irá depois esclarecer sobre a natureza deste inferno, mas entretanto aborda o problema dos actos aparentemente sagrados dos ignorantes:

17. "Estas pessoas presunçosas, intoxicadas pela vaidade e riqueza, oferecem sacrifícios ostentosos que são o yagya só no nome, violando a injunção das escrituras."

Arrogantes e insensíveis devido à riqueza e à honra mundana, estas pessoas desempenham cerimónias, ritos sacrificiais (que apenas se designam yagya) e verdadeiros sacrilégios. Não têm em consideração o modo de devoção estipulado por Yogeshwar Krishn nos versos 24 a 33 e 10 a 17 nos quarto e sexto capítulos, respectivamente.

आढ्योऽभिजनवानस्मि कोऽन्योऽस्ति सदृशो मया। यक्ष्ये दास्यामि मोदिष्य इत्यज्ञानविमोहिताः ।।१५ ।। अनेकचित्तविभ्रान्ता मोहजालसमावृताः। प्रसक्ताः कामभोगेषु पतन्ति नरकेऽशुचौ ।।१६ ।। आत्मसंभाविताः स्तब्धा धनमानमदान्विताः। यजन्ते नामयज्ञैस्ते दम्भेनाविधिपूर्वकम्।।१७ ।। 18. "Servindo a vaidade, a força bruta, a arrogância, a luxúria e a ira, estas pessoas estranhas e degradadas têm um sentimento de inimizade para comigo, que resido neles e em todos os outros."

Segundo a escritura, a memória de Deus é o yagya. Aqueles que o abandonam este caminho e desempenham apenas o yagya nominal (ou executam outra acção que não o yagya) odeiam Deus e são hostis para com ele. Porém, há pessoas que continuam a detestar e, ainda assim, são salvas. Serão estes inimigos de Deus também salvos? A resposta de Krishn a esta questão é que não é assim.

 "Para sempre condenarei essas pessoas hediondas, degradantes e cruéis, as mais abjectas entre a humanidade, aos nascimentos demoníacos."

Aqueles que adoram transgredindo o estipulado nas escrituras provêm de nascimentos inferiores e são as pessoas mais degradantes, sendo julgados como os responsáveis por actos cruéis. Krishn declarou anteriormente que enviava essas pessoas degradantes para o inferno, repetindo agora o mesmo ao dizer que os condena aos nascimentos demoníacos perpétuos. Esse facto é o inferno. Se os tormentos de uma prisão comum são terríveis, quão pior será a queda interminável em formas de vida inferiores? Assim, é imperativa a dedicação para a aquisição do tesouro da divindade.

20. "Em lugar de me percepcionaram, ó filho de Kunti, estes tolos ignorantes concebidos em úteros demoníacos nascimento após nascimento, estão destinados a estados inferiores ainda mais degradantes."

A esta degradação se dá o nome de inferno. Vejamos agora a origem deste inferno.

अहंकारं बलं दर्पं कामं क्रोधं च संश्रिताः। मामात्मपरदेहेषु प्रद्विषन्तोऽभ्यसूयकाः।।१८।। तानहं द्विषतः क्रूरान्संसारेषु नराधमान्। क्षिपाम्यजस्मशुभानासुरीष्वेव योनिषु।।१९।। आसुरीं योनिमापन्ना मूढा जन्मनि जन्मनि। मामप्राप्यैव कौन्तेय ततो यात्यधमां गतिम्।।२०।। 21. "Dado que a luxúria, a ira e a ganância são as três portas do inferno, pois destroem o Eu, devem ser evitadas."

A luxúria, a ira e a ganância são as três bases onde se encontram os impulsos demoníacos. Deste modo, o abandono dos mesmos é um acto benéfico.

22. "A pessoa, ó filho de Kunti, que escapar a estas três portas do inferno, pratica o que lhe é benéfico, atingindo assim o Estado supremo."

Somente evitando estes três caminhos para o inferno será possível a uma pessoa ter uma conduta que a recompense com o sublime bem e a felicidade derradeira ao alcançar Krishn. Só com o abandono das três perversões será possível desempenhar a tarefa ordenada, cujo resultado é a glória derradeira da redenção.

23. "Aquele que transgredir a injunção das escrituras e agir indiscriminadamente segundo a sua vontade, não alcançará nem a perfeição, nem o Objectivo Supremo, nem a felicidade."

A escritura em questão trata-se do próprio Geeta, o qual Krishn descreveu como "o conhecimento mais misterioso de todos" no vigésimo verso do capítulo 15. O Geeta é a escritura perfeita e aquele que a ignorar e agir por vontade própria será privado da realização, da salvação e da felicidade.

24. "A escritura é, assim, a autoridade sobre o que deve e não deve ser feito e, sabendo que tendes a capacidade de agir de acordo com os preceitos estipulados pelas escrituras."

त्रिविधं नरकस्येदं द्वारं नाशनमात्मनः।
कामः क्रोधस्तथालोभस्तस्मादेतत्त्रयं त्यजेत्।।२१॥
एतैर्विमुक्तः कौन्तेय तमोद्वारैस्त्रिभिर्नरः।
आचरत्यात्मनः श्रेयस्ततो याति परां गतिम्।।२२॥
यः शास्त्रविधिमुत्सृज्य वर्तते कामकारतः।
न स सिद्धिमवाप्नोति न सुखं न परां गतिम्।।२३॥
तस्माच्छास्त्रं प्रमाणं ते कार्याकार्यव्यवस्थितौ।
ज्ञात्वा शास्त्रविधानोक्तं कर्म कर्तृमिहार्हसि।।२४॥

Também no oitavo verso do capítulo 3. Krishn disse a Arjun para efectuar a tarefa ordenada. Para além de dar ênfase a esta, declarou ainda que o yagya se trata dessa acção. O yagya é uma imagem dessa forma especial de adoração, que domina completamente a mente e conduz ao Deus eterno e imutável. Agora acrescenta que o desejo, a ira e a avareza são as três entradas do inferno. Apenas após a renúncia das mesmas tem início a acção - a acção indicada que Krishn retratou repetidamente como a conduta que leva à mais elevada glória e ao bem supremo. Quanto mais uma pessoa se dedicar às acções externas da vida mundana, mais tentadoras será a forma em que o desejo, a ira e a ganância se lhe manifestam. Por outro lado, a tarefa ordenada é assegurada após o abandono da luxúria, da ira e da ganância, sendo somente nessa altura que a acção é transformada numa conduta habitual. Para aquele que rejeita isso e age de acordo com a sua vontade, não há felicidade, nem realização, nem absolvição final. A escritura é a única autoridade que prescreve o bem e o mal. Assim, Arjun encontrase incumbido de agir de acordo com as escrituras, sendo essa escritura o Geeta



No início do capítulo, Yogeshwar Krishn falou elaboradamente sobre os impulsos pios que constituem o tesouro divino. A meditação constante, a total auto-rendição, a santidade interior, a contenção dos sentidos, o domínio da mente, o estudo que nos lembra do Eu, a dedicação ao yagya, a mortificação dos sentidos juntamente com a mente, a ausência da ira e o intelecto calmo são alguns dos vinte e seis atributos que foram indicados. Todas estas virtudes são características apenas dos devotos que se dedicam à prática do yog e que se aproximaram do objectivo desejado, mas estes existem parcialmente em todos, em você, tal como em mim.

Consequentemente, Krishn nomeou cerca de uma dúzia de desvios como a ignorância, a arrogância, a vaidade e a crueldade que se incluem nas características demoníacas. Por fim, dirigindo-se a Arjun, ele anunciou o veredicto que, ao passo que as riquezas da piedade conduzem à perfeita libertação e apreensão do estado supremo, o conjunto dos impulsos maldosos aprisiona e degrada o Eu. Contudo,

Arjun encontra-se simultaneamente seguro de que não necessita desesperar, pois foi abençoado com o tesouro divino.

Porém, quais são as moradas dos impulsos do bem e do mal? Debruçando-se sobre o assunto, Krishn afirmou que a disposição das pessoas traduz-se em dois tipos: a pia e a ímpia. A pessoa é divina se houver abundância dos impulsos divinos nela, mas será demoníaca se der resposta aos vícios. Independentemente de onde nasçam e os nomes com que nasçam, as pessoas só podem pertencer a uma destas duas classes.

Krishn descreve então exaustivamente os atributos dos homens amaldiçoados com a predisposição demoníaca. Os homens com predisposições para o mal não fazem ideia de como executar a acção digna, nem de como se abster do que é indigno. Uma vez que não efectuaram a acção ordenada, não existe neles nem a verdade, nem a pureza, nem a conduta certa. Segundo eles, o mundo não tem nem nenhum refúgio nem Deus, sendo gerado mecanicamente através das relações carnais. Assim, a satisfação é o seu objectivo supremo, pois, para eles, nada mais existe além da mesma. Tal ilusão já era comum na época de Krishn. Na verdade, sempre existiu. Não se trata de ter sido unicamente Charvak<sup>1</sup> a difundir esta perspectiva, mas esta existirá enquanto a mente humana estiver sujeita à subida e ao declínio dos impulsos divinos e demoníacos. Segundo Krishn, os homens imbecis e cruéis nascem apenas para prejudicar os outros e destruir o que for de bem. Estes insistem que, uma vez que derrotaram um inimigo, irão derrotar um outro. Assim, Krishn diz a Arjun que, mais do que derrotar os seus inimigos, estes homens, escravos da luxúria e da ira, são, na verdade, hostis para com ele – o Deus que reside neles, bem como em todos os outros. Terá Arjun aniquilado Jayadrath<sup>2</sup> e outros sob juramento? Se o fez, tem uma personalidade maléfica, sendo então um inimigo de Deus. Mas Krishn declarou explicitamente que Arjun se

<sup>1</sup> Um filósofo sofista que apresentou a forma mais grotesca de ateísmo e materialismo.

<sup>2</sup> Um cunhado de Duryodhan. Após ser sujeito a muitas humilhações pelos Pandav por insultar Draupadi, Jayadrath assumiu o papel determinante na projecção da carnificina de Abhimanyu, o filho de Arjun, tendo conhecido, por fim, a morte nas mãos de Arjun.

encontra munido das riquezas divinas. E, por isso, tem sido aconselhado a não desesperar. Há ainda um outro indício de que Deus reside no coração de todos. Deve manter-se presente de que há um poder mais alto que nos observa constantemente. Assim, é essencial que a nossa conduta e desempenho da acção se dedique à manutenção do estipulado nas escrituras, ou dar-se-á um castigo iminente.

**Yogeshwar** Krishn disse que sempre enviará os homens demoníacos e cruéis repetidamente para o inferno. Mas como é este inferno? Segundo Krishn, o inferno trata-se de nascer repetidamente sob formas mais inferiores e sórdidas, sendo estas expressões sinónimas. Esta degradação do Eu traduz-se no inferno, sendo a luxúria, a ira e a ganância as três principais entradas do mesmo. São estas as três bases das tendências demoníacas. Apenas com a renúncia destas três marcas se dá início à acção, assunto abordado frequentemente por Krishn. A luxúria, a ira e a ganância são ainda mais tentadoras para aqueles ainda mais absortos nos assuntos mundanos ou no alcance indecoroso das obrigações sociais. Deste modo, apenas evitando estes três será possível efectuar-se a acção ordenada. E a escritura, o Geeta, trata-se, assim, da única autoridade com que se pode contar quando confrontados com o dilema do que fazer ou não, do que é digno ou indigno de se fazer. Desta forma, o pressuposto traduz-se em efectuar apenas a única acção ordenada por este livro sagrado – a verdadeira acção.

Assim descreveu Yogeshwar Krishn elaboradamente neste capítulo os impulsos divinos, bem como os demoníacos, e indicou que o próprio coração humano é a morada de ambos.

Assim se conclui o Décimo Sexto Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado:

"Daivasur Sampad-Vibhag Yog" ou "O Yog da Distinção Entre o Divino e o Demoníaco".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Décimo Sexto Capítulo de Shreemad Bhagwad Geeta "Yatharth Geeta"

HARLOM TAT SAT

### O YOG DA FÉ TRIDIMENSIONAL

Yogeshwar Krishn disse explicitamente no final do capítulo 16 que a acção de que falou repetidamente tem início apenas após a renúncia do desejo, da ira e da ganância. A acção sem a realização não oferece nem felicidade, nem perfeição, nem a beatitude final. A escritura é, assim, a autoridade com que se deve contar sempre que nos enfrentamos com o dilema do que é digno de ser executado ou não, do que se deve fazer ou não. Essa escritura trata-se do Geeta, o apogeu do conhecimento mais esotérico. Existem ainda outras escrituras, mas é da maior importância manter-nos sempre centrados no Geeta. Caso procuremos noutros livros, corremos o risco de desviar-nos, pois a abordagem sistemática e directa do Geeta não pode ser encontrada em mais sítio nenhum.

Deste modo, Arjun pede ao Senhor para que o esclareça sobre o estado das pessoas que o adoram transgredindo o estipulado nas escrituras, ainda que dotadas de uma fé dedicada. Serão sattwiki, rajasi ou tamasi? Serão pessoas de bem, apaixonadas ou diabólicas? Arjun deseja ser esclarecido sobre o assunto uma vez que aprendeu anteriormente que, independentemente da propriedade (sattwa, rajas ou tamas), esta é determinada pela natureza do nascimento de cada um. Por esta razão, este levanta a questão no início deste capítulo.

 "Arjun disse: 'Qual a propriedade – sattwa, rajas ou tamas – daqueles que, embora vos adorem com fé, não respeitam o estipulado nas escrituras?'"

अर्जुन उवाच : ये शास्त्रविधिमुत्सृज्य यजन्ते श्रद्धायान्विता:।

तेषां निष्ठा तु का कृष्ण सत्त्वमाहो रजस्तम: ।। १।।

De modo a esclarecer a dúvida de Arjun, Krishn classifica a fé como sendo também dividida em três classes.

 "O Senhor disse: 'Ouvi como a fé oriunda da natureza inata das pessoas tem, também ela, três tipos: virtuosa, apaixonada e cega'."

No capítulo 2, o Yogeshwar disse a Arjun que a acção prescrita no yog é a mesma tanto para o Caminho da Acção Impessoal, como para o Caminho do Discernimento. A mente sincera e resolutamente dedicada à acção impessoal direcciona-se num único sentido. As mentes dos ignorantes, pelo contrário, encontram-se infinitamente divididas, pelo que inventam inúmeros caminhos. As suas mentes estão repletas de discórdia, praticando não só inúmeros ritos e cerimónias, como ainda os divulgam com palavreado florido e enaltecedor. Infelizmente, aqueles que dão crédito a essas palavras engrandecedoras também se encontram iludidos, razão pela qual não conseguem fazer o que é digno e justo. O mesmo é reafirmado de outro modo quando Krishn refere que a fé das pessoas que veneram transgredindo o estipulado nas escrituras é de três tipos. A corrente de Fé que flúi no coração humano é ou boa, ou fervente ou insensível.

 "Uma vez que a fé de cada um, ó Bharat, está de acordo com a sua propensão inerente e os homens são reverentes, estes são o que a sua fé é."

A fé das pessoas está de acordo com a sua inclinação natural. O homem é por natureza uma criatura de fé. Por esta razão, a personalidade de uma pessoa é muito semelhante ao carácter da sua fé. Perguntam-nos frequentemente quem somos. Alguns de nós dizem que somos Alma. Porém, Yogeshwar Krishn contradiz isto: a sua fé é tal como a natureza da sua disposição inerente e, do mesmo modo, assim é a pessoa.

श्री भगवानुवाच :

त्रिविधा भवति श्रद्धा देहिनां सा स्वभावजा। सात्त्विकी राजसी चैव तामसी चेति तां श्रृणु।।२।। सत्त्वानुरूपा सर्वस्य श्रद्धा भवति भारत। श्रद्धामयोऽयं पुरुषो यो यच्छ्रद्धः स एव सः।।३।। O Geeta proporciona uma visão sobre o que é o verdadeiro yog. Maharshi Patanjali foi também um yogi, sendo dele que temos o sistema filosófico de yog. Segundo este, o yog trata-se da contenção perfeita da mente. E o recurso a esta árdua disciplina traduz-se no estado do observador, a Alma individual contida no corpo humano, que repousa então no seu complemento eterno e verdadeiro. Encontrar-se-ia imaculada antes da sua união? Na perspectiva de Patanjali, a Alma foi anteriormente o mesmo que a predilecção do homem que a incarna. E Krishn afirma agora que o homem se encontra naturalmente dotado de fé, totalmente imerso na mesma. Existe alguma dedicação nele e este molda-se pelo carácter da sua fé. Um homem traduz-se naquilo que a sua inclinação natural é. Neste sentido, Krishn começa a catalogar os três tipos de fé.

4. "Ao passo que os virtuosos veneram deuses e os apaixonados e moralmente cegos veneram yaksh e os demónios, aqueles que são cegos devido à ignorância adoram fantasmas e espíritos da natureza."

Todos nós nos empenhamos arduamente a adorar aquilo que os nossos corações desejam e que reverenciamos.

5-6. "Lembrem-se que aqueles que se submetem à terrível automortificação sem aprovação das escrituras e que são afligidos pela hipocrisia e arrogância, para além da luxúria, do apego e da vaidade do poder, e que esgotam não só os elementos que formam os seus corpos, mas também a mim que reside nas suas Almas, são homens ignorantes com uma disposição para o mal."

A Alma torna-se frágil perante as maleitas quando cai nas garras da natureza, ao passo que o yagya dá-lhe força. Arjun é, assim, aconselhado a considerar as pessoas ignorantes e insensíveis que prejudicam a Alma

> यजन्ते सात्त्विका देवान्यक्षरक्षांसिः राजसाः। प्रेतान्भूतगणांश्चान्ये यजन्ते तामसा जनाः।।४।। अशास्त्रविहितं घोरं तप्यन्ते ये तपो जनाः। दम्भाहंकारसंयुक्ताः कामरागबलान्विताः।।५।।

कर्शयन्तः शरीरस्थं भूतग्राममचेतसः।

मां चैवान्तः शरीरस्थं तान्विद्ध्यासुरनिश्चयान्।।६।।

enquanto indubitavelmente demoníacas. Tal põe um ponto final à questão levantada por Arjun.

As pessoas de bem que abandonaram o caminho descrito pelas escrituras veneram deuses; aqueles motivados pela paixão veneram yaksh e os demónios; e, por fim, os ignorantes oram e prestam culto a fantasmas e espíritos. Estes não só adoram, como se submetem aos mais torturantes exercícios de penitência. Contudo, segundo Krishn, estes actos de auto-mortificação apenas debilitam os elementos constituintes dos seis corpos e de Deus nas suas Almas. Assim, em vez de adorar o único e verdadeiro Deus e conhecer a sua divindade, apenas se distanciam mais dele. Estas pessoas devem ser consideradas demoníacas. Tal implica que até mesmo adoradores de deuses são maldosos, não há outra forma de expor a ideia. Deste modo, devemos optar por adorar e orar e venerar o Ser Supremo, sendo que todos estes deuses, yaksh, demónios e espíritos representam apenas pequenas frações do mesmo. Krishn tem dado repetidamente ênfase a este assunto.

7. "Ouvi-me (quando vos falo) da distinção entre os três tipos de yagya, a penitência e as esmolas, que se assemelham aos três tipos de alimento saboreados de acordo com o gosto individual."

As pessoas apreciam os três tipos de alimento consoante o seu paladar. Do mesmo modo existem três tipos de fé. Do mesmo modo, há três tipos de yagya, de penitência e de caridade. O primeiro a ser categorizado trata-se do alimento.

8. "O alimento naturalmente agradável e favorável à vida, ao intelecto, à força, à saúde, à felicidade e à satisfação é, para além de saborosa, tenra e duradoura, adorada pelos virtuosos."

Aparentemente, e segundo Krishn, o alimento que é naturalmente agradável e salutar para a força, a saúde e o intelecto e,

आहारस्त्विप सर्वस्य त्रिविधो भवति प्रियः। यज्ञस्तपस्तथा दानं तेषां भेदिममं श्रृणु।।७।। आयः सत्त्वबलारोग्यसुखप्रीतिविवर्धनाः।

रस्याः स्निग्धाः स्थिरा हृद्या आहाराःसात्त्विकप्रियाः ।।८ ।।

consequentemente, para a longevidade, é bom. E esse alimento é apreciado pelas pessoas de bem.

Assim, torna-se evidente que o alimento enquanto tal tem a propriedade de enaltecer ou estimular ou deprimir. Desta forma, nem o leite é perfeito, nem as cebolas causam infecções, nem o alho gera instintos básicos.

Quanto ao alimento que é favorável, seja ao bom físico, a uma mente saudável e à saúde, a opção das pessoas em todo o mundo varia grandemente consoante o ambiente e as condições geográficas e, evidentemente, consoante o seu gosto pessoal. Enquanto que o arroz é a base alimentar de uns, noutras regiões dá-se preferência ao pão de centeio. Há países em que as pessoas subsistem essencialmente de bananas e batatas. O borrego e o peixe, e até mesmo as rãs, as cobras e os cães e a carne de cavalo, são considerados aceitáveis e agradáveis enquanto alimento pelos habitantes de diversos países da Terra. Há pessoas para quem a carne de camelo é uma delícia. Uma grande maioria dos europeus e dos americanos consomem carne de vaca e de porco. E, contudo, isso não os impediu de serem os primeiros classificados no que toca à aprendizagem, ao avanço intelectual e ao progresso económico.

Segundo o Geeta, o alimento saboroso, tenro e nutritivo trata-se do sattwik. O alimento bom é favorável à longevidade, fortalece o corpo e a mente e dá saúde. Contudo, também está disposto que o alimento que for naturalmente consumido é bom. Deste modo, não faz sentido que um alimento seja pio e outro ímpio. O único argumento relativamente à qualidade do alimento é a situação local, os arredores, o local, o tempo e o facto de proporcionar a alimentação necessária. A utilização de um objecto, mais do que o próprio objecto, é o que o torna bom, moralmente repreensível ou mau.

Desta forma, o alimento e as bebidas, como a carne e o álcool, podem ser prejudiciais para uma pessoa que tenha renunciado ao lar e à família e tenha prosseguido a sua vida enquanto sanyasi, dedicandose à meditação de Deus. A experiência demonstra que tais iguarias resultam num estado de espírito incompatível com a disciplina espiritual. Dá-se sempre a hipótese de que o alimento e a bebida desviem aquele

que busca do caminho da realização. Assim, aqueles que optaram por uma vida solitária devido ao seu desencantamento pelas paixões mundanas, devem manter-se conscientes do conselho sobre o alimento que Krishn referiu no capítulo 6. O que se deve fazer é comer e beber apenas aquilo que é favorável à devoção e à adoração de Deus.

9. "O alimento azedo, amargo, salgado, tal como picante, pungente, cru e ácido, que dá azo à dor, às preocupações e às doenças, é o preferido dos apaixonados."

F

10. "O alimento mal cozinhado, insonso, de cheiro forte, rançoso, os restos contaminados, é apreciado pelos homens de sensibilidade deturpada."

A discussão sobre o alimento é encerrada, retomando-se um novo tema, o yagya.

11. "As escrituras contêm uma aprovação relativamente ao yagya, cujo desempenho se traduz num dever adequado e benéfico quando praticado por pessoas com mentes resolutas e que não aspirem a recompensa alguma."

O Geeta aprova um tal yagya. No capítulo 3, Krishn referiu pela primeira vez o yagya. Este disse: "Uma vez que a conduta do yagya é a única acção, sendo tudo o resto em que as pessoas se empenham meras formas de apego mundano, ó filho de Kunti, sede desapegado e fazei bem o vosso dever por Deus". De seguida, no capítulo 4, explicou o carácter da única acção chamada yagya: um acto de sacrifício em que o praticante do yog oferta a inspiração e expiração (pran e apan)

कट्वम्ललवणात्युष्णतीक्ष्णरूक्षविदाहिनः।
आहारा राजसस्येष्टा दुःखशोकामयप्रदाः।।९।।
यातयामं गतरसं पूति पर्युषितं च यत्।
उच्छिष्टमपि चामेध्यं भोजनं तामसप्रियम्।।१०।।
अफलाकाङिक्षभिर्यज्ञो विधिदृष्टो य इज्यते।
यष्टव्यमेवेति मनः समाधाय स सात्त्विकः।।१९।।

uma à outra, e em que as duas forças vitais são reguladas e oferecidas enquanto oblações ao fogo do auto-domínio, de modo a alcançar a serenidade da respiração. Foram referidos os catorze passos do yagya que mais não são do que vários estádios da mesma acção que liga o abismo entre a Alma individual e o Espírito Supremo. Resumindo, o yagya tem sido igualado a um processo único de contemplação que conduz o devoto ao Deus eterno e imutável e que afecta a sua dissolução no Ser Supremo.

Krishn declara agora o mesmo pressuposto sagrado ao declarar que o yagya decretado pelas escrituras e cuja execução é um dever, dominando a mente, se trata do yagya por excelência quando é conduzido pelas pessoas que não desejam qualquer fruto dos seus esforços.

12. "E, ó inigualável entre os Bharat, sabei que o yagya executado por mera ostentação ou tendo em vista alguma recompensa, será contaminado pela paixão e pela cegueira moral."

Aquele que age desta forma é versado nos preceitos do yagya, mas, na verdade, é também desonrado e obcecado, pois desempenha o yagya ou para divulgar as suas qualidades e ganhar admiração ou com o intuito de assegurar um qualquer proveito.

De seguida, Krishn indica as características do tipo de yagya inferior.

13. "Desprovido da aprovação das escrituras e impotente para invocar o Espírito Supremo para dominar também a mente, o yagya empenhado sem sentido de total sacrifício e fé diz-se ser demoníaco."

A forma mais inferior do yagya traduz-se na ausência de apoio da autoridade das escrituras, na incapacidade de gerar alimento, a forma mais inferior em que Deus se manifesta e de contenção da mente ao Eu, e na ausência da necessidade de ofertar algo sagrado

अभिसंधाय तु फलं दम्भार्थमिप चैव यत्। इज्यते भरतश्रेष्ठ तं यज्ञं विद्धि राजसम्।।१२।। विधिहीनमसृष्टान्नं मन्त्रहीनमदक्षिणम्। श्रद्धाविरहितं यज्ञं तामसं परिचक्षते।।१३।। (a necessidade da auto-rendição total) e da verdadeira devoção. Deste modo, aquele que o desempenhar não faz a mais pequena ideia do verdadeiro yagya.

Krishn aborda então a questão da penitência.

14. "A adoração de Deus por parte daquele que nasceu duas vezes, do preceptor e dos eruditos, juntamente com qualidades como a inocência, a rectidão, a castidade e a renúncia à violência, diz-se ser a penitência do corpo."

O corpo desvia-se constantemente em prol dos seus desejos. Assim, a sua penitência física consiste em obrigá-lo a agir de acordo com a predisposição da Alma.

15. "A expressão que não agita e é suave, benéfica, verdadeira e que é meramente um exercício no estudo dos Ved de modo a recordar o Ser Supremo e a contemplar o Eu, diz-se ser a penitência do discurso."

Recorre-se ainda à articulação de modo a dar expressão aos pensamentos que tendem para os objectos de gratificação sensorial. O seu domínio e direccioná-la deliberadamente no sentido de Deus traduzse na penitência do discurso.

A última forma a ser instruída trata-se da penitência da mente.

16. "O temperamento afável, a tranquilidade, a meditação silenciosa, a auto-possessão, a pureza interior e outras características semelhantes, diz-se serem a penitência da mente."

A prática simultânea dos três tipos de penitência – do corpo, do discurso e da mente – é uma penitência verdadeiramente digna.

देवद्विजगुरुप्राज्ञपूजनं शौचमार्जवम् । ब्रह्मचर्यमहिंसा च शारीरं तप उच्यते ।।१४ ।। अनुद्वेगकरं वाक्यं सत्यं प्रियहितं च यत् । स्वाध्यायाभ्यसनं चैव वाङ्मयं तप उच्यते ।।१५ ।। मन: प्रसाद: सौम्यत्वं मौनमात्मविनिग्रह: । भावसंशुद्धिरित्येतत्तपो मानसमुच्यते ।।१६ ।। 17. "Os três tipos de penitência empreendida com muita fé pelas pessoas altruístas que não desejam nenhum fruto da mesma, diz-se serem verdadeiramente de bem."

O outro tipo de auto-mortificação é o praticado por pessoas cuja personalidade é dominada pelo rajas, ou pela paixão.

18. "Se efectuada com o propósito de ganhar homenagem, honra e adoração ou mera exibição, a penitência será inconstante e efémera e diz-se ter a propriedade do rajas."

Assim nos deparamos com o tipo de penitência mais depravada, a que é considerada maléfica, oriunda da natureza, cuja propriedade é o tamas.

19. "A penitência desempenhada por mera teimosia ou para magoar os outros diz-se ser diabólica."

Assim, tal como foi referido, o propósito da penitência boa e virtuosa é moldar o corpo, a mente e o discurso em harmonia com o final pretendido. O modo da penitência impulsiva é semelhante, mas este tem lugar com o desejo jactancioso da honra mundana. Por vezes, até as almas excepcionais que renunciaram ao mundo são vítimas desta enfermidade. O terceiro tipo de penitência, a denominada de demoníaca, não só é executado erroneamente, como também com a intenção maldosa de prejudicar os outros.

20. "E as esmolas entregues às pessoas certas nos locais certos e na altura certa com espírito de caridade e como um dever a cumprir, diz-se serem boas."

Contudo, a caridade penosa, por ser efectuada sob coacção ou com expectativas nalgum favor ou recompensa, é do tipo apaixonado.

श्रद्धया परया तप्तं तपस्तित्रिविधं नरै: । अफलाकाङिक्षभिर्युक्तैः सात्त्विकं परिचक्षते ।।१७ ।। सत्कारमानपूजार्थं तपो दम्भेन चैव यत् । क्रियते तदिह प्रोक्तं राजसं चलमधुवम् ।।१८ ।। मूढग्राहेणात्मनो यत्पीडया क्रियते तपः । परस्योत्सादनार्थं वा तत्तामसमुदाहृतम् ।।१९ ।। दातव्यमिति यद्दानं दीयतेऽनुपकारिणे । देशे काले च पात्रे च तद्दानं सात्त्विकं स्मृतम् ।।२० ।। 21. "E as esmolas oferecidas de má vontade e que escondem a esperança de receber algo em troca, ou com alguma recompensa em vista, diz-se serem impulsivas e moralmente impróprias."

Porém, o tipo mais básico de oferendas é aquele ofertado com desrespeito e desdenho aos não merecedores da mesma num local e altura inoportunos.

22. "E as esmolas dispensadas sem deferência ou desdenhosamente a pessoas não merecedoras num local impróprio e numa altura imprópria, diz-se serem diabólicas."

O reverenciado Maharaj Ji dizia sempre: "Estai conscientes que o dador se destrói se der esmolas aos que não as merecem". Semelhante a isto é a observação de Krishn que a caridade só é digna se foi efectuada em locais e alturas apropriadas e se os benfeitores o fizerem com verdadeira generosidade e sem qualquer desejo por um favor e troca. As ofertas entregues de modo relutante e com o intuito de retirar algum proveito estão moralmente condenadas, ao passo que as esmolas oferecidas aos indignos irreverentemente e com desprezo são, certamente, maldosas. Apesar de serem todas oferendas, as esmolas ofertadas por pessoas que renunciaram aos seus desejos, ao lar e a tudo, confiando apenas em Deus, são superiores, pois este tipo de caridade implica uma submissão total da mente, livre de todos os desejos. Krishn entende esta forma de caridade como uma necessidade indispensável.

Por fim, Krishn esclarece Arjun sobre o significado de OM, tat e sat<sup>1</sup>.

यत्तु प्रत्युपकारार्थं फलमुद्दिश्य वा पुन: । दीयते च परिक्लिष्टं तद्दानं राजसं स्मृतम् ।।२९।। अदेशकाले यद्दानमपात्रेभ्यश्च दीयते। असत्कृतमवज्ञातं तत्तामसमुदाहृतम्।।२२।।

A sílaba OM, símbolo do Espírito Supremo, já foi explicada anteriormente. A sílaba sagrada é também designada pranav, a palavra do som. O termo representa o Deus omnipresente, preeminente e imutável, no qual tiveram origem todos os Ved, todos os yagya e toda a criação. Tat significa ele e é utilizado com reverência para Deus. Sat significa "verdade" não afectada nem pelo tempo, espaço, nem pela lei da causalidade.

23. "Om, tat e sat são os três epítetos utilizados para o Ser Supremo e a partir dos quais surgiram o Brahmin, os Ved e o yagya."

Krishn diz a Arjun como os três nomes Om, tat e sat, símbolos de Deus, nos direccionam para o Ser Supremo, lembrando-nos dele. Foi ele quem, no início, criou o Brahmin, os Ved e o yagya. Ou seja, Brahmin, os Ved e o yagya tiveram todos a sua origem em OM, o símbolo de Brahm. Assim, podia ainda dizer-se que todos eles provêm do yog, tendo sido gerados apenas pela contemplação infinita do OM, pois não existe outra forma.

24. "Por esse motivo, os actos do yagya, da caridade e da penitência, tal como ordenado nas escrituras, são sempre iniciados pelos devotos dos Ved com a expressão soante da sílaba OM."

É devido a isto que o desempenho da devoção ordenada, da benevolência e da penitência por pessoas que se preocupam com Deus tem o seu início sempre com a articulação do OM sagrado, pois a sua expressão lembra-os do Ser Supremo. Krishn reporta-se então ao significado e recurso de tat.

25. "Desprovido de desejo por qualquer recompensa e consciente de que Deus é omnipresente, as pessoas que aspiram à felicidade derradeira embarcam nas tarefas do yagya, da penitência e da caridade, tal como prescrito nas escrituras."

Tat reporta-se à rendição a Deus. Pronunciado de forma distinta, deve recitar-se o OM e realizar o yagya, a doação de esmolas e a penitência com absoluta confiança em tat, ou seja, em deus.

Krishn esclarece de seguida o significado e o recurso de sat.

ॐ तत्सदिति निर्देशो ब्रह्मणस्त्रिविधः स्मृतः। ब्राह्मणास्तेन वेदाश्च यज्ञाश्च विहिताः पुरा ।।२३ ।। तस्मादोमित्युदाहृत्य यज्ञदानतपः क्रिया।

तस्मादाामत्युदाहृत्य यज्ञदानतपः ।क्रया ।

प्रवर्तन्ते विधानोक्ताः सततं ब्रह्मवादिनाम् ॥२४॥

तदित्यनभिसंधाय फलं यज्ञतपः क्रियाः।

दानक्रियाश्चिवविधाः क्रियन्ते मोक्षकाङिक्षिः।।२५।।

# 26. "Sat é empregue para expressar as ideias de verdade e excelência e, ó Parth, este termo é ainda utilizado para fazer denotar um acto benéfico."

No início do Geeta, Arjun defendeu que somente as tradições familiares eram permanentes e reais. Tal levou Krishn a questioná-lo como se tinha tornado uma vítima de uma tal preconceito. Aquilo que é real nunca se encontra ausente em altura alguma e não pode ser destruído, ao passo que o irreal não tem existência em altura alguma e não pode ter lugar. Mas o que será aquilo que nunca teve existência? Enquanto desenvolve estas questões, Krishn afirma que apenas o Eu é real e que os corpos de todos os seres animados são perecíveis. O Eu é eterno, imperceptível, permanente e imortal. Esta é uma verdade suprema.

Krishn dá ênfase ao facto deste epíteto do Ser Supremo, viz, sat se referir à verdade e, assim, ao sentido da perfeição. É ainda esclarecido a Arjun que a expressão sat é empregue quando o início da tarefa efectuada se completa em cada aspecto e bem. Sat não significa de todo que todos estes objectos são nossos. Como nos podem pertencer as coisas que recorrem aos nossos corpos físicos se não somos donos das nossas próprias personalidades? O recurso a sat tem o mesmo objectivo que a fé, na verdade de que o Eu é a realidade mais sublime. O termo sat é utilizado quando se crê efectivamente nesta verdade, quando se verifica a perfeição após a percepção desta verdade e quando a acção que afecta esta percepção começa a decorrer bem. Yogeshwar Krishn reporta-se novamente ao mesmo tema da realidade.

# 27. "Diz-se que a condução inerente ao yagya, à penitência e à caridade, bem como ao esforço para atingir Deus, é ainda real."

Apenas a acção que é efectuada para alcançar Deus é real. O yagya, a doação de esmolas e a penitência são somente complementos desta

सद्भावे साधुभावे च सदित्येत्प्रयुज्यते ।
प्रशस्ते कर्मणि तथा सच्छब्दः पार्थ युज्यते ।।२६ ।।
यज्ञे तपसि दाने च स्थितिः सदिति चोच्यत ।
कर्म चैव तदर्थीयं सदित्येवाभिधीयते ।। २७ ।।

acção. Por fim, Krishn afirma decisivamente que a fé se trata de um requisito essencial para todos estes actos.

28. "Assim, ó Parth, diz-se que, desprovidas de fé, a oblação e as esmolas oferecidas e a penitência sofrida, bem como outras tarefas semelhantes, são todas elas incorrectas, pois não nos trarão bem nem a este mundo nem ao próximo."

Tudo o que for executado sem confiança genuína e reverência (independentemente de ser um sacrifício ou caridade ou automortificação devido ao arrependimento) é irreal. Esses actos não são benéficos nem nesta vida nem após a morte. A fé, juntamente com a auto-rendição, é, assim, uma necessidade crucial.



No início do capítulo, Arjun deseja ser instruído pelo Senhor sobre a natureza da fé dos homens que se empenham na tarefa de devoção violando o preceito das escrituras. Quem, entre nós, não conhece alguém que insiste em adorar deuses e espíritos? Qual a natureza da fé? Será moral, impulsivo ou ignorante e, consequentemente, maléfico? A resposta de Krishn a esta questão é que, uma vez que a fé é inerente ao homem, ele tem sempre de crer em algo. Desta forma, o homem é moldado pela sua aprendizagem e fé. Determinada respectivamente pelas propriedades do sattwa, rajas e tamas, a fé classifica-se em três categorias. Ao passo que os homens de fé e de bem adoram deuses e os homens iludidos são devotos de yaksh (a origem da coragem e do valor) e dos demónios (personificação da riqueza e da conduta grosseira), os ignorantes veneram fantasmas e espíritos. Dado que as várias formas de veneração carecem de aprovação espiritual, todos esses devotos prejudicam não só os elementos que encarnam, como ainda as suas resoluções mais delicadas e o deus que neles reside. Estes aduladores dos espíritos sobrenaturais, de yaksh, dos demónios e de diversos deuses deviam ser considerados com maldosos e não como verdadeiros devotos.

> अश्रद्धया हुतं दत्तं तपस्तप्तं कृतं च यत् । असदित्युच्यते पार्थं न च तत्प्रेत्य नो इह ।। २८ ।।

Krishn aborda pela terceira vez o tema dos deuses. Este disse a Arjun, inicialmente no capítulo 7, que apenas aqueles mal orientados veneram deuses, pois foram privados de discernimento devido à luxúria. Referindo a este problema no capítulo 9, Krishn firmou que até mesmo os devotos com vários deuses o adoram a ele – o Deus eterno e imutável. Contudo, uma vez que a prática contradiz o preceito das escrituras, a sua devoção é fútil. E, no presente capítulo 17, Krishn classifica esses devotos como os mais devassos, já que a única forma de reverência aprovado por ele se trata da devoção do único Deus.

Consequentemente, Yogeshwar Krishn debruça-se sobre quatro assuntos vitais: o alimento, o yagya, a penitência e a doação de esmolas. Diz-se que o alimento é uma de três categorias. Os homens munidos de virtudes morais apreciam o alimento que nutre, que é naturalmente agradável e suave. Aqueles dedicados à paixão e à confusão moral apreciam pratos fortes, picantes, tentadores e que prejudicam a saúde. E os ignorantes com tendências maldosas satisfazem-se com alimentos rançosos e sujos.

Se empreendido e executado tal como prescrito nas escrituras, o yagya (exercícios meditativos internos que dominam a mente, libertando-a do desejo) é moralmente digno. O yagya efectuado com o propósito da ostentação e buscando a gratificação de algum desejo é moralmente repreensível. Contudo, o yagya mais inferior de todos é o yagya correctamente intitulado de mal, pois carece da aprovação das escrituras e é empreendido sem a entoação dos hinos (védicos) sagrados, sem espírito de sacrifício e sem verdadeira dedicação.

O serviço reverente para com um preceptor com todas as qualidades para possibilitar o acesso ao Deus Supremo e o arrependimento sincero com base nos princípios da não-violência, da contenção e da pureza constituem a penitência do corpo. O discurso do que é verdadeiro, agradável e benigno trata-se da penitência do discurso. Levar a mente a lembrar-se da acção necessária e recordá-la num estado de meditação silenciosa sobre o objectivo desejado e nada mais traduz-se na penitência da mente. Mas a penitência completa e perfeita em todos os aspectos é a que engloba a mente, o discurso e o corpo.

As esmolas oferecidas com um sentimento de obrigação moral e com a consideração devida no que respeita ao local e à altura, bem

como à dignidade do receptor são boas. Porém, as almas ofertadas com relutância e que esperam um proveito são o resultado da paixão, ao passo que as esmolas dadas com desdém a um beneficiário indigno são causadas pela ignorância.

Identificando o carácter de OM, tat arid sat, Krishn afirma que estes nomes lembram memórias de Deus. OM é entoado no início da penitência, da caridade e do yagya que correspondem ao caminho prescrito pelas escrituras. Este som permanece com aquele que busca até à consumação do seu acto. Tat significa o Deus além. A acção ordenada só pode ser realizada com um sentimento de resignação total. sendo que sat se manifesta somente quando a tarefa já foi em grande parte bem efectuada. Apenas a devoção a Deus é a realidade. Recorrese ao sat quando o devoto está convencido da verdade e possuído pela busca da perfeição. Sat é igualmente relevante para a conclusão final da acção, que inclui o yagya, a caridade e a penitência capaz de conduzir uma pessoa até Deus. Os actos que proporcionam acesso a Deus são indubitavelmente reais. Mas, juntamente com todos estes, a fé trata-se de uma necessidade básica. Quando executada sem fé, a acção realizada, as esmolas dadas e o fogo da penitência em que o devoto ardeu são todos em vão, sem proveito tanto na vida presente como nas vidas por vir. A fé é, assim, imperativa.

Deste modo, ao longo de todo o capítulo, a fé foi esclarecida, sendo que nesta conclusão se elucida detalhadamente pela primeira vez no Geeta o **OM**, tat e sat.

Assim se conclui o Décimo Sétimo Capítulo nos Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o Conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado:

"OM Tatsat Shraddhatya Vibhag Yog" ou "O Yog da Fé Tridimensional".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Décimo Sétimo Capítulo em "Yatharth Geeta"

HARI OM TAT SAT

#### **CAPÍTULO 18**

## O YOG DA RENÚNCIA

Este é o último capítulo do Geeta, sendo a primeira metade dedicada à resolução de várias questões colocadas por Arjun, e tratando-se a segunda metade da conclusão que se debruça sobre muitas graças que resultam desta obra sagrada. O capítulo 17 classificou e elucidou sobre o alimento, a penitência, o yagya, a caridade e a fé. Porém, neste contexto, as diferentes formas de renúncia (sanyas) ainda não foram referidas. Qual o motivo para as acções do homem? Quem é o motivador – Deus ou a natureza? A questão foi colocada anteriormente, mas o presente capítulo irá esclarecê-lo novamente. De modo semelhante, o tema da divisão humana "quadritípica" também foi abordado anteriormente, mas o actual capítulo irá de novo referenciá-lo e analisar o seu carácter à luz dos contornos da natureza. De seguida, no final, as inúmeras qualidades surgidas do Geeta serão esclarecidas.

Após escutar a categorização de Krishn referente aos vários temas no capítulo anterior, Arjun deseja ver explicadas as diferentes formas de renúncia (sanyas) e abandono (tyag).

 "Arjun disse: 'Interesso-me por aprender, ó dos braços poderosos, ó Hrishikesh, mestre dos sentidos e destruidor dos demónios, dos princípios de abandono e da renúncia'."

अर्जुन उवाच

संन्यासस्य महाबाहो तत्त्वमिच्छामि वेदितुम्। त्यागस्य च हृषीकेश पृथक्केशिनिष्दन।।१।। O abandono total trata-se da renúncia, um estado em que até a vontade e os méritos da acção deixam de existir e antes do qual se dá apenas a renúncia definitiva pela realização da busca espiritual. Aqui denotam-se duas questões: Arjun deseja saber qual a essência da renúncia, bem como a essência do abandono. Neste sentido, Yogeshwar Krishn afirma:

- 2. "O Senhor disse: 'Ao passo que inúmeros estudiosos recorrem à renúncia ao abdicar de actos referidos, muitos outros de juízo maduro recorrem ao abandono ao nomear a abnegação dos frutos de qualquer acção'."
- "Enquanto muitos homens eruditos insistem que, já que toda a acção é fútil, esta devia ser renegada, outros estudiosos proclamam que os actos como o yagya, a caridade e a penitência não devem ser rejeitados."

Após declarar várias opiniões sobre o assunto, Yogeshwar apresenta a sua perspectiva definitiva.

- 4. "Ouvi, ó melhor dos Bharat, a minha noção de renúncia e de como, ó incomparável entre os homens, esta renúncia se diz ter três tipos."
- 5. "Mais do que abandoná-los, os actos como o yagya, a caridade e a penitência devem ser certamente levados a cabo enquanto um dever, pois o yagya, a caridade e a penitência são actos que redimem os homens de sabedoria."

श्री भगवानुवाच : काम्यानां कर्मणां न्यासं संन्यासंकवयोविदुः । सर्वकर्मफलत्यागं प्राहुस्त्यागं विचक्षणाः ।।२ ।। त्याज्यं दोषवदित्येकं कर्म प्राहुर्मनीषिणः । यज्ञदानतपःकर्म न त्याज्यमिति चापरे ।।३ ।। निश्चयं श्रृणु मे तत्र त्यागे भरतसत्तम । त्यागो हि पुरुषव्याघ्र त्रिविधः संप्रकीर्तितः ।।४ ।।

यज्ञदानतपः कर्म न त्याज्यं कार्यमेव तत्।

यज्ञो दानं तपश्चैव पावनानि मनीषिणाम् ।।५ ।।

Krishn apresentou, assim, quatro pensamentos principais. Primeiro, que se devia abdicar dos actos ambicionados. Segundo, que se deve desistir dos frutos de qualquer acção. Terceiro, que todas as acções devem ser abandonadas, pois todas elas são impuras. E quarto, que é errado renunciar ao yagya, à caridade e à penitência. Manifestando-se em concordância com alguns destes pensamentos, Krishn disse ser também da opinião que o yagya, a caridade e a penitência não devem ser abandonados. Tal ilustra o quão divergentes eram as perspectivas relativamente a este tema já na época de Krishn, sendo que somente uma delas era a correcta. Hoje em dia, inclusive, existem muitas visões sobre o assunto. Quando um sábio chega ao mundo, identifica e evidencia qual a visão mais benéfica entre as muitas doutrinas distintas. Todas as grandes Almas o fizeram, incluindo Krishn. Em lugar de defender um novo caminho, este apoia e comenta a que é verdadeira entre muitas outras perspectivas aceites.

6. "Acredito piamente, ó Parth, que estes dados, bem como todos os outros, devem ser efectivamente realizados após o abandono do apego e do desejo pelos frutos do trabalho."

Respondendo à questão de Arjun, Krishn debruça-se sobre o abandono.

7. "E, uma vez que a acção necessária não deve ser abandonada, o abandono da mesma devido a um equívoco será considerado como renúncia à natureza da ignorância (tamas)."

Segundo Krishn, a acção ordenada e essencial é apenas uma – o desempenho do yagya. Yogeshwar recorreu e deu repetidamente ênfase ao modo ordenado, de modo a que o devoto se não desviasse do caminho correcto. Agora declara que seria incorrecto abandonar a acção ordenada. A renúncia à mesma devido a uma ilusão diz-se, por essa razão, tratar-se de um abandono do tipo diabólico (ou seja, da natureza

एतान्यपि तु कर्माणि सङ्गं त्यक्त्वा फलानि च। कर्तव्यानीति मे पार्थ निश्चितं मतमुत्तमम्।।६।। नियतस्य तु संन्यासः कर्मणो नोपपद्यते। मोहात्तस्य परित्यागस्तामसः परिकीर्तितः।।७।। de tamas). O acto que deve ser efectuado e a acção ordenada são os mesmos, e abandoná-los por envolvimento com objectos de prazer sensorial é, do ponto de vista moral, impróprio. Aquele que abandona essa acção será condenado a novos nascimentos sob formas inferiores, pois suprimiu o impulso da adoração divina.

Krishn fala de seguida sobre o abandono manchado pela paixão e pela cegueira moral (**rajas**).

8. "Aquele que abandonar rapidamente a acção, partindo do pressuposto que tudo o que a envolve é penoso, ou por medo, ou por sofrimento físico, será privado dos méritos do seu abandono."

Aquele que for incapaz de adorar e que abdicar da acção devido à apreensão relativamente à dor física, é imprudente e encontra-se moralmente equivocado, sendo que o abandono (de natureza da paixão, rajas) não será bem-sucedido a proporcionar-lhe o repouso mental derradeiro, o qual deveria ser o término do abandono.

9. "Apenas esse abandono é considerado benéfico, ó Arjun, o abandono ordenado e praticado com a convicção de que a sua prática após a renúncia ao apego e aos frutos do trabalho se trata de empenho moral."

Apenas o acto ordenado deverá ser efectuado e tudo o mais deverá ser descartado. Deveremos, contudo, executá-lo indefinidamente ou chegará a altura em que também se deve abdicar deste? Debruçando-se sobre este tema, Krishn refere o caminho do abandono que é benéfico e digno.

10. "Dotado de uma excelência moral imaculada e isento de dúvidas, aquele que não abominar os actos impróprios, nem se enamorar dos propícios, será sábio e abnegado."

> दु:खमित्येव यत्कर्म कायक्लेशभयात्त्यजेत्। स कृत्वा राजसं त्यागं नैव त्यागफलं लभेत्।।८।। कार्यमित्येव यत्कर्म नियतं क्रियतेऽर्जुन। सङ्गं त्यक्त्वा फलं चैव स त्यागः सात्त्विको मतः।।९।। न द्वेष्ट्यकुशलं कर्म कुशले नानुषञ्जते। त्यागी सत्त्वसमाविष्टो मेधावी छिन्नसंशयः।।९०।।

Somente a acção prescrita pelas escrituras é auspiciosa e tudo o que a contradiga trata-se de mero apego a este mundo mortal e, consequentemente, é prejudicial. A pessoa equânime, que não menospreze o que é prejudicial, nem se apegue ao que é auspicioso (já que, para uma tal pessoa, até mesmo aquilo que deve ser efectuado conhece um fim), será alguém de bem, sem dúvidas e com discernimento. Alguém assim será capaz de renunciar a tudo. Este abandono total, ocorrendo simultaneamente com a realização, trata-se da renúncia. Mas, poderemos perguntar-nos, haverá um caminho mais simples? Krishn nega categoricamente essa possibilidade.

11. "Dado que o abandono de toda a acção por um ser corporal é impossível, aquele que abdicar dos frutos da acção será creditado como alguém que praticou o abandono."

O termo "seres corporais" não implica apenas os corpos grosseiros e visíveis. Segundo Krishn, as três propriedades da virtude (sattwa), paixão (rajas) e ignorância (tamas), oriundas da natureza, aprisionam a Alma no corpo. A Alma é, assim, incorporada enquanto estas propriedades se mantiverem. Até lá, esta terá de passar de um corpo para o outro, pois as propriedades que geram o corpo ainda permanecem. Uma vez que a Alma incorporada não pode evitar a acção, diz-se que aquele que abdicar dos frutos da acção foi bem-sucedido na renúncia. Deste modo, é imperativo efectuar o acto prescrito e renunciar aos frutos da acção enquanto persistirem as propriedades que constituem o corpo. Por outro lado, caso este seja executado com desejo ou algo mais, produzirá frutos.

12. "Ao passo que as recompensas triplas (boas, más e intermédias) das acções das pessoas ambiciosas ocorrem até após a morte, as acções das pessoas que a tudo renunciaram nunca geram frutos."

> न हि देहभृता शक्यं त्यक्तुं कर्माण्यशेषत:। यस्तु कर्मफलत्यागी स त्यागीत्यभिधीयते।।११।। अनिष्टमिष्टं मिश्रं च त्रिविधं कर्मण: फलम्। भवत्यत्यागिनां प्रेत्य न तु संन्यासिनां क्वचित्।।१२।।

Os actos de homens avarentos produzem consequências que se estendem até depois da morte. Efectivamente, estas consequências persistem ao longo de inúmeros nascimentos. Contudo, as acções daqueles que abandonaram tudo (dos verdadeiros sanyasi, assim designados por terem renunciado a todas as suas posses), não geram nunca frutos. Esta trata-se da renúncia total ao mais alto nível da busca espiritual.

A análise do resultado dos actos do bem e do mal e o seu fim no momento em que todos os desejos são aniquilados fica, assim, concluída. Krishn reporta-se então às causas que afectam as acções do bem e do mal.

- 13. "Aprendei bem comigo, ó dos braços poderosos, os cinco princípios que Sankhya¹ reconhece como realizadores da acção."
- 14. "No que diz respeito a tudo isto, registam-se o autor primário, vários agentes, as execuções várias, a força sustentadora e, simultaneamente, o quinto meio que se trata da providência."

A mente é o actor. As predisposições virtuosas e maldosas são os agentes. O desempenho da acção de bem requer uma predisposição para o discernimento, o desapego, a tranquilidade, a auto-contenção, o sacrifício e a meditação constante. Porém, a luxúria, a ira, o entusiasmo, a aversão e a avareza tratam-se dos agentes que afectam os actos do mal. Verificam-se ainda muitos esforços (os intermináveis desejos) e os meios. Essa aspiração começa a ser concretizada apoiada pelos meios. Por último, regista-se o quinto princípio: a providência ou sanskar — o resultado de tudo o que sucedeu à Alma no passado. Tudo isto é afirmado por Krishn.

पञ्चैतानि महाबाहो कारणानि निबोध मे। सांख्ये कृतान्ते प्रोक्तानि सिद्धये सर्वकर्मणाम्।।१३।। अधिष्ठानं तथा कर्ता करणं च पृथग्विधम्। विविधाश्च पृथक्चेष्टा दैवं चैवात्र पञ्चमम्।।१४।।

Sankhya é o nome de um dos seis sistemas da filosofia hindu. Designa-se assim porque enumera vinte e cinco tattva ou verdadeiros princípios e o seu objectivo principal é assegurar a emancipação final dos vinte e cinco tattva, ou seja, Purush ou Alma, dos elos da existência mundana pela partilha de conhecimento dos outros vinte e quatro tattva e pela distinção adequada da Alma.

- 15. "Estas são as cinco causas da acção que um homem realiza com a sua mente, o seu discurso e o seu corpo, ou em concordância com as escrituras, ou em contradição com as mesmas."
- 16. "Apesar disso, aquele que, devido ao seu juízo imaturo, considerar o Eu consumado e desapegado como o actor, será um tolo sem visão."

Tal como a Alma é idêntica a Deus, esta declaração implica igualmente que Deus não age.

Esta trata-se da segunda vez que Yogeshwar dá ênfase a esta questão. No capítulo 5 disse que Deus nem age, nem impele outros a agir, tal como nem sequer gera a associação das acções. Então porque afirmamos que tudo é feito por Deus? Apenas porque as nossas mentes se encontram turvas pela ilusão, pronunciando apenas o que nos ocorre. Contudo, tal como Krishn afirmou, há cinco causas da acção. Ainda assim, os ignorantes, incapazes de se aperceber da realidade, entendem apenas a Alma como semelhante a Deus e este como actor. Estes não conseguem entender que Deus não efectua acto algum. Paradoxalmente, ao dizer isto, Krishn prepara-se para entrar em acção por Arjun, assegurando-lhe que este apenas tem de assumir o papel do instrumento, pois ele, (Krishn) é o verdadeiro actor, árbitro. Afinal, qual a importância do sábio?

Na verdade, existe uma linha de gravidade que separa Deus da natureza. Enquanto o devoto se encontrar nos limites da natureza, das três propriedades, Deus não agirá. Apesar de residir junto do devoto, este é apenas um observador. Mas quando o devoto atinge o objectivo intencionado com um propósito firme, Deus começa a regular a sua vida interior. O devoto é então libertado da gravidade da natureza,

शरीरवाङ्मनोभिर्यत्कर्म प्रारभते नर:। न्याय्यं वा विपरीतं वा पञ्चैते तस्य हेतव:।।१५।। तत्रैवं सित कर्तारमात्मानं केवलं तु य:। पश्यत्यकृतबृद्धित्वान्न स पश्यति दुर्मति:।।१६।। entrando no domínio de Deus. Deus mantém-se sempre junto de tais devotos, mas age apenas a favor destes devotos. Por essa razão, devemos sempre meditar nele.

17. "Ainda que possa destruir, aquele que se libertar da presunção e cuja mente se encontrar imaculada, não será nem um assassino, nem estará apegado à acção."

Mais do que dar licença para matar sem receios, o verso significa que a pessoa verdadeiramente livre age como um mero instrumento do Espírito Supremo. Uma tal pessoa pode, por vezes, ser compelida a efectuar actos mais violentos e incríveis (como Arjun), porém, executaos com um espírito de perfeito desapego e altruísmo, assim como com a convicção que o seu desempenho é um dever. Assim, apesar de, do ponto mundano, a pessoa livre matar, esta não o faz realmente. Na verdade, aquele que reside com a constante consciência de Deus não tem predisposição para nada que seja maldoso. Uma pessoa assim não se sente tentada a destruir, pois o mundo que tenta as pessoas a fazê-lo não mais existe para ele devido à renúncia absoluta de todos os seus actos.

18. "Ao passo que o caminho para assegurar o conhecimento, o conhecimento digno e o conhecedor constituem a inspiração tripla para a acção, o actor, os agentes e a própria acção tratam-se dos constituintes triplos da acção."

É referido a Arjun que o ímpeto da acção deriva dos videntes omniscientes, do modo de adquirir o conhecimento e do objecto que é digno de ser adquirido. O estímulo da acção é originado apenas quando existe um sábio esclarecido com conhecimento perfeito que possa iniciar devoto no caminho que permite o alcance do objecto desejado, sendo que o devoto deve estar centrado nesse mesmo objectivo. Do mesmo modo, a acumulação de acções começa a dar-se aquando da união do actor através da dedicação da mente, de agentes como a sabedoria, o

यस्य नाहंकृतो भावो बुद्धिर्यस्य न लिप्यते। हत्वापि स इमाँललोकान्न हन्ति न निबध्यते।।१७।। ज्ञानं ज्ञेयं परिज्ञाता त्रिविधा कर्मचोदना। करणं कर्म कर्तेति त्रिविधः कर्मसंग्रहः।।१८।। desinteresse no mundo material, o repouso, o auto-domínio (que proporciona a realização da acção) e a consciência da acção. Foi referido anteriormente que nem o desempenho da acção pelo devoto após a realização tem um propósito, nem se registam perdas após o seu abandono. Ainda assim, este empenha-se na acção para que se gerem forças virtuosas nos corações daqueles que ficaram para trás. Tal sucede devido à confluência do actor, dos agentes e da própria acção.

O conhecimento, a acção e o actor, têm, também eles, três categorias.

19. "Ouvi-me bem relativamente ao modo como até o conhecimento, a acção e o actor foram classificados em três tipos cada na filosofia sankhya das propriedades (gun)."

O verso seguinte esclarece o carácter do conhecimento virtuoso.

20. "Conhecei aquele conhecimento tão imaculado (sattwik), que permite a percepção da realidade do Deus indestrutível como uma entidade única em todos os seres divisíveis."

Tal conhecimento trata-se da percepção directa, o qual leva à cessação das propriedades da natureza. Este demarca o auge da consciência. Vejamos de seguida o conhecimento do terceiro tipo (rajas).

- 21. "Conhecei aquele conhecimento tão deturpado pela paixão, que permite a percepção de várias entidades em todos os seres distintos."
- 22. "E conhecei aquele conhecimento tão turvado pela ignorância (tamas) e que adere por si só ao corpo como se fosse a verdade, mas que é irracional, falso e desprezível."

ज्ञानं कर्म च कर्ता च त्रिधैव गुणभेदत:।
प्रोच्यते गुणसंख्याने यथावच्छृणु तान्यपि।।१९।।
सर्वभूतेषु येनैकं भावमव्ययमीक्षते।
अविभक्तं विभक्तेषु तज्ज्ञानं विद्धि सात्त्विकम्।।२०।।
पृथक्त्वेन तु यज्ज्ञानं नानाभावान्पृथिविधान्।
वेति सर्वेषु भूतेषु तज्ज्ञानं विद्धि राजसम्।।२९।।
यत्तु कृत्स्नवदेकस्मिन्कार्ये सक्तमहैतुकम्।
अतत्त्वार्थवदल्पं च तत्तामसमुदाहृतम्।।२२।।

Desprovidos de sabedoria e da disciplina necessária para reforçá-lo, este tipo de conhecimento é indigno, pois desvia as pessoas da consciencialização de Deus, que é a única realidade.

Os versos seguintes classificam os três tipos de acção.

23. "Diz-se ser imaculada, a acção ordenada e efectuada com desapego por aquele que se encontra livre de entusiasmo, bem como de aversão e que não aspira a nenhuma recompensa."

A acção ordenada é apenas a adoração e a meditação que conduz a Alma a Deus.

24. "E considera-se ter a natureza da paixão, a acção que é revigorante e levada a cabo por alguém que ambiciona recompensas e se caracteriza pelo egocentrismo."

Tal devoto também executa a acção ordenada, mas qual a grande diferença que produz o facto de desejar recompensas e ser vaidoso? Desse modo, a acção desempenhada por ele será caracterizada pela cegueira moral.

25. "A acção diz-se não ser iluminada quando é realizada devido à ignorância e com indiferença pelo resultado, pelas perdas e em detrimento dos outros, bem como independentemente das capacidades do próprio."

Esta acção está condenada a ser reduzida a coisa alguma, não sendo aprovada, sem dúvida alguma, pelas escrituras. Mais do que acção, trata-se de mera ilusão.

Vejamos agora quais são os atributos do actor.

नियतं सङ्गरहितमरागद्वेषतः कृतम्।
अफलप्रेप्सुना कर्म यत्तरसात्त्विकमुच्यते।।२३।।
यत्तु कामेप्सुना कर्म साहङ्कारेण वा पुनः।
क्रियते बहुलायासं तद्राजसमुदाहृतम्।।२४।।
अनुबन्धं क्षयं हिंसामनवेक्ष्य च पौरुषम्।
मोहादारभ्यते कर्म यत्ततामसमुच्यते।।२५।।

26. "O actor diz-se ter uma natureza imaculada quando se encontra isento de apego, não se satisfaz através do discurso arrogante e que se encontra munido de paciência e vigor, bem como indiferentes face ao sucesso e ao fracasso."

Estes são os atributos do actor de bem, sendo que a acção que executa se trata, evidentemente, da acção ordenada.

- 27. "Diz-se que o actor tem o atributo da paixão quando é impulsivo, ambiciona os frutos da acção, é consumista, pernicioso, viciado e vítima da alegria e da dor."
- 28. "Diz-se que o actor tem o atributo da ignorância se for inconstante, inculto, vaidoso, má pessoa, maldoso, sem alma, preguiçoso e procrastinatório."

Estes são os atributos do actor ignorante. O escrutínio das qualidades dos actores fica então concluído, iniciando Yogeshwar Krishn uma análise aos atributos do discernimento (intelecto), da resolução (firmeza) e do contentamento (felicidade).

- 29. "Ouvi-me, também, ó Dhananjay, relativamente à classificação tripla segundo as propriedades da natureza, enquanto explano exaustivamente o intelecto, a firmeza e a felicidade."
- 30. "O intelecto é imaculado, ó Parth, estando consciente da essência, do caminho da inclinação e também da renúncia, da acção digna e indigna, do medo e da intrepidez e do apego e da libertação."

मुक्तसङ्गोऽनहंवादी धृत्युत्साहसमन्वितः।
सिद्ध्यसिद्ध्योर्निर्विकारः कर्ता सात्त्विक उच्यते।।२६।।
रागी कर्मफलप्रेप्सुर्लुब्धो हिंसात्मकोऽशुचिः।
हर्षशोकान्वितः कर्ता राजसः परिकीर्तितः।।२७।।
अयुक्तः प्राकृतः स्तब्धः शठो नैष्कृतिकोऽलसः।
विषादी दीर्घसूत्री च कर्ता तामस उच्यते।।२८।।
बुद्धेर्भेदं धृतेश्चैव गुणतस्त्रिविधं श्रृणु।
प्रोच्यमानमशेषेण पृथक्त्वेन धनंजय।।२९।।
प्रवृत्तिं च निवृत्तिं च कार्याकार्ये भयाभये।
बन्धं मोक्षं च या वेति बृद्धिः सा पार्थ सात्त्विकी।।३०।।

Por outras palavras, o intelecto de bem e moralmente bom é aquele que está consciente da distinção entre o caminho conducente a Deus e o caminho dos constantes nascimentos e mortes.

- 31. "O intelecto é da natureza da paixão e da cegueira moral, ó Parth, através do qual não é sequer possível conhecer o bem e o mal, nem o que é digno ou indigno de ser efectuado."
- 32. "O intelecto é da natureza da ignorância, ó Parth, e encontra-se envolvido pela escuridão, apreendendo o pecaminoso como virtuoso e vislumbrando tudo de forma distorcida."

Nos versos 30 a 32, o intelecto é, desta forma, classificado em três tipos. Detém uma excelência moral o intelecto que se encontra bem consciente da acção em que se deve empenhar e a acção que deve evitar, bem como aquela que é digna ou indigna. O intelecto que apenas tem uma percepção ténue da acção do bem e do mal e que não conhece a verdade, é dominado pela paixão. O intelecto perverso que considera a acção pecaminosa como virtuosa, o destrutível como eterno e o prejudicial como auspicioso, encontra-se envolvido pelo véu da ignorância.

A discussão sobre o intelecto é assim concluída e Krishn aborda de seguida os três tipos de perseverança.

33. "A firmeza resoluta, pela qual uma pessoa se pode governar através da prática das operações mentais do yog, das inalações e exalações e dos sentidos é, ó Parth, imaculada."

O yog é o processo de meditação, sendo que qualquer outro impulso que surja na mente que não o da contemplação se trata de transgressão moral. O desvio da mente é um desvio do caminho da virtude. A resolução firme com que uma pessoa domina a mente, a respiração e os sentidos

यया धर्ममधर्मं च कार्यं चाकार्यमेव च।
अयथावतप्रजानाति बुद्धिः सा पार्थ राजसी।।३१।।
अधर्मं धर्ममिति या मन्यते तमसावृता।
सर्वार्थान्विपरीतांश्च बुद्धिः सा पार्थ तामसी।।३२।।
धृत्या यया धारयते मनः प्राणेन्द्रियक्रियाः।
योगेनाव्यभिचारिण्या धृतिः सा पार्थ सात्विकी।।३३।।

é, assim, da natureza do bem. A força de espírito moralmente excelente trata-se do domínio da mente, da respiração vital e dos sentidos em direcção ao objectivo desejado.

34. "A perseverança, ó Parth, que levam o avarento a manter-se fiel às suas obrigações, riquezas e prazeres, é da natureza da paixão e da cegueira moral."

A firmeza da vontade, neste caso, diz respeito primeiramente ao abandono dos deveres mundanos, da aquisição da riqueza e do prazer sensorial, os três prazeres da vida material, mais do que à libertação final. O fim último pode ser o mesmo, mas neste caso o devoto aspira aos frutos e deseja algo em retorno pelo seu trabalho.

35. "E a perseverança, ó Parth, pela qual a mente maldosa recusa o abandono do ócio, do medo, das preocupações, da dor, bem como da arrogância, tem a natureza da ignorância."

Krishn aborda, de seguida, os três tipos de felicidade...

36. "Ouvi-me, ó melhor dos Bharat, sobre os três tipos de felicidade, incluindo a felicidade em que se habita pela prática, alcançando assim o final de todas as penas."

Essa felicidade atingida pelo devoto pela disciplina espiritual ao concentrar a sua mente no objectivo ansiado destrói, assim, as penas.

37. "A felicidade, que começa por ser como um veneno, sabendo por fim a néctar, pois surge da lucidez de um intelecto que percepcionou o Eu, detém uma natureza impecável."

यया तु धर्मकामार्थान्धृत्या धारयतेऽर्जुन।
प्रसङ्गेन फलाकाङ्क्षी धृतिः सा पार्थ राजसी।।३४।।
यथा स्वप्नं भयं शोकं विषादं मदमेव च।
न विमुञ्चित दुर्मेधा धृतिः सा पार्थ तामसी।।३५।।
सुखं त्विदानीं त्रिविधं श्रृणु मे भरतर्षभ।
अभ्यासाद्रमते यत्र दुःखान्तं च निगच्छति।।३६।।
यत्तदग्रे विषमिव परिणामेऽमृतोपमम्।
तत्सुखं सात्त्विकं प्रोक्तमात्मबुद्धिप्रसादजम्।।३७।।

A felicidade resultante do exercício espiritual, da concentração da mente no final desejado e onde terminam todas as penas, caracteriza-se por uma amargura de um veneno no início da devoção. Prahlad foi enforcado e Meera foi envenenada. O santo Kabir indicou a diferença entre o mundo dos prazeres que deles vive e cai na miséria inconsciente e ele mesmo que permanece consciente, chorando de lágrimas de arrependimento. Porém, apesar desta felicidade ser como veneno no início, no final é como um néctar que confere a substância da imortalidade. Uma tal felicidade, nascida da clara compreensão do Eu, diz-se ser pura.

38. "A felicidade que resulta da associação dos sentidos com os seus objectos e que se revela como o néctar no início mas como o fel no final, diz-se estar envenenada pela paixão e a cegueira moral."

A felicidade obtida do contacto dos sentidos com os seus objectos lembra néctar enquanto se aprecia, mas um veneno no fim, pois este tipo de felicidade conduz ao ciclo dos nascimentos e mortes. Tal felicidade diz-se, e com razão, estar afectada e afligida pela cegueira moral.

39. "A felicidade, que tanto inicialmente como no final ilude o Eu e que se eleva dos escombros, da letargia e da negligência, dizse ser da natureza da ignorância."

A felicidade que, tanto no decurso da indulgência como posteriormente, ilude a Alma, tornando a pessoa inconsciente na noite escura da vida mundana e da qual se origina a indolência e os esforços úteis, é caracterizada pela ignorância.

40. "Não existe ser algum nem na Terra nem entre os habitantes do paraíso que esteja inteiramente isento das três propriedades da natureza."

> विषयेन्द्रियसंयोगाद्यत्तदग्रेऽमृतोपमम् । परिणामे विषमिव तत्सुखं राजसं स्मृतम् ।।३८ ।। यदग्रे चानुबन्धे च सुखं मोहनमात्मनः । निद्रालस्यप्रमादोत्थं तत्तामसमुदाहृतम् ।।३९ ।। न तदस्ति पृथिव्यां वा दिवि देवेषु वा पुनः । सत्त्वं प्रकृतिजैर्मुक्तं यदेभिः स्यात्त्रिभिर्गुणैः ।।४० ।।

Todos os seres, de Brahma, no topo, aos germes e insectos, no nível mais inferior, são transitórios, mortais e encontram-se sob a influência das três propriedades (sattwa, rajas e tamas). Até os seres celestiais, incluindo os vários deuses externos, estão sujeitos à maleita das três propriedades.

Agora, Yogeshwar Krishn aborda o tema dos deuses externos pela quarta vez. Isto é, falou-se de deuses nos capítulos 7, 9 e 17. Todas as declarações proferidas até à data por Krishn implicam que os deuses são influenciados pelas três propriedades da natureza. Aqueles que veneram tais deuses, adoram, na verdade, deuses perecíveis e mortais.

Na terceira secção de Shreemad Bhagavat, aos descrever o encontro de nove Yogeshwars com o afamado sábio Sukra, este último disse durante os discursos que o Senhor Sankara e a sua esposa Parvathi devem ser venerados pelo amor entre um homem e uma mulher, pela boa saúde de Ashwani Kumars (os gémeos médicos celestiais), pela vitória do Senhor Indra (deus do céu) e pelas riquezas materiais. De modo semelhante, ao abordar no final os diversos desejos, este sentenciou que, para satisfazer todos os desejos e se salvar, se deve venerar somente o Senhor Narayan.

Assim, devemo-nos lembrar que o Senhor é omnipresente e, para que tal suceda, o único meio possível é procurar refúgio junto a um sábio realizado, colocando perguntas sinceras e prestando serviços. Assim, se entende que...

Os tesouros demoníaco e divino sejam duas características do domínio interior, a partir do qual os tesouros divino permitem a visão do Ser Supremo, razão pela qual são denominados de divinos, ainda que se encontrem sob a influência das três propriedades da natureza. Quando estas três propriedades da natureza se encontram amenizadas, o devoto deverá experienciar também ele uma enorme paz interior. De seguida, o sábio realizado, o yogi, não terá mais dever algum a desempenhar, tendo atingido o estádio da inacção.

A questão da organização dos homens em quatro classes (varn) que foi apresentada no início é novamente abordada. Será a classe de cada um determinada pelo nascimento ou será o nome da capacidade interior adquirida pela acção de cada um?

## 41. "Os deveres de Brahmin, Kshatriya, Vaishya, bem como de Shudr, são determinados pelas propriedades oriundas da sua natureza."

Se a natureza de um homem for constituída pela propriedade do bem, registar-se-á pureza interna, juntamente com a capacidade de meditar e adorar. Se a propriedade dominante for a da ignorância, a letargia, o sono e a insanidade serão os frutos, e a acção efectuada estará ao mesmo nível. A capacidade da propriedade natural de cada um é o seu varn, a sua personalidade. De forma semelhante, a combinação parcial do bem e da paixão constitui a classe Kshatriya, ao passo que a combinação parcial da propriedade da ignorância e da paixão compõe a classe Vaishya.

Esta é a quarta vez que Yogeshwar Krishn aborda este assunto. Este reportou-se ao Kshatriya no capítulo 2, dizendo que "nada há de mais benéfico para um Kshatriya do que um combate pelo bem" (verso 31). No capítulo 3, disse que, apesar de inferior no mérito, a vocação natural (dharm) é o melhor, sendo que até mesmo ir ao encontro da morte ao executá-la resultará no bem, ao passo que o desempenho de um dever que não o próprio, ainda que bem visto, gera apenas o medo (verso 35). De seguida, no capítulo 4, Krishn indica ser o criador das quatro classes (verso 13). Significará isto que dividiu os homens em quatro castas rigorosas determinadas pelo nascimento? A sua resposta a esta questão é um não enfático, afirmando que apenas dividiu a acção em quatro categorias segundo as suas propriedades inatas. A propriedade inata de um ser ou objecto é uma medida. Assim, a divisão da humanidade em quatro varn trata-se apenas da divisão da mesma acção em quatro estádios segundo as propriedades motivadoras. Nas palavras de Krishn, a acção é o modo de atingir do único e inexpressivo Deus. A conduta que leva a Deus trata-se da adoração, a qual tem início na fé no final desejado. A meditação do Ser Supremo é a verdadeira e única acção que Krishn categorizou em quatro passos no seu sistema de varn. Mas como podemos saber a que propriedade e em que estádio nos encontramos? É isso que Krishn aborda nos versos seguintes.

> ब्राह्मणक्षत्रियविशां शूद्राणां च परंतप। कर्माणि प्रविभक्तानि स्वभावप्रभवैर्गुणै:।।४९।।

42. "O auto-domínio, o controlo dos sentidos, a inocência, a contenção, a misericórdia, a integridade, a piedade, o verdadeiro conhecimento e a percepção directa da divindade são características do domínio do Brahmin, oriundas da sua natureza."

O domínio da mente, a subjugação dos sentidos, a pureza imaculada, a mortificação da mente, o discurso e um corpo para os moldar em concordância com o objectivo desejado, o perdão, a bondade omnipresente, a fé sincera naquele ansiado pelo objectivo, a consciência do Ser Supremo, o despertar do domínio do coração das exortações de Deus e a capacidade de agir de acordo com elas – todas estas são as obrigações de um Brahmin que têm origem na sua natureza. Deste modo, pode dizer-se que um devoto é um Brahmin quando todos estes méritos existem nele e o início da acção é uma parte integrante da sua natureza.

43. "O valor, a majestade, a destreza, a recusa em se retirar do combate, a caridade e a soberania são características do domínio de um Kshatriya."

A valentia, o alcance da glória divina, a paciência, a competência na meditação, a capacidade na acção, a renúncia a abandonar a batalha contra o mundo material, o abandono de tudo e o domínio de todos os sentidos pelo sentimento do Ser Supremo – estas são as actividades originadas da natureza de um Kshatriya.

44. "A agricultura, a protecção das vacas (os sentidos) e o comércio são o domínio natural do Vaishya, ao passo que a prestação de serviços se trata do dom natural de um Shudr."

शमो दमस्तपः शौचं क्षान्तिरार्जवमेव च। ज्ञानं विज्ञानमास्तिक्यं ब्रह्मकर्म स्वभावजम् ।।४२ ।। शौर्यं तेजो धृतिर्दाक्ष्यं युद्धे चाप्यपलायनम् । दानमीश्वरभावश्च क्षात्रं कर्म स्वभावजम् ।।४३ ।। कृषिगौरक्ष्यवाणिज्यं वैश्यकर्म स्वभावजम् । परिचर्यात्मकं कर्म शुद्धस्यापि स्वभावजम् ।।४४ ।।

A agricultura, a criação de gado e o comércio tratam-se dos deveres correspondentes à natureza de um Vaishya. Mas porquê a preservação apenas das vacas? Poderemos matar búfalos? Será errado criar cabras? Na verdade, não é nada assim. Nos antigos textos védicos, a palavra "go" (vaca) era utilizada para se referir aos sentidos. Deste modo, a protecção de "vacas" significa ter atenção aos sentidos. Os sentidos são protegidos pelo discernimento, desapego, o domínio e a firmeza. Estes são, por outro lado, enfraquecidos e debilitam-se com a luxúria, a ira a avareza e o apego. A aquisição espiritual trata-se da única riqueza verdadeira. Esta é o nosso verdadeiro bem e, uma vez adquirido, permanece connosco para sempre. A acumulação gradual desta riqueza durante o curso da nossa luta com o mundo da matéria ou da natureza traduz-se no comércio. A aquisição de conhecimento, a mais preciosa de todas as riquezas, trata-se do comércio. E o que é a agricultura? O corpo é como um pedaço de terra. As sementes são plantadas nela sob a forma de sanskar – os méritos da acção: a força geradora de todas as acções em vidas prévias. A Arjun foi dito que a semente (o impulso inicial) da acção impessoal nunca é destruída. Vaishya trata-se do terceiro passo da acção ordenada, da contemplação do Ser Supremo, entendendo-se por agricultura a preservação das sementes da meditação divina plantadas nesse pedaço de terra, o corpo, opondo-se, simultaneamente, às forças hostis. Tal como Goswami Tulsidas referiu, enquanto que o lavrador sábio semeia com cuidado e atenção, aqueles de sabedoria insuficiente são insensíveis e arrogantes. Por isso, o domínio do Vaishya trata-se de proteger os sentidos, de modo a acumular riqueza espiritual por entre os skirmishes da natureza e fortalecer a contemplação da essência derradeira.

Segundo Krishn, o Deus omnipresente trata-se do resultado final do yagya. As almas devotas que partilham este fruto encontram-se emancipadas de todos os pecados, sendo as sementes desta acção que são plantadas pelo processo meditativo. A protecção desta semente é a verdadeira lavoura. Nos textos védicos, o alimento significa o Espírito Supremo. Deus é o único verdadeiro sustento — o alimento. A Alma fica inteiramente satisfeita ao completar-se o exercício da contemplação, não conhecendo mais anseio algum. Assim que o exercício é concluído com sucesso, a Alma é libertada do ciclo dos nascimentos e das mortes.

O acto de se continuar a plantar as sementes deste alimento trata-se da verdadeira lavoura.

O dever de servir aqueles que alcançaram um estatuto espiritual mais elevado, os homens reverenciados e realizados, é a tarefa dos Shudr. Mais do que significar "Base", Shudr significa "aquele com conhecimento insuficiente". Shudr trata-se do devoto do estádio mas inferior. Assim, é adequado que o devoto iniciado deva principiar a sua busca com a prestação de serviços. Servir homens realizados irá, ao longo do tempo, gerar impulsos nobres, pelo que irá, gradualmente, elevar-se aos estádios superiores de Vaishya, Kshatriya e Brahmin. E. por fim, irá superar o varn (as propriedades da natureza) e tornar-se uno com Deus. A personalidade é uma entidade dinâmica. Há mudanças que se dão no varn individual juntamente com as mudanças do carácter. Assim, na verdade, o varn trata-se dos quatros estádios: excelente, bom, médio e inferior, os quatro passos, inferiores e superiores que os devotos que percorrem o caminho da acção têm de conquistar. Tal é assim pois a acção em questão é a única, a acção ordenada. Segundo Krishn, o único caminho para a realização final é aquele em que o devoto deve iniciar a sua viagem com os atributos da sua própria natureza.

45. "O empenho no seu dever inato conduz o homem à realização derradeira, pelo que deveríeis escutar-me sobre o modo como um homem alcança a perfeição através da dedicação à sua vocação inerente."

A perfeição por fim atingida trata-se da realização de Deus. Krishn disse anteriormente ainda a Arjun que iria alcançar esse objectivo final ao dedicar-se à verdadeira acção, a acção prescrita.

46. "Ao adorar esse Deus (aquele que criou todos os seres e que se encontra em todos o universo), o homem que executar a sua vocação natural, alcançará a realização final."

स्वे स्वे कर्मण्यभिरतः संसिद्धिं लभते नरः। स्वकर्मनिरतः सिद्धिं यथा विन्दति तच्छृणु।।४५।।

यतः प्रवृत्तिर्भूतानां येन सर्वमिदं ततम्।

स्वकर्मणा तमभ्यर्च्य सिद्धिं विन्दति मानव:।।४६।।

O devoto atinge a consumação final com o desempenho dos seus deveres nativos. Assim, é essencial que este mantenha a sua mente constantemente fixa em Deus, que o adore e que prossiga o seu caminho passo a passo. Em lugar de ter algum proveito, um estudante novato pode perder o que tem, caso participe de aulas para estudantes mais avançados. Deste modo, a regra diz que se deve prosseguir passo a passo. Foi referido no sexto verso deste capítulo que o yagya, a caridade e a penitência deviam ser executadas após o abandono do apego e dos frutos da acção. De momento, dando ênfase ao mesmo assunto, Krishn volta a referir que até um homem parcialmente esclarecido devia iniciarse do mesmo modo: rendendo-se a Deus.

47. "Apesar de ausente de mérito, a vocação inata de cada pessoa é superior aos chamamentos dos outros, pois aquele que carrega a sua obrigação natural não se contamina com o pecado."

Apesar de inferior, a obrigação de cada um é melhor do que os deveres dos outros, ainda que bem desempenhados. Um homem empenhado na execução de uma tarefa determinada pela sua própria natureza não exerce pecado algum, desde que não se encontre sujeito a ciclo interminável de "entradas" e "saídas" – dos nascimentos e das mortes. Frequentemente, os devotos começam a sentir-se desencantados com os serviços que prestam. Observam os devotos mais esclarecidos absortos na meditação e tornam-se invejosos da honra que lhes tocou devido aos seus méritos. Assim, os noviços acabam por imitá-los. Contudo, segundo Krishn, a imitação ou a inveja são vãs. A realização final alcança-se apenas pela dedicação à vocação nativa de cada um e não pelo seu abandono.

48. "O dever inato de cada um não deve ser abandonado, ó filho de Kunti, ainda que se encontre maculado devido a todas as acções debilitadas por alguma falha, tal como o fogo é envolvido pelo fumo."

> श्रेयान्स्वधर्मो विगुण: परधर्मात्स्वनुष्ठितात्। स्वभावनियतं कर्म कुर्वन्नाप्नोति किल्बिषम्।।४७।। सहजं कर्म कौन्तेय सदोषमपि न त्यजेत्। सर्वारम्भा हि दोषेण धुमेनाग्निरिवावृता:।।४८।।

Espera-se que as acções de um devoto noviço contenham falhas, pois aqueles que as executam encontram-se ainda longe da perfeição. Mas até estas acções não podem ser renunciadas. Adicionalmente, não existe acção alguma que seja dispensável. A acção tem de ser efectuada até mesmo por aqueles pertencentes à classe Brahmin. As imperfeições – a capa obscura da natureza – estão presentes até se registar uma devoção resoluta, terminando apenas quando a acção natural de um Brahmin se dissipa em Deus. Mas quais os atributos do devoto no momento em que a acção já não traz qualquer proveito.

49. "Aquele cujo intelecto se encontra ausente, que não tem desejo e que conquistou a mente, alcançará o estádio último que transcende toda a acção pela renúncia."

Tal como já foi referido, a "renúncia" trata-se da auto-abnegação. É a condição em que o devoto abandona o que possui, atingindo apenas então o momento em que mais nenhuma acção é necessária. A "renúncia" e o "alcance do estado supremo da inacção" são aqui entendidos como sinónimos. O yogi que tenha alcançado o estado de inacção alcança o Ser Supremo.

50. "Aprendei brevemente comigo, ó filho de Kunti, como aquele que é imaculado atinge a percepção do Ser Supremo, o qual representa o auge do conhecimento."

Os versos seguintes expõem esse caminho.

51. "Abençoado com um intelecto puro, dominando firmemente o Eu, abandonando os objectos de gratificação sensorial como o som, tendo destruído tanto o apego como a repulsa..."

असक्तबुद्धिः सर्वत्र जितात्मा विगतस्पृहः। नैष्कर्म्यसिद्धिं परमां संन्यासेनाधिगच्छति।।४९।। सिद्धिं प्राप्तो यथा ब्रह्म तथाप्नोति निबोध मे। समासेनैव कौन्तेय निष्ठा ज्ञानस्य या परा।।५०।। बुद्ध्या विशुद्धयायुक्तो धृत्यात्मानं नियम्य च। शब्दादीन्विषयांस्त्यक्त्वा रागद्वेषौ व्युदस्य च।।५१।।

- 52. "Vivendo em reclusão, alimentando-se frugalmente, dominando a mente, o discurso e o corpo, dedicando-se incessantemente ao yog da meditação, resignando-se resolutamente..."
- 53. "Abandonando a vaidade, a arrogância do poder, o mau humor e a aquisitividade, desprovido de apego e munido de uma mente em repouso, um homem é digno de se tornar uno com Deus."

É ainda referido quanto a um devoto assim:

54. "Este homem sereno que entende todos os seres de forma equânime, que reside intencionalmente no Ser Supremo sem chorar nem se prender a nada, tem uma fé inabalável em mim, transcendendo esta tudo o resto."

A fé encontra-se então num estádio em que o resultado surge da mesma, nomeadamente sob a forma da percepção de Deus.

55. "Com a sua fé transcendental, ele conhece bem a minha essência, qual o meu alcance, e, tendo conhecido essa essência, ele encontra-se imediatamente unido comigo."

O Ser Supremo é percepcionado no momento da realização e, assim que esta percepção tenha lugar, a Alma do devoto é abençoada com as características de Deus: a sua alma assemelha-se a Deus, torna-se indestrutível, imortal, eterna, inefável e universal.

Krishn disse no capítulo 2 que Deus é real, eterno, permanente, inefável e imortal. Porém, somente aqueles que o apreenderam o vislumbraram com estas qualidades. Assim, a questão sobre o que a percepção da essência significa surge naturalmente. Muitos fazem

विविक्तसेवी लघ्वाशी यतवाक्कायमानसः। ध्यानयोगपरो नित्यं वैराग्यं समुपाश्रितः।।५२।। अहंकारं बलं दर्पं कामं क्रोधं परिग्रहम्। विमुच्य निर्ममः शान्तो ब्रह्मभूयाय कल्पते।।५३।। ब्रह्मभूतः प्रसन्नात्मा न शोचित न काङ्क्षिति। समः सर्वेषु भूतेषु मदभक्तिं लभते पराम्।।५४।। भक्त्या मामभिजानाति यावान्यश्चास्मि तत्त्वतः। ततो मां तत्त्वतो ज्ञात्वा विशते तदनन्तरम्।।५५।। catalogações racionais de cinco ou vinte e cinco princípios, mas o veredicto de Krishn sobre o assunto é claro no capítulo 18: Deus é aúnica essência suprema. E aquele que o conhece é vidente. Quem desejar conhecer a verdade e ansiar pela essência de Deus, tem na contemplação e na devoção necessidades incontornáveis.

Nos versos 49 e 55, Yogeshwar Krishn declarou explicitamente que também se tem de agir no caminho da renúncia. Tal como por ele prometido, irá expor brevemente como o exercício constante da renúncia no Caminho do Conhecimento permite ao devoto isento de desejo e apego e com uma mente honesta alcançar o estado supremo de inacção. Quando as maleitas da vaidade, da força bruta, da luxúria, da iria, da arrogância e do entusiasmo (que força uma pessoa até às ravinas da natureza) se tornam frágeis e as virtude como o discernimento, o desapego, o auto-domínio, a firmeza da vontade, a solidão e a meditação (características que conduzem a Deus) estão totalmente desenvolvidas e activas, o devoto encontra-se preparado para ser unido com o Ser Supremo. É esta capacidade que é denominada de fé transcendental e que proporciona ao devoto a apreensão da realidade derradeira. Este entende então o que Deus é e, conhecendo as suas glórias divinas, imerge de imediato nela. Por outras palavras, Brahm, a realidade, Deus, o Espírito Supremo e o Eu, todos eles são substitutos uns dos outros. Conhecendo um deles, conhecemo-los a todos. Esta é a realização final, a libertação final. O objectivo último.

Assim, o Geeta é claro na sua perspectiva de que tanto o Caminho do Conhecimento como o do Discernimento (ou o Caminho da Renúncia) e o Caminho da Acção Impessoal, o acto ordenado – a meditação – deve ser executado e efectuado para o alcance do estado supremo da inacção.

Foi dada ênfase anteriormente à importância da devoção e da meditação para o devoto que renunciou. De momento, ao apresentar a ideia de "devoção", refere-se o mesmo para o yogi que desempenha a acção impessoal.

56. "Apesar de dedicadamente empenhado na acção, aquele que encontra refúgio em mim, encontrará a felicidade perene, indestrutível e derradeira."

O acto a ser desempenhado é o mesmo, a acção ordenada, o exercício do yagya. E para o merecer, tem de dar-se a auto-rendição.

57. "Dedicando-me com sinceridade todos os vossos actos, encontrando refúgio em mim e adoptando o yog do conhecimento, devereis fixar a vossa mente em mim."

Arjun é aconselhado a dedicar sinceramente todas as suas acções – faça ele o que fizer – a Krishn e a repousar na sua misericórdia e não a depender da sua própria proeza, mas sim a buscar abrigo nele, a adoptar a atitude do yog e a trazê-lo sempre na sua consciência. O yog significa conclusão, unidade, o que traz um fim às penas e proporciona acesso a Deus. O seu modo é, também ele, uma unidade, o exercício do yagya, fundado na contenção dos impulsos atacantes da mente e dos sentidos, a regulação da inalação e da exalação e da meditação. O seu resultado encontra-se igualmente com o Deus eterno. O mesmo é referido no verso seguinte.

58. "Repousando para sempre em mim, sereis salvo de todas as aflições e alcançarás a salvação, mas sereis destruído se, por arrogância, não prestardes atenção às minhas palavras."

Concentrando-se constantemente em Krishn, Arjun conquistará a mente e os sentidos. Tal como Goswami Tulsidas o descreveu, até os seres celestiais sentados nos portais destes fortes mantêm os mesmos abertos quando a brisa do prazer carnal sopra. A mente e os sentidos, no cerne, tratam-se dos redutos impenetráveis, porém, Arjun pode

सर्वकर्माण्यपि सदा कुर्वाणो मद्व्यपाश्रयः। मत्प्रसादादवाप्नोति शाश्वतं पदमव्ययम्।।५६।। चेतसा सर्वकर्माणि मयि संन्यस्य मत्परः। बुद्धियोगमुपाश्रित्य मच्चित्तः सततं भव।।५७।। मच्चितः सर्वदुर्गाणि मत्प्रसादात्तरिष्यसि। अथ चेत्त्वमहंकारात्र श्रोष्यसि विनङ्क्ष्यसि।।५८।। afugentá-los se dirigir os seus pensamentos somente para Deus. Por outro lado, contudo, este será privado da felicidade derradeira se, por vaidade, não fizer caso às palavras de Krishn. Este ponto é, mais uma vez, acentuado.

- 59. "A vossa resolução egoísta de não combater será, certamente, errónea, pois a vossa natureza obrigar-vos-á a empunhar armas na batalha."
- 60. "Forçado pela vossa vocação natural até mesmo contra a vossa resolução, ó filho de Kunti, tereis de executar a acção que estás relutante em desempenhar devido à vossa auto-ilusão."

A sua renúncia inata de se retirar da batalha contra a natureza irá obrigar Arjun a executar a tarefa que tem perante si. O assunto é assim concluído e Krishn fala de seguida sobre a morada de Deus.

61. "Motivando todos os seres animados corporais através do seu maya (que nada mais é que não uma ilusão), ó Arjun, Deus reside nos corações de todos os seres."

Mas se Deus vive nos nossos corações e se encontra tão perto de nós, porque permanecemos ignorantes na sua presença? Tal é assim pois o artifício que designamos de corpo é motivado pelo poder do maya, a ignorância universal ou ilusão que nos leva a considerar o universo irreal como real e distinto do Espírito Supremo. Este mecanismo físico trata-se de um grave impedimento e redirecciona-nos a nascimentos atrás de nascimentos. Onde poderemos então encontrar abrigo ou refúgio?

62. "Procurai refúgio de todo o coração, ó Bharat, no Deus cuja graça e felicidade perene e derradeira ireis alcançar para repousar."

यदहंकारमाश्रित्य न योत्स्य इति मन्यसे।

मिथ्यैष व्यवसायस्ते प्रकृतिस्त्वां नियोक्ष्यित।।५९।।
स्वभावजेन कौन्तेय निबद्धः स्वेन कर्मणा।
कर्तुं नेच्छिस यन्मोहात्किरिष्यस्यवशोऽिप तत्।।६०।।
ईश्वरः सर्वभूतानां हृद्देशेऽर्जुन तिष्ठित।
भ्रामयन्सर्वभूतानि यन्त्रारूढानि मायया।।६९।।
तमेव शरणं गच्छ सर्वभावेन भारत।
तत्प्रसादात्परां शान्तिं स्थानं प्राप्स्यिस शाश्वतम्।।६२।।

Desta forma, se tivermos de meditar, deveremos fazê-lo no domínio do nosso coração. Se soubermos isto e, contudo, procurarmos Deus num templo, numa mesquita ou igreja, estaremos a penas a perder tempo. Ainda assim, tal como já foi referido, estes locais de adoração formal têm a sua importância para os devotos de consciência inadequada. O coração é a verdadeira morada de Deus. Esta é a mensagem de Bhagwat Mahapuran: apesar de Deus ser omnipresente, este só pode ser percepcionado pela meditação no coração.

63. "Assim, vos comuniquei o conhecimento mais misterioso de todo o conhecimento recôndito, pelo que deveis reflectir bem sobre tudo isso (e, de seguida,) fazei o que desejais."

A sabedoria de que Krishn fala é a verdade, caracteriza a esfera onde o devoto tem de efectuar a sua busca, sendo também o momento da realização. Porém, o facto é que Deus não é comummente perceptível. Krishn aborda o modo de ultrapassar esta dificuldade.

64. "Escutai uma vez mais as minhas mais secretas palavras, verdadeiramente oportunas, e que vos vou dirigir, pois soisme o mais querido".

Krishn procura esclarecer Arjun mais uma vez. Deus permanece sempre junto daquele que o busca, pois este é-lhe querido. Arjun é querido por Krishn e qualquer bênção que o Senhor lhe conceda nunca poderá ser excessiva. Este irá esforçar-se incessantemente pelo bem do seu devoto. Mas qual a revelação sagrada que Krishn irá proferir a Arjun?

65. "Dou-vos a minha palavra, pois sois-me tão querido, que me alcançareis se me recordares, me adorares, me venerares e vos curvares perante mim em sinal de obediência."

इति ते ज्ञानमाख्यातं गुह्याद् गुह्यात्रं मया।
विमृश्यैतदशेषेण यथेच्छिस तथा कुरु।।६३।।
सर्वगुह्यतमं भूयः श्रृणु मे परमं वचः।
इष्टोऽसि मे दृढमिति ततो वक्ष्यामि ते हितम्।।६४।।
मन्मया भव मद्भक्तो मद्याजी मां नमस्कुरु।
मामेवैष्यसि सत्यं ते प्रतिजाने प्रियोऽसि मे।।६५।।

Arjun foi aconselhado anteriormente a procurar refúgio em Deus, que reside no coração. Agora recomendam-lhe que busque abrigo sob Krishn. É-lhe ainda referido que, de modo a encontrar o seu santuário, deve escutar novamente as palavras esotéricas do Senhor. Não quererá Krishn com isto dizer que a busca do refúgio junto a um nobre preceptor é indispensável para aquele que busca e que percorre o caminho espiritual? Krishn, um Yogeshwar, esclarece então Arjun sobre o caminho da verdadeira auto-rendição.

66. "Não vos lamenteis, pois libertar-vos-ei de todos os pecados, caso abandoneis todas as outras obrigações (dharm) e buscardes refúgio somente em mim."

Arjun é aconselhado a libertar-se das preocupações referentes à categoria do agente a que pertence (Brahmin, Kshatriya, Vaishya ou Shudr) e a procurar refúgio apenas em Krishn. Ao fazê-lo será absolvido de todas as iniquidades e aflições. O preceptor escolhido assumi-las-á, de modo a possibilitar a elevação gradual do pupilo a estádios espirituais mais refinados e a sua libertação de todos os pecados, caso, em lugar de se preocupar com a sua posição no caminho da acção, o pupilo procurar concentradamente refúgio junto ao seu mentor e não se dedicar a mais ninguém que não o seu preceptor. Todos os sábios têm afirmado o mesmo. Aquando da criação de uma escritura sagrada, esta pode parecer ser para todos, contudo, é um "ensinamento secreto" – sem dúvida secreto, pois está apenas autorizado aos que se encontram espiritualmente preparados para o estudar e dele tirar proveito. Arjun é um pupilo dessa categoria e, assim, Krishn instrui-o no mesmo. De seguida Krishn aborda os méritos do pupilo merecedor.

67. "Este (o Geeta) que vos foi proferido não deve ser nunca partilhado com alguém que não pratique a penitência, a devoção e a vontade de escutar, nem a alguém que fale mal de mim."

सर्वधर्मान्परित्यज्य मामेकं शरणं व्रज । अहं त्वा सर्वपापेभ्यो मोक्षयिष्यामि मा शुच: ।।६६ ।। इदं ते नातपरकाय नाभक्ताय कदाचन । न चाशुश्रूषवे वाच्यं न च मां योऽभ्यसूयति ।।६७ ।। Krishn era um sábio realizado e, juntamente com adoradores, teve também de enfrentar alguns inimigos. O Geeta não se destina a pessoas que sejam maldosas relativamente a Deus. Mas então, a quem se deve dar a conhecer este conhecimento secreto?

68. "Aquele que, com uma firme devoção a mim, partilhar este ensinamento secreto com os meus devotos, irá certamente alcançar-me."

De seguida Krishn fala sobre aquele que dissemina o conhecimento sagrado.

69. "Entre os humanos não existe um único agente que me seja mais querido do que este homem, nem haverá nenhum no mundo que me venha a ser mais querido do que ele."

Aquele que esclarecer os devotos de Krishn, as Almas que aderirem ao Senhor, será o seu mais querido, pois é a única origem das bênçãos, o único caminho que conduz a Deus. É ele quem ensina os homens ao longo do percurso correcto.

70. "E acredito que tenho vindo a ser adorado pelo yagya do conhecimento por aquele que estudar minuciosamente este diálogo sagrado entre os dois."

O "Yagya do conhecimento" é este, sendo o seu resultado a sabedoria. A natureza desta sabedoria já foi exposta anteriormente. Esta sabedoria trata-se da consciência adquirida juntamente com a percepção de Deus. E será com esta sabedoria, com esta consciência que o discípulo dedicado e diligente do Geeta irá adorar Krishn. Esta é uma certeza do Senhor.

य इमं परमं गुह्यं मद्भक्तेष्वभिधास्यति। भक्तिं मयि परां कृत्वा मामेवैष्यत्यसंशय: ।।६८ ।। न च तस्मान्मनुष्येषु कश्चिन्मे प्रियकृत्तम:। भविता न च मे तस्मादन्य: प्रियतरो भुवि।।६९ ।। अध्येष्यते च य इमं धर्म्यं संवादमावयो:। जानयज्ञेन तेनाहमिष्ट: स्यामिति मे मितः।।।०० ।। 71. "Até aquele que se limite a escutar (o Geeta) com devoção e sem maldade alguma será libertado dos pecados e irá assegurar os mundos do bem."

Até mesmo o escutar com fé e sem criticar os ensinamentos do Geeta é suficiente para elevar uma pessoa a um modo de existência superior, pois ao fazê-lo, os preceitos sagrados foram gravados na mente.

Assim, Krishn afirmou nos versos 67 a 71 que a partilha dos ensinamentos do Geeta àqueles que o merecem é vital, do mesmo modo que é necessário escondê-los dos indignos. Uma vez que o simples escutar dos ensinamentos secretos pode motivar o devoto para a acção prescrita, aquele que ouve irá também certamente alcançar Krishn. Quanto àquele que difunde a escritura, será o mais querido para Krishn. Aquele que estudar o Geeta venera Krishn através do yagya do conhecimento. O verdadeiro conhecimento é o que resulta do processo chamado yagya. Nos versos em análise, o Senhor indicou que os benefícios do estudo: a disseminação e o escutar do Geeta.

No final, Krishn questiona Arjun se entendeu e assimilou as suas palavras.

- 72. "Tendes, ó Parth, escutado atentamente as minhas palavras e, ó Dhananjay, há-se dissipado a vossa ilusão nascida da ignorância?"
- 73. "Arjun disse: 'Uma vez que a minha ignorância se dissipou pela vossa graça, ó Achyut, recuperei o discernimento, não tenho dúvidas e seguirei os vossos ensinamentos'."

"Achyuth! Devido à Vossa graça, a minha paixão foi destruída, recuperei a memória, sou consistente, não apresento dúvidas e estou preparado para acatar as Vossas ordens." Arjun estava perplexo quando

श्रद्धावाननसूयश्च श्रृणुयादपि यो नरः।

सोऽपिमुक्तः शुभाँल्लोकान्प्राप्नुयात्पुण्य कर्मणाम् ।।७१ ।।

कच्चिदेतच्छुतं पार्थ त्वयैकाग्रेण चेतसा।

कच्चिदज्ञानसंमोहः प्रनष्टस्ते धनंजय।।७२।।

अर्जुन उवाच: नष्टो मोह: स्मृतिर्लब्धा त्वत्प्रसादान्मयाच्युत।

स्थितोऽस्मि गतसन्देह: करिष्ये वचनं तव।।७३।।

avistou ambos os exércitos e ao encontrar amigos e familiares entre eles. Assim, orou: "Govinda! Como poderemos ser felizes depois de aniquilarmos os nossos próprios familiares? A tradição familiar será destruída devido a este combate, registar-se-á a escassez das oferendas obsequiais, como os bolos de arroz, para os antepassados já idos e verificar-se-á a hibridação e o cruzamento das castas. Nós, sendo sábios, atrevemo-nos, ainda assim a cometer o pecado. Porque não encontramos uma forma de contornar estes pecados? Deixai que os Kaurava, armados, me matem, desarmado, na batalha e que a morte seja gloriosa. Govinda, não combaterei." Dizendo isto, Arjun sentou-se na parte de trás do seu carro de combate.

Deste modo, no Geeta, Arjun coloca a Yogeshwar Krishn uma série de questões mais ou menos importantes. Como no capítulo 2, verso 7: "Dizei-me, por favor, qual a prática de devoção pela qual posso alcançar o bem Absoluto". No capítulo 2, verso 54: "Quais os atributos do sábio esclarecido?". No verso 1 do capítulo 3: "Se considerais o Caminho do Conhecimento superior, porque me aconselhais a executar estas acções temerárias?". No verso 36 do capítulo 3: "Ainda que não o desejando. sob a orientação de quem comete um homem o pecado?". No verso 4 do capítulo 4: "O vosso nascimento é ainda recente, ao passo que o Sol nasceu há já muito. Como poderei crer que haveis ensinado o vog ao Sol num passado distante, no início deste kalp?". No verso 1 do capítulo 5: "Por vezes enalteceis a renúncia, o caminho do conhecimento, e por vezes o caminho da acção impessoal. Agora dizei-me qual dos dois é, decididamente, o mais propício e através do qual posso alcançar o bem Absoluto". No verso 35 do capítulo 6: "A mente é muito inconstante. Com um esforço reduzido, qual será a sua sorte?". Nos versos 1 e 2 do capítulo 8: "Govinda, o que é o Ser Supremo que haveis descrito? O que é o conhecimento religioso? O que é o Senhor dos deuses e o Senhor dos seres? Quem é o Senhor dos sacrifícios neste corpo? Que acção é essa? Como podeis ser apreendido no final? Deste modo, Arjun coloca sete questões. No verso 17 do capítulo 10, Arjun mostrou curiosidade ao perguntar: "Ao meditar incessantemente, com que sentimentos (emoções) vos posso recordar para que me lembre de vós?" No verso 4 do capítulo 11 rezou e afirmou: "Anseio por ver o esplendor que haveis descrito". No verso 1 do capítulo 12: "Quem é o detentor superior do Yoga entre os devotos que vos adoram pela atenção constante ou os outros que veneram o Ser Supremo imperecível e imanifesto?". No verso 21 do capítulo 14: "Aquele que ultrapassou os três modos naturais encontra-se livre do carácter, mas como pode um homem superar esses três modos?". No verso 1 do capítulo 17: "Qual seria o destino de uma pessoa que se empenhe no yagya dedicadamente, mas que não respeite o estipulado nas escrituras?" E no verso 1 do capítulo 18: "Ó dos braços poderosos, desejo aprender separada e individualmente tudo sobre a natureza do abandono e da renúncia".

Assim, ao longo do Geeta, Arjun foi colocando questões (os segredos esotéricos que não podiam ser questionados por ele foram revelados pelo Senhor). Assim que as suas dúvidas se dissiparam, este não desejou apresentar mais questões, declarando: "Govinda! Agora estou preparado para acatar as vossas ordens". Na verdade, as questões apresentadas foram benéficas para toda a humanidade e não só para Arjun. Sem as respostas a estas questões, nenhum devoto pode prosseguir pelo caminho do bem superior. Assim, para possibilitar que um homem obedeça ao guru esclarecido e prossiga no caminho do bem superior, é necessário aprender-se todos os ensinamentos do Geeta. Arjun estava convencido e satisfeito com o facto de todas as suas questões terem sido respondidas e as suas dúvidas dissipadas.

No capítulo 11, após revelar a sua forma cósmica, Krishn disse no quinquagésimo quarto verso: "Ó Arjun (...) um devoto poderá vislumbrar esta minha forma directamente, adquirir a sua essência e até mesmo tornar-se uno comigo através da dedicação total e inquestionável". E agora questiona-o se está preparado para dissipar a ilusão. Arjun responde que a sua ignorância desapareceu, tendo-lhe sido devolvida a compreensão. Agirá às ordens de Krishn. A libertação de Arjun deverá dar-se juntamente com a percepção. Este, de facto, tornou-se naquilo no que se deveria ter tornado. Porém, as escrituras estão destinadas à posterioridade e o Geeta é para todos nós, para que possamos tirar proveito dele.

74. "Sanjay disse: 'Assim, ouvi o diálogo misterioso e sublime de Vasudeo e o sábio Arjun'."

Arjun é retratado como um homem de Alma nobre. Ele é um yogi, ele busca, não é um arqueiro pronto para matar. Mas como tem sido Sanjay capaz de escutar o diálogo entre Krishn e o santo Arjun?

75. "Foi graças à bênção do mais reverenciado Vyas que escutei este yog transcendental e tão misterioso enunciado directamente pelo próprio Senhor do yog, Krishn."

Sanjay considera Krishn como um mestre do yog, alguém que é ele mesmo um yogi e que se encontra dotado com o dom de partilha do yog a outros.

76. "A recordação do discurso eloquente e maravilhoso entre Keshav e Arjun transporta-me repetidamente, ó Rei (Dhritrashtr), à alegria sublime."

Também nós podemos experienciar a felicidade de Sanjay se nos recordarmos do diálogo sagrado com um contentamento perfeito. Sanjay relembra a aparência milagrosa do Senhor e fala do mesmo.

77. "Relembrando a visão deslumbrante do Senhor vezes sem conta, ó Rei, perco-me repetidamente na maravilha e no êxtase."

O estado maravilhado de Sanjay pode ser também o nosso, se mantivermos presente nas nossas mente o aspecto do final ambicionado.

Tal remete-nos para o último verso do Geeta em que Sanjay declara a sua conclusão final.

संजय उवाच : इत्यहं वासुदेवस्य पार्थस्य च महात्मन:।
संवादिमममश्रौषमद्भुतं रोमहर्षणम्।।७४।।
व्यासप्रसादाच्छुतवानेतद्गुह्यमहं परम्।
योगं योगेश्वरात्कष्णात्साक्षात्कथयत: स्वयम

योगं योगेश्वरात्कृष्णात्साक्षात्कथयतः स्वयम् ।।७५ ।। राजन्संरमृत्य संस्मृत्य संवादिमममद्भुतम् ।

केशवार्जुनयोः पुण्यं हृष्यामि च मुहुर्मुहुः ।।७६ ।। तच्च संरमृत्य संरमृत्य रूपमत्यदभृतं हरेः।

विरमयो मे महान राजनहृष्यामि च पुन:पुन: ।।७७ ।।

## 78. "A sorte, a conquista, o esplendor e a sabedoria constante residem onde se encontrarem o Senhor Krishn e o nobre arqueiro Arjun – esta é a minha convicção."

A contemplação dedicada e a contenção resoluta dos sentidos traduzem-se no arco de Arjun – o lendário Gandeev. Assim, Arjun é um sábio que medita com equanimidade. Onde quer que esteja com Yogeshwar Krishn, também aí se registará o triunfo após o qual não mais há derrotas, a magnificência de Deus e a firmeza da resolução que possibilita que uma pessoa seja constante neste mundo inconstante. Este é o veredicto bem deliberado de Sanjay, do vidente dotado com a visão celestial.

O grande arqueiro Arjun já não se encontra entre nós. Mas estariam a sabedoria perseverante e a glória resultantes da busca espiritual destinadas apenas a ele? O Geeta trata-se da dramatização de um evento histórico que sucedeu numa determinada época, nomeadamente na era agora conhecida como Dwapar. Contudo, tal não significa que a percepção de Arjun da verdade de Deus tenha conhecido um fim aguando do término desta era. Yogeshwar Krishn assegurou repetidamente que reside no coração. Ele existe em todos nós. Também dentro de si. Arjun é o símbolo da devoção afectuosa, o que é apenas outra designação para a predisposição da mente e dedicação ao objectivo desejado. Se um devoto estiver dotado de tal devoção, o triunfo perpétuo contra as características maléficas da natureza estará garantido. Com tal devoção, deverá registar-se ainda necessariamente uma sabedoria perseverante. Mais do que ficar confinado a um único lugar, momento ou indivíduo, estes acontecimentos são universais para sempre e para todos. Enquanto existirem seres, Deus habitará os seus corações e a Alma deverá desejar ardentemente o Ser Supremo. E aquele que for afectuosamente devoto a Deus atingirá o estatuto de Arjun. Assim, todos nós podemos aspirar à felicidade derradeira oriunda da percepção directa de Deus.



यत्र योगेश्वरः कृष्णो यत्र पार्थो धनुर्धरः। तत्र श्रीर्विजयो भूतिर्धुवा नीतिर्मतिर्मम।।७८।।

No início do décimo oitavo e último capítulo do Geeta, Arjun deseja ser esclarecido sobre as semelhanças bem como sobre a distinção entre o abandono e a renúncia. Em resposta a isto. Krishn cita quatro credos prevalecentes. Ao passo que muitos eruditos descrevem o abandono de toda a acção como a renúncia, muitos outros empregam o termo para designar a desistência da acção desejada. Muitos escolásticos defendem o abandono de todas as acções dado que todas são imperfeitas, porém outros estão convencidos que actos como o yagya, a penitência e a caridade não deviam ser abandonados. Uma destas crenças estava correcta, tendo Krishn proferido um juízo semelhante, que se traduz no facto do vagya, a penitência e a caridade nunca deverem ser abandonados, pois são eles que proporcionam a salvação aos homens de discernimento. Assim, a verdadeira renúncia trata-se assim do seu fomento simultaneamente com o abandono dos impulsos do mal que lhes são hostis. Uma tal renúncia é perfeita. Mas o abandono com o desejo de proveito em troca encontra-se manchado pela paixão e pela cequeira moral, sendo certamente maléfico se o acto prescrito for abandonado devido a desilusão. A renúncia trata-se do momento máximo da resignação. O desempenho da tarefa prescrita e o êxtase que resulta da meditação são verdadeiramente virtuosos, ao passo que o prazer sensual provém do entusiasmo. E o prazer do qual não advém nenhuma perspectiva de uma união derradeira com Deus surge certamente da ignorância.

Todos os actos, quer se encontrem de acordo com as escrituras ou não, são efectuados devido a cinco causas: a mente que é o agente, vários agentes que executam o acto, inúmeros desejos que não podem ser realizados, a força indispensável que sustenta e a providência – os méritos e os desméritos que foram adquiridos dos actos de nascimentos anteriores. Estas são as cinco causas que afectam todas as acções. Contudo, independentemente disto, há homens que acreditam que o Deus perfeito se trata do agente. Tais pessoas têm, indubitavelmente, um discernimento imaturo e não estão conscientes da verdade. Mas, ao passo que Krishn afirma nesse capítulo que Deus não age, declarou ainda a Arjun anteriormente que este devia agir em seu lugar, já que ele (o Senhor Krishn) é aquele quem age e determina.

A verdadeira mensagem de Krishn refere-se à linha de gravidade que separa a natureza do homem. Enquanto o homem viver com a natureza, será dominado pelo maya, a "esposa divina" de Deus e mãe de todos os objectos materiais. Mas assim que se elevar da natureza e se renda à emancipação final, alcançará o reino de Deus, que surgirá no seu coração como o condutor de um carro de combate. Arjun pertence à categoria de tais homens, tal como Sanjay. Para outros regista-se igualmente um caminho prescrito que lhes permite libertarem-se da tenaz atracção da natureza. O estádio que se segue a este é aquele em que o impulso orientador surge de Deus. O ímpeto da acção ordenada surge da confluência de um sábio ciente do caminho para a aquisição do conhecimento e do Ser Supremo, que se traduz no objecto que deve querer ser conhecido. Assim, é uma condição essencial para o devoto procurar um sábio como ser preceptor.

Pela quarta vez no Geeta, Krishn retoma a classificação dos homens em quatro categorias (varn). Os actos que permitem à Alma tornar-se una com Deus, tais como a superação dos sentidos, a contenção da mente, da vontade, o domínio do corpo, do discurso e da mente para o fim ambicionado através da mortificação e a geração de consciência divina, bem como da prontidão para seguir as indicações de Deus. Tudo isto constitui a classe de Brahmin. Os deveres da categoria Kshatriya são a proeza, a recusa em retirar-se, a mestria dos impulsos e a posse das capacidades requeridas para executar a acção. As obrigações inatas da categoria Vaishya são o cuidado com os sentidos e a promoção da plenitude espiritual e a vocação da categoria Shudr caracteriza-se pela atenção das necessidades do espiritualmente adepto. Mais do que aludir a alguma casta ou tribo em particular, "Shudr" denota apenas o homem não esclarecido, aquele que se senta em meditação durante duas horas sem se dedicar verdadeiramente a esse acto por dez minutos. É verdade que o seu corpo se encontra imóvel, mas a mente que deveria estar apaziguada, delibera constantemente. A prestação de serviços a homens de um estatuto espiritual mais elevado - mentores nobres - revela-se na forma como um devoto assim pode libertar o Eu. Aos poucos, os méritos gerar-se-ão nele e a sua devoção terá um ponto de partida. Assim, a realização deste homem não esclarecido tem de ter o seu

início necessariamente com a prestação de serviços. A acção é apenas uma, a acção ordenada (a meditação), e são os seus praticantes que se encontram divididos nas quatro categorias (excelente, bom, médio e inferior) de Brahmin, Kshatriya, Vaishya e Shudr. Deste modo, não é a sociedade mas sim a acção que está dividida em quatro classes com base nas propriedades inatas. Assim é a característica do varn postulado pelo Geeta.

Elucidando a natureza da realidade, Krishn promete que irá instruir Arjun sobre o modo e atingir a realização derradeira, que é o auge do conhecimento. O devoto está apto para percepcionar Deus quando a sua sabedoria, o seu desinteresse, auto-controlo, a sua força de espírito, contemplação constante e a tendência para o processo meditativo se encontram plenamente desenvolvidos (atributos que possibilitam que a Alma emirja no Espírito Supremo), enquanto que, simultaneamente, as aflições como o desejo, a ira a ilusão, o apego e a malícia que precipitam a Alma para o abismo da natureza se dissipam.

Esta capacidade molda a devoção resoluta, a qual se desvia de tudo à excepção do objectivo desejado. E somente com tal devoção é que o devoto adquire a consciência da realidade. Apenas Deus é real e quando o devoto o apreende mais às suas qualidades celestiais (o facto de ser inefável, eterno e imutável), passa a existir imediatamente em Deus. Assim, a essência é essa realidade derradeira e não os cinco ou vinte e cinco elementos. Com a conclusão da devoção, a Alma une-se com essa essência e fica munida com os seus atributos sublimes.

Krishn instrui ainda Arjun que Deus, a realidade derradeira, reside no coração de todos os seres. Mas os homens não têm consciência desse facto, pois, absortos no maya, são desviados e vagueiam. Deste modo, Arjun é aconselhado a procurar refúgio junto a Deus que existe no seu coração. Este deveria buscar refúgio, dedicando toda a concentração da sua mente, dos actos e do discurso a Krishn. Caso renuncie a todas as outras obrigações, ganhará os seus méritos. E como resultado desse abandono, alcançará Krishn. Este é o conhecimento mais secreto que nunca deve ser comunicado a alguém que não seja espiritualmente digno. Contudo, por outro lado, é imperativo partilhá-lo com os verdadeiros devotos. A mesquinhez é, neste contexto, prejudicial,

pois como poderia o devoto ser salvo sem este conhecimento? No final, Krishn pergunta se Arjun tem estado atento ao seu discurso e se já se libertou da ignorância. A resposta de Arjun a esta questão é que aquilo que o Senhor lhe disse é a verdade e que ele obedecerá aos seus ensinamentos

Sanjay, que escutou igualmente o diálogo, conclui que Krishn é o Yogeshwar supremo (o Senhor do yog) e Arjun um sábio (um homem com uma Alma nobre). Este envolve-se em ondas de alegria ao recordar a sua conversa. Desta forma, também nós deveríamos concentrarmonos no Espírito Supremo. A meditação constante em Deus é indispensável. Independentemente do local onde Yogeshwar Krishn e o sábio Arjun se encontrem, também aí haverá magnificência, sucesso e perseverança de resolução, tal como a firmeza inabalável da estrela polar. A forma como o mundo é hoje pode modificar-se amanhã. Apenas Deus é imutável. Assim, a resolução perseverante é aquela que permite o vidente aproximar-se do deus imutável. Se Krishn e Arjun forem tomados apenas como figuras históricas pertencentes a uma determinada época conhecida como Dwapar, não mais se encontram connosco. Mas significará isso que para nós não se dará mais a conquista nem a realização? Se assim fosse, o Geeta não teria qualquer valor para nós. Mas não é esse o caso. Krishn, um adepto do yog, e Arjun, um sábio de devoção meiga e afectuosa, são eternos. Eles sempre existiram e sempre existirão. Ao apresentar-se, Krishn afirma que, apesar de ser inefável, o Ser Supremo que atingiu reside no coração de todos. Sempre lá existiu e sempre existirá, sendo que todos devemos buscar refúgio junto dele. Um sábio é apenas um homem que procura esse refúgio, é um devoto afectuoso tal como Arjun. Neste sentido, é vital buscar refúgio num sábio que esteja consciente da essência, pois somente ele pode proporcionar o impulso necessário.

Este capítulo esclarece ainda a natureza da renúncia. A recusa de tudo o que se possui é a renúncia. O simples facto de vestir determinadas roupas não se trata de renúncia. É essencial a mortificação – a tarefa ordenada – enquanto se leva uma vida de reclusão com uma avaliação adequada das capacidades de cada um ou com o sentido de autorendição. A renúncia é a designação do abandono de toda a acção

juntamente com a consumação, sendo assim um sinónimo da salvação final. Essa absolvição é o auge da renúncia.

Assim se conclui o Décimo Oitavo Capítulo do Upanishad de Shreemad Bhagwad Geeta sobre o conhecimento do Espírito Supremo, a Ciência do Yog e o Diálogo entre Krishn e Arjun, intitulado:

"Sanyas Yog" ou "O Yog da Renúncia".

Assim conclui Swami Adgadanand a exposição do Décimo Oitavo Capítulo em "Yatharth Geeta".

HARI OM TAT SAT

## **SUMÁRIO**

Os analistas geralmente esforçam-se por encontrar algo de novo. Mas a verdade é, evidentemente, a verdade. Nunca é nova, tal como nunca envelhece. Os assuntos actuais que preenchem as colunas dos jornais tratam-se apenas de eventos ocasionais que surgem num dia e desaparecem no dia seguinte. Mas, uma vez que a verdade é imutável e permanente, mantém-se. Se alguém se aventura a mudá-la ou modificá-la, é evidente que não conheceu a verdade. Assim, todos os sábios que percorreram o caminho da busca e alcançaram o objectivo supremo só podem anunciar a mesma verdade. Estes não procuram a discórdia entre os homens. Aquele que o fomenta ignora claramente a verdade. O que Krishn revelou no Geeta trata-se do mesmo que os sábios antes dele sabiam e que os sábios depois dele abordarão, caso disso venham a tomar conhecimento.

SÁBIOS pavimentam e prolongam o caminho benéfico ao opor equívocos e as tradições cegas que se parecem com a verdade e proliferam sob disfarces. Esta tem sido uma necessidade vital desde o início, já que muitos caminhos divergentes surgem com o passar do tempo. Estes parecem-se tão enganosamente com a verdade que é praticamente impossível distingui-los da realidade e reconhecê-los. Mas dado que os sábios esclarecidos residem na essência, estes reconhecem os caminhos que se desviam da mesma. São capazes de representar a verdade numa forma definitiva e de preparar outros homens para a sua busca. Foi isso que todos os videntes e profetas (Ram, Mahabir, Buddh, Jesus e Maomé) fizeram. Tal como mais recentemente Tulsidas, Kabir e o Guru Nanak. Contudo, e infelizmente, após um sábio partir deste mundo, os seus seguidores, em vez de prosseguirem pelo caminho por ele apontado, começam gradualmente a venerar e a adorar os objectos físicos como os locais do seu nascimento e morte ou que frequentou durante a vida. Por outras palavras, continuam a idolatrar essa grande Alma. A sua memória do sábio encontra-se, na verdade, mais aguçada e viva no início, mas torna-se turva com o tempo, caindo cada vez mais pessoas no enrede de noções erróneas e falsas que acabam por se tornar práticas tolas e irracionais.

Muitos hábitos erróneos, defendendo representar a verdade, surgiram ainda no tempo de Yogeshwar Krishn. Sendo este um sábio realizado que percepcionou a realidade espiritual mais elevada, opôsse a esses credos erróneos, tendo assim cumprido a sua obrigação de fazer regressar os homens ao caminho do bem. Não disse ele a Arjun no décimo sexto verso do capítulo 2 que "o irreal é inexistente e o real não conhece uma não-existência: a verdade sobre ambos foi também iá percepcionada por homens que conhecem a realidade"? o irreal não conhece existência ao passo que, por outro lado, o real nunca é nãoexistente. Krishn admite ainda simultaneamente que não afirma enquanto uma incarnação de Deus, apenas declara o que lhe foi dito por outros sábios que apreenderam a verdade da identidade da Alma com o Espírito Supremo omnipresente. O seu relato do corpo humano enquanto esfera da acção (kshetr) e daquele que cresce espiritualmente bem ao dominála (kshetragya) é idêntico ao que tem sido professado por outros grandes homens de discernimento. Elucidando sobre a essência da resignação e da renúncia no capítulo 18. Krishn evidencia um dos guatro credos prevalecentes nessa era, defendendo-o.

Uma vez que a verdade é única, eterna e imutável, temos como corolário que TODOS OS SÁBIOS SÃO UM. Krishn revela a Arjun no capítulo 4 que foi ele quem ensinou o yog eterno a Vivaswat, o deus Sol. Mas, tal como Arjun, como poderemos crer nesta afirmação? Vivaswat nasceu num passado distante e obscuro, enquanto que Krishn teve um nascimento recente, num tempo ainda memorável. Krishn esclarece a dúvida de Arjun ao dizer-lhe que toda a gente passa por diversos nascimentos. Porém, enquanto que homens como Arjun, que ainda não completaram a sua busca, não têm consciência dos seus nascimentos anteriores, Krishn, que contemplou o seu Eu e percepcionou o Deus imanifesto, recorda-se bem deles. Por esse motivo é um Yogeshwar! O estádio que alcançou é, assim, inefável e imperecível. Sempre que o exercício espiritual que nos une a Deus é posto em prática,

este foi iniciado por um santo esclarecido – fosse ele Ram ou Zaratustra. As verdades que Krishn anuncia no Geeta caracterizaram ainda o ensinamento de videntes como Jesus, Maomé e, posteriormente, o Guru Nanak.

Deste modo, todos os sábios pertencem a uma fraternidade. Todos eles convergem a dada altura por meio da sua percepção da realidade divina. O objectivo derradeiro que atingem é o mesmo. Muitos aventuramse pelo caminho da percepção, mas a felicidade derradeira que alcançam é a mesma, caso o processo da sai devoção seja realizado com sucesso. Após a percepção, estes existem enquanto Almas puras e imaculadas, tornando-se os seus corpos meras moradas. Aquele que, neste estádio, tenha esclarecido a humanidade, trata-se de um Yogeshwar, um Senhor do Yog (união).

Como todos os outros, um sábio tem de nascer algures. Mas, independentemente desse indivíduo nascer a Este ou Oeste, com uma determinada raça ou cor, entre os seguidores de um credo existente ou tribos bárbaras, ou entre pobres ou ricos, o sábio não se deixa afectar pelas tradições firmadas pelas pessoas entre as quais nasceu. Um sábio concentra-se em Deus como o seu objectivo supremo, dedicando-se ao caminho que a ele conduz, tornando-se, por fim, naquele que o Ser Supremo é. Neste sentido, não há distinções de casta, classe, cor, ou riqueza no que diz respeito aos ensinamentos do sábio esclarecido. Um sábio deixa inclusive de distinguir-se entre homem e mulher. Para as pessoas esclarecidas, tal como foi referido no décimo sexto verso do capítulo 15, existem apenas dois tios de seres em todo o mundo: os mortais e os imortais. Ao passo que os corpos de todos os seres são destrutíveis, as suas Almas são imperecíveis.

Deste modo, é lamentável que discípulos de sábios, posteriormente, formem os seus próprios estranhos e limitados credos e dogmas. Enquanto que alguns seguidores desses sábios se intitulam judeus, outros denominam-se cristãos, muçulmanos ou hindus. Um sábio não se preocupa com tais títulos e barreiras, pois encontra-se acima de comunidades e castas. Este é apenas um vidente, uma Alma de esclarecimento e apreensão, sendo qualquer confusão com a disposição social um erro.

Assim, não se deve castigar nem denegrir nenhum preceptor, independentemente da comunidade onde nasceu ou de qualquer preconceito secular que membros de determinado credo lhe atribuem. O sábio esclarecido é imparcial e, assim, ao denegrir tal indivíduo, atingimos o Deus omnisciente que reside dentro de nós, alienando-nos dele e prejudicando o Eu. Um sábio realizado trata-se do maior benfeitor à disposição no mundo. Detendo conhecimento e discernimento, apenas o sábio pode conceder-nos o maior bem. Deste modo, é nosso dever básico cultivar e fomentar boa-vontade para com ele, pois apenas nos enganamos a nós mesmos se nos privarmos dessa sensação de simpatia e reverência.

Um grave problema de longa data na Índia, o PROSELITISMO (conversão de um credo religioso para outro), tem gerado sentimentos tão irracionais e violentos que, hoje em dia, representam uma ameaça ao país. Assim, é necessário abordar o problema objectivamente e com uma mente aberta, de modo a podermos ter uma visão clara da sua génese e respectivas implicações. As questões que têm de ser respondidas são: onde reside a culpa destas conversões em massa? Em que medida é que as pessoas que procuram fazer prosélitos foram melhores ou piores do que os convertidos? Uma vez que Deus é só um e a verdade, dharm, é igualmente único e universal, será efectivamente possível aos homens mudarem de uma fé para outra? Terão um Deus diferente apenas por mudarem o seu nome e estilo de vida?

O facto do proselitismo ter afectado tão gravemente o país que pode certamente orgulhar-se de ser o berço da verdade eterna — o Sanatan Dharm — representa uma desgraça, pela qual todos temos de suportar a culpa. Porém, tal não é suficiente e devíamos ter em consideração as circunstâncias que conduziram a Índia ao estádio miserável em que se encontra hoje.

As ilusões foram de tal modo fomentadas aquando das invasões islâmicas na Idade Média, que os hindus acreditaram efectivamente que iriam perder o dharm se comessem uma mera mão cheia de arroz ou bebessem um gole de água das mãos de um estranho. Convencidos que tinham ficado destituídos do seu dharm, milhares de hindus assumiram o seu destino. Sabendo como morrer pelo seu dharm, não

estavam conscientes do que este último representava. Não tinham consciência de como a Alma eterna e imperecível, isolada de qualquer objecto material, poderia esmorecer por um mero toque. Até mesmo os corpos físicos desfalecem com uma qualquer arma, contudo, os hindus ficaram desprovidos do dharm com um mero toque. Apesar disto, não foi certamente o dharm que foi destruído. O que levou verdadeiramente à destruição foi todo um conjunto de ideias preconcebidas. Mugisuddin, o kaji de Bayana, promulgou uma lei durante o reinado de Feroze Tughlaq, a qual estabelecia que os muçulmanos tinham o direito de cuspir na boca dos hindus, já que estes ultimo não possuíam uma fé própria, sendo redimidos pela saliva de um muçulmano. Mugisuddin não foi verdadeiramente injusto ao fazê-lo. Se o acto de cuspir pudesse converter apenas um hindu ao Islamismo, cuspir em poço converteu milhares. O verdadeiro tirano dessa época não se tratou do invasor estrangeiro, mas da própria sociedade hindu.

Podemos questionar-nos se aqueles que foram convertidos ganharam um novo dharm. A conversão de um estilo de vida num outro não corresponde ao dharm. Adicionalmente, aqueles que procuram fazer prosélitos também não eram homens do dharm. No fundo, estes eram ainda mais vítimas de determinadas ideias erróneas. E foi devido a esta piedade que os hindus ignorantes caíram nas armadilhas das ilusões. De modo a reformar tribos atrasadas e ignorantes, Maomé havia delineado uma organização social para regular o matrimónio, o divórcio, a herança, o empréstimo solicitado e as prestações, a usura, o testemunho, a jura, a indemnização, a ocupação e a conduta. Este proibiu ainda a idolatria, o adultério e o coito ilegítimo, o roubo, os embriagantes, o jogo e certos tipos de matrimónios impróprios. Mas em vez de serem dharm, todos todas estas medidas não passaram de tentativas de organização social, com as quais o profeta procurou alienar a sociedade da luxúria do seu tempo para os seus próprios ensinamentos.

Porém, apesar de sempre ter sido dada importância a este aspecto dos ensinamentos de Maomé, foi dada pouca atenção ao seu conceito de dharm. Este declarou que Alá descreve o homem, cujo suspiro se encontra desprovido da consciência de Deus Todo-poderoso, do mesmo modo que condena o pecador pelas suas iniquidades, sendo o castigo

para tal a condenação perpétua. Quantos de nós podem efectivamente afirmar que vivem de acordo ao seu ideal? Maomé decidiu que aquele que não magoasse ninguém, nem mesmo os animais, poderia ouvir a voz de Deus. Tal foi proferido por todo o lado em todos os tempos. Mas os seguidores do profeta alteraram totalmente o conteúdo do disposto ao atribuírem uma posição única à Grande Mesquita de Meca: é aí que não se deve arrancar nem um tufo de erva, nem matar um animal, nem prejudicar ninguém. Assim, os muçulmanos foram também apanhados na sua própria cilada, sendo que não está esquecido que a Grande Mesquita se trata apenas de um monumento para conservar e perpetuar a sagrada memória do profeta.

Entre outros, o verdadeiro significado dos Islamismo foi compreendido por Tabrej, Mansour, Iqbal. Porém, todos eles foram vítimas e perseguidos por fanáticos religiosos e intolerantes. Do mesmo modo, Sócrates foi envenenado por alegadamente conspirar à conversão das pessoas ao ateísmo. Quando Jesus começou a trabalhar inclusive ao sábado e conferiu visão aos cegos, a mesma culpa foi-lhe atribuída e foi crucificado. Na Índia, ainda hoje, as pessoas que ganham o seu sustento num local de devoção, numa ordem religiosa ou seita, ou num local de peregrinação, provocam grandes protestos, declarando que a fé é posta em perigo sempre que um sábio fala de realidade. Estes apenas podem opor-se à verdade e nada mais por considerarem a sua propagação como uma ameaça à sua existência. Tal como os perseguidores de Sócrates e Jesus, estas pessoas religiosas ou se esqueceram ou deliberadamente não quiseram ver a razão de certa memória sagrada ter sido preservada num monumento no passado remoto.

Os sábios estão familiarizados com todo o tipo de conduta – externa e interna, prática e espiritual e ainda com a conduta mundana e a conduta ideal defendida pelas escrituras, pois sem um conhecimento abrangente não podem determinar leis para regular a vida social, os comportamentos e a ordem decorosa. Vashisth, Shukracharya, o próprio Yogeshwar Krishn, Mahatma Buddh, Moisés, Jesus, Maomé, o Santo Ramdas, Dayanand e centenas de outros sábios como eles fizeram o mesmo. Mas as suas disposições sociais e mundanas são, quanto muito, de natureza temporal. Conceder benefícios materiais à sociedade não se

trata de uma questão de verdade (Sanatan Dharm), pois os problemas físicos têm lugar hoje mas desaparecem amanhã. Ainda que indubitavelmente úteis numa determinada altura e situação, as práticas mundanas dos sábios são assim, também elas, válidas apenas por um período limitado e, como ais, não podem ser aceites como intemporais.

Os sábios actuam enquanto LEGISLADORES, tendo-se correctamente expressado pela erradicação dos males societários. A prática da devoção ao Espírito Supremo com um espírito de discernimento e renúncia pode não ser possível se esses males não forem eliminados. Paralelamente, deve recorrer-se a certas "tentacões" para levar as pessoas excessivamente absortas pelo mundo ao estado em que podem assegurar a consciência da verdade. Mas a ordem social que os sábios visionaram para o alcançar, bem como as palavras que empregaram para formular essa ordem não constituem o dharm. Estas apenas satisfazem as necessidades das pessoas por um século ou dois, sendo citadas como precedentes por mais alguns séculos, mas caindo em esquecimento com o surgimento de novas exigências no período de um milénio ou dois. A espada era um componente essencial na organização marcial estipulada pelo Guru Gobing Singh para os Sikhs. Mas qual a necessidade da espada nas circunstâncias dos dias de hoje? Jesus andou de burro e proibiu os seus discípulos de os roubarem. Porém, o que quer que tenha afirmado sobre estas criaturas, é actualmente irrelevante, pois a maioria da população mundial raramente recorre a burros como meio de transporte. Da mesma forma, Yogeshwar Krishn tentou impor uma certa ordem na sociedade contemporânea de acordo com as necessidades do seu tempo, encontrando-se relatos disso mesmo em obras como o Mahabharat e o Bhagwat. Adicionalmente, estas obras também retratam ocasionalmente a realidade derradeira, a essência espiritual. E certamente não seremos capazes de compreender tanto o aspecto social como a verdade se misturarmos a ordem da realização da libertação final com os dispostos sociais. Infelizmente, os seguidores são mais motivados pelas disposições sociais e mundanas que adoptam imediatamente não só como se apresentam, como também numa forma mais arrebatada, não se cansando de citar sábios defendendo as normas sociais que aceitaram. E não se apercebem que, ao fazê-lo, estão, na verdade, a distorcer a verdadeira acção do bem que os sábios esclarecidos recomendaram, transformando-a em muitas formas de auto-decepção. Os preconceitos, nascidos da ignorância, surgiram e persistiram relativamente às escrituras sagradas, fossem estas os Ved, o Ramaiana, o Mahabharat, a Bíblia ou o Corão.

A preocupação primária dos sábios é o KSHETR – a esfera da acção interior. Frequentemente se refere a existência de duas esferas de acção, a exterior e a interior. Mas tal não se aplica a um sábio. Este fala apenas de uma esfera, apesar dos ouvintes o poderem interpretar de forma diferente segundo as suas predilecções individuais. Assim, uma simples declaração tem diversas implicações. Mas a Alma que alcançou o estádio de Krishn através do percurso gradual pelo caminho da devoção contempla o que foi apreendido pelo próprio Senhor. Apenas ele reconhece os sinais fornecidos pelo Geeta e sabe o que o Yogeshwar pretende efectivamente dizer.

Não há um único verso em todo o cântico da revelação que se manifeste acerca dos fenómenos da vida externa. Todos sabemos o que comer e como nos vestir. Ditadas pelo tempo, o local e as circunstâncias, as variações nos modos de vida, nas suposições e considerações que regulam a conduta social são um dote da natureza. Mas quais as disposições que Krishn lhes atribui? Se algumas sociedades adoptam a poligamia devido ao excesso de mulheres relativamente aos homens, outras aceitam a poliandria por haver menos mulheres. Que leis pôde Krishn formular para isto? Algumas nações de menor densidade populacional incentivam a população a ter tantos filhos quanto possível, recompensando-a por isso. Na Era Védica na Índia, esperava-se de um casal que tivesse, no mínimo, dez filhos. Mas com as mudanças actuais, o ideal trata-se de uma criança ou, no máximo, duas. O melhor, evidentemente, é não ter filho algum. Quanto menos crianças, menos os problemas nestes tempos de crise devido à sobrepopulação. Mas que leis poderia Krishn delinear para isto?

Não se trata do Geeta se reportar muito quanto à VIDA MATERIAL E PROSPERIDADE. Krishn promete nos versos 20 a 22 do capítulo 9: "Os homens que executarem os actos pios prescritos nos três Ved, que tiverem provado o néctar e se tiverem libertado do pecado e desejem a

existência celestial através da adoração da minha pessoa pelo yagya, atingirão o céu e gozarão dos prazeres divinos pelos seus actos virtuosos." Diz-se que Deus garante o que os devotos desejam. Contudo, após desfrutar dos prazeres celestiais, estes têm de regressar ao mundo mortal, ao mundo regulado pelas três propriedades. Mas, uma vez que residem em Deus, a felicidade derradeira, e se encontram protegidos por ele, nunca se deixam destruir. É ainda Deus quem os liberta gradualmente ao realizar o desejo de alegria e colocando-os no caminho conducente ao bem supremo.

Mas a prosperidade material trata-se apenas de um assunto superveniente do Geeta e é nesse sentido que se distingue de OS VED. Há muitas alusões a tal no Geeta, mas as escrituras sagradas dos Ved são, no seu todo, apenas marcos. O devoto não fará deles qualquer uso após chegar ao seu destino. Assim, no quadragésimo quinto verso do capítulo 2, dado que todos os livros dos Ved providenciam esclarecimento apenas no que toca às três propriedades da natureza, Arjun é incentivado a elevar-se e a libertar-se das incongruências da alegria e da dor, repousando no que é constante e sendo igualmente indiferente perante a aquisição do que não tem e a protecção do que tem, devotando-se dedicadamente ao seu Eu interior. No verso seguinte é acrescentado que o devoto não necessita dos Ved após a libertação final, do mesmo modo que um homem não precisa de uma poça lamacenta quando tem um oceano interminável à sua volta. É ainda feita a sugestão que aquele que for além dos Ved ao percepcionar Deus é um Brahmin. Deste modo, apesar da utilidade dos Ved conhecer um fim para os devotos da classe Brahmin, não há dúvida quanto à sua serventia para os outros. Krishn proclama no vigésimo oitavo verso do capítulo 8 que, após ter assegurado o conhecimento da essência de Deus, o yogi eleva-se relativamente às recompensas do estudo das escrituras védicas, dos ritos sacrificiais, da penitência e da caridade, atingindo a absolvição. Tal significa ainda que as escrituras védicas subsistem e que o desempenho da tarefa ordenada se encontra incompleto enquanto o estádio derradeiro não tiver sido alcançado. Tal como referido no capítulo 15, aquele que conhecer Deus, a raiz da árvore Ashwath que se assemelha ao mundo, será um conhecedor dos Ved. Contudo, esse conhecimento só pode ser adquirido ao sentarmo-nos devotamente aos pés de um nobre preceptor. Mais do que através de um livro ou de um local para sentar, o modo de devoção que este mentor estipula trata-se da fonte, da origem, do conhecimento, ainda que não possa ser negado que as escrituras sagradas e os centros da instrução formal têm o intuito de direccionar-nos num mesmo sentido.

Segundo o Geeta, existe apenas UM DEUS. Todo o conjunto de deuses e deusas venerados pelos hindus serve para recordar como o espírito do dharm é ignorado e como a escrita predomina, originando inúmeras perversões. Uma vez que a tarefa ordenada é um processo interno da mente e dos sentidos, quão adequado será construir locais externos de adoração como templos e mesquitas e adorar ídolos e representações simbólicas de deuses e deusas? Idealmente, os hindus são os seguidores das verdades eternas de Sanatan Dharm - valores e virtudes que despertam o Deus imutável e eterno dentro do coração dos homens, possibilitando-lhe percepcionar o Eu. Perseguindo e aprofundando as verdades eternas, os seus antepassados difundiram as suas perspectivas e revelações por todo o mundo independentemente do local de onde provém, aquele que percorrer o caminho da realidade é essencialmente um crente da verdade eterna, do Sanatan Dharm. Contudo, acometidos pelo desejo, os hindus perderam gradualmente a perspectiva da realidade, tornando-se vítimas de todo um rol de ideias erróneas. Krishn avisa enfaticamente Arjun para o facto de não existirem deuses. Independentemente da força a que alguém se dedica, é Deus que se encontra por detrás do objecto da sua adoração para o recompensar. É Deus quem sustém toda a adoração, pois é omnipresente. Assim, a adoração de outros deuses é ilegítima e os seus frutos são perecíveis. Apenas os ignorantes cujas mentes foram consumidas pelo desejo veneram outros deuses, variando os seus objectos de adoração segundo as suas disposições inatas. Ao passo que os deuses são objecto de adoração por parte de homens bons e virtuosos, os demónios e os yaksh são venerados por aqueles influenciados pela paixão e pela cegueira moral, e os fantasmas e os espíritos pelos homens ignorantes. Muitos destes devotos sujeitam-se inclusive a austeridades severas e graves. Porém, tal como Krishn esclareceu a Arjun, tais devotos de objectos impróprios prejudicam não só os seus corpos físicos, como também o Deus que neles reside. Assim, tais devotos deviam, ser considerados possuídos por uma disposição maldosa. Uma vez que Deus existe no coração de todos os seres, é ao residir em cada um que ele encontra refúgio nele mesmo. Deste modo, o verdadeiro local de adoração é não externo, mas no coração. Apesar disso, as pessoas são levadas a adorar objectos indignos (como pedras, águas, meras estruturas de tijolos e cimento) e um rol de divindades inferiores. A estes objectos é por vezes acrescentado uma estatueta de Krishn. É uma ironia que até mesmo os seguidores do Budismo, que dão tanta importância aos ensinamentos de Krishn, tenham esculpido imagens do seu mentor Buddh que toda a sua vida condenou a idolatria. Esqueceram-se das palavras proferidas pelo nobre preceptor ao seu pupilo Anand: "Não perdeis tempo com a devoção com aquele que está no estado de ser".

Porém, tal não pretende retirar valor a locais e objectos de adoração divina, como sejam os templos, as mesquitas, as igrejas, os locais de peregrinação, as imagens e os monumentos. O facto de manterem vivas as memórias de videntes já idos é de extrema relevância, pois as pessoas podem constantemente recordar os seus ideais e realizações. Entre estes sábios encontram-se tanto mulheres como homens. Sita, filha de Janak, foi uma rapariga Brahnain numa vida anterior. A incentivo do seu pai, sujeitou-se a uma penitência rigorosa, contudo o sucesso iludiua. Mas na vida seguinte, foi recompensada ao atingir a união com Ram, tendo sido reverenciada como imaculada (tal como o próprio Deus) e imortal, e como maya, a "esposa divina" de Deus. Meera teve um nascimento real, mas deu-se igualmente um despertar de devoção para Deus no seu coração. Tendo lutado contra muitos obstáculos, acabou por emergir triunfante. Santuários e monumentos foram erigidos para a celebrar, de modo a que a população possa retirar vida espiritual do seu exemplo pio. Seja Meera ou Sita ou qualquer outra visionária que tenha procurado e percepcionado a realidade, cada uma delas representa um ideal para nó, devendo nós seguir-lhes as passadas. Mas que maior tolice poderá haver do que assumir que nos desfizemos da nossa obrigação moral apenas porque oferecemos flores e aplicámos pasta de sândalo a estes exemplares?

Se observarmos algumas relíquias de alguém que consideramos ideal, sentimo-nos maravilhados pela sensação de devoção afectuosa. Assim deve ser, pois somente a inspiração proporcionada por ele, juntamente com a sua orientação, podemos progredir na nossa viagem espiritual. Deve ser nosso objectivo avançar passo a passo em direcção ao momento em que nos tornamos o que o nosso ideal é. Esta é a verdadeira adoração. Contudo, apesar de ser verdade que de forma alguma devemos desprezar os nossos ideais, seremos culpados de nos desviarmos do nosso objectivo e de nos distanciarmos da meta se acreditarmos complacentemente que a oferta de folhas e flores é tudo quanto é necessário para alcançar um fim benéfico.

Quanto a tornarmo-nos sábios a partir dos nossos ideais, agindo quanto a isso, independentemente do que lhes chamemos – eremitério, mosteiro, templo, mesquita, math, vihar ou gurudwara - cada um deles detém mérito, desde que originado num genuíno interesse espiritual. De guem é a memoria ou imagem consagrada nestes monumentos? Qual a sua obra? A que penitências se submeteu pelas mesmas? Como realizou o seu feito? De modo a obter respostas a estas questões, devemos dirigir-nos a centros de devoção e peregrinação. Porém, estes centros são inúteis se não nos souberem esclarecer com os exemplos de uma Alma esclarecida e o modo como alcançou o seu objectivo. Estes também não têm valor se não apresentarem uma perspectiva verdadeiramente auspiciosa. Nesse caso, tudo o que terão para oferecer será um credo ou prática cegos e correntes, pelo que a sua frequência será prejudicial. Estes centros de adoração começaram originalmente por surgir para evitar a dura necessidade dos indivíduos de se deslocarem de um local para outro em busca de instrução e oração, substituindo-o pelo discurso religioso colectivo. Mas ao longo do tempo, a idolatria e a aderência irracional às convenções enraizadas suplantaram o dharm, dando origem a inúmeras noções erróneas.

A sílaba OM é para os hindus os símbolo do Deus que o Geeta refere. OM, é também designado por pranav – o termo ou som expressa p Ser Supremo. Na literatura védica, diz-se que o passado, o presente e o futuro se resumem ao OM. A sílaba representa o Deus omnipresente, omnipotente e imutável. Em OM tem origem tudo o que é benéfico,

todas as fés, todos os seres celestiais, todos os Ved, todo o yagya, todas as expressões, todas as recompensas e tudo o que é inanimado ou animado. Krishn diz a Arjun no oitavo verso do capítulo 8: "Eu sou... a sagrada sílaba OM". No capítulo seguinte afirma-se: "Aquele que abandonar o corpo entoando OM, a palavra de Deus, e se recordar de mim, alcançará a salvação" (verso 13). É também ele, Krishn declara-o no décimo sétimo verso do capítulo 9, quem "mantém e preserva todo o mundo, bem como quem oferta as recompensas da accão. É pai, mãe e ainda avô. O OM sagrado e imperecível merecedor de ser conhecido, e todo o Ved-Rig, Sam e Yajur". No capítulo 10 designa-se a si próprio como "OM entre as palavras" e "a vogal akar entre as letras do alfabeto" - o primeiro som do sagrado OM (versos 25 e 33). O vigésimo terceiro verso do capítulo 17 declara que "OM, tat e sat são os três epítetos utilizados para o Ser Supremo e a partir dos quais surgiram o Brahmin, os Ved e o vagya". E no verso seguinte é acrescentado que "por esse motivo, os actos do yagya, da caridade e da penitência, tal como ordenado nas escrituras, são sempre iniciados pelos devotos dos Ved com a expressão soante da sílaba OM". A sentença final de Krishn é que a récita de OM é uma necessidade primária e que o modo correcto da sua aprendizagem está no sentar devotamente junto aos pés de um sábio realizado.

Krishn é uma incarnação, mas é igualmente um sábio, um nobre preceptor, um ATRIBUIDOR DO YOG. Tal como se acabou de ver, segundo Yogeshwar, o conhecimento do caminho que conduz ao bem derradeiro, os meios para nele embarcar e o seu alcance derivam de um nobre mentor. Até mesmo o vaguear de um local sagrado para outro, bem como outros esforços extenuantes idênticos, não resultam no conhecimento na ausência de um preceptor que o possa partilhar. No trigésimo quarto verso do capítulo 4, Arjun +e aconselhado a obter esse conhecimento dos sábios através da reverência, da busca e da solicitação sincera, pois apenas essas Almas sábias conscientes da realidade o poderiam iniciar na mesma. A proximidade a uma sábio realizado, o colocar-lhe questões francas e a humilde rendição de serviços ao mesmo, constituem os meios da percepção. Apenas segundo esse caminho poderá Arjun ser bem sucedido na sua busca espiritual. É dada nova ênfase à importância vital de um preceptor realizado no

capítulo 18: "Ao passo que o caminho para assegurar o conhecimento, o conhecimento digno e o conhecedor constituem a inspiração tripla para a acção, o actor, os agentes e a própria acção tratam-se dos constituintes triplos da acção." Assim, segundo o disposto por Krishn, muito mais do que os livros, um sábio realizado trata-se do meio básico pelo qual a acção é efectuada. Os livros apresentam apenas fórmulas, porém nenhuma maleita é dizimada pela memorização da receita: bem mais importante é a sua aplicação, a prática.

Muito se referiu sobre as ilusões, tendo sido ainda confrontados pelas mesmas no que diz respeito à ACÇÃO. O Geeta esclarece sobre o surgimento dessas ideias erróneas. Krishn diz a Arjun no trigésimo nono verso do capítulo 2 que tanto o Caminho do Conhecimento e Discernimento e o Caminho da Acção Impessoal podem, efectivamente, destruir a acção e as suas consequências. A sua prática, ainda que em pequenos actos, liberta uma pessoa do horror dos nascimentos e mortes. Em ambos os caminhos, o acto é um único, a mente é uma só e a direcção também apenas uma. Contudo, as mentes ignorantes encontram-se repletas de infinitas contradições. Com o pretexto de desempenhar a acção, inventam inúmeros actos, ritos e cerimónias. Porém esses não se traduzem na verdadeira acção e Arjun é aconselhado a efectuar apenas a acção ordenada. Essa acção trata-se de um percurso prescrito, sendo ele que acaba por eliminar o corpo que tem vindo a viajar de um nascimento para outro desde tempos imemoráveis. Essa viagem de termina de modo algum caso a alma se veja na situação de nascer novamente.

A acção ordenada é apenas uma, aquela que designamos de devoção ou meditação. No entanto, existem duas formas de lá chegar: o CAMINHO DO CONHECIMENTO e o CAMINHO DA ACÇÃO IMPESSOAL. A execução da acção através de uma avaliação adequada da capacidade de cada um, bem como do proveito e das perdas envolvidos no processo, trata-se do Caminho do Conhecimento. Aquele que atravessa esse percurso está consciente do que é, da alteração que se processará no seu papel no futuro e que, por fim, alcançará o objectivo desejado. Dado que actua com a consciência devida e compreendendo a sua situação, este viajante é intitulado de deambulante

no Caminho do Conhecimento. Mas aquele que optar pelo Caminho da Acção Impessoal dá início à sua tarefa com total confiança no preceptor adorado. Essa pessoa ignora as questões relativas ao proveito e às perdas ao entendimento do mentor. Assim, este é igualmente o Caminho da Devoção. Porém, o que é de denotar é que, em ambos os casos, o impulso inicial tem origem no nobre preceptor. Esclarecidos pelo mesmo sábio, um dos pupilos executa a tarefa prescrita com auto-confiança, ao passo que o outro o faz submetendo-se à mercê do seu preceptor. Neste contexto, Yogeshwar Krishn diz a Arjun que a essência derradeira assegurada pelo Caminho do Conhecimento é igualmente alcancada pelo Caminho da Acção Impessoal. Aquele que busca e percepciona ambas como idênticas, conhece a realidade. É Krishn o vidente que declara ambas as acções como uma única, sendo a acção, em ambos os casos, somente uma. Aqueles que percorrem estes caminhos devem abandonar o desejo, sendo o resultado das duas disciplinas apenas um. Somente as atitudes, pelas quais a acção é executada, são duas.

Esta acção, a acção ordenada, é o YAGYA. Krishn disse explicitamente a Arjun no nono verso do capítulo 3: "Uma vez que a conduta de yagya é a única acção, sendo tudo o resto em que as pessoas se empenham meras formas de apego mundano, ó filho de Kunti, sede desapegado e fazei bem o vosso dever por Deus." A verdadeira acção é aquela que liberta dos elos ao mundo. Mas do que se trata exactamente este acto, a execução do yagya, que afecta a realização da acção? No capítulo 4, Krishn expôs o yagya sob mais de uma dúzia de formas que, no conjunto, eram um retrato do modo que proporciona acesso ao Ser Supremo. Na verdade, todas as diferentes formas de yagya se tratam de processos internos de contemplação: formas de adoração servem o Deus manifesto e conhecido. Assim, o yagya é o meio especial e ordenado com o qual um devoto percorre o caminho que conduz a Deus. O meio através do qual a tarefa ordenada é realizada (a regulação e serenidade da respiração, a meditação, a reflexão e a contenção dos sentidos) constitui a acção. Krishn esclareceu ainda que o yagya não está associado a assuntos não espirituais e que o yagya desempenhado com base em objectos materiais é, na verdade, desprezível. Tal verificase ainda que sejam ofertados sacrifícios no valor de milhões. O verdadeiro yagya é efectuado através de operações internas da mente e dos sentidos. O conhecimento trata-se da consciência da essência imortal que resulta do yagya aquando da sua conclusão bem sucedida. Os yogi abençoados com essa consciência transcendental tornam-se unos com Deus. E assim que o objectivo a ser alcançado é atingido, deixa de se registar a necessidade de mais acções da parte da Alma, pois toda a acção se dissolve no conhecimento adquirido da percepção directa da essência derradeira. A libertação da Alma é, assim, também a libertação da acção.

O Geeta apenas refere apenas a acção ordenada – o yagya que permite a percepção de Deus. Krishn dá continuadamente ênfase a tal. Trata-se do yagya a que deu o nome de "tarefa ordenada" (o acto que é digno de execução) no verso inicial do capítulo 6. Adicionalmente, é referido no capítulo 16 que a execução do yagya só tem verdadeiramente início após o total abandono da luxúria, da ira e da cobiça (verso 21). Quanto mais alguém se encontrar absorto pelos assuntos mundanos, mais tentadores serão o desejo, a ira e a cobiça. Nos capítulos 17 e 18, enquanto aborda o tema da tarefa ordenada, digna e benéfica, Krishn afirma repetidamente que a acção ordenada é a mais auspiciosa.

Infelizmente, apesar dos avisos contínuos de Krishn, persistimos em presumir que o que fazemos no mundo se trata de "acção" e que não há necessidade para qualquer abandono. Tudo o que se requer dos nossos actos de modo a que sejam altruístas, é não aspirar aos respectivos frutos. Erroneamente, convencemo-nos a nós mesmos que o Caminho da Acção é atingido pela mera execução da tarefa com sentido de dever; o que o Caminho da Renúncia é alcançado através da simples execução de algo a Deus. De forma semelhante, assim que a questão do yagya é abordada, damos inicio aos cinco "grandes sacrifícios", tais como a oferta de oblações a todos os seres (bhoot yagya), ou libações pela água a antepassados falecidos, ou sacrifícios ao fogo para apaziguar deuses superiores como Vishnu, apressandonos a executá-los a alto e bom som, entoando "swaha". Se Krishn não tivesse explicitamente esclarecido o yagya, teríamos a liberdade de seguir as suas especificações à nossa vontade. Porém, é um requisito da sabedoria que obedeçamos ao estipulado nas escrituras. Ainda assim, recusamo-nos obstinadamente a agir segundo o disposto por Krishn devido à herança pecaminosa dos inúmeros hábitos e credos erróneos, bem como dos modos de adoração que recebemos e que acorrentam a nossa mente à ignorância. Podemos fugir das posses materiais, mas os preconceitos que habitam as nossas mentes e corações perseguemnos por todo o lado. E quando nos dignamos a agir de acordo com os ensinamentos de Krishn, distorcemo-los em noções ilusórias e preconceituosas.

É evidente que o yagya implica necessariamente a RENÚNCIA. Assim, coloca-se a questão da existência de um estádio anterior à percepção derradeira e no qual é possível abandonar essa acção em nome da renúncia. A natureza do argumento de Krishn faz parecer que, no seu tempo, existiu uma seita, cujos membros proclamavam ter renunciado a tudo porque não ateavam o fogo e tinham desistido da meditação. Refutando isto, Krishn afirma que não há qualquer pressuposto que defenda o abandono da acção ordenada no Caminho do Conhecimento ou no Caminho da Devoção. A tarefa proposta tem de ser executada - esta é uma necessidade incontornável. A prática constante e resoluta do acto de adoração é progressivamente refinado e, por fim, tornado tão subtil que a vontade e o desejo são dominados e controlados. A verdadeira renúncia trata-se da completa cessação da vontade e do desejo, não se verificando nenhum sacrifício anterior a este feito a que se pudesse dar o nome de renúncia. Capítulo após capítulo (2, 3, 5, 6), mas especialmente no último, é dada ênfase ao facto de ninguém se tornar num yogi por não atear fogo ou por abandonar a acção.

Se entendermos a natureza do yagya e da acção, compreenderemos também facilmente os outros temas abordados no Geeta – tais como a GUERRA, as quatro componentes da acção, o varnsankar, e o Caminho do Conhecimento, assim como o Yog da Acção. Esta é a mensagem do Geeta. Arjun não queria combater. Este abandonou o seu arco e sentouse desanimadamente nas traseiras do seu carro de combate. Ao comunicar-lhe o conhecimento da acção, Krishn não só o persuadiu para a sua validade, como o induziu a aceitar a tarefa ordenada. Dado que Arjun foi aconselhado a armar-se e combater na maioria dos versos, não restam dúvida que uma guerra teve lugar. Mas não há um único

verso no Geeta que aprove a chacina física e o derramamento de sanque. Tal é evidente nos capítulos 2, 3, 11, 15 e 18, pois a accão estipulada em todos eles é, sem excepção, o acto ordenado e desempenhado pela meditação solitária e no qual a mente apenas se concentra no objectivo ansiado. Se esta é a natureza da acção perspectivada no Geeta, a questão da batalha física não se chega a pôr. Se o caminho propício revelado pelo Geeta se destina apenas àqueles que desejam combater, teria sido melhor eliminá-lo. Na verdade, a dificuldade de Arjun coloca-se a todos nós. A sua dor e indecisão existiram no passado e continuam a marcar presença hoje. Ao tentar conter as mentes e concentrar-nos afincadamente, somos abalados por maleitas como o desejo, a ira o entusiasmo e o desencanto. De modo a lutar contra elas e destruí-las, o combate torna-se necessário. As guerras foram e são combatidas no mundo, mas a paz que delas resulta é incidental e transitória. A verdadeira e eterna paz é ganha apenas guando o Eu alcança o estado de imortalidade.

Somente esta é a paz após a qual não se verifica inquietude e que só pode ser atingida realizando a acção ordenada. Foi esta a acção, e não a humanidade, que Yogeshwar Krishn dividiu em quatro VARN ou classes. Um devoto com conhecimento inadequado encontra-se no estádio Shudr. Assim. cabe-lhe dar início à sua busca executando servicos, tal como requisitado às suas capacidades inatas, pelo que as competências das classes Vaishya, Kshatriya e Brahmin só podem ser inculcadas nele gradualmente, ocorrendo a sua ascendência passo a passo. No outro extremo, o Brahmin também é possuidor de falhas e encontra-se distante de Deus. Mas, ao dissolver-se no Ser Supremo, deixa de ser Brahmin. "Varn" denota "forma". A forma de um homem não se trata do seu corpo, mas da sua disposição inata. Krishn diz a Arjun no terceiro verso do capítulo 17: "Uma vez que a fé de cada um, ó Bharat, está de acordo com a sua propensão inerente e os homens são reverentes, estes são o que a sua fé é." A personalidade de cada um é moldada pela sua fé e a fé corresponde à sua propriedade dominante. Deste modo, varn é uma escala, uma medida das capacidades da acção. Mas com o passar do tempo, ou nos esquecemos ou abandonámos a acção ordenada e passámos a determinar o estatuto social pela hereditariedade – colocando assim o varn em perigo enquanto casta e estabelecendo profissões duras e estilos de vida para os diferentes homens. Tal reflecte uma classificação social, ao passo que a classificação do Geeta é espiritual. Para além disto, aqueles que distorceram o significado dos varn, desvirtuaram ainda as implicações da acção, de modo a proteger o seu estatuto social e privilégios financeiros. Com o passar do temo, os varn tornaram-se em algo determinado apenas pelo nascimento. Mas o Geeta não determina isso. Krishn afirma ter sido o criador dos quatro varn. Deveremos entender que a criação se deu apenas dentro dos limites da Índia, já que não se encontram castas como as nossas em mais nenhuma parte do mundo? O número de castas e subcastas é interminável. Significará isto que Krishn dividiu os homens em classes? A resposta definitiva encontra-se no décimo terceiro verso do capítulo 4, onde declara: "Criei as quatro classes (varn) de acordo com as propriedades inatas e acções". Neste sentido, classificou a acção e não a humanidade com base nas propriedades inerentes. O significado dos varn será facilmente entendido caso já tenha sido compreendido o significado da acção, tal como o conteúdo do varnsankar será claro após o entendimento do que é o varn.

Aquele que se desvia do caminho da acção ordenada é VARNSANKAR. Verdadeiro varn é o próprio Deus. Deste modo, o desvio do caminho que conduz o Eu a Deus e o deambular pela selvajaria da natureza traduz-se em varnsankar. Krishn revelou que ninguém pode atingir o Espírito Supremo sem se dedicar à acção os sábios realizados que se emanciparam nada ganham ao executar a acção nem perdem se a abandonarem. Ainda assim, empenham-se na acção pelo bem da humanidade. Tal como acontece com estes sábios, nada mais há que Krishn não tenha já atingido, porém continua a trabalhar diligentemente a favor dos homens que ficaram para trás. Caso não efectue bem e honestamente a tarefa ordenada, o mundo desaparecerá e todos os homens serão varnsankar (3:22-24). Diz-se que os filhos ilegítimos nascem quando as mulheres são adúlteras, mas Krishn afirma que toda a humanidade se encontra sob a ameaça de cair no estado de varnsankar se os sábios que residem em Deus se abstiverem de cumprir a sua obrigação. Se estes sábios desistirem de desempenhar a tarefa que lhes foi atribuída, os outros imitá-lo-ão, descontinuando a devoção e errando para sempre no labirinto da natureza. Assim, tornar-se-ão varnsankar, pois o Deus imaculado e o estado de inacção são apenas alcançados através da execução da acção ordenada.

Paralelamente a este medo de destruição das famílias face à batalha pendente e ao consequente surgimento de crianças varnsankar (ilegítimas), Arjun expressa ainda a sua apreensão face ao facto de que, desprovidas das OFERTAS OBSEQUIAIS, as Almas dos falecidos dos antepassados caíram em desgraça do céu. Yogeshwar Krishn pergunta-lhe então como uma tal ilusão se apoderou dele. Referindo que as ofertas obsequiais são apenas um estado da ignorância espiritual, o Senhor declara que a Alma de um corpo esfarrapado e devastado para um novo, do mesmo modo que uma pessoa se desfaz de roupas usadas para vestir novas vestimentas. Dado que o corpo físico se traduz em mero vestuário e a Alma não morre, apenas muda de um guardaroupa para outro, a quem procuramos nós agradar e manter ao oferecer todas as ofertas obseguiais? Tal explica porque Krishn declara essa prática um exemplo de ignorância. Dando novamente ênfase ao mesmo, este acrescenta mo sétimo verso do capítulo 15: "A Alma imortal do corpo faz parte de mim e é ela que atrai os cinco sentidos e o sexto, a mente, que residem na natureza." Ao assumir um novo corpo, a Alma comporta consigo as propriedades, o carácter da mente e os cinco sentidos do corpo do qual parte. Se o corpo seguinte se encontra dotado de tais meios de prazer físico e é assegurado à Alma de imediato, a que ofertamos os bolos de farinha obseguiais e as libações?

Quando a Alma abandona o seu velho corpo, assume imediatamente um novo, não se dando qualquer interrupção entre os eventos. Deste modo, a ideia de que as Almas dos nossos antepassados falecidos há mil ou mais gerações se encontram algures, aguardando alimento e bebida por parte dos seus descendentes, bem como lágrimas de desgosto devido à queda dessas Almas do céu não-existente, não pode ser um exemplo de ignorância.

As ansiedades de Arjun sobre o varnsankar e a queda da morada celestial das Almas dos antepassados falecidos chamam a atenção para as questões do PECADO e da PIEDADE. Inúmeras ideias erróneas subsistiram quanto ao que é virtuoso e ímpio, ao que é maléfico e indigno.

Segundo Yogeshwar Krishn, aquele que se encontra afectada pelas maleitas da luxúria e da ira que se originam da propriedade da ignorância espiritual e cuja propensão para o prazer carnal é insaciável, trata-se do pecador mais abjecto. Por outras palavras, a ambição é o pior de todos os pecados. A luxúria e o desejo, residindo nos sentidos, na mente e no intelecto, são a origem do pecado. Por muito que se limpe o corpo, nada nos purificará se a iniquidade turvar a mente.

Declarando que a mente e os sentidos se purificam pela memória e récita constantes do nome, pela meditação resoluta e pela resignação, assim como pela prestação de serviços a uma sábio esclarecido e realizado que tenha apreendido a essência, Krishn incentiva Arjun no trigésimo quarto verso do capítulo 4 a executar estes dados. Arjun é aconselhado a obter este conhecimento (em que toda a acção acaba por surgir) dos sábios através da reverência, da busca e da solicitação inocente. Este conhecimento, a consciência da verdade espiritual mais elevada, elimina todo o pecado.

A mesma ideia é defendida no capítulo 13 quando é referido a Arjun que, ao passo que os sábios que partilham o alimento resultante do yagya se libertam de qualquer pecado, os homens ímpios que apenas procuram a gratificação dos desejos físicos subsistem apenas no pecado. O yagya é, tal como vimos, um processo de meditação em que todas as influências e sensações do mundo (animado e inanimado) armazenadas na mente são reduzidas a nada. Somente Deus persiste. Assim, enquanto que o pecado gera corpos, os actos de piedade possibilitam ao homem percepcionar a essência indestrutível e eterna após a qual a Alma se liberta da compulsão de assumir mais um corpo.

Desprovidos das paixões malvadas e conflituosas, os agentes da acção virtuosa (que põem termo ao ciclo do nascimento e da morte) veneram e adoram o Espírito Supremo com determinação manifesta. Krishn diz a Arjun no vigésimo nono verso do capítulo 7: "Aqueles que têm consciência de Deus, da identidade do espírito Supremo e da Alma individual e de toda a acção, encontrarão abrigo sob a minha alçada e serão libertados do ciclo do nascimento e da morte." Aqueles que conhecerem Krishn tão bem quanto o Ser Supremo que anima todos os seres, todas as divindades e o yagya e cujas mentes se diluem nele,

conhecerão o Deus em Krishn e unir-se-ão a ele para toda a eternidade. A piedade é, assim, o que induz o Eu a elevar-se do nascimento, da morte e de todos os males, de modo a apreender a realidade eterna e imutável, residindo para sempre na mesma. Pela mesma lógica, é pecaminoso o acto que obriga o Eu a percorrer os limites da mortalidade, da dor e da doença espiritual.

No capítulo 10 afirma-se que os sábios que conhecem a essência de Krishn como sendo o Deus Supremo sem nascimentos e eterno do mundo inteiro estão isentos de pecados. Tal como foi esclarecido, apenas a percepção directa de Deus liberta a Alma do pecado.

Resumindo, ao passo que o que afecta os contínuos nascimentos e mortes é o pecado, o acto que direcciona uma pessoa para Deus e gera o repouso derradeiro é a piedade. Embora características como a verdade, a confiança nos frutos do próprio trabalho, o considerar as mulheres com o respeito sentido pela própria mãe e a integridade sejam componentes igualmente importantes da virtude, a verdadeira piedade trata-se da apreensão de Deus. Aquele que for contra a fé em Deus é um pecador.

Na imaginação popular, o pecado e o INFERNO andam de mãos dadas. Mas o que é o inferno? Tem sido repetidamente descrito como um fosso sem fundo, um submundo. Fazendo um relato sobre a propriedade da ignorância, Krishn referiu o capítulo 16 que, desorientados de inúmeras formas, presos nas malhas do apego e apreciadores desordeiros do prazer sensorial, os homens caem no pior dos infernos. A natureza deste inferno é esclarecida no décimo nono verso do mesmo capítulo, quando Krishn afirma: "Para sempre condenarei essas pessoas hediondas, degradantes e cruéis, as mais abjectas entre a humanidade, aos nascimentos inferiores." Os homens ignorantes e fracos que alimentam um sentimento de hostilidade contra Deus, encontram-se perpetuamente condenados a repetidos nascimentos sob formas inferiores de vida. Relativamente ao que conduz cada um ao inferno, é referido no mesmo capítulo que a luxúria, a ira e a cobiça, todas elas destruidoras da santidade existente no Eu, se tratam das três portas do inferno. São estas maleitas, mais do que quaisquer outras, que constituem o aspecto diabólico. Deste modo, o inferno, tal como é entendido no Geeta, reflecte-se na degradação em nascimentos recorrentes sob formas básicas

Após analisar todos os diferentes e inúmeros elementos que fazem parte do Geeta, é oportuno debrucarmo-nos sobre a complexidade do DHARM que emerge na escritura. Pode ser afirmado sem qualquer incorrecção que o dharm, as propriedades e a conduta que possibilitam a apreensão do Eu se tratam do tema principal do Geeta. Segundo Krishn (2.16-29), i irreal nunca existe e o real nunca é não-existente. Apenas Deus é real e permanente, indestrutível, imutável e eterno, porém, encontra-se para além do pensamento, é imperceptível e está acima da mente agitada. A acção é o nome do modo que permite o alcance de Deus após o domínio da mente. A prática deste modo tratase do dharm, que é um dever ou obrigação. Tal como Krishn disse a Arjun no quadragésimo verso do capítulo 2: "Uma vez que a acção impessoal nunca esgota a semente de onde se originou, nem tem consequências adversas, até mesmo o cumprimento parcial do dharm liberta uma pessoa do terrível horror do ciclo do nascimento e da morte". Assim, a execução da acção é o dharm.

Esta acção ordenada foi classificada em quatro categorias com base nas capacidades inatas daquele que busca. No estádio inicial, quando se inicia o caminho da busca depois de uma árdua compreensão da sua tarefa, é-se um Shudr. Porém, é elevado ao nível de Vaishya quando a sua compreensão dos meios se torna melhor. No terceiro estádio, o mesmo devoto é promovido a um estatuto ainda mais elevado, o de Kshatriya, ao adquirir a capacidade de se opor aos conflitos da natureza. O despertar do verdadeiro conhecimento, transmitido pela voz de Deus e que concede a cada um a capacidade de confiar em deus, tornandose semelhante a ele, transforma o devoto num Brahmin.

Neste sentido, Yogeshwar Krishn declara no quadragésimo sexto verso do capítulo 18 que o desempenho da acção em concordância com a disposição inata de cada um se trata de swadharm. Ainda que de mérito inferior, o cumprimento da obrigação natural de cada um deve ser privilegiada. A execução de um acto de mérito superior é, por outro lado, impróprio e injurioso, caso se procure fazê-lo sem se dominar a respectiva capacidade intrínseca. Até mesmo perder a vida no

cumprimento da vocação inata é mais adequado, já que o corpo se trata de uma mera vestimenta e ninguém muda verdadeiramente por mudar de vestuário. Ao renascer, o exercício espiritual é retomado no ponto em que foi interrompido. Assim, passo a passo, o devoto alcança o estado imortal.

O mesmo é destacado novamente no quadragésimo sétimo verso do capítulo final, ao afirmar-se que um homem atinge a libertação derradeira ao adorar Deus segundo a sua inclinação inata. Por outras palavras, o dharm manifesta-se na recordação e meditação de Deus através do modo indicado.

Mas quem tem direito a esta disciplina espiritual de nome dharm? Quem tem o privilegio de chegar-se a ela? Esclarecendo este assunto, Krishn diz a Arjun que até mesmo o homem mais degradante se pode tornar virtuoso, caso o adore (Krishn), ao único Deus, com concentração de espírito, dissolvendo-se então a sua Alma em Deus, a realidade derradeira e dharm. Assim, segundo o Geeta, é pio o homem que, para percepcionar Deus, efectuar a tarefa ordenada, mantendo-se fiel à sua propriedade inata.

Arjun é por fim aconselhado a abandonar todas as outras obrigações e a procurar refúgio em Krishn. Assim, aquele que for totalmente devoto a um Deus será dotado de piedade. O acto de dedicação a Deus é o dharm. O processo que permite ao Eu o alcance do Ser Supremo é o dharm. A consciência que surge nos sábios após a sua necessidade pela união com Deus ter sido saciada aquando do alcance do estádio derradeiro trata-se da única realidade em toda a criação. Desta forma, é preciso buscar refúgio nestes homens esclarecidos e sábios, de modo a aprender como percorrer o caminho que leva à felicidade final. O caminho é apenas um e tomá-lo traduz-se no dharm.

O dharm é uma obrigação, um dever sagrado. É benéfico e a mente que se aplicar a esta tarefa imposta é igualmente una e unificada (2.41). O dharm caracteriza-se pelas funções dos sentidos e as operações da vida — os ventos do fogo do yog da auto-contenção — ateado pelo conhecimento de Deus (4.27). Quando o auto-controlo é idêntico à Alma e as operações da respiração e dos sentidos se encontram apaziguadas,

a corrente que suscita paixões e a corrente que impulsiona em direcção a Deus surgem-se como uma no Eu. A percepção de Deus é a culminação sublime deste processo espiritual.

A FELICIDADE oferecida pelo Geeta trata-se do esclarecimento da verdade escondida sobre Deus para o esclarecimento de toda a humanidade. Não existem escolas que instruam os seus pupilos sobre a luxúria, a ira, a cobiça e a ilusão. E contudo, há jovens que são mais versados nestes vícios do que os mais velhos. O que pode Krishn ensinar-nos em relação a isto? Houve uma época em que os pupilos eram iniciados nos Ved e treinavam artes marciais com arcos e maças. Porém, hoje em dia já ninguém se interessa por isso, pois a nossa era é de máquinas automáticas e armas auto-propulsoras. O que pode Krishn dizer acerca destes assuntos? Que pressupostos sobre a vida externa e física poderemos fazer? Antigamente, o yagya era executado para invocar chuva, mas actualmente fazemo-lo mecanicamente. No passado, as colheitas dependiam inteiramente da chuva, mas agora há irrigação artificial, vangloriando-nos da "revolução verde". O que pode o Yogeshwar dizer de tudo isto? Esta foi a razão porque admitiu que, apegada e limitada pelas propriedades da natureza, a vida física do homem cresce e se altera consoantes as circunstâncias, pois são estas propriedades que formam essa mesma vida. O conhecimento do mundo físico aumentou enormemente e multiplicou-se em inúmeros ramos. Contudo, existe uma realidade que transcende todo o conhecimento material, encontrando-se presente em todos nós, ainda que, infelizmente, nos passe despercebida. Não a conhecemos nem reconhecemos. E é a memória, a consciência desta realidade sublime que se escapa da mente de Arjun, mas ele recupera-a ao escutar devotamente a mensagem sagrada de Krishn contida no Geeta. A memória que retorna a Arjun é a memória do Deus que reside em cada coração e, contudo, se encontra tão distante. A aproximação à Essência Suprema trata-se da aspiração de cada um, mas as pessoas desconhecem o caminho. Que infortúnio conhecer todos os outros caminhos mas ignorar este, o único que nos conduz à felicidade derradeira. O véu da ignorância que nos envolve é tão denso que a mente não consegue penetrá-lo e chegar à verdade. Consciente do denso manto da ignorância que cerca a mente dos homens, Yogeshwar, conhecedor dos segredos humanos mais íntimos, ilumina, na sua graça infinita, a verdade escondida no Geeta, esclarecendo-nos a todos. Quanto à linguagem em que os ensinamentos foram escritos no Geeta, é tão simples, directa e explicita eu nenhum leitor pode interpretá-la erradamente ou ter qualquer dificuldade em compreendê-la. O caminho revelado por Krishn para o alcance da essência derradeira trata-se do bem mais precioso e inestimável do Geeta para o bem de toda a humanidade. O Geeta revela-se num preceito espiritual absolutamente completo. Este preceito encontra-se ainda nos Ved, os quais se encontram entre os mais sublimes das escrituras sagradas. Os Upanishd tratam-se da sua sinopse. E o Geeta, a "Canção do Senhor", engloba a essência de todos eles.

Visto que uma vida isolada, os sentidos dominados, a reflexão constante e a meditação são condições essenciais da acção ordenada, é colocada frequentemente a questão da utilidade do Geeta para os HOMENS DE FAMÍLIA. Tal seria supor que o Geeta se destina apenas aos ascetas, aos homens que renunciaram ao mundo e a tudo, mas não é verdade. Apesar do Geeta ser essencialmente para pessoas que percorram o caminho da busca espiritual, é também destinado em grande medida àqueles que aspiram iniciá-la. Esta canção da revelação é para todos, e é especialmente benéfica para a vida familiar – para os homens e mulheres que constituíram família e que lutam para a sustentar, já que tais indivíduos se encontram no momento em que a acção tem início.

Krishn diz a Arjun que o passo inicial na execução da acção impessoal nunca é destruído. Mesmo que diminuto, este permite a libertação do horror do ciclo do nascimento e da morte. Mas quem, para além daqueles sobrecarregados e preocupados com a sua vida, darão um passo tão pequeno? Estes quase não têm tempo para se dedicarem à acção. É declarado a Arjun no trigésimo sexto verso do capítulo 4: "Mesmo que sejais o mais hediondo pecador, o arco do conhecimento levar-vos-á em segurança por todos os males" (4.36). E quem será o pecador mais hediondo: aquele incessantemente absorto na busca espiritual ou aquele que se limita a contemplar? Deste modo, a classe garhastya, a classe da vida familiar, trata-se do estádio que marca o

início da acção. No capítulo 6, Arjun pergunta ao senhor: "Qual o fim, ó Krishn, do devoto aquiescente, cuja mente inconstante se desviou da acção impessoal e que, deste modo, foi privado da percepção, o resultado final do yog?". Será que este homem iludido e desprovido de refúgio se dissipa como as nuvens sem a percepção divina nem os prazeres mundanos? Krishn prossegue para assegurar ao seu amigo e discípulo que até um homem irresoluto que se afasta do vog não é destruído, já que aquele que desempenhou actos bondosos nunca conhece a dor. Com este sanskar, uma tal pessoa ou nasce na casa de um homem nobre ou é admitido na família de um yogi esclarecido. De uma forma ou outra, é-se induzido para a devoção e, percorrendo esse caminho ao longo de vários nascimentos, ele ou ela alcanca, por fim, o estádio derradeiro. Tudo isto é relevante sobretudo para o homem de família. Não se volta a nascer enquanto homem de família devido ao desvio do Caminho da Acção Impessoal? E este nascimento acidental é o que concede ao indivíduo a inclinação para a busca espiritual e devoção. Neste contexto, Krishn declara no trigésimo verso do capítulo 9: "Até mesmo aquele com a conduta mais retorcida que me for devoto incessantemente é merecedor de ser considerado um santo, pois é um homem de verdadeira resolução". Quem se encontrará em pior desgraça: aquele que já se está absorto na adoração divina ou aquele que ainda não foi iniciado nesse processo? Segundo Krishn no trigésimo segundo verso do mesmo capítulo, até as mulheres, Vaishya e Shudr, que, dizem os ignorantes, são inferiores por nascimento, podem alcançar, o objectivo Supremo ao buscar refúgio em Deus. O que aqui é defendido destinase, então, a toda a humanidade: hindus, muçulmanos, cristãos e todos os outros, homens e mulheres. Até mesmo pessoas de conduta pecaminosa podem atingir a emancipação final ao procurar refúgio em Deus. Um homem de família não tem de ser um homem do pecado. Adicionalmente, a classe a que pertence é, tal como já foi referido, o ponto de partida para a acção ordenada nas escrituras. Evoluindo progressivamente, ainda que passo a passo, o homem de família alcançará o estádio de um yogi, tornando-se parte da essência suprema e assumindo então a forma, tal como Yogeshwar Krishn afirma, do próprio Deus.

O Geeta destina-se ao eremita pio, ao homem de família e A TODA A HUMANIDADE. Muitos sábios como Maharshi Patanjali elucidaram o modo que, independentemente de questões de classes e organização social, concede a felicidade suprema. Yogeshwar Krishn difundiu um outro caminho mais benéfico. Assim, esta mensagem destina-se apenas aos pupilos merecedores. A Arjun são recordadas inúmeras vezes que lhe foi transmitido o conhecimento por ser um devoto afectuoso de Krishn e porque ele (Krishn) lhe deseja bem. Este conhecimento trata-se do mais sagrado que há, pois destina-se apenas a homens com determinada preparação espiritual. Desta forma, Arjun é avisado que, antes de partilhar esse conhecimento a outra pessoa, deve aguardar, caso essa pessoa não seja um verdadeiro devoto, até percorrer o caminho ordenado. O cumprimento desta precaução na transmissão do conhecimento secreto é essencial, pois este é único e o único meio para a salvação. O Geeta é um relato sistemático de, nas palavras de Krishn, conhecimento transcendental.

Os LIVROS SAGRADOS são úteis do mesmo modo que os monumentos e os locais que nos recordam dos ideais e feitos dos sábios já falecidos. Estes iluminam o processo espiritual dinâmico que Yogeshwar Krishn denomina de acção ordenada, de modo a que possamos conhecê-lo e tender a executá-lo. No caso de sermos por vezes assolados pela perda da memória, é possível consultá-lo por forma a avivá-la. Porém, estes livros sagrados não têm qualquer utilidade se nos limitarmos a espalhar grão de arroz e pasta de sândalo sobre os mesmos, voltando a colocá-los numa prateleira alta. Uma obra nobre como o Geeta é um marco, um sinal, que nos direcciona ao longo do caminho certo e nos providencia apoio até ao momento de chegada ao destino. Lemos livros sagrados para podemos avançar constantemente rumo ao objectivo desejado. Mas, quando o coração o atinge, o próprio objectivo transforma-se num livro. A veneração das memórias nobre é desejável. Mas uma devoção cega é deplorável.

No que concerne a presente exposição, esta designa-se de Yatharth Geeta, pois trata-se de uma tentativa de elucidar o significado de Krishn na sua verdadeira perspectiva. O Geeta é uma obra completa pois engloba tudo referente à libertação derradeira. Não há um único aspecto

que possa gerar alguma dúvida. Mas uma vez que tal não pode ser explanado a um nível intelectual, poderão surgir algo que se pareçam a duvidas. Assim, caso não sejamos capazes de compreender alguma parte do Geeta, podemos esclarecer as dúvidas tal como Arjun o fez ao sentar-se devotamente junto a um sábio que tenha apreendido e percepcionado a essência.

### **OM SHANTI! SHANTI!!!**

# Um Apelo

O "Yatharth Geeta" destina-se a disponibilizar-lhe o mais nobre sermão efectuado por Yogeshwar Sri Krishn no "SHREEMAD BHAGWAD GEETA". Esta obra contém o retrato da Alma Suprema que reside nos nossos coração, elaborado por um sábio após a sua percepção.

A tentativa de recurso ao Geeta com perspectivas cínicas deve ser evitada, de modo a que não sejamos desviados do conhecer os nossos objectivos e os nossos caminhos. O estudo devoto do Geeta permite a toda a humanidade ser bem sucedida nos seus esforços de alcançar o bem-estar. Ainda que compreendendo uma pequena parte do mesmo, os homens alcançarão a felicidade derradeira, pois qualquer evolução neste percurso nunca será perdida.

Swami Adgadanand

# PREFÁCIO DE CADA CAPÍTULO DAS CASSETTES ÁUDIO

- 1. O GEETA, em si mesmo uma mensagem completa de reverência e dedicação ao Espírito Supremo, trata-se de um convite a todos à santidade. Independentemente de se ser rico ou pobre, de nascimento nobre ou filiação desconhecida, pessoa virtuosa ou um pecador, uma mulher ou um homem, casto ou de pecados extremamos, vivendo onde quer que seja no universo todos têm direito a ter acesso ao mesmo. O Geeta dá particularmente ênfase à recuperação daqueles envolvidos ou apanhados nas malhas dos assuntos mundanos, conduzindo-os para um caminho mais nobre e libertador, pois aqueles que são virtuosos já se encontram empenhados na tarefa ordenada e na meditação. Esse ensinamento precioso e universal é aqui apresentado.
- As escrituras são criadas com dois objectivos principais. Um é
  proteger a ordem social e a cultura, para que as pessoas
  possam seguir as pisadas dos seus nobres antepassados. O
  segundo pretende assegurar que as pessoas conseguem
  alcançar a paz última e eterna.

Tais escrituras, como o Ramayan, a Bíblia, o Corão e por aí fora, tratam de ambos estes aspectos. Mas devido às perspectivas materiais defendidas pela maioria das pessoas, a tendência é aderir apenas àqueles de uso social imediato. Nos textos espirituais, são encontradas referências a práticas sociais úteis, segundo a sua relevância. Deste modo, o Sábio Ved Vyas, enquanto escrevia o Mahabharat, o épico que inclui o Geeta, fez uma clara referência aos assuntos sociais e

espirituais. Contudo, no Geeta propriamente dito não há um único verso que se refira à vida material ou à propagação das convenções sociais ou religiosas, dos ritos e costumes. Tal serviu para assegurar que as pessoas não deveriam confundir os dogmas, pois estes destinam-se ao bem-estar universal e intemporal. Este Geeta divino é apresentado exclusivamente em termos da sua origem e conceitos espirituais intemporais.

3. O Geeta nunca foi destinado a um indivíduo em particular, a nenhuma casta específica, religião, caminho, local, era ou cultura convencional. Trata-se de uma prática espiritual universal e eterna. É, definitivamente, de extrema relevância para todas as nações, religiões e seres humanos. Na verdade, destina-se a todos em todo o lado. O Geeta é uma escritura para toda a humanidade enquanto texto espiritual.

Não será então uma grande honra e bênção para todos nós que o Geeta possa ser o nosso próprio texto espiritual?

4. Tanto o muito venerável Bhagwan Mahavir, o fundador da religião Jainista, como o seu contemporâneo Bhagwan Buddh, ambos realizados na apreensão de Deus, transmitiram, de modos diferentes, o essencial da mensagem do Geeta ao seu povo na linguagem popular.

"Apenas a Alma é a verdade e a percepção do Eu poderá ser alcançada com o total domínio da mente e dos sentidos." Esta é a mensagem contida no Geeta.

Quando o Senhor Buddh afirmou que somente a essência é universal e eterna, reforçou este ensinamento fundamental do Geeta.

Não só os ensinamentos do Senhor Buddh estão contidos no próprio Geeta, a escritura original da humanidade, como qualquer outra essência professada enquanto ensinamentos universais em nome de uma religião ou espiritualidade, tal como o Deus Universal, a Oração, o Arrependimento, a Penitência e assim por diante. Aqui, no YATHARH GEETA, essas mesmas lições serão apresentadas ao mundo pelas palavras de Swami Shree Adgadanand sob a forma de cassettes áudio, de modo a que toda a humanidade possa beneficiar dessa sabedoria universal.

5. Entre os contos populares da Índia, encontra-se a história de Aristóteles (um dos grandes filósofos gregos e homens de sabedoria, tal como Sócrates), que havia instruído Alexandre, o Grande a trazer com ele da Índia, um país famoso pelos seus mestres espirituais, uma cópia do Shreemad Bhagwad GEETA, a forma material do conhecimento espiritual dos sábios realizados.

O conceito de um único Deus enquanto Realidade Derradeira ensinado no Geeta foi propagado em diferentes línguas e em épocas distintas por todo o mundo por grandes mestres como Moisés, Jesus e ainda inúmeros Santos Sufi. Devido às barreiras linguísticas e culturais, parece que os ensinamentos dos grandes mestres diferem, contudo, na verdade, a sua essência é idêntica à sabedoria transmitida por Krishn a Arjun no GEETA. Assim, o GEETA é, indubitavelmente, um texto espiritual destinado a toda a humanidade.

Ao apresentar a essência de YATHARTH GEETA, Swami Adgadanand deu uma valiosa contribuição a toda a humanidade. A transformação deste texto na forma de cassettes áudio foi efectuada com a cortesia de Sri Jitenbhai.

- 6. Todas as religiões do mundo podem ser entendidas como o eco distante do Shreemad Bhagwad Geeta. Ao escutar as lições transmitidas por Swami Shree Adgadanandji no "YATHARTH GEETA", Sri Jitenbhai, nascido na religião Jainista, decidi que esses ensinamentos deviam ser dados a conhecer através de cassettes áudio. Esta decisão surgiu da percepção de que a essência dos ensinamentos do GEETA tem tido lugar nas lições ao longo da história ensinada por preceptores realizados, tais como Mahavir, Gautam Buddh, Nanak, Kabir e outros. Estas cassettes do Geeta são apresentadas para a percepção do Eu daqueles que o buscam.
- 7. Quando o Geeta surgiu, há milhares de anos atrás, a humanidade não aprendeu a identificar-se nas diferentes religiões que, consequentemente, evoluíram, mas sim nas escrituras e nos livros sagrados, como os Ved e os Upanishad na Índia. Nesses dias, reconhecia-se apenas um único tratado espiritual como contendo a essência e todos os Upanishad, o SHREEMAD BHAGWAD GEETA cuja tradução literal é a "Canção de Deus". Neste sentido, o Geeta é, sobretudo, um tratado, ou seja, contém a essência para o salvamento e a prosperidade.

Quando comparado a escrituras de leitura destinadas à aprendizagem, é sempre mais proveitoso escutá-lo. Para uma correcta pronúncia e entoação, escutar o texto leva a uma concentração e compreensão mais profundas. Este é o objectivo primário por detrás da apresentação do Yatharth Geeta com cassettes áudio: o Geeta na sua verdadeira perspectiva.

Ao escutar estas cassettes áudio, até mesmo as crianças poderão beneficiar ao aprenderem a nobre cultura do Ser Supremo. O ambiente que se vive nas nossas famílias irá ressoar com o eco espiritual de "Yatharth Geeta", a "Canção Celestial", como num bosque sagrado.

- 8. O local onde Deus não é discutido é um cemitério. No mundo de hoje, ainda que registando algumas inclinações para a percepção do Eu no Espírito Supremo, a maioria das pessoas sente-se sem tempo para dedicar à devoção e meditação. Numa situação assim, se a mensagem do Geeta consegue chegar a cada canto do mundo, deve também o bem-estar, a paz e a prosperidade universais. As palavras divinas de Deus devem, nestas cassettes, dar a conhecer a mensagem de Deus contida no "Bhagwad Geeta", o qual se traduz como a "Canção de Deus" ou a "Canção Celestial". Esta a mais pura essência da devoção para a libertação e felicidade derradeira de todos os seres.
- 9. Certificamo-nos que os nossos filhos são bem-educados para que sejam detentores de uma cultura nobre. As pessoas tendem a crer que uma cultura nobre é a que assegura uma vida decente e resolve os problemas do dia-a-dia. Mas só uma minoria, quase ninguém, dedica a sua atenção a Deus. Muitas pessoas têm até bens materiais suficientes, julgando não necessitar mais de recorrer a Deus (tal como o nobre Arjun fez no Geeta ao seu amigo e condutor do carro de combate, o sábio realizado Krishn). No entanto, no final, toda a riqueza material e a segurança aparentes são perecíveis. No momento da morte, ainda que apegados a esses objectos, as pessoas têm de os deixar para trás. Dada esta verdade irrefutável, o único caminho possível para qualquer um de nós trata-se de compreender durante a vida, enquanto ainda temos corpo, as

formas de nos direccionarmos para o Ser Supremo. Este é o propósito básico transmitido nestas cassettes áudio do Yatharth Geeta.

10. Independentemente das religiões e seitas religiosas existentes neste mundo, todos nós nos formamos segundo uma alma esclarecida por um grupo de seguidores dedicados. Os locais isolados que um sábio nobre escolheu para a sua meditação nos seus últimos anos, tornam-se centros de peregrinação, mosteiros, templos e igrejas, onde, em nome desses sábios e de modo a ganharem a vida, as pessoas se empenham em várias práticas, que variam desde os mais simples à mais extrema luxúria. Sábios realizados são sempre colocados num pedestal, porém, ninguém atinge o estádio de realização por simplesmente subir a um pedestal ou por lá ser colocado pelos seus devotos. Esta é a razão, pela qual o dharm tem sido a área de movimentação de um sábio verdadeiramente esclarecido, de um preceptor realizado.

O GEETA, a "Canção Celestial" na tradução de Sir Edwin Arnold, é, indubitavelmente, uma escritura. É o ensinamento do Espírito Supremo que se manifesta no personagem de Yogeshwar Sri Krishn, um sábio esclarecido e preceptor realizado. Estas verdades eternas e a verdadeira essência dos versos sagrados do diálogo intemporal entre o preceptor realizado, Krishn, e o devoto espiritual de bom coração, Arjun, são-lhe confiados na sua forma mais pura e claridade intrínseca nestas cassettes áudio do "Yatharth Geeta".



5200 5200

Este Geeta contém a descrição total do dinâmico sistema de busca meditativa que proporciona realização ao Eu, e que é toda a espiritualidade da Índia, assim como o fundamento básico das principais religiões de todo o mundo. Adicionalmente, acrescenta ainda que tanto o Ser Supremo, como a acção para alcançá-lo, e a graça representam uma unidade, bem como também o resultado. E essa é a visão do Ser Supremo: o alcance da religiosidade e da vida eterna. Referência "Yatharth Geeta".

#### **A ESCRITURA**

Entende-se por escritura uma compilação de ensinamentos de uma disciplina prática que proporciona acesso ao Ser Supremo. Tendo isto em consideração, o Geeta a que Shri Krishn deu expressão trata-se de uma obra precisa da religião (darma) eterna e imutável e representa por si só os quatro vedas, os Upanishad, a teoria sagrada do yog, tal como todos os outros textos sagrados do mundo. O Geeta é, para toda a Humanidade, a incorporação irrefutável de integridade.

## A MORADA DE DEUS

O Deus Omnipotente e Imortal reside no coração dos Homens. O modo ordenado de procurar refúgio nele passa pela concentração do espírito, pois só nele é possível alcançar refúgio permanente, paz perene e vida eterna.

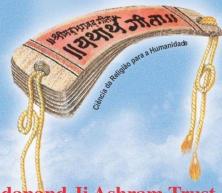
# **A MENSAGEM**

A verdade nunca se extingue num momento passado, presente ou futuro, e o irreal nunca assume qualquer forma. Deus é a única verdade, eterna e imutável.

Swami Adgadanand

Após longos anos
Shreemad Bhagwad Geeta
numa exposição autêntica
e perene





Shri Paramhans Swami Adgadanand Ji Ashram Trust

5, New Apollo Estate, Mogra Lane, Opp. Nagardas Road, Andheri (East), Mumbai – 400069 India Telephone: (022) 2825300 • Email: contact@yatharthgeeta.com • Website: www.yatharthgeeta.com